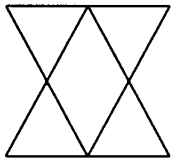
A GRANDE SÍNTESE



Título do original Italiano
La Grande Sintesi

Copyright by
Fraternidade Francisco de Assis

18ª Edição — 1997
(Revista pela Fraternidade Francisco de Assis)

Ao Leitor:
Qualquer informação — grupo de estudo, orientação, programa, dúvidas etc., — poderá escrever para o

INSTITUTO PIETRO UBALDI
Av. Rui Barbosa, 1061
28.015-520 — Campos dos Goytacazes, RJ
Telefax: (0247) 22-2266

PIETRO UBALDI

A GRANDE SÍNTESE

Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito.

18ª EDIÇÃO

Tradução de

Carlos Torres Pastorino
e
Paulo Vieira da Silva

Distribuidor:

INSTITUTO PIETRO UBALDI — Av. Rui Barbosa, 1.061

Campos dos Goytacazes, RJ — 28.015-520 — Telefax (0247) 22-2266

OBRAS COMPLETAS DE PIETRO UBALDI — **VOL 2**

CAPA:
Luiz César de Alvarenga

CIP — Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ubaldi, Pietro, 1886/1972.

A Grande Síntese — Síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito — Pietro Ubaldi; tradução de Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva.
18ª edição — Fraternidade Francisco de Assis, 1997.

(Obras completas de Pietro Ubaldi — v. 2)

Tradução de *La Grande Sintesi*
1. Filosofia espiritualista I. Título II Série

CDU — Ubaldi, Pietro
CDD — 195

ÍNDICE

Apresentação.....19
01. Ciência e Razão.....27
02. Intuição.....33
03. As Provas.....35
04. Consciência e Mediunidade.....40
05. Necessidade de Uma Revelação.....44
06. Monismo.....47
07. Aspectos Estático, Dinâmico e Mecânico do Universo.....52
08. A Lei.....55
09. A Grande Equação da Substância.....60
10. Estudo da Fase Matéria (□) — A desintegração Atômica.....65
11. Unidade de Princípio no Funcionamento do Universo.....68
12. Constituição da Matéria — Unidades Múltiplas.....71
13. Nascimento e Morte da Matéria — Concentração Dinâmica e Desagregação Atômica.....74
14. Do Éter aos Corpos Radioativos.....78
15. A Evolução da Matéria por Individualidades Químicas — O Hidrogênio e as Nebulosas.....80
16. A Série das Individuações Químicas do H ao U, Por Peso Atômico e Isovalências Periódicas.....84
17. A Estequiogênese e as Espécies Químicas Desconhecidas.....92
18. O Éter, a Radioatividade e a Desagregação da Matéria (□□□).....95
19. As Formas Evolutivas Físicas, Dinâmicas e Psíquicas.....101
20. A Filosofia da Ciência.....105
21. A Lei do Devenir.....107
22. Aspecto Mecânico do Universo — Fenomenogenia.....110
23. Fórmula da Progressão Evolutiva — Análise da Progressão em Seus Períodos.....116
24. Derivações da Espiral por Curvatura do Sistema.....120
25. Síntese Linear e Síntese por Superfície.....122
26. Estudo da Trajetória Típica dos Movimentos Fenomênicos.....129
27. Síntese Cíclica — Lei das Unidades Coletivas e Lei dos Ciclos Múltiplos.....137
28. O Processo Genético do Cosmos.....151
29. O Universo como Organismo, Movimento e Princípio.....155
30. Palingenesia.....168
31. Significado Teleológico do Tratado — Pesquisa por Intuição.....171
32. Gênese do Universo Estelar — As Nebulosas — Astroquímica e Espectroscopia.....176
33. Limites Espaciais e Limites Evolutivos do Universo.....183
34. Quarta Dimensão e Relatividade.....188
35. A Evolução das Dimensões e a Lei dos Limites Dimensionais.....191
36. Gênese do Espaço e do Tempo.....195
37. Consciência e Superconsciência. Sucessão dos Sistemas Tridimensionais.....198
38. Gênese da Gravitação.....206
39. Princípio de Trindade e de Dualidade.....211
40. Aspectos Menores da Lei.....223
41. Interregno.....232
42. Nossa Meta — A Nova Lei.....235
43. Os Novos Caminhos da Ciência.....241
44. Superações Biológicas.....246
45. A Gênese.....252
46. Estudo da Fase □: Energia.....256
47. A Degradação da Energia.....266
48. Série Evolutiva das Espécies Dinâmicas.....269
49. Da Matéria à Vida.....278
50. Nas Fontes da Vida.....283
51. Conceito Substancial dos Fenômenos Biológicos.....288

52. Desenvolvimento do Princípio Cinético da Substância.....292
53. Gênese dos Movimentos Vorticosos.....296
54. A Teoria Cinética da Gênese da Vida e os Pesos Atômicos.....302
55. Teoria dos Movimentos Vorticosos.....307
56. Paralelos em Química Orgânica.....312
57. Movimentos Vorticosos e Caracteres Biológicos.....318
58. A Eletricidade Globular e a Vida.....326
59. Teleologia dos Fenômenos Biológicos.....341
60. A Lei Biológica da Renovação.....350
61. Evolução das Leis da Vida.....358
62. As Origens do Psiquismo.....366
63. Conceito de Criação.....370
64. Técnica Evolutiva do Psiquismo e Gênese do Espírito.....375
65. Instinto e Consciência — Técnica dos Automatismos.....380
66. Rumo às Supremas Ascensões Biológicas.....387
67. A Oração do Viandante.....398
68. A Grande Sinfonia da Vida.....402
69. A Sabedoria do Psiquismo.....410
70. As Bases Psíquicas do Fenômeno Biológico.....420
71. O Fator Psíquico na Terapia.....427
72. A Função Biológica do Patológico.....432
73. Fisiologia Supranormal — Hereditariedade Fisiológica e Hereditariedade Psíquica.....435
74. O Ciclo da Evolução e da Morte e Sua Evolução.....443
75. O Homem.....453
76. Cálculo de Responsabilidades.....461
77. Destino — O Direito de Punir.....468
78. Os Caminhos da Evolução Humana.....473
79. A Lei do Trabalho.....480
80. O Problema da Renúncia.....486
81. A Função da Dor.....494
82. A Evolução do Amor.....506
83. O Super-Homem.....510
84. Gênio e Neurose.....517
85. Psiquismo e Degradação Biológica.....526
86. Conclusões — Equilíbrios e Virtudes Sociais.....534
87. A Divina Providência.....542
88. Força e Justiça — A Gênese do Direito.....547
89. Evolução do Egoísmo.....557
90. A Guerra — A Ética Internacional.....563
91. A Lei Social do Evangelho.....575
92. O Problema Econômico.....579
93. A Distribuição da Riqueza.....587
94. Da Fase Hedonística à Fase Colaboracionista.....595
95. A Evolução da Luta.....599
96. Concepção Biológica do Poder.....604
97. O Estado e Sua Evolução.....613
98. O Estado e Suas Funções.....624
99. O Chefe.....632
100. A Arte.....639
Despedida.....647
Notas de Rodapé.....658

Índice Remissivo.....660

Vida e Obra de Pietro Ubaldi (Sinopse).....704

APRESENTAÇÃO

Ao publicar esta edição de A GRANDE SÍNTESE, cumpre à Editora apresentar ao público o mais famoso livro do eminente Prof. Pietro Ubaldi, indubitavelmente o maior pensador intuitivo de nosso tempo. Muito embora a portentosa obra valha por si mesma, pelo seu profundo conteúdo científico, social e filosófico, não é demais conhecer opiniões de alguns renomados cientistas, filósofos, jornalistas e escritores espiritualistas. Esta tradução é da quarta edição italiana, 1948, quando o Autor já havia escrito outros livros, por isto estão citados no fim deste volume. Os pronunciamentos que seguem foram externados a partir da primeira edição da obra, em 1937.

A GRANDE SÍNTESE, *no seu aspecto interior e profundo, é uma revelação. Num mundo em que todo ser é constrangido por uma lei feroz a reclamar da carne do seu semelhante seu próprio alimento, esta é uma Voz que tem um timbre diferente. É uma revelação, atingida conscientemente, através de métodos precisos de que apresentei a técnica. Sua vestimenta científica é exterior e cobre, realmente, uma substância evangélica que une a síntese ao desenvolvimento gradual, na Terra, do pensamento de Cristo, que é uma contínua emanação.*

Pietro Ubaldi — *As Noúres*

A GRANDE SÍNTESE *oferece solução plausível a todos os problemas do universo — desde a estrutura do átomo e a composição química da vida, até os métodos de ascensão mística; desde a Relatividade e a gênese do Cosmos, até as mais novas questões religiosas e sociais e os mistérios da psique humana (...). A nota chave do livro é a ascensão espiritual.*

Isabel Emerson — Escritora e Jornalista da *Revista Light*, de Londres, Inglaterra.

A GRANDE SÍNTESE *encaminha a ciência para sua espiritualização, a fim de facultar ao homem uma concepção de Deus, escoimada de antropomorfismos e o capacita para lhe escutar a voz que perenemente ecoa nos ensinamentos Daquele que será por todo o sempre — Caminho, Verdade e Vida.*

Guillon Ribeiro — Jornalista, escritor e primeiro tradutor de
A GRANDE SÍNTESE.

É Admirável a força da linguagem e a vastidão dos assuntos tratados em A GRANDE SÍNTESE.

Albert Einstein — o gênio da física e Autor da Teoria da Relatividade.

A doutrina desenvolvida em A GRANDE SÍNTESE *não é somente uma síntese do atual conhecimento humano, reduzido em face dos problemas substanciais, mas constitui uma síntese da fenomenologia universal, isto é, a coordenação num organismo único dos fenômenos existentes que o concebível humano pode apreender e ainda além.*

Gino Trespioli — Escritor e fundador da *Biosofia* na Itália.

A GRANDE SÍNTESE: *trata-se, realmente, de uma grande síntese de todo o saber humano, considerado do ponto de vista positivamente transcendental, em que se estudam todos os ramos do saber, sendo esclarecidos e resolvidos numerosos problemas até hoje insolúveis, com o acréscimo de novas orientações científicas, além de considerações filosóficas, religiosas, morais e sociais, a tal ponto elevadas que induzem a reverente assombro.*

Ernesto Bozzano — Médico, Cientista, Filósofo e Escritor italiano.

Para quem conhece, como o Autor, pouco ou nada de química, A GRANDE SÍNTESE *é verdadeiramente surpreendente, porque os conceitos nela emitidos são realmente científicos e, portanto, de um profundo conhecedor de química.*

Prof. Stoppoloni — Titular de Anatomia Descritiva, Histologia e Embriologia, da Universidade de Camerino, Itália.

Ao finalizar a leitura de A GRANDE SÍNTESE, *temos a impressão de haver lido, ressurgido no século XX, um dos grandes profetas bíblicos. Igualá-la é difícil; superá-la, impossível; negá-la, absurdo; discuti-la, loucura. Mas aceitá-la e senti-la é prova de que, em nós, há uma centelha da divindade. Merece, realmente, ser encadernada no mesmo volume que o Novo Testamento, como coroamento das obras dos grandes e primeiros apóstolos. A força e a segurança fazem desta Grande Síntese uma continuação natural das Epístolas e do Apocalipse, nada ficando a dever a elas.*

Carlos Torres Pastorino — Escritor e Titular de Latim e Grego da Universidade Federal de Brasília.

A GRANDE SÍNTESE *é um sistema de filosofia científica e tem, também, um conteúdo ético. É uma obra benéfica em larga escala, equaciona e resolve a tarefa de iluminar as consciências num momento histórico decisivo de grande amadurecimento em todos os campos. Tem, pois, um alcance também social e se insere como força viva na renovação espiritual para a qual o mundo se prepara laboriosamente. Quem ler esta obra, nessa profundidade, ouvirá ecoar aí as grandes correntes de pensamento, as titânicas forças cósmicas do imponderável que circunda o mundo.*

L.F. — Escritor e Jornalista da revista *La Ricerca Psichica,*
de Milão, Itália.

Todos nós temos o vago sonho de encontrar um LIVRO que nos seja como uma casa definitiva - a casa de sonho que procuramos. Um livro no qual moremos, ou passamos a morar. (...) Pois creio que encontrei o MEU LIVRO. Ele chama-se A GRANDE SÍNTESE *de Pietro Ubaldi. Temos de lê-lo e relê-lo. Lendo-o estou a vagar no alto mar deste livro — tonto, deslumbrado, maravilhado!*

Monteiro Lobato — Jornalista e Escritor brasileiro, consagra-do até no exterior, pelo conteúdo e simplicidade de seus livros.

Debalde vínhamos peregrinando através dos livros em busca de uma concepção do mundo que nos satisfizesse, pela universalidade de seus fundamentos, a natural ansiedade de síntese e unificação do conhecimento. Movido por esse desejo, perlustramos os grandes monumentos da sabedoria de todos os tempos, desde as velhas doutrinas consubstanciadas na metafísica chinesa do Y-King até as modernas aquisições do relativismo einsteiniano. Examinamos o hinduísmo, nas expressões luminosas de seus mais eminentes mestres; estudamos o idealismo de Platão, o peripatetismo de Aristóteles, o racionalismo de Descartes, o criticismo de Kant, o panteísmo de Spinosa, o monadismo de Leibniz, o ocasionalismo de Malebranche, o epifenomenismo de Hume, o voluntarismo de Schopenhauer, o solipsismo de Bekerley, o transformismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o positivismo de Comte, o pragmatismo de James, o monismo de Haeckel, o intuicionismo de Bergson, o panpsiquismo de Farias Brito, para, ao fim, sentirmo-nos tão vazios como dantes. (...) Acabávamos de ler Carrel, quando surgiu nas livrarias a versão brasileira de A GRANDE SÍNTESE. *Atraído pelo título, percorremos-lhe o índice e, imediatamente, sentimo-nos assaltados do desejo de lê-la. (...) Sem embargo de seu caráter estritamente lógico e rigorosamente científico,* A GRANDE SÍNTESE *não é uma obra resultante de lucubrações intelectuais, nem de dados experimentais. É uma revelação surpreendente, de origem supranormal, por isso que foi dada ao mundo exclusivamente pelas vias da intuição. Serviu-lhe de instrumento, no processo de sua elaboração, o iluminado místico da Úmbria, Prof. Pietro Ubaldi.*

Rubens C. Romanelli — Escritor, doutor em Letras e Titular da Cadeira de Língua Latina da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

A GRANDE SÍNTESE *é a semente do carvalho para o abrigo do futuro. É o divino trigo lançado com "imensa antecipação" no campo do mundo, oferecendo à humanidade o alimento conceptual dos mais nobres e elevados princípios. É uma visão sublime de sabedoria e de amor, excelsa sinfonia dos séculos futuros. Bênção para a humanidade de hoje e código para a humanidade de amanhã.*

Clóvis Tavares — Escritor e Titular de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito de Campos.

A GRANDE SÍNTESE — *Obra Monumental de revelação, de ensinamento insuspeito, profundamente científico e eminentemente moral. De sua inesgotável sabedoria transluz a pureza de uma elevação que assombra, aguça e incita a alcançá-la, impele a ascender .*

F. Villa — Escritor e Jornalista da *Revista Constância*, de Buenos Aires, Argentina.

Finalmente, torna-se imprescindível publicar a transcendente opinião de Emmanuel, através da psicografia elevada de Francisco Cândido Xavier:

Quando todos os valores da civilização do Ocidente desfalecem numa decadência dolorosa, é justo que saudemos uma luz como esta, que se desprende da grande voz silenciosa de A GRANDE SÍNTESE.

A palavra de Cristo projeta nesta hora Suas irradiações energéticas e suaves, movimentando todo um exército poderoso de mensageiros Seus, dentro da oficina da evolução universal.

Aqui, fala a Sua Voz divina e doce, austera e compassiva. No aparelhamento destas teses, que muitas vezes transcendem o idealismo contemporâneo, há o reflexo soberano da sua magnanimidade, da sua misericórdia e da sua sabedoria. Todos os departamentos da atividade humana são lembrados na sua exposição de inconcebível maravilha!

A GRANDE SÍNTESE *é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo, em todos os institutos da evolução terrestre.*

Curvemo-nos diante da misericórdia do Mestre e agradeçamos de coração genuflexo a sua bondade. Acerquemo-nos deste altar da esperança e da sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus.

1. CIÊNCIA E RAZÃO

Em outro lugar e de outra forma[1], falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos justos que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. A palavra doce que atrai e arrasta, porque comove, foi dita. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou incapacidade de orientação para compreender.

O pensamento humano avança. Cada século, cada povo segue um conceito de acordo com o desenvolvimento que obedece a leis a que estais submetidos. Em qualquer campo, a nova idéia vem sempre do Alto e é intuída pelo gênio. Depois, dela vos apoderais, a observais, a decompondes, a viveis, passando, então, à vossa vida e às leis. Assim, desce a idéia e, quando se fixa

na matéria, já esgotou seu ciclo, já aproveitastes todo seu suco e a jogais fora para absorverdes, em vossa alma individual e coletiva novo sopro divino.

Vosso século possuiu e desenvolveu uma idéia toda própria que os séculos precedentes não viam, pois estavam atentos em receber e desenvolver outras. Vossa idéia foi a ciência, com que acreditastes descobrir o absoluto, embora essa também seja uma idéia relativa que, esgotado seu ciclo, passa; eu venho falar-vos exatamente porque ela está passando.

Vossa ciência lançou-se num beco escuro, sem saída, onde vossa mente não tem amanhã. Que vos deu o último século? Máquinas como jamais o mundo as teve (mas que, no entanto, são apenas máquinas) e, em compensação, ressecou vossa alma. Essa ciência passou como um furacão destruidor de toda a fé e vos impõe, com a máscara do ceticismo, um rosto sem alma. Sorris despreocupados, mas vosso espírito morre de tédio e ouvem-se gritos dilacerantes. Até vossa própria ciência é uma espécie de desespero metódico, fatal, sem mais esperanças. Terá ela resolvido o problema da dor? Que uso sabe fazer dos poderosos meios que lhe deram os segredos arrancados da natureza? Em vossas mãos, o saber e a força transformam-se sempre em meios de destruição.

Para que serve, então, o saber, se ao invés de impulsionar-vos para o Alto, tornando-vos melhores, para vós se torna instrumento de perdição? Não riais, ó céticos, que julgais ter resolvido tudo, porque sufocastes o grito de vossa alma que anseia por subir! A dor vos persegue e vos encontrará em qualquer lugar. Sois crianças que julgais evitar o perigo escondendo a cabeça e fechando os olhos, mas existe uma Lei, invisível para vós, todavia mais forte que a rocha, mais poderosa que o furacão, que caminha inexorável movimentando tudo, animando tudo; essa Lei é Deus. Ela está dentro de vós, vossa vida é uma exteriorização dela e derramará sobre vós alegria ou dor, de acordo com a justiça, como o merecerdes. Eis a síntese que vossa ciência, perdida nos infinitos pormenores da análise, jamais poderá reconstituir. Eis a visão unitária, a concepção apocalíptica que venho trazer-vos.

Para que me possa fazer compreender, é mister que fale de acordo com vossa mentalidade e me coloque no momento psicológico que vosso século está vivendo. É indispensável que eu parta justamente dos postulados da vossa ciência, para dar-lhe uma direção totalmente nova. Vosso sistema de pesquisa objetiva, à base da observação e experiência, não vos pode levar além de certos resultados. Cada meio pode fornecer certo rendimento e nada mais, e a razão é um meio. A análise não poderia chegar à grande síntese, grande aspiração que ferve no fundo de todas as almas, senão por meio de um tempo infinito, de que não dispondes. Vossa ciência arrisca-se a não concluir jamais e o "ignorabimus" quer dizer falência. A tarefa da ciência não pode ser apenas a de *multiplicar vossas comodidades*. Não estranguleis, não sufoqueis a luz de vosso espírito, única alegria e centelha da vida, até o ponto de tornar a ciência, que nasce do vosso intelecto, uma *fábrica de comodidades*. Esta é prostituição do espírito, é vergonhosa venda de vós mesmos à matéria.

A ciência pela ciência não tem valor, vale apenas como meio de ascensão da vida. Vossa ciência tem um pecado original: dirigir-se apenas à conquista do bem-estar material. A verdadeira ciência deve ter como finalidade tornar melhores os homens. Eis a nova estrada que precisa ser palmilhada. Essa é a minha ciência[2].

* * *

Não falo para ostentar sabedoria ou para satisfazer a curiosidade humana, vou direto ao objetivo: para melhorar-vos moralmente, pois venho para fazer-vos o bem. Não me vereis despender qualquer esforço para adaptar e enquadrar meu pensamento ao pensamento filosófico humano, ao qual me referirei o menos possível. Ao contrário, ver-me-eis permanecer continuamente em contato com a fenomenologia do universo. Importa escutar verdadeiramente essa voz, que contém o pensamento de Deus. Compreendei-me, vós que não acreditais, vós céticos, que julgais sabedoria a ignorância das coisas do espírito e, no entanto, admirais o esforço de conquista que o homem, diariamente, exerce sobre as forças da natureza. Ensinar-vos-ei a vencer a morte, a superar a dor, a viver na grandiosidade imensa de vossa vida eterna . Não acorrereis com entusiasmo ao esforço necessário para obter tão grandes resultados? Vamos, pois, homens de boa vontade, ouvi-me! Primeiro compreendei-me com o intelecto e quando este ficar iluminado e virdes claramente a nova estrada que vos traço, palpitará também vosso coração e nele se acenderá a chama da paixão, para que a luz se transmude em vida e o conceito em ação.

O momento é crítico, mas é mister avançar. E então (coisa incrível para a construção psicológica que o último século imprimiu em vós) nova verdade vos é comunicada por meios que desconheceis, para que possais descobrir o novo caminho. O Alto, que vos é invisível, nunca deixou de intervir nos momentos culminantes da História. Que sabeis do amanhã, que sabeis da razão por que vos falo? Que podeis imaginar daquilo que o tempo vos prepara, vós, que estais imersos no átimo fugidio? Indispensável avançar, mais que isso não vos seria possível. As vias da arte, da literatura, da ciência, da vida social estão fechadas, sem amanhã. Não tendes mais o alimento do espírito e remastigais coisas velhas que já são produtos de refugo e devem ser expelidos da vida. Falarei do espírito e vos reabrirei aquela estrada para o infinito, que a razão e a ciência vos fecharam.

Ouvi-me, pois. A razão que utilizais é um instrumento que possuís para prover os misteres, as necessidades mais externas da vida: conservação do indivíduo e da espécie. Quando lançais este instrumento no grande mar do conhecimento, ele se perde, porque neste campo, os sentidos (que muito servem para vossas necessidades imediatas) somente esfloram a *superfície das coisas* e sua incapacidade absoluta de penetrar a essência vós a sentis. A observação e a experiência, de fato, deram-vos apenas resultados exteriores de índole prática, mas a realidade profunda vos escapa porque o uso dos sentidos como instrumento de pesquisa, embora ajudado por meios adequados, vos fará permanecer sempre na superfície, fechando-vos o caminho do progresso.

Para avançar ainda, é preciso despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. Aqui entram em função elementos complementares novos para vós. Algum cientista jamais pensou que, para compreender um fenômeno, fosse indispensável a própria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciência colocou a priori uma barreira intransponível entre o espírito do observador e o fenômeno. O eu que observa permanece sempre intimamente estranho ao fenômeno, atingido apenas pela estrada estreita dos sentidos. Jamais o cientista abriu sua alma, para que o mistério encarasse o próprio mistério e se comunicassem e se compreendessem. O cientista jamais pensou que é preciso *amar* o fenômeno, *tornar-se* o fenômeno observado,

vivê-lo; é indispensável transportar o próprio Eu, com sua sensibilidade, até o centro do fenômeno, não apenas com uma comunhão, mas com uma verdadeira transfusão de alma.

Compreendeis-me? Nem todos poderão compreender, pois ignoram o grande princípio do amor; ignoram que a matéria é, em todas as suas formas (até nas menores) sustentada, guiada, organizada pelo espírito que, em diversos graus de manifestação, existe por toda a parte. Para compreender a essência das coisas, tereis que abrir as portas de vossa alma e estabelecer, pelos caminhos do espírito, essa comunicação interior, entre espírito e espírito; deveis sentir a unidade da vida que irmana todos os seres, desde o mineral até o homem, em trocas de interdependências, numa lei comum; deveis sentir esse liame de amor com todas as outras formas da vida, porque tudo, desde o fenômeno químico até o social, é vida, regida por um princípio espiritual. Para compreender, é necessário que possuais uma alma pura e que um liame de simpatia vos una a todo o criado. A ciência ri de tudo isso e por esse motivo deve limitar-se a produzir *comodidades* e nada mais. Nisto que vos estou a *dizer* reside exatamente a nova orientação que a personalidade humana deve conseguir, para poder avançar.

2. INTUIÇÃO

Não vos espanteis com esta incompreensível *intuição*[3]. Começai por não negá-la e ela aparecerá. O grande conceito que a ciência afirmou (embora de forma incompleta e com consequências erradas), a evolução, não é uma quimera e estimula vosso sistema nervoso para uma sensibilidade cada vez mais delicada, que constitui o prelúdio dessa intuição. Assim se manifestará e aparecerá em vós essa psique mais profunda, por lei natural de evolução, por fatal maturação *que está próxima*. Deixareis de lado, para uso da vida prática, vossa psique *exterior* e de superfície, a razão, pois só com a psique *interior* que está na profundeza de vosso ser, podereis compreender a realidade mais verdadeira, que se encontra na profundeza das coisas. Esta é a única estrada que conduz ao conhecimento do Absoluto. *Só entre semelhantes é possível a comunicação; para compreender o mistério que existe nas coisas deveis saber descer no mistério que está em vós.*

Não ignorais isto totalmente; olhais admirados tantas coisas que afloram de vossa consciência mais profunda, sem poderdes descobrir as origens: instintos, tendências, atrações, repulsas, intuições. Daí nascem irresistíveis todas as maiores afirmações de vossa personalidade. Aí está o vosso verdadeiro e eterno Eu. Não o Eu exterior, aquele que sentes mais quando estais no corpo, aquele Eu que é filho da matéria e que morre com ela. Esse Eu exterior, essa consciência clara, expande-se no contínuo evolver da vida, aprofunda-se para aquela consciência latente que tende a vir à tona e a revelar-se. Os dois pólos do ser — consciência exterior clara e consciência interior latente — tendem a fundir-se. A consciência clara experimenta, assimila, imerge na latente os produtos assimilados através do movimento da vida — destilação de valores, automatismos, que constituirão os instintos do futuro. Assim expande-se a personalidade com essas incessantes trocas e se realiza o grande objetivo da vida. Quando a consciência latente tiver se tornado clara e o Eu tiver pleno conhecimento de si mesmo, o homem terá vencido a morte. Aprofundarei mais adiante essa questão.

O estudo das ciências psíquicas é o mais importante que podeis hoje fazer. O novo instrumento de pesquisa que deveis desenvolver e se está desenvolvendo, naturalmente, é a consciência latente. Já olhastes bastante para fora de vós. Agora resolvei o problema de vós mesmos e tereis resolvido todos os outros problemas. Habituai aos poucos vosso pensamento a seguir esta nova ordem de idéias. Se souberdes transferir o centro de vossa personalidade para essas camadas profundas, sentireis revelar-se em vós novos sentidos, uma percepção anímica, uma faculdade de visão direta; esta é a intuição da qual vos falei. Purificai-vos moralmente e refinai a sensibilidade do instrumento de pesquisa, que sois vós, e só então podereis *ver*.

Aqueles que absolutamente não sentem essas coisas, os imaturos, ponham-se de lado; torneiem-se até chafurdarem-se na lama de suas baixas aspirações e não peçam o conhecimento, precioso prêmio concedido apenas a quem duramente o mereceu.

3. AS PROVAS

Se vossa consciência já não vos faz mais admirar qualquer nova possibilidade, como podeis negar a priori uma forma de existência diferente daquela do vosso corpo físico? Pelo menos, deveis alimentar a dúvida a respeito da sobrevivência que vosso Eu interno vos sugere a cada momento, e que inconscientemente, por instinto, sonhais em todas as vossas aspirações e obras. Como podeis acreditar que vossa Terra pequenina, que vedes navegar pelo espaço como um grãozinho de areia no infinito, contenha a única forma possível de vida no universo? Como podeis acreditar que vossa vida de dores e alegrias fictícias e contraditórias possa representar toda a vida de um ser?

Então, não esperastes nem sonhasteis nada mais alto, na diuturna fadiga de vossos sofrimentos e de vosso trabalho? Se eu vos oferecesse uma fuga desses sofrimentos, uma libertação e uma superação; se eu vos abrisse o respiradouro de um grande mundo novo, que ainda desconheceis, e vos permitisseis contemplá-lo por dentro para vosso bem, não correríeis como correis para ver as máquinas que devoram o espaço sulcando os céus e ouvem as longíquas ondas elétricas? Vinde. Mostro-vos as grandes descobertas que fará a ciência, especialmente as das vibrações psíquicas, por meio das quais nos é permitido, a nós, espírito sem corpo, comunicar-nos com aquela parte de vós que é espírito, como nós. Segui-me. Não se trata de um lindo sonho, nem a fantástica exploração do futuro, a que estou fazendo: é o vosso amanhã. Sede inteligentes à altura de vossa ciência; sede

modernos, ultramodernos, e vislumbrareis o espírito, que é a realidade do amanhã, e o tocareis com o raciocínio, o refinamento de vossos órgãos nervosos, com o progresso de vossos instrumentos científicos. O espírito está aí, à espera, e fará vibrar as civilizações futuras.

As verdades filosóficas fundamentais, tão discutidas durante milênios, serão resolvidas racionalmente por meio da simples razão, porque vossa inteligência terá progredido; o que dantes, por outras forças intelectivas, tinha que ser forçosamente dogma e mistério de fé, será questão de puro raciocínio, será demonstrável e portanto, verdade obrigatória para todo o ser pensante.

* * *

Não sabeis que todas as descobertas humanas nasceram da profundidade do espírito que contatou com o além? De onde vem o lampejo do gênio, a criação da arte, a luz que guia os líderes dos povos, senão deste mundo, de onde vos falo? As grandes idéias que movem e fazem avançar o mundo, acaso as encontrais no ambiente de vossas competições cotidianas, ou no mundo dos fenômenos que a ciência observa? Então, de onde vêm?

Não podeis negar o progresso: o próprio materialismo, que vos tornou céticos, teve de proferir a palavra *evolução*. Vós mesmos que negais, estais todos ansiosos e ávidos de ascensão; não podeis negar que o intelecto progride e existem alguns homens mais adiantados do que outros. Portanto, não pode ser impossível para a razão e para a ciência, admitir que alguns dentre vós tenham atingido, por evolução, uma tal sensibilidade nervosa de sentir o que não conseguis perceber: as ondas psíquicas, que nós, os espíritos, transmitimos. São eles os médiuns espirituais, verdadeiros instrumentos receptores de correntes e de conceitos que podemos transmitir. Esse é o mais alto grau de mediunidade (em alguns casos totalmente consciente), quando podem estabelecer-se relações de sintonia; disso nos servimos para o elevado objetivo de transmitir-vos nosso pensamento.

Muitos médiuns ouvem com novo sentido de audição psíquica, não mais com o acústico. Ouvem-nos com seu cérebro. Sintonia quer dizer capacidade de ressonância. Espiritualmente, sintonia é simpatia, isto é, capacidade de sentir em uníssono. Quer acústica, quer elétrica ou espiritualmente, o princípio vibratório de correspondência é o mesmo, porque a lei é uma, em todos os campos[4].

Naturalmente, quem não ouve nega; mas não poderá, *não terá o direito de negar* que os outros possam ouvir e que ouçam. Quem nega pede provas e só se dispõe a conceder seu consentimento depois de haver verificado esses fatos, necessários para sacudir esse seu tipo de mentalidade. Mas, jamais pensasteis na relatividade de vossa psicologia, devida aos diversos graus de evolução de cada um? Jamais pensasteis naquilo que impressiona a mente de um, deixa a de outro indiferente e como cada um exige a *"sua"* prova? Que número enorme de provas seria necessário para cada um sentir-se impressionado em sua própria sensibilidade particular! Para cada um, um fato pode inserir-se em sua vida, em sua concepção de vida, na orientação dada a todos os seus atos. O próprio raciocínio não serve para todos, porque a demonstração se torna, com frequência discussão que, em lugar de convencer, transforma-se em desabafo agressivo, exemplo de luta, que exarceba os ânimos.

Restaria o prodígio. Mas as leis de Deus são imutáveis porque perfeitas; o que é perfeito não pode ser alterado nem corrigido. Acreditai: só em vossa psicologia sedenta de violações, pode existir esse pensamento atrasado de que uma violação seja prova de força. Isso pode ter ocorrido em vosso passado de homens selvagens, imbuídos de luta e rebelião; para nós, o poder está na ordem, no equilíbrio, na coordenação das forças, e não na revolta, na desordem, no caos.

Além disso, um milagre vos convenceria? O Cristo fez tantos! Acreditasteis? Um milagre é sempre um fato exterior a vós, podeis negá-lo todas as vezes que vos for cômodo, porque perturba vossos interesses.

Conclusão: ou tendes pureza de ânimo e sinceridade de intenções e então sentireis em minha palavra a Verdade, sem provas exteriores (eis a intuição), pelo seu tom e conteúdo; ou estais de má fé e vos aproximais com duplo fim, para demolir ou especular porque, acima de qualquer discussão, já colocasteis o preconceito de vosso interesse ou vantagem. Então, estais armados para recusar qualquer prova. O fato não é externo, não é apreciável pelos sentidos, portanto, é sempre discutível para quem queira negá-lo; antes, é íntimo, intrínseco.

A verdadeira prova é apenas uma. É a mão de Deus que vos alcança em vossas próprias casas, é a dor que, superando as barreiras humanas, atinge-vos e vos sacode, é a crise do espírito, é a maturação do destino, é a tonitruante voz do mistério que vos surpreende a cada esquina da vida e vos diz: basta! Eis o caminho! Essa prova, vós a sentis; ela vos perturba, esmaga, espanta, mas é irresistível, transforma-vos, e vos convence. Então vós, negadores irônicos, vos ajoelhais, tremeis e chorais. Chegou o grande momento. Deus vos tocou. Eis a prova!

Vossa vida está cheia dessas forças desconhecidas em ação. São as maiores, das quais dependem vossas vicissitudes e o destino dos povos. Quantas já não estão prontas a mover-se no desconhecido amanhã, mesmo contra vós que me ledes? Os inconscientes sacodem os ombros ao amanhã; só os corajosos ousam olhá-lo de cara, seja bom ou ruim. Eu falo, ó homem, de vosso destino, de vossa vitória e de vossas dores de amanhã, não apenas naquele longíquo futuro sobre o qual não vos preocupais, mas de vosso futuro próximo. Minhas palavras dar-vos-ão novo e mais profundo sentido da vida e do destino, de vossa vida e de vosso destino.

Já falei ao mundo e aos povos de seus grandes problemas coletivos. Agora falo a vós, no silêncio de vosso recolhimento. Minhas palavras são boas e sábias e visam a fazer de vós um ser melhor, para vós mesmos, para vossa família, para vossa pátria.

4. CONSCIÊNCIA E MEDIUNIDADE

Tendes meios para comunicar-vos com seres mais importantes que aqueles a quem chamais habitantes de Marte, mas são meios de ordem psíquica, não instrumentos mecânicos; meios psíquicos que a ciência (que pesquisa de fora para dentro) e a vossa evolução (que se expande de dentro para fora) trarão à luz. Pode chamar-se consciência latente uma consciência mais profunda que a normal, onde se encontram as causas de muitos fenômenos inexplicáveis para vós. O sistema de pesquisa positiva, ao fazer-vos olhar mais profundamente as leis da natureza, fez-vos descobrir o modo de transformar as ondas acústicas em elétricas, dando-vos um primeiro termo de comparação sensível daquela materialização de meios que empregamos. Já avizinhasteis um pouco e hoje podeis, mesmo cientificamente, compreender melhor.

Acompanhai-me, caminhando do exterior, onde estais com vossas sensações e vossa psique, para o interior onde estou eu como Entidade e como pensamento. No mundo da matéria, temos, primeiro, os fenômenos; depois, vossa percepção sensória e, finalmente, por meio de vosso sistema nervoso convergente para o sistema cerebral, vossa síntese psíquica: a consciência. Até aqui chegasteis, pela pesquisa científica e experiência cotidiana. Vosso materialismo não errou, quando viu nessa consciência uma alma, filha da vida física e destinada a morrer com ela. Mas é apenas uma *psique de superfície*, resultado do ambiente e da experiência, servindo à satisfação de vossas necessidades imediatas; sua tarefa termina quando vos tenha guiado na luta pela vida. Esse instrumento, como já vos disse, não pode ultrapassar essa tarefa; lançado no grande mar do conhecimento, perde-se; trata-se da razão, do bom senso, da inteligência do homem normal, que não vai além das necessidades da vida terrena.

Se descermos mais na profundidade encontraremos a consciência latente; que está, para a consciência exterior e clara, como as ondas elétricas estão para as ondas acústicas. A essa consciência mais profunda pertence aquela intuição, é o meio perceptivo e a ele é necessário poder chegar, como vos disse, para que vosso conhecimento possa progredir.

Vossa consciência latente é vossa verdadeira alma eterna, existe antes do nascimento e sobrevive à morte corporal. Quando, ao avançar, a ciência chegar até ela, ficará demonstrada a imortalidade do espírito. Mas hoje não estais conscientes dessa profundidade, não sois sensíveis a esse nível e, não tendo em vós mesmos nenhuma sensação, a negais. Vossa ciência corre atrás de vossas sensações, sem suspeitar que elas podem ser superadas, e aí fica circunscrita como num cárcere. Essa parte de vós mesmos está imersa em trevas, pelo menos, assim é para a grande maioria dos homens que, por conseguinte, nega; sendo maioria, faz e impõe a lei, relegando a um campo comum de fora da normalidade e juntando em dolorosa condenação, tanto o subnormal, isto é, o patológico ou involuído, como o supranormal, elemento super-evoluído do amanhã. Neste campo, muito errou o materialismo. Apenas alguns indivíduos excepcionais, precursores da evolução, estão conscientes na consciência interior. Esses ouvem e dizem coisas maravilhosas, mas vós não os compreendeis senão muito tarde, depois que os martirizasteis. No entanto, esse é o estado normal do super-homem do futuro.

Acenei a essa consciência interior, porque é a base da mais alta forma de vossa mediunidade, a *mediunidade inspirativa, ativa e consciente;* ela é justamente a manifestação da personalidade humana quando, por evolução, atinge esses estados profundos de consciência, que podem chamar-se intuição.

Vossa consciência humana é o órgão exterior através do qual vossa verdadeira alma eterna e profunda se põe em contato com a realidade exterior do mundo da matéria. Por seu intermédio, experimenta todas as vicissitudes da vida, destas experiências faz um tesouro, delas assimila o suco destilado, do qual ela se apodera, tornando suas as qualidades e capacidades, que mais tarde constituirão os instintos e as idéias inatas do futuro. Assim, a essência destilada da vida desce em profundidade no íntimo do ser; fixa-se na eternidade como qualidades imperecíveis e nada de tudo o que viveis, lutais e sofreis, perder-se-á em sua substância. Vedes que, com a repetição, todos os vossos atos tendem a fixar-se em vós, como automatismos que são os hábitos, isto é, um hábito, uma roupagem sobreposta à personalidade. Essa descida das experiências da vida se estratifica em torno do núcleo central do Eu que, com isso, agiganta-se num processo de expansão contínua; assim, a realidade exterior (tanto mais relativa e inconsistente quanto mais exterior) sobrevive àquela caducidade, condena-a àquele constante transformismo que a acompanha e transmite ao eterno aquilo que vale e sua existência produz. Por isso, nada morre no imenso turbilhão de todas as coisas; todo ato de vossa vida tem valor eterno.

Quem consegue ser consciente também na consciência latente, encontra seu Eu eterno e, na vasta complexidade das vicissitudes humanas, pode reencontrar o fio condutor ao longo do qual, logicamente, segundo uma lei de justiça e de equilíbrio, desenvolve-se o próprio destino. Então, vive sua vida maior na eternidade e com isso vence a morte. Ele se comunica livremente, mesmo na Terra, por um processo de sintonia que implica afinidade com as correntes de pensamento, que existem além das dimensões do espaço e do tempo. Em outro lugar acenei à técnica dessa comunicação conceptual ou mediunidade inspirativa.

Tracei-vos, assim, o quadro da técnica de vossa ascensão espiritual, efeito e meta de vossa vida. Em minhas palavras vereis sempre pairar esta grande idéia da evolução, não no limitado conceito materialista de evolução de formas orgânicas, mas no bem mais vasto conceito de evolução de formas espirituais, de ascensão de almas. Este é o princípio central do universo, a grande força motriz de seu funcionamento orgânico. O universo infinito palpita de vida que, ao reconquistar sua consciência, retorna a Deus. É esse o grande quadro que vos mostrarei. Essa é a visão que, partindo de vossos conhecimentos científicos, indicar-vos-ei. Minha demonstração, lembrai-vos, embora se inicie com uma investigação para uso dos céticos, é um lampejo de luz que lanço ao mundo, é imensa sinfonia que canto em louvor de Deus.

5. NECESSIDADE DE UMA REVELAÇÃO

Falei de vossa razão humana, com a qual construísteis vossa ciência e afirmei a relatividade desse instrumento de pesquisa e de sua insuficiência como meio para conquistar o conhecimento do Absoluto.

Agora conduzo-vos lentamente, cada vez mais próximo do centro da questão. O estudo que vos exponho representa novo princípio para vossa ciência e filosofia, novo para vosso pensamento. O momento psicológico, que a humanidade atravessa hoje, requer a ajuda dessa revelação. Não vos assusteis com essa palavra: revelação não é apenas aquilo de que nasceram as religiões, mas também qualquer contato da alma humana com o pensamento íntimo que existe na criação, contato que revela ao homem um novo mistério do ser. Como está hoje — vós o sabeis — a psicologia humana não tem amanhã; ela o busca ansiosamente, mas por si só não sabe achá-lo. Espera algo, confusamente, sem saber o que poderá nascer, de onde e como; mas espera por necessidade íntima, por imperioso instinto, porque este constitui a lei da vida; permanece na expectativa de ouvir algo e se limita a avaliar as vozes, as verdadeiras e as falsas, afim de escolher aquela que corresponderá a seu infalível instinto; descendo das profundidades do infinito, será a única a fazê-la tremer. Esperam-na, sobretudo, os homens de pensamento que estão à frente do movimento intelectual; esperam-na os homens de ação, que estão à frente do movimento político e econômico do mundo. A mente humana procura um conceito que a abale, conceito profundo e mais poderosamente sentido, que a oriente para a iminente nova civilização do terceiro milênio.

Alguns dos conceitos de que dispondes são insuficientes, outros esgotados, outros tão cobertos de incrustações humanas, que por estas ficam esmagados. A *ciência*, tão enceguecida de orgulho desde que nasceu, demonstrou-se impotente diante dos últimos "porquês" e, com a pretensão de generalizar partindo de poucos princípios, os mais baixos, prejudicou-vos, abaixando-vos, fazendo-vos retroceder para aquela matéria, a única que estudava. As *filosofias* são produtos individuais, elevando a sistema aquela indiscutível premissa que é o próprio Eu, embora sendo intuições, são intuições parciais, visões pessoais que só interessam ao grupo dos afins. O bom senso é instrumento imediato para as finalidades materiais da vida e não pode superá-las; então não pode bastar. As *religiões*, tantas e, erro imperdoável, todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isto em nome do próprio Deus, aplicando-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divida. Anseiam invadir o mundo todo, ao invés de se coordenarem no nível que lhes compete, em vista da profundidade da revelação recebida. Infelizmente, recobriram de humanidade a originária Centelha Divina.

Devo definir desde logo meu pensamento, para não ser mal interpretado e posto na mira dos ansiosos de destruição e agressividade humana. Não venho para combater nenhuma religião, mas para coordená-las todas, como a outras aproximações diferentes da Verdade, UMA e não múltipla, como quereríeis. No entanto, coloco no mais alto posto da terra a revelação e a religião de Cristo, porque é a mais completa e perfeita dentre todas. Esclarecido este conceito, prossigo e verifico o fato inegável de que nenhuma de vossas crenças hoje levanta, abala e verdadeiramente arrasta as massas.

Diante das grandes paixões que outrora moviam os povos, hoje o espírito se encontra adormecido no ceticismo; de tal forma caiu no vazio, que não tem força para rebelar-se, nem sombra de interesse, ainda que para negar; tornou-se um nada recoberto por sorridente máscara; desceu ao último degrau, está na última fase de esgotamento: a indiferença. Esse é o quadro de vosso mundo espiritual. Infelizmente, o que vos guia de fato na vida real é bem outra coisa: é o egoísmo, são vossas baixas paixões, em que acreditais cegamente. Mas a isto não podeis chamar uma orientação, um princípio capaz de dirigir-vos a objetivos mais elevados. Se isto constitui um princípio, trata-se de um princípio de desagregação e de ruína; para isso, com efeito, corre o mundo em grande velocidade.

Então, não é por acaso que vos chega minha palavra. Ela vem não para destruir as verdades que possuís, mas para repetilas de forma mais persuasiva, mais evidente, mais adaptada às novas necessidades da mente humana. Vossa psicologia não é a mesma de vossos pais e as formas adequadas para eles, não são para vós; sois inteligências que saíram da minoridade; vossa mente habituou-se a olhar por si e hoje pode suportar visões mais vastas; pede, quer saber e tem direito de saber mais. Por vossa maturação, podeis hoje ver e resolver diretamente problemas que mal eram suspeitados por vossos avós. Além disso, vossos problemas individuais e coletivos se tornaram por demais complexos e delicados, para que possam ser suficientes os anunciados sumários das verdades conhecidas. No atual período de grandes maturações, vós, a cada momento, superais vossas idéias, com uma velocidade sem precedentes para vós. Pondo de parte os imaturos e mentirosos, existe grande número de honestos que precisam saber mais e com maior precisão. Enfim, dispondes hoje, com os meios mecânicos, fornecidos pela ciência, com os segredos que tendes sabido arrancar à natureza, de muito maior potência de ação que no passado; potência que requer de vós, que a manejais, uma sabedoria muito maior, a fim de que essa potência não se torne manejada com a mentalidade pueril e selvagem dos séculos passados, não em vosso engrandecimento, mas em vossa destruição. Então, é chegada a hora de dizer minha palavra.

6. MONISMO

Aproximemo-nos ainda mais da questão a ser desenvolvida. Eram indispensáveis essas premissas para vos conduzir até aqui. Observai meu modo de proceder ao expor meu pensamento. Avanço seguindo uma espiral que gradualmente aperta suas volutas concêntricas e, se passo de novo pela mesma ordem de idéias, toco o raio que parte do centro num ponto cada vez mais próximo dele. Guio vosso pensamento para esse centro. Nesta exposição parto da periferia e vou para o interior; da matéria, que é a realidade de vossos sentidos, para o espírito, que contém uma realidade mais verdadeira e mais elevada; vou da superfície ao âmago, da multiplicidade fenomênica ao Princípio único que a rege. Por isso denominei este tratado de *A Grande Síntese*.

Estou no outro pólo do ser, no extremo oposto àquele em que estais; vós, seres racionais, sois análise; eu, intuitivo (contemplação, visão), sou síntese. Mas desço agora à vossa psicologia racional de análise, tomo-a como ponto de partida, a fim de levar-vos à síntese como ponto de chegada. Parto da forma para explicar-vos o impulso obscuro e palpitante, o motor que a

anima, tenazmente aprofundando o mistério. Penetro, sintetizo e aperto num monismo absoluto, os imensos pormenores do mundo fenomênico, incomensuravelmente vasto, se o multiplicais pelo infinito do tempo e do espaço; canalizo a multiplicidade dos efeitos — dos quais a ciência com imenso esforço vislumbrou algumas leis — nos caminhos convergentes que conduzem ao Princípio Único. Farei desse mundo que pode parecer caótico a vossas mentes, um organismo completo e perfeito. A complexidade que vos desanima será reconduzida e reduzida a um conceito central, único e simples, a uma lei única que dirige tudo.

A isto podeis chamar de *monismo*. Atentai mais aos conceitos que às palavras. Por vezes a ciência acreditou ter descoberto e criado um conceito novo, só porque inventou uma palavra. E o conceito é este: como do *politeísmo* passasteis ao *monoteísmo*, isto é, à fé num só Deus (mas sempre antropomórfico, pois realiza uma criação fora de si), agora passais ao *monismo*, isto é, ao conceito *de um Deus que É a criação*. Lede mais, antes de julgar. Farei que lampeje em vossas mentes um Deus ainda maior que tudo o que pudesteis conceber. Do politeísmo, ao monoteísmo e ao monismo, dilata-se vossa concepção de Divindade. Este tratado, pois, é o hino de Sua glória.

Sinto já esta síntese suprema num lampejo de luz e de alegria. Quero conduzir-vos, a vós também, a essa meta, por meio de estudo do funcionamento orgânico do Universo. Este Tratado vos aparecerá assim como uma progressão de conceitos, uma ascensão contínua por aproximações graduais e sucessivas. Poderá também parecer-vos uma viagem do espírito; é verdadeiramente a grande viagem da alma que regressa ao seu Princípio; da criatura que regressa a Seu Criador. Cada novo horizonte, que a razão e a ciência vos mostraram, era apenas uma janela aberta para um horizonte ainda mais longínquo, sem jamais atingir o fim; Eu, porém, indicar-vos-ei o último termo, que está no fundo de vós mesmos, onde a alma repousa. Subiremos das ramificações dos últimos efeitos, progredindo da periferia para o centro, ao tronco da Causa Primeira que se multiplicou nesses efeitos.

A realidade, em vosso mundo, está fracionada por barreiras de espaço e de tempo; a unidade aparece como que pulverizada no particular; vemos o infinito fragmentar-se, dividir-se, corromper-se no finito, o eterno no caduco, o absoluto no relativo. Mas, percorreremos o caminho inverso a essa descida e reencontraremos aquele infinito, que jamais a razão poderia dar-vos, porque a análise humana não pode percorrer a série dos efeitos através de todo o espaço, por toda a eternidade, e não dispõe daquele infinito, pelo qual seria mister multiplicar o finito para obter a visão do Absoluto.

A finalidade desta viagem é dar ao homem nova consciência cósmica. Uma consciência que o faça sentir-se não apenas indestrutível e eterno, membro de uma humanidade que abarca todos os seres do universo, mas também representa uma força e desempenha um papel importante no funcionamento orgânico do próprio universo. Viveis para conquistar uma consciência cada vez mais ampla. O homem, rei da vida no planeta Terra, conquistou uma consciência individual própria, que constitui prêmio e vitória. Agora está construindo outra mais vasta: a consciência coletiva que o organiza em unidades nacionais e se fundirá numa unidade espiritual ainda mais vasta, a humanidade. Eu, porém, lanço a semente de uma consciência universal, a única que vos pode dar a visão de todos os vossos deveres e direitos e poderá, perfeitamente, guiar todas as vossas ações, além de solucionar todos os vossos porquês. Partindo de vosso cognoscível científico humano, esse caminho também atingirá conclusões de ordem prática, individual e social. A exposição das leis da vida tem como objetivo ensinar-vos normas mais completas de comportamento. Sabendo olhar no abismo de vosso destino, sabereis agir cada vez com mais elevação.

Eis traçada a estrada que percorreremos. E a seguiremos não apenas para saber, mas também para agir depois. Quando se fizer luz na mente, o coração se acenderá de paixão, para marchar seguindo a mente que viu.

Ascensão é a idéia dominante. Deus é o centro. Este Tratado é mais que uma grande síntese científica e filosófica: é uma revolução introduzida em vosso sistema de pesquisa, nova direção dada ao pensamento humano, para que, após este impulso, possa canalizar novo caminho de conquistas; é uma revolução que não arrasa nem nega, implantando arbítrio e desordem, mas afirma e cria, guiando-vos a uma ordem e equilíbrio cada vez mais completo e complexo, para uma lei cada vez mais forte e mais justa. Pois bem, para ajudar a nascer em vós esta nova consciência que está por surgir à luz, para estimular esta vossa transformação que está iminente, imposta pela evolução, da fase humana à fase super-humana, eu vos ensino novo método de pesquisa, praticado por via da intuição. Indico-vos a possibilidade de nova ciência conquistada com o sistema dos místicos, no qual os fenômenos são penetrados por meio de nova sensibilidade, abrindo as portas da alma, além das dos sentidos, da alma da qual vos terei ensinado todos os recursos insuspeitados e meios de percepção direta. Desse modo, os fenômenos não serão mais vistos nem ouvidos, nem tocados por um Eu qualquer, mas sentidos por um ser que se transformou em delicadíssimo instrumento de percepção, porque sensitivamente evoluído, nervosamente refinado e, sobretudo, moralmente aperfeiçoado. Ciência nova, conduzida pelos caminhos do amor e da elevação espiritual, é a ciência do super-homem, que está para nascer e fundará a nova civilização do terceiro milênio[5].

7. ASPECTOS ESTÁTICO, DINÂMICO E MECÂNICO DO UNIVERSO

Chegados a este ponto, podemos estabelecer, em suas grandes linhas, os conceitos fundamentais que depois desenvolveremos analiticamente.

Não vos digo: observemos os fenômenos e deles deduzamos as consequências e lhes procuremos o princípio; mas vos digo, o quadro do universo é este: observai e vereis que os fenômenos aí se encaixam e a ele correspondem, em sua totalidade. O

universo é a unidade que abarca tudo o que existe. Essa unidade pode ser considerada sob três aspectos: estático, dinâmico e mecânico.

Em seu aspecto *estático*, a unidade-todo é considerada abstratamente seccionada em um átimo de seu eterno devenir, para que vossa atenção possa observar particularmente a estrutura, mais que o movimento. Como estrutura, o universo é um organismo, ou seja, um todo, composto de partes, não reunidas ao acaso, mas com ordem e proporção recíproca; mesmo que momentânea e excepcionalmente possa ocorrer o contrário, sempre se correspondem entre si, como é necessário num organismo cujas partes, ao funcionarem, devem coordenar-se num objetivo único.

Em seu aspecto *dinâmico* a unidade-todo é considerada naquilo que verdadeiramente é: um eterno devenir. O universo é um movimento contínuo. Movimento significa trajetória; trajetória significa um objetivo a atingir. Na realidade, o aspecto dinâmico se funde com o estático, isolamo-lo apenas para facilitar as observações. O movimento é orgânico, é funcionamento de partes coordenadas. Assim se define o conceito de simples movimento e se completa num vir-a-ser mais complexo, que já não é só movimento físico, mas transformismo fenomênico; o conceito de trajetória complica-se num mais amplo progresso à meta definida.

O aspecto *mecânico* é apenas o conceito de movimento abstratamente isolado, a fim de poder analisá-lo melhor, colhendo o princípio e definindo a lei, por meio do estudo da trajetória-tipo dos movimentos fenomênicos. É o estudo da lei como forma e norma do devenir.

Resumindo:

O aspecto *estático* mostra-nos o universo em sua estrutura e forma; o aspecto *dinâmico*, em seu movimento e vir-a-ser; o aspecto *mecânico*, em seu princípio e em sua lei. Mas esses são somente aspectos, pontos de vista diferentes do mesmo fenômeno. Coexistem sempre, em toda parte, e os encontramos conexos.

Do exame desses três aspectos surge a idéia gigantesca que domina todo o universo. Quer o observemos como organismo, como devenir, ou como lei, chegaremos ao mesmo conceito por três estradas diferentes, que se somam e reforçam a conclusão. Ascendemos, assim, ao Princípio Único, à idéia central que governa o universo. Esse princípio, essa idéia, é *ordem*. Imaginai, se a ordem não reinasse soberana, que choque tremendo sofreria um funcionamento tão complexo como é o da criação, um transformismo que jamais pára! Somente esse princípio pode estabilizar um movimento de tamanha vastidão. Cada fenômeno, em cada campo, tem uma trajetória própria de desenvolvimento, que não pode mudar, é sua lei, coordenada à lei maior; tem uma vontade de existir numa forma que o individualize e de mover-se para atingir u'a meta exata, razão de sua existência; é lançado com velocidade e massa que inconfundivelmente o distingue entre todos os demais fenômenos. Como poderia tudo mover-se sem precipitar-se num cataclismo imediato e universal, se cada trajetória não tivesse sido já traçada inviolavelmente? Não podeis deixar de encontrar esse princípio de uma lei soberana, em toda parte e a qualquer momento. Vossa vida individual, vossa história de povos, vossa vida social têm suas leis. Vossas estatísticas, pelo princípio dos grandes números, colhem-nas e podem dizer-vos quantos nascimentos, mortes ou delitos acontecerão aproximadamente nos anos seguintes. Também o campo moral e espiritual tem suas leis; embora sua complexidade vos faça perder o rastro, a lei subsiste também nesse campo, matematicamente exata. Não vos falo de fenômenos biológicos, astronômicos, físicos ou químicos. Se podeis mover-vos, agir e conseguir qualquer resultado, é porque tudo em torno de vós se move com ordem, de acordo com uma lei, e nessa lei tendes sempre confiança porque só ela vos garante a constância dos efeitos e das reações. Lei não inexorável, não sensível, mas complexa, extraordinariamente complexa em todo o entrelaçamento de suas repercussões; uma lei elástica, adaptável, compensadora, construída com tão vasta amplitude, que abarca em seu âmbito todas as possibilidades. Lei, sempre lei, exata nas consequências de qualquer ato, férrea nas conclusões e sanções, poderosa, imensa, matematicamente precisa em sua manifestação.

Ela é ordem e, como ordem, mais ampla e poderosa que a desordem, portanto, engloba-a e a guia para suas metas; ela é equilíbrio, mais vasto que o desequilíbrio, o qual abarca e limita num âmbito intransponível. Equilíbrio e ordem são, também, o Bem e a Alegria. Em todos os campos, uma só é a lei. A alegria é mais forte que a dor, que se torna instrumento de felicidade; o bem é mais poderoso que o mal, ele limita e o constringe para os seus objetivos. Se existem desordem, mal e dor, só existem como reação, como exceção, como condição, como contragolpe fechado dentro de diques invisíveis, determinados e invioláveis. Esta é a verdade, embora seja difícil demonstrá-la à vossa razão, que observa a matéria. Esta, por estar à distância máxima do centro da causa primeira, é o que há de menos apto para revelar-vos essa causa; embora contendo em si todo o princípio, esconde-o mais secretamente em seu âmago.

Não confundais a ordem e a presença da Lei com um automatismo mecânico e um fatalismo absurdo. A ordem, vo-lo disse, não é rígida, mas apresenta espaços elásticos, contém subdivisões de desordem, imperfeição, complica-se em reações, mas permanece ordem e lei no conjunto, no absoluto. Um exemplo: em oposição à vontade da Lei, tendes a vontade de vosso livre arbítrio, mas é vontade menor, marginalizada, circunscrita por aquela vontade maior; podeis agitar-vos a vosso bel prazer, como dentro de um recinto, não além dele.

Essa movimentação vos é permitida, porque necessária para que sejais livres e responsáveis no ambiente que vos cerca; possais, assim, com liberdade e responsabilidade, conquistar vossa felicidade. Resolvi (assim de passagem) o conflito que para vós é insolúvel entre determinismo e livre-arbítrio. Estes conceitos levar-vos-ão, posteriormente, a conceber uma exata moral científica.

8. A LEI

A Lei. Eis a idéia central do Universo, o sopro divino que o anima, governa e movimenta, tal como vossa alma, pequena centelha dessa grande luz, governa vosso corpo. O universo de matéria estelar que vedes, é como a casca, a manifestação externa, o corpo daquele princípio que reside no âmago, no centro.

Vossa ciência, que observa e experimenta, permanece na superfície e procura encontrar esse princípio através de suas manifestações. As poucas verdades particulares que aprendeu, são apenas farrapos mal remendados da grande Lei. A ciência observa, supõe um princípio secundário, deduz uma hipótese, trabalha sobre ela, esperando uma confirmação da experiência, e daí conclui uma teoria. Mas vislumbrou somente pequena ramificação derradeira do conceito central, porque este defenderá com o mistério até que o homem seja menos malvado, menos propenso a fazer mau uso do saber e mais digno de olhar na face as coisas santas. Falo-vos de coisas eternas e não vos choque esta linguagem, para vós anticientífica; ela se mantém fora da psicologia que vosso atual momento histórico vos proporciona. Minha ciência não é como a vossa, ciência agnóstica, impotente para concluir; nem é ciência de um dia. Lembrai-vos de que a verdadeira ciência toca e mergulha nos braços do mistério: sagrado, santo e divino. A verdadeira ciência é religião e prece, só pode ser verdadeira se também for fé de apóstolo e heroísmo de mártir.

A Lei é Deus. Ele é a grande alma que está no centro do universo. Não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração. Desse centro, Ele irradia e atrai, pois Ele é tudo: o princípio e suas manifestações. Eis como Ele pode — coisa inconcebível para vós — ser realmente onipresente.

É necessário esclarecer este conceito. Chegou o momento de retomar a idéia de que partimos, dos três aspectos do universo, para aprofundá-la.

A esses três aspectos correspondem três modos de ser do universo.

A *estrutura* ou forma, o *movimento* ou vir-a-ser, o *princípio* ou lei, podem também denominar-se:

Matéria Energia Espírito

ou também, movendo-se no sentido inverso:

Pensamento Vontade Ação.

Do primeiro modo de ser, que é:

Espírito Pensamento Princípio ou Lei

deriva o segundo, que é:

Energia Vontade Movimento ou vir-a-ser

e do segundo, o terceiro que é:

Matéria Ação Estrutura ou forma.

Esses três modos de ser estão coligados por relações de derivação recíproca. Para tornar mais simples a exposição, reduziremos esses conceitos a símbolos. A idéia pura, o primeiro modo de ser do universo, a que chamaremos espírito, pensamento, Lei, que representaremos com a letra α (alfa); condensa-se e se materializa, revestindo-se com a forma de vontade, concentrando-se em energia, exteriorizando-se no movimento, segundo modo de ser que representaremos com a letra β (beta); num terceiro tempo, passamos (em virtude de mais profunda materialização ou condensação, ou exteriorização), ao modo de ser que denominamos matéria, ação, forma, isto é, o mundo de vossa realidade exterior, representaremos com a letra γ (gama).

O universo resulta constituído por uma grande onda que, de α, o espírito, (puro pensamento, a Lei que é Deus) caminha para um devenir contínuo, movimento feito de energia e vontade (β) para atingir seu último termo, γ, a matéria, a forma. Dando ao sinal $\rightarrow$ o sentido de "vai para", poderemos dizer: $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$.

O espírito, α, é o princípio, o ponto de partida dessa onda; γ, a matéria, é o ponto de chegada. Mas compreendereis, qualquer movimento, se ampliado constantemente numa só direção, deslocaria todo o universo (em sentido lato, não apenas espacial), com acúmulos de um lado e vazios, de outro, proporcionais e definitivos. Então é necessário, para manter o equilíbrio, que a grande onda de ida seja compensada por outra onda equivalente de volta. Isso é também lógico e se realiza em virtude de uma lei de complementaridade, pela qual cada unidade é metade de outra unidade mais completa. O movimento que existe no universo não é jamais um deslocamento unilateral, efetivo e definitivo, mas é a metade de um ciclo que retorna ao ponto de partida, após haver cumprido determinado devenir, uma vibração de ida e volta, completa em sua contraparte inversa e complementar.

A esse movimento descêntrico que vimos, a expansão e a exteriorização, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, segue-se então um movimento concêntrico inverso: $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Há , pois, o movimento inverso, pelo qual a matéria se desmaterializa, desagrega-se e expande-se em forma de energia, vontade, movimento; é um tornar-se, que por meio das experiências de infinitas vidas, reconstrói a consciência ou espírito. Aqui, o ponto de partida é γ, a matéria, e o ponto de chegada é α, o espírito. Assim, a espiral, que antes era aberta, agora se fecha; a pulsação de regresso completa o ciclo iniciado pelo de ida.

Este é o conceito central do funcionamento orgânico do universo. A primeira onda refere-se à criação, à origem da matéria, à condensação das nebulosas, à formação dos sistemas planetários, do vosso sol, do vosso planeta, até à condensação máxima. A segunda onda, de regresso, é a que vos interessa e viveis agora, refere-se à evolução da matéria até às formas orgânicas, à origem da vida; com a vida, tem-se a conquista de uma consciência cada vez mais ampla, até a visão do Absoluto. É a fase de regresso da matéria que, por meio da ação, da luta, da dor, reencontra o espírito e volta à idéia pura, despojando-se, pouco a pouco, de todas as cascas da forma.

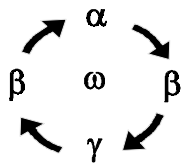
Estas simples indicações já esboçam a solução de muitos problemas científicos, como o da constituição da matéria, ou como o da possibilidade de, por desagregação, extrair dela, como de imenso reservatório, a energia, que não seria senão a passagem de $\gamma \rightarrow \beta$. A energia atômica que procurais, existe, e a encontrareis[6].

Estes apontamentos projetam a solução de muitos complexos problemas morais. Diante da grande caminhada que seguis está escrita a palavra *evolução* e a ciência não pôde deixar de vê-la, mas apenas a vislumbrou nas formas orgânicas e não em toda sua imensa vastidão. Vosso ciclo poderia definir-se como um físio-dínamo-psiquismo. A fórmula é $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$.

9 . A GRANDE EQUAÇÃO DA SUBSTÂNCIA

Os dois movimentos $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ e $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ coexistem, portanto, continuamente, no universo, em um contínuo equilíbrio de compensação. Evolução e involução. A condensação das nebulosas e a desagregação atômica são nascimento e morte numa direção, morte e nascimento em outra. Nada se cria, nada se destrói, mas tudo se transforma. O princípio é igual ao fim.

Querendo exprimir essa coexistência, poderemos reunir as fórmulas dos dois movimentos, semiciclos complementares, numa fórmula única que representa o ciclo completo:



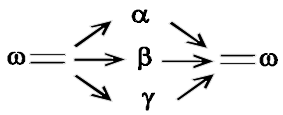
Mas definamos, ainda melhor, o conceito orgânico do universo, não mais considerando-o em seu aspecto dinâmico de movimento, mas em seu aspecto estático, no qual, mais que o transformismo dos três termos, ressalta sua equivalência. Em seu aspecto estático, as fórmulas tornam-se uma só fórmula, que denominaremos a "*Grande Equação da Substância*", ou seja:

$$(\alpha = \beta = \gamma) == \omega$$

A letra ω (ômega) representa o universo, o todo.

Este é o conceito mais completo de Deus, ao qual só agora chegamos: a grande Alma do universo, centro de irradiação e de atração; Aquele que é tudo, o Princípio e suas manifestações. Eis o novo monismo que sucede ao politeísmo e ao monoteísmo das eras passadas.

Chamei àquela fórmula, a grande equação da substância, porque exprime as várias formas que a substância assume, embora sempre permanecendo idêntica a si mesma. Poderemos exprimir melhor o conceito com uma irradiação tríplice:



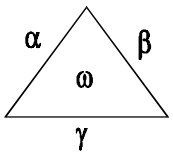
Dessas expressões ressalta um fato capital. Sendo α,β,γ, três modos de ser de ω, este se encontra em todos os termos, inteiro, completo, perfeito, total, em todos os momentos. Tal é ω em qualquer de seus modos de existência, assim o reencontraremos sempre em todo o seu infinito devenir.

Assim, a equação da substância sintetiza o conceito da Trindade, isto é, da Divindade una e trina, que já vos foi revelado sob o véu do mistério, e encontrais nas religiões.

A Lei, de que falamos, é o pensamento da Divindade, seu modo de ser como Espírito. O pensamento, concomitantemente vontade de ação, energia que realiza, tornar-se que cria, constitui seu segundo modo de ser, onde a criação se manifesta, nascendo daquilo a que chamais nada. Uma forma de matéria em ação é seu terceiro modo de ser; é a criação que existe, o universo físico que vedes. Três modos de ser distintos e, no entanto, idênticamente os mesmos.

Assim ω é o Todo, no particular e no conjunto, no átimo e na eternidade: em seu aspecto dinâmico é tornar-se, eterno no tempo, de $\alpha \rightarrow \gamma$ e de $\gamma \rightarrow \alpha$, sem princípio nem fim; mas o tornar-se volta sobre si mesmo, é imobilidade, em que $(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$. Ele é o relativo e o absoluto, é o finito em que se pulveriza o infinito, o infinito em que o finito se recompõe; é abstrato e concreto, é dinâmico e estático, é análise e síntese, é tudo.

A imensa respiração de ω: $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$... etc., também poderia representar-se com um triângulo, ou seja, como uma realidade fechada em três aspectos:



Quando vossa ciência observa os fenômenos da criação, apenas tenta descobrir novo artigo da Lei; mas em qualquer lugar encontrou e encontrará, coexistindo, os três modos de ser de ω. A cada novo pensamento revelado, a ciência realizará uma nova aproximação de vossa mente humana em direção à idéia da Divindade. Também a ciência pode ser sagrada como uma oração, como uma religião, se for conduzida e compreendida com pureza de espírito.

Tudo o que vos disse é a máxima aproximação da Divindade que vossa mente pode suportar hoje. É muito maior que as precedentes, mas não é a última no tempo. Contentai-vos por enquanto. Ela vos diz que sois consciências que despertam, almas que regressam a Deus. É a concepção bíblica do Anjo decaído que reaparece; é a concepção evangélica do Pai, do Filho e do Espírito; é a concepção que coincide com todas as revelações do passado, também com vossa ciência e com vossa lógica; é a concepção de Cristo que, pela dor, vos redimiu. Muitas coisas ainda existem, mas para vós, hoje, por enquanto, permanecem no inconcebível. O universo é um infinito e vossa razão não constitui a medida das coisas.

Não ouseis olhar a Divindade mais de perto, nem definir mais além, considerai-a antes como um resplendor ofuscante que não podeis olhar. Considerai cada coisa que existe e vos cerca como um raio de seu esplendor que vos toca. Não reduzais a Divindade a formas antropomórficas, não a restringeis em conceitos feitos à vossa imagem e semelhança. Não pronuncieis Seu Santo Nome em vão. Seja Deus vossa mais alta aspiração, tal como o é de toda a criação. Não vos dividais entre ciência e fé, entre as diversas religiões, com o único intuito de encontrá-Lo. Ele está, acima de tudo, dentro de Vós. No profundo dos caminhos do coração como nos do intelecto, sempre Deus vos espera para retribuir-vos o amplexo que vós, mesmo sendo incrédulos, em vossa agitação confusa e convulsiva, irresistivelmente Lhe lançais, pelo maior instinto da vida.

10. ESTUDO DA FASE MATÉRIA (γ) — A DESINTEGRAÇÃO ATÔMICA

Vimos que a respiração de ω é: ...α →β →γ →β →α... sem limites de espaço, sem princípio nem fim.

Foi essa imensa respiração do universo, cujo princípio enunciamos, que agora observaremos analiticamente, sobretudo em sua pulsação de retorno, γ→β, que vosso mundo está vivendo.

Começaremos por γ, a fase matéria, de maior condensação da substância, a fim de atingir a fase β, energia. Examinaremos posteriormente o período β→α, o que mais vos interessa, pois compreende o trajeto de vossas vidas, cujo objetivo e meta é a reconstrução da consciência e a libertação do princípio α, o espírito. Para α, essa suprema realidade do espírito, quero conduzir-vos, não mais pelos caminhos da fé, mas pelas sendas da ciência. Deus, compreendido como Espírito, α, é o ponto de partida e de chegada do transformismo fenomênico, é a meta do ser. Depois das descobertas da desintegração do átomo, inexaurível fonte de energia, e de transformação da individualidade química pela explosão atômica, a descoberta da realidade do espírito é a maior descoberta "científica" que vos aguarda e revolucionará o mundo, iniciando uma nova era.

Chegareis, disse-vos, a produzir energia por *desintegração atômica*, ou seja, a transformar matéria em energia.

Conseguireis penetrar com vossa vontade na individualidade atômica, produzindo alterações em seu sistema. Mas lembrai-vos: o triunfo não será apenas o de um método indutivo e experimental, nem trará somente repercussões de ordem material; tampouco significará só vantagens imediatas e práticas, mas será grande problema filosófico que resolvereis e que orientará de maneira totalmente nova vosso espírito científico. Até agora, a humanidade viveu num mundo de matéria. Tínheis o vosso referencial de imobilidade. "*Terra autem in aeternum stabit, quia terra autem in aeternum stat*" ("A terra, porém, estará parada eternamente, porque a terra está eternamente parada"). A verdade tinha que ser um absoluto. Com a nova civilização mundial que está por surgir, a humanidade viverá agora num mundo dinâmico.

Vossa nova matéria — o ponto sólido em que baseareis vossas construções materiais e conceptuais — será a energia. Vosso elemento será o movimento, e sabereis encontrar nele o próprio equilíbrio estável, que até agora não sabíeis encontrar senão na forma menos evoluída, a matéria. No campo do pensamento, também a verdade será um movimento, um relativo que evolui, uma verdade progressiva, e não o ponto fixo e inerte do absoluto; é a trajetória do ponto que avança, um conceito muito mais vasto e proporcional ao novo grau de progresso que será atingido por vosso pensamento.

Ao enfrentar o problema da desintegração atômica, tende presente outro fato. Ao assaltardes o íntimo equilíbrio do sistema atômico para alterá-lo, vós vos encontrareis diante de uma individuação da matéria fortemente estabilizada durante incontáveis períodos de evolução. Viveis num ponto relativamente velho do universo e vossa Terra representa o período γ, não no início, em sua primeira condensação, ainda próxima da energia, mas no fim, ou seja, no princípio de sua fase oposta, a desagregação, o regresso a β. Estais, assim, diante da matéria que opõe o máximo da resistência, porque está no grau máximo de estabilidade e coesão. Os incomensuráveis períodos de tempo que a trouxeram à sua atual individuação atômica, representam um impulso imenso, uma invencível vontade de continuar existindo na forma adquirida, por um princípio universal de inércia que, na Lei, impõe a continuação de trajetórias iniciadas, constituindo a garantia de estabilidade das formas e dos fenômenos. Lembrai-vos

de que estais querendo violar uma individuação da Lei, a qual sempre se manifesta por individuações inconfundíveis, que assumem a mais enérgica e decidida vontade de não deixar-se alterar. Para alcançardes êxito, não violeis a Lei, segui-a. Seguindo a corrente, ser-vos-á fácil o caminho. Em vossa fase de evolução, a Lei vos abre o caminho, através da passagem $\gamma \rightarrow \beta$, e não de $\beta \rightarrow \gamma$. Em outras palavras, o problema da desintegração atômica é solúvel para vós, não nas formas mais longínquas e menos acessíveis da condensação das nebulosas, mas naquelas da desintegração das substâncias radioativas. Os raios α e os raios β e todos os fenômenos relativos ao rádio e aos corpos radioativos, já os tendes espontaneamente debaixo dos olhos. O estudo que faremos da série estequiogenética vos dará um conceito mais exato de tudo isto.

11. UNIDADE DE PRINCÍPIO NO FUNCIONAMENTO DO UNIVERSO

Torna-se difícil reduzir à forma linear de vosso pensamento e de vossa palavra, a unidade global do todo que sinto como uma esfera instantaneamente completa, sem sucessividade. Levai em conta, pois, a forma na qual me devo exprimir, que restringe e diminui o conceito; somente aquela faculdade da alma, a intuição, de que vos falei, poderia traduzi-lo para vós sem distorções. Capacitai-vos de que, embora minha exposição seja progressiva, o universo contém, a cada instante, cada uma e *todas* as fases do transformismo. A cada instante ele é *todo*, completo e perfeito em todos os seus períodos de ida e volta. Não é $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ de um lado, e depois $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ de outro; mas em todos os lugares e a cada momento, existe uma fase desse transformar-se, de tal modo que ele existe concomitantemente *todo* onde quer que seja, de forma *que o absoluto não se divide, mas se encontra sempre todo, a si mesmo, no relativo*. Deus está, assim onipresente em cada manifestação. Se assim não fora, como vos seria possível a observação dos fenômenos que, certamente, não teriam podido esperar na eternidade para existir e mostrar-se a vós, exatamente no instante em que também nascestes e se desenvolveram em vós os sentidos e uma consciência que se dirige a Ele? Grande diferença há entre o sujeito deste tratado, que observa o infinito, e vosso olhar intelectivo, que só abarca o finito, isto é, um ou alguns pormenores particulares e, sucessivamente, jamais o todo instantaneamente. Vossa razão só pode dar-vos um ponto de vista do universo, porque sois relativos, ou seja, sois um ponto que olha para todos os outros pontos. Mas os pontos são infinitos e vós fazeis parte deles; vós olhais e sois olhados; o universo olha para si mesmo de pontos infinitos. Apenas o olho de Deus pode ter essa visão global e tenho de reduzi-la muitíssimo, para levá-la à medida de vossa mente. Vede: é exatamente esta que limita minha revelação.

Um fato, porém, nos ajudará: o universo é regido por um *princípio único*. Já afirmei que o universo não é nem caos nem acaso, mas suprema ordem: a Lei. Chegou agora o momento de afirmar que a Lei significa não apenas, como disse, ordem, equilíbrio e precisão de funcionamento, mas acima de tudo significa *unidade de princípio*. Por isso disse: *Monismo*. O princípio da trindade da substância, que vos expus, é universal e único: poderá pulverizar-se numa série infinita de efeitos e de casos particulares, mas ele permanece e o encontrareis em toda parte, em sua forma estática de individuação, α, β, γ, em sua forma dinâmica de transformismo que segue o caminho: ... $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$... Aqui três exemplos:

Primeiro. O microcosmo está construído como o macrocosmo. O átomo é um verdadeiro sistema planetário, com todos os seus movimentos, em cujo centro está um sol, o núcleo central, de densidade máxima, em redor do qual giram, seguindo uma órbita semelhante à planetária, um ou mais elétrons, segundo a natureza do sistema, é isso que define o átomo e lhe dá sua individuação química. Vosso sistema solar, com todos os seus planetas, poderia considerar-se o átomo de uma química astronômica, cujas combinações e reações produzem essas nebulosas que vedes aparecer e desaparecer nos confins de vosso universo físico.

Quando, no espaço, um sol, como qualquer núcleo com seu cortejo planetário, encontra-se com outro sol ou núcleo e seu cortejo planetário, o resultado é sempre o mesmo: a formação de nova individuação, quer seja sistema cósmico ou químico. No primeiro caso se individuará novo vórtice, novo "Eu" astronômico, que se desenvolverá segundo uma linha, a espiral que — vê-lo-emos — é a trajetória típica de desenvolvimento de todos os movimentos fenomênicos. No segundo caso nascerá, pelo choque dos núcleos e pela emissão de elétrons do sistema, novo indivíduo atômico. Se isso ainda não apareceu em vosso relativo, vós o chamais de criação.

Segundo. O princípio de que o universo se compõe, dividindo-se e reunindo-se, de duas metades inversas e complementares, é geral e único. Tudo o que existe tem seu inverso, sem isto, é incompleto. O sinal -, complementar do sinal +, próprio da energia elétrica, o encontrais no átomo, composto de um núcleo estático e positivo, e de elétrons, dinâmicos e negativos; e também na divisão sexual animal e em todas as manifestações da personalidade humana.

Terceiro. O homem é feito verdadeiramente à imagem e semelhança de Deus, no sentido em que compreende em si e constitui, numa unidade, os três momentos α, β, γ. O homem é um corpo, estrutura física, que se apóia numa armação esquelética que pertence ao reino mineral γ, sobre a qual se eleva o metabolismo rápido da vida, a troca (vida vegetativa, ainda não consciência), dinamismo que é β. O produto último da vida é a consciência, nascida daquele dinamismo e em contínuo desenvolvimento, por meio de um trabalho contínuo e intenso de provas e experiências produzidas por choques, não mais cósmicos ou moleculares, mas psíquicos.

Essa *unidade de conceito* é a mais evidente expressão do *Monismo* do universo e da presença universal da Divindade. Na infinita variedade das formas, sempre ressurge o mesmo princípio idêntico, com nomes e em níveis diferentes. Assim, no nível γ temos a gravitação; no nível β temos o que denominamos simpatia; no nível α, amor. Eles constituem a mesma lei de atração, que

vincula as coisas e os seres e os sustenta como organismo, numa rede de contínuas relações e trocas, tanto no mundo da matéria quanto no da consciência.

12. CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA — UNIDADES MÚLTIPLAS

Comecemos, pois, por analisar o *fenômeno matéria*, γ, que tomaremos como ponto de partida, relativo a vós. Observá-lo-emos de um ponto de vista estático, em suas características típicas de determinada individuação da Substância e, também, de um ponto de vista dinâmico, como o devenir da corrente do transformismo da Substância, que vindo da fase γ, regresse à fase β. Na realidade, os dois aspectos fundem-se. O contínuo frêmito de movimento com o qual a Substância vibra, leva-a a individuar-se diversamente. Este estudo vos mostrará sempre aspectos novos do Princípio Único, novos artigos da mesma Lei.

Sob o ponto de vista *estático,* apresenta-se-nos a matéria diversamente individuada, de acordo com a sua construção atômica. O estudo dessa construção vos revelou, na Terra, a presença de 92 elementos ou corpos simples, que vão do Hidrogênio (H) ao Urânio (U). São indivíduos químicos indecompostos em simples unidade atômica, que formam toda a vossa matéria, reagrupando-se nas unidades moleculares, organismos ainda mais complexos, produzidos pela fusão de vários sistemas atômicos (por exemplo, o sistema atômico H, na unidade molecular H2O), organizando-se afinal naquelas coletividades moleculares, verdadeiras sociedades de moléculas, que são os cristais. Estes, embora reduzidos a massas de indivíduos cristalinos informes, como vos aparece nas estratificações geológicas, ou nas rochas clásticas ou fragmentárias, conservam sempre a íntima orientação molecular e constituem a estrutura de vosso planeta e dos planetas do sistema solar. É um crescendo, no organizar-se em unidades coletivas cada vez mais vastas, semelhante ao de vossa consciência individual, que se coordena na mais vasta consciência coletiva nacional e, depois, na mundial.

Procedendo no sentido inverso, o átomo é uma coletividade decomponível em unidades menores. O átomo é composto de um ou mais elétrons, que giram em redor de um núcleo central; o que individualiza o átomo e o distingue é justamente o número desses elétrons que giram em torno do núcleo. Tendes, assim, 92 espécies de átomos, desde o hidrogênio, que é o mais simples, composto de um núcleo e de um só elétron que gira em torno dele; o Hélio (He), que o segue, composto de um núcleo e de dois elétrons; o Lítio (Li) com três, e assim por diante até o Urânio (U), com 92 elétrons. Sobre essa base, construiremos uma série estequiogenética.

Tocamos, desde logo, em novo aspecto ou artigo da Lei, o *das unidades múltiplas ou coletivas*. Então, não há apenas ordem, não somente unidade de princípio na Lei, mas há também, individuação constante, segundo tipos bem definidos, em cada uma de suas manifestações. É tendência constante, à proporção que a diferenciação multiplica tipos (a pulverização do absoluto no relativo), o seu reagrupamento em unidades mais vastas, que reconstroem a unidade fragmentada no particular.

O impulso centrífugo equilibra-se, pois, invertendo-se em tendência centrípeta; na dispersão e concentração, no multiplicar-se dividindo-se, no reagrupar-se reunindo-se, a substância se reencontra sempre, completa em si mesma. A imensa respiração de ω é, também, completa em si mesma, voltando sobre si. Assim, o universo contempla seu próprio processo de autocriação.

Disse que os elétrons giram em redor do núcleo. Ora, nem mesmo o núcleo é o último termo; em breve, aprendereis a decompô-lo. Porém, por mais que procureis o último termo, jamais o encontrareis, porque ele não existe. Nesta pesquisa, dirigida para o âmago da matéria, acompanhais o caminho descendente que ω percorreu, de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, e tereis de encontrar β, isto é, a energia da qual nasceu a matéria e à qual veremos regressar em seu caminho ascensional, que a reconduz a β.

13. NASCIMENTO E MORTE DA MATÉRIA — CONCENTRAÇÃO DINÂMICA E DESAGREGAÇÃO ATÔMICA

Aprofundemos, pois, *o problema do nascimento e da morte da matéria*, depois (entre esses dois extremos) o da evolução de suas individuações, isto é, o de sua vida.

Pode definir-se a matéria como uma forma de energia, isto é, um modo de ser da substância, que nasce da energia por condensação ou por concentração e regressa à energia por desagregação, após haver percorrido uma série evolutiva de formas cada vez mais complexas e diferenciadas, que reencontram a unidade em reagrupamentos coletivos.

A matéria nasce, vive e morre, para renascer, reviver e tornar a morrer, tal como o homem, eternamente, descendo de β a γ e voltando a β, quando o vórtice interior, por ter atingido o máximo de condensação dinâmica, não mais pode suportá-la e se

quebra. Assistamos, então ao fenômeno da desagregação da matéria, a que chamais *radioatividade*, própria dos corpos velhos, com peso atômico maior, seu máximo de condensação. Assim, o átomo representa uma quantidade enorme, uma mina de energia condensada, que podereis libertar, perturbando o equilíbrio interno do sistema núcleo-eletrônico do átomo.

O significado da palavra *condensação* só pode ser compreendido se reduzirmos a energia à sua expressão mais simples (isto também vale para a substância): o movimento. Condensação de energia é expressão demasiadamente sensória. É melhor dizer concentração de energia, pois isso significa aceleração de movimento, de velocidade. Veremos melhor essa essência do fenômeno no estudo do íntimo mecanismo do transformismo fenomênico.

Vemos, todavia, que toda a estrutura planetária do átomo nos fala de energia e de velocidade. Logo que observamos, em profundidade, o fenômeno matéria, esta se dissolve em sua aparência exterior e se revela em sua substância, a energia. O conceito sensório de solidez e de concreto desaparece diante do conceito de elétrons que giram, velocíssimos, em espaços ilimitados, proporcionalmente a seu volume, em redor de um núcleo incomensurávelmente menor. Assim a matéria, tal como a concebeis habitualmente, desvanece em vossas mãos, deixando-vos apenas sensações produzidas por algo que é apenas energia e determina um movimento que se estabiliza por sua altíssima velocidade. Eis a matéria reduzida à sua última expressão. Da mesma forma que o movimento é a essência da substância ω, assim também é o de cada um de seus aspectos: α, β, γ. Velocidade é energia , velocidade é matéria, velocidade é idêntica em sua substância, é o denominador comum que vos permite a passagem de uma à outra forma.

Coloquemos lado a lado estas duas formas da substância, matéria e energia. Aquecendo um corpo, transmitimos energia à matéria, isto é outra modalidade de energia. Somamos energia. O calor significa aumento de velocidade nos sistemas atômicos-moleculares. Quando dizemos que um corpo está mais quente, isto significa que seu movimento íntimo sofre um rápido aumento de velocidade. Então o calor infunde na matéria, como em todas as demais formas de vida, um ritmo mais intenso; é verdadeiro aumento de potência, um acréscimo de individualidade que, no mundo da matéria, expressa-se com a dilatação do volume. De imensa distância, o sol acende essa dança dos átomos e toda a matéria do planeta responde. A dança propaga-se de corpo em corpo, tudo o que lhe está perto o sente, participa, exulta. Os corpos condutores de energia são aqueles cujas moléculas são mais ágeis a realizar a corrida. O movimento, essência do universo, vai de uma coisa à outra, ávido de comunicar-se, como as ondas do mar, ávido de expandir-se. Dá-se sempre, pelo universal princípio do amor; fecunda e se dispersa depois de haver dado a vida, para reencontrar-se, recondensar-se ao longe, em todos os novos vórtices de criação. Os homens e as coisas, na Terra, arrebatam o mais que podem, tudo que chega do sol e o dividem entre si. O homem transforma esse movimento em outras formas de energia (já que nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma, sempre): luz, som, eletricidade, para suas necessidades. Mas o fenômeno é irresistível e a cada transformação há uma perda, um consumo, um desgaste, um atrito e um esforço para suprir isso (porque estais em fase de evolução = descentralização cinética). O fornecimento do sol renova-se continuamente; ele dá o que tem e em formas sempre novas, reconquistará tudo o que dá. Isso porque o movimento, substância do universo, é um ciclo que sempre volta e está fechado e completo em si mesmo.

14. DO ÉTER AOS CORPOS RADIOATIVOS

Assim, muitas nebulosas que vedes aparecer nos espaços sem um precedente visível, nascem por condensação de energia, a qual, após a imensa dispersão e difusão devida à contínua irradiação de seus centros, concentra-se, seguindo correntes, que guiam sua eterna circulação, em determinados pontos do universo. Aí, obedecendo ao impulso que lhe é imposto pela grande lei do equilíbrio, instala-se, acumula-se, retorna e se dobra sobre si mesma, compensando e equilibrando o ciclo inverso, já esgotado, da difusão que a guiara de uma coisa à outra, para animar e mover tudo no universo. De todas as partes deste, as correntes trazem sempre nova energia, o movimento torna-se cada vez mais intenso, o vórtice fecha-se em si mesmo, o turbilhão transforma-se em um verdadeiro núcleo de atração dinâmica. Quando ele não pode suportar mais em seu âmbito todo o ímpeto da energia acumulada, chega a um momento de máxima saturação dinâmica, a um momento crítico em que a velocidade torna-se massa, estabiliza-se nos infinitos sistemas planetários íntimos, do qual nascerá o núcleo, depois o átomo, a molécula, o cristal, o mineral, os amontoados solares, planetários, siderais. Da imensa tempestade nasceu a matéria. Deus criou.

Vedes que, em realidade, nenhuma das três formas, α, β, γ, conseguem isolar-se completamente; trazem em si sempre traços de suas fases precedentes. Assim, vedes que o pensamento apóia-se num suporte nervoso-cerebral, e que a matéria em si nos exprime sempre a idéia que a anima. A energia na fase de ida ou na de retorno, é sempre o traço-de-união entre α e γ; reveste todas as formas, tanto que em vosso baixo mundo, o pensamento só sabe existir com o apoio da energia e a energia permeia toda a matéria, agitando-a em formas infinitas; sobretudo, naquela fundamental, mãe de todas as outras, de energia gravífica ou gravitação universal.

O éter, que para vós é mais uma hipótese do que um corpo bem estudado, escapa às vossas classificações, porque quereis reconduzi-lo às formas de matéria que conheceis, enquanto é uma forma de transição entre matéria e energia. O éter, forma de transição entre β e γ, é, por sua vez, pai do Hidrogênio. É o filho das formas dinâmicas puras: calor, luz, eletricidade, gravitação, para a qual regressará a matéria por desa-gregação e radioatividade. As nebulosas condensam-se da fase éter, através das fases gás, líquido, sólido. Entre os sólidos, existem os corpos de peso atômico máximo, os mais radioativos, os mais velhos, como disse, aqueles que, por desagregação atômica, regressam à fase β.

15. A EVOLUÇÃO DA MATÉRIA POR INDIVIDUALIDADES QUÍMICAS — O HIDROGÊNIO E AS NEBULOSAS

Agora, que observamos o fenômeno do nascimento, vida e morte da matéria, vejamos γ ainda mais de perto, na *série das individuações* que ela assume em vosso planeta, a fim de definir a gênese sucessiva de suas formas, de algumas até desconhecidas de vós, e que vos indicarei, individuando-as em suas principais características, de modo que possais encontrá-las.

Estabelecemos que a fase γ engloba as individuações que vão do Hidrogênio ao Urânio. Vimos que conheceis 92: elas representam o ciclo que parte de β por condensação e volta a β por desagregação.

Como ponto de partida, tomemos o Hidrogênio, que representaremos, para abreviar, por H. Como vimos, é o corpo cujo átomo possui o sistema mais simples, com um só elétron. A isso corresponde um peso atômico 1,008. O peso atômico vai crescendo progressivamente, com o aumento proporcional do número dos elétrons nos sistemas atômicos dos corpos, até o Urânio, que representaremos por U, com peso atômico máximo de 238,2, correspondente a um sistema atômico de 92 elétrons.

H é o tipo fundamental, o protozoário monomolecular da química, assim como o carbono é o protozoário da química orgânica ou da vida.

H é o corpo simples, quimicamente indecomposto, tem peso atômico unitário; migra para o polo negativo (eletrólise); está na base da teoria das valências. Por valência, a química define a capacidade dos átomos de um corpo em vincular determinado número de átomos de H, ou a capacidade de se substituirem, nos diferentes compostos, ao mesmo número desses átomos. Em química, o peso atômico é dado pela relação entre o peso de um átomo de determinado corpo e o peso do átomo do Hidrogênio que, por ser o menor de todos, foi tomado como unidade de medida: H = 1. O peso molecular dos corpos é também dado, em química, em função do peso do átomo de Hidrogênio.

Que significa essa constante referência ao Hidrogênio, como unidade de medida da matéria, esse seu peso atômico mínimo, esse seu inflexível negativismo? Todos esses fatos convergem para o mesmo conceito: de que H é a matéria em sua mais simples expressão, é sua forma primitiva e originária da qual todas as outras se derivaram posteriormente, pouco a pouco, por evolução.

A esse mesmo conceito podemos chegar pela observação das *nebulosas*. Os espaços estelares, já o disse, a cada momento vos oferecem toda a série dos estados sucessivos que a matéria atravessa, desde suas formas mais simples até às mais complexas. A composição química dos corpos celestes podeis conhecê-la com exatidão, por meio da análise espectral. O espectroscópio vos diz que as nebulosas e as estrelas que emanam luz branca, isto é, os corpos celestes mais luminosos, mais quentes e mais jovens são compostos de poucos e simples elementos químicos. Seu espectro, mais extenso no ultravioleta, ou seja, mais quente, muitas vezes indica exclusivamente o Hidrogênio, sempre elementos de peso atômico baixo. Esses corpos são muito luminosos, de luz branca, incandescentes, desprovidos de condensações sólidas. Aí a matéria se apresenta em suas formas primordiais dinâmicas, ainda próximas de β, e se encaminha para as formas propriamente físicas, que a caracterizam em sua fase de γ. Ao contrário, as estrelas mais avançadas em idade apresentam emanações dinâmicas mais fracas, são vermelhas ou amarelas, como o vosso sol, menos quentes, menos luminosas, menos jovens, compostas de elementos químicos mais complexos, de maior peso atômico.

Então, se a análise espectral dos corpos celestes vos indica que luz e calor (dado pelo comprimento do ultravioleta) estão em razão inversa dos pesos atômicos e da complexidade dos elementos químicos componentes, em outras palavras, se os estados dinâmicos estão em razão inversa do peso atômico, medida do estado físico, isto significa inversão de estados dinâmicos em estados físicos, ou seja, a matéria é inversão da energia e vive-versa. Essa inversão é passagem do indistinto ao distinto, do simples ao complexo; em outras palavras, estais diante de uma verdadeira e própria evolução. Esse aumentar progressivo do peso atômico, paralelamente ao desaparecimento das fórmulas dinâmicas e à formação das espécies químicas e à sua diferenciação, corresponde ao conceito de condensação, de substância-movimento, de massa-velocidade, que já expusemos. É fácil compreender como, desde as formas primordiais, prevalentemente dinâmicas, até às mais densas concentrações de matéria — tal como as observais estabilizadas em vosso sistema solar, já velho como a matéria, em que a fase γ viveu e ω existe agora em estado de β que vai para α — só se pode passar por *evolução*.

O movimento dessa evolução vos aparece fixado em formas bem definidas. Se a continuidade é novo aspecto da Lei (não me cansarei de fazer que todos o observem a todo momento), essa continuidade tem paredes e vértices, nos quais o transformismo criou *individuações* nitidamente delineadas. A tendência do transformismo fenomênico de caminhar por individuações, é outra característica fundamental da Lei. Por isso, os corpos químicos têm, cada um deles, sua própria *individualidade*, rigorosamente definida. Um artigo da Lei diz: "Na constituição de um corpo químico bem definido, os componentes entram sempre em relação bem determinada e constante". Diz-nos esse artigo que os corpos químicos possuem uma *constituição individual*, perfeitamente determinada, proveniente dos elementos componentes que estão entre si em relação constante. A isto se poderia denominar a lei das espécies químicas. Sem essa individualidade que nos permite isolar, classificar e reconhecer os corpos, não seria possível a química moderna. Pode falar-se, no mundo da matéria, de indivíduos químicos, tal como na Zoologia e na Botânica, de indivíduos

orgânicos, no mundo humano, de "Eu" e de consciência. Em seus vastos aspectos de γ, β, α, a substância ω segue sempre a mesma lei. Assim também no mundo químico temos algo com uma personalidade, que é incoercível vontade de existir em sua própria forma, e reage a todos os agentes externos que pretendam alterá-la. A química delineia exatamente o *modo de comportar-se desses indivíduos químicos.*

Outro artigo da Lei diz: "Quando dois corpos, ao combinar-se entre si, podem dar origem a mais de um composto, as diferentes combinações são tais que, permanecendo constante a quantidade de um dos componentes, as quantidades do outro variam segundo relações bem definidas, ou seja, essas quantidades são todas múltiplos exatos do mesmo número".

Ainda um outro diz: "Todos os corpos simples, em suas reações, combinações, substituições recíprocas, agem segundo relações de peso representadas por números bem determinados e constantes para cada corpo, ou por múltiplos exatos desses números".

Assim a química pode individualizar, com exatidão, os corpos, fixando seu peso atômico, a fórmula de sua valência, definindo as reações próprias de cada corpo, estabelecendo o equivalente elétrico (+ ou -) e, com análise espectral, a luz equivalente. Em outras palavras, o equivalente dinâmico dos corpos.

Logo, a química, com a chamada teoria atômica e com a teoria das valências, pode definir, com exatidão matemática, as relações entre um indivíduo e outro.

16. A SÉRIE DAS INDIVIDUAÇÕES QUÍMICAS DO *H* AO *U*, POR PESO ATÔMICO E ISOVALÊNCIAS PERIÓDICAS

Dessa forma, baseando-vos sobre essa individuação, podeis estabelecer uma *gradação* de complexidade que, partindo do H, chegue até às fórmulas complexas dos produtos orgânicos. Podeis estabelecer uma *série química*, semelhante à escala zoológica, em que aos protozoários corresponderiam os corpos químicos simples, indecompostos; é uma série evolutiva que progride de forma em forma, de tipo em tipo, verdadeira *árvore genealógica das espécies químicas*, a cujo desenvolvimento podeis aplicar os conceitos darwiniano de evolução, variabilidade e até mesmo de hereditariedade e de adaptação. Gradações de formas aparentadas entre si, derivadas uma das outras, sujeitas à lei comum, que provêm da origem comum, da afinidade intrínseca, do mesmo caminho, da mesma meta, da mesma lei de transformismo e de evolução. Cada corpo simples que faz parte da série química não constitui um indivíduo isolado; são tipos em redor dos quais oscilam diferentes variedades, que poderão reunir-se em grupos, por afinidade, tal como no mundo zoológico. Quando vossa consciência tiver encontrado meios para agir, mais profundamente, na estrutura íntima da matéria, vereis multiplicar-se o número das espécies químicas compreendidas na mesma classe e o número das variedades da mesma espécie. Podereis, então, influir na formação das espécies químicas, como agora influís na formação de variedades biológicas vegetais e animais. Isto porque toda a matéria, mesmo aquela considerada bruta e inerte, é viva e sente, pode plasmar-se e obedece, quando atingida por um comando forte.

Estabeleçamos, pois, a *Série Estequiogenética*. No esquema que se segue estão resumidos os conceitos que passarei a analisar.

Tomando o *peso atômico* como índice do grau de condensação, podereis organizar um elenco dos corpos ainda indecompostos, denominados simples e obtereis uma *escala* que oferece características especialíssimas. Se observarmos as propriedades químicas e físicas de cada corpo, veremos que elas estão em estreita relação com pesos atômicos. Verificaremos que, à série dos pesos atômicos, não corresponde apenas uma série de individualidades químicas bem definidas, mas que isso ocorre de acordo com o ritmo de retornos regulares ao mesmo ponto de partida. Esse fato vos fará pensar de imediato como, por trás da série dos pesos atômicos, oculta-se um conceito mais substancial e profundo.

Se observarmos em cada corpo a característica da valência, isto é, a capacidade especial de cada átomo para unir-se a um ou mais átomos de Hidrogênio, veremos que essa valência se alinha com surpreendente regularidade segundo ordens de sete graus, que se repetem ininterruptamente do primeiro ao último elemento. A coluna das isovalências do quadro anexo vos mostra a repetição das mesmas valências à distância de sete períodos. Assim, têm as mesmas valências Lítio e Sódio, Berílio e Magnésio, Boro e Alumínio, Carbono e Silício, Nitrogênio e Fósforo, Oxigênio e Enxofre, Flúor e Cloro, corpos que são marcados com os mesmos números de valências. Mais exatamente, a graduação dessas valências sobe de um a quatro pela valência com o Hidrogênio, depois diminui para um, no número VII, e sobe progressivamente de um para sete para a valência relativa ao Oxigênio. Deste modo, temos, respectivamente, setenários compostos de monovalências, bivalências, trivalências, tetravalências e depois em sentido inverso: trivalências, bivalências e monovalências; e setenários compostos de monovalências, bivalências, trivalências, tetravalências, pentavalências, hexavalências, heptavalências. Temos, pois, períodos I-IV-I, que se sobrepõem exatamente nos períodos I-VII. O ritmo é evidente, expresso pela coluna das isovalências periódicas. Assim como o ritmo se repete, por exemplo, nos dias e nas estações, mas sempre num ponto diferente do espaço ocupado pelo planeta, também à distância de sete elementos, volta o ritmo da valência num ponto diferente. A cada sete elementos, temos uma repentina mudança de propriedades, depois um retorno regular ao ponto-de-partida. O que disse para a série, que começamos com o Lítio e com o Sódio, repete-se nas outras séries que começam com o Potássio, o Cobre, a Prata e assim por diante.

Esta conexão, entre as características de um corpo e sua localização na escala, permitiu que fosse dado a cada elemento um número próprio, para distingui-lo. Essa determinação, mesmo de acordo com vossa ciência, não é empírica, já que o número atômico pode ser sempre experimentalmente determinado, examinando-se os espectros dos raios X emitidos pelos diversos corpos,

quando em presença dos raios catódicos. A frequência vibratória das linhas desses espectros é proporcional ao quadrado do número atômico.

Baseado nesta exata determinação de lugar na escala, é possível estabelecer outras relações entre corpos, relações expressas pelas seguintes proporções: o Boro está para o Berílio, assim como o Berílio está para o Lítio; o Lítio está para o Sódio, assim como o Berílio está para o Magnésio e como o Boro está para o Alumínio; O Lítio está para o Magnésio, como o Berílio está para o Alumínio e como o Boro está para o Silício. São respectivamente proporcionais as passagens das propriedades de um corpo para as do outro.

Dessa maneira, temos o retorno periódico das mesmas características, embora repetidas em nível atômico diferente. Os volumes atômicos aumentam e diminuem, correspondendo às séries assinaladas na escala. As séries duplas são causadas justamente pelo aumento e pela diminuição dos volumes atômicos, fato regularmente verificado.

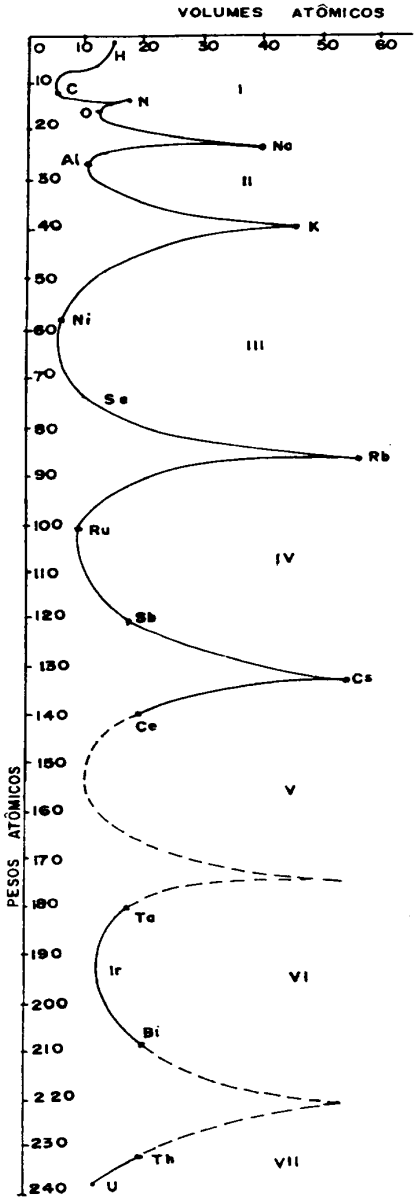
A representação gráfica vos demonstrará melhor esses conceitos. Tomando os pesos atômicos por base e por altura os volumes atômicos, podeis traçar uma linha que representa sete conchas, com seus máximos ou vértices relativos, que, por analogia com todo o seu traçado, indica a localização dos elementos, cujo volume atômico ignorais. Portanto, o volume atômico acompanha o andamento da escala dos pesos atômicos. Ele cresce e decresce, correspondendo aos vários setenários dos elementos, isto é, a cada oitava. Aliás compreende duas oitavas: uma ascendente e outra descendente. A oitava descendente inclui os corpos dúteis; a ascendente os corpos frágeis. Nos vértices, estão os corpos de fácil fusão ou gases, ao contrário, nos mínimos. As oitavas descendentes são eletro-positivas; as oitavas ascendentes são eletro-negativas. O mesmo podereis dizer de várias outras qualidades, como condutibilidade, compressibilidade, dureza. A classificação em série é resultado do comportamento dessas oitavas.

Eis, portanto, traçado um sistema estequiogenético, ou *árvore genealógica das espécies químicas*. Divisíveis em VII séries, a partir de S1 até S7, são os sete períodos de formação ou sucessiva condensação da matéria, também divisíveis em VII grupos, verdadeiras famílias naturais de corpos semelhantes, segundo as respectivas isovalências.

SÉRIE ESTEQUIOGENÉTICA

Série	Isovalências periódicas		Número Atômico	Peso atômico	Elementos
			1	1,008	Hidrogênio
		0	2	4,00	Hélio
		I	3	6,94	Lítio
		II	4	9,1	Berílio
		III	5	11,0	Boro
S_1 ...	I	IV	6	12,005	Carbono
		V	7	14,01	Nitrogênio
		VI	8	16,01	Oxigênio
		VII	9	19,0	Flúor
		0	10	20,0	Neônio
		I	11	23,00	Sódio
		II	12	24,32	Magnésio
		III	13	27,1	Alumínio
S_2 ...	II	IV	14	28,3	Silício
		V	15	31,04	Fósforo
		VI	16	32,06	Enxôfre
		VII	17	35,46	Cloro
		a 0	18	38,88	Argônio
		a I	19	39,10	Potássio
		a II	20	40,07	Cálcio
		a III	21	44,1	Escândio
		a IV	22	48,1	Titânio
		a V	23	51,0	Vanádio
		a VI	24	52,0	Crômio
		a VII	25	54,93	Manganês
S_3 ...	III	—	26	55,84	Ferro
		—	27	57,97	Cobalto
		—	28	58,68	Níquel
		b I	29	63,57	Cobre
		b II	30	65,37	Zinco
		b III	31	69,9	Gálio
		b IV	32	72,5	Germânio
		b V	33	74,96	Arsênio
		b VI	34	78,96	Selênio
		b VII	35	79,92	Bromo
			36	82,92	Criptônio
		a 0	37	85,45	Rubídio
		a I	38	87,63	Estrôncio
		a II	39	88,7	Ítrio
		a III	40	90,6	Zircônio
		a IV	41	93,5	Nióbio
		a V	42	96,0	Molibdênio
		a VI	43	——	——
		a VII	44	101,7	Rutênio
S_4 ...	IV	—	45	102,9	Ródio
		—	46	106,7	Paládio
		—	47	107,88	Prata
		b I	48	112,40	Cádmio
		b II	49	114,8	Índio
		b III	50	118,7	Estanho
		b IV	51	120,2	Antimônio
		b V	52	127,5	Telúrio
		b VI	53	126,92	Iodo
		b VII			

	V a	0	54	130,2	Xenônio
		I	55	132,81	Césio
		II	56	137,37	Bário
		III	57	139,0	Lantânio
		IV	58	140,25	Cério
		V	59	140,9	Praseodímio
		VI	60	144,3	Neodímio
		VII	61	——	——
S_5 ...	V b	I	62	150,4	Samário
		II	63	152,0	Európio
		III	64	157,3	Gadolínio
		IV	65	159,2	Térbio
		V	66	162,5	Disprósio
		VI	67	163,5	Hólmio
		VII	68	167,7	Érbio
	VI a	I	69	168,5	Túlio
		II	70	173,5	Itérbio
		III	71	175,0	Lutécio
		IV	72	—	—
		V	73	181,5	Tântalo
		VI	74	184,0	Tungstênio
		VII	75	—	—
		—	76	190,9	Ósmio
S_6 ...		—	77	193,1	Irídio
		—	78	195,2	Platina
	VI b	I	79	197,2	Ouro
		II	80	200,6	Mercúrio
		III	81	204,0	Tálio
		IV	82	207,2	Chumbo
		V	83	208,0	Bismuto
		VI	84	210,0	Polônio
		VII	85	—	—
	VII	0	86	222,4	Radônio
		I	87	—	—
		II	88	226,0	Rádio
S_7 ...		III	89	228,4	Actínio
		IV	90	232,4	Tório
		V	91	234,5	Protactínio
		VI	92	238,2	Urânio



..... linhas dos elementos desconhecidos

Diagrama da Série Estequiogenética nas páginas 50 e 51

17. A ESTEQUIOGÊNESE E AS ESPÉCIES QUÍMICAS DESCONHECIDAS

Este estudo que vou desenvolvendo para atingir conclusões de ordem filosófica e moral, de significado muito mais alto, pode também ter importância prática para vossa ciência, pois vos oferece a *possibilidade de definir, a priori, elementos que ainda desconheceis*; e isso não empiricamente, por tentativas, mas sistematicamente, prevendo, com exatidão, a direção a dar a vossas pesquisas. O esquema vos revela que, em certos pontos, há corpos que descobrireis, com as características indicadas pelo gráfico. Não importam os nomes. Os corpos estão lá, já definidos e descritos. Procurai-os e os achareis. Dir-vos-ei mais: pelo que já conheceis experimentalmente, sabendo-se que o universo é Lei e organismo, podereis delinear o andamento de um fenômeno, pela simples aplicação analógica do conceito fundamental que o governa, isto é, da linha de seu desenvolvimento, mesmo em seus períodos desconhecidos.

Utilizai este conceito monístico que vos trago — da unidade de princípio de todo o universo — não apenas no campo moral, mas também no científico; encontrai este princípio de analogia que existe em todas as coisas e ele infalivelmente vos guiará, permitindo-vos determinar a priori, antes da observação e da experiência, o desconhecido e defini-lo, descobri-lo e conhecê-lo. Não foi assim que descobristes o Escândio, o Gálio, o Germânio? O Escândio está no Grupo III, à distância exata de duas oitavas do Boro, o Gálio está no mesmo Grupo, um pouco mais distante na escala, e na mesma distância de duas oitavas do Alumínio; o Germânio está no Grupo IV, na mesma distância de duas oitavas do Silício, que se encontra no mesmo Grupo. Este mesmo sistema vos guiou à descoberta dos gases nobres, quimicamente inertes, contidos no ar, isto é, o Neônio, o Criptônio, o

Xenônio. Estes pertencem ao Grupo 0, ou seja, ao Grupo do Argônio. Conseguistes preparar o Radônio (emanação do Rádio), da mesma família 0. De fato, esses elementos estão no esquema, incluídos no grupo do Argônio, 0, (com valência zero) como todos os outros. Assim por diante, também no campo astronômico, onde o cálculo de uma lei exata vos permitiu individualizar, em determinado ponto e instante, um corpo com características determinadas, até ser encontrado, de fato. Já vedes como o edifício, que a razão é capaz de construir, pode antecipar a observação direta; essa é apenas a caminhada vulgar de um pensamento que sempre se apóia nos fatos. Imaginai a que descobertas podereis rapidamente chegar, quando *os problemas científicos forem enfrentados por intuição*, como vos disse. Aliás as verdadeiras e grandes descobertas foram todas lampejos de intuição de gênio, o super-homem do futuro que, saltando além das formas racionais de pesquisa, antecipa as formas intuitivas da humanidade futura. Os grandes saltos para frente foram dados pelo homem, nunca experimentalmente, nunca racionalmente, mas por intuição, verdadeiro e grande sistema de pesquisa do futuro. Enquanto a evolução não trouxer à luz essa nova maturação biológica, seja a vossa razão na pesquisa científica dirigida pela minha afirmativa de que o universo é todo regido por conceitos harmônicos, analógicos, reduzíveis a princípios cada vez mais simples e sintéticos. Uma vez compreendido o conceito gerador de um processo fenomênico e seu ritmo, qualquer que seja sua altura na escala das formas do ser, ampliai com segurança esse conceito e esse ritmo, mesmo onde ainda falta o conhecimento objetivo. De γ a α é idêntica a lei de evolução, é contínua a linha de desenvolvimento, o princípio é único. Este conceito vos permitirá sempre individuar, a priori, as formas intermediárias que ω, a substância, atravessa em seu contínuo transformar-se.

Resumindo, podemos, pois, dizer que observamos as formas do estágio físico da substância (γ = matéria), que vão do H ao U, segundo pesos atômicos crescentes, formas que reagrupamos em VII grandes séries sucessivas de condensação e VII grandes famílias naturais de isovalências. Somente aparece pequena anomalia, essa também periódica, de três corpos que interrompem a progressão das isovalências. Essa interrupção é como uma breve estase e de modo algum perturba o andamento do fenômeno, pois, a estase é rítmica e reaparece em períodos regulares. No esquema gráfico, as estases, nos fundos das conchas, são obtidas pelos volumes atômicos mais baixos.

18. O ÉTER, A RADIOATIVIDADE E A DESAGREGAÇÃO DA MATÉRIA ($\gamma \rightarrow \beta$)

Nas duas extremidades da série, temos H e U. Esses dois elementos individualizam as duas formas extremas da fase γ. Que outras individualizações encontramos *além dessas*? A escala evidentemente "deve" estender-se além das formas que vos mostra a evolução terrestre. Vimos que, antes de H, temos o éter, forma da qual voltaremos a falar, intermediária entre β e γ. Vejamos agora a que formas tende a progressão evolutiva de U.

Vimos que o hidrogênio é o elemento constitutivo dos corpos jovens: nebulosas, estrelas brancas, quentes, de espectro extenso ao ultravioleta, como Sírio e α da Lira. O Urânio, ao invés, é o elemento constitutivo dos corpos velhos, mais adiantados na evolução e que, portanto, puderam produzir elementos mais densos (peso atômico maior) e mais diferenciados. O Urânio se nos apresenta com características todas especiais. É o elemento que tem o peso atômico mais alto (238,2) e é o último termo do último grupo da série estequiogenética. Este grupo é, precisamente, o dos corpos radioativos. Entre eles, considerais o Urânio como a substância-mãe do Rádio, tanto que a quantidade de Rádio contida num mineral é dada pela quantidade de Urânio que o compõe. Nos corpos celestes mais velhos que a Terra, agruparam-se, por evolução, formas de peso atômico maior e de radioatividade invulgar. De fato, a radioatividade é uma qualidade que só aparece nos elementos do último grupo. Pois bem, sabeis que essa é uma forma de desagregação da matéria, pelo que haveis de comprovar este estranho fenômeno: com o aumento do peso atômico, ou seja, do grau de condensação da matéria, aumenta essa radioatividade, que na matéria, é mais relevante exatamente em sua última forma. Então, a condensação leva à *radioatividade*, isto é, à desagregação. Portanto, a matéria (γ), derivada de β por condensação, atinge um máximo de condensação em seu processo de descida involutiva, até às formas de peso atômico máximo, retorna sobre seu caminho, invertendo a direção na forma de ascensão evolutiva, e tende a dissolver-se, regressando a β. A radioatividade é exatamente a propriedade de emitir radiações especiais, em forma de calor, luz, eletricidade — ou seja, de energia. Esta, ao contrário das leis que conheceis, não é tirada do ambiente, nem de outras formas dinâmicas, mas é produzida constantemente e não podeis estabelecer outra fonte, a não ser a matéria em estado de dissociação. Este fato derruba vosso dogma científico da indestrutibilidade da matéria e revalida o da indestrutibilidade da substância. A matéria, como matéria, apresenta fenômenos de decomposição espontânea. Essa decomposição é acompanhada de desenvolvimento de energia. Vedes, portanto, que a matéria, como tal é destrutível, mas não como substância, já que essa destruição é acompanhada pelo aparecimento de formas dinâmicas, paralelamente ao processo de desintegração radioativa. Assim fica demonstrado o transformismo físico-dinâmico.

O estudo de grupo dos elementos radioativos nos mostra outro fato importante, ou seja, como ocorre a transformação de um elemento em outro. Isto é, como se verificam os *casos* de *evolução química*, que podeis considerar como exemplos de verdadeira e própria *estequiogênese*.

Se tornarmos em consideração a última oitava dos elementos da série estequiogenética (elementos radioativos), podemos estabelecer entre eles uma relação de filiação. Foi precisamente em vista dessa relação genética, que pudemos estabelecer a série S7, a família do Urânio. Sabeis que os corpos radioativos emitem três espécies de raios: α, β, γ[7]. Quando um corpo radioativo perde em cada átomo uma partícula α, tem-se, em correspondência, a perda de quatro unidades de peso atômico. Esse elemento transforma-se em outro, que ocupa um lugar diferente na série. A emissão de raios β, ao invés, produz uma transformação no

sentido contrário. Uma transformação α pode ser compensada por duas transformações β em sentido contrário.Conheceis a lei específica dessa transformação, que é expressa pela fórmula: (constante de transformação) = $2{,}085.10^{-6}$/seg.

Por meio dessa transformação realiza-se a passagem do Urânio a Protractínio, Rádio, Radônio (emanação), Polônio (Rádio F), Chumbo (Rádio G). Neste último elemento, a emanação dinâmica não é mais apreciável e parece já esgotada. Cada elemento é o produto da desintegração do elemento precedente. Estudando o andamento desse processo de desintegração sucessiva dos termos da série, descobris que cada elemento tem um característico *tempo médio de transformação* que oscila, nos vários corpos, de frações de segundo a milhares e milhares de milhões de anos. Esse tempo médio de transformação é sua "*vida média*" e cada elemento radioativo tem um período próprio de vida média.

Vossa ciência já fala de vida de elementos químicos e define a duração desses períodos de vida. A radioatividade, fenômeno perceptível para vós materialmente apenas nos corpos que a apresentam destacadamente, é, não obstante, propriedade universal da matéria. Isto significa que a matéria, toda e sempre, é susceptível de decomposição, em maior ou menor grau, transformável em formas dinâmicas e que a pulsação de sua evolução, a estequiogênese, jamais pára.

Resumo, ainda, e fecho este capítulo. Partindo do Hidrogênio — forma primitiva da matéria, derivada por condensação (concentração) das formas dinâmicas, através da forma de transição, o éter — estabelecemos uma escala, em que os elementos químicos encontraram, até o U, seu lugar, de acordo com a própria fase de evolução. A repetição periódica das insovalências mostrou-nos que essa evolução — ao mesmo tempo condensação progressiva e estequiogênese — constitui um ritmo que é também expresso pelo progredir constante dos pesos atômicos. Essas grandes pulsações rítmicas da matéria são sete, as quais apresentei em sete séries, de acordo com as letras S_1, S_2, S_3, S_4, S_5, S_6 e S_7. Partindo da série S_1 até S_7, aparece uma mudança alternada de fases periódicas que se sucedem à maneira de notas musicais, a distâncias de oitavas. O conjunto da série é apenas uma *oitava maior*, o que prenuncia outras oitavas que invadem as fases β e α. Vimos a tendência que assume a matéria ao chegar a U — seu limite de máxima descida, condensação, involução — e, ao mesmo tempo, retomada da ascensão evolutiva, o regresso à fase β. *Chegando ao U, a matéria se desagrega*. Em vosso sistema planetário a matéria é velha, ou melhor, está envelhecendo e vos mostra todas as formas em que sua vida se fixou e criou. A fase vivida por vosso recanto de universo é a fase $\beta \rightarrow \alpha$, isto é, os fenômenos da vida e do espírito.

Mas se quiserdes continuar a série evolutiva de suas formas conhecidas, recorrei ao citado princípio de analogia e continuai a série nas direções já iniciadas, ou seja, antes de H, com corpos de peso atômico decrescente, e depois de U, com peso atômico e radioatividade cada vez mais acentuadas. Conservai a relação de progressão já anotada e encontrareis, para os elementos químicos aquém de H e além de U, um salto no peso atômico de 2 ou 4 unidades, e o mesmo retorno periódico de isovalências. Assim, o elemento que vier depois de U terá um peso atômico 240-242, com qualidades radioativas ainda mais fortes. Sabei que os produtos mais densos e radioativos do que U vos escapam, porque ainda não "nasceram" em vosso planeta e que os corpos que precederam o H já desapareceram, portanto, escapam de vossa observação. Esse aumento de qualidades radioativas nos corpos que devem nascer depois do U, significa para eles uma tendência cada vez mais acentuada à *desagregação espontânea, ao regresso às formas dinâmicas*. Esses corpos nascem para morrer logo e sua vida tem a função de transformar γ em β. A matéria de vosso sistema solar, com sua tendência a evoluir para formas de peso atômico cada vez maior e mais radioatividade, produzirá uma série de elementos químicos sempre mais complexos, densos e instáveis. Esta matéria, cada vez mais velha e diferenciada, tende à desagregação, prepara-se para atravessar verdadeiro período de dissolução que, aumentando progressivamente, terminará em verdadeira explosão atômica, como observais nas dissoluções dos universos estelares. Vosso recanto de universo se dissolverá por explosão atômica, verdadeira morte da matéria. Isto acontecerá quando a matéria tiver esgotado sua função de apoio àquelas formas orgânicas que sustentam vossa vida, e opera aquela fase de evolução, vossa grande criação, ou seja, a construção, por meio de infinitas experiências, de uma consciência, α, a substância que regressa à sua fase de espírito. Esse o grande e verdadeiro problema de que tratarei e do qual esta é apenas singela preparação.

À *outra extremidade da escala, aquém de H*, sempre pelo mesmo princípio de analogia, encontrareis corpos de peso atômico menor que H, de -2 e assim por diante, do grupo e valência do Oxigênio. Prosseguindo nessa direção, encontrareis o éter, elemento imponderável para vós, de densidade mínima, tanto que escapa, praticamente, às leis da gravitação e não podereis aplicar-lhe conceitos de gravitação e de compressibilidade, como não podeis fazê-lo à luz e à eletricidade. Ele escapa às vossas leis físicas e vos desorienta com sua rigidez, tão grande que lhe permite transmitir a luz à velocidade de 300.000 km/s. No entanto, é de tão fraca resistência, que nada opõe ao curso dos corpos celestes. O erro consiste em querer considerá-lo com os critérios específicos da matéria, enquanto ele é uma forma de transição, como vos disse, entre matéria e energia.

19. AS FORMAS EVOLUTIVAS FÍSICAS, DINÂMICAS E PSÍQUICAS

Mas, afora os corpos que, aquém de H e além de U, prolongam a série de formas de γ, a escala, naturalmente, continua, mesmo onde a matéria não é mais matéria. Continua, na visão monística que vos exponho, nas formas dinâmicas, até às mais altas formas de consciência. Do urânio ao gênio, traçaremos uma linha que deverá ser contínua. Mesmo nas *formas dinâmicas* temos semelhante progressão de períodos: raios X; vibrações que desconheceis: raios luminosos, caloríficos e químicos: espectro visível e invisível desde o infravermelho até o ultravioleta; vibrações eletromagnéticas; outras vibrações que desconheceis e, finalmente, vibrações acústicas. A tendência da série estequiogenética ao período setenário e à progressão por oitavas, repete-se aqui. As

formas acústicas dividem-se, por sua vez, numa oitava menor, assim como a luz no espectro. Das formas dinâmicas, passa-se às *psíquicas*, começando pelas mais baixas, em que o psiquismo é mínimo, os *cristais*. Nestes, a matéria não soube elevar-se a organizações mais complexas que as de unidades químicas coletivas, que representam quanto a matéria possa conter de α: o psiquismo físico, que é o menor psiquismo da substância. Os cristais são sociedades moleculares, verdadeiros povos organizados e regidos por um princípio de orientação matemáticamente exato; nesse princípio reside o citado psiquismo. Vedes que a cristalografia vos oferece sete sistemas cristalinos, que são a gradação de um conceito cada vez mais complexo, de um psiquismo cada vez mais evidente, que se revela de acordo com planos e eixos de simetria, regulados segundo critérios exatos.

Do triclínico ao monométrico, através do monoclínico, do trimétrico, do trigonal, do dimétrico, do hexagonal, ou dos sistemas que, se têm nomes diferentes, são no entanto substancialmente idênticos, subimos mais uma oitava, ao *reino vegetal*, e depois ao *reino animal*, com o expoente psíquico cada vez mais profundo e evidente. Dos protozoários aos vertebrados, através das grandes classes dos celenterados, vermes, equinodermes, moluscos e artrópodes, só existe mais uma oitava. Vossa zoologia classifica os animais existentes em sete tipos. Chegamos assim, através de repetições rítmicas de graduação fundamental e do retorno de períodos constantes da matéria, máxima condensação da substância, às superiores *formas de consciência* humana, para vós, a máxima espiritualização.

Agora, podeis ter a visão da unidade da Lei e do meu Monismo. Da zoologia chegamos ao mundo humano. Mas toda a vida, mesmo a vegetal, tem um só significado: construção de consciência, transformação de β em α. Todas as formas de vida são irmãs da vossa e lutam por subir para a mesma meta espiritual, que é o objetivo de vossa vida humana. A escala dos estados psíquicos, que a vida percorre até alcançar-vos, parte das primeiras formas inconscientes de sensibilidade vegetal, percorre as fases de instinto, intuição inconsciente, raciocínio (a vossa atual fase), consciência, intuição consciente ou superconsciência. Esta vos espera e vo-la indiquei como novo sistema de pesquisa. Seguem as unidades coletivas em que as consciências se coordenam em mais vastos e complexos organismos psíquicos, como a família, a nação, a raça, a humanidade e as formas de consciência coletiva que as correspondem.

Assim nasce a síntese espiritual desse vertiginoso metabolismo, que é a vida, à qual se sujeita a matéria nos mais altos graus de evolução. Pensai: o sistema planetário do núcleo e dos elétrons que giram vertiginosamente no seio do átomo, que na molécula se combina com outros sistemas planetários atômicos, coordenando-se num sistema orgânico mais complexo, o qual, por sua vez, é envolto num turbilhão ainda mais profundo, produzido pelo intercâmbio orgânico, na célula. Que é a célula num organismo? Como é vertiginoso nascer, viver, morrer! A vida é troca e a cada momento mudais a matéria de que sois compostos. É uma corrente que jamais pára. É maravilhoso turbilhão do qual nasce o pensamento, a consciência, o espírito. Aí palpita a matéria toda, acesa em sua mais íntima essência, com indômita febre de ascensão. Eis a nova, tremenda grandeza divina que vos mostrarei.

Entretanto, esse imenso fenômeno não é apenas progressão de formas que individuam as etapas do grande caminho ascensional (*aspecto estático*); não é só movimento do transformismo evolutivo (*aspecto dinâmico* do universo), mas representa a exteriorização de um princípio único, uma Lei que se encontra em toda parte. Esse princípio, que define o andamento de qualquer fenômeno, pode exprimir-se graficamente na forma de uma espiral, em cujo âmbito cada pulsação rítmica é um ciclo, o qual, embora voltando ao ponto de partida, desloca-se, repetindo, num tom e num nível diferentes, o período precedente. Isto explicarei com mais exatidão no estudo da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (*aspecto mecânico do universo*). Este é também trino em seus aspectos.

20. A FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Essa *filosofia da ciência* de que vos falei, tem a função de coordenar a grande quantidade de fenômenos que observais; de reduzir a uma síntese unitária vossa ciência, a fim de não vos perderdes no particular das análises; tem a função de dar-vos a chave da grande máquina do Universo. Vossa ciência possui vícios de base e defeitos orgânicos que venho sanar. Falta-lhe totalmente unidade e isto impediu-lhe até agora de elevar-se a sistema filosófico, dando-vos uma concepção de vida. De um lado, as filosofias institutivas, de outro, uma ciência puramente objetiva, caminhando por estradas opostas e com metas diferentes, só podiam chegar a resultados incompletos. Mantendo separados o abstrato do real, eram insuficientes para conseguir a síntese completa que vos dou, fundindo os dois extremos: intuição e razão, revelação e ciência. Quando estiver completa nossa viagem pelo cosmos, tornarei a descer, num tratado mais profundo, aos pormenores de vossa existência individual e coletiva, para que ela não seja mais guiada, como até agora, pelos instintos que emergem de uma lei que desconheceis, mas possais, vós mesmos, com consciência e conhecimento — não mais menores de idade — tomar as rédeas do funcionamento complexo de vosso mundo. Outro defeito de vossa ciência é de constituir-se em ciência de relações, ou seja, que se limita a estabelecer, embora de forma matematicamente exata, as relações entre os fenômenos; ciência que parte do relativo e se move apenas no relativo. Minha ciência é ciência do absoluto. Eu não digo: "poderia ser". Digo "é". Não discuto: afirmo. Não indago: exponho a verdade. Não apresento problemas, nem levanto hipóteses: exprimo os resultados. Minha filosofia não se abstrai em construções ideológicas, mas permanece aderente aos fatos em que se baseia.

Vós multiplicais vossa perspicácia e o poder de vossos meios de pesquisa, mas o ponto de partida é sensório. Assim, percebeis a matéria como solidez e não como velocidade. Torna-se-vos difícil, mas só por vias indiretas chegais a imaginar como a massa de um corpo exista em função de sua velocidade; como a transmissão de uma nova energia signifique para ele um peso maior; como a velocidade modifique as leis de atração (giroscópio); como a continuidade da matéria se deva à velocidade de deslocamento das unidades eletrônicas que a compõem, tanto que, sem essa velocidade — dado seu volume mínimo em relação ao

espaço em que circulam — vosso olhar passaria através delas sem perceber nada; como sua solidez, fundamental para vossas sensações, deva-se à velocidade de rotação dos elétrons, que lhes confere quase uma conteporânea onipresença espacial; velocidade sem a qual toda a imensa grandeza do universo físico se reduziria, em um átimo, ao que verdadeiramente é: um pouco de névoa de poeira impalpável. Eis a grande realidade da matéria, que a ciência deveria mostrar-vos: a energia.

Pelo método em que se baseia, vossa ciência é inapta para descobrir as íntimas ligações que unem as coisas e delas revelam a essência. Por exemplo: compreendesteis o fenômeno que demonstra a transformação, que afirmei, de γ em β, e o retorno da fase matéria à fase energia, observada também na radioatividade do vosso planeta, ou seja, o fenômeno mediante o qual o sol inunda de energia, a sua própria custa, desgastando-se em peso e volume, a família de seus planetas e o espaço, até exaurir seu ser. Mas a ciência pára aqui e olha para aquele sol, que é vossa vida, como para um enigma; sol que vagará por bilhões de séculos, exaurido de luz e de vida, apagado, frio, morto. Ao invés, eu vos digo: ele obedeceu à lei universal de amor, que impõe a doação gratuita e que, em todos os níveis, torna irmãos todos os seres do universo. Assim, por exemplo, tentais a desintegração atômica, procurando demolir o edifício atômico inviolado; tentais penetrar, entrando na zona eletrônica de alto potencial dinâmico, até o núcleo, bombardeando o sistema com emanações-projéteis de alta velocidade. Mas não vedes que a essência do fenômeno da transmutação dos átomos reside na lei da unidade e da matéria. Assim, também notasteis que a matéria sideral nasce e morre, aparece e desaparece, volatiliza-se de um lado em radiações, e em outra parte reaparece como matéria; mas não colocasteis lado a lado os dois fenômenos e não observasteis o traço que os une e a linha comum cíclica do seu desenvolvimento. Eu vos revelo os vínculos que unem os fenômenos aparentemente mais díspares. Meu sistema não despreza a ciência, como acontece com vossa intuição filosófica; toma-a como base, completa-a, ergue-a ao grau de concepção sintética, dá-lhe dignidade de filosofia e de religião, porque, no infinito pormenor da fenomenologia reencontra o princípio unitário que, dando-vos a razão das coisas e respondendo aos últimos porquês, é capaz de guiar-vos pela estrada de vossas vidas e de proporcionar-vos um objetivo para vossas ações.

21. A LEI DO DEVENIR

Chegou agora o momento de aprofundar nosso estudo, enfrentando problemas de complexidade maior. Até aqui me mantive relativamente à superfície dos fenômenos, detendo-me em sua aparência exterior, que é a mais acessível a vosso intelecto. Procedamos agora ao exame de sua íntima e profunda estrutura, do processo genético do mundo fenomênico.

Nas páginas anteriores tracei-vos as características, a gênese e o desenvolvimento da fase γ, e lançamos um olhar de conjunto sobre as outras duas formas de ω, isto é, de β e α. Mais tarde, penetraremos no exame minucioso da fase dinâmica e psíquica, que merecem estudo profundo por que se referem ao que vos atinge mais de perto, ou seja, aos fenômenos da vida e da consciência, também de vossa vida e de vossa consciência, tanto no campo individual quanto no social. Com isso, terminarei o tratado e o edifício estará acabado, porque terei lançado nova luz ao vosso mundo; terei implantado as bases de novo viver particular e coletivo, que se apóia ao mesmo tempo na ciência e na revelação, novo viver que constituirá a nova civilização do 3º Milênio.

Mas, antes de prosseguir em extensão, expandindo-me nestes novos campos, procedamos em profundidade, para tomarmos conhecimento da essência dos fenômenos que observamos. Não era possível, antes deste momento, empreender este estudo. Ele não mais se refere ao universo em seu aspecto estático nem dinâmico já observados, mas considera-o sob novo ponto de vista, seu aspecto *mecânico*.

O *aspecto estático* refere-se às *formas* do ser e sua expressão é:

$$(\alpha = \beta = \gamma) = \omega$$

O *aspecto dinâmico* diz respeito ao *devenir* (evolução) das formas do ser e sua expressão é:

$$\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$$

O *aspecto mecânico* considera a *essência* do devenir das formas do ser e sua expressão é uma linha: a espiral.

Certamente notasteis como as formas ou fases de ω, a Substância, são três: matéria γ, energia β, espírito α. Assim seus aspectos são três, ou seja, podem considerar-se: 1º como *formas*; 2ºcomo *fases*; 3º como *princípio ou lei*. Esses três aspectos são as três dimensões da trindade da substância. Unidade trina, a três dimensões. Em uma palavra, o universo não é apenas uma grande *organização* de unidades e o funcionamento de um grande organismo de seres, é também *vir-a-ser*, o transformismo evolutivo desse organismo e de suas unidades; é, enfim, o princípio, a *lei* que rege esse transformismo.

O estudo desse princípio nos ocupará agora.

O eterno devenir do ser é guiado por lei perfeita e matematicamente exata; o transformismo evolutivo universal obedece a um princípio único. Eu vos exporei esse princípio, que encontrareis na infinita multiplicidade das formas, idêntica e constante, e vos traçarei a linha do seu devenir, a trajetória da evolução, uma linha absolutamente típica que se pode denominar matriz do transformismo universal; uma trajetória que todos os fenômenos, os mais díspares, seguem em seu processo de desenvolvimento. Princípio absoluto, trajetória inviolável. Cada fenômeno tem uma lei e essa lei é um ciclo. Cada fenômeno existe enquanto se move de um ponto de partida para um ponto de chegada. Existir significa mover-se segundo essa linha de desenvolvimento, que constitui a trajetória do ser.

22. ASPECTO MECÂNICO DO UNIVERSO — FENOMENOGENIA

A trajetória típica dos movimentos fenomênicos, expressão sintética do seu devenir, é a linha que já encontrais no mundo físico, no nascimento da matéria; é a linha das formações estelares (nebulosas) e planetárias, isto é, o vórtice, a espiral. Ela exprime a fenomenogenia e seu estudo conduzir-vos-á a nova concepção cosmogônica.

Procedamos à sua análise, começando pelos conceitos mais elementares e caminhando com ordem, do simples ao complexo. Para evidenciar o melhor conceito, expressá-lo-emos também com diagramas.

A fig. 1 representa a lei do caminho ascensional da evolução, em sua expressão mais simples. A abscissa horizontal indica a progressão da unidade de tempo e a vertical a progressão dos graus de evolução. Isto nos aparece aqui em sua nota fundamental e carecterística dominante de caminho ascensional linear contínuo (OX).

Algumas definições:

Por *evolução*, entendo o transformar-se da substância, desde a fase γ até às fases β, α e além, como veremos, e a tranformação que sofrem as formas individuais através dessas fases.

Por *tempo* entendo, o ritmo, a medida do transformismo fenomênico; isto é, um tempo mais amplo e universal que o tempo no sentido restrito — medida de vosso universo físico e dinâmico — e desaparece no nível α; um tempo que existe onde haja um fenômeno e subsiste em todos os níveis possíveis do ser, tal como um passo que assinala o caminho da eterna transmutação do todo.

Por *fenômeno*, entendo uma das infinitas formas individuadas da substância, o seu devenir e a lei do seu devenir. Por exemplo: um tipo de corpo químico, de energia, de consciência, em seus três aspectos — estático, dinâmico e mecânico. Fenômeno é a palavra mais ampla possível, porque compreende tudo, enquanto é e se transforma de acordo com sua lei. Em meu conceito, ser jamais significa estase, mas eterno devenir.

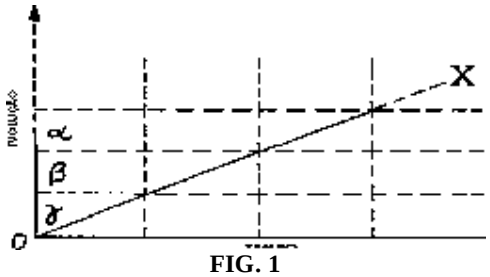


FIG. 1
Diagrama da progressão evolutiva em sua mais simples expressão retilínea.

A fig. 1 é a expressão mais simples do curso do fenômeno no tempo, isto é, da quantidade de sua progressão evolutiva, em relação à velocidade dessa progressão.

Esta e as expressões que a ela se seguirem têm um significado universal. Portanto, para passar ao caso especial, é necessário levar em conta os graus particulares de evolução, na individuação fenomênica que examinarmos, e de sua velocidade particular de progressão. Levando isso em conta, a linha pode aplicar-se a todos os fenômenos e as trajetórias que assinalarmos são aplicáveis a todos eles. Entretanto, para simplificar e salientar a evidência, tomo agora, particularmente, para exame um tipo de fenômeno, que é o maior que conheceis, o máximo, e compreende todos os menores: o transformar-se da substância em suas fases γ, β, α. Isto com o objetivo de dar-vos uma idéia mais exata do processo genético do cosmos.

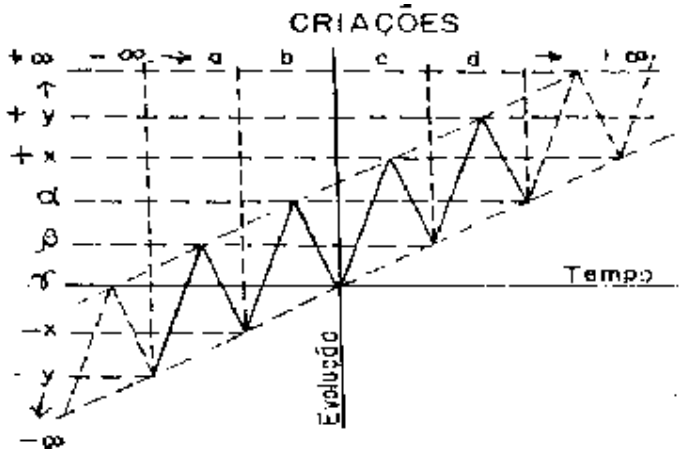


FIG. 2
Análise da progressão em suas fases evolutivas e involutivas.

A fig. 2 exprime um conceito mais complexo.

Dissemos que na eterna respiração de ω, a fase evolutiva é compensada por uma fase equivalente involutiva, e que vosso atual caminho ascencional $\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$ tinha sido precedido por um caminho inverso de descida: $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma$. Desse modo, para que a expressão fique completa, a linha traçada OX, deve ser precedida por uma linha oposta que, da mesma altura α torne a descer a O. Mas, quando expus a grande equação da substância e seu aspecto dinâmico: $\omega = \alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta$..., Eu disse sumariamente que o devenir retornava sobre si mesmo. Isso porque, se o tivesse definido com mais precisão naquele momento, teriam surgido dúvidas e complicações, que só agora podemos resolver, quando estamos observando o aspecto mecânico do fenômeno.

Certamente, compreendeis que o absoluto só pode ser infinito em todas as direções; só pode haver limites em vosso relativo; se tivéssemos que pôr limites ao absoluto, esses limites não estariam no absoluto, mas apenas traçados pela insuficiência de vosso órgão de julgamento: a razão; que o universo não só se estenderá infinito em todas as direções possíveis, espaciais, temporais e conceptuais, mas que, em determinado ponto, ele desaparecerá de vossa visão insuficiente e se desvanecerá, para vós, no inconcebível. As fases α, β, γ, não podem esgotar todas as possibilidades do ser. Elas são ω — o vosso universo, vosso concebível. Mas, além delas, há outras fases e outros universos, contíguos, comunicantes, que para vós são o nada, porque estão além de vossas capacidades intelectivas. Essas fases estendem-se além de α, em progressão ascendente para um infinito positivo; abaixo de γ, em progressão descendente para um infinito de sinal oposto.

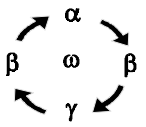
Por isso, a fig. 2 assume um aspecto diferente da fig. 1. Enquanto a linha do tempo se estende horizontalmente, de um -∞ a um +∞, ilimitada em ambas as direções, a linha da evolução estende-se, no alto e em baixo, para +∞ e -∞. E às fases γ, β, α seguirão, no alto, as fases evolutivas (que desconheceis): +x, +y, +z etc.; embaixo, prosseguirão as fases involutivas (que também desconheceis) -x, -y, -z, que constituem criações limítrofes (mas não no sentido espacial), de ω.

O sistema, embora de maior amplitude e complicação que o de ω, equilibra-se igualmente, mas num equilíbrio mais vasto e complexo. Apenas como o ciclo $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$ não é a medida máxima do ser, assim tampouco o é este ciclo maior: ele é apenas uma parte de um ciclo ainda mais amplo. Pois, repito: não há nem pode haver limite de maior ou menor, de simples e complexo; mas tudo se estende sem princípio nem fim, nas infinitas possibilidades do infinito. Vosso campo visual é limitado e só pode abarcar um trecho dessa trajetória maior, ao longo da qual ocorrem as criações e se escalonam os universos. Isso, porém, não vos faça supor imperfeição, falta de equilíbrio e ausência de ordem, pois aí tudo se desenvolve segundo um princípio único e uma lei constante.

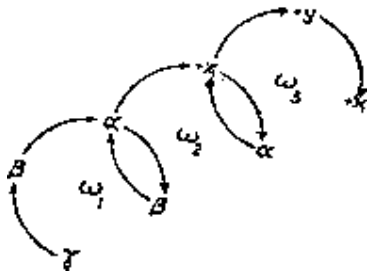
23. FÓRMULA DA PROGRESSÃO EVOLUTIVA — ANÁLISE DA PROGRESSÃO EM SEUS PERÍODOS

Aprofundemos ainda mais. Compreendeis que o ser não pode ficar fechado no ciclo de ω, o vosso universo, dado pelas três formas, γ, β, α; que uma eterna volta sobre si mesmo seria trabalho ilógico e inútil; que seria absurdo caminhar sem meta nesse eterno círculo $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$. Vossa mente compreende esta minha argumentação: qualquer limite que se colocasse em ω, a razão saltaria por cima dele, procurando outro mais afastado; é absurdo o *ciclo* fechado, que se repetisse infinitamente em si mesmo. Vossa mente sente a necessidade do *ciclo aberto*, ou seja, do ciclo que se abre para um ciclo maior, ou que torna a fechar-se em si mesmo para um ciclo menor, sem nenhuma limitação. Fica assim, satisfeita vossa mente, porque foi atendida a necessidade e concedida a possibilidade para que o ser voltasse sobre si mesmo, sobretudo, se estendesse fora de si, além de si, além da forma conquistada que o constrange.

Essa *fórmula do ciclo fechado*, que já vos demos com a expressão sumária: $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$, tem que ser substituída agora pela *fórmula* mais exata e complexa do *ciclo aberto*. De acordo com esta nova fórmula, a expressão gráfica dada:



transforma-se nesta outra:



em que o ciclo do universo ω, dado por $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$ não está mais fechado em si mesmo, mas se abre, invertendo o caminho $\alpha\rightarrow\beta$ em $\beta\rightarrow\alpha$ e assim desenvolvendo os universos contíguos: ω_2, ω_3 etc.

A fórmula do ciclo aberto estende-se também para o negativo que é dada pela seguinte expressão:

1º ciclo	**... -y**	→	**-x**	→	γ	→	**-x**
2º ciclo	**-x** →	γ	→	β	→	γ	
3º ciclo	γ	→	β	→	α	→	β
4º ciclo	β→	α	→	**+x**	→	α	
5º ciclo	α→	**+x**	→	**+y**	→	**+x...**	

O diagrama da fig. 2 apresenta-nos esse mesmo conceito dos ciclos sucessivos com uma *linha quebrada que sobe*, alternando seu movimento ascensional com períodos de regressão involutiva. Unindo entre si os vértices e as bases da linha quebrada, vemos reaparecer aqui, no conjunto, a linha ascensional OX em sua expressão mais simples. Encontramos, em nível mais alto, o *mesmo princípio*, de que agora analisamos o íntimo ritmo e vemos a estrutura mais completa.

Observemos agora as características da fórmula do ciclo aberto. As fases da evolução, elementos que compõem as fórmulas dos cinco ciclos sucessivos examinados, podem — nas 5 fórmulas sobrepostas — dividir-se em quatro colunas. Veremos, assim, como se repete em nível diferente o mesmo ciclo com o mesmo princípio. A primeira coluna à esquerda indica o ponto-de-partida; a segunda, a fase sucessiva do caminho ascencional; a terceira coluna indica o vértice do ciclo; deste se desce para a quarta e última coluna. Duas fases de ida e uma de volta projetam a série dos vértices γ, β, α, +x... cada vez mais alto, segundo uma linha ascendente. A diferença de nível, entre os pontos-de-partida e os de chegada, é a condição necessária à *progressão do sistema*. Esclarecemos mais adiante, com casos mais particulares, o significado e as razões filosóficas desse deslocamento, pelo qual a linha não volta ao nível precedente, mas a um mais alto.

O curso da linha quebrada no diagrama da fig.2 expressa de forma evidente esses conceitos. As coordenadas são ilimitadas, suspensas no espaço entre dois infinitos. As fases são representadas não por uma linha, porque não são um ponto, mas por uma risca, uma superfície, porque só um espaço pode, graficamente, dar a idéia do deslocamento necessário para atravessar a fase. Cada ciclo representa o que chamais de uma criação. Tais criações se sucedem no diagrama com as letras a, b, c, d etc. Tomamos a criação como unidade de medida do tempo, o ritmo da transformação do fenômeno que examinamos.

Resumindo o que dissemos até agora, poderemos concluir: o aspecto dinâmico do universo é regido por uma lei mais complexa (aspecto mecânico) e sua expressão não é dada, simplesmente pela fórmula:

$\omega = \alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$

mas, por esta outra:

$\Delta = -\infty \rightarrow ... \text{-y}\rightarrow\text{-x}\rightarrow\gamma\rightarrow-\text{x}\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow$

$\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\alpha\rightarrow+\text{x}\rightarrow\alpha ... \rightarrow+\infty$

em que Δ exprime, na série infinita, uma unidade coletiva maior que ω, isto é, um organismo de universos.

24. DERIVAÇÕES DA ESPIRAL POR CURVATURA DO SISTEMA

Encontramos uma expressão mais intuitiva da lei que rege o transformismo fenomênico no diagrama da fig. 3. Minha finalidade agora é descrever à evidência as características do fenômeno. Depois exporei o significado e as razões profundas de seu desenvolvimento.

Na fig. 3, tomo como coordenada básica, que exprime a medida de tempo, não uma linha reta horizontal, mas uma circunferência; faço mover-se a coordenada vertical, exprimindo os graus de evolução, em redor do centro; noutras palavras, tomo como abscissas todos os possíveis raios do círculo. A medida de tempo será dada em graus. Todo o sistema da fig. 2 gira, assim, em torno de um centro. A expressão mais simples do conceito de evolução (dada pela reta ascendente OX do diagrama da fig. 1) agora é representada pelo abrir-se da espiral. Ao conceito de ascensão linear, substitui-se pelo de desenvolvimento cíclico; no pormenor, temos a mesma linha quebrada, cujos vértices salientes são os máximos, na progressão das sucessivas criações. A linha geral do fenômeno (O-X) assume o curso de espiral, que é a linha da gênese planetária, do vórtice sideral das nebulosas, a espiral que, na fig. 4, vemos abrir e fechar-se até mesmo em seu interior, porque exprimiremos a linha quebrada com curvas e assim veremos afastar-se e reaproximar-se do centro, ao longo da coordenada raio, seguindo a curva do tempo, as grandes pulsações evolutivas e involutivas, segundo a qual progride todo o sistema. A espiral é aqui a expressão mais intuitiva da reta porque, sendo uma derivada da circunferência, exprime mais evidentemente o curso cíclico do fenômeno e a trajetória típica do seu devenir, dado pelos desenvolvimentos e retornos periódicos.

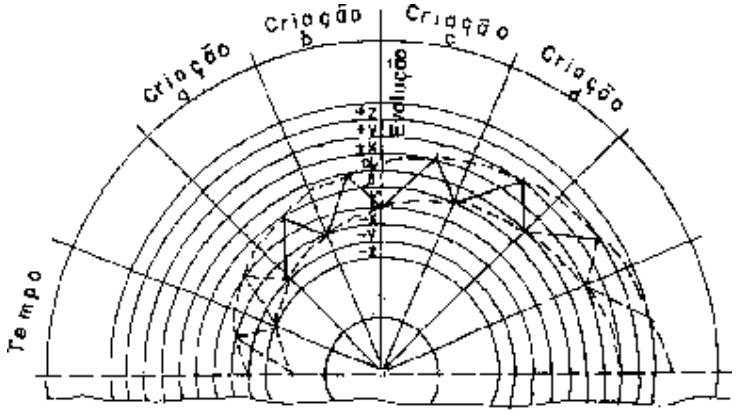


FIG. 3
Curvatura do sistema — A espiral derivando da quebrada.

25. SÍNTESE LINEAR E SÍNTESE POR SUPERFÍCIE

Estudemos agora, o diagrama da fig. 4. Tomando uma unidade de medida de tempo menor que na fig. 3, ou seja, tornando mais lento o curso do fenômeno, e colocando cada criação numa distância maior, isto é, a 45º ou a 90º etc., poderemos exprimir não mais (como na fig. 3) apenas o aspecto do fenômeno em seu conjunto, mas também o curso cíclico de desenvolvimento e retorno de cada uma das fases, no âmbito da própria criação. Assim, podemos observar melhor o fenômeno em seus pormenores, em nova figura de aspecto característico. Aos segmentos ascendentes e descendentes da linha quebrada, substitui-se , com expressão mais dinâmica, o movimento do *abrir-se e fechar-se da espiral*.

A fig. 4 é construída dando-se a cada fase (α, β, γ etc.) a amplitude de um ângulo reto. É preferível essa amplitude, em lugar de outros ângulos, porque vos exprime com evidência maior a lei do fenômeno, com superposições regulares de trajetória, como ocorre na realidade, em um conjunto mais equilibrado no retorno dos períodos. Observemos o diagrama em suas características. Encontramos aqui, reproduzido em sua expressão cíclica, o mesmo conceito que, nos pormenores da fig. 3 e, melhor, nos da fig. 2, tem sua expressão retilínea. Comecemos a observação do fenômeno em sua fase -y e sigamo-lo em sua ascensão através das fases -x e γ. Nesse ponto, o período fenomênico, depois de haver tocado um vértice — que nas figuras 2, 3 e 4 assinalamos com a letra a e que resultou do completo perfazimento das três fases — torna a descer, volta-se sobre si mesmo e, tornando a fechar-se, percorre em sentido contrário as últimas duas fases do período progressivo. O primeiro período fenomênico, que representa a criação, fica assim completo em seus dois momentos de ida e volta, evolutivo e involutivo, dados pelo percurso -y$\rightarrow$-x$\rightarrow\gamma$ e $\rightarrow\gamma\rightarrow$ -x, que constitui a primeira parte da fórmula Δ. Uma vez finalizada a fase -x, o período esgota-se e, para continuar, novamente se inverte, retomando o movimento ascensional. Mas este, agora, não parte mais de -y e sim de um degrau mais alto, -x; percorre outras três fases ascendentes que, desta vez, são: -x, γ, β; toca o vértice, para descer de β para γ, onde inicia um terceiro período de novo retificando seu caminho. Assim, foi percorrido o trecho -x$\rightarrow\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\gamma$; esta constitui a segunda parte da fórmula de Δ e corresponde à criação b. O fenômeno continua a desenvolver-se, obedecendo a uma lei de progressão constante. As letras, vértices e períodos das espirais da fig. 4 correspondem aos da linha quebrada das espirais da fig. 2 e 3. Como na linha quebrada, a trajetória continua a subir e a descer; também no diagrama da fig. 4, ela continua a abrir-se e fechar-se na espiral. Às criações a, *b, c, d*, que culminam, na linha quebrada, nos vértices *a, b, c, d*, e correspondem no desenrolar-se e envolver-se da espiral, são os máximos progressivos *a, b, c, d* etc.; aí se desenvolve a fórmula de Δ.

O diagrama da fig. 4 exprime o fenômeno não apenas em sua síntese linear, mas também em sua *síntese por superfície*, que se torna ainda mais evidente. As três faixas circulares -y, -x e γ, representam, no sentido espacial, a amplitude das três fases,

cobertas pelo desenvolvimento da criação *a*. Esta produz, como resultado máximo, a fase γ, isto é, a matéria, vosso mundo físico; o resultado final do percurso de cada período, é a cobertura de uma fase circular maior, que servirá, depois, de base a novos impulsos para ocupações de áreas maiores.

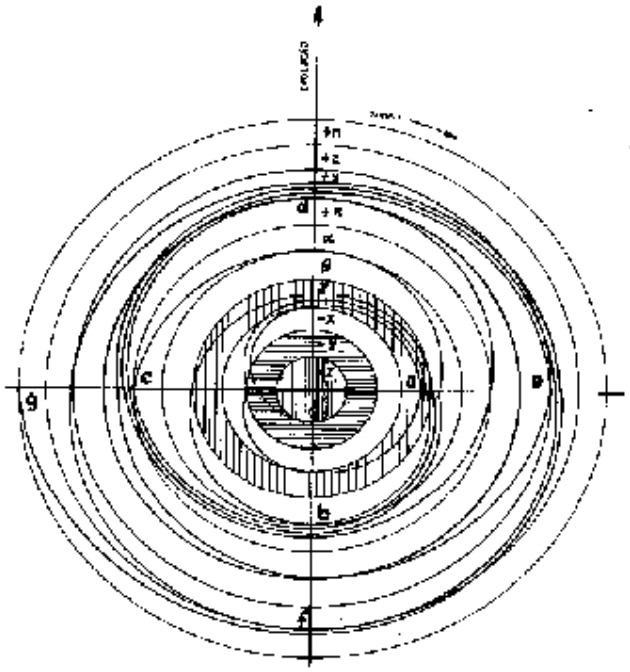


FIG. 4
Desenvolvimento da trajetória dos movimentos fenomênicos na evolução do Cosmos.

Agora, afastemo-nos dos aspectos particulares do fenômeno, a fim de vê-lo cada vez mais em seu conjunto e observá-lo em linhas cada vez mais gerais. A lei de desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos está expressa por esta espiral, sujeita a um ritmo de pulsações que se invertem continuamente, abrem-se e fecham-se, desenrolam-se e enrolam-se. É como uma respiração íntima. É o resultado final desse contínuo voltar sobre si mesmo. É uma progressão constante. Esse é o produto último desse profundo trabalho íntimo de todo o sistema. Assim, em sua simplicidade aparente, a progressão constante da evolução é o resultado de uma elaboração complexa e profunda. Dessa forma, são sucessivamente cobertas as diferentes fases: a cada criação, surge o universo físico, depois o dinâmico, depois o psíquico, e assim por diante; o produto último de cada criação permanece, soma-se aos precedentes, totaliza-se numa cobertura cada vez maior de superfície, produzida pelas faixas circulares-concêntricas, todo o sistema lentamente se dilata.

Ei-nos chegados a uma síntese mais ampla do fenômeno, a *síntese cíclica*, expressa por uma espiral que se desenvolve em progressão constante. A expansão do sistema não é constituída apenas por seu dilatar-se em superfície, mas também pela linha ao longo da qual ocorre essa dilatação. Da mesma forma que, unindo os vértices a, b, c, d etc., da linha quebrada do diagrama da fig. 3, obtém-se como expressão sintética, uma espiral (em que se reencontra a linha Ox da fig. 1); assim também, unindo os correspondentes máximos sucessivos de abertura *a, b, c, d, e, f, g* etc., no diagrama da fig. 4, se obtém igualmente uma espiral de abertura constante. Podemos, assim, nesta espiral, estabelecer uma *linha maior do fenômeno*, na qual se desprezem os pormenores dos retornos, tendo-se em conta apenas a progressão final. Eis uma expressão mais alta da Lei. Assim traçamos a espiral, que dissemos ser a trajetória típica dos movimentos fenomênicos. Simplesmente afastando o olhar da fig. 4, veremos essa linha maior mais visível, com a superposição dos três percursos de que ela é formada. Porque cada fase, para ser definitivamente superada e estavelmente fixada no sistema, tem de ser percorrida três vezes em direção progressiva de evolução: a primeira como produto máximo do ciclo, a segunda como ponto médio, a terceira como produto mínimo, ou seja, ponto-de-partida ou fase inicial do processo evolutivo. Como se vê, o sistema é trino tanto em seu conceito, como em seu desenvolvimento. Tomando como linha única do fenômeno essa espiral maior, sua expressão mais sintética, veremos que o resultado final de seu desenrolar é o percurso da abscissa vertical que indica a evolução; que a linha -z, -y, -x, γ, β, α, +x, +y, +z +n é apenas a trajetória que resume todo o movimento complexo, do qual resulta o abrir-se da espiral. Veremos que essa trajetória — síntese ainda maior, que resume todas as precedentes, produzida pela continuação de tantos trechos contíguos que representam as sucessivas fases de evolução — é também uma espiral, expressão de um fenômeno ainda mais amplo, sem jamais atingir o fim. Assim construiremos outro diagrama, que nos fornecerá a expressão máxima possível por síntese cíclica, da fenomenologia universal. Aí então, teremos observado o universo em seu aspecto mecânico e vos terei revelado a grande Lei que o rege.

26. ESTUDO DA TRAJETÓRIA TÍPICA DOS MOVIMENTOS FENOMÊNICOS

É indispensável, todavia, em primeiro lugar, aprofundar ainda mais o estudo e passar da simples exposição descritiva dos movimentos fenomênicos, ao campo dos íntimos porquês. Cada fase, antes de estabilizar-se em definitiva assimilação ao sistema, é percorrida três vezes, progredindo, e depois duas vezes, regredindo; isto significa ser vivida cinco vezes, em direções opostas. *A razão desse retorno cíclico* de duas fases involutivas sobre três evolutivas, é exigida pelo fato de que o voltar a existir, três vezes repetidas, no nível de cada fase, é a primeira condição para a sua *assimilação* profunda no ser que em si mesmo a fixa. Trata-se de uma vida tríplice, em três posições diferentes, que o ser tem de viver em cada degrau, a fim de poder dominá-lo definitivamente. Nas duas fases de regresso, o passado volta, o ser resume, relembra e revive. Assim, o que é novo fundamenta-se em bases novamente consolidadas. *O conceito fundamental que existe na idéia de trindade é um princípio de ordem e de equilíbrio*. Outro significado dessa descida: ela representa a desintegração do velho material de construção, para nova construção, germe de potencialidade maior, porque só esse núcleo mais poderoso pode alcançar culminâncias mais altas, exatamente como faríeis se quisésseis, em lugar de velha casa de dois pavimentos, construir outra de seis. Só através desse processo de íntima destruição e reconstrução, o fenômeno elabora-se e amadurece; só através desse retorno sobre si mesmo, dessa compressão pelo vórtice, dessa fase de concentração, o impulso é fecundado para ascensões maiores. Esse refazer-se desde o início, voltando sobre o próprio caminho, é um concentrar-se do fenômeno sobre si mesmo, a fim de explodir com maior força. Para avançar, primeiro é preciso retroceder, demolir o que está velho, depois reconstruir, sempre partindo do princípio, colocando em alicerces mais sólidos as bases de um organismo novo de maior potencialidade e destinado a um maior desenvolvimento. Pois na lei tudo avança por continuidade, ("natura non facit saltus" — "a natureza não dá saltos"), e cada progresso tem que ser profundamente amadurecido.

Compreendereis ainda melhor, ao passar dos conceitos abstratos *à exemplificação de casos concretos*. Verificareis como vossa realidade corresponde aos princípios expostos acima. Essa necessidade de refazer-se desde o início, reaproximando-se das origens do fenômeno é universal. Para reedificar, é preciso destruir. O ciclo, proporcionado pela espiral que se abre e se fecha, é a linha da transformação de todas as formas do ser. Se, por vezes, parece-vos não ocorrer assim, é porque só tendes sob os olhos fragmentos de fenômenos. A unidade do princípio permite-nos descobrir exemplos nos campos mais díspares.

No universo da matéria, γ, encontrais a linha da espiral no desenvolvimento das nebulosas. Aí a matéria é um vórtice centrífugo de expansão, projeta-se no espaço, numa poeira sideral, precisamente formando uma espiral, que apresenta sua própria juventude, madureza e velhice; isto é, atinge um máximo de abertura espacial provocada pelo impulso que o vórtice, germe do fenômeno, imprimiu-lhe, máximo que não pode superar. Depois disso, retrocede. O ciclo torna a fechar-se sobre si mesmo porque, enquanto a espiral se abre, partindo do nível γ, ocorre aquela íntima elaboração da matéria de que falamos na série estequiogenética, pela qual a matéria se desagrega e γ volta a β. Como vimos, a energia se canaliza por sua vez em correntes, que determinam um vórtice centrípeto, concentração dinâmica (período involutivo do ciclo) num núcleo (de novo γ), que constituirá o germe de um vórtice inverso centrífugo (período evolutivo do ciclo), isto é, de nova expansão sideral. Mas desta vez, β, novamente reconstituída, assumirá os mais altos caminhos da vida e da consciência, enquanto nos confins de vosso universo, onde β ainda não amadureceu, vê-la-eis dobrar-se sobre si mesma para γ, assim por diante.

No *campo da vida*, a abertura da espiral não é um vórtice físico nem espacial: é dinâmico. Centro, expansão, limites e retornos são de caráter exclusivamente dinâmico. Nunca perguntastes por que tudo tem de nascer de uma semente? Por que o desenvolvimento subsequente não pode ultrapassar determinados limites? Por que a decadência da velhice que vai chegando em todas as coisas? Também a vida é um ciclo, com a sua fase evolutiva e involutiva, e o inexorável retorno ao ponto de partida. Que vem a ser esta mecânica que reconduz tudo ao estado de germe, esse processo da natureza por meio de contínuos regressos ao estado de semente, se não a expressão mais evidente da lei de evolução e involução cíclica? Na semente, o fenômeno da vida torna a fechar-se em si mesmo, num núcleo que é o centro de nova expansão. Assim por pulsações alternadas da fase de germe à fase de maturidade, procede ininterruptamente a vida. Essa íntima lei do fenômeno, momento da lei universal, estabelece os limites da forma completa, depois a destrói e reconcentra toda a sua potencialidade num germe. Este, de modo inexplicável, não produz o mais vindo do menos, mas simplesmente restitui o que está nele incluso por involução. Sem este inexorável retorno sobre si mesmo, que está na lei dos ciclos, a forma teria que progredir ao infinito ou então, decaindo, jamais ressurgiria para retomar, dentro de pouco tempo, em direção oposta, o mesmo caminho. Se os limites podem deslocar-se e os máximos elevar-se, isto não diz respeito ao ciclo inviolável das vidas individuais, mas ao desenvolvimento em que elas estão concorrendo, do ciclo maior de evolução e involução da espécie, sujeito a essa mesma lei.

Uma vez mais, o progresso só avança por meio de contínuos retornos a um ponto de partida que, gradualmente, desloca-se para frente. Dessa forma, o progresso das espécies orgânicas não é retilíneo, tal como viu a mente de Darwin, mas alterna-se em constantes retornos involutivos. Semelhante a esse caso, que as leis da vida vos oferecem, toda a criação é feita e *funciona por meio de germes*, à qual se segue um desenvolvimento, à semelhança de quem para construir um edifício cada vez mais alto, tem que refazer os alicerces, a fim de estabelecer bases cada vez mais sólidas. Vedes que cada existência é filha de uma semente, cada fenômeno está potencialmente contido num germe. Reencontrais essa lei até mesmo na evolução e involução dos universos, que são por ela levados a refazerem-se sempre, desde sua fase inicial, que pode ser -y, -x, γ, β, α etc., à fase-germe em que estão inclusas e concentradas, por involução, todas as potencialidades que se desenvolverão na evolução geradora das fases superiores. Cada fase é percorrida, isto é, vivida, uma vez que completou a assimilação, retorna à anterior como fase ou germe de evolução de

novas fases, sempre mais altas. Tudo sobe mediante contínuos retornos sobre si mesmo, do máximo ao mínimo. Tudo funciona por germes.

Olhai em torno de vós. Cada fato nasce por abertura de um ciclo: começa, expande-se até um máximo, depois retorna sobre si mesmo. Tudo procede assim. Qualquer coisa que queirais fazer, tereis de abrir um ciclo que depois fechará. *A semente de vossos atos está no vosso pensamento*; cada ação vos proporciona uma semente mais complexa, capaz de produzir outra ação ainda mais complexa. Tal como a semente produz o fruto e o fruto produz a semente, o pensamento produz a ação e a ação produz o pensamento. O princípio da semente, como o encontrais na natureza, é o princípio universal de expansão e contração dos ciclos.

Encontrais em vossa própria *vida humana* outro aspecto. Os primeiros anos de vossa existência resumem, primeiro organicamente e depois psicológicamente (vede como a fase α sucede à fase β), todas as vossas vidas orgânicas e psíquicas do passado. A cada nova retomada de um ciclo de vida, vosso ser tem que refazer-se desde o início, embora reassumindo por breve período, a fim de levar o ciclo da nova evolução a um ponto máximo, gradualmente mais adiantado. Assim β, em sua fase mais alta — a fase da vida humana — também é dada pelo abrir-se e fechar-se da espiral, através da qual progride todo o sistema.

Vosso atual nível de vida orgânica mais alto toca a fase α, prepara-vos para a criação do espírito. Assim vemos repetir-se a lei cíclica também no *campo da consciência, individual e coletiva*. No primeiro caso, o processo genético de vossa consciência atua seguindo a mesma linha de desenvolvimento traçada no processo genético do cosmo, isto é, espiral dupla e inversa. Sua abertura é a *ação*, que explode irresistível, como o maior instinto da vida e a manifestação mais evidente da lei, nas consciências jovens, inespertas, que tentam o desconhecido. A ação é o primeiro grau de α, contíguo a β. Com efeito, está cheio de energia e vazio de experiência e sabedoria. A vida humana é uma série de provas, de tentativas, de experiências. Mas nem por isso digais: "vanitas vanitatum" ("vaidade das vaidades"). Se nada se cria (em sentido absoluto), também nada se destrói. Vossos atos, vossas experiências, vossas reações ao ambiente, fixam-se em automatismos psíquicos, tornam-se hábitos, e depois serão instintos e idéias inatas. Assim, a vida orgânica desgasta-se, mas é construção de consciência; o ciclo dinâmico exaure-se, mas de seu exaurir nasce e desenvolve-se a fase α, até um máximo, dado pela potencialidade da consciência, tal como existia no início do ciclo. Mas aqui a expansão da espiral e seus limites de desenvolvimento são de caráter psíquico. Mudam o nível e a matéria, mas tudo repete a mesma lei. Aqui o vórtice diz respeito ao universo espiritual da consciência, mas o princípio de seu movimento é idêntico . Chegando ao seu máximo, o ciclo se cansa e envelhece, volta a seu ponto de origem, para β, e a espiral se fecha. O ponto máximo de vossa vida psíquica custa a chegar e, por vezes, só aparece no fim, muito depois da juventude do viço físico, última delicada flor da alma. Depois a consciência dobra-se sobre si mesma, vem a reflexão, o fruto da experiência é absorvido e assimilado, chega a maturidade do espírito num corpo decadente. Poucos, só os evoluídos, chegam rápido; muitos chegam tarde; alguns, os mais novos na vida psíquica, nunca chegam. Assim o ciclo, esgotado seu impulso — que é proporcional à potência de explosão concentrada no germe da personalidade — retorna sobre si mesmo. A consciência refaz-se sobre o passado, reconcentra-se, reentra em si mesma, fecha-se à ação e à experiência: tudo assimilou. É o caminho da descida, que preludia novo impulso de ação em nova vida, novo aparecimento no mundo de provas, mais ampla experiência, uma retomada do ciclo precedente, mas em nível mais alto, porque seu ponto de partida foi mais alto. Com essa nova descida, β torna-se mais fecunda e, da fase intermediária, torna-se base e semente do desenvolvimento de mais vasta série de ciclos que, em virtude das construções espirituais realizadas, com que os germes tornam-se mais potentes, atingirão a fase +x e seguintes.

No campo das *consciências coletivas* encontrais, nas leis cíclicas, a razão do *desenvolvimento e da decadência periódica das civilizações*. Também aqui ocorre o mesmo fenômeno. Cada civilização, depois de uma juventude conquistadora e expansionista, atinge um máximo de maturidade, que não pode ultrapassar. Uma fatalidade que parece condenar os povos e, em dado momento, diz: "Basta"! É apenas a expressão da lei dos ciclos. Cada civilização constitui um produto espiritual coletivo: é a criação de uma alma mais vasta que a individual; deriva de um germe que potencialmente a continha toda e a levará até um máximo, além do qual não há expansão; e a maturidade só pode resultar em putrefação e decadência. Como todos os fenômenos, também este se esgota, se cansa, envelhece, decai e morre. Para avançar novamente, é indispensável percorrer o ritmo involutivo, a fim de recomeçar desde o início, partindo de novo germe que sintetize o máximo anteriormente atingido: novo ciclo de civilização, que poderá alcançar, por sua vez, um máximo ainda mais elevado, assim por diante. Todo o sistema dos ciclos de civilizações caminha, desse modo, lentamente, por máximos sucessivos, com alternativas de florescimentos, decadências e mortes, renascimentos e recomeços. É nesse curso cíclico do fenômeno que encontrais a razão da *ascensão contínua das classes mais baixas da sociedade*. É o desenvolvimento da linha da evolução que sempre impele para frente as camadas inferiores dos povos. Sem este conceito, não poderíeis explicar como elas constituem uma reserva inexaurível de valores desconhecidos, de que tudo consegue nascer. O povo é a semente das sociedades futuras; as aristocracias de toda espécie são suas sentinelas avançadas, a flor que, terminado seu desenvolvimento, deve curvar e morrer. As classes sociais inferiores só têm uma única aspiração: subir, atingir o nível das mais altas, para imitar, por sua vez, também seus vícios e erros que, no entanto, condenavam, e cair afinal na mesma conjurada estrada de cansaço e de ignomínia, logo que hajam superado a maturidade do ciclo. Dessa forma, por turnos e por ciclos, subindo ou descendo, como vencedores ou como vencidos, todos vivem a mesma lei: indivíduos, famílias, classes sociais, povos, humanidade. Mas a cada volta, o ciclo torna-se cada vez mais amplo, o organismo torna-se cada vez mais complexo. A história vos mostra que a primeira e mais simples das emersões progressivas foi dada pelos ciclos individuais; depois pelos ciclos familiares, depois investem contra classes sociais inteiras, contra povos e nações, enfim, como agora, contra a humanidade. O ciclo torna-se cada vez maior, as grandes massas fundem-se nele, até o tempo presente, em que a humanidade se torna um só povo; é chegada a hora de retomar o ciclo mais vasto de nova civilização.

Assim, em γ, β, α, em qualquer parte, realiza-se o princípio da lei que vos descrevi. A espiral abre-se e fecha-se, seguindo períodos inversos de expansão e contração, volta sempre pelo caminho percorrido, para através dessa concentração de forças, tomar impulso para maiores expansões. Tudo é cíclico, tudo vai e vem, progride e regride, mas só retrocede para progredir mais. E, se repete, resume e repousa, isto representa apenas uma retomada de forças, um deter-se para avançar mais para o alto. Esta é a

evolução em seu íntimo mecanismo; a evolução que contém o significado mais profundo do universo. A verdade de minhas palavras está escrita em vosso mais poderoso instinto e aspiração, que é a de subir, sem medida; subir eternamente.

27. SÍNTESE CÍCLICA — LEI DAS UNIDADES COLETIVAS E LEI DOS CICLOS MÚLTIPLOS

Compreendido bem este conceito do retorno dos ciclos e sua razão, por meio dessa exemplificação, que vos desmonstra como a realidade corresponde ao princípio que vos expus, podemos agora levantar o olhar para um horizonte ainda mais amplo. Antes de proceder a essa exemplificação demonstrativa, já acenamos que o resultado final do abrir-se e fechar-se da espiral pode ser expresso (fig. 4) por uma espiral maior, em constante expansão. Agora pode dar-se a essa expressão sintética do fenômeno, uma expressão ainda mais resumida. Considerando o progredir dessa linha maior ao longo da abscissa vertical, vemos que a cada quarto de giro ela cobre a altura de uma fase (fig. 4). Dessa forma, a coordenada das fases -y +x resume, em seu traçado, todo o movimento da espiral e eleva-se com a expansão desta. Podemos, agora, construir o diagrama da fig. 5. A linha maior, em expansão constante, que exprime o progresso da evolução, está aqui traçada simplesmente, abandonando as fases de retorno, expressas no diagrama da fig. 4. Ela é vista na pequena espiral da esquerda. A abscissa vertical não é mais uma reta, mas uma curva e parte de uma espiral maior, ao longo de cujo traçado escalonam-se as fases sucessivas -y, -x, γ etc. A síntese de todo o movimento evolutivo da primeira espiral é dada, assim, não pelo prolongamento retilíneo da vertical, mas pelo *desenvolvimento de uma espiral maior, também de abertura constante*. As fases sucessivas, segundo as quais ela avança, são de amplitude maior. Abarcarão, por exemplo, ao invés de uma das fases α, β, γ etc., uma criação inteira ou uma série de criações. Mas esta espiral maior ascende também segundo uma linha que, igualmente aqui, será uma curva, que faz parte do traçado de uma espiral ainda maior que progride também em abertura constante. O percurso da espiral maior resume em si todo o movimento progressivo da espiral menor que, por sua vez, é produto sintético do movimento de outra espiral menor, assim por diante. Desse modo o traçado maior se resume, e é dado por todos os desenvolvimentos menores. O pequeno organiza no grande; o grande é constituído do pequeno. A série das espirais, naturalmente, é ilimitada, cada movimento é decomponível e multiplicável ao infinito — propriedade de todos os fenômenos — mesmo permanecendo idêntico seu princípio. Eis a síntese máxima dos movimentos fenomênicos. O processo avança por um movimento interno de íntima auto-elaboração, que liga e une, num modo indissolúvel e compacto, o infinito negativo ao infinito positivo. Um mecanismo de exatidão matemática dirige, toda a criação, com a simplicidade de um princípio único e alcançando uma complicação que vos atordoa. Tudo se compenetra, coexiste; tudo, a cada instante equilibra-se; tudo, do mínimo fenômeno até a criação dos universos, encontra em cada ponto, sua justa expressão.

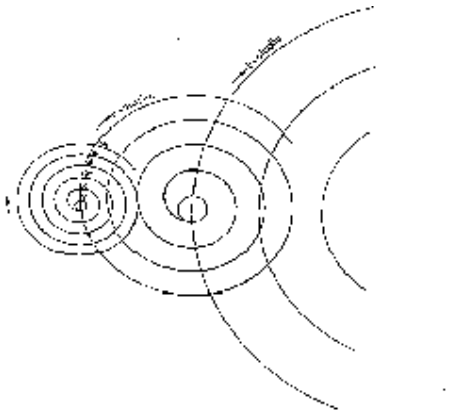


FIG. 5
Síntese cíclica

À série de unidades coletivas (pelas quais as unidades menores se organizam em unidades maiores e a tendência à diferenciação que a evolução produz, compensam-se em reorganizações mais amplas, de tal forma que a auto-elaboração não desagrega nem pulveriza, mas consolida a estrutura do cosmos), corresponde aqui a *série dos ciclos múltiplos*. Cada individuação é um ciclo; se tudo o que existe constitui uma individuação em seu aspecto estático, compõe um ciclo em seu aspecto dinâmico de transformação. Na infinita variedade do caso particular, tudo reencontra sua unidade, o princípio único que irmana todos os seres do universo. Assim como cada individualidade maior é o produto orgânico das individualidades menores, assim cada ciclo maior é produzido em seu desenvolvimento pelo dos ciclos menores. A evolução do conjunto só pode obter-se por meio da evolução de suas partes componentes: processo de maturação íntimo e profundo. Em cada nível, a qualquer distância, o mesmo princípio, idêntica construção orgânica, idêntico processo evolutivo, idêntica conexão funcional. Como não existe individuação máxima nem mínima, assim também não há ciclo máximo nem mínimo, sem jamais ter fim. O sistema prolonga-se, multiplicando-se, subdividindo-se ao infinito. A constituição íntima do ser, a lei de sua transformação é independente da fase de evolução, mas é idêntica no microcosmo tal como no macrocosmo.

A lei das unidades coletivas pode, por isso, transportar-se de seu aspecto estático ao dinâmico. Diz ela: "Cada individualidade é composta de individualidades menores, que são agregados de individualidades ainda menores, até o infinito negativo; por sua vez, é elemento constitutivo de individualidades maiores, as quais são de outras ainda maiores, até o infinito positivo". Cada organismo é composto de organismos menores e é componente de maiores. A lei, repetida em seu aspecto dinâmico na *lei dos ciclos múltiplos*, reza: "Cada ciclo é determinado pelo desenvolvimento de ciclos menores, que são a resultante do desenvolvimento de ciclos ainda menores, até o infinito negativo; por sua vez, é a determinante do desenvolvimento de ciclos maiores, que por sua vez o são de ciclos ainda maiores, até o infinito positivo". Cada individualidade, como cada ciclo, é produzida e definida pela unidade que a precede; forma e define a unidade superior. A organização, o desenvolvimento, o equilíbrio maior é constituído pela organização, pelo desenvolvimento, pelo equilíbrio menor. Cada movimento constrói o seguinte, da mesma forma como foi construído pelo precedente. Cada ser equilibra-se num ponto da série, na hierarquia das esferas, que não tem limites. Isto do átomo à molécula, ao cristal, à célula, à planta, ao animal, a seu instinto, ao homem, à sua consciência individual e coletiva, à sua intuição, à raça, à humanidade, ao planeta, ao sistema solar, aos sistemas estelares, aos sistemas de universos, antes e além desses elementos de vosso concebível, antes e além das fases γ, β, α. Eis a que processo de íntima autoelaboração deve a evolução. Nenhuma força age nem intervém do exterior, mas tudo existe no fenômeno e tudo caminha por síntese progressiva. Progresso e decadência cósmica se ressentem da evolução e do esgotamento atômico. Os extremos se tocam. A grande respiração do universo é dada pela respiração do átomo.

28. O PROCESSO GENÉTICO DO COSMOS

Ilustremos, agora, tudo isso, com *exemplos*. Tal como fizemos antes com o conceito do retorno cíclico, que reconduz a espiral a seu caminho, façamos agora com este conceito do desenvolvimento da espiral maior, produzido pelo desenvolvimento da espiral menor. Notemos que, se a linha da criação não é a reta, mas a *espiral*, isto é devido ao fato de que esta é a linha de menor resistência e de maior rendimento. Tratando-se de realizar um complexo trabalho de destruição e reconstrução, a espiral é a linha mais curta, no sentido de que responde mais imediatamente à lei do mínimo esforço, pela qual se obterá o máximo efeito com o mínimo trabalho. No universo estelar, onde tudo acontece por atração, isso ocorre sempre por curvas. Até no nível físico vedes que a linha do menor esforço, lei universal, não é a reta, mas a curva, que responde a um equilíbrio mais complexo e é o caminho mais curto no sentido mais completo, não o espacial, em que vos isolais e limitais vossa concepção de reta.

No nível físico vedes, nos movimentos estelares e planetários, a coordenação dos ciclos menores com os maiores, expressão visível do princípio dos ciclos múltiplos. Também o encontramos junto com o outro, o do retorno cíclico, nos fenômenos mais próximos de vós. Observai o círculo pelo qual passam as águas, do estado de chuva ao de rio e de mar e, por evaporação, voltam ao estado de nuvens e chuva; um ciclo contínuo, idêntico, no entanto, a cada rotação muda um pouco, e vai amadurecendo um ciclo maior, o da dispersão das águas por absorção na terra e difusão nos espaços; ciclo que caminha para a lenta morte do planeta. O ciclo volta sobre si mesmo, mas sempre com pequeno deslocamento progressivo de todo o sistema.

Observai, em vosso mundo químico, como os elementos que constituem *vosso organismo*, provêm da terra, introduzidos no círculo pela nutrição, e voltam à terra pela morte. Sempre o mesmo material e o mesmo ciclo, mas que se desloca lentamente ao longo da trajetória do ciclo maior, na transformação da espécie. Observai o ciclo de *vosso metabolismo orgânico* e como ele constitui função de longa cadeia de ciclos. Vosso corpo é uma corrente de substâncias, que tomais de outros seres plasmófagos (animais), que por sua vez os tomaram de seres *plasmódomos* (as plantas), as quais, finalmente, operam a síntese orgânica das substâncias protéicas do mundo da química inorgânica da terra e do mundo dinâmico das radiações solares. Vosso pensamento é um ciclo mais alto, que se alimenta dessa cadeia, porque não poderia ele subsistir em vosso cérebro sem restauração física e dinâmica. Vosso funcionamento psíquico está, assim, em relação com processos químicos de vosso organismo, do organismo dos animais de que vos nutris, das plantas de que os animais se alimentam, dos processos químicos da própria matéria, de que os processos de síntese vital das plantas são apenas uma consequência.

Os ciclos têm de caminhar inexoravelmente, e basta que um deles pare, para que toda a cadeia, também pare e se quebre. Todo o ciclo da energia mecânica e psíquica, que se desenvolve no organismo humano, está em estreita relação com o ciclo da energia química dos elementos que configuram um círculo, pelas suas reduções, hidrólises, oxidações, sínteses e processos afins. Quando a molécula de um corpo químico introduz-se por assimilação no organismo protoplasmático da célula, o ciclo do fenômeno atômico entra, através do ciclo do fenômeno molecular de que faz parte, no ciclo maior do fenômeno celular. No mundo das substâncias proteicas, a química do mundo inorgânico acelera seu ritmo, dinamiza-se, adquirindo em velocidade, o que perde como estabilidade de combinação. A individuação fenomênica não mais assume o aspecto de estase mas se torna, como veremos melhor depois, uma corrente, em que nova química instável e fragílima, de ciclo continuamente aberto, decompõe-se e se recompõe no *metabolismo celular*, base do recâmbio. Isso ocorre em seus dois momentos: *anabólico*, da assimilação, e *catabólico*, da desassimilação, quando atinge os vértices da fase β, penetrando na fase α, porque isso implica e significa uma pequena consciência celular que preside às funções de escolha, base do recâmbio, e mantém na corrente deste a individuação do fenômeno.

A realidade vos mostra esta íntima transformação do ser, da fase γ à β e desta à α, e como isso ocorre por ciclos contíguos e comunicantes. A assimilação é algo mais que simples filtragem osmótica: é a ponte de passagem de um ciclo para outro, em que a estrutura íntima do fenômeno sofre uma mutação. Através de que complexa cadeia de ciclos tem de passar a matéria, em sua íntima estrutura atômica, para chegar a poder produzir efeitos de ordem orgânica e psíquica! De que número de movimentos cíclicos resulta o fenômeno da consciência humana!

Estes exemplos mostravam-vos como em realidade existe o conceito da formação progressiva da trajetória dos ciclos maiores, através do desenvolvimento da trajetória dos ciclos menores.

29. O UNIVERSO COMO ORGANISMO, MOVIMENTO E PRINCÍPIO

Chegados a este ponto e realizada em grandes linhas a exposição do sistema cosmográfico, podeis ter uma idéia aproximada de sua incomensurável grandiosidade. Por simplicidade e clareza, tive que seguir uma exposição esquelética e esquemática. Observamos o fenômeno reduzido à sua mais simples expressão de desenvolvimento linear; assim mesmo, que complexidade orgânica e de funcionamento, que riqueza de pormenores, que vastidão e profundidade de ritmo, que grandiosidade de conjunto! Acenei a uma síntese de superfície, mas esta é apenas a seção do dilatar-se de *uma esfera*; os ciclos, para corresponderem mais exatamente à realidade, teriam de ser esféricos, porque a evolução, espacial em γ, dinâmica em β, conceptual em α etc., — mudando de qualidade em cada fase — constitui verdadeira expansão em todas as direções. Vós não possuís sequer as palavras próprias que englobem exatamente todos estes conceitos ao mesmo tempo. Passais dos símbolos e abstrações matemáticas, em que o aspecto mecânico-conceptual do universo está isolado do dinâmico e estático e de outros aspectos que estão além de vossa inteligência, à realidade vestida de miríades de formas, complicada de infinitas minúcias de ações e reações. Imaginai a miríade de seres movidos por incessante dinamismo, que exorbitam do universo de vosso concebível, atentos a esse grande esforço da própria evolução, que consiste em conquista de perfeição, poder, consciência e felicidade sempre maiores; impelidos pela Lei, que é o princípio de seu ser, pelo instinto irresistível, pela aspiração máxima; atraídos pela imensa luz que baixa do Alto, cada vez mais alta à proporção que eles sobem. Imaginai os seres todos escalonados, cada um em seu nível, de ciclo em ciclo, tal como concebeis os anjos organizados nas esferas celestes. Imaginai o canto imenso que, da harmonia desse organismo, na ordem soberana dominante, eleva-se de toda parte e um pouco da grandiosa visão se abrirá diante de vossos olhos.

Olhai. Cada fase é um degrau, um átimo no grande caminho. As fases matéria, energia, espírito formam um universo. Outros universos seguem e precedem, organizando-se em sistema maior, o que é o elemento de um sistema ainda mais amplo e complexo, sem jamais haver fim, nem no mais nem no menos. O princípio das *unidades coletivas* (em seu aspecto estático) e dos múltiplos (em seus aspectos dinâmico e mecânico) é a força de coesão que sustenta a estrutura dos universos. Como a evolução é *palingenesia*, que leva do simples ao complexo, do indistinto ao distinto, e multiplica os tipos que levaria à pulverização do todo se essa força de coesão não reorganizasse o diferenciado em unidades cada vez maiores. Viveis, vós mesmos, esse princípio quando, ao progredir na especialização do trabalho, sentis a necessidade de reorganizá-lo; quando, paralelamente ao maior desenvolvimento das consciências individuais, vedes nascer consciências coletivas cada vez mais amplas e mais compactas. Assim, todos os seres tendem a reagrupar-se, à proporção que evoluem, em unidades coletivas, em colônias, em sistemas sempre mais abrangentes. Isso vos explica porque a matéria, que consideramos em sua estrutura e em seu devenir, apresenta-se a vós na realidade das formas e não em suas unidades primordiais, mas amalgamada e comprimida em agregados compactos, organizada em unidades coletivas de indivíduos moleculares. É a trajetória da espiral menor que se funde na espiral maior. Da molécula aos universos, a mesma tendência a reorganizar-se num sistema maior, a encontrar um equilíbrio mais completo em organismos mais amplos. Por isso, não encontrais moléculas isoladas, mas cristais, verdadeiros organismos moleculares, e amontoados geológicos; não encontrais células, mas tecidos: órgãos e corpos, que são sociedades de sociedades. Sempre sociedades moleculares, celulares, sociais, com subdivisões de trabalho e especialização de atitudes e de funções.

Essa possibilidade de estabelecer contatos e ligações entre os mais distantes fenômenos, que é possível por causa da universal unidade de princípio, permitir-nos-á mais tarde reconstruir *uma ciência jurídico-social em bases biológicas*. Por isso, também não encontrais planetas isolados, mas sistemas planetários; não estrelas, mas sistemas estelares; não universos, mas sistemas de universos. Em vosso universo, essa força que cimenta e mantém unidos e compactos os organismos, vós a chamais *coesão* no nível γ, *atração* no nível β, *amor* no nível α. Um Princípio Único que se manifesta diferentemente nos diversos níveis e que assume diversas formas, adaptadas à substância em que se revela. Encontrais essa força unificante manifestada na concentricidade de todas as volutas da espiral. Tudo se entrelaça em redor de um centro, o núcleo, o Eu do fenômeno, em cujo derredor gira a órbita de seu crescimento.

O princípio das unidades coletivas dispõe as individuações por hierarquia, escalona os seres em diferentes níveis, segundo seu grau de desenvolvimento e suas capacidades intrínsecas. Por isso, o tipo superior domina naturalmente, sem esforço, o inferior, que não tem possibilidade de rebelar-se, porque o mais está totalmente acima de sua compreensão e de sua capacidade de ação. Estabelece-se, desse modo, um equilíbrio espontâneo nos diversos níveis, devido simplesmente ao peso específico de cada individuação. O diagrama das espirais *fornece o conceito das hierarquias*. Agora, pensai apenas isto: vós não sois somente membros de vossa família, de vossa nação, de vossa humanidade, mas sois cidadãos deste grande universo. São apenas os limites de vossa consciência atual que não permitem que vos "sintais" uma roda da imensa engrenagem, uma célula eterna, indestrutível, que com seu trabalho, concorre para o funcionamento do grande organismo. Esta é a extraordinária realização que vos prepara a evolução às superiores formas de consciência. Quando lá tiverdes chegado, olhareis com pena e desprezo vossas atuais fadigas ferozes.

Esta é a visão das esferas celestes, donde promana o hino da vida. É imensa e, no entanto, é simples, em comparação com a visão de seu *movimento*. Os seres não se detêm nos diversos níveis, mas se *movem*, num íntimo movimento que os transforma a todos. Em vosso universo físico-dinâmico-psíquico não é apenas a esfera física que é dominada pela energia; esta por sua vez, é dominada pelo espírito, mas, todas juntas constituem todo um incessante movimento de ascensão, das esferas inferiores às superiores. A matéria, o universo estelar, é uma ilha que emergiu do nível das águas do universo inferior. A segunda pulsação produziu uma emersão mais alta, a energia; a terceira, uma emersão utilíssima para vós, o espírito. Desse modo, a substância se

muda de forma em forma, as individuações do ser elevam-se de esfera em esfera; aparecem, provenientes do infinito, em vosso universo concebível; desaparecem imersas no infinito. No alto, está a luz, o conhecimento, a liberdade, a justiça, o bem, a felicidade, o paraíso; é a grande luz que se projeta, e acende em vós aquilo que, com um pressentimento, está por cima de vossos ideais e de vossas aspirações já elevadas. Embaixo estão as trevas, a ignorância, a escravidão, a opressão, o mal, a dor, o inferno, vosso passado, que vos enche de terror no presente e este, por sua vez, será amanhã o passado que também vos encherá de terror.

A *evolução* corresponde a um conceito de *libertação dos limites que sufocam, dos liames que estrangulam*, é um conceito de expansão cada vez mais amplo do nível físico ao dinâmico e ao conceptual. Por isso, é subida, progresso e conquista. Embaixo, nos graus subfísicos, o ser está apertado em limites ainda mais angustiosos do que são o tempo e o espaço que atormentam vossa matéria; no alto, nos graus superpsíquicos, não apenas caem as barreiras de espaço e de tempo — tal como já ocorre em vosso pensamento — mas desaparecem também os limites conceptuais, que hoje circunscrevem vossa faculdade intelectiva. O horizonte do concebível será deslocado imensamente, para mais longe, mas ainda constitui um limite para vós e só podeis superá-lo pela evolução. O universo psíquico já é muito mais vasto que os outros dois, o limite tempo-espacial já desapareceu completamente! Vossa mente, é inegável, perde-se em tanta amplidão. Mas deveis compreender, certamente, que o absoluto só pode ser um infinito, porque só um infinito pode conter e esgotar todas as possibilidades do ser. Deveis compreender: se sois cidadãos do universo, não sois o universo; sois órgãos e não o organismo; sois um momento do grande todo e não a medida das coisas. Infelizmente, vosso concebível se restringe aos limites de vossa consciência, que só se comunica com o exterior pelas portas estreitas dos vossos únicos cinco sentidos. O que pode acrescentar a isso a maioria das pessoas? Muito pouco, para conceber o absoluto.

O limite sensório é restrito e, diante da realidade das coisas, mantém-vos num estado que poderia chamar-se de contínua alucinação. Essa é a base de vossa pesquisa científica. Suponde em vós outros sentidos diferentes e o mundo mudará. A distância que separa os seres não é distância espacial, é um modo diferente de vibrar, em resposta às vibrações do ambiente. *Cada ser é um relativo, fechado num limitado campo conceptual*. A série infinita dos seres sentirá o universo de infinitas maneiras, inimagináveis para vós. O relativo vos submerge, *a consciência que se apóia na síntese sensória é um horizonte circular fechado*. Não há dúvida que para vós é difícil sair de vossa consciência, superando-a, impulsionando-vos até os mais longíquos horizontes, conquistando novos concebíveis. Mas é isto que vos ajudo a fazer, a isso vos leva a evolução. Quem vive satisfeito com a pequena visão que domina, poderá saciar-se durante algum tempo, mas corre o risco de encontrar grandes desilusões, logo que chegue a mudança da morte.

É verdade que muitas coisas que vos estou a dizer, não podeis verificar hoje com vossos meios sensórios. Mas a convergência de todos os fenômenos que conheceis para esses conceitos, vos faz confiar que eles correspondem também às realidades que atualmente não podeis controlar. Tudo está aqui contraído num sistema orgânico completo e compacto. Por que o desconhecido deveria mudar de caminho e fazer exceções num organismo tão perfeito? Quando eu tratar das normas de vossa vida, esta massa enorme de pensamento que estou acumulando constituirá um pedestal que não podereis mais derrubar.

Dessa forma, a evolução, acossada por baixo pela maturação dos universos inferiores, ávidos de expansão e de progresso e atraídos pela imensa luz que desce do Alto, fecundando e incentivando a subida, avança qual maré imensa que arrasta todas as coisas.

A lei que estudamos na trajetória típica dos movimentos fenomênicos é a lei desta evolução; é o *canal* através do qual se move a grande corrente; é o ritmo que organiza o grande movimento. Os seres não sobem ao acaso.

Para atingir α é indispensável atravessar β, e, antes, passar por γ. Ninguém é admitido na fase mais alta a não ser pelo amadurecimento, depois de ter vivido "toda" a fase precedente. Só se pode avançar por degraus sucessivos. Por isto, as formas mais evoluídas compreendem as menos evoluídas, mas não ao contrário. Só depois de haver alcançado a plenitude da perfeição, que advém do fato de ter atravessado todas as possibilidades de uma fase, pode-se passar para a fase sucessiva.

Assim avança a grande marcha. A estrada está traçada e não é possível sair dela. A evolução não é um subir confuso, desordenado, caótico, é um movimento perfeitamente disciplinado, sem possibilidade de enganos, nem de imposições. A lei possui um ritmo próprio, absoluto, segundo o qual só se avança por continuidade; é indispensável existir, viver, experimentar, amadurecer, semear e recolher, em estrita concatenação de causas e efeitos. Pode parecer-vos caótico o mundo e os seres misturados e abandonados ao acaso, mas não importa uma aparente confusão espacial, pois cada ser traz em si escrita a lei, inconfundivelmente, na própria natureza. Além disso, o caminho evolutivo não é um caminho espacial. O princípio vale mais que o movimento; é o princípio que lhe traça o caminho. Eis o aspecto *conceptual* (mecânico) do universo, que colocamos acima de seu aspecto *dinâmico*, o movimento, e além de seu aspecto *estático*, o organismo das partes. O *organismo, movimento e princípio*, vede como se encontra, mesmo na trindade de aspectos de vosso universo, este conceito de progresso; há uma gradação de amplitude e de perfeição nesses aspectos. Só se passa aos superiores depois de completar e amadurecer os inferiores, completando e amadurecendo o próprio princípio. Por meio de uma dilatação progressiva, a expansão evolutiva transforma-se de física em dinâmica e em conceptual. Essa evolução é a íntima respiração em que vibra todo o universo. Os seres *existem* como individuações; *movem-se* segundo a evolução, seguindo o princípio que os rege. O princípio contém, em embrião, todas as formas possíveis, é o desenho que inclui todas as linhas do edifício, mesmo antes que surja a primeira pedra para manifestá-lo. A cada momento ocorre a criação, alguma coisa emerge de um nada relativo, surge em realização de algo que estava à espera no germe. Não existe um nada absoluto. O ser toma uma forma nova, vestindo-a como uma roupa, um meio para subir, como um veículo que depois abandonará. O conceito, o tipo já estava fixado, à espera, no princípio que o próprio ser enfeixava em si, e do qual é a manifestação.

Assim, as individuações atravessam a série das formas, cujos projetos contém. Cada ser contém em si também aquilo que será a forma que deverá atingir; contém em germe o esquema de todo o universo; não o ocupa, não é o universo inteiro, mas nele se transforma sucessivamente. *Por isso, o princípio, mesmo existindo nas formas, é algo acima e independente delas*. Na realidade, o tempo infinito permitiu que o ser ocupasse formas infinitas; desse modo, o futuro, tal como o passado, está efetivamente presente no todo. Não o está no relativo, onde a forma é isolada e aguarda novos desenvolvimentos. *Mas ocorre o*

desenvolvimento e os universos futuros que atingireis e atravessareis, são dados, existem, foram vividos, são o passado para outros seres, ou seja, são vistos de um ponto diferente, do qual o todo olha para si mesmo. Essa relatividade de posições, de passado e de futuro, de criação e de nada, desaparece no absoluto e todas as criações existem no infinito e na eternidade. Só o relativo que se transforma, possui tempo, isto é, ritmo evolutivo. A Lei, sem limites, está à espera, no eterno. *O tipo preexiste ao ser que o atravessa*, as coisas vão e vêm.

Aí está a visão bíblica da escada de Jacó. Os seres sobem e descem. Um chega, outro parte, outro se detém. Somente entre graus afins é possível a passagem por continuidade. Existem universos contíguos ao vosso, que o precedem ou o superam; é apenas isso que torna possível a passagem ao longo da cadeia. Contiguidade, mas não em sentido espacial, mas de afinidade, de semelhança de caracteres, de comunhão de qualidades, de trabalho, de possibilidades na jornada evolutiva. Se, do ponto de vista estático, cada universo é um organismo completo em si mesmo, com a evolução, todos os seres se comunicam e se deslocam ao longo dele, de um infinito a outro. Nas fases inferiores à vossa, isto é, γ e β, os seres sobem e descem de acordo com o abrir-se e fechar-se da espiral, ou de acordo com a linha quebrada do diagrama da fig. 2; isso acontece por um princípio de necessidade que não admite escolha. Trata-se de u'a maturação fatal, que o ser segue inconscientemente. Mas, em vosso nível α, *aparece um "quid" novo*, liberta-se um princípio mais amplo que se chama *livre-arbítrio*: a livre escolha que nasce paralelamente quando surge a consciência. Podeis acompanhar a evolução ou não acompanhá-la, e fazê-la à velocidade que quiserdes. É a liberdade que preludia a fase +x, em que *a consciência humana atingirá o novo vértice e conquistará nova visão do absoluto*.

Desse modo, vosso mundo humano contém α e é atravessado por seres que sobem e descem; seres que, provindos das formas inferiores de vida, mais próximas de β, avançam custosamente, trabalhando na criação do próprio eu espiritual; ou então, seres que, tendo decaído das formas superiores de consciência, abandonam-se à ruína, abusando do poder conquistado. Uns retrocedem, outros avançam; uns acumulam valores, outros os perdem. Existem ainda os que param, indolentes, preferindo o ócio, ao invés de esforçar-se com fadiga pelo próprio progresso. Daí a grande variedade de tipos e de raças no mundo. Essa é a substância de vossas vidas. Sois sombras que caminham, consciências em construção ou em demolição. Estais todos a caminho, cada um grita diferentemente com voz da própria alma, luta, agita-se, semeia e acolhe. *Livremente, com as próprias ações, lança a semente da qual nascerá aquilo que, mais tarde, constituirá seu inexorável destino*. Em vosso nível, é livre a escolha dos atos e dos caminhos; livres a colocação das causas; isso vos é concedido por vossa maturidade de habitantes da fase α. No entanto, *não é livre a escolha da série de reações e dos efeitos*, pois esta é inexoravelmente imposta pela Lei. Cada escolha vos prende ou liberta. O poder de escolher e de dominar aumenta com a capacidade e com o merecimento, que lhe garantem o bom uso. Dessa forma, o *determinismo da matéria gradualmente evolui para o livre-arbítrio da consciência*, à proporção que esta se desenvolve. O livre-arbítrio não é um fato constante e absoluto como em vossas filosofias, em insolúvel conflito com o determinismo das leis da vida; mas é um fato *progressivo e relativo* aos diversos níveis que cada um atingiu. Por isso, apesar de vossa liberdade, o traçado da evolução permanece inviolável. Essa liberdade é, como vós, relativa, e vossas ações só podem afetar o que se refere a vós mesmos.

Eis, pois, em grandes linhas, o imenso quadro da criação. Ciclo infinito, de fórmulas abertas e comunicantes, progredindo das unidades mínimas às máximas, mediante uma elaboração que opera, em todas as profundidades do ser, o progresso da espiral maior, que é movido pelo progresso de todas as espirais menores, até o infinito. E, no âmbito de cada ciclo, uma pulsante respiração evolutiva que se inverte e se equilibra num período involutivo, a fim de retomar dessa involução uma respiração mais ampla. Isso se dá desde o infinitamente simples até o infinitamente complexo, e a respiração evolutiva de cada unidade é dada pela respiração evolutiva de todas as unidades menores. O vórtice maior progride por saturação dos vórtices menores que o constituem.

Pensai! O progresso de vossa consciência vive pelo concurso e pelo progresso de todos os ciclos menores: eletrônico, atômico, molecular, celular; Antes de ser um vórtice psíquico, é um vórtice de metabolismo orgânico, elétrico, nervoso, cerebral, psíquico e, finalmente, abstrato. Todo o passado está presente, indelevelmente fixado por todos os retornos involutivos. Todo o futuro está presente, porque o presente o contém todo, como causa, como princípio, como desenvolvimento, concentrado em estado latente. Se esta derivação do mais, determinada pelo menos, pode parecer-vos absurda, é apenas porque não podeis sair das fases de vosso universo, que constitui todo o vosso concebível. O mais é apenas a explosão de um mundo fechado em si mesmo, mas que já continha tudo em potencial. Evolução significa expansão de vórtices, que são depósitos de latências, tal como seria um bloco de dinamite. Não se trata de mais ou de menos substância, o absoluto, que não tem medida, não possui quantidade. Trata-se de transformação, de criação no relativo. É a auto-elaboração que traz à luz β de γ e α de β. Nem por isso digais que o espírito é um produto da matéria. Dizei: γ se eleva até α, revelando o princípio que continha latente em sua profundidade.

Pensai! A respiração do átomo, dada pela respiração do universo; a respiração do universo, dada pela respiração do átomo; uma criação sem fim, sem limites, em que tempo e espaço são apenas propriedades de uma fase, além da qual desaparecem; onde o relativo limitado, imperfeito, mas em evolução e inexaurível no infinito, forma e iguala ao absoluto. Dai a tudo isso uma concentricidade, uma coexistência, que não pode ser expressa pela forma linear da palavra, e tereis uma imagem aproximada do universo em sua *complexidade orgânica*, em sua *potência dinâmica*, em sua *vastidão conceptual*.

30. PALINGENESIA

(Eterno Retorno)

Que vem a ser, neste sistema, o vosso *conceito de Divindade?* Compreendeis que Deus não pode ser algo mais e exterior à criação, ou distinto dela; que só o homem que está no relativo pode acrescentar a si, ou devenir além de si, não Deus, que é o absoluto. Vossa concepção de um Deus que cria fora e além de si, acrescentando algo a si mesmo, é absurda concepção antropomórfica, é querer reduzir o absoluto ao relativo. Não pode haver criação no absoluto. *Só no relativo pode haver nascimento e transformação*. O absoluto simplesmente "é". *Não queirais restringir a Divindade aos limites de vossa razão*; não vos eleveis a juízes e à medida do todo; não projeteis no infinito as pequeninas imagens de vosso finito; não ponhais limites ao absoluto. Em

sua essência, Deus está além do universo de vossa consciência, além dos limites de vosso concebível. É irreverência aviltar esse conceito para querer compreendê-Lo. Constituindo-vos em medida das coisas, colocais como sobrenatural e miraculoso qualquer fato novo para vossas sensações, tudo o que exorbite do que sabeis e conheceis. Mas, a natureza é expressão divina e não pode haver nada acima dela, nenhum acréscimo, nenhuma exceção, nenhuma correção à Lei.

Sobrenatural e milagre são conceitos absurdos diante do absoluto, aceitáveis apenas em vosso relativo, aptos a exprimir vosso assombro diante do que é novo para vós e nada mais. Neles está contida a idéia de limite e de seu superamento; conceitos inaplicáveis à Divindade. Esta é superior a qualquer prodígio e o exclui como exceção, como retorno ao que já está feito, como retoque ou arrependimento e, sobretudo, como vontade de desordem no equilíbrio da lei estabelecida. Limitai a vós mesmos esses conceitos e não vos julgueis centro do universo. Guardai para vós os conceitos de tempo, de espaço, de quantidade, de medida, de movimento, de perfectibilidade. Não deveis medir a Divindade como medis a vós mesmos; não tenteis defini-La, muito menos com aquilo que serve para definir-vos a vós mesmos, por multiplicação e expansão de vosso concebível. Se quereis somar ao infinito vossos superlativos, dizei ao infinito: *isto ainda não é Deus*. Seja Deus para vós uma direção, uma aspiração, uma tendência; seja para vós a meta. Se Deus está no infinito — inconcebível para vós em sua essência — nosso finito dele se avizinha por aproximações conceptuais progressivas. Vede como na Terra cada um adora a representação máxima da Divindade que pode conceber, e como, no tempo, essa aproximação se dilata. Do politeísmo ao monoteísmo e ao monismo verificais o progresso de vossa concepção, que é proporcional à vossa força intelectiva e progride com ela. A luz aparece mais intensa à proporção que o olhar se torna mais penetrante. O mistério subsiste, mas empurrado cada vez para mais longínquos horizontes. Por mais que este se dilate, haverá sempre um horizonte mais afastado para atingir. Ao verificar vossa relatividade que progride, eu não destruo o mistério, mas o enquadro no todo e dele dou a justificação racional, torno-o um mistério relativo, que só existe pela limitação de vossas capacidades intelectivas, que recua continuamente diante da luz, *em função do caminho das verdades progressivas*; um mistério fechado dentro dos limites que a evolução ultrapassa dia a dia. Se a divindade é um princípio que exorbita vossos limites conceptuais, ela lá está a esperar-vos; para revelar-se, espera vossa maturação. Hoje, que finalmente vossa mente está amadurecendo, *não é mais lícito*, como no passado, *"reduzir" aquele conceito a proporções antropomórficas*. Hoje, eu já trouxe ao vosso relativo nova e maior aproximação; projetei em vossas mentes a maior imagem que as humanidades futuras terão de Deus. Este é um canto mais alto de sua glória. Isto não é irreligiosidade, mas ao invés, pela maior exaltação de Deus, é religiosidade mais profunda. Não procureis Deus apenas fora de vós, tornando-O concreto em imagens e expressões de matéria, mas O "sentis", sobretudo , em sua forma de maior poder dentro de vós, na idéia abstrata, estendendo os braços para o universo do espírito, que vos aguarda.

31 . SIGNIFICADO TELEOLÓGICO DO TRATADO — PESQUISA POR INTUIÇÃO

Sob minha direção, recomeçai comigo vossa viagem, mais que dantesca, através do universo. A estrada é longa, o panorama é amplo e vosso pensamento corre o risco de perder-se. Desejáveis provas e demonstrações; aqui as tendes em profusão. Segui-me e minha argumentação cerrada, maravilhosa correspondência de toda a fenomenologia existente com o Princípio Único que vos expus, levar-vos-ão até o fim — logo que tivermos atingido as conclusões de ordem moral e social — a enfrentar este dilema: ou admitir todo o sistema, ou nada. Se o sistema corresponde à verdade em tantos fenômenos conhecidos, deve também corresponder aos fenômenos que não conheceis nem podeis controlar; admitir e seguir os princípios de u'a moral superior — parte integrante do sistema — não será mais questão de fé, mas de inteligência.

Depois disto, todo homem dotado de inteligência terá *o dever* de honestidade e justiça. Diante da demonstração evidente que coloca a questão moral na base do dilema: compreender ou não compreender, não é mais lícito duvidar e fugir. O malvado só poderá ser inconsciente ou de má-fé. Não se poderá mais discutir uma ciência da vida, que está baseada numa concepção teleológica que corresponde aos fatos e que está em relação harmônica com o desenvolvimento de todos os fenômenos; não mais construções do todo, isolado do resto do mundo fenomênico, indemonstráveis, frequentemente uma nota dissonante no grande concerto do universo; não mais — como em tantas filosofias — uma idéia particular, elevada a sistema. Como um verdadeiro edifício erguido sobre fundamentos vastos como o infinito, o homem é considerado em relação às leis da vida, estas em relação à lei do todo. Uma vez completado o tratado, não será mais lícito, racionalmente, ao homem, isolar-se em seu egoísmo, indiferente ou agressivo, pois tudo é organismo, também a coletividade, esta não pode ser senão um organismo. Até mesmo em sua forma, esta teleologia que estou desenvolvendo corresponde ao princípio orgânico e monístico do universo. Observai como é pouco o que estou demolindo e como, ao invés, cada palavra tem sua função construtiva; observai como é pouco o que nego, diante de tudo o que afirmo. Evito agressões e destruições; fujo de vossas inúteis divisões, como materialismo e espiritualismo, positivismo e idealismo, ciência e fé. Divergências transitórias vos atormentaram nos últimos decênios, mas eram necessárias para preparar-vos a maturação de hoje, que é o momento da fusão e da compreensão, entre uma ciência que se tornou menos dogmática e soberba, mais sábia em sua atenuada pressa de conclusões e deduções, e uma fé mais iluminada e consciente. Eu sou tanto uma quanto a outra. Meu olhar é bastante amplo para compreender, ao mesmo tempo, os dois extremos: o princípio da matéria e o princípio do espírito. Esta minha apologética da obra divina é novo benefício que vos chega do Alto. É uma demonstração que presume que sois conscientes, adultos e maduros. Vossa responsabilidade moral crescerá como nunca, se ainda quiserdes insistir nas velhas sendas da ignorância ou da ferocidade. Eu sei! O misoneísmo atávico de vossa orientação psicológica é imensa barreira, massa negativa e passiva, que me resiste com sua inércia. Qualquer mente humana se despedaçaria, sem movê-la, contra essa muralha gigantesca. Mas meu pensamento é um fulgor que abalará as mentes. Se possuís toda a resistência da matéria inerte, eu possuo todo o poder do pensamento dinâmico que desce relampejando do Alto. Vossa psicologia é um fenômeno com sua própria velocidade e massa, lançado ao longo de uma trajetória que resiste a todo desvio. Mas eu represento um princípio superior a esse

fenômeno e intervenho no momento em que, por sua maturação, a lei impõe uma mudança de rota. Chegou o momento, e vós subireis.

Cada vez percebeis melhor o centro deste pensamento que se vai desenvolvendo, não é, nem pode ser, de vosso mundo; é uma síntese tão ampla, poderosa e exaustiva, que jamais foi proferida na Terra. Toda essa massa conceptual, que tendes sob os olhos, move-se do infinito — seu ponto de partida — e daí desce até o vosso concebível. Para quem a procura, esta é a prova íntima, presente em cada página, da origem transcendente da obra, prova real, inerente ao Tratado que o acompanha; prova mais sólida que todas as exteriores que procurais nas qualidades do instrumento e nas modalidades de transmissão e recepção. O ângulo visual e a amplidão de perspectiva desta síntese estão, absolutamente, acima de todas as sínteses humanas ao vosso alcance. No entanto, esforço-me num contínuo trabalho de adaptação, a fim de reduzir à vossa capacidade estes conceitos, próprios de planos mais altos. Sem este trabalho, o Tratado teria de desenvolver-se, em grande parte, fora de vosso concebível, por considerar realidades superiores, inimagináveis para vós.

Este Tratado satisfaz plenamente à necessidade de vossa ciência atual: reduzir a imensa variedade de fenômenos a um princípio único. Vedes todas as minhas argumentações convergirem para esse monismo sintético: a busca e a necessidade de vosso intelecto. Minha afirmação diz: unidade de princípio em todo o universo; unidade na complexidade orgânica, unidade no transformismo evolutivo. Em sua grandiosa simplicidade, esta idéia é a mais poderosa afirmação de vosso século. Esta idéia, tremendamente dinâmica e fecunda, é suficiente para criar uma nova civilização. O conceito de lei, que cada palavra minha reafirma, é ordem, equilíbrio, afirmação; põe em fuga todos os niilismos, pessimismos e ateísmos, a idéia da cegueira do acaso, da atrocidade do sofrimento, da desordem e da injustiça na criação; ela vos torna melhores e vos eleva a cidadãos de um mundo maior, conscientes das leis que o dirigem. Mas, uma tal síntese não podia ser alcançada por mentes imersas, no relativo, mas apenas de um ponto de vista que, estando fora da humanidade, pudesse, numa visão de conjunto, contemplá-la toda; ou seja, não podia chegar a vós, senão provindo de um plano mental superior. As páginas que se seguem justificarão estas afirmações, dando-vos novas aproximações do superconcebível que vos ultrapassa.

Colocasteis vossos pontos fixos na Terra, quando, ao invés, eles estão no céu. Os fatos donde moveis, *o método da observação* e o instrumento da razão, fecham-vos num círculo, sem possibilidade de saída. Jamais discutisteis vós mesmos e nem pensasteis que se devesse superar vosso instrumento — esta é a primeira coisa a fazer. Eu quebro os grilhões e escapo do círculo em que vos haviam trancado vossa ciência e vossa filosofia. Era preciso quebrar de uma vez por todas esse anel: análise e síntese, síntese e análise, e encontrar um ponto de partida fora de vosso relativo. Um sistema filosófico ou científico pode ser uma concatenação e uma construção perfeitas, do ponto de vista lógico e matemático. Mas o ponto fixo, a base de onde partis, está sempre lá, no relativo; por isso, vossas construções são em tão grande número e tão diferentes, todas prontas a ruir, logo que sejam deslocadas desse ponto. Muitas vezes vos isolais numa unilateralidade de concepção, elevando-vos, vós mesmos, a sistema.

Muitas vezes sabeis, pelo poder da mente, mas depois vosso coração não segue junto. De que serve saber, se não sabeis amar? Separais pesquisa e paixão, mas o homem é síntese feita de luz e calor. Além disso, como pudesteis crer possível chegar sozinhos — por força de análises e hipóteses, esflorando os fenômenos com vossos sentidos limitados — a alguma coisa que ultrapassasse uma síntese parcial, isto é, a síntese máxima? O que tendes sob os olhos? Como pode caber em vosso pequeno mundo terreno, todo o mundo fenomênico? Entretanto, eu resolvo, mas mudando de sistema; arraso o *método indutivo*, para substituí-lo pelo *método intuitivo*[8]. Mas nem por isso deixo de dirigir-me e de ficar aderente à realidade, verdadeira base de qualquer filosofia. Eu vos digo: as realidades mais poderosas estão dentro de vós. Olhai o mundo, não com os olhos do corpo, mas com os olhos da alma. Os métodos dos quais tanto se ocupam certas filosofias, os métodos clássicos de pesquisa que vos parecem inabaláveis, já deram até agora todo o seu rendimento; são meios superados, que não vos farão mais progredir um passo sequer.

32. GÊNESE DO UNIVERSO ESTELAR — AS NEBULOSAS — ASTROQUÍMICA E ESPECTROSCOPIA

Retomemos agora alguns conceitos já ventilados e continuemos seu desenvolvimento. Desse modo, completaremos a exposição sumária dos princípios e tornaremos a observá-los na realidade fenomênica; observaremos os fatos sempre sob novos aspectos.

Retomarei por um momento a fase γ em seu aspecto estático, descrevendo-vos a *construção do universo físico*: uma pausa no *campo astronômico*, para daí tomar impulso para conceitos mais profundos. Dir-vos-ei coisas que não podia expor antes de amadurecer tantos conceitos. Esta minha *exposição cíclica progressiva* que adoto, corresponde à maturação de vossa psique e à necessidade de expor-vos gradualmente a grande visão, a fim de que a assimileis, ao invés de perder-vos. Cada conceito, se não for esboçado antes, numa primeira fase apenas em suas linhas fundamentais, arriscaria perder sua unidade em infinitas ramificações colaterais. Cada conceito estende-se como uma esfera, em todas as direções, enquanto vossa consciência só pode perceber um de cada vez. Por brevidade, temos que escolher os principais. Minha consciência volumétrica — isto é, de terceira dimensão — num plano superior à vossa, de superfície (segunda dimensão), como vos explicarei, vejo por síntese, ao passo que vós vedes por análise. O finito, de que sois feitos, justifica esses retornos, a que sois obrigados, para examinar sucessivamente a realidade em seus aspectos, que nós vemos em síntese, a fim de penetrar, por degraus, além da forma que está na superfície e recobre a essência que está na profundidade.

O estudo do aspecto dinâmico da fase γ mostrou-vos na estequiogênese, o nascimento, a evolução e a morte da matéria. Caiu, desse modo, vosso dogma científico da indestrutibilidade da matéria. Compreendidos os conceitos de nascimento da matéria, por concentração dinâmica; de sua evolução química; de sua morte por desagregação atômica (radioatividade); vejamos, agora, como se comporta essa matéria na realidade do *universo astronômico*, nos imensos amontoados de estrelas.

Um exemplo no campo físico poderia ser trazido como ilustração do princípio do desenvolvimento cíclico dos fenômenos, com a volta ao ponto de partida, mas com progressivo deslocamento do sistema: é o que encontrais na trajetória traçada pelo caminho da Terra nos espaços. Girando em redor do sol num plano, com os outros planetas, em sua mesma direção — enquanto o sol, por translação, afasta-se das regiões de Sírius para as de Vega da Lira e para a constelação de Hércules — a Terra descreve exatamente uma trajetória que, mesmo retornando sempre sobre si mesma, jamais volta ao mesmo ponto de partida no espaço. Isso acontece porque o movimento solar de translação faz desenvolver-se a elipse planetária, não num plano, mas em espiral, de acordo com a direção do deslocamento do sol.

Entretanto, observemos mais de perto um fenômeno muito mais amplo: *a construção de vosso universo estelar*. Já acenamos a isso a propósito do desenvolvimento do vórtice das nebulosas. Esse simples aceno merece mais profundo exame, agora que completamos o estudo da espiral. Vosso universo estelar é constituído pela Via Láctea; no plano físico, é a exata expressão do princípio da espiral. Muitas dúvidas vos atormentaram e muitas hipóteses aventasteis, para explicar a construção e a origem dessa faixa estelar que envolve os dois hemisférios de vossa visão celeste. Não formulo hipóteses, mas vos transmito, como o vejo, o estado dos fatos e vos indicarei de que modo, em parte, podereis controlá-los.

A matéria, pela lei das unidades coletivas, se vos apresenta em amontoados geológicos e siderais. Todo o vosso universo físico é constituído pela Via Láctea, um sistema completo e limitado, a cujo diâmetro podeis dar o valor de cerca de meio milhão de anos-luz. O sol, com a corte de seus planetas, está situado no sistema. A via Láctea é, exatamente, um vórtice sideral em evolução.

Demonstraremos esta afirmação. O grande vórtice da Via Láctea é dado pelo seu devenir — pela lei dos ciclos múltiplos — por vórtices siderais menores, que vedes e conheceis, e nos quais podeis encontrar o caso maior. Os telescópios vos põem sob os olhos várias nebulosas, as da constelação da Balança, de Andrômeda; a nebulosa em espiral da constelação do Cão, nebulosa regular, em que a linha da espiral está claramente visível. O vórtice estelar é, por vezes, como neste caso, orientado de maneira a apresentar-se de frente, às vezes obliquamente, aparecendo como um oval achatado, em perspectiva, como na nebulosa de Andrômeda; às vêzes de perfil, em sua espessura. Neste caso, assume o aspecto da seção de uma lente e as espirais, ao sobreporem-se, ficam ocultas ao olhar. Vosso sistema solar foi uma nebulosa, que agora chegou à maturidade; os planetas, cuja verdadeira órbita é uma espiral com deslocamentos mínimos, recairiam no sol, se não se desagregassem pela radioatividade. A via Láctea é apenas imensa nebulosa espiralóide, em processo de maturação. Vosso sistema solar, como as citadas nebulosas, faz parte dela. No âmbito da espiral maior, desenvolvem-se as espirais siderais menores. Podeis representar a Via Láctea como imenso vórtice, semelhante, embora maior, ao da nebulosa da constelação do Cão. O sistema solar está imerso na espessura do vórtice que, portanto, só aparece visível em sua seção; mas como seção, vos envolve nos dois hemisférios e por isso aparece uma faixa em todo o redor.

Eis os fatos que vos demonstram essa afirmação: é no plano equatorial da Via Láctea que se comprimem os amontoados das estrelas, enquanto nos pólos a matéria está em estado de rarefação; as estrelas multiplicam-se à proporção que vos avizinhais da Via Láctea. O sistema solar está situado mais para o centro da espiral, centro que lhe fica de lado, no plano de achatamento e do desenvolvimento do vórtice. A distribuição diferente das massas siderais, em vosso céu, é causada exatamente pela visão que conseguis, quer na maior secção horizontal, quer na menor secção da direção vertical, do esferóide achatado, que representa o volume do sistema espiralóide galático.

Mas há fatos mais convincentes. A espectroscopia permite estabelecer uma espécie de astroquímica, que vos informa a respeito da composição das várias estrelas. Com a análise das radiações estelares, também podeis estabelecer sua temperatura, porque à proporção que esta aumenta, vedes aparecer no espectro as várias cores, do vermelho ao violeta, que é o último a aparecer. O ultravioleta revela as temperaturas mais altas. Quanto mais o espectro se estende nessa área, mais quente é a estrela observada. Então o espectro vos revela, concomitantemente, *a constituição química e a temperatura*. Baseando-vos nestes critérios, torna-se possível uma classificação das estrelas, quanto ao tipo, e uma graduação delas também em relação a seu *grau de condensação*, daí sua idade no processo evolutivo. Uma primeira série de estrelas é composta de gases incandescentes, como o hidrogênio, o hélio e o nebúlio (que ainda desconheceis). Deste último são as estrelas *mais quentes*. A matéria está no estado gasoso, a massa estelar é uma nebulosa ainda no *seu início*. Estas são as estrelas mais jovens, de cor prevalentemente azul, e representam a fase inicial da evolução sideral do vórtice galáctico. Essas estrelas estão todas situadas nas *vizinhanças* imediatas da Via Láctea. Continua a gradação e abrange estrelas de *hélio* sempre *quentes e jovens*, sempre *próximas da Via Láctea*; depois as estrelas de *hidrogênio*, em que se acentua o hidrogênio e o hélio, tende a desaparecer. Embora nas proximidades da Via Láctea, elas começam a espalhar-se pelo céu. Menos jovens, mais avançadas evolutivamente que as precedentes, em via de condensação, emanam luz branca. A essa série de estrelas brancas (a que pertence Sírius) segue-se a das estrelas de *luz amarela*, nas quais os metais substituem os gases, mas sempre em temperaturas elevadíssimas, embora inferiores às precedentes. Estas estão *espalhadas* ainda mais uniformemente pelo firmamento e se acham em processo de *solidificação*. Entre elas situa-se vosso sol. Ele encontra-se entre as estrelas que estão envelhecendo, esperando a morte por extinção. Suas manchas já as anunciam e tornar-se-ão cada vez mais extensas e estáveis, até o fim. A última série é a das *estrelas vermelhas*, com a temperatura que chega a um r*esfriamento* avançado, nas quais os gases desaparecem para dar lugar aos metais: são as estrelas *mais velhas*, distribuídas quase *uniformemente* pelo espaço.

Entretanto, outros fatos há para observar e que se desenvolvem paralelamente aos quatro já observados: constituição química, temperatura, condensação, idade. *As estrelas afastam-se da Via Láctea à proporção que envelhecem*. Bastaria isto, para demonstrar que na Via Láctea está o *centro genético* do sistema, pois é exatamente nela que encontrais as estrelas em sua primeira fase de evolução. As vermelhas, as mais velhas, encontram-se afastadas das regiões mais jovens da Via Láctea. Em outras

palavras: existe um processo paralelo de maturação da matéria e de afastamento do centro, porque as mutações químicas, o resfriamento, a condensação e o envelhecimento significam evolução, esta corresponde a um processo de abertura do sistema, que vai do centro à periferia.

Acrescentemos outro fato: as *velocidades siderais*, partindo de uma velocidade nula para as nebulosas irregulares, aumentam gradualmente nas estrelas de hélio, de hidrogênio, amarelas, vermelhas, planetárias. Isso vos diz que as estrelas, durante o processo de evolução assinalado pelo tempo, projetam-se do centro para a periferia. Acrescentai a isto tudo o exemplo do tipo de desenvolvimento em espiral, visível nas nebulosas menores, que reproduzem, em proporções mais reduzidas, o sistema maior, e tereis um acúmulo de fatos convergentes para o mesmo princípio, que afirmei ser a base da construção orgânica de vosso universo estelar.

33. LIMITES ESPACIAIS E LIMITES EVOLUTIVOS DO UNIVERSO

Agora, que tendes um conceito da conformação de vosso universo e de seu processo evolutivo, ultrapassemos *seus limites*, tanto em sentido espacial, permanecendo no plano físico, quanto no sentido evolutivo, isto é, relativamente às fases já referidas que precedem e superam esse plano. Aqui a astronomia atinge a metafísica. Pensai que este universo, imenso e tão maravilhosamente complexo, é o mais simples, enquanto pode ser perfeitamente concebível para vós, entre os universos, nos quais este se transforma por evolução. É fácil ultrapassá-lo no sentido espacial; mais difícil o é em sentido evolutivo, porque aprofundar este estudo significa, para vós, invadir o campo do inconcebível.

No *sentido espacial*, vosso universo estelar, considerado isoladamente, é um sistema finito; é imenso, mas pode ser medido; e tudo que se pode medir é finito. Vossa mente o domina por completo, porque sendo ela de um plano superior, pode ultrapassar qualquer limite espacial. Se podeis, num corpo tão frágil e pequeno, voar conceptualmente tanto que podeis compreender o universo físico, o qual jamais poderíeis percorrer todo materialmente, isso é devido ao fato de que existis numa fase evolutiva superior. Verificais, aqui, como a diferença de nível dá o poder de dominar e compreender o inferior, mas não o contrário. Os limites de vosso concebível, todavia, são dados na direção da evolução, isto é, pelas fases ou universos mais afastados ou superiores do vosso. No sentido espacial, a lei das unidades coletivas e as leis dos ciclos múltiplos indicam-vos a continuação do fenômeno com um conceito simples. Assim como a unidade do universo compõe-se de unidades menores, também ele constitui o componente de unidades maiores; assim como a espiral maior é produzida pelas menores, também ela torna-se a determinante de espirais maiores, até o infinito. Encontraremos um limite, mas no transformismo evolutivo, não no espaço. Fisicamente, o vórtice de vosso universo é apenas um, da infinita série de vórtices ou nebulosas em processo de desenvolvimento ou de involução; eles combinam-se com este num vórtice ainda maior, até o infinito. Não podeis vê-los todos, porque não têm a vibração da luz. Vosso universo físico move-se todo em velocidade vertiginosa, em relação a outros longínquos universos semelhantes, a fim de fazer parte, com eles, de sistemas ainda maiores. Que isto não vos surpreenda! Não encontrais o mesmo princípio no vórtice eletrônico? Não se trata senão de uma pequena matéria e uma grande matéria; do átomo ao universo e além dele, de um pólo ao outro do infinito, o princípio é idêntico.

Procuremos, todavia, ultrapassar os verdadeiros limites do sistema, que não encontrareis mais no mesmo plano físico, embora vossa mente os supere, ao infinito: *os limites dados pelo transformismo evolutivo*. Movendo-se sempre na mesma direção que o mundo físico, encontrareis sempre o mesmo princípio, sem mudanças. Para ultrapassá-lo e sair dele, é indispensável mover-se em outra direção: a da evolução. A abertura do vórtice sideral é mais que um processo mecânico: é aquela maturação íntima da matéria, que vimos na estequiogênese. O vórtice da nebulosa nasce e morre aí mesmo, onde a matéria nasce e morre, isto é, começa e termina lá onde a Substância inicia e termina seu ciclo de fase física. Em outras palavras: a matéria nasce no centro da Via Láctea e morre na periferia. Observai a correspondência com os princípios expostos acima! Observai como o vórtice maior sideral abre-se pelo desenvolvimento dos vórtices menores, planetário etc., até o atômico. Observai que da mesma forma que o centro genético espacial (aspecto estático da fase γ) é o núcleo da nebulosa de vosso universo, assim também o centro genético fenomênico (aspecto dinâmico de γ) é o hidrogênio, elemento-base da série estequiogenética, o que constitui, justamente, as estrelas jovens, quentes, gasosas, situadas na Via Láctea e as grandes massas gasosas que formam a substância-mãe das estrelas. Se imaginardes que esse processo significa o desenvolvimento de um princípio (aspecto mecânico ou conceptual do universo), podereis "sentir" agora a fase γ concomitante e unitariamente, na trindade de seus aspectos.

Vimos que as nebulosas nascem, como fase γ, pela concentração dinâmica da fase β, Também o ponto máximo do fenômeno não é dado apenas pelo máximo de abertura espacial do vórtice provocado pelo impulso originário, mas ainda pela evolução da matéria, pela qual esta, depois de atravessar toda a fase γ, desagrega-se e torna a assumir a forma de energia. Depois dissemos como a energia canaliza-se, por sua vez, em correntes que, de acordo com um vórtice centrípeto, guiam-na de novo para o centro (fase inversa do ciclo, período de descida involutiva) e, por concentração dinâmica, transformando-se de novo em γ, formará o núcleo de novo vórtice centrífugo, de nova nebulosa espiralóide galáctica.

Chegamos, pois, a este fato: *o limite de abertura do vórtice sideral não é encontrado tanto no plano físico, quanto no ponto em que este toca, não no sentido espacial, mas em sentido evolutivo, um outro plano*, onde o vórtice físico se inverte num vórtice dinâmico de regresso. A espiral, como vimos no diagrama da fig.4, fecha-se, mas *o retorno do vórtice sideral é de natureza dinâmica*; a reabsorção centrípeta, que contrabalança a precedente expansão, ocorre em fase evolutiva diferente. *O que retorna ao centro é a forma energia e não a forma matéria*, da qual se tinha afastado. As correntes siderais emanadas do núcleo gasoso são substituídas pelas correntes dinâmicas que reconstituem aquele núcleo. Em outros termos: a matéria não pode ter um limite em direção espacial (pois este se poderia, com efeito, sempre superar logicamente), mas apenas em direção evolutiva; ou seja, esse limite não pode ser situado em dado ponto do espaço, mas pode encontrar-se em qualquer ponto onde ocorra a transformação da matéria, em sua fase superior de evolução. Somente estes conceitos podem explicar-vos toda a complexa realidade do fenômeno. A condensação sideral é de natureza dinâmica; o vórtice que se abre em forma física, fecha-se depois de uma transmutação que o torna invisível aos telescópios; desaparece de vossos sentidos e prosseguem em direção inversa, numa forma que procurais em vão no plano físico. Muitos problemas de física e de astronomia vos parecem insolúveis exatamente porque vos mantendes sempre no plano físico e não acompanhais os fenômenos onde eles, sob este aspecto, se esvanecem; não sabeis reencontrá-los enquanto "renascem" num aspecto diferente.

Estas considerações vos encaminham para a visão de conceitos ainda mais profundos, que vos fazem chegar até o limite do concebível. A essa altura, a ciência, que se tornara metafísica, transforma-se em mística visão e, expandindo-se num campo de completa abstração, presume não mais uma psicologia racional, mas uma psicologia de intuição. Falar-vos-ei, agora, do nascimento e da morte do tempo, do nascimento e da morte do espaço, do aparecimento e desaparecimento — por evolução e involução — dessas diversas dimensões em vosso relativo. Como tudo o que está no relativo tem um princípio e um fim, tudo tem que nascer e morrer. Esforçai-vos, agora, para superar esse relativo e para elevar vossa concepção ao infinito.

34. QUARTA DIMENSÃO E RELATIVIDADE

Inicio com vossa e bem recente teoria científica, à qual me ligo como a um ponto de partida: *a teoria da relatividade de Einstein*. Presumo que a conheceis, assim como aos conceitos sobre a quarta dimensão. Os critérios que adotasteis para criar uma *quarta dimensão do espaço*, permanecendo no espaço, estão errados. A dimensão sucessiva à terceira espacial não está no espaço. *O quarto termo sucessivo aos três da unidade trina só pode encontrar-se na trindade sucessiva*. Isto se dá em virtude da lei pela qual o universo é individualizado por unidades tríplices e não quádruplas. Portanto, é absurdo o conceito da continuação do desenvolvimento tridimensional do espaço — que vai do ponto adimensional à linha (primeira dimensão), à superfície (segunda dimensão) e ao volume (terceira dimensão) — num hipervolume. Trata-se de um absurdo imaginoso essa construção ideal de uma quadridimensão octaedróide e dos outros poliedróides do hiperespaço. Aumentar um volume significa permanecer no volume, ainda que o multipliquemos por ele mesmo. Por isso não obtivesteis resultado prático até agora, nem mesmo pela representação hiperestereoscópica, nem pela conceptual. A pretensa geometria a quatro, cinco, *n* dimensões, que imaginasteis, é uma extensão da análise algébrica e não uma geometria propriamente dita. Trata-se de uma pseudo-geometria, mera construção abstrata, com formas inimagináveis e inexprimíveis na realidade geométrica.

Como todo universo é trifásico, é também tridimensional. Chegados à terceira dimensão, é necessário, para progredir — em virtude do princípio da unidade trina — *iniciar nova série tridimensional*, pois o período precedente exauriu-se; é indispensável sair do ciclo precedente para começar outro novo. Chegaremos, depois, *ao conceito da evolução das dimensões*, dilatando a concepção einsteiniana da relatividade, quer estedendo-a a todos os fenômenos, quer em profundidade de conceito.

A concepção tridimensional do *espaço euclidiano* esgota a primeira unidade trina e, com isso, exclui uma quarta dimensão no espaço. Mas, a sucessão das dimensões já contém o conceito de sua evolução. Considero *linha, superfície e volume como três fases de evolução da dimensão espacial*. Mas, para além, não bastam essas concepções matemáticas. Para mudar a dimensão, é necessário iniciar um movimento em direção diferente e introduzir elementos totalmente novos. Procurasteis ultrapassar a concepção euclidiana, concepção de um *espaço elíptico*, compreendido como campo de forças finito, formado por linhas fechadas em si mesmas, correspondente ao meu conceito cíclico e na concepção de hiperespaços pluridimensionais. Para resolver esse problema, temos que tomar outra direção.

Partamos do conceito de relatividade. *Não tendes um tempo e um espaço em sentido absoluto*, isto é, que existem por si mesmos, independentes das unidades que os ocupam; mas eles são determinados por elas e a elas relativos. Portanto, não existe um movimento absoluto no espaço e no tempo. Vossas medidas, então, não correspondem senão a um conceito total de relatividade. Assim, *cada fenômeno tem um tempo próprio*, que lhe mede o transformismo: *não existe uma unidade universal de medida, nem uma dimensão absoluta idêntica, invariável para todos os fenômenos*. Até mesmo na ciência e na matemática estais imersos, sem possibilidade de saída, em vossa relatividade. Só podeis estabelecer relações com elas, nada mais: o absoluto vos escapa.

Já vos disse: vossa razão não é a medida das coisas; sois parte de um grande organismo; até vossa consciência representa uma fase: é um fenômeno entre os fenômenos. Alguns conceitos estão além de vossa consciência, e só podeis alcançá-los por maturação evolutiva de vosso Eu. Modificando esses princípios fundamentais para a ciência, modifica-se, também, toda a estrutura de vossos sistemas científicos; derrogam-se a física e a mecânica clássicas newtonianas. Mas, os novos conceitos têm a vantagem de corresponder a uma realidade mais completa e profunda. Assim a mecânica racional transforma-se em mecânica intuitiva mais avançada. Surge a possibilidade de solução de problemas que os velhos princípios não podem resolver. A ciência que

construísteis, sem dúvida, vale algo e tínheis que criá-la. Mas hoje chegasteis a um ponto em que é preciso criar uma nova ciência, para avançar.

35. A EVOLUÇÃO DAS DIMENSÕES E A LEI DOS LIMITES DIMENSIONAIS

Minha tarefa agora é ampliar esses princípios, que já dominais em todos os campos, e aprofundar-lhes o significado. Uma primeira *ampliação do conceito de relatividade* é dada pela lei da relatividade que abarca todos os fenômenos, com tanta força que impressiona vossa percepção e todas as vossas concepções. Não percebeis nem concebeis sua essência, mas as mudanças das coisas: a base é o *contraste*, condição indispensável. Por isso, não percebeis um movimento, se vos moveis com velocidade igual (por exemplo, o da Terra), mas apenas as diferenças; não reparais, absolutamente que correis, com tudo o que vos circunda na superfície da Terra, com uma velocidade de quase meio quilômetro por segundo, o que equivale a cerca de 1.800 km por hora. Assim, duas forças constantemente equilibradas numa única massa, para vós não existem. A estase e o equilíbrio não são percebidos por vós, mas somente a mudança. Nesta lei de relatividade é que se encontra vossa fase de consciência. Aí está a razão pela qual vossa ciência é exclusivamente, como vos disse, uma ciência de relações, de natureza totalmente diferente da minha que, provindo de um plano superior, é ciência de substância.

Ampliei o conceito de relatividade também à psicologia e à filosofia, ao falar-vos de verdades progressivas. Assim como o conceito evolucionista, que Darwin só viu nas espécies orgânicas, também o conceito de relatividade, que Einstein limitou a alguns momentos matemáticos, tem que ser completado com *uma teoria de relatividade universal*, que se estende a todo o universo. Isto representa uma conquista filosófica e científica, uma concepção mais profunda, uma compreensão mais ampla, uma harmonia e beleza superiores. Outra ampliação do conceito de relatividade pode ser feito em profundidade: aquela que vos levará a conceitos novos; não mais apenas o da relatividade das unidades de medida de vosso universo, mas aquele muito maior e profundo, *o da evolução de suas dimensões*.

Se me perguntais onde termina o espaço, eu vos respondo: num ponto em que o "onde" se torna "quando", ou seja, em que a dimensão espaço, própria de γ, transforma-se na dimensão tempo, própria de β. Quando a matéria, quimicamente envelhecida, resfriada, solidificada, atinge a periferia do vórtice sideral, desagrega-se pela radioatividade, transmudando-se em energia; então a substância perde sua dimensão espacial e volta ao *centro como corrente dinâmica e com dimensão temporal*. Na periferia a matéria não é mais matéria, mas energia. Como a substância mudou de forma, deslocando seu ser de uma fase a outra, *assim muda sua dimensão, que não é mais espaço, mas tempo*. Expliquemos este conceito de dimensão e sua evolução.

Vosso conceito de um espaço e de um tempo absolutos, universais, sempre iguais a si mesmos, corresponde a uma orientação puramente metafísica, que inconscientemente matemáticos e físicos introduziram em suas equações. Esse ponto de partida, totalmente arbitrário, vos levou a conclusões erradas; colocou-vos diante de fenômenos que se transformam em enigmas, perante contradições sem saída e conflitos insanáveis; de todos os lados, cerca-vos o mistério. Na realidade, somente encontrais, como vos disse, um tempo e um espaço relativos, cujo valor não ultrapassa o sistema a eles relativo. Mas há mais. Eles são apenas medidas de transição, em contínua transformação evolutiva.

Esforçai-vos em acompanhar-me. Se vosso universo é finito como vórtice sideral, o sistema de universos e o sistema de sistemas de universos é infinito. Se o espaço fosse um infinito, não teria limites em sua qualidade de espaço, no entanto, ele os tem; não os encontrareis no espaço, em direção espacial, mas em direção evolutiva. Deste conceito, ao qual já acenamos, chegamos agora à novíssima concepção: *os únicos limites do espaço são hiperespaciais*, isto é, são no sentido do desenvolvimento da progressão evolutiva e exatamente na *dimensão sucessiva*. Ou melhor: se quiserdes um limite para o espaço, só o encontrareis nas dimensões que o sucedem e o precedem. Pormenorizemos, ainda.

Cada universo tem uma medida de unidade própria, que consiste em sua dimensão. Como se passa, por evolução, de uma fase para outra, como vimos na transmutação das formas da substância, em que os universos aparecem e desaparecem, assim, *por evolução, passa-se de uma dimensão a outra* e as unidades de medida do relativo aparecem e desaparecem. Tudo o que é relativo — portanto, também a dimensão que é sua medida — deve, como o relativo, nascer e morrer. Assim, as *dimensões evoluem* com os universos acompanhando as fases que estudamos. Do conceito de dimensão relativa, passamos ao *de progressiva*. Ora, passagem de fase significa também passagem dimensional. *Do espaço ao tempo se passa por evolução*, esta é paralela àquela que leva da fase γ à fase β.

Existe, pois, uma lei a que chamaremos de "lei dos limites dimensionais", que pode ser assim enunciada: "Os limites de uma dimensão são dados pelos limites da fase de que ela é a unidade de medida; eles encontram-se no ponto em que, por evolução, passa-se de uma fase a outra, isto é, onde ocorre a transformação de uma fase e de sua dimensão na fase e dimensão sucessiva".

36. GÊNESE DO ESPAÇO E DO TEMPO

Agora podeis compreender o que é e como ocorre a *gênese do espaço e do tempo* e o seu término. Podeis atingir a explicação científica das palavras do Apocalipse: "Então o Anjo jurou por Aquele que vive nos séculos dos séculos, que agora não

haveria mais tempo"(Apoc. 10:6). Tudo o que nasce, tem de morrer, isto é, tudo o que teve princípio, tem de ter fim. Como tudo, evoluindo, deixa os despojos da velha forma; também, deixa, para assumir outra mais elevada e mais adequada, a velha dimensão que não lhe serve mais. Como são infinitas as fases evolutivas, infinitas também são as respectivas dimensões. Eis como nosso olhar pode superar o tempo e o espaço, que são apenas duas dimensões contíguas, entre as infinitas dimensões sucessivas. Falaremos a respeito das mais próximas ao vosso concebível, correspondentes às várias fases de evolução. Isto para chegar à conclusão, que antecipo: também o *devenir das dimensões é cíclico* e segue a lei do desenvolvimento, expressa pela trajetória típica dos movimentos fenomênicos e pela lei das unidades coletivas: ou seja, *cada dimensão é um período que se reagrupa em períodos maiores trifásicos*, os quais se reagrupam em períodos ainda maiores, até o infinito. A dimensão infinita, que compreende todas as menores, é precisamente a evolução. Como cada fase tem sua dimensão, assim também o infinito tem a sua; a dimensão do infinito é a evolução. Eis que superamos o limite e, também nesta direção, encontramos o infinito.

Analisemos agora as dimensões contíguas ao espaço e ao tempo, suas propriedades e sua gênese. Quando dizeis *espaço a três dimensões*, confirmais estas afirmações, pois enunciais as três manifestações sucessivas dimensionais do *espaço que*, como vedes, é uma *unidade trifásica*. Olhemos novamente o diagrama da fig. 2. A fase γ, matéria, representa a dimensão espaço completa. Eis a gênese progressiva. Na fase -z, temos a *dimensão espacial nula: o ponto*. Isso não significa que o universo -z seja puntiforme, mas que naquela fase, o espaço só existia em germe, à espera do desenvolvimento (vórtice fechado), e que, ao invés, existia uma dimensão diferente, fora de vosso concebível. Em -y aparece a primeira manifestação da dimensão espaço, isto é, *a linha*, aquela que denominais sua *primeira dimensão*: é a primeira e mais simples forma do espaço, em seu aparecimento. A segunda manifestação, mais completa, aparece na fase seguinte, -x, e revela-se como *superfície*, a que denominais *segunda dimensão*. A terceira e última manifestação, que completa a dimensão espacial, aparece em γ, na matéria, e revela-se como *volume, é a terceira dimensão do espaço*. Agora compreendeis como nasceu o espaço, porque a matéria tem, como dimensão, um espaço a três dimensões, dado por três momentos sucessivos. Também reencontrais este *princípio geral: "a manifestação de uma dimensão é progressiva e ocorre em três graus contíguos"*. A enunciação deste princípio vos demonstra o absurdo da procura de uma continuação quadridimensional num sistema com três dimensões. A continuação vos obriga a sair das três dimensões.

Prossigamos a progressão. O desenvolvimento da fase γ resultou na dimensão volume, dando-vos o espaço completo. Pelo diagrama da fig. 2, vedes como cada criação cria uma fase nova e como, no caso particular, a criação *b* cria β, a energia, que deriva, pela radioatividade, de γ, a fase matéria. A maturação estequiogenética deixara γ imóvel. Na criação *b*, a energia nasce pela primeira vez. Em termos bíblicos dizeis: Deus criou o movimento, deu o impulso ao universo. *O volume moveu-se*. Aparece nova manifestação dimensional; algo acrescenta-se ao espaço; uma superelevação dimensional (a quarta dimensão que procurais), mas num sistema diferente: *a trindade seguinte*. Esta nova dimensão, a primeira da série sucessiva, é *o tempo*. A unidade máxima dimensional precedente é tomada, na passagem à seguinte, por novo e mais intenso movimento, mas sempre em direções novas e diferentes, cada uma própria de um sistema (espacial, conceptual etc.), numa aceleração de ritmo em que consiste, exatamente a evolução. Compreendeis agora como nasceu o tempo e como deve ele completar-se com duas outras manifestações sucessivas, isto é, *ser a primeira manifestação de nova unidade com três dimensões*.

37. CONSCIÊNCIA E SUPER-CONSCIÊNCIA. SUCESSÃO DOS SISTEMAS TRIDIMENSIONAIS

Para compreender bem a passagem para as dimensões sucessivas deste *segundo sistema*, comparemo-lo ao primeiro. Enquanto este, em seu desenvolvimento, completa a dimensão espacial, o sistema seguinte, superior, que é vossa fase no nível humano, completa a *dimensão conceptual*, aquela cujas unidades de medida são as propriedades da consciência. Tal como ocorre nos universos precedentes quanto à gênese progressiva do espaço, temos nesta unidade superior a *gênese progressiva da dimensão conceptual*. Na fase γ, está completa a dimensão espacial, mas é nulo o desenvolvimento da dimensão conceptual: *o ponto*, um germe. Em β aparece sua primeira manifestação: *o tempo*. O ponto movimentou-se, não mais em direção espacial, mas em nova direção conceptual, e nasce a reta, a primeira dimensão nova. Ao deslocar-se no tempo, o fenômeno adquire, em β uma *consciência própria, linear, a primeira dimensão conceptual*. O fenômeno, que não é ainda vida, nem consciência, sabe apenas o seu isolado progredir no tempo; não se expande além da linha de seu devenir, não se eleva a julgamento, como a consciência humana, não sabe sequer dizer "Eu", porque ignora qualquer distinção e a consciência do não-eu, aqui, é o inconcebível. Compreendamos, também aqui, não um tempo universal, isto é, a medida do devenir fenomênico; mas a dimensão desta fase, ou seja, a consciência (linear) do devenir. Entendido assim, esse tempo só nasce em β como propriedade da energia. Com efeito, apenas as forças tomam a iniciativa do movimento, tendo como dominante a característica dinâmica e dominam γ, a terceira dimensão espacial, característica da matéria, que sofre esse movimento, não o inicia. Nas fases inferiores só existe o tempo em sentido mais amplo, entendido como ritmo do devenir, propriedade de todos os fenômenos; mas não como consciência do transformismo, propriedade das forças. Facilmente compreendeis que revolução trazem esses conceitos em vossa ordem habitual de idéias.

Em α estamos na fase subumana e humana de *consciência* mais completa, e temos a *segunda dimensão conceptual*, correspondente, no sistema espacial, *à superfície*. Tal como da linha se passa à superfície, com deslocamentos em novas direções extralineares, assim, por deslocamentos semelhantes, a consciência humana invade o devenir de outros fenômenos, diferencia-se deles, aprende a dizer "eu", a perceber a própria individualidade distinta das outras, dobra-se sobre o ambiente, projeta-se para

fora (a nova dimensão), observa e julga. Os sentidos são os meios dessa projeção para fora, característica da segunda dimensão, meios que na primeira eram desconhecidos.

Em +x aparece a *terceira manifestação de dimensão conceptual* que completa o sistema, correspondente ao *volume*. A consciência que, na matéria, *não tem dimensão* (o volume é a dimensão espacial completa, mas diante do sistema sucessivo é uma não-dimensão, o ponto), no campo das *forças* assume a dimensão *linear*; no campo da *vida* alcança a dimensão *superfície*; no campo absolutamente abstrato do puro *espírito* adquire a dimensão de *volume*. As limitações de vosso concebível impede-me de lançar-me aos sistemas sucessivos, cada vez mais espirituais e rarefeitos, que se estendem ao infinito. Ao invés, expliquemos as características da segunda dimensão (consciência) em relação às da terceira (*superconsciência*).

Da mesma forma que a superfíce absorve a linha, a consciência absorve o tempo e o domina; enquanto as forças precisam do tempo, o pensamento o supera. Na passagem da fase β à fase α, a dimensão tempo tende a desvanecer-se, embora subsistindo, mas em tal aceleração de ritmo (onda) que vos pareceria quase desaparecer em nova dimensão. Com efeito, quanto mais baixa e material é a consciência, tanto mais é lenta e se assemelha a β; enquanto mais concreto o pensamento, mais denso é o ritmo e mais vagarosa a onda. *O pensamento implica tempo, somente enquanto, e na medida em que ainda é energia*; quanto mais é cerebral, racional, analítico, tanto menos é abstrato, intuitivo, sintético. Neste segundo sistema tridimensional, assistis a uma aceleração contínua de ritmo. Nessa aceleração o tempo é gradualmente absorvido. Por sua vez, a superconsciência domina e absorve a consciência, tal como o volume o fez com a superfície.

Explico: a consciência humana, derivada por evolução de β, através da profunda elaboração da vida, não é linear; isto é, não é limitada em si mesma nem a um fenômeno, e pode sair e mover-se em todas as linhas de superfície, em todas as direções, abraçando como consequência, muitíssimos fenômenos. Por isso, é absolutamente hiperespacial. Mas, de qualquer forma, é sempre dimensão de superfície, à qual está inexoravelmente ligada enquanto não evoluir. Isso significa que está presa ao *relativo*, que só pode mover-se no *finito*, que só sabe conceber por *análise*, isto é, por meio da observação e da experimentação, tal como vossa ciência. Domina todas as linhas do devenir fenomênico, mas toda a sua vida está na superfície e dela não pode sair. Jamais vos perguntastes a razão dessa vossa insuperável relatividade, desses limites que restringem vosso concebível, dessa vossa incapacidade de visão direta da essência das coisas? Eis a resposta com expressão geométrica. *Vossa consciência é segunda dimensão, de superfície* e, como superfície, *é uma contínua impotência diante do volume*, sua dimensão superior. Para atingir o volume, é indispensável que a superfície se mova em nova direção; para atingir a superconsciência é necessário multiplicar a consciência por novo movimento. Dessa forma e só por multiplicação de análise podeis aproximar-vos da síntese. A superconsciência é dimensão conceptual volumétrica, que se obtém ao elevar uma perpendicular sobre o plano da superfície da consciência, conquistando, dessa maneira, um ponto de vista fora do plano: o único ponto que pode dominá-la totalmente. Por isso, só a superconsciência sobrepuja os limites de vosso concebível, domina o relativo na visão direta do *absoluto*, domina o finito, movendo-se no *infinito*; não mais concebe por análise, mas por síntese.

São esses conceitos que escapam à vossa consciência e, nesse nível, não podem ser alcançados. Somente assim se passa do relativo ao absoluto, do finito ao infinito. Este não constitui uma sucessão nem uma soma de relativos, mas algo qualitativamente diferente: *diferença de qualidade, de natureza, não de quantidade, nem de medida*. O verdadeiro infinito é isso, bem diferente de tudo o que costumais chamar, é simplesmente um indefinido ou incomensurável. A superconsciência move-se numa esfera mais alta que a consciência humana, em contato direto com os princípios que vós laboriosamente procurais, tentando alcançá-los em sínteses parciais, e que só sentireis diretamente por meio de vossa evolução. Como vedes, diferença substancial. Não se trata de somar fatos, observações e descobertas; de multiplicar as conquistas de vossa ciência; trata-se de mudar-vos a vós mesmos. Não mais o lento e imperfeito mecanismo da *razão, mas da intuição* rápida e profunda. Não mais projeção da consciência *para o exterior*, por meios sensórios que apenas tocam a superfície das coisas, mas expansão em direção totalmente diversa, *para o interior*: percepção anímica direta, contato imediato com a essência das coisas.

Eis a consciência maior que vos aguarda. Essa é a consciência que no princípio chamamos latente, dilata-se continuamente, aumentando-se com os produtos de vossa consciência. Em vós, a superconsciência está em estado de germe, que espera o desenvolvimento para revelar-se. Agora compreendeis que valor dar às palavras razão, análise, ciência, que vos parecem ser tudo. Para progredir mais, tereis de sair do plano de vossa consciência, a que penosamente estais presos, e conquistar um ponto fora dela. As intuições do gênio e as criações morais do santo são apenas perpendiculares levantadas no plano da superconsciência por antecipação. Por isso vos disse que a intuição é a nova forma de pesquisa da ciência futura; somente ela pode dar-vos, não mais ciência, mas sabedoria. Isto vos explica o inexorável relativismo de vossos conhecimentos, vossa limitação e relatividade de sínteses, a escravidão da análise, uma impotência apriorística de alcançar o absoluto. A superfície jamais vos dará, embora percorrida em todos os sentidos, a síntese volumétrica. *Razão e intuição, análise e síntese, relativo e absoluto, finito e infinito* são dimensões diferentes, produzidas em planos diferentes. Absoluto e infinito estão em vós em estado de germe, tremem na profundidade de vosso eu como um pressentimento: nada mais. Aí vos espera a maior aproximação conceptual da divindade. Eu estou neste plano mais alto, de consciência volumétrica, onde se domina todo o tempo, até mesmo o futuro, porque estamos fora e acima de vosso tempo; aqui a concepção é visão global instantânea de tudo o que só concebeis sucessivamente; aqui tenho, por visão direta a síntese que agora vos transmito. Destes planos mais altos, descem as revelações que se comunicam a vós por sintonização de ondas psíquicas, partindo de seres de outra esfera; consciências imateriais não perceptíveis aos vossos sentidos, que vossa razão não pode individualizar.

Assim sucedem-se as três dimensões de β, α, +x. Tal como γ, *matéria*, vos deu o *espaço*, assim temos:

1º *O tempo*, isto é, o ritmo, onda, unidade de medida de dimensão de β = *energia*.

2º *A consciência*, isto é, a percepção externa, razão, análise, finito, relativo, dimensão de α, *a fase vida, que se culmina no psiquismo humano*.

3º *A superconsciência*, isto é, a percepção interna, intuição, síntese, infinito, absoluto, dimensão de +x, *a fase super-humana*[9].

Assim, as dimensões sucedem-se por trindades sucessivas e contíguas, na escala progressiva da evolução: desde o ponto, até a linha, a superfície, o volume, o tempo, a consciência, a superconsciência, numa contínua dilatação de princípio. Tudo evolui. E, com os universos, também suas dimensões. Agora, podeis compreender como a abertura de uma espiral maior, produzida pela abertura de uma menor (cfr. diagrama fig. 5) não ocorre em sentido espacial, porque a dimensão muda a cada abertura de ciclo, mas no sentido da evolução que é, como dissemos, a dimensão do infinito. O infinito + e o infinito - ($+\infty$ e $-\infty$) que, no diagrama, aparecem com expressão espacial, têm, assim, na realidade, outro valor totalmente diferente. As dimensões aparecem e desaparecem ao progredirem. Assim, morrerá o *espaço com a matéria, o tempo com a energia, a relatividade com a consciência*; mas a Substância ressurgirá em formas e dimensões mais altas, assumindo sempre novas direções. Cada dimensão é relativa e, na evolução, segue uma precedente, mas vem antes de uma seguinte e existe sempre um degrau mais alto para subir, uma fase superior o aguarda. A cada salto para frente conquista-se o domínio da própria dimensão, que antes não era acessível senão sucessivamente. O campo de ação e visão dilata-se: do alto se domina o que está embaixo. Reencontramos ainda o princípio da trindade em toda a parte; nas três fases de vosso universo: *matéria* (γ), *energia* (β), *espírito* (α); em seus três aspectos: *estático, dinâmico, conceptual* (ou mecânico); nos dois sistemas dimensionais observados: *linha, superfície, volume* (espaço); *tempo, consciência* (relativo) e *superconsciência* (absoluto).

38. GÊNESE DA GRAVITAÇÃO

O desenvolvimento desses conceitos abre-nos a porta para o estudo de outro problema que nos aguarda, o da fase β, a energia. Indiquemos suas primeiras formas, para depois analisar as que delas derivam por evolução.

Como o hidrogênio é o tipo do protozoário monocelular da química inorgânica e o carbono o da química orgânica, assim, *a gravitação* é a *protoforça* típica do universo dinâmico. Quando γ chegou, pela primeira vez, à última fase radioativa de sua maturação evolutiva, à gênese de β (cfr. a entrada em β da criação *b*, fig. 2), o universo, à proporção que se desintegrava como matéria, foi invadido por energia radiante. Involuindo (cfr. a descida da linha quebrada de β a γ na criação b, fig. 2), essa energia condensou-se, por correntes dinâmicas centrípetas, no núcleo da nebulosa espiralóide (a qual, por representar a máxima concentração dinâmica, é justamente o mais quente), da qual então nasceu o vórtice da Via Láctea (cfr. fig. 2, criação *c* e subida de γ para β). Enquanto a matéria torna a percorrer seu ciclo de maturação evolutiva, ela está toda vibrante com essa energia em período de difusão. Quando novamente a matéria estiver velha, a energia que dela renascer mais madura não tenderá a reenvolver-se num novo núcleo-matéria, mas subirá para α, entrando nos caminhos da vida e da consciência. A razão pela qual apareceu a vida em vosso planeta e nos do sistema solar é justamente porque este sistema é velho, como vimos. Aqui a matéria está em sua última maturidade, está morrendo por desagregação radioativa e a energia dirige-se decididamente para a fase superior, α.

A primeira gênese de β, a gravitação, aparece, portanto, como forma originária de energia, matriz da qual nascerão, como filhas, todas as outras formas, por meio de distinção e diferenciação no processo evolutivo. Particularizemos. Entendo aqui, como gravitação, não a pequena gravitação de Newton, caso particular ao vosso planeta; mas uma gravitação de sentido mais amplo, que resulta do equilíbrio das forças inversas de atração e repulsão, opostas e complementares (lei de dualidade, que veremos agora); uma gravitação filha direta do movimento, isto é, *energia gravífica, filha da energia cinética*. Eis como ocorre a transformação: o movimento, primeiro produto da evolução físico-dinâmica, é força centrífuga e, por isso, tende à difusão, à expansão, à desagregação da matéria. Expansão em todas as dimensões é, com efeito, a direção da evolução. Mas, repentinamente, essa direção inverte-se, por lei de equilíbrio, numa direção centrípeta, contra-impulso involutivo, e as forças de expansão completam-se com as de atração. Assim, a primeira explosão cinética encontra seu ritmo e o princípio da Lei reorganiza a desordem, tão logo ela se manifesta, para nova ordem; equilibra-se o movimento num par de forças antagônicas. Dessa forma, a gravitação vos aparece como energia cinética da matéria e, como nasceu antes, está tão inerente e estreitamente ligada a ela, que não vos é possível isolá-la. Assim, a matéria atrái a matéria, e o universo, constituído de massas lançadas em todas as direções e separadas por espaços imensos, está, não obstante, todo "ligado" numa unidade indissolúvel. Permanece unido e, no entanto, ao mesmo tempo, move-se por uma força que provoca seu movimento e sua respiração física. Com o surgimento, pois, da forma protodinâmica, o universo se move pela primeira vez; são gerados os movimentos siderais; a gravitação inicia seu papel de guia (a Lei onipotente, instantaneamente, disciplina todas as suas manifestações) de acordo com o binário atração-repulsão, que são o binômio (+ e -, positivo e negativo) constitutivo de toda a força e de toda manifestação do ser. Em nova fase, a Substância adquire a forma de consciência linear do devenir fenomênico, a primeira dimensão do sistema trino que sucede ao espacial. Nasce o tempo. Propaga-se a protoforma de β. Com o movimento nasce a direção, a corrente, a vibração, o ritmo, a onda. Nasce o tempo, que mede a velocidade de transmissão. O universo fica todo invadido por nova palpitação e mais intenso e mais rápido devenir. Quando recondensada por concentração das correntes dinâmicas, a matéria reinicia seu ciclo ascencional, é toda tomada por um vórtice dinâmico que a guia e a plasma na gênese estelar, numa evolução diferente e superior à maturação íntima estequiogenética precedente; maturação de que nascerão não apenas miríades de novas criaturas mais ágeis e ativas como a eletricidade, a luz, o calor, o som, assim por diante, toda a série das individuações dinâmicas que se destilarão, por fim, na criação superior da vida.

A individualidade desses novos seres "*radiantes*", tão rápidos e dinâmicos diante das individuações de γ, é definida pelo ritmo, pela onda. A unidade de medida das formas de β é a velocidade de vibração na dimensão desta fase, o tempo.

Eis-nos nas primeiras afirmações, novas para vosso mundo científico. A gravitação, mais exatamente a energia gravífica, é a protoforma do universo dinâmico. Sendo energia, é *radiante: transmite-se por ondas*. Tem uma velocidade própria de propagação superior à das ondas eletromagnéticas e à da luz (300.000 km por segundo) a qual é a máxima no sistema. Aqui são completados os conceitos da teoria de Einstein. *A gravitação é relativa à velocidade de translação dos corpos*. A massa varia e

aumenta com o crescimento da velocidade, de que é função (demonstrável experimentalmente). O peso aumenta por novas transmissões de energia e vice-versa. O conceito de transmissão instantânea cai para todas as forças. A gravitação leva tempo para transmitir-se, embora mínimo; como todas as formas dinâmicas, ela tem *um típico comprimento de onda*. Ela se compõe, já o dissemos, com outra qualquer unidade, de duas metades inversas e complementares: atração e repulsão; e move-se entre esses dois extremos: positivo e negativo. A lei descoberta por Newton, baseada nos trabalhos de Kepler, denominada lei de atração ou gravitação universal, diz que "a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias". Mas com isso, a mecânica newtoniana não pôde explicar nada da arquitetura dos mundos. Esse enunciado não é senão a comprovação do fato de que a atração decresce em razão do quadrado da distância. Indica *o princípio que mede a difusão da energia gravífica*, é apenas um aspecto do *princípio que regula a difusão de qualquer forma de energia*, e vos demonstra sua origem comum: *o princípio da onda e de sua transmissão esférica*. As radiações conservam todas as características fundamentais de energia cinética de onde nasceram, essa comunhão de origem estabelece entre elas a afinidade de parentesco. Outra prova do parentesco das formas dinâmicas está na qualidade da luz, derivação próxima por evolução da energia gravífica. Nesta forma de energia radiante luminosa, reencontrais, em parte, as características da originária forma de energia radiante gravífica. Einstein afirmou, com base em cálculo, tudo o que as observações feitas durante os eclipses solares vos confirmaram posteriormente, isto é, que os raios luminosos estelares sofrem, na vizinhança do sol, um desvio e, passando rente, são *atraídos*. Poder-se-ia dizer que *a luz pesa, ou seja, a luz sofre o influxo dos impulsos atrativos e repulsivos de ordem gravífica; existe uma pressão nas radiações luminosas*. Direi mais: *todas as radiações exercem, ao propagar-se, uma pressão de natureza gravífica, apresentam fenômenos de atração e repulsão em razão direta de sua proximidade genética*, na sucessão evolutiva, *de sua protoforma dinâmica, a gravitação*. Dirigi vossas pesquisas neste sentido, analisai por meio de cálculos estes princípios e a ciência realizará descobertas que a revolucionarão.

Resumindo, temos: fase γ, em seu desenvolvimento estequiogenético, desde H até os corpos radioativos. Depois ingresso na fase β, por gradações, desde a matéria envelhecida e radioativa até *à energia cinética, que logo se individualiza por ondas, na protoforma de energia gravífica*. Desta nascem e desenvolvem-se todas as demais formas dinâmicas, como veremos, numa distinção contínua (por vibração, ritmo, onda), numa ascensão evolutiva que culminará na vida.

Mas, antes de entrar neste novo campo, é indispensável lançar um último olhar ao aspecto conceptual ou mecânico do universo, perscrutando de mais perto o conteúdo da grande Lei, em seus principais *aspectos menores*.

39. PRINCÍPIO DE TRINDADE E DE DUALIDADE

Já dissemos tanto, descrevendo a grande Lei, e ainda estamos na superfície. Na Lei existe infinita profundidade, e quanto mais a mente penetra, mais encontra aspectos íntimos e particulares. A Lei possui tantos volumes, tantos capítulos, tantos artigos, tantas palavras, tantas letras; subdivide-se ao infinito no particular que mais vos golpeia, porque está mais próximo de vós, naquele mundo de efeitos em que trabalhosamente procurais os princípios cada vez mais altos da síntese. No tratado precedente contemplamos a Lei na grandiosidade de seu conjunto. Agora tentemos aproximar-nos do seu *aspecto de pormenor*, observando-lhe mais de perto outro capítulo.

Em sua universalidade, o princípio do todo é: *organismo* em seu aspecto estático, *evolução* em seu aspecto dinâmico (devenir), *monismo* em seu aspecto conceptual. Assim poderia definir-se o universo: uma unidade orgânica em evolução. Este princípio unitário, orgânico, evolutivo é a nota fundamental do monismo: *a ordem*. Esta é a característica dominante da Lei. Esta *unidade* de princípio diferencia-se em infinitos pormenores de princípios. Num primeiro momento, é *trindade e dualidade*.

Vimos como um dos princípios basilares da Lei, segundo a qual as individuações reagrupam-se em unidades coletivas, é o da "*trindade*" da Substância. Corresponde a um princípio de "*equilíbrio*" superior (*ordem*); é um sistema mais completo, em que o ser, que se diferencia por evolução e se distingue dos afins, reorganiza-se reencontrando a unidade. Vemos esse princípio em toda a parte e muitas vezes tivemos que notar-lhe a presença. Trina é a Divindade em Sua lei; trifásica é a criação de qualquer universo; tríplice é seu aspecto; tridimensional é o espaço e o seu sistema-consciência, e também os demais sistemas dimensionais que os precedem e sucedem. Trino é o homem em seus princípios (isto é, um corpo físico, um dinamismo que o move, uma inteligência que dirige e regula esse movimento); um microcosmo feito à imagem e semelhança de Deus. O universo se individua por unidades trinas. Na série das unidades coletivas, no processo de recomposição unitária com que o todo compensa e equilibra o processo separatista de diferenciação evolutiva, o primeiro múltiplo verdadeiro de um é três; ao passo que, como veremos, o submúltiplo de um está no dois, no sentido de que o uno é trino e constitui ao mesmo tempo uma dupla metade. A humanidade sentiu, por intuição, este princípio da trindade e as revelações o transmitiram a ela; e o encontrais não apenas nos fenômenos, mas em toda parte do pensamento humano, em suas religiões, como que impresso em seu espírito. Encontrais esse princípio na trindade egípcia de Osíris, Ísis, Horus; na trindade indiana de Brahma, Avidya, Mahat; na trindade cristã de Pai, Filho, Espírito. Também o encontrais na consciência religiosa dos três estados da alma: inferno, purgatório, paraíso, tão perfeitamente interpretado em seu equilíbrio na visão dantesca.

Vedes como os conceitos desta minha revelação não são novos no mundo, como coincidem com os das revelações precedentes, como aqui se completam e se amplificam. Apenas exponho à vossa maturidade intelectual, com demonstração evidente e

exatidão científica, o que não podia ser dito a mentes primitivas senão sob formas de imagens e sob o véu do mistério. Dou-vos, desta forma, a fusão perfeita de fé e ciência, de intuição e razão. Com a ciência demonstro e convalido o mistério; explico a nua afirmação das revelações e com o conhecimento, imponho-vos o dever de uma vida mais elevada. Realizo a fusão das duas metades do pensamento humano, até agora divididas e inimigas, entre o oriente sintético, simbólico e sonhador, e o ocidente analítico e realista. Dou continuação à vossa ciência do último século, não me opondo a ela, mas completando-a com o espiritualismo. Supero, sem destruí-la, essa ciência que, por ter-se dirigido exclusivamente à matéria, só podia ser visão unilateral daquele pequeno campo, ignorando e negando todo o resto. Não combato, mas a defino como fase superada, embora necessária para alcançar o atual momento, em que ainda urge avançar para as mais profundas realidades do espírito. Afirmo, em complementação e em continuação da precedente, abandonando os tristes e loucos antagonismos de outrora, uma nova ciência que, de acordo com todas as crenças e todas as religiões, leve-vos imensamente mais adiante.

Ao lado do princípio da trindade existe outro, que lembramos ao ilustrar o conceito monístico do universo, para estudar a gênese e a constituição das formas dinâmicas. É dado pela "lei da dualidade". Esta considera não o reordenar-se da unidade em sistemas coletivos superiores, mas sua íntima composição. Acima da unidade está o 3, em seu interior está o 2. Isto no sentido de que a individuação não é jamais uma unidade simples, mas sempre um dualismo que, em seu aspecto estático, divide a unidade em duas partes, do ser e do não-ser, em duas metades inversas e complementares, contrárias e no entanto recíprocas, antagônicas mas necessárias. Em seu aspecto dinâmico é um contraste entre dois impulsos opostos, que se movem e se balanceiam em um equilíbrio instável, que continuamente se desloca e se renova. É um ciclo feito de semiciclos, que se perseguem e se completam. É uma pulsação íntima, segundo a qual a evolução avança. Este dualismo é o binário, guia e canaliza o movimento, sobre o qual avança a grande marcha do transformismo evolutivo; tanto que, sob esse aspecto, concebe-se uma cosmogonia dualista. O monismo é dualista em seu íntimo devenir. Esse é seu ritmo interior; essas as duas margens da estrada, ao longo da qual avança o fenômeno, não retilíneo mas sempre oscilando sobre si mesmo. Dupla é a respiração de todo fenômeno: fase de inspiração e de expiração; dupla sua pulsação: centrífuga e centrípeta; duplo seu movimento no avançar e retroceder. A evolução é realizada por esta íntima oscilação e, por força dessa oscilação, progride. O devenir é conseguido por esse íntimo contraste. O movimento ascensional é a resultante desse jogo de impulsos e contra-impulsos entre duas margens invioláveis, de onde o movimento volta sempre sobre si mesmo. O fenômeno caminha pelo escorar-se mutuamente dessas duas forças-metades que o determinam. O movimento genético da evolução é constituído por essa íntima vibração, que transmuda o ser em outra forma.

Essa lei de dualidade a encontrais em toda parte. Cada unidade é dupla e se move entre dois extremos, que são seus dois pólos. Os sinais + e - estão em toda parte e o binômio reconstrói a unidade, que sempre vos aparece como um par: dia-noite, trabalho-repouso, branco-negro, alto-baixo, esquerdo-direito, frente-atrás, direito-avesso, externo-interno, ativo-passivo, belo-feio, bom-mau, grande-pequeno, Norte-Sul, macho-fêmea, ação-reação, atração-repulsão, condensação-rarefação, criação-destruição, causa-efeito, liberdade-escravidão, riqueza-pobreza, saúde-doença, amor-ódio, paz-guerra, conhecimento-ignorância, alegria-dor, paraíso-inferno, bem-mal, luz-trevas, verdade-erro, análise-síntese, espírito-matéria, vida-morte, absoluto-relativo, princípio-fim. Cada adjetivo, cada coisa possui seu contrário; cada modo de ser oscila entre duas qualidades opostas. Cada unidade é uma balança entre esses dois extremos e equilibra-se neste seu íntimo princípio de contradição. Os extremos tocam-se e se reúnem. As diferentes condições em que o princípio do dualismo se move, produziram todas as formas e combinações possíveis, mas elas equivalem-se como princípio único. A unidade é um par. O universo é monismo em seu conjunto, dualismo no particular: uma dualidade que contém o princípio de contradição e de fusão ao mesmo tempo; que divide e reúne e, a cada forma do ser, dá uma estrutura simétrica (princípio de simetria); dá ao desenvolvimento de cada fenômeno uma perfeita correspondência de forças equilibradas. Também o dualismo corresponde a um *princípio de* "*equilíbrio*", é o momento do princípio de "*ordem*", fundamental na Lei. O que define a unidade em sua íntima estrutura é sua construção interior; o que garante a estabilidade do devenir fenomênico e torna inviolável sua trajetória, não é apenas o princípio de inércia, mas esse desenvolvimento de forças antitéticas que, no entanto, atraem-se e mantém aquele devenir unido e compacto. É um ir-e-vir, mas em campo fechado, cujos limites não se pode ultrapassar. Se não fora o movimento equilibrado por esse contínuo retorno sobre si mesmo, o universo se teria deslocado há muito, todo ele numa só direção e teria perdido seu equilíbrio. Ao invés, a evolução é uma íntima auto-elaboração, um amadurecimento, devido a um movimento que, regressando sobre seus passos e fechando-se sempre sobre si mesmo, como uma respiração, muda a forma e externamente permanece imóvel, além dos limites dela; a cada movimento um ritmo que muda o fenômeno, sem poder sair dele, invadindo e alterando os ritmos de outros fenômenos. Este princípio de antítese e de simetria, que sem cessar divide e reúne, reúne e divide, podemos chamá-lo monismo dualista e dualismo monista. O positivo vai + e volta -; o negativo vai - e volta +, em constante inversão de sinal e de valor. Combinai e multiplicai este princípio com o das unidades coletivas e vereis como o universo está todo unido num indissolúvel abraço.

Agora, podeis compreender como o mais complexo princípio e equilíbrio da trindade derivam desse simples princípio e equilíbrio da dualidade. Porque a ida e volta dos dois sinais não é estéril: do novo encontro nasce o *novo termo*, o terceiro da trindade, termo que representa a continuação do fenômeno, e regressará, por sua vez, ao termo contrário, a fim de gerar novo termo, assim por diante. Aqui reencontrais, nesses sinais opostos, o conceito das subidas e descidas da linha quebrada do diagrama da fig. 2. As primeiras, positivas; as segundas, negativas. Representam, diante da trajetória maior assinalada pela faixa ascensional, limitada pelos vértices e mínimos das criações sucessivas, o ritmo interior do fenômeno. Desse ritmo, nasce sempre novo termo; nova fase completa-se a cada oscilação positivo-negativa, da qual toda criação se compõe; a fase máxima torna-se, depois, fase média, finalmente, fase mínima, isto é, o germe ou base do fenômeno: não mais ponto de chegada, mas ponto de partida. Assim, no diagrama da fig. 4, os períodos positivos de desenvolvimento da espiral alternam-se com períodos negativos de envolvimento; desta sua oscilação interna, positivo-negativa, evolutiva-involutiva, forma-se e progride a maior espiral da evolução do fenômeno. Assim, por exemplo, partindo da ação e da experimentação (fase positiva de atividade), até a assimilação de valores (fase negativa de passividade), emerge aquela criação de qualidades e capacidades, da qual nasce, no campo da vida, e se desenvolve, a consciência. Por isso, a dor alterna-se com a alegria mas é condição, como elemento de experiência e de progresso, de uma alegria cada vez maior; a morte alterna-se com a vida, como condição de desenvolvimento da consciência e, com isso, de

uma vida mais alta; também as revelações das religiões instruem o homem, mas o homem as analisa e assimila, amadurecendo para receber outras cada vez mais completas. Assim, por análise e síntese, síntese e análise, progride a ciência. Fé e ciência, intuição e razão, oriente e ocidente, completam-se, como termos complementares, como duas metades do pensamento humano. Vedes como sempre se completam os conceitos precedentes, ao voltarmos a eles. Vedes como no princípio da dualidade estão o segredo e o mecanismo íntimo das novas criações.

Nisto encontrais *uma razão mais profunda da fase de involução*, que representa a dissolução dos universos. Este é um processo de neutralização da fase positiva da criação, um processo de degradação do fenômeno, uma decomposição do organismo em seus centros menores. Mas não é destruição, porque essas unidades menores são logo retomadas em círculo e reorganizadas em novas unidades. O regresso involutivo expresso pelo envolvimento da espiral, ou descida da linha quebrada, representa o período de inércia, negativo, que se contrapõe ao período de atividade, positivo, da criação. Na fase de inércia o fenômeno fecha-se em si mesmo, passivo; seu dinamismo detém-se, o esforço criativo diminui; a tensão da subida e do transformismo, cansado, recai sobre si mesmo. Cada fenômeno possui seu cansaço, exaustão do impulso concentrado no germe, em que o período precedente de atividade se inverte. O regresso ao ponto de partida é indispensável: o efeito reúne-se à causa, a forma ao seu germe. Atividade e inércia são o duplo ritmo de períodos inversos, por meio do qual se desenvolve o fenômeno. Assim, o fenômeno oscila da semente ao fruto, do fruto à semente, que são dois extremos, positivo e negativo, de seu devenir. O + e o - são apenas posições do fenômeno. A semente (+) é o estado de latência que contém tudo potencialmente; o fruto (-) é o resultado de exaustão do ciclo, a posição em que ocorreu a manifestação; o princípio contido no germe exteriorizou-se na definição da forma do ser.

Alguns atribuíram valor de lei máxima a essa dualidade e nela viram o princípio genético dos fenômenos. E, generalizando o conceito de acasalamento, viram no choque das massas siderais o sistema "normal" de gênese estelar. Não é assim. Na verdade, os sistemas planetários são constituídos por um centro positivo, o sol, em redor do qual giram os planetas, de sinal negativo; no átomo, o núcleo é positivo, em torno dele giram os elétrons negativos; essa tendência à inversão do sinal guia as correntes dinâmicas para a concentração no núcleo das nebulosas. Mas, a lei maior é a evolução e em seu interior se move a lei menor de dualidade. *O choque é apenas um sistema genético excepcional e particular, ao passo que o sistema-tipo é a maturação evolutiva*.

A criação vos parece, por causa desse princípio de dualidade, um cruzamento e uma contradição de termos alternados, orientada, ritmada e periódica. Esse princípio é a base de seu constante equilíbrio. Assim explicais a distinção da força de gravitação, em suas direções de atração e repulsão, de acordo com o sinal, a simpatia universal entre os contrários e a antipatia entre os semelhantes. O todo é metade afirmação, metade negação. Nessa inversão contínua renova-se sempre a ação e a criação. A energia vital do ar é bipolar: Nitrogênio e Oxigênio. Do mesmo modo na decomposição da água (eletrólise), o Oxigênio migra para o polo positivo e o Hidrogênio para o negativo. A reação representada pela equação $2H_2O = O_2 + 2H_2$ na fase análise, inverte-se na equação $2H_2 + O_2 = 2H_2O$ na fase síntese. Em suas duas metades + e -, síntese e análise, o ciclo fica completo. A rotação das esferas celestes, a oscilação da onda dinâmica por sucessão de duas semi-ondas, tudo é devido a essa alternância de períodos inversos. Esta íntima estrutura da lei de equilíbrio, pela qual o mal alterna-se com o bem, a dor com a alegria, a pobreza com a riqueza, sobem e descem, os homens e as civilizações, e tudo se condiciona reciprocamente. Ouvi essa íntima música do universo, observai essa constante polarização que dirige o ser e o orienta como uma agulha imantada. Essa troca perpétua ressoa de harmonias, como um cântico universal.

Olhai: a matéria, derivada por involução da forma originária dinâmica, alcança, através de estados de sucessiva condensação, gasosos, líquidos e sólidos, um máximo de concentração e de inércia num mínimo volume. A energia que daí renasce vai para um máximo de expansão e de atividade; de fato, difundir-se e mover-se são as primeiras características da energia. Assim, matéria e energia invertem seus sinais. Olhai ainda: as plantas decompõem o ácido carbônico composto pelo animal, assimilam seus produtos de refugo e, ao contrário, ocorre com o oxigênio. Os órgãos vegetais são uma inversão dos órgãos animais e realizam uma respiração invertida. Deste princípio de equilíbrio nascem as maravilhosas figuras simétricas dos flocos de neve, como as das flores do campo; nascem as simetrias das formas dos cristais, das formas da vida, dos corpos planetários estelares e de suas elipses. Por essa mesma lei, a morte é condição de renascimento e o nascimento é condição de morte. Não existe mais fecunda forja de vida que essa morte, de cujas ruínas a vida jamais cessa de ressurgir cada vez mais bela. O princípio condiciona o fim, mas o fim gera o princípio. Eis o limite do finito, do relativo — de que sois feitos — constrangido a girar sempre sobre si mesmo a nascer e morrer; constrangido, para existir, a perseguir o infinito num movimento que jamais conhece o repouso.

O universo é uma inexaurível vontade de amar, de criar, de afirmar, em luta com um princípio oposto da inércia, feito de ódio, de destruição, de negação. O primeiro é positivo e ativo, o segundo é negativo e rebelde. Deus e diabo são os dois sinais (+ e -) do dualismo. É luta, mas é equilíbrio; é antagonismo, mas é criação porque, pelo choque e pelo contraste, nasce uma criação, um amor e uma afirmação cada vez mais vasta. O bem serve-se do mal para progredir, compreende o mal e o constrange a seus fins. No bem está o futuro da evolução e o mal é o oposto, em que se apóia o bem para subir. A instabilidade das coisas não é uma condenação, mas uma escada de progresso. Não fujais do movimento no Nirvana, mas lançai-vos no vórtice, para que ele vos leve cada vez mais alto. Cristo ensinou-vos a vencer a morte e, transformando-a em instrumento de ascensão, a superar a dor. Lutai corajosamente, sabei sofrer e vencer; cada minuto vos levará mais para o alto, para Deus.

40. ASPECTOS MENORES DA LEI

Por esses princípios de *trindade e dualidade*, o universo é um trinômio e um binômio ao mesmo tempo. Esses, como vimos, encontram unidade no *monismo* de suas equivalências. O todo é concomitantemente, *unidade, dualidade e trindade*.

Ao lado desses aspectos principais da Lei, temos outros *menores*, em que a *unidade* ainda *se subdivide* e *se diferencia*. As faces do poliedro são infinitas, a Lei é verdadeiramente inexaurível. Pensai que código deve guiar o funcionamento de um universo tão vasto, tão complexo, regulado com tanta perfeição.

Vimos o *princípio das unidades coletivas*, ao qual corresponde, no aspecto dinâmico, o dos *ciclos múltiplos* e, no aspecto conceptual, o *das leis múltiplas: organismo de formas, organismos de forças, organismo de leis*. Também em seu aspecto conceptual, o universo é um organismo. Como vimos que a Lei se decompõe em princípios menores, aqui ela se recompõe em maiores. *Princípio de divisibilidade e recomposição*, que reencontrais com evidência na possibilidade universal de análise e síntese, desde a química, até a filosofia. *Princípio de reunificação*, no qual se equilibra o *princípio da subdivisão*.

Um princípio que guia a forma, na ascensão evolutiva, oposto ao das unidades coletivas e da recomposição, é o da d*iferenciação*, pelo qual a evolução ocorre passando do indistinto ao distinto, do genérico ao específico, ao particular, do homogêneo ao diferenciado. Essa tendência à multiplicação dos tipos, à subdivisão da unidade, encontra seu contra-impulso compensador, com o qual se reconstrói o equilíbrio, na tendência à reorganização e reunificação, provocada pelo princípio das unidades coletivas. Essa reorganização implica uma progressão constante em complexidade. Essas leis são forças-tendências que constituem como que um instinto, uma necessidade do devenir e de ser, segundo esse mesmo princípio. Muitas vezes elas se acasalam pelos contrários, balanceando-se assim em perfeito equilíbrio.

Outro princípio, que a lei de evolução implica, é o da *relatividade*. Já que só o relativo pode evoluir, a evolução só é possível num mundo sucessivo finito, progressivamente perfectível, como é o vosso.

O *princípio do mínimo esforço* regula a economia da evolução, evitando dispêndio inútil de forças.

O *princípio de causalidade* garante a concatenação no desenvolvimento fenomênico, já que o efeito deriva da causa (antecedente e consequente), ele liga em rígida conexão os momentos sucessivos do devenir. Essa lei assinala o ritmo de vosso destino.

Paralelo ao princípio de causalidade está o *da ação e reação*. Observai esse dualismo ativo-reativo nos fenômenos sociais, que não progridem em linha reta, mas por caminhos tortuosos de impulsos e contra-impulsos, recordando-vos o percurso dos rios. Não há dúvida de que eles avançam em correnteza que oscila entre as duas margens do bem e do mal. Cada posição, cada conquista, cada afirmação é levada até as últimas consequências, até o abuso; o homem, totalmente inconsciente, não sabe parar senão quando a lei de reação levanta um dique. Mas também a reação chega depois até o abuso, até onde a própria lei constrói novo contradique e repele o impulso. O homem, absolutamente ignaro e passivo diante da Lei, é totalmente incompetente para dirigir-se a si mesmo. Acreditais que sejam os governos e os parlamentos que guiam os povos? Não. Eles constituem apenas um expoente. Mesmo nos períodos de anarquia, a história caminha por si, sábiamente guiadas pelas forças ocultas contidas na Lei. O homem é sempre "constrangido", para sua salvação, num ritmo que ele não sabe compreender e, por isso, chama de fatalidade. Por exemplo: a história da França desde Luís XIV até a Revolução e Napoleão, abuso não se corrige senão com outro abuso. Dissesteis que a riqueza é um furto, mas somente para roubá-la; sois virtuosos apenas para perseguir os outros em nome da virtude. Assim recaís sempre sob o peso das consequências de vossas ações e jamais quebrais o ciclo dos erros. De abuso em abuso, move-se a correnteza e homem algum existe sem culpa; mesmo onde acredita dominar e vencer é apenas um autômato no seio da Lei que, a cada volta, lhe diz: basta! Esse o perigo que ameaça vossa civilização mecânica. Ai de vós, se abusardes de vosso poder, abandonando-vos aos instintos das épocas passadas. Se, dispondo de tais meios de destruição, não renovardes vossa psicologia, estais perdidos.

Muitas vezes no organismo das leis, algumas se tocam, completam-se e uma continua a outra, mutuamente. Por isso, do princípio de causalidade passa-se ao de *continuidade*, pelo qual a derivação consequente está ainda mais estreitamente ligada à sua causa, por continuidade: "natura nom facit saltus".

Contíguo é o *princípio de analogia ou de afinidade*, que já notamos e aplicamos na estequiogênese, pelo qual, todos os princípios se assemelham no fundo comum do monismo ou unidade de princípio universal; também as coisas têm caracteres em comum, que permitem o reagrupamento em unidades coletivas. Só são possíveis contatos, permutas e fusão entre afins e, neste caso, a afinidade corresponde ao princípio do menor esforço. Vedes um exemplo na formação de vosso pensamento: *o desenvolvimento conceptual de menor resistência é o que procede por associação de idéias*. O pensamento é vibração e transmite-se por onda. Esta excita apenas as vibrações das ondas afins. O que desperta uma idéia em vossa consciência ou memória é precisamente a presença da onda da idéia afim. Quando não conseguis recordar, a idéia está latente, potencial em vossa consciência: é simples capacidade, disposição para responder, tal como um instrumento musical que ninguém toca. Nesse estado, a idéia está em repouso, não vibra, não a sentis, está fora daquele estado de vibração a que chamais consciência. Uma vibração afim, por tipo e comprimento de onda, desperta-a espontaneamente, ao passo que uma idéia diferente e longínqua, embora lógica e sistematicamente próxima, não poderá jamais ressuscitá-la.

O *princípio geral de ordem* distingue-se, tanto quanto o princípio de *dualidade* e, torna-se *lei de simetria*, lei de *compensação*, lei de *reciprocidade* e, quando em movimento, torna-se *ritmo*. O universo *funciona todo por meio de ritmos*, desde os fenômenos astronômicos aos psíquicos, dos fenômenos químicos aos sociais. Rítmico é o devenir, periódico é o transformismo em todos os campos e a evolução que distingue as formas é *diferenciação também de ritmos. O princípio de ordem é princípio de equilíbrio*. Vede como no universo não só tudo está em seu lugar, mas se equilibra espontaneamente. Observai como num mundo tão complexo, existe um lugar para vosso esforço, proporcional às vossas forças. O acaso não pode produzir esses equilíbrios. E é essa proporcionalidade que, se não vos garante o ócio, garante-vos a vida; se a vós impõe um esforço adequado, assegura-vos o indispensável. As posições, belas ou feias, que ocupais, não são eternas, pois, também a duração do esforço e do repouso é medida e proporcionada. Nessas leis encontrareis a razão de tantos fenômenos que vos tocam tão de perto.

Outros princípios, como o da *indestrutibilidade da Substância e do transformismo universal* estão implicitamente contidos na lei de evolução e são imediata consequência dela — já falamos disso — como também o são o *princípio de auto-elaboração, o princípio do desenvolvimento cíclico, o princípio da extrinsecação do latente,* segundo a mecânica da semente e do fruto, o princípio da *inércia* que garante sua estabilidade (o misoneísmo do fenômeno, resistência da trajetória a qualquer desvio), o princípio de *finalidade* que lhe estabelece a meta. Outros representam aspectos secundários da grande lei, e cada palavra com que a descrevemos pode constituir um seu princípio particular. O princípio único pulveriza-se nos pormenores, nas condições mais diversas de atuação, em todas as combinações possíveis. Poder-se-ia acrescentar um *princípio de adaptação e de elasticidade*, pelo qual o princípio sabe modelar-se em infinitos matizes nos casos particulares; e um *princípio de difusão e repercussão*, pelo qual cada vibração, assim como cada mudança, encontra um ouvido que a escuta, um eco que a repete, uma resposta que a completa. Até o infinito, a série dos princípios é apenas a descrição dos infinitos momentos e aspectos do universo. Esses princípios surgirão espontaneamente à luz, à proporção que continuarmos.

A finalidade desta exposição de princípios não é apenas descritiva: possui um significado mais profundo, o de *traçar, para vós, as leis dos fenômenos*. Fixado o princípio, estabelecido que em muitos casos ele corresponde à realidade, não somente poderá ele ser estendido, pela lei de analogia, a todos os fenômenos, mas mesmo quando só pudermos ver um segmento de um fenômeno em seu transformismo, podereis também completá-lo, defini-lo e descrevê-lo nos trechos em que escapa à observação direta. Individuando e agrupando os fenômenos em leis e princípios, ser-vos-á muito mais fácil segui-los em toda a sua extensão e assim escalar até o desconhecido. Por exemplo, se o princípio de dualidade vos diz que cada unidade é um par de partes inversas e complementares, podeis facilmente deduzir daí — se esse princípio é encontrado em toda parte — que vosso mundo, visível e sensório, pode ser completado, em sua segunda metade, por um inverso mundo invisível, mesmo que este escape a vossos sentidos. Se o princípio da indestrutibilidade da Substância e do transformismo universal vos afirma que nada se cria e nada se destrói em sentido absoluto, mas tudo se transforma no relativo, isto quer dizer que a criação é condição de destruição, e destruição é condição de criação; que no binômio, os dois momentos são inseparáveis; que nenhum dos dois pode ser isolado do seu inverso, que o completa.

Disto derivam, com férrea concatenação lógica, estas consequências: o que nasce tem que morrer, o que morre tem de renascer; é absurda, em qualquer caso, uma criação ex-novo, mesmo na gênese da personalidade humana, pois, esse fato derrubaria todo o ritmo semelhante ao que verificais nos outros fenômenos; se existe um ciclo de vida e de morte em todos os fenômenos, sem que estes confundam a linha do próprio devenir e percam a própria individualidade, é absurdo acreditar que o fenômeno máximo em vosso mundo, o da personalidade humana, deva fazer exceção nesse aspecto, confundir-se e desaparecer, só porque ele vos escapa no invisível; ou então, que tenha de tomar outra direção e não a do retorno cíclico, base da evolução. Não importa que não o toqueis diretamente com vossas mãos. Impõem-vos essas conclusões a lei de equilíbrio, o princípio de dualidade, de indestrutibilidade, de transformismo e de analogia, combinados em conjunto; eles existem como leis dos fenômenos e podem ser, objetivamente, controlados. As outras leis concorrem e convalidam, completando o conceito. Elas são um organismo e, tocando uma, tocais mais ou menos todas e as encontrais em toda a parte ligadas entre si. Assim, a lei de causalidade manifesta-se neste caso, regulando os efeitos de vossas ações e concatenando-as todas, naquela linha progressiva bem definida de transformismo, a que chamais vosso destino. Essa lei proporciona o efeito à causa, excluindo qualquer possibilidade de derivação daquilo que é eterno, por obra de uma quantidade temporal. Aí está implícita a lei de continuidade que, combinada com a precedente, garante-vos que é absurdo o aparecimento brusco de um fenômeno, sem uma longa maturação, não importando se esta é subterrânea ou invisível. Um tão complexo organismo de leis, como vo-las descrevi, arremessa imediatamente ao absurdo qualquer violação dos princípios, eliminando-a por impossibilidade lógica. Só há lugar para desordem no particular, mas é desordem aparente, condição de uma ordem maior. Na grande máquina do universo, nada pode escapar aos princípios que lhe regulam o perfeito funcionamento. Sem dúvida que a vós, mergulhados no mundo dos efeitos, no imediato contato com o relativo e o particular, o universo pode parecer confusão caótica e inextricável. No entanto, vede que tudo sobrevive, entre tanta destruição; que apesar de tantos movimentos em todas as direções e do diferenciar-se do princípio único em tantos momentos diferentes, o ritmo é reconstruído perfeito, graças aos *três grandes princípios de unidade, de ordem e de equilíbrio*. Ensinei-vos o caminho da síntese, e quanto mais alto subirdes, mais evidente sentireis o monismo no todo; e, no processo genético, a estrutura de um conceito; no universo, tudo se harmoniza num concerto imenso de todas as criaturas, de todas as atividades, de todos os princípios.

Não vos isoleis em vosso pequeno eu, naquele separatismo que vos limita e vos aprisiona. Compreendei essa unidade, lançai-vos nessa unidade, fundi-vos nessa unidade e vos tornareis imensos. Acima do estridor do contraste e da luta, ouvireis cantar um imenso ritmo majestoso. Assim como a força de gravitação liga indissoluvelmente as unidades físicas que giram nos espaços, assim a unidade de conceito diretivo liga todos os fenômenos numa indissolúvel solidariedade, tornando todos os seres irmãos entre si. Este universo, tão instável e, no entanto, sempre equilibrado; tão diferenciado no particular e, contudo, tão compacto no conjunto; tão rígido em seus princípios, mas elástico; tão resistente a qualquer desvio, mas sensibilíssimo, é uma grande harmonia e uma grande sinfonia, onde miríades de notas diferentes, desde o roncar do trovão até os cataclismos estelares, do turbilhão atômico ao canto da vida e da alma, harmonizam-se num único hino que diz: Deus.

41. INTERREGNO

Mais uma pausa em nossa longa caminhada; repouso para a áspera tensão de vosso pensamento e orientação no vasto mar do conhecimento que vos exponho, de maneira que vossa meta esteja sempre presente.

Não digais: felizes os que podem viver sem saber e sem perguntar. Dizei antes: felizes aqueles cujo espírito jamais se sacia de conhecimento e de bem, que lutam e sofrem por uma conquista cada vez mais alta. Lamentai os satisfeitos da vida, os inertes, os apagados; o tempo deles é apenas ritmo de vida física e transcorre sem criações. Eles recusam o esforço destas elevadas compreensões que vos ofereço e não existe luz no amanhã para o espírito que adormece.

Meu olhar novamente pousa em vosso mundo, saturado de inconsciência e de dor, de erudição e de agnosticismos, de luta e de loucura: turbilhões de paixões, provas tremendas, tormentos cobertos de sorrisos. Grande e trágico é o quadro de vossos destinos, porque ouço aquele grito desesperado que prorrompe da alma e que escondeis, porque, no fundo do riso dos gozadores, ouço o respiro dos agonizantes em desespero.

Alma, alma, centelha divina, que nenhuma de vossas loucuras jamais poderá destruir e está sempre pronta a ressurgir cada vez mais bela de cada dor! Potência que jamais se cansa de ser e de criar, só tu verdadeiramente vives. Nenhuma conquista de pensamento, nenhuma afirmação humana poderá jamais extinguir tua sede de infinito. Vossa ciência, muitas vezes mera presunção de palavras eruditas, e vossa civilização exterior e mecânica esqueceram que isto é o centro da vida, a causa primária dos fenômenos mais próximos de vós e intrínsecos. A alma tem suas necessidades e seus direitos. Não se pode matá-la, não se pode atordoá-la para fazê-la calar. Não ouvis seu grito desesperado, que se ergue entre vossas vicissitudes individuais e sociais? Sua vida, negligenciada, pesa em vosso destino e o arruina. Vossa alma sofre, e sequer sabeis encontrá-la novamente; certos abismos vos desanimam e as águas fecham-se tranquilamente num sorriso aparente por cima do báratro tremendo. Que acontecerá lá embaixo, no mistério das causas profundas, que desejaríeis ignorar e afastar da consciência? Alguma coisa palpita e treme nas trevas profundas. Cada alma esconde dentro de si uma sombra secreta que não ousa olhar, mas que jamais poderá esconder de si mesma: uma sombra sempre pronta a ressurgir, logo que uma hora de paz diminua a tensão da corrida louca com que quereis distrair-vos. A alma não se sacia, embalando o corpo em comodidades supérfluas e dispendiosas, acariciando os olhos com um brilho apenas externo. Na satisfação dos sentidos, alguma coisa sofre igualmente no íntimo e agoniza numa angústia profunda. Resta um vazio dentro de vós, em que apenas uma voz, perdida e desconsolada, eleva-se inquieta para perguntar: e depois?

Então vos falo. Falo num tom de paixão, para as almas prontas e ardentes; em tom de sabedoria para quem é mais apto a responder às vibrações intelectivas. A todos falo, porque quero sacudir e unir todos em uma fé mais alta, numa verdade mais profunda. Aqui, dirigindo-me à mente, convoco todos à colheita: químicos e filósofos, teólogos e médicos, astrônomos e matemáticos, juristas e sociólogos, economistas e pensadores, os sábios em todos os campos do cognoscível humano, a cada um falo sua própria linguagem; convoco à colheita as mentes mais elevadas, que dirigem o pensamento humano, para compreenderem esta *Síntese* e saberem, finalmente alcançar, com ela, um pensamento unitário que resolva tudo e o diga à mente e ao coração, para os supremos fins da vida.

Esta pausa é para dizer-vos que, no fundo deste árido tratado científico, arde uma paixão imensa de bem; esta paixão é a centelha que anima toda essa ciência que vos exponho. Quem não sentir essa centelha, que se comunica diretamente de alma para alma, e lançar a este escrito um olhar simplesmente curioso, ou ávido de aprender somente, não ficará nutrido.

A pena que escreve e segue meu pensamento, gostaria de precipitar-se para as conclusões. Mas o caminho tem de ser percorrido todo; o edifício é vasto e o trabalho tem de ser executado por inteiro, para que a construção seja sólida e possa resistir aos golpes do tempo e dos céticos. Nesta pausa que vos concedo, deixo a alegria das antecipações, o pressentimento das conclusões e o repouso da visão de conjunto. O próprio tratado assim se valoriza, ilumina-se com uma luz mais alta que a pura erudição ou os fins utilitários; ilumina-se com um significado que, muitas vezes, a ciência não possui. Só com essa nobreza de objetivos e com essa pureza de intenções, se tem o direito de olhar de frente os maiores mistérios do ser e de enfrentar os problemas que dizem respeito à vida e à morte.

42. NOSSA META — A NOVA LEI

O conceito científico de evolução, base deste Tratado, despertar-nos-á para a visão de uma nova Lei, imensamente mais elevada que a lei que vos dirige e impera no mundo animal, a lei da luta pela vida e da vitória do mais forte. Diante desta lei da força, contraponho a mais alta lei da justiça. Presente na estrada da evolução, que ressoa em minhas palavras, em cada fenômeno e em cada criatura do universo, esta nova lei é o degrau sucessivo àquele em que vos encontrais e vos espera como iminente superação daquela animalidade, donde deveis destacar-vos para sempre. A Nova Civilização do Terceiro Milênio está iminente e urge lançar-lhe os fundamentos conceptuais[10].

Como vedes, minha meta é bem mais alta que o mero conhecimento ou a solução de problemas com intuito intelectual e, muito menos, utilitário. Esta minha palavra não é mera afirmação cultural, é apenas um meio. Não venho para alardear sabedoria, mas para lançar um movimento mundial de renovação substancial de todos os princípios que hoje regem vossa vida e vossa psicologia.

Não mais guerra, mas paz; não mais antagonismos e egoísmos individuais e coletivos, destruidores de trabalho e de energias, mas colaboração; não mais ódios, mas amor. Cumpra cada um o seu dever e a necessidade de luta cairá por si. Só a retidão produz equilíbrio estável nas construções humanas, ao passo que a mentira representa um fundamental desequilíbrio, irremediável vício de origem que destrói tudo. A justiça suprimirá o gigantesco esforço da luta, que sobre vós pesa como uma condenação. O amor, que só existe no mundo em oásis fechados, isolado no deserto do egoísmo, precisa sair do âmbito fechado desses círculos e invadir todas as formas de manifestação humana. Muitas vezes, exatamente onde o homem trabalha, falta esse cimento que une, essa potência de coesão que amortece os choques e ajuda o esforço, impedindo que tanto trabalho se perca em agressividades demolidoras. Num homem superiormente consciente, os fins da seleção do melhor podem ser conseguidos, de

preferência aos caminhos da luta desapiedada, pelos caminhos da compreensão. Existe uma nova virilidade mais poderosa para o homem: a que supera a fraqueza da mentira, a maldade do egoísmo, a baixeza da luta agressiva.

A inversão de vossas atuais leis biológicas e sociais é completa. A antítese é fundamental. O pressuposto da má-fé e o sistema da desconfiança invadem, hoje, a substância de todos os vossos atos. Esse princípio tem de ser derrubado. O sistema das leis formais e exteriores já deu todo o seu rendimento. É necessário passar ao sistema das leis substanciais interiores, que não funcionam por coação e repressão a posteriori, mas por convicção e prevenção; que agem, não depois da ação, tarde demais no campo das consequências e dos fatos, mas antes na raiz da ação, no campo das causas e das motivações. As leis substanciais interiores vão escritas nas almas, com a educação que plasma o homem.

Em vosso século a luta não é mais de corpos, mas de nervos e de inteligência. A luta também evolui e já atingiu formas mais espirituais. Os tempos são maduros, pelo desenvolvimento dos meios científicos e pelo desenvolvimento das inteligências. Profetas e pensadores foram obrigados, muitas vezes, a não dizer ou a velar a verdade diante da multidão, sempre pronta para adulterar tudo, para reduzir tudo aos termos da própria psicologia, impondo esta como norma coletiva. Mas, o mundo hoje, em sua racionalidade, impôs-se como dever o aceitar tudo o que se demonstra lógico e racional. Colocou-se na posição de quem pode e deve compreender. Por outro lado, os meios ofensivos alcançaram uma potência jamais verificada na história e não se podem guiar mais pela psicologia feroz e pueril do passado. A humanidade está na encruzilhada, e não há mais possibilidade de fugas: ou compreender, ou exterminar-se. Este não constitui um problema abstrato e teórico, mas social, individual e concreto; problema de vida ou de morte.

Minha meta é a compreensão de uma lei mais alta, lei de amor e de colaboração, que a todos una num grande organismo, animado por nova consciência universal unitária. Realmente não se trata de mais uma nova sabedoria, pois repito a Boa Nova, que já foi ditada há milênios aos homens de boa vontade; torno a repeti-la toda, idêntica na substância, todavia mais ampliada, no mais vasto gesto de vossa mente mais amadurecida, para que finalmente vos agite, inflame-vos e vos salve. Eis nossa meta: a palavra eterna, o alimento que sacia, a solução de todos os problemas, *a síntese máxima*.

Chegarei ao Evangelho de Cristo pelos caminhos da ciência, ou seja, chegarei ao Evangelho pelos caminhos do materialismo, a fim de fundir os dois pretensos inimigos: a ciência e a fé. Isto para mostrar-vos que não existe caminho que não leve ao Evangelho, para impô-lo a todos os seres racionais, tornando-o obrigatório, como o é qualquer processo lógico. Ele é a nova lei super-humana, a superação biológica imposta pela evolução da humanidade neste momento histórico, quando está para surgir a nova civilização do terceiro milênio. Chegou a hora em que estes conceitos, esquecidos e não compreendidos, pregados mas não vividos, tenham que explodir por potência própria, no momento decisivo da vida do mundo, fora do âmbito fechado das religiões, na vida em que o interesse luta, a dor sangra, a paixão transtorna.

O evangelho não é um absurdo psicológico, social, científico. Não é negação, mas afirmação de humanidade mais elevada, no nível divino.

A coisa simples e tremenda que o homem de hoje tem de fazer, na encruzilhada dos milênios, é colocar a alma nua diante de Deus e examinar a si mesmo com grande sinceridade e coragem. Se vós, almas sedentas de ação exterior, de movimento e de sensação, não sabeis ouvir no silêncio a voz das grandes coisas que falam de Deus, e quereis explodir desta íntima vida do espírito para vossa exterior realidade humana, e agir, gritar, conquistar e vencer, ainda que com o braço e a ação, pois bem, eu vos digo:

"Levantai-vos e caminhai para vosso inimigo mais acerbo, para aquele que mais vos traiu e maltratou e, em nome de Deus, perdoai-lhe e abraçai-o; ide àquele que mais vos roubou e perdoai-lhe a dívida e, mais ainda, dai-lhe tudo o que possuís; chegai àquele que vos insultou e dizei-lhe, em nome de Deus: eu te amo como a mim mesmo, porque és meu irmão".

Dir-me-eis: "Isto é absurdo, é loucura, é ruinoso. É impossível, na Terra, esta deposição de armas!"

Eu vos digo: "Sereis *homens novos* somente quando usardes *métodos novos*. De outra forma jamais saireis do ciclo das velhas condenações, que punirão eternamente a sociedade por suas próprias culpas. Pela mesma razão que houve uma vítima na Cruz, hoje a humanidade tem de saber oferecer-se a si mesma, para esta sua nova, profunda e definitiva redenção. Sem holocausto jamais haverá redenção. Aí, nesse mundo louco que se arma, com perspectivas cada vez mais desastrosas contra si mesmo, com meios já tão tremendos em vista dos hodiernos progressos científicos, que uma conflagração não deixará homem nem civilização salvos sobre a Terra, aí, onde o homem age assim, só existe uma defesa extrema: o abandono de todas as armas". Mais tarde veremos como.

Dizeis-me: "Temos o dever da vida".

Eu vos digo: "Quando, com espírito puro, proferis*: Em nome de Deus*, a terra estremece porque as forças do universo movimentam-se. Quando sois verdadeiramente justos e quando, inocentes, sois atingidos pela violência, que usurpa a vitória de um momento, o infinito precipita-se a vossos pés para gritar-vos vitória e elevar-vos para o alto como triunfadores, na eternidade, fora do ínfimo átimo do tempo em que o inimigo venceu.

Eis o que peço à alma do mundo. Sua alma coletiva, una e livre como uma só alma, pode escolher; de sua escolha dependerá o futuro. Um incêndio tem de alastrar-se, tão forte que derreta todo o gelo de ódio e de egoísmo que vos divide, vos torna famintos, vos atormenta. O mundo, de um hemisfério ao outro, escuta-me e minha voz conclama todos os homens de boa vontade. O novo reino é o esperado Reino de Deus, uma construção imensa que deve realizar-se não nas formas humanas, mas *no coração dos homens*; criação antes de tudo interior, que se opera ao tornar-vos melhores. Se não compreenderdes, a marcha do progresso do mundo demorará milênios.

Este repouso que desejei no meio da jornada, esta mudança de argumento e de estilo, depois da fria análise científica, esta explosão de paixão é para que eu seja compreendido e "sentido" por todos. Desejei esta pausa para que este Tratado, complexo para os simples, supérfluo para os puros de espírito que já compreenderam, recorde à ciência que ela não nasceu somente para mostrar-se orgulhosamente, mas que tem a responsabilidade moral de guiar as consciências; recorde à ciência que dela falo e a supero com uma finalidade bem mais alta que a do simples conhecimento e utilidade que a impele. Uma finalidade que a ciência ignorou muitas vezes: a ascensão do homem para os mais altos destinos.

43. OS NOVOS CAMINHOS DA CIÊNCIA

Não há dúvida que para vós, homens de razão e de ciência, em vosso tempo e de acordo com a vossa atual psicologia, trata-se de uma linguagem bastante estranha a que unifica todos os problemas: os do saber e os da bondade, e os coloca lado a lado, e funde ciência com Evangelho, acima de vossas distinções, numa mesma Síntese. Mas todos os vossos sistemas racionais e científicos são filhos da psicologia de hoje, que não é a de ontem nem a que será amanhã; vossos métodos e pontos fixos conceptuais passarão, como outros passaram, e tudo será superado. O tempo vos modifica, ó filhos do tempo, e vos impele cada vez mais para o alto. Como evolvem as formas de luta e as do sofrimento, assim evoluem o pensamento e suas formas, porque a criação é contínua e o dinamismo divino está sempre presente.

Àqueles que, no campo de todas religiões perscrutam para encontrar erro e condenar, eu digo que coloquem com sinceridade sua alma diante de Deus e escutem a voz íntima que diz: esta palavra é verdadeira. Onde existe, pergunto-vos, onde existe na Terra uma força que verdadeiramente vos sacuda e arranque do cálculo contínuo de todos os interesses humanos? E quem faz, na Terra, um esforço energético, heróico, decisivo, para salvar os valores morais?

À ciência, que aplica o ouvido para ver resolvidos, com suas próprias palavras, problemas tão desusados para ela, eu digo: chegou a hora de mudar de caminho. Porque é inútil, é loucura acumular milhões de fatos, sem jamais concluí-los. A síntese urge e a ciência cala-se; olha suas colunas de fatos, colunas de um templo imenso, cheio de silêncio, e cala-se. O apriorismo sensório amarra na Terra suas asas e limita-lhe as vias da pesquisa; o apriorismo da dúvida que, se olha para a objetividade, fecha ao espírito os caminhos rápidos da intuição e da fé. Mente e coração exigem uma resposta e os últimos efeitos que tocais com vossos sentidos só podem dar-vos os últimos reflexos daquele incêndio que permeia o infinito. Não é acumulando fatos que se pode dar uma resposta; o princípio vital que anima uma árvore jamais será encontrado pela observação e enumeração de suas folhas, pois ele é algo de íntimo, de profundo, de imensamente superior e de essencialmente diferente de qualquer aparência sensória. Assim, na zoologia e na botânica, anatomizais cadáveres. Mas que podem dizer-vos as formas de vida, quando as matasteis, expelindo-lhes o princípio substancial que as plasma e as rege, que tudo resume e determina, o único que pode exprimir o significado do fenômeno?

Se na ciência existe uma impotência apriorística para concluir, os fatos já demonstraram; por outro lado, o interesse e a ambição — com frequência o único móvel secreto de todo trabalho — fecham à alma os caminhos da compreensão, levantando uma barreira entre o Eu e o fenômeno. A atitude psicológica do observador torna-se assim uma força negativa e destruidora. Como podeis esperar que vos abram as portas do mistério, se vós mesmos ergueis barreiras com vossa posição de desconfiança, se partis da negação, se está tão inquinada a primeira vibração de origem, segundo a qual tomam sua direção todas as formas de vosso pensamento? Deveis compreender que a dúvida, o agnosticismo são uma atitude negativa psicológica, que desagrega o fenômeno, e é precisamente essa posição que vos fecha as vias de sua compreensão. Os fenômenos mais sutis e mais altos apagam-se, automaticamente, quando deles vos avizinhais, por isso, é interditado o ingresso da ciência nos campos mais altos. É indispensável a presença de um fator, que a ciência ignora de propósito: o fator espiritual e o moral. São eles a condição fundamental de sintonização e de potência de vossa psique, que é o instrumento de pesquisa.

O futuro da ciência reside no mundo mais sutil do imponderável. Se não levardes para a pesquisa científica esse estado de espírito, que nasce apenas de uma grande paixão pura e desinteressada, jamais avançareis um passo. Esta atitude de vosso Eu é fundamental, porque é lei que, onde faltam sinceridade de intenções e impulso de fé, as portas do conhecimento se fecham. O mistério tem suas defesas e suas resistências e somente um estado de vibração intensa pode ter a força de superá-las. A verdade só responde a um apelo desesperado de uma grande alma que invoca a luz para o bem. Para quem olha ávido e curioso, o olhar embaça-se e as portas do conhecimento permanecem trancadas. A Lei, mais sábia que vós, não admite no templo os incapazes e os imaturos; o conhecimento, arma poderosíssima, só é concedido a quem saiba fazer bom uso dele. Na Lei, nenhuma desordem é permitida e os inferiores não são admitidos para trazer perturbação com sua inconsciência fora de seu campo. É lei, pois, cada progresso seja merecido e a cada conquista corresponda um valor substancial; a verdadeira ciência não consiste num fato exterior, repartido com todos, acessível a todas as inteligências, mas é a última fase de uma íntima e profunda maturação do ser. Na conquista do conhecimento, como em todas as maturações biológicas, não há atalhos possíveis, mas é indispensável desenvolver toda a trajetória do fenômeno. Deveis admitir que o universo existe perfeito e assim funciona há muito tempo, independentemente de vosso conhecimento, que nada cria e nada desloca, senão vossa posição.

Doutra parte, não haveis certamente de presumir que o presente de vossa ciência contenha todo o saber possível. A experiência do passado vos ensina que tudo pode mudar, dos pés à cabeça, com resultados imprevisíveis, a cada momento. Sabeis, por experiência, que as revoluções no campo do saber são normais em certas ocasiões. Não é lógico e consentâneo com vossas teorias materialistas evolucionistas, que a natureza, chegando a uma nova maturação, toda estendida para o futuro como tentáculo para o porvir, em antecipação às formas evolutivas que esperam, em embrião, lance um tipo de homem novo, que possa conceber tudo diferentemente? Não é logicamente possível que, dessa forma, toda a técnica mental humana possa mudar, tornando normal o que hoje é exceção, isto é, a intuição do gênio, a inspiração do artista, a super-humanidade do santo? As fases evolutivas próximas de vós tocam, depois da fase orgânica, a fase psíquica. Como vedes, as novas concepções desta *Síntese*, mesmo para a mentalidade dos céticos e dos materialistas, apresentam-se com todos os caracteres da racionalidade e terão de ser reconhecidas como aceitáveis, pelo menos como hipótese de trabalho. Isto também nas últimas conclusões de que vos falei. Não só não contradizemos os princípios e postulados demonstrados pelos fatos e aceitos pela ciência, mas os fundimos organicamente numa unidade universal. A ciência é aqui combatida, corrigida e elevada com seus próprios métodos, com sua própria linguagem. O cético encontra, neste Tratado, não apenas os caracteres das possibilidades, mas os da maior logicidade. A razão fica satisfeita no íntimo

deste organismo, que harmonicamente dá a razão de tudo. Esta *Síntese* pode ser elevada à teoria, porque é o único sistema que dá uma explicação completa e profunda de *todos* os fenômenos, mesmos daqueles que não podeis experimentalmente controlar. Não importa se tudo o que digo não possa ser contido dentro de vossas categorias mentais; se não corresponde àquele arquivamento de conceitos, habitual de vossa forma psíquica. A limitação de vossa razão e a cegueira de vossos sentidos vos levam, naturalmente, a negar tudo o que a eles escapa, mas isto não importa. Eles são formas relativas, que superareis. Diante da imensa verdade, eles são, mais do que meios, uma prisão que vos encerra e vos limita. Mas, bem depressa vosso ser se libertará, e a ciência, quer queira quer não, superará sua posição atual.

44. SUPERAÇÕES BIOLÓGICAS

Tudo isto não constitui simples afirmação. Enquanto lentamente construo em vossas mentes este edifício conceptual, gradualmente o transmito ao mundo, para que a ele corresponda uma compreensão gradativa; na atmosfera das forças do planeta, imperceptíveis a vós, amadurecem as causas dos eventos decisivos e tremendos; determinam-se movimentos; canalizam-se correntes dinâmicas; acentuam-se atrações e repulsões, donde depois se exteriorizarão os fenômenos, desde as convulsões físicas às morais, da morte à vida de povos e civilizações. Mesmo exteriormente, diante dos olhos do historiador e do pensador, apresenta-se o mundo maduro para renovações profundas.

No entanto, poucas são as mentes, que dirigem o mundo nos campos mais diversos, que têm o pressentimento da iminência dos tempos novos. A ciência, mais esmagada que sustentada pela imensa massa de material de observação que acumulou, está sempre aguardando sínteses, perdida no dédalo infinito das análises. As religiões adormecem no indiferentismo. O mundo é navio que vaga sem timoneiro, sem um princípio unificador que o dirija; as forças construtivas pulverizam-se em pormenores de interesses particulares e de pequenos jogos egoísticos e, ao invés de coordenar-se num esforço orgânico, eliminam-se e anulam-se. A psicologia corrente contém o germe da desagregação.

A alma humana, entre uma ciência utilitária de comodidades e uma religião de conveniência, arrasta-se terra a terra numa atmosfera de apatia, perdida, sem meta. O presumido dinamismo de vosso tempo é apenas uma corrida louca, toda exterior. Para onde correis, se ignorais os mais altos objetivos da vida? Para que serve correr e chegar, se o homem dilacera-se a si mesmo na pessoa de seu irmão e faz, tantas vezes, da Terra abençoada por Deus um inferno ridículo e macabro? Ou correis apenas para atordoar-vos, para não vos sentirdes a vós mesmos, para fugirdes da voz de vossa alma sem paz, porque está sem meta? Esta não é, antes de tudo, a fuga do silêncio e da solidão, em que a alma fala e indaga as grandes perguntas? É medo, medo de ficar sozinhos, de interrogar-vos, de sentir-vos sós diante dos últimos problemas que ninguém sabe resolver e que a alma, mesmo assim, quer saber; medo dos grandes problemas do silêncio, onde se ouvem gritar as culpas; medo do profundo, em que reside o dever, a verdade, Deus. Ao som desta voz solene, preferis a paralisia psicológica e o tormento da agonia da alma. A cada momento renovais o esforço de lançar-vos para fora de vós mesmos, no mundo, em busca do infinito, embora ele aí esteja, dentro de vós. Perdesteis a simplicidade dos grandes pensamentos que repousam. O infinito que está pleno deles transbordante de alimento substancial, parece-vos um báratro abissal, tenebroso, sobre o qual temeis debruçar-vos.

O homem esqueceu, num dédalo de complicações, a beleza e a paz das grandes verdades primordiais. No entanto, o homem as conhecia há muito tempo, por comunicação direta, através da revelação, primeiro método intuitivo e sintético do saber humano, pai do método dedutivo. O princípio único, do qual se deduziam as verdades menores, descia do alto. Depois, à força de deduzir, o homem afastou-se de tal maneira da fonte primeira, que lhe negou até a existência. A dedução, uma vez perdida a ligação com a fonte, não teve mais sentido. O homem recaiu sobre a Terra, sem asas e sem vista; na Terra bateu sua cabeça para que o fenômeno lhe falasse, fornecesse-lhe, a ele, última poeira das centelhas caídas da luz única, com sua pequena luz, um átimo da verdade infinita e eterna. E a ciência, lamentavelmente, acumulou com paciência as mínimas luzes, acreditando que, com a pequena concha da razão humana, poderia esvaziar o oceano; acreditando que podia reconstruir o poder fulgurante do sol, somando e combinando vagas fosforescências. Mas as portas permaneceram fechadas e ainda continuam fechadas.

Mas a lei de Deus prossegue no mesmo passo, acima das tempestades humanas e, nos grandes momentos, salva sozinha o equilíbrio. Hoje, como nos tempos antigos das primeiras revelações, segura de novo o homem pela mão e lhe mostra o caminho. Diante dos acontecimentos supremos, os extremos da história se tocam e a intuição reabre hoje, aos humildes, as portas da verdade. Nos grandes momentos só a mão de Deus vos guia a todos, e ela está hoje em ação, como no tempo das maiores criações. Felizes aqueles que sabem, rapidamente, pelas vias da fé, atingir a meta! O mais amplo saber é sempre coisa pobre diante do sincero e humilde ato de fé de uma alma pura. E a ciência racional, debatendo-se em vão para sair do claustro da racionalidade por ela mesma construído, agora a limita, porque toda a construção, como efeito, não pode superar em sua massa a potência dos meios empregados. A ciência racional, que hoje se debate impotente aos pés de um mistério cada vez mais vasto, encontra-se estupefata diante de uma revolução completa de métodos e de formas de pesquisa; vê-se permeada, sem ao menos percebê-lo — ela que acreditava guiar, era guiada pelas forças da evolução espiritual do mundo — por um *quid* novo para ela, super-racional, um fator que lhe escapa, porque supera seus meios lógicos, é mais sutil e, no entanto, mais poderoso que seus meios objetivos; a racionalidade, único deus do mundo durante um século, abate-se desanimada diante da explosão estranha e envolvente da alma humana que se modifica, e penetra por novos caminhos os fenômenos e intui diretamente o infinito como realidade imediata.

O homem refará a grande descoberta de que um supremo pensamento desce do Alto. Na pesquisa fenomênica, a ciência, desalentada, verá entrar imponderável elemento novo, antes relegado ao hipotético e ao absurdo, ou seja, bondade e retidão, os valores morais que fazem a pureza e a potência do instrumento psíquico, que se comunica por sintonia e afinidade. Assim como, no templo, a música dos sons, ao saturar o ambiente de harmonias acústicas, prepara o espírito para a comunicação espiritual da

oração, também a harmonia dos sentimentos e dos conceitos, atraindo as harmonias mais vastas, tornará o espírito apto às mais altas compreensões. A inspiração criadora substituirá, como meio normal, a lenta pesquisa racional. E a ciência verá sua racionalidade posta de lado como meio menor, já insuficiente diante dos novos problemas formidáveis, que só a visão direta pode enfrentar e resolver. Os componentes da super-humanidade — do cientista ao artista, do mártir ao herói, do gênio ao santo, até agora incompreendidos em sua função biológica de seres ancorados num nível mais alto que o da normalidade medíocre — dar-se-ão as mãos no mesmo trabalho, realizando sob mil aspectos e enfrentando de mil lados, no mesmo trabalho de iluminar e guiar o mundo. O super-homem, cidadão do tão esperado Reino de Deus, normalizará sua função coletiva, deixando à razão dos menores, dos retardados, dos últimos a chegar no caminho evolutivo, o trabalho mecânico da análise das grandes visões intuitivas, para fixá-las e demonstrá-las à míope normalidade. A maturação desta super-humanidade será a maior criação biológica de vossa evolução e representa a passagem para uma lei de vida superior, que vai da força à justiça, da violência à bondade, da ignorância à consciência, do egoísmo destruidor ao amor construtivo do Evangelho. Esta é a superação da fase animal e humana, a mais alta vivida em vosso planeta, em que culmina o esforço preparado nos milhões de milênios, em que a evolução ascende da matéria à energia, à vida, ao espírito, toca os mais altos cimos, de onde vos lançareis ao encontro do infinito.

45. A GÊNESE

"No princípio Deus criou o céu e a terra.
... e as trevas estavam sobre a face do abismo...
E Deus disse: "Faça-se a luz. E a luz foi feita.
... e separou as águas... e à massa de água chamou mar.
E disse: A terra germine erva verde...
E a terra produziu erva verde...
E depois Deus disse: As águas produzam os répteis, animais e viventes, as aves sobre a terra e na amplidão dos céus.
E Deus criou os grandes peixes e todos os animais vivos... produtos da água, segundo suas espécies...
E disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança...
E Deus criou o homem à sua semelhança...
... Formou o homem do pó da terra e soprou-lhe na face o sopro da vida e o homem foi feito alma viva.
Essas foram as origens do céu e da terra"...

(Pentateuco, A Gênese, cap. I)

Assim nos revelou a inspiração de Moisés.

Em sua intuição, ele traçava o caminho que nós seguimos, o da evolução do ser, da matéria ao espírito. No irrefreável transformismo evolutivo, primeiro aparece a matéria: a terra. Depois move-se a energia: a luz. Nas cálidas bacias das águas reunidas, a mais alta forma evolutiva dinâmica, concentra-se, na potência ainda mais alta de um novo Eu fenomênico, e nasce o primeiro germe de vida em sua primordial forma vegetal, depois se alastrou sobre a terra e ascendeu às formas animais, sempre ansiosas por subir. O impulso divino, sempre atuante, criou o homem do pó da terra, feito de matéria (γ), que subiu até a fase de consciência (α, o sopro da vida); e aparece o homem que resume em si a obra completa e a trindade divina de seu universo: γ, β, α.

Essas foram as origens do céu e da terra.

Observemos o nascimento da gravitação, a protoforça típica do universo dinâmico. Retomemos agora, o caminho interrompido. Em sua primeira forma gravífica, nasceu a energia. Na íntima estrutura cinética da matéria ocorreu a mundança de ritmo e de direção no movimento. A matéria despertou de sua longa e silenciosa maturação e revive num nível mais alto, a fim de preparar-se para sustentar a centelha, da qual nascerá a vida. Em sua forma dinâmica, a Substância indestrutível assume um passo de transformismo mais acelerado; o movimento de rotação planetária, fechado em si mesmo no íntimo da matéria, explode no ritmo ascendente da onda que cria e multiplica os tipos dinâmicos. O movimento invade a grande máquina do universo; nova lei estabelece equilíbrio novo e mais complexo em sua estabilidade; o grande organismo não apenas existe, mas funciona a fim de preparar-se para viver.

Eis que nos espaços imensuráveis desenvolve-se uma rotação, um caminhar sem limites; a matéria foi permeada de nova vibração que a lança em elipses, em espirais, em vórtices; as correntes dinâmicas canalizam-se, equilibram-se, precipitam-se fulmíneas em todas as direções para mover e animar todas as coisas. Logo que nasce, β individualiza-se e se diferencia; γ estava exteriormente inerte, além da órbita de seu turbilhonar íntimo. β expande-se em todas as direções, preenche e une os espaços numa rede de ações e reações. O funcionamento orgânico do universo afirma-se e complica-se. A gravitação liga e une suas partes, mantendo-as reunidas. O impulso centrífugo abre os vórtices e dilata o movimento. À estase solene da muda e cega maturação da matéria, sucede a estase mais instável, mas igualmente perene, das forças em equilíbrio. As trevas tingem-se de luz, o silêncio ecoa de sons, anima-se o universo. Este tem calor e frio, respira, assimila, possui sua circulação, que o nutre, seu metabolismo dinâmico e físico, tem sua própria saúde, suas doenças, sua juventude, sua velhice. Conhece a vida e a morte. Pelos espaços explodiu uma palpitação nova, vibração sem repouso de forças que fogem em busca de equilíbrio.

E porque a Lei disciplina instantaneamente toda forma dinâmica, logo em seu primeiro aparecimento, cada forma de β aparece exatamente individualizada por uma lei férrea individual, seu modo de ser, e a ordem reina sempre soberanamente no imenso turbilhão. O aspecto conceptual, nesta fase mais alta, é ainda mais transparente. Num universo tão vasto e complexo quem,

senão o pensamento divino da Lei, disciplinaria tão imensurável desenvolvimento de forças? Tudo parece ocorrer automaticamente, porque a mão de Deus não é algo externo e visível, mas é um conceito, é a alma das coisas. As rotações astronômicas caminham com exatidão matemática. A gravitação, a luz, o calor, a eletricidade, o som de todas as formas dinâmicas sabem, todas elas, o seu caminho e a cada momento, a cada manifestação, em sua própria consciência instintiva, fala a grande Lei. O entrelaçamento dessas forças é, ainda hoje, a base de vossa vida; seu modo de ser e de agir, definido com exatidão e constâncias, dirige a palpitação regular que vos sustenta; proporciona as radiações solares às necessidades do planeta, guia as correntes aéreas, regula as sínteses e as trocas das substâncias proteicas, a assimilação nos organismos, o crescimento, a respiração, a circulação, a reprodução, os nascimentos, as mortes e todos os fenômenos sociais. Os mais complexos fenômenos ocorrem com perfeição, indiferentes ao conhecimento que deles tendes e à vossa vontade, até mesmo aqueles que regulam vossa própria vida. Se a vosso esforço só foi deixado o trabalho de vosso progresso, as forças que vos guiam sabem, por si mesmas e melhor do que vós, o caminho que deveis seguir. Desta consciência linear (de primeira dimensão) do universo dinâmico, já falamos.

46. ESTUDO DA FASE β: ENERGIA

Ao observar o devenir das formas dinâmicas, vamos delinear, agora, também, as características das individuações típicas e no devenir encontraremos o conceito e a Lei que as governa. Os três aspectos: estático, dinâmico e conceptual da fase β poderão, dessa forma, fundir-se numa única exposição e isso tornará nosso passo mais ágil e veloz.

A transformação da matéria em energia não é mais, para vós, apenas uma hipótese. Sabeis calcular a quantidade de energia atômica armazenada na matéria. A massa de um grama, considerada no zero absoluto, contém 22 bilhões de calorias. Sabeis que o sol está em estado de completa desagregação atômica, pela radioatividade, o que significa saída de elétrons (energia, transformação de γ em β); estes são lançados à Terra, junto com todas as demais formas de energia. Esses centros dinâmicos lançados pelo sol ricocheteiam, penetram ou se combinam na atmosfera elétrica que circunda o vosso planeta, produzindo vários fenômenos, cujas causas não saberíeis explicar de outra maneira, como por exemplo, o da luz difusa no céu noturno. O feixe de radiações dinâmicas que o sol vos envia é o mais volumoso, complexo e rico. O fato de que os raios solares, caindo numa superfície negra de um metro quadrado, exercem sobre este uma pressão de quatro décimos de miligrama, mostra-vos, além de sua constituição eletrônica, que a radiação-luz se conjuga também com impulsos ativos-reativos de ordem gravífica. Verificais, nos fenômenos de radioatividade, que a dissociação espontânea da matéria implica num enorme desenvolvimento de calor, devido, justamente, à emissão (a partir do sistema planetário atômico) das partículas periféricas. E calculasteis: $m\ v^2/2$ (em que m = massa, e v = velocidade), a energia cinética de cada partícula; $1{,}78 \times 10^9$ cm/s, a velocidade média de uma partícula.

Para bem compreender a transmutação da matéria nas formas dinâmicas, é mister conhecer bem sua *natureza cinética*. Isto não é fato novo para vós, porque o vórtice eletrônico vos diz exatamente a mesma coisa. Sabeis que cada espécie de átomo caracteriza-se por um espectro de emissão produzido por um comprimento de onda determinado com exatidão. Essa emissão espectroscópica acompanha constantemente o átomo de cada elemento, como seu equivalente dinâmico, provando sua regular e constante estrutura cinética. Somente esta pode explicar-vos os *movimentos brownianos*, que tão bem conheceis. Vimos que a matéria é um dinamismo incessante e que sua rigidez é toda aparente, devida à extrema *velocidade* que a anima totalmente; sabeis que a massa de um corpo aumenta com sua velocidade no espaço. Um jato de água velocíssimo oferece à penetração de um corpo a resistência de um sólido. Quando a massa de um gás, como o ar, multiplica-se pela velocidade, ela adquire as propriedades da massa de um sólido. A pista sólida que sustenta o avião, sólido suspenso num gás, é sua velocidade em relação ao ar e este, sozinho, se lançado como ciclone, derruba casas. Trata-se de relação. Com efeito, quanto mais veloz é o avião, menor podem ser as suas asas. Sabeis que esquentar um corpo significa transmitir-lhe nova energia, isto é, imprimir-lhe nova velocidade íntima. A análise espectral vos fornece a luz equivalente dos corpos, tão exatamente, que se torna possível, por meio dessa emanação dinâmica, a individuação à distância na astroquímica. É inútil correrdes atrás de vossos sentidos e da ilusão tátil da solidez, tão fundamental para vós, porque é a primeira sensação fundamental da vida terrestre. A solidez é apenas a soma de movimentos velocíssimos. Que vos não iluda a constância das sensações, pois é devida apenas à constância dos processos íntimos fenomênicos no âmbito da Lei eterna. Vossos sentidos não sabem perceber sensações diferentes que se sucedam com extrema rapidez.

A matéria é pura energia. Em sua íntima estrutura atômica, ela é um edifício de forças. Matéria, no sentido de um corpo sólido, compacto, impenetrável, não existe. Trata-se apenas de resistências, de reações; o que chamais de solidez, é somente a sensação que constantemente vos dá aquela força, que se opõe ao impulso e ao tato. É a velocidade que enche as imensas extensões dos espaços vazios, em que se agitam as mínimas unidades. É a velocidade que forma a massa, a estabilidade, a coesão da matéria. Observai como movimentos rotatórios rapidíssimos conferem ao giroscópio, durante o movimento, um equilíbrio autônomo estável. Velocidade é esta força que se opõe ao destacar-se das partículas da matéria e as mantém unidas, até que outra contrária não a supere. Mesmo quando decompondes a matéria naqueles que vos parecem os últimos elementos, não mais vos encontrais diante de uma partícula sólida, compacta, indivisível. O átomo é um vórtice, vórtice é o elétron e o núcleo; vórtices são os planetas e satélites contidos no sistema solar, assim até o infinito. Quando imaginais a mínima partícula animada de velocidade, ela não é nunca um corpo, no sentido comum que imaginais, mas é sempre um vórtice imaterial de velocidade. A decomposição dos vórtices, em que giram unidades vorticosas menores, estende-se até o infinito. De modo que, na substância não existe matéria, no sentido que lhe dais, mas só existe *movimento*. A diferença entre matéria e energia é dada apenas pela direção diferente desse movimento: rotatório, fechado em si mesmo, na matéria; *ondulatório*, com ciclo aberto e lançado ao espaço, para energia.

No princípio havia o movimento e o movimento concentrou-se na matéria; da matéria nasceu a energia e da energia emergirá o espírito.

O movimento concêntrico do sistema planetário atômico contém em germe a gênese e o desenvolvimento das formas de β. Tanto quanto a química orgânica diferencia-se da inorgânica por suas fórmulas abertas comunicantes em equilíbrio instável (efeito e não causa da vida), assim se passa da forma matéria à forma energia, pela *expansão do sistema cinético fechado de γ para o sistema cinético aberto de β*. Isto porque *a substância da evolução é a extrinsecação de um movimento* que se concentra por involução e se expande por evolução, atingindo, através das duas fases dessa sua respiração, uma extrinsecação cada vez maior.

Há dois fatos, portanto, a se ligar: *o movimento circular* íntimo do sistema atômico de γ (matéria) e o *movimento ondulatório* próprio de β (energia). Para compreender o ponto de passagem de γ a β é indispensável reduzir as duas fases ao seu denominador comum ou unidade de medida: o movimento, cuja forma individua, diferentemente, a substância em seus vários estágios. Esses são, vistos em sua essência, os *dois termos que têm de ser conjugados*. De um lado o *sistema atômico*. Vimos que é composto de um ou mais elétrons *que giram* em torno de um núcleo central; o que dá a individuação atômica é o número dos elétrons que giram em torno do núcleo (num espaço imenso, em relação a seu volume). O sistema atômico é de natureza esférica. Se a rotação fosse num plano, não teríamos o volume. De outro lado temos a característica fundamental própria de todas as formas de energia: a de transmitir-se por *ondas esféricas*. Já notamos na gênese da gravitação, o *princípio da transmissão esférica da onda*, demonstrado pelo decréscimo da ação, em razão do quadrado da distância. Esta lei é apenas uma consequência das propriedades geométricas dos corpos esféricos, e é produzida pelo fato das superfícies de esferas concêntricas serem proporcionais ao quadrado de seus raios. Todas as vezes, pois, que encontrais essa lei do quadrado da distância, podeis concluir com segurança que se trata de transmissão por ondas esféricas. Isso é facilmente controlável por meio de qualquer fonte de luz e de som. Como vedes, a *natureza circular dos dois movimentos é constante, própria tanto da unidade atômica quanto da transmissão dinâmica.*

Pormenorizemos com mais rigor. O movimento rotatório do sistema atômico não é simplesmente circular: mais precisamente, ele é *espiralóide*. Vimos, no estudo da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (fig. 4 e fig. 5), que esta é a linha de seu devenir. Toda evolução contém este princípio de dilatação, de desenvolvimento, de passagem em realização, de um estado latente, de fase potencial que atinge a fase cinética: esta é uma tendência constante no universo. Neste caso significa *transformação do movimento de rotação, em movimento de translação*.

Primeira afirmação, portanto, explica-vos a íntima gênese de β, que é um sistema atômico, de *natureza espiralóide* (compreendendo a espiral como secção de uma esfera em processo de dilatação). Por causa dessa forma e de sua íntima estrutura, o átomo é o *centro normal* de emanações dinâmicas; é o *germe natural* (aquilo que a semente é na vida, e devido ao mesmo princípio de expansão) das *formas de energia*.

Segunda afirmação mais complexa: disse-vos que o núcleo, centro de rotação eletrônica, não é o último termo. Acrescento agora: o núcleo é um sistema planetário da mesma natureza e forma que o sistema atômico, dentro do qual se encontra, composto e decomponível até o infinito, em semelhantes sistemas menores interiores. Acrescento mais: *o núcleo é a semente ou germe da matéria*. Das 92 espécies de átomos, o hidrogênio é o mais simples, por ser composto de um núcleo e de um só elétron, que lhe gira em torno. Ele é quimicamente indecomponível. Tirai aquele único elétron ao núcleo e tereis o *éter*, a substância-mãe do hidrogênio. Então o éter é composto apenas de núcleos sem elétrons; a passagem do éter ao H e, sucessivamente, a todos os corpos da série estequiogenética ocorre pela abertura progressiva do sistema espiralóide. No princípio, na passagem do éter ao H, temos a abertura do sistema do núcleo, com saída de um só elétron, depois, de dois, três, até 92. Tal como o sol no sistema solar, o núcleo é o pai prolífico de todos os seus satélites, nos quais se dá e se multiplica, por um princípio geral que encontrareis na reprodução por cisão. Por esse princípio, cada organismo, seja núcleo ou átomo, quando cresce demais, enriquecendo-se em seu desenvolvimento por evolução, cinde-se em dois. Assim, também a matéria produz filhos. As combinações químicas que produzis são, afinal, apenas combinações de sistemas, de trajetórias, de movimentos planetários. Então, uma molécula é uma verdadeira família de indivíduos atômicos, unidos pelas relações da ação e reação, por vínculos mais ou menos estáveis, que podem romper-se e diversamente renovar-se. Sabeis com que exatidão rigorosa essas combinações, essas parentelas, estreitam-se. Uma lei férrea e exata rege constantemente o equilíbrio das relações, que vós representasteis com as fórmulas químicas. Mas a verdadeira base da teoria atômica, cuja essência ainda não vos foi demonstrada, já vos disse agora, ou seja, a dos sistemas planetários atômicos que, reunindo-se nas moléculas dos corpos, combinam seus movimentos com toda a corte de seus satélites. Vedes que a verdadeira química, que se baseia toda na arquitetura íntima do átomo e deste deduz as propriedades dos corpos, é, no fundo, geometria, aritmética e mecânica astronômica, e pode reduzir-se a um cálculo de forças. Daí nenhuma maravilha se de uma tal matéria toda constituída de movimento e de energia puder, depois, espontâneamente, nascer β.

Assim como involução é concentração, a evolução é o processo inverso, de expansão. Chegando a matéria à sua última forma, última da série estequiogenética (o Urânio, com um sistema planetário de 92 eléctrons) dizeis: a matéria desagrega-se por radioatividade. À ordem de formação sucessiva dos elementos, vemos corresponder o aumento de peso atômico. Esse aumento, aqui, atinge seu máximo, é produzido pela passagem da energia de sua forma potencial, como está no núcleo, à sua forma cinética, como está nos diversos sistemas atômicos cada vez mais complexos. (A emissão de cada novo elétron do núcleo implica sempre acréscimo de nova órbita e esta, à proporção que nos aproximamos da periferia, torna-se cada vez mais veloz). Como vedes, o peso atômico é mais que um simples índice do grau de condensação: prende-se à lei pela qual a massa de um corpo é função de sua velocidade e ao fato de que, solidez e constituição da matéria estão todas em função da velocidade que anima suas partes componentes.

Já notasteis que a desagregação pela radioatividade é desintegração atômica, isto é, novo deslocamento de equilíbrio do edifício atômico; por isso, deste partem emanações de caráter dinâmico. Chegando a esse ponto de sua evolução, o sistema máximo de γ apenas *continua* seu movimento de natureza espiralóide, seguindo sempre uma direção expansional que a encontramos em toda parte, desde o sistema espiralóide galáctico até a trajetória típica dos movimentos fenomênicos. Em outras palavras, a espiral continua abrindo-se *até o ponto em que os elétrons não voltam mais a girar em torno do núcleo como satélites,*

mas, como os cometas, lançam-se aos espaços com trajetórias independentes. Chegando à máxima órbita periférica, em que é máxima a velocidade de translação, aí rompe-se o equilíbrio de atração-repulsão até agora estável e os elétrons, não podendo mais manter-se na órbita precedente, projetam-se como bólidos para fora do sistema, impelidos por impulsos dirigidos para novos equilíbrios. Praticamente cada elétron circula com velocidade angular uniforme em sua órbita, que pode considerar-se como circular, pois, a abertura espiralóide apresenta deslocamentos mínimos. No âmbito das forças da astronomia atômica, para cada órbita há equilíbrio entre a atração do elétron pelo núcleo e a força centrífuga devida à massa do elétron e sua rotação, que tende a lançá-lo à periferia. Compreendeis: se a velocidade de rotação das partículas periféricas for de tal ordem que o impulso centrífugo supere a força de atração que as mantém em órbita, tangencialmente, elas fogem para o espaço. Quando digo elétron, não digo matéria em vosso conceito sensório, mas entendo outro turbilhão dinâmico (cuja massa é dada pela íntima velocidade do sistema) que assume características de matéria somente enquanto está todo vibrante de íntima velocidade, em seu sistema circular fechado. Chegando ao último grupo da série estequiogenética, o dos corpos radioativos, γ inicia sua transformação em β, por progressiva expulsão de elétrons (cometas). Lógico que aí vai corresponder a uma perda de massa. As qualidades radioativas, em outros termos, tornam-se cada vez mais evidentes, com tendência sempre mais acentuada à desagregação espontânea e à formação de individuações químicas sempre mais instáveis, isto é, cujo sistema de forças desloca-se sempre mais rapidamente à busca de novos equilíbrios.

Expus-vos, assim, a íntima estrutura do fenômeno, a razão do aparecimento da radioatividade no limite extremo da série estequiogenética, e os motivos da instabilidade dos corpos radioativos e da desagregação da matéria. Lembrai-vos de que, neste momento decisivo do universo, como ele muda da fase γ à fase β, também muda sua dimensão, como vimos, de espaço para tempo; a terceira dimensão espacial do volume completa-se, portanto, na nova dimensão temporal, unidade característica de medida da nova forma de movimento, não mais circular, mas ondulatório.

47. A DEGRADAÇÃO DA ENERGIA

Antes de passar ao estudo da série das individuações de β, a fim de traçar uma árvore genealógica das espécies dinâmicas, semelhante e continuadora da série estequiogenética, observemos um fenômeno constante nesse campo, característico das formas de energia e correspondente ao já observado da desagregação da matéria ou desintegração atômica: um fenômeno que é sua continuação e no entanto, mesmo conhecendo-o, não lhe compreendesteis o íntimo significado, ou seja, *a degradação da energia*.

Aproximo esses dois fenômenos por causa de sua característica comum, de exprimir precisamente o desaparecimento, diante de vossa percepção sensória, das duas formas γ e β. Mas, na realidade, tanto a desintegração atômica quanto a degradação dinâmica significam-se "desaparecimento" para vossos sentidos, não constituem nem desaparecimento nem fim, mas apenas mudanças de forma dentro do transformismo evolutivo. Tal como na desintegração da matéria, nada de fato desaparece, porque a matéria renasce como energia. Assim, na desintegração dinâmica a anulação é relativa apenas aos vossos meios de percepção, e diz respeito àquilo que para vós constituem as possibilidades utilitárias da energia.

Mas, observemos o fenômeno. Está provado, mesmo pela observação, que todas as transformações da energia ocorrem segundo uma lei constante de degradação pela qual a energia, mesmo conservando-se integral (*princípio de conservação da energia*) em sua quantidade, tende a difundir-se, dispersando-se no espaço, nivelando num estado de equilíbrio as suas diferenças, quando passa do heterogêneo ao homogêneo. Deteriora-se, assim, no sentido de que a soma dos efeitos úteis e a capacidade de trabalho está sempre diminuindo (*princípio da degradação da energia*). Esses dois princípios opostos, de conservação e de degradação (perda de energia útil) provam o perene transformismo como a indestrutibilidade da Substância, mesmo em sua forma β.

Essas duas leis demonstram que o fenômeno do transformismo da Substância indestrutível tem uma direção exata e que essa direção é *irreversível*. Em outras palavras, é possível a transformação da energia, mas sempre passando para um tipo de qualidade inferior, do ponto de vista de seu rendimento prático para o homem. Assim, a energia acumulada tende sempre a dispersar-se e jamais ocorre o contrário. Todo sistema tende integralmente para um estado de difusão, de equilíbrio, de repouso, de igualdade, como consequência de uma série de transformações, que constantemente operam nessa direção e nunca na direção oposta. Tudo parece condenado a apagar-se, a anular-se, a desaparecer.

Que significa esse irreversível fenômeno de degradação?

Primeiro: o universo, em vossa fase, tende a um estado de ordem e de ritmo, do caos ao equilíbrio, a um estado substancialmente mais evoluído e perfeito. Em outros termos, a irreversibilidade demonstra a evolução.

Segundo: se atualmente em vosso universo toda transformação de energia leva à sua degradação e é inevitável uma perda (que a irreversibilidade impede de reparar), é necessário, todavia, que nas grandes linhas de um equilíbrio mais vasto, esse movimento encontre sua compensação. A irreversibilidade demonstra que viveis na fase da expansão dinâmica, em que β parece desgastar-se e dispersar-se. Mas, a lógica vos indica que a Lei contém o período complementar de compensação, fase inversa, em que a irreversibilidade se desenvolve em sentido contrário; não mais o vosso atual $\gamma \rightarrow \beta$, mas $\beta \rightarrow \gamma$, o período precedente de involução e concentração dinâmica que já vimos. A marcha do universo no sentido oposto já aconteceu. Vosso período é evolutivo, ascensional; degradação dinâmica significa, debaixo da aparência de dispersão, uma transformação substancial para as formas mais altas (α). Como na desintegração atômica a matéria dissocia-se para constituir as mais altas formas, expressas por β, assim a energia, se parece perder-se em sua degradação, na realidade amadurece, para transformar-se nas mais altas formas que a evolução atingirá na fase α. Então, irreversibilidade e degradação confirmam tudo o que expusemos no estudo da gênese das

criações sucessivas; tudo o que nos indica, já no citado diagrama da fig. 2, a linha quebrada que sobe; ou na fig. 4, a espiral que se abre com contínuos retornos inversos ao caminho percorrido.

De tudo isso, podeis compreender como a característica da irreversibilidade seja, para a energia, relativa e fechada no âmbito da fase $\gamma \rightarrow \beta$; como, no todo, uma irreversibilidade absoluta seja uma fonte absurda de desequilíbrio que está totalmente fora do conceito da Lei. Cada movimento presume seu movimento contrário e equivalente; o movimento ondulatório, que nasce pela expansão do movimento espiralóide, presume, na fase inversa precedente, a concentração do movimento ondulatório numa espiral, que restringe cada vez mais suas volutas, até à formação daquele núcleo que constitui o éter, que é o germe de toda a expansão estequiogenética de γ e depois, da expansão dinâmica de β.

48. SÉRIE EVOLUTIVA DAS ESPÉCIES DINÂMICAS

Os elétrons lançados fora do sistema planetário atômico, que se desfazem pela abertura da espiral e pela ruptura do equilíbrio atrativo-repulsivo do sistema — vórtices, também esses, de velocidade — conservam na nova trajetória ondulatória a lembrança do movimento original circular. A dimensão espaço multiplica-se pela nova dimensão tempo e temos as novas unidades de medida da energia: *comprimento de onda e velocidade de vibração*. De acordo com essas unidades, podemos estabelecer a *série evolutiva das espécies dinâmicas*.

Vimos a gênese da *gravitação*, protoforça típica do universo dinâmico, e algumas de suas características. Esta emanação dinâmica da matéria, nós a vemos acentuar-se em razão direta de sua evolução (progressão constante no aumento dos pesos atômicos, no desenvolvimento da série estequiogenética) onde, no grupo dos corpos radioativos, nasce a segunda forma de energia: os raios X. A sucessão genética entre as duas formas é evidente. Assim, superado aquele traço de união que une matéria e energia, entramos nas formas dinâmicas puras.

Escalonando as formas dinâmicas de acordo com *sua velocidade vibratória*, a gravitação atinge os *máximos do sistema*. Vimos já que máxima é também sua velocidade de propagação, o que nos fez acreditar numa gravitação absoluta e instantânea, ao passo que ela é, como dissemos, relativa à massa dos corpos e transmitida por ondas (tempo).

A máxima *frequência vibratória* que podeis apreciar, ao invés, é dada pelos *raios X*, que são a primeira forma dinâmica que conseguis observar isolada. Verificaremos, numa sucessão das formas dinâmicas, um constante *decréscimo* de frequência de vibração, à proporção que nos afastamos das origens, ou seja, subindo da gravitação à luz, eletricidade etc. É lógico que as primeiras *emanações dinâmicas*, como gravitação e raios X, *sejam as mais cinéticas*, porque mais próximas da fonte de seu movimento, o vórtice atômico. Com a evolução (por causa daquela lei de degradação que estudamos), a vibração tende ao repouso e a onda cada vez mais a alongar-se; isto significa a transformação do movimento de rotação original no de translação, final do período β. Mas, como vos disse, não se trata de desgaste nem de fim, mas é uma íntima maturação evolutiva, que prelude às formas de α: a vida e a consciência. Se as primeiras forças dinâmicas são mais rápidas e mais poderosas, as últimas são as mais sutis e as mais evoluídas.

Se observardes a frequência progressiva (por segundo) das vibrações de um corpo no espaço, verificareis o aparecimento das várias formas de energia. O fenômeno não é novo para vós, mas apenas a sua constatação. Partindo, para facilitar a observação, do estado de repouso (para nós, ao contrário, é o ponto de chegada), vede que no nível de 32 vibrações por segundo manifesta-se a forma que denominais *som*. O próprio ouvido consegue, nas notas mais baixas, perceber o ritmo vibratório lento e profundo. A frequência progressiva desenvolve-se, sucessivamente, por oitavas, princípio que já encontramos na série estequiogenética, reencontramos na luz e depois nos sistemas cristalinos e na zoologia. Perto das 10.000 vibrações por segundo, os sons, tornados agudíssimos, perdem qualquer caráter musical. Além das 32.000 vibrações, vosso poder de percepção auditiva cessa e elas não vos dão mais nenhuma sensação. Dessa frequência até o bilhão de vibrações nada existe para os vossos sentidos. Por volta do bilhão, tendes a zona das *ondas elétricas (*hertzianas). Somente neste nível entramos no campo das verdadeiras formas dinâmicas, cuja onda propaga-se pelo éter. As ondas acústicas são apenas a última degradação, em que a energia se extingue na atmosfera densa.

À zona das ondas elétricas sucede, dos 34 bilhões até os 35 trilhões, outra zona também *desconhecida* a vossos sentidos e instrumentos. Segue-se depois a região que vai dos 400 aos 750 trilhões de vibrações por segundo, em que está a *luz*, do vermelho ao violeta, em todas as cores do espectro solar e, mais exatamente: *Vermelho* (raio menos refratário), média de 450 trilhões de vibrações por segundo; *Laranja*, 500; *Amarelo*, 540; *Verde*, 580; *Azul*, 620; *Anil*, 660; *Violeta* (o mais refratário), 700. Eis as sete notas desta nova oitava ótica e quando vossos olhos percebem vossa harmonia de cores, não podem ultrapassar uma oitava de vibrações. Além destas, há outras "notas", invisíveis a vós: os raios *infravermelhos*, "notas" graves demais para vossa retina; as radiações *ultravioletas*, "notas" agudas demais, regiões dinâmicas limítrofes ao espectro visível. As primeiras são sensíveis apenas como radiações caloríficas (escuras), as segundas, por sua ação química e actínica (fotografáveis, mas escuras para os olhos). Apenas num breve trecho inexplorado, aquém das notas mais baixas do infravermelho, estão as notas mais agudas das radiações eletromagnéticas hertzianas. Se continuardes do lado oposto, além do ultravioleta, o exame do espectro químico (muitas vezes mais extenso que o espectro visível), atravessareis uma região *desconhecida* a vossos sentidos, e atingireis, aos 228 quatrilhões, uma zona que alcança os dois quintilhões de vibrações por segundo. Esta é a região da radioatividade, com os raios (α, β, γ) produzidos pela desintegração atômica radioativa (elétrons, lançados em alta velocidade), eles são análogos aos produzidos por descargas elétricas no vácuo dos tubos de Crookes (raios X, ou de Röntgen). Se continuardes, ainda, encontrareis as emanações dinâmicas de ordem gravífica. Aqui, a série evolutiva das espécies dinâmicas liga-se à das espécies químicas, *da qual é a continuação*.

Compreendamos, agora, o significado desses fatos. A série apresenta evidentes lacunas para vossa observação. Mas eu vos indiquei o andamento geral do fenômeno e o princípio que o rege; podeis, pois, seguindo sua lei, defini-la a priori em suas fases ignoradas, por analogia com as fases conhecidas, como vos disse a respeito dos elementos químicos ignorados da série estequiogenética.

A ligação entre esta e a série dinâmica está justamente na fase das ondas gravíficas, já o vimos. Também observamos a região contígua das emanações radioativas. A escala evolutiva das formas dinâmicas *sobe* efetivamente destas fases de máxima frequência, para as de menor frequência, em *ordem inversa* à que seguimos acima, para simplificar a exposição. Em outras palavras, *a evolução dinâmica implica num processo de degradação de energia*, até que esta se extinga (apenas como manifestação dinâmica) em vibrações cada vez mais lentas, num meio cada vez mais denso (não mais o éter, mas atmosfera, líquidos e sólidos). O que tem contato com as formas de γ são os tipos dinâmicos mais cinéticos e isso, é lógico, pela natureza e transformação do movimento. À proporção que se afastam de γ, tendem a um estado de inércia e também, isso é lógico, por causa do exaurir-se (resistência do ambiente e processo de difusão) do impulso original (degradação). Dessa maneira, *a ordem evolutiva das formas dinâmicas* é a seguinte (tendo em conta somente as regiões que conheceis):

1º Gravitação.
2º Radioatividade.
3º Radiações químicas (espectro invisível do ultravioleta).
4º Luz (espectro visível).
5º Calor (radiações caloríficas escuras. Espectro invisível do infravermelho).
6º Eletricidade (ondas hertzianas, curtas, médias e longas).
7º Vibrações dinâmicas (ondas eletromagnéticas, ultra-sons, sons).

Sete grandes fases também aqui, correspondentes às sete séries de isovalências periódicas que, na escala estequiogenética, desde S_1 até S_7, representam os períodos de formação e evolução da matéria. As zonas de frequências intermediárias (desconhecidas, como as que tendes também nas série estequiogenética) são as fases de transição entre um tipo e outro desses pontos culminantes. Ao subir, decrescem as qualidades cinéticas, o potencial sensível das formas; mas o que se perde em quantidade de energia, adquire-se em qualidade; isto é, perdem-se cada vez mais as características da matéria, ponto de partida, e cada vez mais se adquirem as da vida, ponto de chegada. Assim, a Substância percorre o caminho da fase β, e da matéria chega à vida.

Observemos, agora, o conjunto do fenômeno, mais de perto, em sua íntima *estrutura cinética*. Podem individuar-se essas formas, não só pela frequência vibratória, mas também por *comprimento de onda*. Veremos as relações entre esses dois fatos. Comprimento de onda é o espaço percorrido pela onda na duração de um período vibratório. Individuadas pelo comprimento de onda, as formas dinâmicas apresentam-se com características próprias. Enquanto, ao subir ao longo da série das espécies dinâmicas, *o número de vibrações diminui, a amplitude da onda aumenta*. Assim, por exemplo, enquanto no espectro, do *violeta ao vermelho* a frequência decresce dos 700 aos 450 trilhões de vibrações por segundo (decresce também, o poder de refração), o comprimento de onda aumenta respectivamente de $0{,}4\mu$ (zona violeta) até $0{,}76\mu$ (vermelho). Esses são os limites dos comprimentos de onda das radiações visíveis (a letra grega μ significa *micron*, isto é, um milésimo de milímetro). E continua a aumentar na direção do *infravermelho* e das *ondas elétricas* e a diminuir na direção do *ultravioleta e raios X*.

Se chegais aos $0{,}2\mu$ (ultravioleta) e ultrapassais *o extremo ultravioleta*, encontrareis os raios X. Ora, os *raios X*, de maior comprimento de onda, são apenas *raios ultravioletas* e vice-versa. Estamos nos $0{,}0012\mu$. Continuando na outra extremidade da série X, encontrais os raios γ, que são os mais duros e mais penetrantes, gerados pela desintegração dos corpos radioativos. Alcançais, assim, o comprimento de onda de $0{,}0005\mu$.

Na direção oposta a onda *aumenta*. Além dos raios *vermelhos*, a zona de radiações invisíveis do *infravermelho* vai de um comprimento de $0{,}76\mu$ a 60μ e além. Depois de uma zona inexplorada, aparecem radiações de comprimento ainda maior, as ondas hertzianas, que vão de poucos milímetros (milhares de μ) a centenas e milhares de metros, como usais nas transmissões radiofônicas.

Essa relação inversa, ou seja, tanto a *decrescente rapidez vibratória* como a *progressiva extensão do comprimento de onda*, correspondem ao mesmo princípio de *degradação de energia*. Nessa degradação que não exprime perda nem fim, mas apenas transformação que readquire em qualidade o que perde em quantidade, está a substância da evolução.

Permanecendo no campo das vibrações puras, ou seja, as do éter, excluindo da série as últimas fases (vibrações dinâmicas) de degradação em meios mais densos, no ápice da escala encontramos a *eletricidade* como forma mais evoluída, de *frequência vibratória mínima e comprimento de onda máximo*. A frequência de vibrações tornou-se mais lenta, a onda estendeu-se. A potência cinética aqui se amorteceu numa zona mais tranquila. Chegadas a esse ponto, as formas dinâmicas criaram o substrato de novo impulso poderoso, de novo modo de ser. A evolução, ao atingir o mais alto vértice da fase dinâmica, caminha para novas criações. Passa, desta sua última especialização, mediante a reorganização das formas individuadas, em unidades múltiplas coletivas, a uma espécie de classe mais elevada. Sem esta retomada evolutiva, o universo dinâmico tenderia, por degradação, ao nivelamento, à inércia, à morte[11]. Esse seria seu fim se, no momento da mais avançada degradação da energia, nos primeiros sinais de velhice das formas dinâmicas, o íntimo e intenso trabalho realizado (que na substância não é degradação, mas maturação evolutiva) não fosse utilizado e as espécies dinâmicas, finalmente maduras e prontas, não se organizassem em individuações mais complexas.

Como no último degrau da série estequiogenética os corpos radioativos se transformam em energia, assim no último degrau da série dinâmica *a eletricidade transforma-se em vida*. Tal como a energia significou, diante da matéria, o princípio novo do movimento por onda e a nova dimensão tempo, assim a vida, diante da energia, significará o princípio novo da unidade orgânica, da coordenação de forças: o princípio da transmissão dinâmica elevado a entrelaçamento inteligente de contínuas trocas e o aparecimento da nova dimensão *consciência*.

49. DA MATÉRIA À VIDA

Da mesma forma que a natureza cinética dá à energia sua característica fundamental, a de transmitir-se (dimensão espaço que ascende à dimensão tempo), o novo princípio da coordenação das forças, num mais débil e caduco, porém mais sutil, complexo e profundo entrelaçamento cinético, dá à energia, elevada à vida, sua característica fundamental de consciência (dimensão tempo que ascende à dimensão consciência). Individuam-se as formas de vida, tal como toda forma de energia individuara-se num tipo bem definido, com fisionomia própria e com tendência a conservar-se em seu modo de ser, como indivíduo que deseja afirmar-se e distinguir-se de todos os afins, com movimento, forma, direção e, portanto, com objetivo próprio: um Eu que já possui os elementos fundamentais da personalidade e, não obstante seu contínuo devenir, conserva inalterado seu tipo. Nas formas de vida, o princípio de individuação — depois que a Substância atingiu o mais alto grau de evolução e de diferenciação — torna-se cada vez mais evidente. Já na energia, as formas conquistam uma *existência própria independente* de sua fonte originária. A luz, uma vez lançada, destaca-se e existe progredindo de per si no espaço. Chega do infinito, luz estelar emanada milhares de anos antes, sem que saibais se a estrela que a originou sequer ainda existe. E o som continua, avança e chega, quando a causa das vibrações já está em repouso. Se as formas de energia, uma vez geradas, sabem existir no espaço pelo seu próprio princípio, na vida, a autonomia é completa. Como são parentes pela comunidade de origem e pela afinidade de caracteres, as formas químicas e depois as formas dinâmicas, de igual modo, são parentes entre si as formas de vida, pela gênese e pelos caracteres, todas fundidas com todos os seres existentes, orgânicos e inorgânicos, numa fraternidade universal. Irmandade substancial, constituída de igual matéria, idêntico modo de ser, do mesmo objetivo a atingir; fraternidade a que se deve a possibilidade da convivência, simbiose universal, e de todas as trocas da vida, que são sua condição.

Voltemos um olhar ao caminho percorrido. β concentrou seu íntimo movimento no núcleo, unidade constitutiva do éter. Neste ponto, o movimento de descida involutiva ou de concentração cinética, ou de condensação da Substância, inverte-se em direção oposta, de subida evolutiva ou de descentralização cinética. O núcleo, síntese máxima de potencial dinâmico no ponto $\beta \rightarrow \gamma$ do transformismo fenomênico, reconduz, por sucessiva emissão de elétrons, a energia cinética concentrada. Percorramos a fase γ, assistindo ao desenvolvimento da série estequiogenética. Se na química temos, como primeiro estágio, o hidrogênio, na astronomia temos a nebulosa, isto é, matéria jovem e universo jovem — estado gasoso — estrelas quentes, fase ainda de alta concentração dinâmica. Enquanto de um lado desenvolve-se a árvore genealógica das espécies químicas, do outro evolui a vida das estrelas que envelhecem, resfriam-se, solidificam-se, assumindo constituição química, luz e espectro diferentes, afastando-se do centro genético do sistema galáctico. Há uma maturação paralela, integral, da substância e da forma. Noventa e dois elétrons são sucessivamente lançados fora da órbita espiralóide nuclear, cada um deles continua a girar em sua órbita ligeiramente espiralóide. sucessivamente constroem-se os edifícios atômicos, cada vez mais complexos, dos corpos químicos indecompostos, segundo uma escala de pesos atômicos crescentes. Aqui torna-se possível uma aproximação entre o *vórtice galáctico e o vórtice atômico*. A gênese e o desenvolvimento do primeiro podem dar-vos um exemplo tangível da gênese e do desenvolvimento do segundo. Enquanto a energia concentra-se no núcleo (éter) — centro genético das formas de γ — paralelamente o universo, na fase dinâmica, concentra-se na nebulosa mãe da expansão espiralóide galáctica. Inversamente, as estrelas, durante o processo de sua evolução, projetam-se do centro à periferia, com velocidades progressivas à proporção que envelhecem e se afastam desse centro. Isso ocorre com uma técnica que coincide com a do desenvolvimento espiralóide do átomo. Uma vez mais os fenômenos confirmam a atuação da trajetória típica dos movimentos fenomênicos em seus dois movimentos, involutivo e evolutivo.

Assim, do éter — último termo da descida de β — nasceu a matéria que, depois, por evolução atômica, atinge as espécies radioativas. Primeiro os corpos de peso atômico menos elevado, depois os de peso atômico mais alto. Primeiro o magnésio, o silício, o cálcio; mais tarde aparecem os elementos mais sólidos, como prata, platina, ouro, menos jovens. Vós os encontrais no velho sistema solar e sua parte mais solidificada e resfriada dele, os planetas. Os corpos simples, no estado gasoso, como Hidrogênio, Oxigênio, Nitrogênio, são mais raros em vosso globo. Aqui aparece a radioatividade, como fenômeno tão difuso, como uma função inerente à matéria, em vista do estágio em que se encontra em vosso planeta. Para o centro deste, onde a matéria manteve-se mais quente e está menos envelhecida, são mais raros os corpos radioativos, tanto que, apenas a 100 Km de profundidade a radioatividade quase desaparece. Depois de completada a maturação das formas de γ, ocorreu também uma expansão do vórtice galáctico, do centro à periferia, com o resfriamento e a solidificação da matéria. Esta terminou o ciclo da vida e a Substância assume novas formas; transforma-se lentamente em individuações de grau mais alto. A dimensão espaço ascende à dimensão tempo. A matéria inicia uma transformação radical, doando todo o seu movimento tipo γ ao movimento tipo β. O vórtice nuclear do éter desenvolveu, na fase γ o vórtice atômico da matéria. Chegando ao máximo da dilatação, esse vórtice continua a expandir-se, desenvolvendo as formas dinâmicas, e nasce a energia. A Substância continua a evoluir, prosseguindo sua ascensão em β. A primeira emanação gravífica de comprimento mínimo de onda, frequência vibratória e velocidade de propagação máxima no sistema dinâmico, completa-se com a emanação radioativa da desintegração atômica. O processo de transformação dinâmica, que tem suas raízes na evolução estequiogenética, isola-se, afirmando-se decididamente. O vórtice atômico rompe-se e decompõe-se, *por progressiva expulsão do sistema daqueles elétrons, que já nasceram para serem expulsos do sistema nuclear*. Trata-se de um constante realizar-se daquilo que estava em potência, fechando-se em germe por concentração de movimento. Nascem novas

espécies dinâmicas: depois da gravitação e da radioatividade, aparecem as radiações químicas, a luz, o calor, a eletricidade, sempre em ordem de frequência vibratória decrescente e comprimento de onda progressivo. A matéria, que viveu e não tem mais vida própria, responde ao impulso desse novo turbilhão dinâmico que ela mesma gerou, é toda invadida por ele e movimentada. Este é vosso atual universo: a matéria que está morrendo, a energia em plena maturidade, a vida e a consciência jovens, em vias de formação. Os cadáveres da matéria, já solidificada e sem vida própria, de formação química, lançados e sustentados nos espaços pela gravitação, inundados de radiações de toda espécie, são apenas o sustentáculo de formas de existência mais altas. Da eletricidade (a forma dinâmica mais madura), numa nova grande curva da evolução, nasce e veremos como, a vida: matéria organizada como vida, ou seja, retomada num turbilhão ainda mais alto. A vida, pequena centelha na origem, na qual continua a expansão evolucionista do princípio nuclear e atômico, dinâmico (onda), numa forma cada vez mais complexa de coordenação de partes, de especialização de funções, de organização de unidades e de atividades; a vida, cuja substância, cujo significado, objetivo e produto é a *criação da consciência*, é α, o espírito. E da primeira célula se iniciará, através de miríades de formas, de tentativas, de fracassos e de vitórias, a lenta conquista que gradualmente triunfará no homem e dele, hoje, lança-se para as últimas fases do terceiro período de vossa evolução, que se resume na conquista da superconsciência e na realização biológica do Reino de Deus.

50. NAS FONTES DA VIDA

"...e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas".
(Gênese, cap. I)

Nova luz maravilhosa alvorece no horizonte do mundo fenomênico. No tépido regaço das águas, prepara-se o planeta para acolher o primeiro germe, princípio de novo modo de existir. O momento é solene. O universo assiste à gênese da suprema maravilha, amadurecida em seu seio, através de períodos incomensuráveis de lenta preparação, quase consciente do esforço titânico da Substância nascente, da qual brotará, no ponto culminante, a síntese máxima: a vida. Nasce a flor mais complexa e mais bela, em que mais límpido transparece o conceito da Lei e o pensamento de Deus. Deus, sempre presente no âmago das coisas, aparece sempre mais evidente à proporção que se ascende, em sua progressiva manifestação, Deus aproxima-se de Sua criatura.

Ao detonar da primeira centelha nos confins extremos do mundo dinâmico, saturado de passado e totalmente amadurecido, o universo tremeu evocador e clarividente. A matéria existira, movimentara-se a energia, mas somente a vida saberia chorar ou alegrar-se, odiar ou amar, escolher e compreender; compreender o universo e a Lei e pronunciar o nome de seu Pai: Deus. Nasce a vida; não a forma que vedes, mas o princípio que por si criará aquela forma para si mesma, como veículo e meio de ascensão. Naquele princípio que animará a primeira massa protoplasmática, existe o germe de todas as sucessivas e ilimitadas realizações da nova forma da Substância; para cima, subindo sempre, até às emoções e às paixões, permanece o germe do bem e do mal, de todo o vosso mundo ético e intelectual. A fuga eletrônica de um raio de sol transformar-se-á em beleza e alegria, sensação e consciência.

Nosso caminho, alcançando a vida, atinge regiões cada vez mais altas. Desta exposição irrompe um hino de louvor ao Criador. Minha voz funde-se no canto imenso de toda a criação. Diante do mistério que se realiza, no momento supremo da gênese, a ciência torna-se mística expansão, a exposição árida incendeia-se permeada pelo hálito do sublime; através da crua fenomenologia científica sopra o senso do divino. Diante das coisas supremas, dos fenômenos decisivos que somente aparecem nas grandes curvas da evolução, os princípios racionais da ciência e os princípios éticos das religiões fundem-se no mesmo lampejo de luz, numa única verdade. Por que a verdade descoberta por vós, racionalmente, deveria ser diferente da verdade que vos foi revelada? Diante da última síntese, caem os antagonismos inúteis do momento e de vosso espírito unilateral e cego. Cada verdade e concepção parcial tem que reentrar no Todo: a ciência tanto quanto a fé, o que nasce do coração e da mente, a matemática mais avançada e a mais alta aspiração mística, a matéria e o espírito, nenhuma realidade, por mais relativa que seja, pode ser excluída. Se a ciência é realidade substancial, como pode permanecer fora da síntese? Se o aspecto ético da vida é também realidade substancial, como pode ser descuidado? Essas novas concepções podem chocar vosso misoneísmo; tão grande salto à frente talvez vos cause medo; esse conceito de Divindade pode encher-vos de desânimo, mais que de amor. Mas também tendes que admitir e, com isso, torna-se pequeno apenas o conceito do homem, em relação ao conceito de Deus, que se agiganta além da medida. Isso poderá desagradar aos egoístas e aos soberbos, jamais às almas puras.

No momento solene volita nos espaços um hálito divino. O pensamento, permeado pelo grande mistério, olha e recolhe-se em oração.

Orai assim:

"Adoro-te, recôndito Eu do universo, alma do Todo, Meu Pai e Pai de todas as coisas, minha respiração e respiração de todas as coisas.

Adoro-te, indestrutível essência, sempre presente no espaço, no tempo e além, no infinito.

Pai, amo-te, mesmo quando Tua respiração é dor, porque Tua dor é amor; mesmo quando Tua Lei é esforço, porque o esforço que tua Lei impõe é o caminho das ascensões humanas.

Pai, mergulho em tua potência, nela repouso e me abandono, peço à fonte o alimento que me sustente.

Procuro-te no âmago onde Tu estás, de onde me atrais. Sinto-Te no infinito que não atinjo e donde me chamas. Não Te vejo e, no entanto, ofuscas-me com Tua luz; não Te ouço, mas sinto o tom de Tua Voz; não sei onde estais, mas encontro-Te a

cada passo, esqueço-Te e Te ignoro, no entanto, ouço-Te em toda a minha palpitação. Não sei individuar-Te, mas gravito em torno de Ti, como gravitam todas as coisas, em busca de Ti, centro do universo.

Potência invisível que diriges os mundos e as vidas, Tu estás em Tua essência acima de toda a minha concepção. Que serás Tu, que não sei descrever nem definir, se apenas o reflexo de Tuas obras me enceguece? Que serás Tu, se já me assombra a incomensurável complexidade desta Tua emanação, pequena centelha espiritual que me anima integralmente? O homem Te busca na Ciência, invoca-Te na dor, Te bendiz na alegria. Mas na grandiosidade de Tua potência, como na bondade de Teu amor, estás sempre além, além de todo o pensamento humano, acima das formas e do devenir, um lampejo do infinito.

No ribombar da tempestade está Deus; na carícia do humilde está Deus; na evolução do turbilhão atômico, na arrancada das formas dinâmicas, na vitória da vida e do espírito, está Deus. Na alegria e na dor, na vida e na morte, no bem e no mal, está Deus; um Deus sem limites, que tudo abarca, estreita e domina, até mesmo as aparências dos contrários, que guia para seus fins supremos.

E o ser sobe, de forma em forma, ansioso por conhecer-Te, buscando uma realização cada vez mais completa de Teu pensamento, tradução em ato de Tua essência.

Adoro-Te, supremo princípio do Todo, em Teu revestimento de matéria, em Tua manifestação de energia; no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas; eu Te adoro, conceito sempre novo, bom e belo, inesgotável Lei animadora do universo. Adoro-Te grande Todo, ilimitado além de todos os limites de meu ser.

Nesta adoração, aniquilo-me e me alimento, humilho-me e me incendeio; fundo-me na Grande Unidade, coordeno-me na grande Lei, a fim de que minha ação seja sempre harmonia, ascensão, oração, amor.

Orai assim, no silêncio das coisas, olhando sobretudo para o âmago que está dentro de vós. Orai com espírito puro, com intenso arrebatamento, com poderosa fé, e a radiação anímica, harmoniosamente sintonizada com grande vibração, invadirá os espaços. E ouvireis uma voz de conforto, que vos chegará do infinito.

51. CONCEITO SUBSTANCIAL DOS FENÔMENOS BIOLÓGICOS

A evolução das espécies dinâmicas trouxe-nos até à forma "eletricidade", situada no mais alto nível, nas fronteiras da energia. Vimos que, substancialmente, a degradação dinâmica não é senão evolução, isto é, passagem para as formas menos poderosas e cinéticas, mas mais sutis, complexas e perfeitas. Vosso universo caminha visivelmente de um estado de caos — apenas a fase tensão da primeira explosão dinâmica — para um estágio final de ordem, ou seja, de equilíbrio e coordenação de forças. Aquela é a fase de preparação e esta o ambiente em que nasceu a vida. Em outras palavras, o fato de que a evolução dinâmica atingiu a forma eletricidade, significa formação de um ambiente mais equilibrado, onde é possível aquela nova ordem (isto é, coordenação e organização superior de forças) que a denominais vida. Essa nova ordem se aperfeiçoará cada vez mais, em prosseguimento do caminho evolutivo já percorrido, para coordenações e organizações mais complexas e completas: orgânicas, psíquicas e sociais. Pois, com a vida, inicia-se também a manifestação de suas leis e de seus equilíbrios superiores, que dirigirão, nos níveis mais altos, também vossa existência individual e coletiva.

Como ocorre a transformação da eletricidade em vida? Compreende-se essa passagem pela redução do fenômeno, como o fizemos para as formas de $\gamma \rightarrow \beta$, à sua substância *ou íntima estrutura cinética*. Desde as primeiras fases da vida, o ritmo dinâmico transforma-se em outros ritmos, que se fundem em harmonias mais complexas, em verdadeira sinfonia de movimentos. A matéria vos deu o princípio estático da forma; a energia, o princípio dinâmico da trajetória e transmissão; a vida vos dará o princípio psíquico do organismo e da consciência.

Uma primeira observação fundamental: o modo pelo qual colocamos o problema do ser, com o transformismo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ — isto é, como um fisio-dínamo-psiquismo — leva-nos a uma concepção de vida diferente da vossa, muito mais substancial. Geralmente procurais a vida em seus efeitos, não em suas causas; na forma, não no princípio. Conheceis da vida as últimas consequências, e descurasteis *a priori* e de propósito o centro gerador. Tivesteis até ilusão de poder reproduzir a gênese dos processos vitais, provocando os fenômenos últimos e mais afastados da causa determinante. Ora, *a verdadeira vida não é uma síntese de substâncias protéicas, mas consiste no princípio que essa síntese estabelece e dirige*; a vida não reside na evolução das formas, mas na evolução do centro imaterial que as anima; a vida não está na química complexa do mundo orgânico, mas no psiquismo que a guia.

Observai, agora, *como nosso ingresso no mundo biológico ocorre precisamente por via das formas dinâmicas*. Com a eletricidade, situada no vértice destas, *desembocamos não na forma, mas no princípio da vida*, no motor genético das formas. Isto porque caminhamos sempre aderentes à Substância e existimos no âmago em que está a essência dos fenômenos. Leva-nos este fato a uma colocação nova do problema da vida: compreendemo-lo totalmente em seu aspecto profundo e substancial (o lado psíquico e espiritual) e isto desde o primeiro aparecimento dos mais rudimentares fenômenos biológicos, em que já existe presente naquele psiquismo, embora rudimentarmente. *A nossa biologia é de substância*, não de forma. Alcançamos não a veste orgânica mutável, mas o princípio que não morre; não a aparência exterior dos corpos físicos, mas a realidade que os anima; não o que sai, mas o que fica; não o indivíduo nem as espécies em que se reagrupam as formas e se encadeiam em desenvolvimentos orgânicos, mas a expansão do conceito dirigente do fenômeno do psiquismo que vos preside; não a evolução dos órgãos, mas a evolução do Eu, que vos melhora e os plasma para si, como meios para a própria ascensão. Vista assim, em sua luz interior, a biologia coincide, também na análise crua de suas forças motrizes, com o mais alto espiritualismo das religiões. Isto se dá porque as

vicissitudes do princípio psíquico que evolui da ameba ao homem, são as mesmas que depois amadurecem na ascensão espiritual da consciência, que se eleva a Deus pela fé. Pois, a pequena centelha se tornará incêndio, o primeiro vagido tímido será o canto potente de todo o planeta. Aqui vedes, chegando à completa e harmônica fusão, os princípios das religiões e os métodos do materialismo; vedes reunida a aspiração, ainda que cindida, do espírito humano.

As três fases de vosso universo são γ, β, α. A passagem ocorre da matéria (γ), para energia (β) e para o espírito (α). *As formas dinâmicas abrem-se por evolução, não na vida* como a entendeis, *mas no psiquismo que é a causa dessa vida*. Assim o fenômeno da vida assume um conteúdo totalmente novo, um significado imensamente mais alto e, ao mesmo tempo, não fica isolado, mas se concatena com os fenômenos da matéria e energia. Podemos investigar a gênese científica do princípio espiritual da vida, sem minimizar com isso, de modo algum, a grandeza e a profundidade divina do fenômeno. A energia é o sopro divino que anima a matéria, elevando-a a nível mais alto. O Pentateuco, no capítulo 2º da Gênese, diz:

"O Senhor Deus, então, formou o homem da lama da terra,
e soprou-lhe na face o sopro da vida e o homem foi
feito alma vivente".

A lama da terra é a matéria inerte, os materiais químicos do mundo inorgânico. O grande hálito que move e vivifica a matéria cósmica, isto é: "ανεμο", alma, espírito, paixão, turbilhão, não é apenas acrescentada a ela, mas funde-se com ela. Sabemos que Deus não é potência exterior, mas reside no íntimo das coisas, e no íntimo opera, profundamente, na essência. Não atribuais corpo e hálito à Divindade. Compreendei que naquelas palavras não pode existir mais do que uma humanização simbólica de uma realidade mais profunda.

52. DESENVOLVIMENTO DO PRINCÍPIO CINÉTICO DA SUBSTÂNCIA

A vida é um impulso íntimo. Temos de estudar *a gênese desse impulso*. Precisamos nos referir ao que dissemos no estudo da cosmogonia atômica e dinâmica. Vimos lá que a substância da evolução é a expansão de um princípio cinético que se dilata continuamente, do centro à periferia: uma extrinsecação de movimento que passa do estado potencial ao estado atual; uma causa que permanece idêntica a si mesma, embora produzindo seu efeito. As infinitas possibilidades concentradas num processo involutivo precedente manifestam-se nesse inverso e compensador movimento centrífugo evolutivo. Vossas fases γ, β, α, são apenas três zonas contíguas desse processo de descentralização. Vossa evolução atual está suspensa entre centro e periferia: dois infinitos. Somente colocados assim, como substância cinética da evolução, são os fenômenos compreensíveis e analisáveis; somente reduzidos assim a seu último termo. O movimento assume formas diferentes e cada forma é um grau, uma fase da evolução, um modo de ser da Substância. *No âmago existe o movimento e*, quando a Substância muda sua trajetória, exterioriza-se à vossa percepção uma correspondente mudança de forma: o movimento assume uma roupagem diferente. No fundo, isso é apenas a expressão do pensamento de Deus.

Para que possa o impulso proveniente do centro atingir a periferia e deslocar de uma fase o sistema dinâmico de vosso universo, é necessário que atravesse as fases intermediárias e se apresente ao limiar de novo período, *como produto e última elaboração cinética dessas fases*. Como a energia, logo que nasceu, dirigiu-se de imediato para a matéria, a fim de movê-la, animá-la e fecundá-la com seu impulso dinâmico e elevá-la para uma vida mais intensa, assim a vida, filha da energia, volta-se subitamente para trás, em direção à matéria, a fim de arrastá-la para novo turbilhão de trocas químicas, antes ignoradas por ela. Isso para que a trindade das formas possa fundir-se numa unidade e seja profunda a maturação de cada fase. Por isso, o movimento é retomado pelo movimento da fase sucessiva, melhorado e aprofundado, aperfeiçoado, amadurecido. É o novo impulso, máxima manifestação dinâmica, *que se dobra sobre a estrutura atômica* e se reveste dessa manifestação. Esse conúbio é necessário para que a nova forma, α, encontre sua manifestação e os movimentos de γ sejam levados a um grau maior de perfeição. Assim se manifesta o psiquismo da vida, por meio de combinações da química, mas elevada ao grau mais alto de química orgânica.

A expansão cinética do impulso central significa, portanto, *uma retomada de todos os movimentos precedentes*, uma reconstrução de todos os equilíbrios já constituídos. *Tudo o que nasce tem que renascer cada vez mais profundamente*. Em nova manifestação desse princípio do psiquismo, a matéria revive, fecundada por um poder de direção e de escolha, que lhe penetra a íntima estrutura e a permeia toda com uma febre de vida nova. A nova potência, que nasceu de β, compõe para si, das formas já aparecidas e elaboradas da matéria, um corpo de que ela é a alma, em cujo íntimo ela age. A matéria e a energia tornam-se meios externos, dominados e guiados por esse movimento de ordem superior. Só por esse caminho e através desse complexo trabalho de íntima e profunda maturação da matéria e da energia, isto é, complicação e aperfeiçoamento dos movimentos e dos equilíbrios da Substância, o princípio do psiquismo se expande e atua no mundo dos efeitos e realizações, e fixa sua marca na caminhada evolutiva. *Para que o princípio possa estabilizar-se nesta zona periférica das manifestações, tem que refazer-se nas zonas intermediárias*, fundir o próprio movimento nos seus movimentos, aperfeiçoá-los, arrastando com o próprio impulso as suas

trajetórias, para novos tipos e novas direções. Assim, a matéria é novamente trazida para a circulação e erguida como sustentação de nova manifestação. É por meio desse amplexo e dessa fusão, é por intermédio dessa ajuda, pela qual o mais estende-se para o menos, que se avança. O movimento jamais abandona as construções já estabelecidas, mas faz evoluir e aperfeiçoa-lhes o equilíbrio. A evolução é íntima, universal. Não admite armazenamento de materiais de refugo. Essa retomada sempre em circulação ascensional constitui a natureza daquela maturação cinética da Substância, é a essência da evolução. Somente agora podeis alcançar a visão completa da estrutura cinética da Substância.

53. GÊNESE DOS MOVIMENTOS VORTICOSOS

Exposta a questão em seus termos gerais, vejamos, agora, *mais particularmente*, que mudanças assume o movimento no ponto de passagem de β a α. Vimos em γ que, ao abrirem-se as órbitas dos elétrons, estes escapolem delas, gerando β. Vimos em β, a onda extinguir-se, com a progressiva extensão de seu comprimento e diminuição da frequência vibratória. Na última fase de degradação a onda se tenderia a tornar-se retilínea, se pela natureza qualquer reta não fosse uma curva, como toda trajetória circular é uma espiral que se abre ou se fecha. Vejamos agora como esta onda amortecida penetra no edifício atômico.

O princípio cinético da vida é único em vosso universo, constituído pela forma dinâmica (eletricidade), na última fase de degradação. Em virtude da natureza da energia, que está em contínua expansão no espaço, *o princípio da vida difunde-se por toda a parte*, tal como a luz e as outras formas dinâmicas. Ele propaga-se como forma vibratória, até que encontre uma resistência numa aglomerada massa. Assim, a energia que, por sua natureza, espalhou-se nos espaços, portanto é *onipresente*, atinge qualquer condensação de matéria. Então, penetra na íntima estrutura planetária, justamente porque é a direção retilínea que possui o máximo poder de penetração. As trajetórias cinéticas apresentam respostas diferentes a essa penetração eletrônica, de acordo com seu tipo de natureza. O primeiro germe da vida, por isso, é *universal e idêntico*, sempre aguardando o desenvolvimento; um desenvolvimento que só chegará a realizar-se quando se verificarem circunstâncias favoráveis; um desenvolvimento que, embora partindo do mesmo princípio, manifestar-se-á *diferentemente, de acordo com as diferentes condições do ambiente*. Onde β toca em γ, esta exulta num novo girar íntimo; onde β une-se a γ, nasce α, a vida (princípio de dualidade e trindade). Conforme a natureza e reações da matéria, varia o fenômeno, e aparecem, enfim, as diferentes manifestações do mesmo princípio, único e universal.

Que perturbação ocorre, então, no edifício atômico? Vimos que, na desagregação da matéria existe um trem de elétrons, sucessivamente lançado fora do sistema planetário atômico em demolição, justamente isso, constitui a gênese das formas dinâmicas. Quando esse trem de unidades que se impelem mutuamente atinge, como uma flecha, o equilíbrio normal atômico, produzido pelo girar das órbitas eletrônicas em redor do núcleo, o edifício atômico fica profundamente perturbado. Esse fenômeno só pode verificar-se quando β tenha atingido seu grau máximo de evolução, isto é, de degradação dinâmica (mínima frequência vibratória e máximo comprimento de onda), porque até que os tipos dinâmicos assumam a forma vibratória ondulatória, não têm suficiente potência de penetração e deles não pode nascer a vida. Então, *o momento da gênese é dado por um equilíbrio exato de forças*. Pelas resultantes desse equilíbrio é dado o desenvolvimento da vida e de suas formas. Como vimos ser a química inorgânica reduzível a um cálculo matemático de mecânica astronômica, assim é a constituição íntima da vida, embora resultante de sistemas de forças extremamente mais complexos. Então, somente um trem de elétrons que constituem energia elétrica extremamente degradada — isto é, somente β quando chegou ao último limite evolutivo de suas espécies dinâmicas — pode trazer mudanças radicais à íntima estrutura do átomo; mudanças não casuais, desordenadas, caóticas, mas produzidas por nova ordem de movimentos, mais complexa e profunda. Os deslocamentos cinéticos da Substância obedecem constantemente a uma lei de equilíbrio e são resultantes de impulsos precedentes; constituem sempre uma ordem perfeita, em que estão equilibradas ação e reação, causa e efeito. Isto se verificou na projeção dos elétrons da desintegração atômica radioativa (gênese da energia); isto se verifica agora nos deslocamentos interatômicos devidos à ação dos novos elétrons que chegaram.

Detenhamo-nos um momento nesta reaproximação entre *eletricidade e vida*, para compreender porque, exatamente, essa força está colocada no início da nova manifestação. Sabeis que o equilíbrio interno do átomo e as órbitas de seu sistema planetário são regidas por atrações e repulsões de caráter elétrico; é o balanceamento entre esses impulsos e contra-impulsos que lhe mantém a estrutura numa condição de estase exterior. Por si nada se presta tanto a deslocar o equilíbrio do sistema e a penetrar nesse movimento, quanto a intervenção de novo impulso ou ação da natureza elétrica. Assim, a eletricidade enxerta-se na vida e *a encontrareis sempre presente*, especialmente se a considerais, como vos disse, em seu íntimo dinamismo motor. Embora aperfeiçoando-se, como tudo se aperfeiçoa por evolução, isto é, adquirindo em qualidade o que perde em quantidade — por uma degradação paralela à dinâmica, que vimos — também na vida subsiste sempre a fonte original de natureza elétrica. Ela origina todos os fenômenos nervosos que guiam e sustentam o funcionamento orgânico. Na base da vida existe integralmente um sistema elétrico de fundamental importância, que preside a tudo. A eletricidade permanece sempre como centro animador e substância interior da vida, da qual ela assume sempre a função central diretora, a mais importante. Essa sobrevivência, em posição tão conspícua, bastaria para demonstrar a parte substancial que a eletricidade deve ter tido na gênese e no desenvolvimento da vida. E ainda quando atinge as formas de magnetismo, vontade, pensamento e consciência, permanece o mesmo princípio, embora alçado às fases de máxima complexidade. Trata-se, verdadeiramente, da continuação do mesmo processo de degradação, que se estende das formas dinâmicas até às formas psíquicas.

Quando, num sistema rotatório, sobrevém nova força, esta se introduz no sistema e tende a somar-se e a fundir-se no tipo de movimento circular preexistente. Podeis imaginar que complicações profundas ocorrem no entrelaçamento já complexo das

forças atrativo-repulsivas. O simples movimento circular agiganta-se num movimento vorticoso mais complexo. Pela emissão de novos elétrons, o movimento não apenas complica sua estrutura, mas se reforça, alimentado por novos impulsos. Ao invés de um sistema planetário, tereis nova unidade, que vos recorda os redemoinhos de água, as trombas marinhas, os turbilhões e ciclones. *O princípio cinético de* γ *é retomado, assim, por* β, numa forma vorticosa muito mais complexa e poderosa. Nasce, dessa forma, nova individuação da substância, desta vez verdadeiro organismo cinético, em que todas as criações, conquistas, ou seja, trajetórias e equilíbrios precedentemente constituídos, subsistem, mas coordenando-se. Veremos como o *tipo dinâmico do vórtice* contém, em embrião, todas as características fundamentais da individuação orgânica e do Eu pessoal. Nesta nova forma de movimento, organização de sistemas planetários, coordenação complexa de forças, na própria instabilidade da nova construção e na rapidez das contínuas trocas com o ambiente, em seu mais intenso devenir de equilíbrio que, mesmo mudando, sempre reencontram seu fio condutor, revela-se aquele psiquismo, o mais requintado dinamismo com que a energia surge na vida. Princípio novo, mas filho dos precedentes; simples expansão de potências concentradas no estado de latência; novo modo de existir da Substância, que atingiu a periferia das manifestações.

A primeira expressão de α *assume, então, a forma do vórtice*. O tipo do movimento do átomo físico combina-se consigo mesmo em movimentos mais complexos por obra da nova imissão dinâmica. O termo sânscrito *"Vivartha"* significa exatamente esse processo, que desde a concepção hindu até as mais modernas hipóteses científicas, exprime a substância dos fenômenos do universo[12]. Mas a essência de α não é o vórtice. Este é apenas sua manifestação, a forma exterior de que se reveste aquele princípio imaterial. O espírito, α, está na Substância, esta é movimento (velocidade), é aquilo que movimenta, guia, anima e dirige o vórtice, sem o qual este perderia seu tipo, sua resistência e se extinguiria, reabsorvido no indiferenciado. Não o encontrais e, portanto, não podeis observar senão fenômenos, isto é, efeitos, manifestações. Somente podeis tocar a exteriorização do princípio e, apenas a partir dela, podeis penetrar o centro e encontrar a causa. Digo isto a fim de evitar dúvidas e mal-entendidos. Se β já o era, α é muito mais um princípio absolutamente imaterial, que permanece sempre distinto da matéria, embora a anime e a mova de seu centro. Aliás, já vos disse que a matéria é velocidade e que o átomo, como o elétron, é um sistema de forças; então não se pode entender por vórtice, mesmo no sentido mais material, senão um movimento que arrasta consigo outros movimentos. Vosso separatismo, que divide corpo e espírito, portanto, não tem sentido, especialmente como antagonismo. Trata-se apenas de dois pólos do ser, de dois extremos, que se comunicam por constantes trocas e contatos, de uma zona de trajetória em caminho. Vossos conceitos habituais não têm mais nenhum significado, quando se olha no âmago das coisas. Se me perguntais: por que α, o espírito, manifesta-se nesse momento do transformismo evolutivo e que relações possa ter a origem dos movimentos vorticosos com o surgimento da consciência? Eu vos direi: se a fase β conquistou a dimensão tempo, agora a imersão do movimento de β no movimento de γ representa a construção de edifícios, verdadeiros organismos dinâmicos, que constituem as manifestações de novo princípio de coordenação e direção de movimentos. Isso significa a *gênese da nova dimensão consciência*. A consciência, que hoje é de superfície e analítica, transformar-se-á num organismo ainda mais complexo de movimentos vorticosos, numa animadora de nova potência, a dimensão *superconsciência sintética de intuição*, a dimensão volumétrica, máxima de vosso sistema. Então a matéria se desmaterializará de sua forma atômica e o ser sobreviverá além do fim de vosso universo físico e de suas dimensões.

54. A TEORIA CINÉTICA DA GÊNESE DA VIDA E OS PESOS ATÔMICOS

Procuremos pesquisar na realidade dos fenômenos alguns efeitos desta íntima transformação de movimento, da qual nasce a vida e se manifesta seu psiquismo: transformação da química inorgânica em química orgânica. Neste campo, existem fatos que podem demonstrar-vos a realidade daquela que podeis tomar como *teoria cinética da gênese da vida*, compreendida como manifestação devida a uma imissão de radiações dinâmicas de composição eletrônica no sistema planetário atômico. Nem todos os átomos reagem igualmente ao mesmo impulso; nem todos estão igualmente prontos para serem arrastados no ciclo da vida. *A resistência à penetração eletrônica não é constante para os vários corpos simples*, mas muda exatamente de acordo com o seu peso atômico. Este fato tem um significado importante. A radiação eletrônica pode atacar todos os átomos, mas os mais leves são mais rápidos a obedecer, *essa capacidade receptiva vigora em razão inversa de seu peso atômico*. Escalonando os corpos simples, de acordo com o peso atômico progressivo, como na série estequiogenética, verificais que é *máxima para os pesos atômicos mínimos, e mínima para os pesos atômicos máximos, a capacidade desses corpos simples de ficarem ligados em círculo*. Ou seja, de serem transportados, através do turbilhão vital, numa vida breve, imensamente mais rápida e intensa do que sua própria vida, o que significa receber no próprio âmbito cinético a radiação eletrônica que lhe intensifica o ritmo.

Por que, então, o peso atômico é base da escolha dos materiais de sustentação da vida? Porque o trem eletrônico *encontrará menor resistência para penetrar nos sistemas atômicos mais simples*, com uns poucos elétrons, do que naqueles mais complexos, com muitíssimas órbitas eletrônicas. Vimos que, do H ao U, o aumento de peso atômico significa progressiva saída do núcleo e estabilização das órbitas de sempre novos elétrons, até o máximo de 92, além do qual o sistema atômico se desagrega. É óbvio que as radiações de um sistema cinético mais rudimentar sejam mais fracas do que a dos mais complexos; e que seja mais fácil transformar o equilíbrio dos movimentos no primeiro caso do que do segundo. Os sistemas planetários mais simples, menos numerosos de satélites, deixar-se-ão plasmar mais facilmente em novas trajetórias, do que os sistemas densos de elétrons, turbilhonando em movimentos mais intensos. Quanto maior o número de elétrons, maiores serão *a massa e a inércia, isto é, a resistência a absorverem impulsos externos*. Esses íntimos deslocamentos cinéticos constituem a substância do fenômeno da transmutação da matéria inorgânica em orgânica, reduzível em sua essência, como já dissemos, a um cálculo de forças. Essas concordâncias são

uma prova de que o fenômeno "vida" é, substancialmente, a resultante de uma assimilação pelo sistema atômico de um movimento eletrônico, justamente porque os elétrons do átomo oferecem uma resistência proporcional a seu número. Aí está uma confirmação da teoria cinética da gênese da vida.

Se observarmos os corpos simples, não mais, como vimos, na química inorgânica, mas como eles se comportam na química orgânica, ou seja, *a maneira como eles são admitidos e tolerados no organismo vivo*, vemos que H, C, N, O (a que correspondem os pesos atômicos 1, 12, 14 e 16, os mais baixos da escala) são *os corpos fundamentais da vida*, como também são os mais largamente difusos na atmosfera, onde nasce a vida em vosso planeta no período da gênese vital: *Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio e Oxigênio*, no estado de vapor d'água, H_2O; de gás carbônico, CO_2; e no estado livre, N e O[1].

Vêm depois *os corpos sucedâneos dos fundamentais*, que podem substituí-los parcialmente e são aceitos *em doses moderadas*. Seu peso atômico não ultrapassa 60, e temos em ordem de peso atômico: Lítio[2] (Li=7); Boro[5] (Bo=11); Flúor (Fl=19); Sódio (Na=23); Magnésio (Mg=24); Silício (Si=28);Fósforo (P=31); Enxofre (S=32); Cloro (Cl=35,5); Potássio (K=39); Cálcio (Ca=40); Alumínio[3] (Al^2=27,1); Manganês[4] (Mn=55); Ferro[4] (Fe=56); Níquel[5] (58,5); Cobalto[5] (Co=58,7).

Seguem-se os corpos que, mesmo entrando para fazer parte da vida orgânica, *não são aceitos senão em doses pequeníssimas*. Seu peso atômico não ultrapassa 137 e, de acordo com seu peso, estão na seguinte ordem:

Cobre[7] (Cu=63,5); Zinco[7] (Zn=65,4); Arsênico[10] (AS=75); Bromo[6] (Br=80); Rubídio[8] (Ru=85,5); Estrôncio[9] (Sr=87,6); Iodo[6] (I=127); Bário[9] (Ba=137,4).

Se continuarmos ainda a subir até os mais altos graus na escala dos pesos atômicos, verificaremos que os corpos que aí encontramos normalmente não se encontram nos organismos e, se têm ingresso no ciclo vital, só são *tolerados em doses mínimas* (isto é fundamental também em seu uso terapêutico). Temos:

Selênio (Se=79); Prata (Ag=108); Estanho (Sn=118); Antimônio (Sb=122); Telúrio (Te=127); Platina (Pt=195); Ouro (Au=197); Mercúrio (Hg=200); Chumbo (Pb=207).

Chegamos, enfim, aos *pesos atômicos máximos* dos corpos radioativos, utilizáveis terapeuticamente pelo dinamismo de suas radiações, mas *sem propriedades biológicas intrínsecas*. A instabilidade de seu equilíbrio interior representa um sistema atômico em desfazimento, que foge para as formas dinâmicas e é o menos apto para ser retomado nas coordenações cinéticas de ordem mais complexa. A emanação eletrônica desses corpos, embora possa excitar, no átomo, a aptidão para entrar no ciclo vital, *fica sempre por fora dele*. Para poder penetrá-lo, tem que primeiro atravessar toda a maturação das formas dinâmicas, até o máximo de degradação. Temos, pois:

Polônio (Po=210); Rádio (Ra=226); Tório (Th=232,4); Urânio (U=238), ou seja, os corpos de sistema atômico mais complexo com órbitas mais numerosas, os mais resistentes a qualquer penetração cinética; justamente porque essas órbitas são lançadas e abrem-se na periferia, em direção exatamente contrária ao trem superveniente de radiações elétricas de onda degradada.

55. TEORIA DOS MOVIMENTOS VORTICOSOS

Vimos como o trem eletrônico da onda dinâmica degradada ataca o edifício atômico, penetra-o e desloca-lhe o equilíbrio íntimo, e como, por essa imissão dinâmica, o sistema planetário de forças se transforma num sistema vorticoso. Este é o germe da vida em sua estrutura cinética. Observemos-lhe a complexa constituição e sua resposta à realidade dos fenômenos daquela que, vos disse, poderia ser tomada como teoria cinética da vida, ou *teoria dos movimentos vorticosos*, colocando-a como base da química orgânica (química cinética).

Antes de tudo, observai minha colocação do problema da vida, totalmente diferente da ciência. Esta procura, na evolução, a origem das formas. Eu, ao invés, exponho a origem dos princípios, a causa pelas quais as formas são modeladas como última consequência. Por aí se conclui que, enquanto a ciência se move na multiplicidade dos efeitos e fica do lado de fora dos fenômenos, eu atinjo a unidade e penetro no âmago das causas. É lógico que, alcançando a substância dos fenômenos, a química deva transformar-se até atingir a abstração filosófica. Também é lógico que, evoluindo vossa ciência de sua atual forma exterior e de superfície, até sua mais completa forma de ciência substancial e profunda, deva transformar-se em ciência abstrata, aproximando-se daquela unidade fundamental em que os conceitos da matemática, da filosofia, da química, da biologia etc., são uma só coisa. Aprofundemos, pois, o problema da gênese dos princípios da vida.

Sabeis que os vórtices giram em torno de um *eixo*. Que é em redor desse centro múltiplo que se desloca a série dos equilíbrios instáveis do sistema. Esses equilíbrios, com uma diferença fundamental dos daquele do sistema atômico, renovam-se continuamente, a cada instante demolindo-se e reconstruindo-se. *O Eixo é a alma do sistema atômico vital, assim como o núcleo é a alma do sistema atômico inorgânico*. Quando um trem eletrônico ataca um átomo depois do outro, não altera apenas a trajetória dos satélites do sistema, mas atinge os núcleos, embora fossem estes antes centros de *sistemas separados, ele os funde agora em cadeia, num sistema cinético único*. Já se começam a entrever as primeiras características do novo organismo de forças, as características fundamentais da vida. A penetração eletrônica quebrou os sistemas dinâmicos fechados dos átomos, combinou-os junto *num sistema dinâmico múltiplo aberto. A linha e a direção do eixo são geradas e governadas pela onda degradada* que,

propagando-se no espaço, encontra um aglomerado de átomos e arrasta os sistemas eletrônicos deles, equilibrando os núcleos em cadeia. Eis porque apenas a onda degradada pode gerar nos amontoados de átomos o vórtice genético da vida.

Ora, *esse eixo do vórtice representará, na vida, a linha de metabolismo,* função universal e fundamental do mundo orgânico. A direção do contínuo processo de assimilação e *desassimilação é a própria direção da onda*, provocada por aquele impulso que vimos ser irreversível. *Na vida, o metabolismo é a expressão da linha irreversível da evolução*. Vede como nenhuma característica, mesmo a mais embrionária e longínqua, destrói-se; ao contrário, em cada uma delas está contido o germe dos grandes desenvolvimentos. O mundo dinâmico de β contém, à maneira de semente, todo o desenvolvimento da vida, todas as notas fundamentais da grande sinfonia. Aquela simples trajetória ou direção se desenvolverá num princípio diretor, com objetivo, numa individualidade e personalidade, no psiquismo. Notai também como a imissão dinâmica corresponde à contínua reorganização das unidades menores em superiores unidades coletivas (lei das unidades múltiplas). Com efeito, temos aqui não mais amontoados ou aglomerações, mas *organismos de átomos*. Notai como nesta reorganização mais ampla, acentua-se o desenvolvimento das notáveis características embrionárias das formas inferiores. Aqui também encontrais a linha dos ciclos múltiplos (cfr. fig. 5), que vos ensina que o ciclo maior é apenas a resultante do desenvolvimento dos ciclos menores. Neste caso, a realização orgânica é somente o produto do amadurecimento atômico (estequiogenética, ou seja, desenvolvimento dos sistemas planetários nucleares ou eletrônicos). Olhando assim, em seu íntimo, o universo vos surge, a cada passo, de divina grandiosidade.

Individuado, o eixo do sistema vorticoso apresenta-se-vos com características especiais. Podeis imaginar que potência cinética ele encerra, pois, é uma *cadeia de núcleos* em redor dos quais continuam a gravitar e a girar os elétrons atômicos, a cujas atrações e repulsões somaram-se as dos elétrons recém-chegados da onda degradada de β. Assim, o eixo do sistema tem *duas extremidades*, caracterizadas por qualidades diferentes: uma extremidade, ou *pólo positivo ou de penetração ou de ataque* (pelo qual propaga-se o movimento), *e a outra, um pólo negativo, final ou de separação* (no qual o movimento se extingue). A linha de propagação da energia, que se torna eletricidade, sinal + e –, está para tornar-se vida, *o princípio do nascimento e da morte*. Como vedes, sistema aberto e em contínuo movimento. Eis donde nascem a rapidez do metabolismo e a instabilidade química, que são características fundamentais dos fenômenos da vida. Somente a infusão do princípio estático de γ, do princípio dinâmico de β, podia produzir esse terceiro princípio psíquico de α. A matéria γ apenas conquistara a dimensão espaço e β apenas a dimensão tempo, somente da fusão das duas dimensões podia nascer a terceira: *a consciência*. Pois este é o primeiro sistema cinético atingido pela Substância que, sendo aberto e em movimento, distingue o interno do externo, ou seja, contém *o princípio da distinção entre o Eu e o ambiente, afirmando sua individualidade* e projeta-se para o exterior, para fora de si, ato fundamental, base da *percepção e do desenvolvimento da consciência*. Nessa capacidade do sistema vorticoso de projetar-se para fora de si, portanto, de combinar os próprios movimentos com os de outros sistemas vizinhos e de sentir-lhes o influxo, nessa receptividade cinética, nessa possibilidade de assimilação de impulsos externos, existe o germe daquele contínuo *registro e assimilação de impressões*, que está na base do desenvolvimento da consciência. Veremos como esta se dilata continuamente. Aquilo que desce ao âmago do Eu e aí se fixa em *automatismos*, que mais tarde serão os *instintos*, é apenas o impulso de uma força que se fixa, absorvida nos equilíbrios do sistema cinético-dinâmico do vórtice vital. Este é instável e mutável, mas para que tenha uma ação constante, ele *penetra e se fixa, também, nessa instabilidade*, que não é caos, mas apenas um equilíbrio mais complexo, resultante de miríades de equilíbrios menores. É importante pesquisar nas formas inferiores os germes e a primeira gênese também das mais altas formas de vosso psiquismo, porque nessa base científica e racional basearei minhas conclusões nos campos que parecem estar muito longe, no entanto, estão próximos do mundo ético e social. Vede que a íntima elaboração evolutiva ou descentralização do princípio cinético da Substância, ou manifestação da Divindade, desenvolve-se de uma simples trajetória dinâmica, dirigida de um pólo + a um pólo -: a linha do metabolismo orgânico, primeiro construtor de corpos; depois a linha do metabolismo psíquico, construtor de almas. Nessa fusão de extremos, sentis a verdade de meu monismo.

56. PARALELOS EM QUÍMICA ORGÂNICA

Procuraremos na química orgânica algum paralelo ou correspondência ao princípio dos movimentos vorticosos. Depois de havermos observado a gênese da vida em sua íntima e profunda realidade, dispomo-nos agora a caminhar para o exterior, para aquela aparência, mais sensória, portanto, mais facilmente compreensível para vós. Vários *fenômenos da química orgânica* mostram-vos que a estrutura do fenômeno vital corresponde a dos movimentos vorticosos observados.

Enquanto as principais *reações da química mineral são instantâneas e totais, as da química orgânica são, geralmente, progressivas e lentas*. A mecânica das reações indica-vos que só no primeiro caso o equilíbrio químico do sistema é *quase imediatamente atingido*, ao passo que nas reações orgânicas é necessário *muito tempo* antes que se chegue a esse estado. Essas reações progressivas, mesmo simples em aparência, são em realidade uma superposição de reações sucessivas, que determinam produtos intermediários muito efêmeros para serem percebidos. Essa mobilidade química, aparentemente menor, é devida, em substância, ao sistema vorticoso que resiste (inércia) contra qualquer ação que tenda a deslocar-lhe o equilíbrio; ela é mais poderosa e profunda que o sistema atômico simples, porque, também, é um sistema mais complexo. O entrelaçamento das linhas de força que devem ser diversamente dirigidas é muito mais amplo, mas em compensação, pela mesma razão, o sistema está apto a conservar por mais tempo os tipos de movimento uma vez imitidos e absorvidos (germe da hereditariedade).

Somente este dinamismo mais profundo, cuja estrutura cinética estudamos, podia produzir a síntese química da vida a partir da matéria inorgânica. A substância dos intercâmbios vitais consiste num ciclo, mediante o qual o íntimo dinamismo do sistema transporta a matéria inorgânica em combinações químicas para ela extraordinárias e complicadíssimas, que jamais teria conseguido sozinha. A característica da química da vida é a necessidade de uma contínua renovação íntima, com a qual se reconstitui

de uma rápida deterioração; um desfazer-se constante de equilíbrios que, no entanto, reconstroem-se sempre, de modo que, no conjunto, o equilíbrio permanece, mas condicionado por intenso e íntimo trabalho. *A estabilidade permanece através da instabilidade de todos os seus momentos, à custa de ser uma correnteza em movimento*. A própria morte, que parece a destruição do edifício — porque determina o momento em que os elementos se apressam a descer os degraus dessa estrutura muito complexa, a fim de retornarem ao seu estado primitivo mais simples — não representa incapacidade de manter-se no mais alto equilíbrio da vida, mas é efeito da rápida sucessão sempre ativa, que jamais pára, do dinamismo do sistema. Morte é sinônimo de renovação. Por isso, a vida persiste perenemente no ritmo veloz de seu devenir. Fenômeno antiestático por excelência, *a vida não é possível sem renovação*. O processo vital é a resultante evidente do movimento contínuo de introdução e expulsão, de associação e de desassociação, de anabolismo (assimilação) e de catabolismo (desassimilação), o que leva à regeneração constante das células. A vida, desde sua primitiva fase orgânica, que só contém os primeiros rudimentos do psiquismo, é sua meta — no homem atingirá sua autonomia — é dinamismo intenso produzido por contínuo e complexo *decompor-se e recompor-se da matéria em combinações químicas fugacíssimas*. Dentro desse dinamismo, as substâncias são tomadas e levadas através do organismo, são absorvidas, assimiladas, fundidas na palpitação vital e, depois de haver demorado nele, são eliminadas. Sua passagem pelo ciclo orgânico é, para essas substâncias, uma espécie de febre, de corrida insólita, da qual escapam para repousar em seu equilíbrio químico inorgânico assim que se livram dessa imposição. Ora, é esse exatamente o fenômeno que ocorre num turbilhão, que prende em seu movimento rotatório sobretudo os corpos leves (peso atômico baixo, menor resistência ou inércia), arrasta-os no seu vórtice e, finalmente, abandona-os. Acontece isso enquanto, constantemente, muda o material constitutivo do turbilhão, embora conserve independente sua individualidade.

Quem mantém intacto, num e noutro caso desses dois fenômenos afins, esse equilíbrio superior, enquanto dentro de si os edifícios atômicos passam rapidamente de um sistema de equilíbrio a outro? Quem dá a essa instabilidade o poder de *manter-se indefinidamente*, de *retificar-se*, de *reconstituir-se* a força de *resistir contra todos os impulsos contrários*, que tendem a trazer desvios? O fenômeno da vida não é fenômeno transitório nem acidental. Seus equilíbrios instáveis não são meros acasos químicos, porque eles se fixaram substancialmente no caminho da evolução. Onde se encontrará essa nova capacidade de autonomia, absolutamente desconhecida no mundo da química inorgânica, senão na estrutura especial cinética dos movimentos vorticosos? Diante do insuperável determinismo da matéria, encontramo-nos aqui nos primeiros passos daquela ascensão que levará, na fase de consciência, ao livre arbítrio, uma novíssima liberdade de movimentos que, no entanto, não destrói o equilíbrio nem a estabilidade integral do sistema. Sem dúvida o movimento vorticoso enfeixa o processo típico de isolamento, no ambiente, de um sistema de forças, portanto, *princípio da individualidade*. Um turbilhão de forças já é um *eu distinto* de tudo o que o circunda, com o qual entra em relação, mas não se funde com o devenir, que tem direção e meta própria, com uma troca e um princípio diretor de funcionamento que dá, de imediato, a imagem do organismo e da vida. Só o sistema cinético do vórtice contém as características de *elasticidade*, de equilíbrio móvel, tão distantes da rigidez inorgânica, que lembram tanto o estado coloidal, fundamental na vida. Este, ao mesmo tempo que assegura a estabilidade da estrutura dos protoplasmas vivos, neles favorece maravilhosamente o desenvolvimento das reações químicas. O vórtice *recebe e reage*; admite, em vista de sua estrutura, uma muito maior *velocidade de reações* do que o sistema atômico e por isso é a sede mais adequada para a evolução das reações químicas. Sistema *plástico, móvel e flexível*, tal como a vida; no entanto, *resistente*. Ele tem a faculdade de assimilar os impulsos exteriores, de torná-los próprios sem quebrá-los, de conservar-lhes traços no próprio movimento e de *registrar* a resultante de suas combinações (*memória*). Ele rende-se e transforma-se, suporta, mas não esquece nada. Sua elasticidade significa a capacidade de retomar o equilíbrio de acordo com a lei de seu movimento. Passivo e ativo ao mesmo tempo, tangencia todas as características da vida.

Outra aproximação entre as características dos fenômenos vitais e a dos movimentos vorticosos: a admissão da matéria na circulação da vida não ocorre ao acaso. Vimos que são preferidos os pesos atômicos baixos mas não é só. O vórtice vital estabelece ligações entre átomo e átomo. Quando estes são tomados no movimento da vida, estabelecem-se entre eles vias de comunicação. Enquanto na química inorgânica só temos os movimentos planetários dos sistemas atômicos fechados, simplesmente coordenados em sistemas moleculares, em equilíbrio estável; na química orgânica temos *sistemas atômicos abertos e comunicantes, em equilíbrio instável*. Os átomos estão *reunidos em cadeia* e tornam-se solidários dentro de um mesmo fluxo dinâmico, guiados pelo mesmo impulso e pela mesma vontade. Na matéria, ficam mutuamente estranhos em sua estrutura íntima, embora vizinhos e equilibrados. Na vida, apertam-se num abraço e movimentam-se numa única direção. Esta é a base da unidade orgânica. Quando a unidade se dissolve, as passagens fecham-se, os sistemas tornam a isolar-se, reciprocamente indiferentes. Com o vórtice, terminou aquela vontade coletiva que os irmanava. Essas cadeias dinâmicas são abertas. Os átomos presos no turbilhão vital são modificados em seu movimento íntimo e arrastados num movimento diferente. Nessa viagem, são elaborados, sua constituição química é modificada. Terminado seu trajeto, são abandonados não mais vivos, mas inertes. Os átomos são, assim, alinhados em séries bipolares e a viagem da vida realiza-se entre dois extremos: nascimento e morte.

Agora sabeis que somente as substâncias orgânicas, constituídas de cadeias abertas de átomos (ou grupo de átomos) são aceitas pelos seres no âmbito da vida, enquanto as *substâncias cíclicas, os compostos de cadeia fechada, não são tolerados*. Tudo isso coincide com a estrutura cinética do sistema vorticoso, aberto e pronto a admitir no próprio âmbito sempre novos impulsos. É óbvio que, num sistema cíclico, uma cadeia de átomos fechada em si mesma não pode ser admitida, porque não oferece acesso. A linha das transformações químicas é dada pelo eixo do sistema vorticoso. Vimos que esse eixo era dado pela onda degradada de β. Assim, cada indivíduo biológico, se é físico no exterior, é sempre, embora em graus diferentes, psíquico em seu centro interior, justamente porque é de origem elétrica o eixo do sistema vorticoso. Nos primeiros níveis, a eletricidade e o psiquismo, que dela nascerá nos níveis mais elevados, estão sempre no centro do fenômeno vital. Como o eixo atrai para o redor de si um sistema vorticoso, assim o princípio psíquico atrai e sustenta em torno de si uma vestimenta orgânica. Então, a linha do transformismo vital — seja cadeia de reações químicas, seja desenvolvimento individual, seja evolução biológica — já estava traçada e contida na linha da expansão dinâmica (onda). Vede como a *evolução da vida*, em seu impulso interior, determinante das formas, *está em linha de continuidade com a difusão de* β *e com a evolução das espécies dinâmicas*.

57. MOVIMENTOS VORTICOSOS E CARACTERES BIOLÓGICOS

Outras características fundamentais, entretanto, possui o sistema cinético vorticoso, que o aproximam e assemelham aos fenômenos vitais. De tudo isso podeis tirar mais uma confirmação de que, como vos disse, é vorticosa a íntima estrutura do fenômeno biológico; disso, esta teoria vos dá uma profunda explicação que se harmoniza com a de todos os fenômenos existentes. O vórtice é apenas a expressão volumétrica daquela espiral que vimos ser a trajetória de todo fenômeno, a expressão gráfica do conceito que o dirige; aquela espiral, também aqui, no campo biológico, reaparece no organismo dinâmico do vórtice. Este corresponde ao princípio da espiral que se abre e se fecha e com isso se expande à maneira de respiração, que dilatando progressivamente a amplitude de seu ritmo, agiganta-se (crescimento orgânico e psíquico da vida). Já mostramos como a constituição desse movimento vorticoso leva-o a uma diferenciação do ambiente, isto é, uma individuação independente. Pode parecer-vos que haja um abismo entre a vida e a matéria, e a vida representa, no universo, uma subversão fundamental de leis. Não. Não há abismos na natureza, nem saltos, nem zonas de vácuo: tudo é continuação do que foi preparado precedentemente, desenvolvimento do que já existia em estado de germe. Por isso, encontrais na biologia os mesmos princípios que despontam na química, embora mais desenvolvidos e elevados, e a passagem faz-se por uma maturação interior, que já eleva a uma combinação mais alta os elementos preexistentes. O princípio dirigente despertou, ele que dormia no âmago das coisas.

Esse processo de individuação do vórtice atômico, que se distingue no campo cinético do ambiente, corresponde à lei que já vimos, pela qual os seres, ao evoluir, passam do indistinto ao distinto; lei que se compensa, para que o todo não se pulverize no particular, como aquela dos reagrupamentos em unidades coletivas (um indivíduo biológico é simplesmente um organismo de sistemas vorticosos ligados e comunicantes). Enquanto a matéria apresenta-se individuada em formas que se repetem idênticas, a vida jamais apresentará duas exatamente iguais e seu comportamento terá sempre uma nota de individualidade. Em cada forma de vida existe uma distinção mais acentuada, ao mesmo tempo em que essa forma é uma unidade coletiva mais complexa em sua organicidade. Existe na vida uma individualidade de manifestações, que preludia o desenvolvimento da personalidade, e existe uma independência de movimentos em que já se sente o início do processo de transformação do determinismo físico no livre arbítrio do psiquismo. Evolução, com efeito, à proporção em que é descentralização cinética, é também expansão e liberação de movimento. Ora, essas características da vida nós a encontramos também nos movimentos vorticosos.

Um caso de movimentos vorticosos mais concreto e mais susceptível de observação, para vós, é encontrado nos turbilhões, ciclones, sorvedouros, trombas marinhas e outros semelhantes. Um *turbilhão* é uma unidade dinâmica distinta do ambiente, com caracteres de *individualidade*, independente daquele em seus movimentos, com seu próprio ponto de origem (nascimento) e um ponto final (morte), quando sua energia e sua trajetória se esgotam. Ele *resiste aos impulsos estranhos* e, se admite forças em seu âmbito, modifica-as com um processo que relembra o conceito de *assimilação*. Mais que uma forma estática como no mundo físico, o turbilhão é essencialmente o desenvolvimento de um dinamismo. Sua essência, como na vida, está no devenir e mantém-se perfeitamente equilibrado numa transformação contínua. Há nisso algo do futuro psiquismo. Os materiais constitutivos são forma exterior e efeito, mais do que causa determinante: de fato, esses *materiais mudam constantemente*, ao passo que a forma, apesar de sua mutação, permanece idêntica a si mesma. O tipo da forma permanece, embora esta se modifique e também o material constitutivo que a atravessa. Este transforma-se numa correnteza contínua, que já vos fala daquele metabolismo, nota fundamental do mundo orgânico. Este se apresentará com sua característica fundamental de saber absorver e utilizar as energias ambientais disponíveis.

No turbilhão existe, portanto, uma *troca*, um poder de *assimilação* e, em sua *capacidade de resistir* aos impulsos externos, existe, em embrião, o que será o *instinto de conservação*. O vórtice eletrônico é simplesmente um turbilhão. O que atravessa seu sistema cinético são os átomos em constante substituição, na qual, eles se transmitem os caracteres essenciais, que não são os de suas propriedades físicas e químicas, mas aqueles que o sistema cinético, em que esses átomos são presos, confere a seu íntimo movimento. A natureza, já dada, daquele sistema, é uma capacidade, a priori, de entrar diversamente em combinação, segundo os vários tipos de movimento que o ambiente oferece. Isso será a capacidade de escolha, ou o poder de transformar diversamente, segundo o tipo orgânico, os próprios materiais do mundo exterior (mesma substância formará tecidos diferentes e órgãos, de acordo com o organismo que os tiver tomado em circulação). O *princípio de inércia*, que dirige este como todos os outros sistemas cinéticos, contém o germe da *resistência às variações* e do *misoneísmo*. Nesta absorção de materiais existe também projeção de forças e comunicação com o exterior por parte da individuação; o vórtice não é mais sistema cinético fechado, mas aberto; esses caminhos abertos para o exterior serão os *caminhos da sensibilidade e da percepção* que permitirão, num primeiro nível, simplesmente orgânico, a síntese protéica; depois, a assimilação; num nível mais alto, o acréscimo contínuo daquele núcleo psíquico, já que o turbilhão o contém em germe, até a maravilhosa dilatação de consciência que o homem alcançou, e além disso. O turbilhão tem uma *vontade de reação* que não é apenas resistência à deformação, mas é princípio ativo, que projeta para o exterior e modifica o ambiente; eis o germe da *atividade humana* que, modificando-se de acordo com as circunstâncias, por sua vez as modifica; é o germe da *adaptação*, de papel tão importante na variedade das espécies. Na natureza das formas dinâmicas (onda, direção, expansão) encontrais o primeiro germe daquele impulso que se transformará em *vontade*. No turbilhão, como na vida, existe um contato contínuo entre o interior e o exterior, essa permuta de ações e reações, esse escorar-se de impulsos e contra-impulsos, que sustentam a caminhada da evolução.

Mas não basta. O turbilhão possui não apenas a capacidade de resistências às deformações, aos desvios e à vontade de reação, mas também capacidade de *registrar os movimentos* que absorve e de *conservação dos mesmos* em seu âmbito, embora

transformados para adaptá-los a si mesmo. Eis novos germes. Não apenas sensibilidade e percepção, mas a *memória das impressões e a capacidade de fixá-las* na personalidade e nas características da espécie, quer em modificações orgânicas, quer em capacidades psíquicas (automatismos, gênese dos instintos). (Aliás, que são os automatismos, senão movimentos introduzidos e estabilizados, por ação prolongada, no organismo cinético do vórtice?). Capacidade de assimilação de impressões e, portanto, possibilidade de que aquela *concentração cinética*, em que a forma reduz-se a *semente*, contenha a gênese de todas as características adquiridas e a possibilidade de fazê-la, de novo, voltar a realizar-se e desenvolver-se (a criança é vivaz porque está no período de descentralização cinética. O adulto é mais profundo e vivaz, isto é, não física, mas psiquicamente porque a decentralização cinética penetra nas camadas mais profundas). A esses *movimentos documentários*, que resumem todo o passado vivido, deve-se a possibilidade da evolução.

O turbilhão tem uma *vontade própria de penetração*, uma vontade de permanecer em sua forma e de progredir em sua trajetória, tal como o ser vivo; vontade que se esgota como neste e como em qualquer transmissão dinâmica. O processo de degradação, pelo qual as qualidades úteis da energia transformam-se num refinamento de valores, é constante na vida, desde seu início até suas formas mais altas. O turbilhão nasce, vive e morre. Sabe contornar os obstáculos, conhece a lei do mínimo esforço, reconhece as resistências, luta com elas e desgasta-se. *Cansa-se no esforço e extingue-se.* Simples princípios dinâmicos, mas levados até às portas da vida. O turbilhão está saturado de eletricidade, daquela eletricidade de que conheceis os poderes de análise e de síntese, a forma máxima de β, contígua a α; a forma de energia que encontramos presente e fundamental nos fenômenos da vida. Ao morrer, o turbilhão restitui ao ambiente não apenas o material físico que o constitui, mas também sua energia interior, o motor do sistema, sua pequena alma rudimentar. A indestrutibilidade da substância é universal. Como poderia, justamente na morte do animal e do homem, anular-se o princípio animador? É absurdo, pois seria a anulação de todas as leis do universo. Ao evoluir, o princípio vorticoso se reforçará de tal modo que não se perderá com a morte, mas será reabsorvido no campo dinâmico do ambiente e sobreviverá, não só como substância, *mas também como individualidade*. Essa sobrevivência será cada vez mais evidente e decisiva, à proporção que o princípio evoluir, consolidar-se e espiritualizar-se, deslocando para seu interior seu centro cinético; sobrevivência que se reforça e se define cada vez mais, mediante infinitas gradações, desde as formas vegetais, animais e humanas e, desigualmente, nos diferentes tipos de homens mais ou menos adiantados, e além. Daí podemos dizer, desde logo, que a morte não é igual para todos, pois nem todos sobrevivem igualmente à morte física, mas com diferente poder de consciência, de acordo com o grau de α que tenha atingido. Uma última afinidade é encontrada no *poder de cisão* ou desdobramento dos turbilhões e de *fusão* de dois em um, fenômenos que, nos sistemas vorticosos eletrônicos, preludiam aquilo que será, mais tarde, a reprodução por cisão e a reprodução sexual. Os turbilhões podem fundir-se, desde que seus movimentos elementares não apresentam diferenças inconciliáveis de constituição cinética.

Todas essas observações vos mostram como, no turbilhão, podeis comprovar a existência de todas as características daquele sistema cinético vorticoso, o primeiro centro de origem eletrônica que gera a vida, e como ele já contém em germe as notas fundamentais do mundo biológico. Esse fato indiscutível constitui uma prova que não podeis recusar, da mesma natureza e da contiguidade evolutiva dos dois fenômenos afins: movimentos vorticosos e vida. Torna-se por isso evidente, também nesta prova, aquela íntima natureza cinética que lhe propicia a explicação mais profunda, tal como ocorreu relativamente aos fenômenos da matéria e da energia. Esta minha visão do problema biológico mostra-vos, também, como ele será colocado por mim e desenvolvido. Ou seja, não como classificação botânica nem zoológica, mas como estudo da manifestação progressiva, descentralizadora do princípio da vida.

Meu pensamento caminha no âmago das coisas, aderente à substância dos fenômenos e quero mostrar-vos não a série das formas visíveis que já conheceis, e sobre as quais portanto é inútil demorar-me, mas o porquê delas, suas causas, as metas e o desenvolvimento interior do princípio cinético da Substância. Este princípio, embora transformando-se e ficando sempre idêntico a si mesmo, sabe tornar-se tudo no mundo dos últimos efeitos, acessível a vós. Somente desse modo serão solúveis muitos problemas psíquicos e espirituais, já que sua forma externa, a única que observais, jamais será suficiente para dar-vos a chave. Veremos, dessa maneira, pelo progresso da evolução, pela maturação dos fenômenos, pelo desenvolvimento dos sistemas cinéticos da Substância, a forma de espiritualizar-se e liberar-se, os envoltórios tornarem-se sutis e caírem. Os princípios de ascensão espiritual das religiões serão demonstrados por um processo racional, com lógica materialista. As supremas realidades do espírito, que vos aproximam de Deus, serão atingidas por um caminho que vos parecia imensamente longínquo: o da ciência objetiva.

58. A ELETRICIDADE GLOBULAR E A VIDA

Continuemos na direção que seguis, do interior para o exterior, e observemos a forma sensória com que o dinamismo dos movimentos vorticosos se reveste. Encontraremos no último limite das espécies dinâmicas e no limiar do mundo biológico, uma primeira unidade orgânica que justamente resume em si as características que observamos, comuns aos sistemas vorticosos e aos fenômenos biológicos. Essa primeira unidade vos é dada pela *eletricidade globular*. Nesta unidade, tendes a primeira organização de um sistema de vórtices, com uma primeira especialização embrional de funções. Dela nascerá a primeira célula, que englobará em si todos os movimentos vorticosos determinantes e lhes conservará em germes as características, verdadeira síntese dinâmica e síntese química, síntese de forças e síntese de elementos, em que sistemas atômicos combinam-se nos sistemas vorticosos e os átomos nas moléculas, arrastadas pelo recâmbio protoplasmático. Pelo princípio das unidades coletivas, à diferenciação sucederá paralelamente uma reorganização em unidades mais amplas, com especialização progressiva de funções. As células formarão tecidos e órgãos e, como no vórtice primitivo, uma proporcionada psique ou princípio cinético diretor, de origem elétrica, presidirá o funcionamento de cada unidade. Isso, até que, na evolução, superada essa fase e fixada definitivamente no subconsciente a fase

consciente de formação, a unidade ascenda à fase superior da consciência humana, que se sente a si mesma no âmbito de sua ação, apenas enquanto esta é trabalho de construção. Já vimos para que metas superiores ela se dirige. Mas, como sempre, o que importa na vida é o princípio determinante das forças: é acompanhar *a evolução das causas* e não, como fazeis, a *evolução dos efeitos* (evolução darwiniana).

Vimos como a energia elétrica, isto é, a onda dinâmica mais degradada, constrói, ao penetrar no edifício atômico, o sistema vorticoso. Não se confunda esse processo com a normal introdução de energia "não degradada" nos sistemas atômicos já constituídos, que assistis em qualquer transmissão dinâmica (raios solares etc.). O sistema vorticoso, aberto pela própria natureza, comunicante com o exterior, com dois pólos e todas as características que veremos, era o sistema mais apto a unir-se, entrando em combinação cinética, com outros vórtices semelhantes. O equilíbrio estabilizou-se gradualmente, pelas próprias qualidades intrínsecas desse tipo de movimento, num sistema de vórtices comunicantes e nasceu o primeiro organismo coletivo. Não ainda célula, não ainda propriamente vida, essa unidade de natureza ainda essencialmente dinâmica, organismo de força que se demora no limiar do novo mundo biológico; já contém todos os germes do iminente desenvolvimento. Ele viveu em vosso planeta verdadeira forma de transição de β e α e hoje já esgotou sua função biológica. No entanto, ainda dele sobrevivem traços e podeis observá-los para deduzir as suas características. Isso porque a natureza não esquece, não anula jamais definitivamente suas formas, e a lembrança das tentativas ressurge, embora irregularmente. *O raio globular* é um organismo dinâmico de constituição eletrônica, que em alguns casos podereis observar. Longínquo descendente dos tipos mais poderosos, dos quais nasceu a célula, hoje ele possui, naturalmente, um equilíbrio instável, transitório; uma persistência curta de vida e uma tendência a desfazer-se. Embora organismo efêmero, que raramente reaparece por lembrança atávica, o aparecimento e o comportamento do raio globular são fatos de vossa experiência. Podeis, então, comprovar *quantas afinidades* apresenta esse primeiro ser com os *movimentos vorticosos* de que é filho, como também com *os fenômenos da vida*, que ele já tem em germe. Colocado entre esses dois fenômenos, que ele liga por continuidade, o raio globular naturalmente apresenta as mesmas características comuns a ambos, como vimos. Com esse novo termo, fechamos a cadeia que vai da *eletricidade*, última espécie dinâmica — onda degradada — ao *vórtice eletrônico* que ela determina na matéria, até o primeiro organismo de vórtices eletrônicos — o sistema elétrico fechado do *raio globular* — e, depois, *à célula*, com a qual entramos na *vida*.

O raio globular, então, é um sistema elétrico fechado, nova unidade coletiva, formada pela combinação e associação de sistemas vorticosos, gerados pela penetração eletrônica nos sistemas cinéticos atômicos, mantidos ligados em unidades pelas relações recíprocas ativo-reativas (até mesmo sua forma é a de um sistema de forças fechado e equilibrado). Neste caso, a onda dinâmica degradada assume novo modo de ser. Sua trajetória aprofundou-se com os trens eletrônicos nos sistemas atômicos; fundiu-se com eles; seu movimento muda de forma: não se transmite, mas volta-se sobre si mesmo; o sistema cinético que preludia a vida está profundamente mudado e é essencialmente diferente. A trajetória da transmissão dinâmica muda de direção: a eletricidade não se projeta mais de um pólo a outro, mas se fecha em si mesma, num *circuito fechado*, que se mantém enquanto a estabilidade do sistema não desmorona pela intervenção de forças externas. Esta é a construção cinética do raio globular. Mas se, de um lado, ele é um organismo de forças, próximo das forças dinâmicas de que *proveio*, doutro lado, excita a matéria, arrasta consigo os sistemas atômicos, e reveste-se de matéria como de um corpo.

Esses fenômenos de transmutação, reduzidos à sua natureza cinética substancial, são bem compreensíveis. Entramos, agora, na química. Os corpos simples, encontrados primeiro pela onda elétrica degradada, em sua passagem, são os elementos da atmosfera. Pela introdução eletrônica, eles são elaborados; o sistema cinético múltiplo do raio globular torna-se um centro de elaboração química. Colidindo com a estrutura íntima do átomo, a energia pôde concentrar ao redor de seu impulso a matéria encontrada; o *impulso*, ou sistema genético, ficará sendo a força diretriz da vida, o *psiquismo* animador da forma; a *matéria*, arrastada num entrelaçamento de combinações químicas cada vez mais complexo, estabilizar-se-á em unidades cada vez mais compactas, em formas cada vez mais estáveis e constituirá o *corpo*. Assim, a vida formará o seu suporte, bastante estável para iniciar sua evolução. Com um processo contínuo diretivo, de dentro para fora (direção tangível dos fenômenos vitais), operará a sua transformação progressiva.

Com isso, a eletricidade pôde condensar os elementos do ar. Ora, sabeis que o ar contém justamente os quatro corpos fundamentais — H, C, N, O — que encontrais na base dos fenômenos da vida. Eles apresentam a propriedade de existirem no estado gasoso na atmosfera — *Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio e Oxigênio*, representados pelo Nitrogênio e Oxigênio em estado livre, e os outros pelo estado de vapor de água (H_2O) e de gás carbônico (CO_2) — prontos para encontrar toda a série de corpos secundários, que os ajudarão a formar o protoplasma definitivo. Ora, vimos exatamente que esses corpos, por sua característica de possuir *pesos atômicos baixos, são os primeiros a serem introduzidos no círculo vital*. Assim, pois, a série dos trens eletrônicos da onda dinâmica degradada, ao chegar dos espaços, encontrou-se em primeiro lugar com os sistemas atômicos de estrutura cinética mais simples, ou seja, com menor número de órbitas eletrônicas, os mais fáceis de serem penetrados e transformados em sistemas vorticosos, isto é, em outros tantos germes de vida. Os átomos desses quatro corpos, mais obedientes e flexíveis ao impulso da energia radiante que chegava, foram dessa forma mais facilmente encontrados e escolhidos; por isso, constituem os elementos fundamentais da vida. Verificais que é caráter essencial e comum a todos os compostos orgânicos o conter *Carbono* como elemento mais importante e, com ele, *Hidrogênio, Nitrogênio e Oxigênio*. Toda a química orgânica está baseada nos *compostos de Carbono*. Este possui as qualidades que o tornam particularmente apto às funções da vida, como sejam: grande *elasticidade química*, isto é, a faculdade de combinar-se com elementos químicos mais disparatados, o que lhe confere excepcional fecundidade de composições; *inércia química* transmitida também aos corpos aos quais se une, funcionando como resistência nas reações, constrangendo-as a uma lentidão de movimentos que não é usual no mundo da química orgânica. Por essa sua tendência a eliminar as transformações brutais — que nas substâncias minerais conseguem de repente a forma de equilíbrio mais estável — *o Carbono pôde tornar-se o elemento mais apto para o fundamento químico da vida*. Através dele pôde assim nascer uma química instável e progressiva, de cadeias dinâmicas abertas, em que as capacidades do Carbono são largamente utilizadas e onde as encontrais todas. Foi por essas razões íntimas — isto é, pelas qualidades intrínsecas do material constitutivo — que a vida terrestre assumiu a forma de metabolismo que lhe é fundamental. Imaginai outros aglomerados e centros de matéria, em que os próprios

elementos químicos estejam diferentemente dispostos, ou amadurecidos, e compreendereis as formas infinitas, nas quais o próprio onipresente princípio da vida pôde ter-se desenvolvido no universo.

Por isso, pôde nascer na Terra uma química nova, lenta mas essencialmente dinâmica, com deslocamentos contínuos de equilíbrio e que, mesmo estando sempre em movimento, jamais atinge a estase definitiva. Sobre essa química mutável, especialíssima, puderam basear-se os processos da vida e de sua evolução.

Vede como, nestes seus primeiros movimentos, encontrais o germe das características fundamentais que, mais tarde, acompanharão sempre todos os fenômenos biológicos e são as únicas que poderão permitir sua progressiva transformação ascensional. O impulso originário encontrou, dessa maneira, os elementos aptos para permitir seu desenvolvimento e pôde, assim, desenvolver-se e desenvolveu-se em vosso planeta. *A química de equilíbrio estável, da matéria, transformou-se, desse modo, na química de equilíbrio instável da vida*; a ordem estática transformou-se em ordem dinâmica. Isto prova que a vida é uma fusão de dois mundos, pois enquanto é matéria é, ao mesmo tempo, fecundação desta, por obra de um princípio dinâmico superior, a energia. O corpo, feito de barro, recebeu a alma do céu, o sopro divino.

Por sua maravilhosa plasticidade, o *Carbono é a protoforma da química da vida*. As condições da atmosfera primitiva eram, nas relações da gênese da vida, ainda mais favoráveis que no presente: muito mais rica de ácido carbônico, que era abundantíssimo; mais densa, quente, carregada sobretudo de vapor d'água, oferecia (também como elasticidade química de u'a matéria mais jovem e menos estabilizada) condições de todo favoráveis que, agora, desapareceram, pela condensação e a gênese das matérias protoplasmáticas. Assim, na primeira idade da Terra, os elementos minerais primitivos, água, gás carbônico, nitrogênio, são arrastados em combinações cada vez mais complicadas da química orgânica, e a matéria mineral do ambiente é progressivamente conduzida até a estrutura protoplasmática. Hoje encontrais o mesmo processo na assimilação que os vegetais operam, partindo dos elementos minerais primitivos, isto é, na *síntese das proteínas*, realizada a partir das substâncias inorgânicas, naqueles laboratórios sintéticos que são as plantas. Com a circulação da água, que permite a utilização do nitrogênio nela dissolvido, e com a introdução do anidrido carbônico (utilização do Carbono contido na atmosfera), são admitidos no movimento vital os quatro elementos fundamentais que vimos.

O primeiro organismo cinético em que se iniciou essa síntese química foi o *raio globular*. Os primeiros corpos introduzidos no novo sistema dissemos que foram os de peso atômico mais baixo, que existiam em estado gasoso na atmosfera. Esse foi, exatamente, o berço em que tudo estava pronto para o desenvolvimento do novo organismo de origem elétrica a circuito fechado. Embora ele hoje não apareça, pelas condições ambientais modificadas, senão como instável lembrança atávica, podeis *verificar sua densidade aproximando-se à do Hidrogênio*; como deveria *ser*, por sua estrutura atômica, *o primeiro elemento movido pela radiação elétrica*. Com efeito, nos casos que podeis observar, verificareis que esses globos elétricos "bóiam" no ar, isto prova que sua densidade é menor, ou quase igual a da atmosfera, como é justamente a do Hidrogênio. *O primeiro material biológico foi, então, o hidrogênio*, ao qual depois outros se acrescentaram. Este o primeiro corpo de que se vestiu a energia: seu primeiro apoio na Terra. Um corpo leve, gasoso, à espera de condensação e de combinações. O raio globular é constituído de Hidrogênio, a mais simples expressão da matéria renovada por novo, e poderosíssimo impulso dinâmico.

Doutro lado, o raio globular tem todas as *características fundamentais de um ser vivo*. Se observardes seu comportamento, vereis que ele emite uma luz que lembra a fosforescência; possui uma *individualidade* própria, distinta da do ambiente; *uma persistência*, embora hoje relativa, dessa individualidade: uma espécie de personalidade. A explicação de seus movimentos lentos, próximos do solo, que parecem evitar os obstáculos, sem nenhuma tendência a aproximar-se dos metais e dos corpos condutores, não pode ser dada por nenhuma lei física. Ele desloca-se no ar por sua própria *vibração periférica*, a primeira extrinsecação cinética em que se manifesta a vida, a expressão desse rudimentar psiquismo que a dirige. Há nele algo dos cílios vibráteis dos infusórios, num impulso que parece *vontade*, como uma *escolha*, uma *previdência*, uma possibilidade de tomar conhecimento do mundo exterior e de dirigir-se conscientemente, quase com memória dele: alvorece o psiquismo em suas qualidades essenciais.

Agora que conheceis a íntima estrutura cinética do sistema, estrutura dos movimentos vorticosos abertos e comunicantes, em relações de ação e reação, com as moléculas externas, a esse sistema, não vos parecerá absurdo pensar que a superfície do globo elétrico seja a sede de movimentos especiais e coordenados. Essas características da vida nós as encontramos existindo todas nos movimentos vorticosos, de que está intimamente constituído o raio globular. Lógicamente, pois, encontrá-lo-eis também nele. Isto prova a *conexão* entre sistema vorticoso, raio globular, e primeira unidade protoplasmática da vida. Encontrareis no raio globular também outras características dos movimentos vorticosos, como a capacidade de *cisão*, em dois, e de *reunião*, como ocorre nos vórtices. Existe, portanto, a possibilidade de *multiplicar-se* em sistemas que se aproximam da reprodução por cisão e sexual. Muitas vezes ele ricocheteia, mostrando, ao mesmo tempo, a íntima *coesão unitária* e a *elasticidade*, próprias da vida, tanto quanto dos movimentos vorticosos.

O raio globular *decompõe sua unidade*, restituindo, como na morte biológica, sua energia interna. Apenas ocorre que sua morte é mais violenta, de forma explosiva, porque a restituição da energia é mais rápida. É lógico que seja assim, porque esta se encontra ainda mais em suas primeiras e mais simples unidades orgânicas; portanto, não é contida pelas tramas de uma complexa estrutura química. Na vida, o sistema de movimentos vorticosos é mais complexo: existe tal entrelaçamento na estrutura orgânica que, de passagem em passagem, a energia tem de seguir mutações laboriosas, antes de desemaranhar-se e atingir o ambiente externo. Por isso, tendes aqui, na morte, uma restituição de energia mais lenta e progressiva. Assim, por explosão, extinguem-se essas criaturas efêmeras, último retorno das formas superadas, das quais nasceu a vida.

Mas em condições elétricas e químicas mais adequadas, no mesmo momento da evolução, em que a substância estava madura e pronta para sua transformação, as primeiras tentativas de equilíbrio puderam estabilizar-se e o raio globular pôde evoluir até a forma protoplasmática. Os casos esporádicos que hoje podeis observar são apenas esboços de reconstrução daqueles proto-organismos, em que começou a atração e a elaboração dos elementos para a química orgânica, verdadeiros laboratórios para a síntese da vida. Os casos mais estáveis, os organismos mais resistentes, os mais favorecidos pelas condições do ambiente, *sobreviveram*. Com a mesma prodigalidade com que a natureza multiplica e espalha hoje seus germes, para que só um pequeno

número sobreviva, surgiram miríades desses globos leves, em que a vida começava a despertar e estava latente o germe de suas leis. Eles ainda vagavam à mercê das forças desencadeadas, numa atmosfera densa, quente, carregada de vapores d'água, de gás carbônico, primeiras luzes incertas, mas contendo a potência da vida. Era a hora indecisa, crepuscular, a hora das formações, em que o mundo dinâmico em plena eficiência, mas convulsionado pelos mais poderosos desequilíbrios, tentava novos caminhos, assomava desordenadamente às portas da vida.

Esses globos de fogo eram, então, os únicos habitantes do planeta; não excepcionais e instáveis como hoje, mas numerosíssimos e estáveis. Nem todos explodiam (morte violenta acidental). O íntimo movimento vorticoso tornava-se cada vez mais compacto. A condensação de u'a massa gasosa das dimensões de um dos raios globulares, que por vezes tornam a formar-se na Terra, vos mostra um volume da ordem de grandeza das primeiras massas protoplasmáticas. Assim mudou o peso específico e o primeiro organismo não pôde mais flutuar no ar. A onda gravífica incorporou-se à matéria que, lembrando-se, respondeu ao apelo íntimo; *a condensação foi atraída e caiu*. Mais pesados em virtude da condensação, as miríades de germes da vida cairam, arrastados pelas chuvas; caíram nas cálidas e vaporosas águas dos oceanos. A protoforma da vida chegara a seu berço. A matéria recebera o sopro divino: agora tinha de viver. As águas, sobre as quais se movera o espírito de Deus, tornaram-se a sede dos primeiros desenvolvimentos, que só mais tarde atingiram as terras emersas. O íntimo sistema do primeiro germe estabilizou-se cada vez mais, absorveu e fixou em seu ciclo novos elementos, complicou-se em seu íntimo metabolismo, agigantou-se, esboçou suas primeiras formas que foram vegetais, simples algas marinhas; diferenciou os primeiros traços característicos das várias ramificações dos sistemas biológicos. Assim, da matéria, retomada no turbilhão dinâmico, animada por novo impulso em forma de germe elétrico caído do céu, nasceu a vida.

Não ouseis pensar na possibilidade de poderdes refazer uma *síntese química da vida*; de dominar o fenômeno sagrado, em que as maiores forças da evolução foram empenhadas. Desses tempos até hoje, a evolução realizou caminho incomensuravelmente longo e sua linha é irreversível. Para vós, é absolutamente impossível reproduzir condições definitivamente ultrapassadas. A fase que a energia atravessava então, era um estado substancialmente diferente do atual. A estrutura íntima da forma dinâmica, eletricidade, qual a observais, não possui mais aquelas propriedades, nem mais as possui o ambiente de ação. Hoje, a energia já viveu suas fases, como as viveu a matéria e, como está, encontra-se estabilizada em suas formas definitivas. Esses desequilíbrios de transição, esses momentos intermediários, essas fases de tentativas e de expectativas estão ultrapassadas nesse campo. Esses tipos já estão realizados e o transformismo evolutivo ferve alhures. No presente, a hora é de *criações espirituais*; matéria e energia esgotaram seu ciclo, não podeis mudar as trajetórias invioláveis dos desenvolvimentos fenomênicos. Pensai, além disso, que vós sois esse mesmo princípio que quereis dominar, levado a um nível superior. A Lei, que também vós representais, não pode voltar-se sobre si própria, para modificar-se a si mesma. Vós sois um momento do devenir do todo, desse momento não podeis sair.

Verdadeiramente, não imaginais o que quereis, nem o alcance de tal fato, nem que imensa e absurda desordem constituiria isso. Que significaria uma gênese artificial da vida hoje? O simples fato de acreditá-la possível vos mostra que não tendes a mínima idéia do funcionamento orgânico do universo. Essa gênese presume todos os períodos de maturação, períodos igualmente amplos de sucessivo desenvolvimento. Poder-se-ia hoje, sem preparação, iniciar novo processo evolutivo, para conduzi-lo num planeta que já começa a envelhecer-se? Os fenômenos são sempre dirigidos por uma causa determinante e com uma finalidade elevada e longínqua a atingir. Infelizmente fizesteis da ciência um conceito utilitário, prático, e credes que ela é acessível a todos e por qualquer meio. Ao invés, eu vos digo que o domínio dos fenômenos e o poder de determiná-los corresponde a leis precisas de maturação individual e coletiva, e não podem ser concebidos senão pelos detentores de elevação espiritual e de evolução da personalidade. Eu vos digo que, mesmo na ciência, há zonas sagradas, das quais temos que nos aproximar com senso de veneração e oração.

Só podemos caminhar em equilíbrio estável entre causa e efeito, neste campo do conhecimento em que se movimentam forças tremendas. Acreditais facilmente demais na possibilidade da loucura do arbítrio numa ordem suprema, tão complexa e perfeita! O domínio de fenômenos semelhantes vos daria poderes imensos. Que garantia pode dar vossa moral, ainda tão atrasada? Por isso, os fenômenos fundamentais e os pontos estratégicos da evolução permanecem guardados e protegidos zelosamente, contra vossa desastrosa intromissão, porque vossa ignorância é vossa impotência.

Não vos parece absurdo que um organismo de leis tão profundas, perfeito na eternidade, possa estar tão incompleto e ser tão vulnerável, que deixe aberto o flanco à possibilidade de subversões arbitrárias? Achareis natural que, dentro de uma ordem suprema, em que o equilíbrio reina soberano, exista também um feixe de forças especializadas na função de proteger as partes mais vitais do organismo, a fim de afastar qualquer violação, de anular qualquer causa de desordem, como seria, neste caso, exatamente vossa psique ou vontade, totalmente deseducada para o domínio consciente de semelhantes forças.

Como vossa vida tem sua sensibilidade e seus instintos, tanto mais despertos quanto mais vital o ponto que deve ser protegido, assim o universo tem suas defesas sempre prontas e em ação, pelo mesmo princípio de conservação e de ordem que vos sustenta.

59. TELEOLOGIA DOS FENÔMENOS BIOLÓGICOS

(Teleologia = Estudo da Finalidade)

A vida: panorama sem limites. Filha da energia onipresente, a vida está em toda a parte no universo, nascida do mesmo princípio universal e diferentemente desenvolvida, como resultante exata do impulso determinante e das reações das forças ambientais. *Pambiose*, não por transmissão de esporos ou de germes por via interplanetária e interestelar, mas pela onipresença da

grande mãe, a energia — o princípio positivo, ativo que se une à matéria, princípio negativo e passivo. O germe do psiquismo desceu como raio do céu nas vísceras da matéria, que o estreitou em seu seio, num profundo amplexo, envolvendo-o em si, dando-lhe um corpo, uma veste, a forma de sua manifestação concreta.

Vós mesmos sois esse fenômeno, mas sabeis que — desde as limitadas plagas do universo — a vida irmã, filha da mesma mãe, responde. Cada planeta, cada sistema planetário, cada estrela está plena dela, nas mais variadas formas, com meios e finalidades diversíssimos. Abandonai vosso piedoso antropomorfismo, que vos considera centro do universo e únicos filhos de Deus; abri os braços de par em par a todas as criaturas irmãs, afinai com elas vosso canto e vosso trabalho de ascensão. Subir, subir — eis a grande paixão de toda a vida — para um poder e uma consciência que não aceitam limitações. Mesmo em vossa Terra, desde os primeiros microorganismos, esta é a aspiração constante, a vontade tenaz da vida.

Olhai em torno de vós. O panorama da vida terrestre, só por si, é imenso. A profusão dos germes, a potencialidade das espécies é tão grande que, sem a reação dos germes e espécies opostas ou concorrentes, uma só delas bastaria para invadir todo o planeta. A vida é tão frágil, tão vulnerável e, no entanto, tão poderosa, que é praticamente indestrutível. Observai os tesouros de sabedoria, como são profusos em suas formas. Quanta perspicácia sutil, que requintes de astúcia, que resistência de meios, que complexidade de arquitetura na construção orgânica, que economia e exatidão na divisão do trabalho e, ao mesmo tempo, que elasticidade! Vedes sintetizada na vida a mais alta sabedoria da natureza. Como seria possível que fenômenos reveladores de tão profunda inteligência e sabedoria, diante das quais a vossa se desorienta, tivessem acontecido assim, irracionalmente, e fossem filhos do acaso? Como a ciência lógica e racional pôde ser tão vergonhosamente míope, a ponto de não perceber o grande conceito que transborda sobre todos os fenômenos da vida e sua finalidade superior, que tudo explica e dirige? Que desastre quando quiseram trazer essas aberrações para o campo ético e social! O materialismo, se por um lado auxiliou o despontar de uma pseudo-civilização mecânica, atrasou de um século o progresso espiritual da humanidade.

Olhai em torno de vós. Do protozoário ao homem, da célula ao mais complexo organismo, é sempre idêntica essa febre de ascensão, essa vontade indestrutível de viver. Indestrutível porque sabe superar qualquer obstáculo, vencer qualquer inimigo, triunfar de todas as mortes. Em toda parte um supremo instinto de luta, para sustentar o fenômeno máximo, cuja conservação despendem-se prodigamente todos os recursos e inteligências da vida. Em seu redor a natureza trepidante acumula todas as suas conquistas e todas as suas defesas. Se existe uma lógica na natureza, como vo-lo demonstra cada fato, como seria possível que, diante da finalidade suprema, falhasse essa lógica, renegando-se, quando em todas as ocasiões mostrou-se presente, com indomável vontade e assombrosa sabedoria?

Vós vos perdeis no pormenor; o particular vos afoga. Observais o átimo fugitivo, não a totalidade do fenômeno no tempo. Desanima-vos o choque da dor, a falência de um caso. No dédalo da grande complexidade fenomênica, vossa consciência não sabe orientar-se: sente-se impotente diante da compreensão das grandes causas. Então dizeis: por que, por que viver? O animal, como o homem inferior, cuja consciência não sabe ultrapassar o nível da vida física, não faz essa tremenda pergunta. Mas ela assinala o primeiro despertar do espírito, sob o chicote da dor. Os choques atômicos e dinâmicos, neste nível, tornam-se paixão e dor. Com o mesmo cálculo exato de forças, determinam-se fenômenos e criações de ordem psíquica. Quando o ser se pergunta por que? então surgiu na vida uma criatura nova: o espírito. Na dor ele evoluirá gigantescamente.

Por que viver? Por que sofrer? Não! Não basta o círculo de vossas coisas humanas: paixões, ilusões, conquistas e dores, para dar uma resposta. A alma sente que, com essa pergunta, assoma às pavorosas e abismais distâncias do infinito, e treme.

As vossas filosofias, a ciência e as próprias religiões não sabem dar-vos uma resposta convincente; não vos sabem dizer o porquê de certos destinos obscuros, que parecem sem esperança, em seres puros e inocentes, destinos de condenação que parecem acusar a inconsciência na criação e a injustiça na Divindade. Não sabem dizer-vos o porquê de tantas disparidades e deficiências físicas e morais, de meios materiais e espirituais. Então acusais loucamente. Revoltais-vos com a revolta cega do homem cego que tateia nas trevas. Um triste abalo, e permanece a dor, não vencida, individual e coletivamente. Assim desenrola-se o fio de vosso destino e vós não sabeis. A sorte dos inconscientes vos guia: a de subir ignorando as leis da vida.

Levantai-vos! eu vos digo. Ensino-vos nova luta, mais elevada que essa fútil e vil que diariamente vos subjuga e vos atira inutilmente contra vosso semelhante. Ensino-vos a guerra santa do trabalho: do trabalho que cria a alma, uma construção eterna. Ofereço-vos como inimigo, não vosso semelhante e irmão, mas leis biológicas que tendes que superar; ensino-vos a conquistar novos graus da evolução e a realização, em nosso planeta, de uma lei super-humana, da qual estão banidos vileza, traição, egoísmo, agressividade. Demonstro-vos que vossa personalidade, pela própria lógica de todos os fenômenos é indestrutível; que, pelos princípios vigorantes em todo o universo, existis para o bem e a felicidade; que o futuro vos espera a todos, para cada um subir até ele, de acordo com seu trabalho. As respostas tremendas aos grandes "por quês", eu ofereço-vos naquela atmosfera de límpida logicidade, em que nos movimentamos sempre neste escrito, no qual cada fenômeno tem uma explicação natural. À mente humana falta o sentido das supremas finalidades, num mundo de fome espiritual e de perturbação geral; num momento de desorientação catastrófica eu venho dizer a palavra da bondade e da esperança. Não a digo apenas com os conceitos da fé que destruísteis: digo-a com os princípios da ciência, em que vos habituasteis a acreditar.

Aí, onde o mundo admira e venera o que vence por qualquer meio, chamo a meu lado o homem mais sofrido e desventurado e lhe digo: "Amo-te, meu irmão; admiro-te, criatura eleita". Onde o mundo apenas respeita a força e despreza o fraco que jaz derrotado, eu digo ao humilde e vencido: tua dor é a maior grandeza da Terra, é o trabalho mais intenso, a criação mais poderosa; porque a dor faz o homem, martela sua alma, plasma-a e levanta, lança-a para o Alto, para Deus. Que grande homem pode igualar-te? Que triunfador das forças da Terra jamais realizou uma criação verdadeiramente eterna como a tua?

Não maldigas a dor. Não conheces suas longínquas raízes; não sabes qual foi a última onda, impulsionada por uma infinita cadeia de ondas, que constituiu o teu presente. Num universo tão complexo, no seio de um organismo de forças regido por uma lei tão sábia, que nunca falhou definitivamente, como podes acreditar que teu destino esteja abandonado ao acaso, e o desequilíbrio momentâneo, que te aflige e te parece injustiça, não seja condição de mais alto e mais perfeito equilíbrio? Deus é tudo: não apenas o bem. Não pode ter rivais nem inimigos: é um bem maior que o mal, que ele compreende e constrange a alcançar seus objetivos. Como podes acreditar, mesmo ignorando as forças que agem em ti, que estejas abandonado ao acaso?

Não! Seja que o chames Pai, com a palavra da fé; ou cálculo de forças, com a palavra da ciência; a substância é a mesma: estais vigiado por uma vontade e uma sabedoria superiores; um equilíbrio profundo te dirige. Lembra-te de que, no organismo universal, as palavras "acaso" e "injustiça" constituem um absurdo. Não pode haver erro nem imperfeição, senão como fase de transição, como *meio de criação*. A lei da vida é alegria e o bem, mesmo que para realizar-se integralmente seja necessário atravessar a dor e o mal. Repito: "Felizes os que sofrem. Os últimos serão os primeiros".

Deus vê os espíritos, mede substancialmente as culpas, proporciona as provas às forças e, no momento exato, diz: basta, repousa! Então a terrível tempestade da dor transforma-se em serena paz, em que brilha a consciência alegre da conquista realizada; abrem-se, então, as portas do céu e a alma contempla extasiada; das tempestades emergem seres elevados a um grau mais alto de evolução. Não maldigas. Se a natureza — tão econômica até em sua prodigalidade, tão equilibrada em seus esforços — permite essa derrota, como biologicamente é a morte, e uma tal falência de tuas aspirações, como a dor, isto não pode significar, na lógica do funcionamento universal, senão fenômenos que não são nem perda nem derrota, mas incluem, escondidos neles, uma *função criadora*.

A dor tem uma função fundamental na economia e no desenvolvimento da vida, especialmente em seu psiquismo. Sem sofrimento o espírito não progrediria. *Por isso a dor é a primeira coisa de que vos falo ao ingressardes na vida*. Ela é aí colocada como fato substancial, pois é o esforço da evolução, a nota fundamental do fenômeno biológico. A dor, produzida pelo choque das forças ambientais opostas ao eu, excita-lhe como reação todas as atividades e com as atividades, o desenvolvimento. Só a dor sabe descer ao âmago da alma e arrancar-lhe o grito, com o qual ela se reconhece a si mesma; só ela sabe despertar-lhe toda a potência oculta e fazê-la encontrar, no fundo do abismo íntimo, sua divina e profunda natureza.

O mal, representado por essa lei de luta, a lei de vosso mundo biológico, lei desapiedada que pesa em vosso planeta como uma condenação, transforma-se num bem. Olhai o âmago das coisas e vereis que o mal sempre se transforma no bem. O instinto de agressão excita, como reação no agredido, o desenvolvimento da consciência, o progresso nos caminhos da ascensão biológica e psíquica.

Os seres aglomeram-se para invadir tudo, para se arrasarem mutuamente. A necessidade de constante esforço para defender-se significa a necessidade de contínuo trabalho de ascensão. Assim, *na série dos choques recíprocos e inevitáveis, a natureza recoloca a técnica em sua auto-elaboração*. Por isso, a lei brutal contém em si os meios de transformar-se a si mesma e, por sua força íntima, transforma-se na lei superior de amor e de bondade do Evangelho.

Duas fases de evolução biológica: animal-humana e super-humana. Duas leis em contraste no atual período de transição. Enquanto alvorece a nova civilização do terceiro milênio, no qual se realizará o tão esperado Reino de Deus, embaixo ainda se desencadeia a louca ira bestial humana. Mas a lei contém em si os germes do futuro, os meios para realização do seu transformismo. Jamais vedes, na natureza, as forças operarem de fora: manifestam-se de dentro, como *expansão de um princípio oculto nas misteriosas profundezas do ser*. No homem, que hoje se encontra numa grande encruzilhada de sua maturação biológica, que chega ao nível psíquico, ocorrerá a transformação e se manifestará a nova lei, já anunciada há dois milênios na Boa-Nova do Evangelho de Cristo.

Nosso Tratado entra, agora, numa atmosfera mais humana e mais cálida, mais palpitante de vossa vida, instintos e paixões. Os problemas que abordaremos estão próximos de vós, vida de vossa vida, tormento de vosso tormento. Minha palavra exalta-se em sua iminente humanidade. Aproximando-nos das formas superiores da vida em que estais, avizinhamo-nos da meta de nosso caminho, *para traçar-vos os caminhos do bem*. Demoramo-nos muito no estudo das criaturas menores, irmãs do mundo físico e dinâmico, porque elas contêm os germes. Sem elas não seria possível a existência nem a explicação dos problemas da vida e do psiquismo.

Quanto mais ampla a abertura da mente, mais se aprofunda o estudo e o pensamento, e mais se revela complexo o funcionamento do todo. Esta filosofia torna-se a filosofia do universo; não, como as outras, um sistema antropomórfico e egocêntrico, mas uma concepção que exorbita os limites do planeta, aplicável onde quer que exista a vida.

Neste sistema, a vossa ciência perde aquele seu caráter desconsolado, de viandante que caminha sem esperança de jamais chegar a u'a meta demasiadamente afastada. Nele a fé perde aquele caráter de irrealidade que aparenta, diante da objetividade do positivismo científico. Mas, por que nunca devem estender-se os braços, os dois extremos do pensamento humano? A ciência tornou-se gigante e não é mais lícito ignorá-la no seio de uma fé que não pode ser suficiente para as complexas mentes modernas, se deixada aos primitivos enunciados da concepção mosaica. Torna-se indispensável unir os dois caminhos e as duas forças; reunir os dois aspectos divididos da mesma verdade, para que a ciência não permaneça apenas um árido produto do intelecto — sem finalidade no céu, sem resposta para a alma que sofre e pergunta — e a fé não venha a ser apenas um produto do coração, que não sabe dar as razões profundas à mente que *"quer"* ver.

Estes conceitos poderão peturbar vossas categorias tradicionais, mas respondem à inevitável necessidade de salvar a ciência e a fé; pertencem ao futuro do pensamento humano e estão acima de todos os vossos sistemas, tradições e resistências, como são todas as forças invencíveis da evolução.

60. A LEI BIOLÓGICA DA RENOVAÇÃO

Com a vida, o transformismo da estequiogênese e da evolução dinâmica acelera ainda mais seu ritmo. A trajetória daquele devenir fenomênico, que estudamos nas fases γ e β, torna-se a linha de vosso destino. Matéria e energia não nascem e morrem tão rapidamente, não mudam com essa velocidade. A vida tem que nascer e morrer sem jamais deter-se, sem possibilidade de parar esse movimento mais rápido, inexoravelmente batido por um ritmo mais veloz de tempo. O equilíbrio da vida é o equilíbrio do vôo, em que a estabilidade está condicionada à velocidade. Vimos que a estabilidade das combinações químicas de

um metabolismo que se renova sempre é a característica fundamental do fenômeno biológico. Nascer e morrer, morrer e nascer, essa é a trama da vida. A constituição cinética da substância se exterioriza e aparece cada vez mais evidente, à proporção que a evolução ascende até sua forma mais alta, a vida. A matéria é tomada num turbilhão cada vez mais veloz, que a permeia em sua essência mais íntima, para que possa responder aos novos impulsos do ser e tornar-se meio de desenvolvimento do novo princípio psíquico da vida, α.

Parece-vos uma fraqueza da vida, essa fragilidade, essa contínua necessidade de reconstrução, para suprir sua contínua dispersão e desgaste; mas essa é sua força. Parece-vos que não sabe manter-se numa estabilidade constante. Ao contrário, esse transformismo mais rápido é a primeira condição de suas capacidades ascensionais, um poder absolutamente novo no caminho da evolução. Na vida, o espasmo da ascensão se torna mais intenso, rapidíssimo. O turbilhão psíquico nasce e se desenvolve cada vez mais poderoso, de forma em forma; a veste da matéria se torna cada vez mais sutil; o pensamento divino se torna cada vez mais transparente. É necessário reconstruir, continuamente, vossos corpos, e só uma troca ou recâmbio constante pode sustentá-los. Esta, que parece vossa imperfeição, constitui vosso poder. Neste ritmo rápido tendes que viver: juventude e velhice, sem jamais parar. Mas nessa corrida é indispensável experimentar continuamente, provar, assimilar, avançar espiritualmente, esta é a vida.

Poder existir à custa de uma renovação contínua significa tão somente ter que marchar, cada dia, na grande estrada da evolução. Vós vos prendeis à forma; acreditais que sois matéria; quereríeis paralisar esse maravilhoso movimento; para prolongar a ilusão de um dia, gostaríeis de parar a marcha estupenda. Mas possuís, além da juventude do corpo, a inexaurível e eterna juventude de uma vida maior, não a terrena. Naquela sois indestrutíveis, eternamente novos e progressistas, sois jovens, não no corpo caduco, mas no espírito eterno. Não deis importância às alvoradas e aos crepúsculos de um dia, pois cada crepúsculo prepara nova aurora. É lógica simplicíssima, evidente lei de equilíbrio esta, pela qual tudo o que nasce, morre, mas também tudo o que morre tem de renascer.

Não vos iludais a vós mesmos; não percais um tempo precioso no esforço inútil de tentar parar a vida. A beleza da mulher deve servir à maternidade; a força do homem é feita para desgastar-se no trabalho. Só quando não tiverdes fraudado a Lei, mas houverdes criado de acordo com sua ordem, vosso tempo *"não será passado"* e não tereis lamentações. Se pedis o absurdo, tereis que colher ilusões. Colocai-vos no movimento, não na imobilidade. Desembaraçai vosso pensamento do passado que vos prende. Superai-o. O passado morreu e contém o menos. Interessa o futuro, que contém o mais. *A sabedoria não está no passado, mas no futuro*. Só vossa ignorância pode fazer que acrediteis na possibilidade de violar e fraudar a Lei, de deter-lhe o caminho fatal. Se parais, o pensamento cristaliza-se, o tédio vos persegue, a satisfação de todas as necessidades, de todos os desejos vos torna ineptos; ócio significa morte por inanição. O repouso só é belo como pausa, como consequência de um trabalho anterior e condição de novo trabalho.

A necessidade de evoluir, imposta pela Lei, está gravada no mais profundo instinto de vossa alma: a insaciabilidade. A insatisfação que permanece no âmago de todas as vossas realizações, qualquer desejo satisfeito que vos faz debruçar para outro horizonte mais amplo, o descontentamento que vos atormenta logo que parais, o ilimitado poder de ambicionar, inato em vosso espírito, tudo vos diz que sois feitos para caminhar. Isso pode constituir ânsia e ilusão, mas é estrada de progresso, é o esforço da ascensão. A centelha, que guia vossa vida, sente a Lei, mesmo sem o saberdes; segue-a com seu instinto profundo, indelével, que jamais conseguireis fazer calar. Isso não é condenação nem ônus de ilusões. Moveis-vos de acordo com a Lei, criai substancialmente, e sentireis quanta alegria vos inundará o espírito! Ao invés, que tristeza sutil vos prende quando vosso tempo é desperdiçado! Ocasiões perdidas, posições estacionárias: o universo caminhou e ficasteis parados em vossa preguiça. A alma o sente, entristece-se e chora. Então gritais: *Vanitas vanitatum*. Mas vão sois vós: a vida não é vã.

Não desperdiceis vossas energias, não pareis à beira do caminho, não adormeçais enquanto a vida está desperta e caminha; se cada dia tiverdes sabido criar no espírito e na eternidade, se tiverdes dado a cada ato esse objetivo mais alto e mais substancial, tereis caminhado com o tempo e não direis: o tempo passou! Tereis renovado vossa juventude com vosso trabalho e não tereis envelhecido tristemente. Então não direis mais da vida: *vanitas vanitatum*.

Realizai o trabalho oferecido por vosso destino e não invejeis quem está no ócio. Vós, humildes, não invejeis os ricos e poderosos, porque eles têm outros trabalhos a fazer, outros problemas a resolver, outros pesos a suportar. Ninguém repousa verdadeiramente. Não há parada para ninguém no caminho da vida. Mas considerai-vos todos soldados do mesmo exército, encarregados de trabalhos diferentes, coordenados ao mesmo objetivo. Não invejeis aqueles cuja aparência os apresenta felizes: a verdadeira alegria não se usurpa, não se herda. Aquilo que não se ganhou não dá satisfação, não se aprecia e se desperdiça.

A alma quer a sua alegria, sua propriedade, fruto de seu trabalho; só isso é apreciado, só isso traz prazer. As vantagens gratuitas não trazem satisfação. A Lei distribui alegria e dores acima de vossas partilhas humanas, com profunda justiça. Como poderíeis ser felizes, se vossas vidas fossem mais substanciais! Por que acumular, com qualquer meio, se tudo deverá ser deixado? Considerai antes a vida como campo de adestramento, onde estais para temperar vossas forças, para provar vossas capacidades, para aprender novos caminhos, para aprofundar vossa consciência. Estais no mundo para construir não na areia, mas para edificar-vos a vós mesmos.

Não busqueis o absurdo de querer prender-vos definitivamente numa matéria instável e caduca; a troca que a vida a submete, não permite que sua imagem resista um instante. Desprezai a miragem das formas. O que existe fica e sobrevive à renovação contínua dos meios, o que verdadeiramente importa sois vós, vossa personalidade espiritual. *Não façais do mundo um fim, pois é apenas um meio*. Não invertais as posições e as funções. Não vos transformeis de senhores em servos. Caminhai. Lançai-vos à grande correnteza. A vida é feita para correr e avançar. Triste é o lamento do tempo perdido no sono, do tempo que não trouxe nenhum progresso e vos deixou para trás, estacionários; triste é o choro da alma que se vê iludida em sua maior necessidade, em que a Lei fala e exprime-se. Avançai, se não quiserdes que a correnteza vos ultrapasse e vos abandone. Sede insaciáveis, como Deus vos quer, trabalhando substancialmente, criando no bem, na eternidade.

Como podeis ser tão crianças, para acreditar que num universo tão perfeito a felicidade possa ser usurpada por vias transversas, com meios injustos? Trabalhai: procurai vossas alegrias, conquistai-as com vosso trabalho. Vossa alma jamais se alegrará com as maiores conquistas se não forem vossas, se não forem produto de vosso esforço, testemunho e medida de vossa

capacidade. Mais que o resultado exterior, a alma quer *a demonstração de seu íntimo poder, quer a prova de sua sabedoria progressiva*, quer o obstáculo para poder vencê-lo, *quer a prova constante de seu valor íntimo e indestrutível*.

O resultado prático, concreto, na economia da vida, é quase um produto secundário e de refugo. Por isso, a Lei não cuida dele e, logo que sai das mãos do homem, abandona-o à mercê de forças de ordem inferior. Como é triste ver vosso contínuo esforço inútil para realizar-vos num mundo ingrato e rebelde, para imprimirdes na matéria o sopro de vossa alma eterna! Que trágico espetáculo, o inconciliável contraste entre a vontade e os meios, entre o pensamento e sua realização! Por causa dessa correspondência inadequada, dessa incurável impotência da matéria, as maiores almas, muitas vezes abatem-se exaustas aos pés de seus ideais, altos como rochas, cujos cimos resplandecem fora da Terra. Terra móvel e vã, que recolhe a ruína de todas as vossas grandezas humanas! E como podeis ainda insistir no doloroso jogo, ou concluir tristemente que nascesteis apenas para colher ilusões?

Concebei a vida não mais na superfície, mas em sua realidade mais profunda, e se dissipará a condenação aparente; construí no espírito, que mantém eternamente as impressões, e vossas aspirações encontrarão eterna expressão.

Este ritmo mais rápido da vida, cuja essência e origem vimos no estudo dos movimentos vorticosos, manifesta-se nas formas orgânicas como uma permuta química contínua. Tal como a vida psíquica é um veículo em marcha, que avança de curva em curva, de estação em estação, sem possibilidade de parar, assim a vida orgânica é uma renovação contínua; o material de que é constituída é uma corrente. Esse material, no entanto, no seu conjunto, é sempre o mesmo, move-se circulando de organismo em organismo. A vida é feita de unidades comunicantes, ligadas em indissolúvel vínculo por contínuas permutas do material constitutivo. Como um rio, em que sempre mudam as águas, assim o ser se mantém, na mudança dos elementos constitutivos, sua própria individualidade.

A lógica vos indica a presença de um princípio superior e diferente de cada uma das partes componentes, porque *o mesmo material é plasmado diferentemente*, individualizado em diferentes formas específicas, *de acordo com a natureza do ser*, que dele se apropria. O organismo superior é uma verdadeira sociedade de células, com funções distintas, mas há uma coordenação de funções de cada uma das unidades menores diante das maiores; há uma subordinação do interesse individual ao coletivo. Os organismos superiores são agrupamentos associados, semelhantes à sociedade humana, em que existe um poder central dirigente. As unidades componentes nascem e morrem, de uma vida menor englobada no âmbito da vida maior. Basta o fato de que ela permanece constante, para demonstrar a existência em vós de uma individualidade superior e independente. Vede como à vida e ao seu desenvolvimento está subordinado todo o transformismo dos materiais tomados na sua circulação; à vida maior são oferecidas em holocausto, como a um interesse superior, todas as vidas menores que a atravessam e nela se sustentam. Contínuos nascimentos e mortes menores, coordenados num organismo que, por sua vez, nasce, morre e se coordena em organismos coletivos mais amplos; que, por sua vez, nascem e morrem, sejam espécies animais ou famílias, povos, civilizações, humanidades. A vida se organiza coordenando em unidade, de acordo com o princípio das unidades coletivas.

Embora a substância viva e morra continuamente, a vida jamais se extingue. Renovar-se é sua condição. A vida e a morte são apenas fases dessa renovação, a vida e a morte da unidade menor constituem a permuta da unidade maior de que ela é parte orgânica. Nessa rede de leis, nas quais ocorrem os fenômenos e nas quais a matéria está presa, não há lugar para absurdos, como seria o fim de qualquer unidade menor ou maior. Ao contrário, tudo se reagrupa em unidades coletivas e coordena a própria evolução, na evolução das unidades superiores, de que é o elemento constitutivo (lei dos ciclos múltiplos).

61. EVOLUÇÃO DAS LEIS DA VIDA

Essa evolução, cujo maravilhoso caminho estamos observando, é produzida, em seu aspecto conceptual, por uma transformação de princípios e de leis. As formas do ser, como as encontrais em todos os níveis (γ, β, α) são simplesmente a expressão desse pensamento em contínua ascensão. Na reconstrução desse pensamento, que atingis mediante a análise e a observação, está a síntese máxima que resume o mistério da criação. Por isso, melhor que nos entretermos no estudo das formas orgânicas — fenômeno que conheceis porque exterior e mais imediatamente acessível — é insistir na *compreensão dos princípios* que as determinam e regem o transformismo, isto é, o estudo das causas, mais do que os efeitos.

Comecemos, pois, pelo que é prevalentemente o *aspecto conceptual* dos fenômenos biológicos, o princípio diretor em sua ascensão, para depois observar *o aspecto dinâmico do devenir* das formas em que se exprime a ascensão desse princípio. O *aspecto estático* das *individuações orgânicas* está suficientemente expresso por vossas categorias botânicas e zoológicas e pelo princípio evolucionista, darwiniano das formas, já conhecido.

Nesses três aspectos, como nas fases precedentes, esgota-se o estudo da fase α. Na realidade, estão fundidos juntos, presentes em qualquer gênero e a qualquer momento, como cada pensamento está fundido na veste que o manifesta; assim vos aparecem na história do desenvolvimento ontogenético e filogenético (embriologia-metamorfologia e genealogia da espécie). Só compreendereis isso se o considerais como desenvolvimento mais de princípio que de formas, de psiquismo que de órgãos.

Por tudo o que dissemos sobre a teoria dos movimentos vorticosos e sobre a lei biológica da renovação, o movimento ou princípio cinético da substância torna-se cada vez mais intenso e manifesto e guia-nos às portas da terceira fase, α, com um conceito fundamental: o metabolismo. Vimos a sua íntima estrutura. Metabolismo, fato desconhecido em γ e em β, fato novo, que significa ritmo acelerado de evolução. Vimos que os movimentos vorticosos contêm, em germe, todas as leis biológicas. O princípio básico da indestrutibilidade da substância torna-se, na vida, instinto de *conservação*; o princípio de seu transformismo ascencional torna-se lei de *luta*. A vida manifesta-se desde seu primeiro aparecimento com a característica fundamental de atividade, de *luta pela conservação*. Esse princípio logo se divide em dois: conservação do indivíduo e conservação da espécie, a que presidem duas funções básicas: *nutrição e reprodução*.

Há uma linguagem comum a todos os seres vivos, que todos compreendem: *a fome e o amor*. Mesmo na reprodução por cissiparidade, há uma doação de si, há o germe de um altruísmo a favor da espécie. A vida aparece imediatamente, desde suas

primeiras formas, com a marca de ilimitado egoísmo; este somente cede lugar a um egoísmo diferente, o individual que apenas faz concessões ao coletivo. Trata-se de leis férreas, ferozes em seus primórdios, mas sempre equilibradas em perfeita justiça. No íntimo do fenômeno existe, como vimos, o princípio de todos os futuros desenvolvimentos e das mais altas ascensões. O embate e o equilíbrio das forças do mundo dinâmico tornar-se-ão dor e justiça nos níveis mais elevados. Conservar-se é o mais premente e sempre presente esforço da vida. Tesouros de sabedoria são dissipados, todas as astúcias, os meios mais poderosos, todos os sistemas e os mais diferentes estilos são empregados, contanto que se alcance esse objetivo. Dever supremo a que não podeis escapar, mesmo que quisésseis ficar ocioso; o instinto de conservação vos defende do suicídio, dando-vos o medo da morte.

Compreendei, porém, que se a conservação é necessidade inviolável, não pode, sozinha, constituir o fim último, porque é absurdo um ciclo fechado e estacionário de finalidade, uma vida que só tenha como meta a autoconservação. A vida não é fim em si mesma, mas meio para um objetivo mais alto: *evoluir*. Evoluir significa progredir na alegria, no bem; significa libertação das formas inferiores de existência, realização progressiva do pensamento de Deus: meta suprema que vos revela por que o fenômeno da vida está tão ciosamente protegido por leis sábias. Refleti que nela se quer, supremamente, vossa felicidade, e elevai um hino de gratidão ao Criador.

Eis o novo instinto universal e insuprimível*: a necessidade de progresso e a insaciabilidade do desejo*. O próprio hábito da satisfação, pela lei dos contrastes, base da percepção, ao diminuir a alegria, acentua a insaciável necessidade de progresso. A Lei contém em si todos os elementos do desenvolvimento futuro. Longo caminho evolutivo reunirá os germes das leis biológicas contidas nos movimentos vorticosos, com as mais altas leis da ética e das religiões. As formas primordiais evoluem. O princípio originário subsiste tenazmente, inviolável, superior a todas as infinitas resistências do ambiente que sempre o obstaculizam e nessa resistência ele se tempera. A lei baixa e feroz requinta-se. Fome e amor — primeira expressão da lei da luta pela conservação — tornar-se-ão mais tarde, através das duas formas de atividades que impõem ao ser (isto é, *trabalho e afetos*) duas qualidades elevadas e poderosas: *inteligência e coração*, que governam, nos níveis humanos mais altos, a conservação individual e coletiva. A função cria o órgão também no campo psíquico, ou seja, hábitos e qualidades. Surge imperceptivelmente, com o exercício, a nova característica que, afinal, estabiliza-se com nitidez.

Assim, a evolução fixa gradualmente suas conquistas; desenvolvendo seus princípios, diferenciando-os e multiplicando-os por diferenciação, opera no mundo dos efeitos uma verdadeira criação. *Mas, é sempre o absoluto que se manifesta no relativo, a causa única que se multiplica em seus efeitos*. Nascerão, assim, órgãos e instintos, funções novas e novas capacidades. Do primordial funcionamento orgânico, do simples princípio de permuta, subir-se-á até as mais complexas formas de psiquismo do espírito humano. Então aparecerá, por evolução, como elemento substancial na economia da vida, aquele absurdo biológico, o *altruísmo*. A lei que regula a vida assume uma forma de expressão mais elevada ou mais baixa, de acordo com o grau do ser; revela-se na medida que corresponde à potencialidade conquistada por ele*. A evolução torna cada vez mais transparente, na vida, um pensamento cada vez mais alto e transforma as leis biológicas.*

Jamais vos perguntasteis o significado do contraste tão evidente entre a lei sem piedade da luta e a lei humana mais doce, da compaixão, bondade e altruísmo? O próprio animal conhece a compaixão, mas só para si e para seus filhos. Afora esses casos, a luta é feroz, sem exceções. O esforço da evolução se realiza mediante uma seleção implacável e o triunfo cabe, incondicionalmente, ao mais forte. No homem, os objetivos da seleção são alcançados por outros meios, pelo trabalho, pela inteligência, pelos sentimentos. *Só no homem surgem essas superações e a percepção do contraste com a lei mais baixa.*

O animal ignora essas formas superiores e é atroz, sem piedade, indiferente à dor do vizinho, mas em perfeita inocência; não por maldade, mas em plena justiça, porque esse é seu nível e sua lei. O equilíbrio na consciência animal é mais mecânico, simples e primitivo; ressente-se mais fortemente das origens e ainda aparece como uma resultante de forças, sendo mais facilmente calculável em sua simplicidade do que na complexidade do espírito humano.

Nas mesmas circunstâncias, o ser humano comporta-se com liberdade de escolha e independência pessoal, ignoradas no mundo animal, justamente porque em seu campo entram em função elementos desconhecidos nos níveis inferiores. Observai em que rede de forças e de princípios se movem as formas; observai que imensas criações pode produzir um mero desenvolvimento de princípios. Só o homem olha para trás *e pela primeira vez percebe a distância que o separa do passado*, dele se horroriza porque se encontra no limiar do mais alto psiquismo, representando a forma de transição entre a animalidade e a super-humanidade, entre a ferocidade e a bondade, entre a força e a justiça. *Duas leis contíguas* e, no entanto, *profundamente diferentes. O homem oscila entre dois mundos:* O mundo animal que diz: ou comer ou ser comido, agressão, força brutal, luta sem piedade, triunfo incondicional do mais forte, pois a força física sintetiza toda a vitória nesse nível; e o mundo superior, anunciado pelo Evangelho do Cristo, a Boa-Nova, *a primeira centelha da maior revolução biológica em vosso planeta*.

Em meu conceito, fenômeno psíquico e social é fenômeno biológico, porque sempre reconduzido à sua substância, lei da vida. Neste novo mundo, *a força torna-se justiça*. *Somente o homem*, finalmente amadurecido, *pode compreender esta antecipação de realizações biológicas, reveladas pelo céu*. Jamais, desde o aparecimento da vida até o homem, fora iniciada mais profunda transformação, porque a vida animal é, apenas, uma vida vegetal mais acelerada e lhe conserva os princípios fundamentais. A lei do amor e do perdão constitui tamanha revolução substancial, que o animal não pode ficar excluído dela; diante de tão grande desenvolvimento dos princípios da vida, o ser inferior — em que tantas vezes o homem regride — pára, como diante de muralha insuperável. Esses conceitos são verdadeiramente, nesse nível, um absurdo, uma impossibilidade; direi mais, são uma impotência biológica.

Veremos como ocorre, por um sistema de reações naturais e de registros destas na consciência, *por progressiva aproximação e disciplina da força desordenada*, a transformação da lei do mais forte, na lei do mais justo; da lei desapiedada da seleção, na lei do amor. *A lei do Evangelho não é um absurdo em vosso nível biológico*; não é aquilo que, visto de níveis mais baixos, pode parecer fraqueza e falência. Nesta fase mais alta de evolução, o vencido da vida animal *pode ser um vitorioso*, porque outras forças, ignoradas naquela vida, são atraídas e postas em ação. Aparece o mundo moral, que supera, vence e reprime o mundo orgânico, arrastando-o e dominando-o em esferas superiores. Em qualquer caso, a inconcebível fraqueza da bondade, a deposição de todas as armas — base da luta pela vida — o altruísmo para qualquer ser, sobretudo para com o inimigo, transforma-

se em novo *princípio de convivência e de colaboração*, a lei do homem que se eleva a outra unidade coletiva mais alta, que se organiza em nações, sociedades, humanidades. Os homens que praticam (não os *que pregam*) esses princípios, ainda são poucos e incompreendidos. Mas aumentarão e só a eles pertence o futuro.

Mais perfeita manifesta-se a lei à proporção que as unidades menores se diferenciam e se organizam em unidades mais amplas. Cabe ao homem transformar a natureza. Direi melhor: ele mesmo é a natureza e nele a natureza se transforma. *Compete ao homem*, mudando-se a si mesmo, *realizar a transformação da lei biológica em seu planeta*; realizar, fixando, nas formas psíquicas, estas criações superiores da evolução.

Cabe ao homem o dever e a glória de responder ao grande apelo descido dos céus para o ser mais escolhido e para o produto mais elevado da vida terrestre, para que se cumpra o trabalho de transformar a natureza que ignora a compaixão, numa natureza movida por uma lei superior de amor, de fusão, de colaboração, de compreensão, de fraternidade.

62. AS ORIGENS DO PSIQUISMO

Vimos o aspecto conceptual da fase α, a evolução do princípio diretor da vida. Observemos, agora, o aspecto prevalentemente dinâmico do devenir, em que se manifesta esse princípio. Vimos transformar-se o princípio básico da luta. Vejamos, então como se exprime essa transformação nas formas de um psiquismo crescente. As três forças que sustentam as leis de conservação e evolução e se manifestam nos impulsos — fome, amor e insaciabilidade do desejo — transformam profundamente a natureza do ser, paralelamente à transformação dos princípios, porque é sua exata expressão.

Se a finalidade da vida é a evolução, logo o objetivo da evolução, com sua tendência constante à realização máxima na fase vida é *o psiquismo*. Observemos como ele surge e se desenvolve até às formas superiores humanas. Um germe do psiquismo já existe, como vimos, na complexa estrutura cinética dos movimentos vorticosos. Desde esses primeiros sintomas, até o espírito do homem, passa-se por gradações sucessivas de desenvolvimento, através das formas vegetais e animais, cujos órgãos e formas são meras manifestações de um psiquismo progressivo. Esse psiquismo crescente, que rege todas as formas de vida, é um dos espetáculos mais maravilhosos apresentados por vosso universo. Nele reside a substância da vida e a essa substância mantemo-nos aderentes. Para nós, *vida*=α, ao passo que suas formas constituem apenas veste exterior de um íntimo psiquismo. *Evolução biológica é, para nós, evolução psíquica*. Para compreender a evolução dos efeitos, é mister compreender a evolução das causas. Para nós, zoologia e botânica são ciências de vida, não um catálogo de cadáveres, e consideramos as formas apenas enquanto são a expressão do conceito que as plasmou. Não as ligamos por parentela orgânica senão onde e enquanto esta é indicadora de uma parentela psíquica mais substancial. Botânica e zoologia vós as reduzisteis a necrópoles, ao passo que são reinos palpitantes de vida, de sensibilidade, de atividade, de beleza.

Assim consideramos, desde o princípio, o problema da vida e o desenvolveremos até o fim, porque só desse modo podem ser resolvidos racionalmente todos os problemas biológicos, psíquicos, e éticos. É absurdo conceber que as formas da vida sejam objetivos em si mesmas e sua evolução não possua finalidade nem continuação, justamente onde um eterno transformismo as precede nas fases γ e β. A continuação da evolução orgânica só pode ocorrer a partir da evolução psíquica, como de fato se realiza no homem. *Este psiquismo é a meta mais alta da vida.* Seu desenvolvimento é o resultado final da permuta, da seleção, da transformação da espécie, de tão grande sabedoria, de tamanha luta, de tão alta tensão. Esse psiquismo fixa-se nos órgãos, nas formas; plasma-as, anima-as em todos os níveis, delas faz um meio para evoluir ainda mais. Nas formas da vida, o psiquismo se revela e se exprime, a partir das formas, observando-as podeis subir até o princípio psíquico, à centelha que se agita em seu âmago. Tudo isso constitui um esforço, uma ascensão dolorosa, do protozoário ao homem, sempre subindo, até os mais altos cimos do psiquismo, onde se realiza a gênese do espírito, obra maravilhosa e progressiva, em que a Divindade, princípio infinito, *está sempre presente num ato constante de criação.*

No estudo dos movimentos vorticosos, vimos como eles contêm, em germe, o desenvolvimento das leis biológicas e como a estrutura íntima cinética da vida lhes permite, desde suas unidades primordiais, admitir em sua órbita impulsos de fora e conservar seus traços em suas subsequentes alterações cinéticas íntimas. Um cálculo exato de forças existe, pois, como base dessa capacidade de conservação dinâmica, que se tornará recordação atávica, base sobre a qual se elevará a lei da hereditariedade. O ambiente externo, em que continuava a existir a matéria e a energia, ainda não elevadas à vida, representava um campo de intensa atividade cinética e se a onda dinâmica degradada tinha — ao investir a íntima estrutura atômica — gerado a vida, o ambiente externo, saturado de impulsos, continha e representava uma riqueza inexaurível de impulsos aptos a introduzir-se e a combinar-se no vórtice vital.

Logo que surgiu, estabeleceu-se uma rede de ações e reações entre a nova individuação e as forças do ambiente, desenvolveu-se aquela cadeia de fenômenos, em que se apóia e progride a evolução, e são agrupados sob os nomes de assimilação, adaptação, hereditariedade, seleção. A vida, com seu mais intenso dinamismo, respondeu a todas as impressões dinâmicas provenientes do mundo exterior. Estabeleceu-se uma permuta de impulsos e respostas. A vida adaptava-se e assimilava, acima de tudo recordava, diferenciava-se, selecionava-se. O íntimo princípio cinético enriquecia-se e complicava-se, aumentava sua capacidade de assimilação. Não se trata do nascimento automático do mais complexo provindo do menos complexo; apenas os entrelaçamentos cinéticos mais complexos permitiam a manifestação do princípio cinético, fechado em sua fase potencial. Direção, escolha, memória foram as primeiras manifestações daquele dinamismo que já agora assume os caracteres de psiquismo. Nasce a possibilidade de uma construção ideoplástica de órgãos. O princípio cinético, que emanou do vórtice íntimo, plasma para si os meios específicos para receber as impressões ambientais, isto é, os sentidos, infinitos, que progridem da planta ao homem, meio para alimentar a sensibilidade acrescida, devida à mais veloz mobilidade íntima do ser.

63. CONCEITO DE CRIAÇÃO

Compreendei bem meu pensamento, quando vos falo de desenvolvimento do psiquismo até a gênese do espírito, isto sem intervenção de uma força exterior, mas por um processo automático. No meu sistema, a Substância, mesmo em suas formas inferiores γ e β, inclui, em estado potencial e latente, todas as infinitas possibilidades de um desenvolvimento ilimitado. Compreendei que uma criação exterior e antropomórfica é absurda. Não interpreteis mal meu pensamento, nem tenteis reconduzi-lo, à força, ao materialismo, porque se lhe conserva a forma, dele se afasta enormemente na substância, chegando a coincidir nas conclusões, com o mais alto espiritualismo. Não digais: então a matéria pensa. Dizei que, na vida, a matéria, elevada a um grau mais alto de evolução, é *veículo capaz*, pela íntima elaboração sofrida, *de produzir em maior medida o potencial nela incluído*. É incomparavelmente mais científico, mais lógico e mais correspondente à realidade, este conceito da *Divindade sempre presente e continuamente operando no âmago das coisas*, precisamente na essência delas, do que o de uma Divindade que, num ato único, *num momento determinado* no tempo, à maneira de um ser humano, age fora de si, *de forma imperfeita* e, ao mesmo tempo, *definitiva*.

O Absoluto divino só existe no infinito. Sua manifestação (existir — manifestar-se) *não pode ter tido um início*. Em sua essência totalitária, *ele não age no tempo*, a não ser no sentido de um átimo de seu eterno devenir, no sentido de uma particular descida Sua no relativo, e neste sentido devem ser entendidas e são compreensíveis as Escrituras. Além disso, o fato de que verificais um transformismo incessante e uma *progressiva suscetibilidade de aperfeiçoamento* em todas as coisas, fala-vos claramente de uma criação progressiva, entendida como progressiva manifestação do conceito divino no mundo concreto e sensório dos efeitos. O conceito de prodígio, com o fito de *correção* e de *retoque*, é inerente apenas à fraqueza e à relatividade humanas, não pode aplicar-se ao Absoluto e à Divindade.

Não pode alterar-se a perfeição da Lei para espetáculo humano. O milagre, compreendido como violação e refazimento de leis, não é prova de poder, mas um absurdo que não pode existir senão na ignorância humana. Não tomeis justamente essa concessão à vossa fraqueza, como base apologética das religiões, porque com esse contrasenso, diminuís, ao invés de reforçar a fé.

Vede que tudo o que existe provém de um princípio que age sempre, não de fora para dentro, *mas de dentro para fora*, princípio oculto no íntimo mistério do ser, que aparece como sua manifestação e expressão. Igualmente antropomórfica é a *idéia do nada, inadmissível* no Absoluto. Como poderão existir zonas externas ou zonas de vazio, senão no relativo? O fato que verificais, da indestrutibilidade e da eternidade da Substância, demonstra-vos o absurdo desse nada, que é apenas uma pseudo-idéia. Deus é o Absoluto e como tal não pode ter contrários nem pontos externos: nenhuma das características do relativo. Suas manifestações não podem ter princípio nem fim. No relativo podeis colocar uma fase de evolução, mas não o eterno devenir da Substância; no finito podeis colocar-vos a vós mesmos e os fenômenos de vosso concebível, mas não a Divindade e suas manifestações. Podereis chamar *criação a um período do devenir e* só então falar de princípio e de fim. Neste sentido falam as revelações.

Compreendei-me, pois, e não vos escandalizeis deste conceito *religiosíssimo* da gênese do espírito. Este não é princípio *infuso de fora* (esta foi a fórmula necessária à tradição mosaica, para que os povos primitivos pudessem compreender), mas é princípio que *se desenvolve de dentro*, exteriorizando-se daquele centro profundo, no qual deveis comprovar que está a essência das coisas e o porquê dos fenômenos. Deus é a grande força, conceito que age no íntimo das coisas. Desse íntimo expande-se nos períodos do relativo, num aperfeiçoamento progressivo, progressivamente manifestando sua perfeição. O universo permanece sempre Sua obra maravilhosa; todas as criaturas são sempre filhas Suas; tudo continua sempre efeito da Causa Suprema. Não pode haver blasfêmia nesta concepção; se não corresponde à letra das Escrituras, agiganta-lhes o conceito, eleva-as e lhes vivifica o espírito, até uma racionalidade de que o homem tem hoje absoluta necessidade, para que sua fé não se destrua.

Dizer que o universo contém sua própria criação, como momento de seu eterno devenir, é apenas demonstrar e tornar compreensível a onipresença divina. Tudo tem de reentrar na Divindade, caso contrário, esta constituiria uma "parte" e, portanto, seria incompleta. *Se existem forças antagônicas, isto só pode ocorrer em Seu seio*, no âmbito de Sua vontade, como parte do mecanismo do Seu querer, do esquema do Todo. Em verdade, a obra humana também é manifestação e expressão em que se realiza e se exterioriza, como na criação, um pensamento interior. Isto justifica a concepção antropomórfica, mas não leveis o paralelismo até conceber uma cisão, uma duplicidade absoluta entre Divindade e criação. Isto não pode ocorrer neste meu *Monismo*.

Não limiteis o conceito de Divindade a um ou a outro aspecto, pois esse conceito tem de ter a máxima extensão do concebível e muito mais. Não tenhais medo de diminuir-lhe a grandeza, dizendo que Deus é também o universo físico, porque este é apenas um átimo de seu eterno devenir em que Ele se manifesta. Onde vossa concepção é mais particular e relativa, a minha tende a manter compacto o todo, numa visão unitária, e fazer *ressaltar os vínculos profundos que ligam princípio e forma.* No caminhar das verdades progressivas, esta concepção continua, aperfeiçoa e eleva a vossa.

Deus é um infinito, e a essência de Sua manifestação vós a percebereis cada vez mais real, à medida que vossa capacidade perceptiva e conceptual souber penetrar o âmago das coisas. Deus é o princípio e Sua manifestação, ambos fundidos numa unidade indissolúvel; é o absoluto, o infinito, o eterno, que vedes apenas pulverizado no relativo, no finito, no progressivo. Deus é conceito e matéria, princípio e forma, causa e efeito, ligados, indivisíveis, como a realidade fenomênica vo-los apresenta, como a lógica vo-los demonstra, como dois momentos e dois extremos entre os quais se agita o universo.

Que maior profundidade ética e, ao mesmo tempo, verdade biológica (extremos que jamais soubesteis unir) existem nesta concepção: o corpo é o órgão da alma; não é o cérebro que pensa, mas o espírito por meio do cérebro; o corpo é veste caduca que a

alma eterna constrói para si, para as necessidade de sua ascensão? Que maior altitude espiritual do que esta: cada forma existente, em perfeita fusão de pensamento e de ação, é manifestação divina, expressão daquele supremo princípio de uma centelha animadora, sem a qual qualquer organismo cairia repentinamente?

A matéria subsiste, como poderia ser destruída? Mas está fundida com o espírito num complexo poderoso; como serva fiel, ajudou-lhe o desenvolvimento, recebeu-lhe a gênese em seu seio materno. Depois, completada a criação, inclina-se diante do fruto de sua elaboração e continua sendo serva, porque se, no todo, o baixo está ligado com o alto em fraternidade de origem e de trabalho, cada individuação não pode ultrapassar seu nível. Assim, a matéria, na vida, permanece no grau intermediário, e jamais o ultrapassa.

Depois deveis compreender que matéria, energia, vida e consciência, toda essa florescência incessante que do âmago se projeta para fora, não se deve a uma absurda gênese pela qual o mais se desenvolve do menos, o ser se cria do nada, embora automaticamente. Tudo isso é forma, aparência externa, é a *manifestação sensível daquele devenir contínuo em que o Absoluto divino se realiza, projetando-se no relativo*. Não penseis que os movimentos vorticosos, em que o complexo atômico transforma-se na vida, contenham e desenvolvam o espírito e o vosso pensamento, mas pensai que eles formam a mais complexa disciplina a que a matéria se submete, para poder produzir o princípio que a anima e corresponder ao impulso interior que a solicita sempre a evoluir.

64. TÉCNICA EVOLUTIVA DO PSIQUISMO E GÊNESE DO ESPÍRITO

Após termos enfrentado o problema da gênese da vida, encontramo-nos, agora, diante de um ainda mais formidável, o da gênese do espírito. É um fato que, a partir das primeiras unidades protoplasmáticas, filhas do raio globular para cima, protoplasma e célula possuem uma sensibilidade e uma capacidade de registrar impressões, devido à íntima estrutura da permuta química, pois, desde suas primeiras manifestações, a vida devia produzir fenômenos de psiquismo, embora muito rudimentar. A mobilidade, ainda que estável e elástica do sistema atômico da vida, era o meio mais adequado ao desenvolvimento e a progressiva expressão desse psiquismo.

Indagais, sem certeza, se a função cria o órgão ou se o órgão cria a função, porque ignorais o princípio da vida e não sabeis como interpretar-lhe os fenômenos. Nem um caso, nem o outro. Pois, o organismo é uma construção ideoplástica; ocorre logo que a maturação evolutiva do meio, matéria, permita a manifestação do princípio latente e este se manifeste diversamente, de acordo com as circuntâncias do ambiente, onde e como permitir-lhe o desenvolvimento do meio, de manifestação. Órgão e função, pois, surgem juntos, e seu progresso é recíproco, devido a um apoio mútuo do órgão sobre a função que o desenvolve e da função sobre o órgão que a aperfeiçoa. Assim, a consciência não cria a vida, nem a vida cria a consciência, mas ambas trabalham e ajudam-se mutuamente a vir à luz: o princípio plasmando e desenvolvendo para si uma forma cada vez mais adequada à sua manifestação e a vida fixando esse impulso e organizando-se para maior perfeição. O princípio move a matéria, torna-a cada vez mais aderente à sua expressão; nesse trabalho se reforça, expande-se e se manifesta mais poderosa. Enquanto a vida é o efeito de um dinamismo íntimo organizador, constitui ao mesmo tempo o campo em que esse dinamismo se exercita e se desenvolve. Se a modelação das formas não proviesse de um princípio interno, não veríeis esse crescimento provir sempre de dentro, indo da reprodução dos tecidos, por vezes de órgãos inteiros, até a formação dos organismos adultos.

Em sua íntima estrutura cinética, a vida conserva a memória das ações e reações dinâmicas anteriores, concentra em si os traços marcantes e pode realizá-los todos. Assim é possível a concentração de toda a arquitetura de um organismo em um germe, sua reconstrução completa a partir da semente até a forma adulta. Toda a evolução vos apresenta o espetáculo desse processo de centralização e descentralização cinética que, no caso da semente, é como se o tocásseis com a mão. Nela, o movimento conserva todas as características de seu tipo; o germe conserva em seu âmago uma estrutura indelével e a lembrança do passado vivido, que terá de reproduzir intacto; já o organismo maduro terá a capacidade de modificá-lo mas somente em escala mínima; então, ele assimilará essa modificação e a transmitirá ao novo germe.

Os resultados da experiência da vida, em qualquer nível, *gravitam para dentro*; lá são destilados os valores, resumidos os totais e processada a síntese da ação. Para lá descem, em camadas sucessivas, os produtos da vida. O psiquismo fica em crescimento constante porque em redor do primeiro núcleo depositam-se, por superposição progressiva, os valores, os totais e as sínteses da vida. Assim, a consciência, embora em graus muito diferentes, é um fato universal em biologia; seu desenvolvimento, por adição dos resultados de experiências (variações cinéticas introduzidas na unidade vorticosa), é o resultado do fenômeno da vida. De um a outro extremo da vida (embora a consciência só apareça com intensidade nos organismos superiores onde, para divisão do trabalho, ela constrói para si órgãos particulares), a consciência, todavia, está sempre presente, desde a consciência elementar dos proto-organismos até o espírito humano, o sistema de seu desenvolvimento é idêntico e constante. O centro enriquece-se em qualidade e em potência. Com isso adquire a capacidade de construir para si órgãos cada vez mais adequados a exprimir sua mais complexa estrutura. Assim, princípio e forma, mutuamente ativos e passivos sob o aguilhão dos choques das forças ambientais, sob o estímulo do impulso íntimo que, por lei de evolução, forceja por exteriorizar-se, evoluem gradualmente; pela tensão desse contraste desponta do mistério do ser à luz, do pólo consciência ao pólo forma, a manifestação da vida.

Desde a primeira forma protoplasmática, a vida tinha de possuir uma consciência orgânica própria, embora rudimentar. Sem isso não poderia subsistir aquela primitiva permuta. Se vida = permuta e permuta = psiquismo, então a vida = psiquismo. Essa primordial consciência orgânica, em que já estão presentes as leis fundamentais da vida, está em toda a parte, em qualquer

organismo. Desenvolvida na complexa estrutura cinética dos movimentos vorticosos, já era integrante da vida em seu primeiro nascer, como substrato fundamental de todos os crescimentos futuros. Essa consciência orgânica tornar-se-á inteligência orgânica e instinto; finalmente, ascenderá à consciência psíquica e abstrata no homem.

Desde as primeiras formas, a matéria possui as propriedades psíquicas fundamentais, os elementos dessa consciência, inseparável da vida, porque é a essência e a condição dela. A ameba já possui todas as propriedades básicas biológicas: metabolismo, movimento, respiração, digestão, secreção, sensibilidade, reprodução e psiquismo. A técnica da vida já lançou suas bases e as grandes linhas arquitetônicas estão traçadas. O desenvolvimento se produz em todos os níveis, de acordo com a mesma técnica da transmissão ao centro psíquico já constituído, e do crescimento desse núcleo pela estratificação em torno dele das capacidades sucessivamente adquiridas. A repetição de uma reação, como resposta a uma ação exterior constante, tende a fixar-se na trajetória íntima como nova forma.

A vida, ansiosa por expandir-se e evoluir, mantém seus braços abertos às forças ambientais, que são introduzidas em grande quantidade; as reações multiplicam-se e a consciência, ávida de sensações, enriquece-se e aperfeiçoa-se. Complica-se sua estrutura; nada se perde, nem um ato, nem uma prova passam sem deixar sua marca. Transforma-se a consciência primordial, a forma que a reveste, o ambiente que a circunda, num processo lento de ajustamentos contínuos. O ser torna-se cada vez mais sábio por ter vivido, pelas experiências acumuladas; especializa sua capacidade. Nasce o instinto e uma consciência mais complexa que lembra, sabe e prevê.

Subamos, ainda, até o homem. Os substratos precedentes subsistem: a consciência orgânica, obscura, automática, mas presente, porque em funcionamento, embora abandonada na profundeza do ser; o instinto vivo, presente, como nos animais, sábio e memorioso. Mas acrescenta-se nova estratificação: a razão, a inteligência, aquele feixe de faculdades psíquicas que formam a consciência propriamente dita. Assim como o germe sintetiza todo o organismo que produzirá, também a vida sempre se refaz para recomeçar de novo, repetindo em cada forma o ciclo percorrido em toda a evolução precedente — como fenômeno orgânico e como fenômeno psíquico — assim, o homem resume em si todas as consciências inferiores; cada célula possui sua pequena consciência, que preside ao seu metabolismo, em cada tecido, em cada órgão; uma consciência coletiva mais alta que lhe dirige o funcionamento; todo o organismo é dirigido pelos instintos, que regem e conservam a vida animal.

65. INSTINTO E CONSCIÊNCIA — TÉCNICA DOS AUTOMATISMOS

Não vos admireis disto, pois conheceis somente uma pequena parte de vós mesmos. O funcionamento orgânico não ocorre fora de vossa consciência, confiado a unidades de consciências inferiores, situada fora delas? A economia que a lei do menor esforço impõe, *limita a consciência humana ao âmbito em que se realiza o trabalho útil das construções*. O que foi vivido e definitivamente assimilado é abandonado aos substratos da consciência, zona que podeis chamar de *subconsciente*. Por isso, o processo de assimilação, base do desenvolvimento da consciência, realiza-se justamente *por transmissão ao subconsciente*, em que tudo fica, mesmo se esquecido, pronto para ressurgir se um impulso a excita, ou um fato o exija.

O subconsciente é exatamente a zona dos instintos, das idéias inatas, das qualidades adquiridas; é o passado superado, inferior, mas adquirido (misoneísmo). Aí depositam-se todos os produtos substanciais da vida; nessa zona encontrais o que fosteis e o que fizesteis; reencontrais o caminho seguido na construção de vós mesmos, tal como nas estratificações geológicas reencontrais a vida vivida pelo planeta. *A transmissão ao subconsciente ocorre justamente através da repetição constante*. Então dizeis que o hábito transforma um ato consciente num ato inconsciente; com ele forma uma segunda natureza. Este é o método da educação. Palavras comuns que exprimem exatamente a substância do fenômeno. Podeis, assim, com a educação, o estudo, o hábito, construir-vos a vós mesmos. Logo que um ato é assimilado, a economia da natureza o deixa fora da consciência, porque, para subsistir, não mais precisa que ela o dirija. Logo que uma qualidade é apreendida, também *é abandonada aos automatismos*, em forma de instinto, de caráter que se fixou na personalidade.

Não se trata de extinção nem de perda, porque tudo subsiste e está presente e ativo, se não na consciência, pelo menos indubitavelmente no funcionamento da vida, e continua a produzir todo o seu rendimento. Somente é eliminado da zona da consciência, porque agora já pode funcionar sozinho, deixando o Eu em repouso. A qualidade assimilada e transmitida ao subconsciente cessa de ser fadiga e se torna necessidade, instinto. O impulso impresso na matéria fica e quando reaparece, exprime-se como vontade autônoma de continuar na sua direção, como criatura psíquica independente, criada por obra vossa; mas, agora, quer viver sua vida. Dessa maneira, a consciência representa apenas aquela zona da personalidade em que *ocorre o esforço da construção do Eu* e de sua ulterior dilatação. Em outros termos: *limita-se unicamente à zona de trabalho*, e é lógico. O consciente compreende somente a *fase ativa*, única que sentis e conheceis, porque é a fase em que viveis e trabalha a evolução[13].

Agora, podeis compreender algumas características inexplicáveis do instinto, assim como sua maravilhosa perfeição. *No instinto, a assimilação está terminada*. Então o fenômeno não está em formação, mas já atingiu sua última fase de perfeição. Por isso, o instinto é tenaz e sábio: existe por hereditariedade e sem aprendizado, justamente porque esse já ocorreu; age sem reflexão (tanto no animal, como no homem), exatamente porque já refletiu bastante. Foi superada a fase de formação, o ato reflexivo é inútil e é eliminado; a repetição constante cristalizou o automatismo numa forma que corresponde perfeitamente às forças ambientais; estas agiram de maneira constante.

Cálculo de forças, adaptações, ações e reações, sensibilidade e registro, concorrem para o transformismo. No crisol das formações estavam misturadas, em ebulição, forças reguladas, cada uma por um inato princípio-lei, próprio, perfeito; o resultado tinha de ser perfeito e exato. O princípio diretor, que garantia a constância das ações e condições ambientais, permitiu a estabilização de reações constantes no instinto e, portanto, a correspondência deste com o ambiente.

Compreendeis, agora, a estupenda presciência do instinto e da infinita série de experiências, incertezas e tentativas, de que ela resulta. O indivíduo deve ter aprendido alguma vez essa ciência, porque *do nada, nada nasce*; deve ter experimentado a constância das leis ambientais pressupostas, a que correspondem seus órgãos, para as quais ele é feito e proporcionado. Sem uma série infinita de contatos, de experiências e adaptações no período de formações, não se explica uma tão perfeita correspondência de órgãos e instintos, antecipados à ação, dentro de uma natureza que avança por tentativas, e nem se explica sua hereditariedade. No instinto, a sabedoria já está conquistada; foi superada a fase de tentativas e a necessidade de submeter-se a uma linha lógica que, oferecendo várias soluções, demonstra a fase insegura e incerta dos atos raciocinados, onde o instinto conhece um só caminho, o melhor.

A razão cobre um campo muito mais extenso que o limitado pelo instinto (nisto o homem supera o animal, dominando zonas que ele ignora). Entretanto, em seu pequeno campo, o instinto atingiu um grau de amadurecimento mais adiantado, expresso pela segurança dos atos, e um grau de perfeição ainda não alcançado por nenhuma razão humana. Esta, nas tentativas, revela as características evidentes da fase de formação. Da mesma forma que o animal raciocinou rudimentarmente no período da construção de seu instinto, assim a razão humana, terminada a formação; alcançará um instinto complexo e maravilhoso, que revelará sabedoria muito mais profunda.

No homem, conserva-se todo o instinto animal, de que a razão é mera continuação. Agora podeis compreender que *instinto e razão são simplesmente duas fases de consciência*, a primeira já superada e, portanto, funcionando automaticamente; a segunda, em vias de formação. Não coloqueis os dois momentos do mesmo processo evolutivo em antagonismo. No homem, não apenas sobrevive todo o instinto do animal, como também a formação de novos instintos não cessa, tal como ocorreu para aquele e com o mesmo sistema, embora muito mais rapidamente, em vista da potência psíquica do homem, e num nível muito mais alto, em virtude da complexidade de seu psiquismo. Da mesma forma que, no homem, a fase instinto é inconsciente e a fase razão consciente, assim no animal, além do instinto inconsciente, existe pequena zona de formação, portanto, consciente e racional, embora de consciência e racionalidade primitivas. Se observardeis, vereis que nem todos os atos dos animais estão cristalizados no instinto, existe sempre uma porta aberta para novas aquisições (aprendizado, domesticação etc.).

Entre a planta, o animal e o homem só existe a diferença devida ao caminho maior ou menor que foi percorrido. Pensais quanta parte de vós mesmos está confiada aos automatismos, como também a racionalidade humana tende a cristalizar-se em atitudes instintivas, como passa a ser instinto tudo o que foi profundamente conquistado.

Existe, pois, uma zona obscura do *subconsciente* e uma zona lúcida do *consciente*. Além disso, há uma terceira zona, a do *superconsciente*, em que tudo são expectativas, preparando-se as conquistas do amanhã: fase possuída apenas como pressentimento e contida, em germe, nas causas que atuam no presente, de que ele representa o desenvolvimento. Zonas que, em sua amplitude e posição, são relativas ao ser, de acordo com seu grau de desenvolvimento. Variam grandemente também no homem, conforme sua evolução pessoal, os limites do consciente. Aquilo que é consciente ou superconsciente para alguns, pode ser subconsciente (ou seja, caminho percorrido e experiências adquiridas) para outros mais adiantados. Esses limites variam, também, durante a vida do mesmo indivíduo, pois a vida é justamente o período das aquisições e transformações de consciência. A idade mais adequada a essas aquisições — em outras palavras, mais susceptível de educação — é a juventude. A consciência, refeita pelo repouso, é mais propensa à assimilação, ao estabelecimento de novos automatismos, que depois se fixarão indelevelmente no caráter; os primeiros, serão os mais profundos e mais resistentes.

Reassumindo rapidamente todo o caminho percorrido pela evolução, a zona da consciência tende sempre a subir, deslocando-se para o superconsciente; educação, hábitos bons e maus, tudo se fixa em automatismos transmitidos ao subconsciente. A fase lúcida do trabalho construtivo se transfere para campos mais elevados e mais profundos, para o âmago do ser, na assimilação de qualidades espirituais.

Assim nada se perde de todas as dores e lutas da vida, de todo bem e mal praticados. Não se perde fora de vós, pelo princípio de causa e efeito; não se perde dentro de vós, pelo princípio de transmissão ao subconsciente. A herança de vossas culpas como de vossos merecimentos, o resultado de todas as vossas fraquezas ou esforços, vós os carregais sempre convosco, de acordo com o que quisesteis. A assimilação por automatismos e a transmissão ao subconsciente é o meio de *transmissão para a eternidade* das qualidades adquiridas, fruto de vosso trabalho. Cada ato tem um eco e deixa u'a marca. A técnica dos automatismos reside em vossa experiência cotidiana, na aquisição de cada habilidade mecânica ou psíquica. A objeção que poderíeis levantar contra a teoria da assimilação, por automatismos, das experiências vividas (isto é, perde-se um hábito por falta de uso) não vale, porque o que se transmite ao subconsciente é a aptidão e não o conhecimento. Vede que aquela permanece, mesmo quando o conhecimento esvanece pelo desuso, e sabe reconstruir rapidamente o que parece destruído. Daí todas as diversíssimas capacidades inatas, às quais tanto deve a vida, doutra forma não teriam explicação. Se a repetição de inumeráveis atos de defesa deu ao animal o instinto da defesa, o agir moralmente conferirá ao homem hábitos morais; o pensamento desenvolve e enriquece a inteligência. Tendes, assim, um meio para poderdes *retificar*, continuamente, a substância de vossa personalidade: vós mesmos podeis plasmá-la para o bem ou para o mal. Assim, vosso destino, produzido pelas qualidades que assimilasteis, constituído e cercado pelas forças que movesteis, pode sempre sofrer retoques por vossas próprias mãos. Assim, o férreo determinismo, imposto pela lei de causalidade, abre-se na zona das formações estendidas para o futuro, num campo em que domina, unicamente, vosso livre-arbítrio, senhor da escolha, que mais tarde, salvo ulteriores correções, vos prenderá, por sua vez, na mesma lei de causalidade.

66. RUMO ÀS SUPREMAS ASCENSÕES BIOLÓGICAS

Eis a técnica do desenvolvimento do psiquismo, que culmina na gênese do espírito. Escavando no subconsciente, achareis todo o vosso passado que ressurge nos instintos, nas tendências, nas simpatias e antipatias. Quem poderia ter-vos construído repletos de conhecimentos gratuitos instintivos, senão "vosso" passado? Como poderia contê-los o germe da vida e depois, a um dado momento, desenvolvê-los prescientes e proporcionados ao ambiente, senão por uma *restituição*? Que processo de descentralização cinética seria esse se não tivesse sido precedido por uma lei de equilíbrio, por um processo correspondente e proporcional de concentração cinética, das qualidades adquiridas através de vidas e experiências? Existirá um único fenômeno no universo que vos autorize a acreditar ser possível algo diferente disso e que vos autorize a negar a lei de causalidade, de proporção, de equilíbrio, de justiça? Olhai para vós mesmos e encontrareis um abismo. Existem zonas mais profundas, as dos instintos mais estáveis, onde se agitam os impulsos fundamentais da vida, tal como foi definida em suas fases mais distantes. Sobrevivências abissais, obscuras, da vida primordial protoplasmática, que ainda se agitam nas fibras íntimas de vosso organismo; instintos como a conservação, a defesa, a reprodução, que por vezes, explodem de inopino em vossa consciência, de uma zona de mistério que desconheceis, pela maturação de um ciclo, lei e vontade autônoma, que progride independentemente de seu conhecimento ou vontade (por exemplo: o instinto do amor que explode na juventude). Porque tudo o que existe traz escrita em si sua primeira lei, nascer; cada fenômeno está completo em seu princípio, mesmo antes de sua manifestação. Há zonas de trevas, em que desanimais e não gostais nem de olhar; no entanto, atraem-vos e, inutilmente, interrogais em vão. É vosso passado.

Mas tudo pode ser sempre consertado. No superconsciente há luz para todos; a febre da evolução, a insaciabilidade de vossa alma são forças irresistíveis e universais que impelem cada vez mais para o alto. A lei do progresso exige a contínua dilatação do psiquismo. A evolução é irresistivelmente lançada para o superconsciente; dirige-se para o supersensível. Recordai que vossa consciência é apenas a dimensão de vossa fase de evolução α; vosso inexorável caminho, deslocando-vos de fase em fase, vos leva de dimensão em dimensão para o superconsciente intuitivo e sintético de que já falamos. Nas fases inferiores, que percorresteis, de γ e β, o ser *existe normalmente*, sem consciência, qualidade ignorada aí como agora ignorais a dimensão do superconsciente. O estado de consciência é fenômeno em contínua elaboração construtiva ou destrutiva, conforme o trabalho livre que executardes, de construção ou destruição no caminho da evolução que, em vosso nível α, é progresso moral e psíquico. Quem fica ocioso pára. Quem pratica o mal desce e arruína o próprio eu, destrói a luz de sua compreensão. Quem trabalha no bem sobe e dilata-se a si mesmo, cria a própria riqueza de concepção e potência da alma. Punição e prêmio automático e inexorável. Assim a dor, excitando as reações do espírito, é agente de ascensão para as fases e dimensões superiores.

Passarão as formas materiais da vida: passarão povos, civilizações, humanidades e planetas. Mas um herdeiro recolherá o suco de tanto trabalho que não foi inútil, a alma. A insaciável e eterna mutação das coisas produzirá um resultado que não será perdido. Já que o campo dominado no âmbito do consciente avança continuamente, também progressivamente desloca-se o limite sensório: o super-humano torna-se humano; o superconsciente, consciente; o inconcebível, concebível. A consciência adquire, então, nova dimensão, o meio material requinta-se e se sutiliza até atingir sua desmaterialização, até que o princípio espiritual se destaque dele e atraque em outras praias, levando consigo o suco destilado de todo o passado vivido, em sua construção terminada.

Observai como já se inicia, desde vossa fase, esse processo de separação e desmaterialização. Na exteriorização dos meios da vida, o animal fica *preso ao utensílio*, que permanece parte indivisível de seu organismo. A história natural do homem é a repetição apenas do mesmo processo *de projeção de órgãos*, mas num nível mais alto. Por isso, as formas, os sistemas, as perspicácias assemelham-se, mas com uma diferença substancial*: no homem realiza-se a separação entre o organismo e o utensílio*. Tal como o orgânico, também o utensílio mecânico é a expressão da íntima vontade de ação. Mas, no animal, o meio está organicamente fundido no corpo; no homem, o meio não lhe é mais parte integrante e destaca-se dele. O homem constrói para si um só utensílio, aquele que pode fabricar utensílios de toda espécie: a mão guiada pela inteligência.

À proporção que o centro psíquico se agiganta, os meios de sua expressão transformam-se, multiplicam-se e requintam-se; os órgãos tornam-se meios de expressão de vida psíquica, as funções físicas inferiores são confiadas aos utensílios mecânicos. Os órgãos animais, não mais utilizados, tendem a atrofiar-se; a indústria cria outros continuamente e nela continuará a desenvolver-se a evolução do utensílio orgânico, expressão cada vez mais complexa de um psiquismo mais complexo. O próprio desejo intenso que criou o órgão encontra agora formas múltiplas de manifestação, proporcionadas ao novo poder do psiquismo motor. A função desenvolve as qualidades e os órgãos cerebrais; manifesta-se no homem a evolução psíquica, de preferência, e como prosseguimento da evolução orgânica, que passa para segunda linha, suplantada pela evolução dos produtos da inteligência. Assim o homem afasta-se cada vez mais da forma animal, numa *contínua desmaterialização de funções*, que leva a uma progressiva *desmaterialização de órgãos*. A vida do homem concentra-se cada vez mais na função psíquica diretora, que ele assume como sua nova natural especialização.

Eis a íntima e maravilhosa técnica, pela qual a evolução produz a transformação da matéria na fase vida. Quando pensais em sua íntima estrutura cinética, essas transmutações já não vos parecerão absurdas. Já os movimentos vorticosos transformaram a estrutura atômica num sistema mais sensível e susceptível de infinitas modelagens. A maleabilidade do material protoplasmático permite inexaurível e profundo transformismo e lhe dá a possibilidade de chegar já plasmado às mais variadas formas de tecidos e órgãos.

Num sistema tão sensível, o desejo intenso, uma vontade decidida, proveniente do íntimo, *é fator psíquico que tem força criativa*. Pensai nos fenômenos causados pelas impressões maternas e no poder ideoplástico, que as funções psíquicas da mãe têm sobre o feto. Cedo ou tarde, a forma acaba obedecendo ao impulso íntimo e expressando-o. Aí está a técnica evolutiva desse fenômeno da construção de órgãos por projeção ideoplástica. Da zona latente, mergulhada nas trevas, fora da consciência, emerge, sacudido pelo choque das forças ambientais, impulsionado pela lei da evolução, o germe de nova necessidade que, no centro psíquico, assume a forma de desejo, ou seja, *força-tendência*, presa à realização. Do desejo surge a tentativa, a ação, retesada para a realização. Entramos na fase do consciente, isto é, do trabalho, da atividade, da conquista. Desponta a realização, forma-se e reforça-se sua função que, por sua vez, define sempre mais o órgão; enquanto este, mediante uma série de contínuas experiências,

equilíbrios e ajustamentos, adapta-se às resistências ambientais tanto quanto ao impulso interior, entre os quais constitui um traço de união. A progressiva atividade funcional plasma para si mesmo o instrumento orgânico, como sua expressão cada vez mais legítima. A definitiva constituição do órgão estabiliza a função e estabelece uma série de experiências, de cuja repetição constante nascem aqueles automatismos, que vimos assinalarem a fase de assimilação terminada e de dilatação do psiquismo do ser. Automatismo significa qualidade adquirida, nova capacidade inerente na natureza do indivíduo, novo instinto, nova experiência. A evolução está realizada. O resultado se deposita, definitivamente assimilado, como nova camada em torno do núcleo precedente do psiquismo, e é deixado fora da zona de trabalho, a zona da consciência.

Assim avança a evolução e o ultraconsciente é conquistado, passando através da fase consciência que, depois de completada a assimilação, passa ao subconsciente. Pela evolução ocorre *um deslocamento contínuo da zona do consciente, que vai do subconsciente para o superconsciente*. Assim a zona móvel de trabalho, em seu caminho, progride, cobre uma zona cada vez mais ampla de subconsciente, a zona das aquisições definitivas, do armazenamento do indestrutível na eternidade. Por intermédio de contínuo esforço psíquico da vida, ocorre um contínuo crescimento do núcleo subconsciente, preparado para a assimilação do superconsciente, por um processo de acréscimo, de hereditariedade e reconcentração cinética na fase de germe, que encontrais na vida das formas orgânicas. Assim, também o campo de trabalho ascende cada vez mais alto, ao mesmo tempo em que se amplia e se torna mais rico e poderoso.

Paralelamente, a matéria, expressão de tudo isso, experimenta mudanças profundas. Vimos que o trem eletrônico da onda dinâmica degradada começa investindo as unidades atômicas de estrutura planetária mais simples (no círculo da vida, são introduzidos, de preferência, os corpos simples, de peso atômico baixo). Ora, esse fenômeno constitui apenas o início do processo da *desmaterialização da matéria*. Quando o vosso novo turbilhão vital tiver investido toda a matéria até os pesos atômicos máximos, isto é, quando o trem eletrônico tiver transformado os movimentos planetários atômicos em movimentos vorticosos até as formas planetárias mais complexas, deslocando e reconstruindo, em equilíbrios mais complexos, todas as órbitas até as de 92 elétrons de U, então α, o psiquismo, terá penetrado e permeado toda a matéria, esta se *desmaterializará*, ou seja, não existirá mais como matéria. A energia, sua filha, tê-la-á arrastado mais para a frente, para uma fase evolutiva superior e todo o movimento da Substância continuará de forma imaterial, sem que nada da matéria, em sentido absoluto, tenha sido criado ou destruído. Terá ocorrido apenas uma transmutação íntima, que leva a Substância a novo modo de ser, supermaterial e superdinâmico, superespacial e supertemporal, no limiar de novas dimensões.

Assim a evolução volta atrás e faz elevar-se consigo os instrumentos de seu trabalho. Por isso, desmaterializa a matéria por meio do fenômeno da vida, até o espírito. O princípio dinâmico veste-se de formas cada vez menos densas. A evolução as requinta, sensibiliza-as, desmaterializa-as. Os órgãos, os utensílios da vida, destacam-se, o organismo se sutiliza. De tudo, fica o profundo, imenso trabalho da vida, uma central psíquica poderosa, na direção de um mundo dominado e obediente, orientado para as fases superiores de consciência e de evolução, para vós, ainda ocultas no inconcebível.

Chega, assim, a evolução aos mais altos níveis de vosso universo. Agora podeis compreender-lhe todo o significado. Em seu conceito mais profundo, a evolução *é a libertação do princípio cinético da Substância*. Isto ocorre mediante uma profunda respiração, em que se invertem e se apóiam mutuamente, para ascender, as duas fases de concentração cinética das experiências da vida no germe e descentralização cinética do germe na vida. Por isso, a evolução se exprime com uma constante superação de limites, como observais no progresso das dimensões. Com a evolução, o ser subtrai-se cada vez mais aos limites do *determinismo físico* que, no nível da matéria, é geométrico, inflexível e idêntico em todos os lugares. A vida começa a libertar-se dos aspectos desse absolutismo; seu crescente psiquismo é nova causa que se sobrepõe a decorrente das leis físicas. O animal já adquire uma liberdade desconhecida no mundo físico. Chega-se assim ao reino humano do espírito e além, onde o *livre-arbítrio* afirma-se definitivamente.

A lei do baixo mundo da matéria é determinismo; a lei do espírito é liberdade. Pela evolução realiza-se a passagem do determinismo ao livre-arbítrio. Este é a expressão de maior amplitude na possibilidade de movimento, determinada por gradual reabsorção do determinismo, correspondente a uma progressiva manifestação do princípio cinético. Matéria, energia, vida, espírito, são apenas a expressão da mudança desse movimento de forma, cada vez mais evidente e mais livre, numa lei mais complexa, em que é possível fazer-se e desfazer-se os equilíbrios, cada vez mais instáveis, em combinações mais frágeis e renováveis, num dinamismo crescente em que desaparece a estase do determinismo. Isto é uma progressiva liberação dos limites dos sistemas cinéticos fechados, é uma dilatação de possibilidades, de combinações e de escolhas. A contínua renovação permite atingir o equilíbrio por um número sempre maior de caminhos.

Agora podeis compreender como o homem, em seu caminho evolutivo, traslada-se da matéria ao espírito, levando consigo os dois extremos do determinismo e do livre-arbítrio. Podeis agora explicar o incompreensível conúbio e resolver filosófica e cientificamente uma questão que sempre vos pareceu insolúvel antagonismo. Para compreender esses dois termos é necessário não mais opor um ao outro, como sempre fizesteis, como dois casos extremos, imóveis e absolutos; mas é indispensável coordená-los no relativo, em que se movimentam, como duas fases sucessivas, dois pontos de uma escala, e uni-los com o conceito de evolução.

O homem é determinismo enquanto matéria. Essa é sua lei enquanto se movimenta nesse campo de absoluta e férrea necessidade. Mas quando o homem age como espírito, sente que nesse campo é perfeitamente livre. Pois no mundo psíquico, em que desaparecem as leis físicas, também desaparece a lei de seu determinismo. Assim, o homem só é livre no campo das motivações, em seu espírito, onde domina e supera tudo; ele é a única potência que emerge livre, num mundo de fatalidade. *Mas não é igualmente livre no campo das realizações*, porque aí, seu caminho é sempre cruzado no determinismo físico, inviolável, que cada ato sofre, mais ou menos, e não pode torcer mas, se o coadjuva, pode guiá-lo a seus fins.

Prosseguindo nosso caminho racional, as vias da biologia desembocam na ética. *Só existe responsabilidade onde há liberdade*. A libertação do princípio cinético, que se tornara evolução de liberdade, transforma-se em progressão de responsabilidade. Responsabilidade *relativa*, estritamente ligada ao grau de evolução, portanto, ao nível psíquico e ao grau de conhecimento do indivíduo. Por isso, o animal não peca. Movendo-se num jogo mecânico de instintos, apertados num

determinismo exato, não pode e não sabe abusar, como faz o homem. Liberdade, escolha, responsabilidade só existem na fase superior da consciência e das formações, não na fase do instinto, em que os equilíbrios estão estabilizados no determinismo. O livre-arbítrio, novo equilíbrio mais ágil e instável, para manter-se, presume para reger-se, a direção de uma nova consciência superior, não necessária no animal, mas indispensável ao homem.

Não há perigo maior que uma liberdade sem controle, porque pode cair em todos os abusos, que doutra forma seriam impossíveis. Embaixo está o determinismo, por isso, as consciências mais presas à matéria são menos livres do que aquelas que, ao evoluir, emanciparam-se de suas leis fatais. É justo que só a uma sabedoria maior possa corresponder maior liberdade e a esta, maior responsabilidade (gravidade de perigos e de consequências). Assim, o livre-arbítrio é relativo, gradual, e evolui com a consciência. A responsabilidade das próprias ações é relativa e progressiva. *Na matéria existe escravidão; no espírito estão os caminhos da libertação.*

67. A ORAÇÃO DO VIANDANTE

Alma cansada, abatida à margem da estrada, pára um instante na eterna trajetória da vida, larga o fardo de tuas expiações e repousa.

Ouve como está plena de harmonias a obra de Deus! O ritmo dos fenômenos irradia doce e grandiosa música. Por meio das formas exteriores, os dois mistérios, da alma e das coisas, observam-se e se sentem. Das profundezas, o teu espírito ouve e compreende. A visão das obras de Deus produz paz e esquecimento; diante da divina beleza da criação, aquieta-se a tempestade do coração; paixão e dor adormecem em lento e doce canto sem fim. Parece que a mão de Deus, através das harmonias do universo, acalenta, qual brisa confortadora, tua fronte prostrada pela fadiga aí se detém como uma carícia. Beleza, repouso da alma, contato com o divino! Então o viandante deprimido se reanima, com renovado pressentimento de sua meta. Não parece mais tão longa a jornada, tão comprida, quando se pára um instante para dessedentar-se numa fonte. Então a alma contempla, antecipa e se alivia na caminhada. Com o olhar fixo para o Alto, é mais fácil retomar em seguida o caminho cansativo.

Na estrada dolorosa, pára, enxuga tua lágrima e ouve. O canto é imenso, as harmonias chegam do infinito para beijar-te a fronte, ó cansado viandante da vida. Ao lado do trovão das vozes titânicas do universo, murmuram num sussurro de beleza as delicadas vozes das humildes criaturas irmãs: "Também eu, eu também sou filha de Deus, luto e sofro, carrego o meu peso e busco minha vitória. Também eu sou vida, na grande vida do Todo". E tudo, desde o fragor da tempestade, até o canto matutino do sol, do sorriso do recém nascido ao grito dilacerante da alma, tudo, com sua voz, revela-se a si mesmo e sintoniza com as vozes irmãs; tudo exprime seu mistério íntimo; cada ser manifesta o pensamento de Deus. Quando a dor atinge as mais íntimas fibras de teu coração, ouves uma voz que te diz: *DEUS*; quando a carícia do crepúsculo te adormece no sono silencioso das coisas, uma voz te diz: *DEUS*. Quando ruge a tempestade e a terra treme, uma voz te diz *DEUS!* Essa estupenda visão supera qualquer dor.

Pára, escuta e ora. Abre os braços à criação e repete com ela: "*Deus, eu te amo"!* Tua oração, não mais admiração amedrontada pelo poder divino, agora é mais elevada: é amor. Oração doce, que brota como um canto que a alma repete, ecoa de fraga em fraga por toda a terra, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infinitos. É a palavra sublime do amor que as unidades colossais dos universos repetem contigo, em uníssono com a voz perdida do último inseto que, tímido, esconde-se entre a grama. Parece perdida; no entanto, Deus a conhece também, recolhe-a e a ama. No infinito do espaço e do tempo, somente esta força, essa imensa onda de amor, mantém tudo compacto em harmônico desenvolvimento de forças. A visão suprema das últimas coisas, da ordem em que caminham todas as criaturas, dar-te-á sozinha um sentido de paz; de verdadeira paz, de paz profunda, de alma saciada, porque percebe sua mais elevada meta.

Assim Deus Se afigura-te ainda maior do que em seu poder de Criador, afigura-Se-te na potência de Seu amor. Explode, ó alma! Não temas! O novo Deus da Boa-Nova do Cristo *é bondade*. Não mais os raios vingativos de Júpiter, mas a verdade que convence, o carinho que ama e perdoa. O abismo infinito que olhas assustado não está para engolir-te, nas trevas do mistério, abre-se cheio de luz e, no âmago, canta sem fim o hino da vida. Lança-te afoito, porque nesse abismo reside o amor. Não digas: "não sei", dize antes: "eu amo!"

Ora! ora diante das imensas obras de Deus, diante da terra, do mar, do céu. Pede-lhes que te falem de Deus, pede aos efeitos a voz da causa, pede às formas o pensamento e o princípio que a todas anima. E todas as formas se aglomerarão em redor de ti, estender-te-ão seus braços fraternos, olhar-te-ão com mil olhos feitos de luz e o eterno sorriso da vida te envolverá como uma carícia. Essas mil vozes dirão: "Vem, irmão, sacia teu olhar interior, busca força na visão sublime. A vida é grande e bela, mesmo na dor mais atroz e tenaz é sempre digna de ser vivida". Tomar-te-ão pelo braço, gritando: "Vem, atravessa o limiar e olha o mistério. Vê: não podes morrer jamais, jamais morrer. Tua dor passa, com ela sobes e fica o resultado. Não temas a morte nem a dor: não são o fim, nem o mal, são o ritmo da renovação e caminhos de tuas ascensões. A vida é um canto sem fim. Canta conosco, canta com toda a criação, o canto infinito do amor".

Ora assim, ó alma cansada: "Senhor, bendito sejas, sobretudo pela irmã dor, porque ela me aproxima de Ti. Prostro-me diante de Tua imensa obra, mesmo se nela minha parte é esforço. Nada posso pedir-Te, porque tudo já é perfeito e justo em Tua criação, mesmo meu sofrimento, mesmo minha imperfeição transitória. Aguardo no posto de meu dever a minha maturação. Repouso em Tua contemplação".

Responde, ó alma, ao imenso amplexo, verdadeiramente sentirás Deus. Se a inteligência dos grandes se prostra e venera, curva-se diante do poder do conceito e de sua realização, e se aproxima do Divino pelas cansadas vias da mente, o coração dos humildes atinge a Deus pelos caminhos da dor e do amor. Sente-O pelas estradas dessa sabedoria mais profunda.

Ora assim, ó alma cansada. Descansa a cabeça em Seu peito e repousa.

68. A GRANDE SINFONIA DA VIDA

Olhemos novamente as harmonias da vida em seu mais profundo aspecto científico. Também isto constitui sempre uma contemplação da beleza divina. A visão estética alimenta e eleva como a visão conceptual, que vos dá a chave daquela beleza. De fato, fé, arte e ciência são um canto único no seio da mesma harmonia. O mundo biológico é todo um edifício de maravilhosa arquitetura, um organismo de correspondências e permutas, uma sinfonia de harmonias e equilíbrios perfeitos.

Vimos que os elementos com os quais a vida constitui sua roupagem orgânica — ao mesmo tempo expressão e elaboração do psiquismo — são *Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio e Oxigênio*, existentes em grande abundância na atmosfera, no momento da gênese. Esses são os corpos que encontrais como *elementos organógenos* na estrutura plasmática, nestas proporções: Carbono 53%, Oxigênio 23%, Nitrogênio 17%, Hidrogênio 7%. São encontrados no corpo humano aproximadamente nas mesmas proporções (tipo médio): Oxigênio 44 Kg, Carbono 22Kg, Hidrogênio 7Kg, Nitrogênio 1Kg etc. Todos os compostos orgânicos são construídos com esses elementos que, na grande mobilidade dos edifícios químicos da vida, circulam em permutas incessantes. O material orgânico é coletivo, circulante, como uma correnteza, por organismos comunicantes, como um patrimônio comum, de onde cada ser o colhe para construir a forma mais adequada à expressão e ao desenvolvimento do seu próprio psiquismo.

A máquina apropriada e especializada para a construção desse material, por meio dos quatro elementos, é a *planta*. Vimos como ela surgiu no seio das águas. As primeiras plantas, gelatinosas, a boiar nos mares, começaram a realizar a síntese dos materiais orgânicos do mundo inorgânico. O maravilhoso quimismo das folhas verdes iniciou a transformação da matéria morta em matéria viva, captando ao mesmo tempo e armazenando a energia que vinha da grande fonte solar. Iniciada a construção da matéria viva, esta aumentava continuamente e se acumulava, enriquecendo o patrimônio coletivo, que depois entraria em circulação nas permutas inversas entre vida vegetal e vida animal.

Observai o maravilhoso equilíbrio. Enquanto as plantas possuem poderes construtivos e dedicam-se à função de aumentar a massa dos produtos orgânicos do planeta, os animais vivem da destruição desses produtos, utilizando para sua vida a energia solar fixada pelas plantas no material orgânico construído por elas. A planta produz, o animal consome. São duas máquinas com funções opostas e inversas. A planta forma a matéria orgânica; o animal, com um processo de lenta combustão, derruba a construção, restituindo o material às condições primitivas. O primeiro processo de síntese se equilibra no segundo processo complementar de decomposição.

Cabe, pois, à planta, a glória de ter sabido cumprir o esforço da primeira construção orgânica; sem ela, a superior vida animal não teria podido formar-se e subsistir. Hoje, também deveis vossa vida ao trabalho construtivo das plantas. No estado natural, os elementos químicos básicos da vida acham-se combinados entre si, ou seja, Carbono e Hidrogênio unidos com Oxigênio, sob a forma de anidrido carbônico (CO_2) e água (H_2O). A planta é a máquina que realiza a separação do Carbono e Hidrogênio, do Oxigênio. Na molécula de anidrido carbônico, composta de um átomo de Carbono e dois de Oxigênio, a planta libera no ar o Oxigênio e assimila o Carbono. Na molécula da água, construída com dois átomos de Hidrogênio combinados com um átomo de Oxigênio, o processo é igual: libera no ar o Oxigênio e assimila o Hidrogênio.

No animal ocorre o processo inverso. Na respiração, ele recombina o oxigênio com o carbono e o hidrogênio e, assim combinados, ele os restitui sob a forma de anidrido carbônico e água. Assim, animais e plantas realizam sua inversa respiração e, na contínua compensação das funções invertidas, mantém-se o equilíbrio. Esse antagonismo de funções vegetais e animais permite que a vida possa perdurar indefinidamente. Também na vida nada se cria e nada se destrói, mas tudo se transforma. Eis a nova confirmação do princípio geral, pelo qual cada fenômeno jamais se move numa direção única, retilínea, mas, ao invés, é cíclica, com inversões e retornos sobre si mesmo. Mesmo na química da vida, o que nasce morre, e o que morre renasce.

Imaginai em que imensa usina de construções vitais se transformou a Terra, com a progressiva expansão de plantas sobre os continentes emersos. Mares ilimitados de substância verde trabalham sem repouso na construção da matéria prima, de que depois formar-se-á cada ser vivo. Miríades de folhas estendem-se ao sol, ávidas para surpreender e agarrar cada átomo de carbono e cada raio de luz. O ar que circula entre elas fornece o anidrido carbônico e, sob a ação da luz, a clorofila absorve-lhe a vida, alimentando-se de carbono. Não se perde um único átomo dele, o imenso mar de folhas aspira cada molécula do alimento gasoso. Nem um raio de sol cai inútil. A torrente de luz, onde quer que desça, fecunda uma vida. A química orgânica, em sua instabilidade, mantém escancaradas as portas e transforma a substância da energia em vida. Debaixo de vossos olhos, pelos campos intermináveis, realiza-se a cada instante a transformação de β em α. E o prodígio dessa transformação realizado a cada dia pelas plantas, criaturas menores, irmãs vossas, verdadeiras máquinas sintéticas de ação solar. Se não houvesse quem, nos primeiros degraus da vida, realizasse este primeiro trabalho de transformação, nem mesmo seria possível o trabalho mais elevado que realizais no campo orgânico e psíquico.

O equilíbrio vegetal-animal completa-se aqui em equilíbrio mais amplo, porque essa permuta contínua de combinações químicas comunicantes inclui no fundo uma *permuta dinâmica* em que, por meio de contínuas transformações, a energia transmite-se e circula de forma em forma, de ser em ser. Tudo deriva da grande fonte de energia que é o sol. Observai como são perceptíveis, no seio do sistema solar, todas as fases do transformismo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. No sol ocorre a primeira transformação físico-dinâmica: a matéria dissolve-se em radiações que, interceptadas pela Terra, aí se transformam em vida. No transformismo da matéria nada se destrói. As plantas fixam a energia solar e dela se alimentam para as finalidades da vida. O sol desagrega seus materiais, as radiações chegam à Terra, a vida cresce sem cessar. Tudo provém da doação de si, do centro do sistema. Os

compostos químicos, pelo irrefreável impulso profundo da evolução, combinam-se em fórmulas cada vez mais complexas. As máquinas vivas acumulam energia solar, transformando-a em compostos de cada vez mais alta estrutura química. O animal, por sua vez, se destrói grandes quantidades de material orgânico fornecido pelas plantas, reconstrói, como qualidade, o que se destruiu como quantidade (o potencial da substância indestrutível permanece sempre idêntico), realizando operações químicas e fabricando materiais ainda mais complexos. Complexidade progressiva, expressão e meio de construção de um psiquismo íntimo e progressivo, diretor do fenômeno.

Se nas plantas temos o primeiro degrau da transformação da energia em vida e da constituição do material orgânico, no animal, subimos a um degrau mais alto: o da transformação da vida em psiquismo. A destruição do produto da vida das plantas significa construção de um material ainda mais perfeito: o espírito. Divisão de trabalho, especialização de funções, transformações contínuas e infinitesimais deslocamentos progressivos. Só no animal começa verdadeiramente a função específica da constituição daquele psiquismo cuja gênese observamos, e que se tornará, à medida que sobe, cada vez mais a nota fundamental dos fenômenos vitais. Vede como da matéria solar chega-se, por sucessivas transformações, aos fenômenos do espírito; em cada uma dessas transformações podeis descobrir sempre a mesma substância que, embora mudando de forma, nada aumenta e nada destrói de si mesma, mas se refina seu modo de ser com qualidades cada vez mais sutis, complexas e perfeitas.

O físio-dínamo-psiquismo de minha síntese monista o vedes aqui tangível, fato objetivo, realidade vossa cotidiana, e não é possível negá-lo.

Esse transformismo é um ciclo compacto, inalterável, em que estão presos e amarrados todos os fenômenos. Nem a experiência, nem a lógica vos permitem escapar. A energia solar, assimilada e transformada pelas plantas, torna-se, no animal, calor, movimento, e, como última transformação do dinamismo vital, energia nervosa. Esta, no homem, torna-se função psíquica e espiritual. Eis traçada a linha que, através das espécies físicas, dinâmicas e psíquicas, une a matéria ao gênio. Eis onde, depois de tantas transformações, culmina a energia das radiações solares. Das torrentes ilimitadas só encontrais um riacho, mas sua potência e sua perfeição nada vos fizeram perder da substância.

No ápice de todo o grande trabalho, o termo mais alto da escada de vosso universo, a máquina mais complexa e delicada, é vossa psique. Nos órgãos sensórios ocorre continuamente essa elevação de vibrações ambientais em vibrações de ordem superior; pelo ouvido, o som torna-se música; pelos olhos, a luz torna-se beleza; pelos sentidos, o choque das forças ambientais torna-se instinto e consciência. A energia é transformada, por meio do mecanismo da vida, de suas formas inferiores nas mais altas formas nervosas de sensação, sentimento e pensamento. As individuações biológicas constituem centros de elaboração da substância, em que atua o transformismo evolutivo da fase β para α. Assim à florescência da vida, realizada por meio das radiações solares, ascende a florescência de consciência. Como a energia universal espalhou por toda a parte a vida, assim esta, por profunda elaboração, gera em toda parte o psiquismo. O grande rio da energia, que tinha sido matéria, transforma-se no mar imenso da vida, que se transforma em consciência. O universo, que caminhara até a vida, finalmente sente e olha para si mesmo.

Na co-participação do material orgânico, entre todos os seres vivos, reside a origem da lei básica da vida: *a luta*. O que vos devia tornar irmãos, vos faz também, inevitavelmente, rivais. O patrimônio comum, obtido por longas e laboriosas transformações, é limitado; a substância que constitui um organismo, é ótimo material de nutrição para o outro. Daí a luta, o recíproco dilacerar-se, a rivalidade orgânica de tantos aparelhos digestivos, mais ou menos complexos e evoluídos, armados com todos os instrumentos de ataque e defesa da vida. Esta é, indiscutivelmente, a lei do planeta no nível animal; mas o homem, com seu psiquismo, começa a elevar-se acima dela, então percebe a diferença. O horror que o homem experimenta, pelas formas ferozes e agressivas da vida, é proporcional a seu grau de evolução. Os homens inferiores, ainda não emergidos espiritualmente da fase animal, podem agitar-se felizes numa forma de vida brutal e atroz, que para eles é a expressão *normal* da própria natureza. Mas os seres mais evoluídos, embora fisicamente vestidos com um corpo humano, organicamente semelhante, não podem evitar de sentir, é absolutamente inadmissível, esse sistema de vida e se encontram numa encruzilhada: ou aceitar uma vida bestial, ou lutar para civilizar a humanidade. Esta é nova forma de luta, que os primeiros ainda não enxergam, imersos como estão na luta a nível animal; não enxergam e condenam os outros, pois os separam abismos de incompreensão. No entanto, são os únicos ativos e verdadeiramente produtores, são os grandes que arrastam o mundo: são as antenas da evolução.

A inteligência e a ciência, dominando as forças naturais, submetem a natureza ao homem, provendo as necessidades materais, e eliminam a necessidade da luta em suas formas brutais inferiores; sutilizam-na e a transformam em luta nervosa e psíquica, dirigida a conquistas superiores. Não mais luta de músculos, mas de nervos; não mais de paixões, mas de inteligência. Doutro lado, os princípios éticos das religiões e da sociedade educam o homem para as virtudes morais e cívicas superiores, preparando-o para saber viver com uma psicologia de elaboração evangélica, no ambiente mais elevado que a ciência terá preparado.

O homem é o agente desta transformação, último anel de todas as transformações precedentes. Assim, a Terra tornar-se-á um jardim, governado por uma humanidade mais sábia. Esta é a transformação biológica que vos espera. Na ascensão humana espiritual, que se realiza nestes milênios e se intensifica no momento atual, numa fase decisiva, culmina o esforço de toda a ilimitada evolução que a preparou, que a sustenta e que hoje a impõe.

69. A SABEDORIA DO PSIQUISMO

Se olhais em torno de vós, vereis que as formas de vida revelam sabedoria profunda. Mesmo nas individuações da matéria, o ser material é filho de um germe cristalino, de um impulso que emana do infinito, caracterizando-se em sua forma típica de cristal, como o ser vivo o é em sua forma anatômica; quando mutilado, sabe igualmente reparar sua mutilação. Mas em qualquer campo, cada fenômeno é uma afirmação, uma resistência às perturbações, uma vontade de ser em sua forma, uma diferenciação do ambiente para poder dizer: "eu". Nos altos níveis da vida, à sabedoria química do íntimo metabolismo celular acrescentam-se a sabedoria técnica da construção de órgãos e a sabedoria que dirige seu funcionamento, para uso dos objetivos internos e externos da vida. O complexo edifício é um transformismo dirigido para a luminosidade do psiquismo.

Há uma necessidade de beleza nas formas da vida. Aquele material orgânico comum que os seres roubam uns dos outros, comendo-se mutuamente, tende a plasmar-se numa forma que exprime a íntima aspiração estética. Já a própria célula é um pequeno ser vivo, que concentra todas as potencialidades da vida e as qualidades do organismo, porque se move, respira, nutre-se (assimila e desassimila), cresce, segrega, reproduz, nasce e morre, sente o ambiente e reage a ele. Desde sua primeira unidade, a vida muda continuamente, quer exprimir-se sempre em suas formas mais altas e complexas. Há sempre grande necessidade de subir e de revelar em si mesma essa ascensão; ao mesmo tempo, vê-se uma necessidade de prudência, que teme aventurar-se ao perigo de tentativas dirigidas a equilíbrios muito avançados e afastados da segura estabilidade dos equilíbrios já experimentados. Assim, a vida oscila entre as velhas estradas já conhecidas e seguras, já percorridas nas primeiras e mais simples estabilizações de movimento — as mais resistentes aos choques ambientais — entre a necessidade de conservar-se e proteger-se, mantendo-se na linha do passado (misoneísmo), e a necessidade de absorver, em sua estrutura cinética e de tornar suas, assimilando-as, novas linhas de força, obedecendo ao irresistível impulso ascensional da evolução (inovar-se, revolucionar-se). A vida se equilibra assim (até mesmo no campo intelectual e social), entre as tendências conservadoras e as criadoras, e segue adiante na luta entre duas forças opostas: da hereditariedade e da evolução (variações da espécie). A natureza avança, mas com muita prudência. As grandes florescências orgânicas só acontecem em períodos particulares, como aqueles a vós revelados pelas descobertas paleontológicas; períodos de transição rápida, em que os edifícios dinâmicos, muito saturados dos novos impulsos assimilados, precipitam em tentativas de formas novíssimas, em que a vida, depois de longas fases de incubação silenciosa, explode numa inopinada febre de criação. Tentativas nem todas bem sobrevividas, períodos de construções apressadas e monstruosas, mas que lançaram as bases de novos órgãos, de novas espécies, de novos instintos. Hoje, a fase das formações biológicas tornou-se um passado superado. Os seres que vedes, animais ou plantas, são tipos sobreviventes da evolução, vitoriosos na grande luta da vida. Não podeis observar a evolução, mas apenas suas consequências. A elaboração presente acha-se em outro nível.

Período semelhante, de apressadas e monstruosas criações paleontológicas, viveis hoje, mas não como unidades orgânicas, e sim como unidades psíquicas, com a mesma febre de criação (paixões), com a mesma monstruosidade de formas espirituais (erros e mentiras), com a mesma incerteza e instabilidade. Também no campo psíquico e social, a Lei continua no mesmo ritmo. Também o equilíbrio espiritual do mundo oscilou sempre entre o impulso de conservação e o de revolução. Algumas células sociais tendem a manter-se na senda dos equilíbrios estáveis e seguros, conhecidos, mas fechados, do passado. Outras células personificam as tendências opostas, destróem e reedificam, tentando sempre caminhos novos, em incessante dinamismo; representam o princípio da revolução, diante do princípio da conservação. São os pioneiros que vivem perigosamente, que dão tudo de si e arriscam tudo, que assaltam e atormentam, mas são os únicos que criam. O mundo dormiu por milênios na estase de um ritmo monótono, que voltava sempre sobre si mesmo, nos mesmos pontos que pareciam fixos (princípio de conservação); mas não sabeis que lento trabalho subterrâneo de amadurecimento e de assimilação ocorria no mundo psíquico-social, fazendo com que o equilíbrio estável e fechado se precipitasse um dia na revolução. O segundo impulso oposto das inovações tomou hoje a primazia e a alma do mundo tenta, nas pegadas dos grandes pioneiros que falaram sozinhos, há muito tempo, as criações futuras: criações psíquicas, biológicas. No resto deste século vosso trabalho individual e de massa decide a respeito dos futuros milênios.

Naquelas fases primordiais das formações orgânicas, a maleabilidade do plasma dobrou-se à pressão do explosivo psiquismo interior, ávido de expressar-se, modelando as formas. Ao lado da formação de órgãos internos cada vez mais complexos, houve uma florescência exterior de todos os meios de ataque e defesa, que a luta contínua impunha. A planta estende suas gavinhas como órgão preênsil para agarrar: produz no espinho a primeira garra para ofender; inventa a astúcia de economizar movimento, lançando sementes aladas ao vento, ou pregando-a nos animais que passam; a arte de envolver as sementes de saboroso fruto, não para alegria do homem, mas porque este, ao comê-lo, leva involuntariamente para longe as sementes; a arte dos perfumes e a estética das cores e das formas, porque também a beleza atrai e é grande necessidade no baixo mundo biológico: a beleza, ao lado da luta, é necessidade universal e protege, como um dom sagrado e divino que dá alegria, diante do qual o agressor pára, quase reverente, detido pelo medo de perturbar a harmonia divina. Todos os segredos da mecânica, da química, da eletricidade são utilizados: nascem patas, asas, antenas, chifres, tenazes, bicos, presas, ferrões; a arte sutil dos venenos, da fosforescência, do hipnotismo, das ondas elétricas; o psiquismo retifica no olho as imagens visíveis; a arte dos sentidos desenvolve-os cada vez mais finos e complexos, sempre de atalaia; não há descoberta humana que antes não tenha sido encontrada e utilizada pela natureza.

Todos esses meios sábios são utilizados com sabedoria ainda maior. Os tecidos são regidos por uma força racional que lhes guia as funções, por isso, o tubo digestivo que digere o plasma, não digere a si mesmo; as glândulas que segregam o veneno, não envenenam a si mesmas. Há ainda o mimetismo, a arte da mentira, e também, a da fuga para os fracos. Por que falta somente uma — a arte da compaixão? Porque esta é conquista mais alta, a que só o homem saberá chegar e, como verdadeiro rei, só ele saberá conceber dominando toda a vida no planeta. No uso dos órgãos e instrumentos de ataque e de defesa, a vida manifesta mais evidente seu psiquismo. É ciência sem piedade, mas é ciência. A natureza assegura a sobrevivência das espécies construindo organismos em grandes séries, lançando germes no campo da vida com a máxima prodigalidade. A fonte primária, que brota no âmago da substância, aparece-vos com um poder ilimitado e inexaurível; o que lhe delimita a expansão, a força que freia a multiplicação dos seres, reside sobretudo na limitação dos meios ambientais, limitação da qual nasce a luta cuja função principal é a seleção do melhor. Sem a rivalidade do vizinho que modera sua expansão, cada espécie sozinha invadiria todo o planeta. A Lei é

sábia e alcança seus objetivos. Aparece, assim, a vida como desenfreada concorrência de apetites, em que tudo é obtido com a força ou com a astúcia. Este é o nível do animal que não tem horror a seu estado, porque sua sensibilidade é proporcional a ele. O animal é feroz com toda a inocência e nem por isso é imoral, mas simplesmente amoral. Nesse nível a vida é contínua guerra, é um atirar-se a ataques aos quais apenas os mais fortes resistem, esse é o estado normal. Aí a bondade é fraqueza e falência. A bondade é flor mais delicada que a sabedoria; nasceu depois, muito mais no alto na escada da evolução. Mas aquela sabedoria já era profunda. O instinto conhece química, anatomia; em alguns casos sabe até anestesiar o inimigo, com injeções nos gânglios nervosos, no ponto estratégico que paralisa os movimentos. Uma espécie de himenópteros, necessitados de provisões imóveis, mas vivas, conhecia anatomia e anestesia antes do homem. O instinto tem previdências incríveis, sobretudo em seres primitivos.

Um exemplo entre os coleópteros: a larva lignívora do *capricórnio (cerambix miles)* nascida cega, surda, sem olfato, com apenas um pouco de paladar e de tato - esse rudimento de sensibilidade que nenhuma aquisição psíquica pode obter no ambiente (no caso, é um tronco de carvalho, onde vive perfurando e digerindo) — esse pobre tubo digestivo possui uma sabedoria imensamente superior à sua organização e a seus meios, comporta-se com uma racionalidade e presciência extraordinárias. Prepara, com antecipação, um caminho de saída do tronco, que não poderia furar no estado de inseto perfeito; constrói, perto da saída, uma cavidade para sua maturação de ninfa; fecha-se dentro dela com o corpo orientado para a saída, pois sem essa precaução o inseto adulto, todo encouraçado não poderia dobrar-se para sair. E tantas outras coisas sabe por antecipação! Donde lhe vem essa ciência? Não sabeis responder. Mas pensai que, se a forma visível é um verme, ele sintetiza em seu psiquismo o princípio que resume todas as formas que o inseto assume e que, em sua vida, adotou há milênios; pensai que esse verme traz em seu psiquismo a recordação de todas as experiências vividas como inseto perfeito; em outros termos, o fenômeno está sempre potencialmente completo, mesmo na fase de transição que vedes, porque, se a forma mutável se transforma, o psiquismo animador está sempre todo presente a cada momento de suas sucessivas manifestações. Então, no psiquismo estão os recursos dessa ciência superior às aparências da forma. Chamasteis a isso de instinto e não sabeis explicar, num instinto, uma racionalidade tão previdente. O instinto não é inferior à razão humana, a não ser pelo campo mais limitado que domina e pelo fato de que, sendo, como evolução, mais próximo do determinismo da matéria, é fenômeno mais simples e mecânico; enquanto o espírito, por evolução, distanciou-se mais da matéria e conquistou aquela complexidade e riqueza de caminhos que denominais de livre-arbítrio, característica, como vimos, da fase das criações.

Cada ser, tanto quanto o homem, traz consigo esse sutil psiquismo que lhe dirige as funções orgânicas; que lhe mantém constantemente a identidade, apesar da contínua renovação completa dos materiais que constituem o organismo; prepara-lhe e dirige o desenvolvimento e as ações, com uma precognição que só sabe quem viveu e recorda. Sem esse psiquismo, não se explica como os sempre novos materiais da vida voltam exatamente a seu posto de funcionamento; não se explica como a corrente de tantos elementos heterogêneos esteja ligada em continuidade; como, de todas as impressões transmitidas pelo ambiente, só algumas sejam assimiladas, outras corrigidas, outras repelidas. Esse princípio resume, verdadeiramente a hereditariedade das características adquiridas, implanta-se no germe e lhe dá novamente a marca recebida das impressões e experiências vividas. Ele precede o nascimento e sobrevive à morte, mesmo nos animais, também eles — e é justo — pequenos fragmentos de imortalidades e de eternidade; ele renasce continuamente, enriquecendo-se com a experiência de cada existência. Vós mesmos podeis verificar com a domesticação e adestramento, que nos animais as portas do instinto não estão fechadas, ou seja, ele tem ainda, sob vossos olhos, a capacidade de enriquecer-se com qualidades, de assimilar coisas novas. Há sempre uma possibilidade de progresso no raciocínio cristalizado do instinto. As qualidades, mesmo no homem, *nutrem-se*, continuamente por seu exercício cotidiano. O psiquismo plasma-se num processo de constante elaboração: no campo orgânico, como no psíquico, a falta de uso atrofia e destrói, da mesma forma que a atividade cria órgãos e aptidões (daí a necessidade biológica do trabalho).

Falei de um inseto, mas os casos são infinitos. Sem esses conceitos, o fenômeno do instinto, de sua formação, de sua presciência, e os próprios fenômenos da hereditariedade permaneceriam no mistério insolúvel.

A presença de um psiquismo diretor torna-se evidente no fenômeno da *histólise do inseto*. Aí não encontrais mais uma sabedoria funcional, de órgãos internos ou externos, nem a sabedoria que dirige as ações do animal. Aí se revela uma sabedoria mais profunda: a que *sabe criar um organismo novo a partir de um organismo desfeito*. Nesse fenômeno ocorrem metamorfoses profundas, que revelam a presença de um psiquismo, de maneira ainda mais evidente que nas reparações orgânicas que já observamos. No estado de crisálida, acontece em vários insetos (lepidópteros) que se fecham no invólucro protetor, fenômeno misterioso, no qual órgãos e tecidos desagregam-se, perdendo seus caracteres distintivos assim como a estrutura celular anterior, numa pasta uniforme, amorfa, em que não se percebem sobrevivências da organização demolida. A essa espécie de desmaterialização orgânica segue-se nova reconstrução, verdadeira histogênese, em que novo organismo ressurge tão diferente na constituição orgânica, que não se pode considerar preso ao precedente mediante relações diretas de derivação. O psiquismo diretor do dinamismo fisiológico, mesmo na reparação orgânica imediatamente ativo no complexo quimismo da vida, emerge aqui em toda a sua independência, a partir da forma, e mostra seu completo domínio sobre esta, porque dela se destaca, desmaterializa-a e a reconstrói diferentemente, *sem continuidade fisiológica*, exorbitando todas as potencialidades construtivas do organismo. É necessário substituir o conceito absurdo de funções — efeito de uma natureza específica de células e tecidos e de uma localização funcional, em estreita dependência de uma especialização na estrutura de órgãos e funções — pelo conceito de um psiquismo superior independente e dirigente, de que as formas são apenas a manifestação. Ele as plasma, dirigindo-lhe o íntimo metabolismo incessante e, quando este tem de enfrentar de um salto as maiores distâncias, em metamorfoses profundas, que implicam solução de continuidade no desenvolvimento fisiológico, então o psiquismo permanece como único fio condutor do fenômeno, que permanece único e contínuo, embora, de modo inexplicável, pareça quebrado. Não há aí, portanto, uma substância orgânica que, de acordo com a conformação diferente e com a estrutura celular alcançada por evolução, dê lugar a funções específicas, cuja causa seja perceptível apenas na especialização do material orgânico, mas existe *um psiquismo diretor que modela o plasma*, para que este possa exprimir a função, de acordo com o impulso recebido. A solução dos mais profundos problemas biológicos reside somente nesta ultrafisiologia do psiquismo.

70. AS BASES PSÍQUICAS DO FENÔMENO BIOLÓGICO

A causa, o princípio das coisas, reside no seu próprio íntimo. Os efeitos estão no seu exterior. Cada fenômeno tem um tempo próprio relativo, que lhe estabelece e mede o ritmo de transformação, tem sua velocidade do devenir. A sucessão que, no tempo, passa de causa a efeito, é também uma sucessão de desenvolvimento, que vai do âmago à superfície; é uma dilatação do princípio, em sua manifestação. Assim é o psiquismo. Vedes esse íntimo impulso manifestar-se em toda parte: primeiro na direção da química da vida, mediante a formação do plasma, por seu crescimento, reprodução e evolução; depois na construção dos órgãos internos que, com seu funcionamento orgânico, permitem manter-se vivas as unidades superiores dos órgãos externos, que lhe asseguram a nutrição e a defesa, a vida e a evolução; por fim, na direção geral, impressa em toda essa máquina, sob o impulso do instinto e da razão. Aqui transparece evidente o psiquismo. Em vossas classificações zoológicas, reunis os seres por afinidade morfológica. A anatomia comparada indica-vos órgãos homólogos. Essa homologia vos dá a perceber os parentescos e, com base nessas semelhanças, agrupais plantas e animais em ordens, gêneros, séries e espécies. Não podeis agir doutra maneira, porque partis do exterior e da forma. Isso está certo, porque parentesco de formas significa parentesco de conceito genético, afinidade morfológica e afinidade do princípio animador do psiquismo. Mas não basta. Esses agrupamentos seriam mais compreensíveis se concebidos em sua causa, em seu impulso íntimo determinante, mais do que apenas como forma exterior. *É preciso introduzir o fator psíquico na interpretação de todos os fenômenos biológicos*, aprofundando a química orgânica no campo super-orgânico do psiquismo diretor; é mister criar uma *ultrazoologia e botânica*, que estude o conceito e os parentescos entre os conceitos, as afinidades psíquicas, mais do que as orgânicas, e a evolução do pensamento animador das formas.

Há três tipos de natureza:

— *O reino físico* (mineral, geológico, astronômico) que compreende a matéria.

— *O reino dinâmico* (as forças) que compreende as formas de energia.

— *O reino biológico psíquico* (vegetal, animal, humano, espiritual) que compreende os fenômenos da vida e do psiquismo.

Esta é a trindade das formas de vosso universo. As classificações zoológicas e botânicas não devem ser classificações de unidades orgânicas, mas de unidades psíquicas. É preciso enfrentar objetivamente o psiquismo da vida, a parte mais ignorada e negligenciada por vós, tomando-o como critério nas classificações e o fio condutor da evolução da espécie; observando-o, não mais na construção e funcionamento dos órgãos particulares, mas no movimento que o psiquismo imprime a toda a máquina; coordenando todos os seus atos para metas exatas, que revelam uma vontade exata com proporções de meios ao fim, com lógica e presciência profundas. É unicamente neste campo que reside a solução do mistério dos instintos, a explicação da técnica da hereditariedade, da sobrevivência, da evolução.

Essa é uma direção inteiramente nova que deveis dar à biologia, à fisiologia e à patologia; uma orientação de acordo com o mais amplo conceito unitário, sem o qual todos os fenômenos, vistos por um único aspecto incompleto, vos parecerão mutilados e inexplicáveis. Sempre que o efeito aproxima-se do psiquismo animador, vos encontrais detidos diante da muralha do incompreensível. Agora as classificações estão feitas; a anatomia vos é conhecida; conhecido é o mecanismo químico da vida; está na hora de descer mais fundo no campo das causas. Mais do que da paciência do coletor de observações, a ciência precisa agora da síntese da intuição; além de gabinetes, de microscópios e telescópios, precisa acima de tudo de grandes almas, que saibam olhar desde seu próprio íntimo, até o âmago dos fenômenos; e saibam sentir, através das formas, a misteriosa substância que nelas se oculta.

Não é mais tempo de negar um princípio tão evidente. Vimos que *toda* a evolução, da estequiogênese para cima, dirige-se para as formas do psiquismo, pois para ele se orienta o progresso fenomênico do universo, qual meta racional de todo o caminho. Na massa de fatos coletados e acumulados há um impulso que não se pode deter, uma direção que não se pode mudar. *No psiquismo sobrevive o princípio elétrico da vida*. Com efeito, tudo o que vive, ou se atrai, ou se repele; traz um sinal de amor ou de ódio; quer e tende irresistivelmente a fundir-se ou a destruir-se. Em cada forma, há um *quid* psíquico, um motor: é a substância da vida, *é a vontade de viver que a sustenta,* uma tensão que plasma e guia, um poder que dirige e arrasta a vida. Tirai esse princípio e ela logo cai. Além da aparência da forma vos indico essa substância, que lhe é a causa, desloco e aprofundo o conceito da evolução darwiniana. Vós parais nela diante da realidade exterior, da evolução das formas, do último efeito estampado na matéria. Eu penetro na realidade, *partindo da concatenação evolutiva dos efeitos até a concatenação evolutiva das causas*. Para mim não é essencial observar as formas que evoluem, a não ser *para seguir as causas que evoluem*. Passo do conceito de evolução das formas biológicas, ao *de evolução das formas determinantes;* passo do estudo da evolução dos tipos orgânicos, mortos, ao estudo da evolução dos *tipos psíquicos vivos* e atuantes. O conceito darwiniano completa-se, assim, indo da série de organismos para uma *"sucessão lógica de unidades dinâmicas"*.

De agora em diante a ciência deve dirigir-se para esse centro, sem o qual a máquina da vida não se movimenta, não existe meta, e num instante se arruína, caindo à mercê de princípios menos elevados. Como pudesteis crer que um organismo perfeito e complexo, qual o corpo humano, podia manter-se e funcionar sem um psiquismo central regulador? Não basta dizer qual a química da respiração, da assimilação e da circulação; nem verificar o perfeito entrosamento de todas as engrenagens que presidem a essas três funções básicas. Nas profundidades do metabolismo celular existe a presciência do instinto, que realiza por si, sem intervenção da ciência; esta, por vezes, custa a compreender. Há não apenas maravilhoso ritmo de equilíbrios, mas resistências deles a desvios; há autodefesa orgânica, feita de sabedoria imersa nas profundidades do subconsciente; há uma medicina mais profunda que a humana, porque sabe vencer, muitas vezes, apesar dos ataques desta. A elevação térmica do processo febril, a fagocitose, o equilíbrio bacteriológico mantido entre amigos e inimigos, num ambiente saturado de micróbios

patogênicos, a contínua reconstrução química dos tecidos, e mil outros fenômenos, fazem pensar numa vontade sábia que conhece e quer essa ordem. Quanto mais o organismo estiver no alto, mais é delicado e vulnerável; mais se torna difícil, por sua complicação, sua sobrevivência; o psiquismo supre, progredindo paralelamente na perfeição das defesas.

A função cria o órgão e o órgão cria a função. O sistema nervoso criou o funcionamento orgânico e o dirige; o funcionamento orgânico reforça, desenvolve e aperfeiçoa o sistema nervoso. O psiquismo caminha paralelo à evolução dos organismos. Existe uma evolução, nas formas da luta e da seleção, que cada vez se tornam mais psíquicas e poderosas. Há passagens no funcionamento orgânico, há metamorfoses químicas, que vos escapam e caminham, dirigidas apenas pelo fio condutor desse psiquismo. Na assimilação do intestino, as substâncias desaparecem de um lado, para reaparecerem do outro, completamente transformadas. Para explicar isto não basta o mecanismo da osmose. O alimento digerido todo junto, depois de haver atravessado a grande sala das desinfecções que é o estômago, em contato com as vilosidades do intestino no tubo interno que digere, passa através das paredes deste para os vasos sanguíneos. Nesse processo de diálise, a substância absorvida muda sua natureza química. O processo é tão delicado e em relação tão direta com o sistema nervoso e psíquico central, que uma impressão o altera. Isso é fato da experiência comum. Depois há a viagem do sangue para a distribuição do alimento absorvido, para ligar todas as partes num banho de vida. Com a respiração, o ar cede seu oxigênio e com ele a potência de um raio de sol; o sangue o pega para levá-lo a queimar-se e consumir-se lá embaixo no dinamismo celular dos tecidos e dos órgãos, para depois ressurgir em seu psiquismo. Que laboratório químico! Nele, a cada instante, restabelece-se o equilíbrio. Por sístoles e diástoles vai e volta o impulso da vida, circula o suco energético reconstrutor; a cada instante ferve o trabalho reparador da permuta; multidões de esquizomicetos viajam e param, aninham-se e acorrem, fazem paz ou guerra, levando saúde ou ruína.

Por meio desse refinamento evolutivo, que culmina no espírito, ao lado da progressiva desmaterialização das formas, o futuro se prepara à preponderância transbordante do psiquismo e prepara um banquete energético extraído de um raio de sol. Sem luta nem assassinatos, repousareis saciados de eflúvios solares, absorvendo diretamente seu dinamismo. Isto acontece em planetas mais evoluídos que o vosso, mas para vós, constitui um futuro ainda distante. Estômago e sangue formaram-se em vós como são agora, e através de idades incalculáveis, portanto, oferecem uma resistência proporcional para manter-se em sua linha atávica de funcionamento. Nem mesmo a venenosa síntese artificial das substâncias alimentares é própria para libertar-vos do animalesco circuito da química intestinal. Nem a introdução direta dos princípios nutritivos no sangue é trabalho adequado para vossa medicina de superfície, grosseira e violenta.

71. O FATOR PSÍQUICO NA TERAPIA

Este quadro de equilíbrios íntimos abre-nos a porta para algumas *observações de caráter terapêutico*, antes de tudo no *campo bacteriológico*. Vós exagerais na *anti-sepsia*, no sentido profilático. O organismo humano é formado e sempre viveu, num mar de *microorganismos patogênicos*, tanto que a assepsia, ou estado asséptico, na natureza, é condição anormal. Ora, a imunidade é produzida pelo equilíbrio obtido pelas resistências orgânicas. Em intermináveis períodos de evolução, estabilizou-se esse equilíbrio entre ataque e defesa. Ao matar o micróbio, perturbais o equilíbrio da vida, em que também o inimigo tem sua tarefa, colocando-vos em condições anormais; cabe-vos, e deveis defender e manter tal equilíbrio. Sabeis que a função cria a capacidade. Ao suprimir a luta, suprimis também aquele contínuo excitador de reações que é o assalto dos micróbios; ganhais uma saúde presente levantada a crédito sobre a saúde do futuro; uma vitória fictícia, obtida às custas da resistência orgânica porque, por lei natural, o organismo perderá, por falta de uso, suas capacidades defensivas, tornando-se impotente para defender sua vida. É evidente que a proteção artificial, atrofiando a capacidade de defesa, age em prejuízo da seleção. Já foi verificado que, quanto mais se dão remédios, quer às plantas, quer aos animais, também cresce o número de suas enfermidades (saprofitismo). A luta forma e mantém a resistência orgânica, prêmio de infinitas quedas e esforços. Os equilíbrios da natureza são profundos e perturbá-los produz novos desequilíbrios. No choque constante dos contrários, produz-se uma estabilidade, um acordo, uma espécie de simbiose, útil, no fim das contas, a ambas as partes. O inimigo torna-se necessário ao homem, porque a reação gerada pelo assalto é a base de sua resistência orgânica. Deslocar o ritmo compensado das relações e permutas, que se estabeleceram nos milênios, significa o nascimento de novas doenças, é transformação, não solução do problema. Em vista das concepções limitadas de uma ciência utilitária, que disso fez seu objetivo principal, nasceu a ilusão de que é possível suprimir a luta, isso em todos os campos, inclusive no moral (a dor), como se o esforço da vida fosse uma imperfeição que deve ser superada e não um fator fecundo, necessário, substancialmente colocado no funcionamento orgânico do universo. Só uma coisa pode justificar tudo isso: é a transferência do campo de luta para um plano mais alto. A supressão de um esforço e sua relativa conquista só são justificados pela substituição de um esforço mais elevado, dirigido a conquistas superiores. De fato, assim ocorre. A luta física e orgânica está se transformando em luta nervosa e psíquica.

A medicina devia ter em grande consideração o *fator psíquico*, não apenas no campo específico da psicoterapia, mas como fator de importância decisiva em cada caso e a cada momento. O materialismo imperante, absorvido apenas pela visão do lado material da vida, não podia ver o aspecto mais profundo, o espiritual. Ele, sem dúvida, produziu e criou, mas agora é necessário ultrapassar esse tipo de ciência. No entanto, ainda subsiste aquela psicologia que, por inércia dos centros de cultura, influencia o pensamento oficial, e fala das cátedras do mundo civil. Está na hora de *continuar* o caminho percorrido até aqui pela ciência materialista, mas com uma ciência espiritualista. Pois o espírito, como vedes, não é fenômeno abstrato, isolado ou isolável, relegável ao campo da ética e da fé, porque invade todos os fenômenos biológicos, é fundamental em fisiologia, patologia e terapia. O vibrante dinamismo vital está todo permeado dele. Menos anatomismo e mais psiquismo, não apenas invocado no estudo das neuroses, mas mantido sempre presente em toda a disciplina médica. O fator moral é importante e, se descuidadado,

pode deixar morrer o doente, mais do que a falta de cuidados materiais. Aos hospitais desteis ar, luz, higiene, limpeza. No entanto, são frios como gelo. Pensai que nesses lugares de dor, não há apenas o corpo de um animal, mas sobretudo a alma de um homem. Há mais necessidade de flores, de música, sobretudo de palavras sinceras e afetuosas, de bondade, do que de análises microscópicas e radioscópicas, de esterilizantes e de ostentação de ciência. O estado de alma, sobre o qual repousa o segredo do metabolismo, portanto, da cura, é desprezado. Mesmo em matéria de infecção, o espírito influi muitas vezes, mais do que a esterilização do ambiente. Pensai que o equilíbrio orgânico é mera consequência do equilíbrio psíquico, com o qual mantém estreita relação; porque é o estado nervoso que determina e guia as correntes elétricas e são estas que presidem à contínua reconstrução química e energética do organismo. Se elas tomam direção diferente; se a corrente positiva, ativa e benéfica inverte-se numa corrente negativa, passiva e maléfica; se a um estado psíquico de confiança e de bondade, substitui-se por outro de depressão e má vontade, então, em lugar de saúde, o impulso gerará doença; em lugar de desenvolvimento, regresso; em lugar de alimento, intoxicação; em lugar de vida, morte.

Essa alma misteriosa, que permeia tudo, emergirá futuramente da sombra como um gigante; a ciência determinará sua anatomia, seu funcionamento, sua evolução. A nova medicina levará para os primeiros planos o fator psíquico e enfrentará o estado patológico não mais como agora, com meios coativos mais ou menos violentos. A correção do estado anormal, a retificação do funcionamento arrítmico não é conseguido apenas agindo de fora, procurando penetrar no organismo com meios físico-químicos, mas procurará enxertar-se em seu íntimo transformismo, secundando as vias naturais do psiquismo dominador das funções. Não será mais um choque brutal, pela introdução de compostos químicos, muitas vezes de reações antivitais, mas será uma correnteza que se fundirá na correnteza da vida; será dinamismo benéfico, que retificará o dinamismo desviado. Administrando substâncias, não podeis saber que condições químicas antitéticas elas possam encontrar, que reações diferentes possam excitar nas tão diversas condições orgânicas dos indivíduos. Há atrações e repulsões, limites de tolerância, totalmente pessoais. Prudência com essa química violenta e igual para todos!

Um caminho mais pacífico para penetrar na corrente vital é o caminho psíquico. O funcionamento orgânico obedece àquela instintiva sabedoria, que se fixou em longuíssimas experiências no subconsciente. Este fraciona-se em várias almas menores instintivas, que executam, sem o saberdes, o trabalho específico de cada órgão. A consciência pode, por via sugestiva, dar ordens e elas serão executadas, como por um animal domesticado. O caso do trauma psíquico demonstra-vos a realidade dessas influências. Aí está como, por vias psíquicas, podem-se abrir ou fechar as portas aos assaltos patogênicos, reavivando ou paralisando as defesas orgânicas. Assim, não se matam os micróbios, mas se reforçam as resistências e são obtidos resultados que superam os da mais escrupulosa assepsia. Porque a patogênese não depende tanto das condições ambientais, quanto a vulnerabilidade específica individual, que predispõe à doença e na qual influi largamente o estado psíquico.

72. A FUNÇÃO BIOLÓGICA DO PATOLÓGICO

A visão desses equilíbrios maravilhosos leva-nos ao conceito da função biológica do patológico. Pergunta-se: a doença é, de fato, um estado anormal e sempre uma queda orgânica, ou compensa-se no equilíbrio universal e assume uma função biológica, não apenas protetora, mas realmente criadora?

Inegavelmente, em muitos casos o patológico pode, com a adaptação, tornar-se um estado habitual do organismo, que acaba com ele convivendo normalmente. De fato, o estado orgânico perfeito é uma abstração inexistente na realidade. Na natureza não existe um tipo orgânico perfeito, uma verdade orgânica igual para todos, uma normalidade, termo de referência do valor fisiológico individual; antes, cada um tem seu tipo, possui uma verdade orgânica própria, supera todos os outros desde que saiba lutar e vencer. Na natureza a perfeição é uma tendência jamais alcançada; a saúde é um estado que deve conquistar-se a cada momento; um equilíbrio que se mantém à custa de um trabalho contínuo. Em realidade, cada organismo tem seu ponto fraco, de maior vulnerabilidade e de menor resistência. Assim, o patológico acabou equilibrando-se como um fato mais ou menos constante na normalidade do mundo orgânico, que nem por isso se abate, mas leva consigo, como força já aceita em seu equilíbrio, um lado de sombra. A natureza compensa-se das diferenças no número, completa suas imperfeições misturando sempre os seus tipos que, quanto mais diversos forem, melhor contrabalançarão qualidade e defeitos na reprodução. Estais aqui diante da mesma lei, pela qual o mal condiciona o bem, a dor condiciona a alegria, com o mesmo claro-escuro de contrastes, entre os quais se move e equilibra o mundo orgânico, tanto quanto o mundo ético, o sensório e o psíquico.

Mas existe outro fato. Não apenas o mundo orgânico habituou-se a arrastar normalmente o peso de sua imperfeição; não é só isso que entra na lei de equilíbrio. Essa lei opõe, por espontânea compensação, a cada ponto de maior fraqueza, um ponto de maior força; a cada vulnerabilidade específica, uma resistência própria. A natureza sente o ponto ameaçado e o cerca, reforçando-o com todos os seus outros recursos, órgãos e sentidos que se desenvolvem em proporção maior que a média. Então, não vos alarmeis de qualquer ponto fraco, porque ele pode ter a compensação de uma força.

Permanecendo ainda no campo orgânico, também vimos que cada assalto patogênico superado produz, em reação, a capacidade de resistência, fortalecendo toda a estrutura das defesas orgânicas. Neste caso, a doença tem função imunizadora e, em contraste e por compensação, traz em si as condições de vitória e de *auto-eliminação do patológico*. Neste sentido, a doença é condição de saúde, pois que excita a construção de todas as resistências orgânicas. Estas, que vos defendem sem o saberdes, são o resultado de inúmeras vitórias e lutas superadas; são o fruto de vosso esforço, duramente conquistado ao longo do caminho da evolução.

Mas, existem outras compensações do patológico em outros campos, porque tudo está interligado no universo. Sempre por motivo de compensação, uma imperfeição e um sofrimento físico podem ter uma repercussão criadora no campo moral,

determinando um estado de tensão, excitando uma revolta que se manifesta como explosão de força no nível psíquico. Aqui reaparece a função criadora da dor. Sua ação tenaz e penetrante não pode deixar de despertar ressonâncias no âmago daquele psiquismo, sempre comunicante com as formas orgânicas, onde grava marcas indeléveis. Porque a dor não pode, muitas vezes, burlar, para construir, de inopino, a grandeza de uma alma, quase sempre ela se revela totalmente e potencializa, ao máximo, todos os valores e se torna, depois de muito tempo, escola de ascensão. Se nas almas fracas, por vezes, a dor se resolve numa adaptação passiva, muitas vezes acende luminosidades novas no espírito; então, pode falar-se verdadeiramente de função criadora do patológico. Grande ciência esta, de saber sofrer, que só possuem os homens e os povos que viveram muito, pois significa uma resistência às adversidades que os jovens não possuem. Observai o fenômeno do patológico até suas últimas repercussões e vereis, às vezes, arrancar das almas humanas os gritos mais sublimes e as maiores criações. Muitas vezes um defeito físico, ao fechar para a alma o contato com o mundo exterior, preparou-lhe os caminhos da profunda instrospecção de si mesma, mantendo sempre desperto o espírito, submetendo-o a uma ginástica que o torna gigante. Muitas almas saíram purificadas da maceração de um corpo doente. Um mal físico pode ser a prova imposta pelo destino, no caminho das grandes ascensões humanas. Convido a ciência a explicar como uma doença, uma deficiência orgânica, pode dar tanta força ao espírito, tanta fecundidade ao pensamento, tanta saúde e potencialidade à personalidade; como, em outras palavras, o patológico pode, muitas vezes, conter o supranormal.

73. FISIOLOGIA SUPRANOR-MAL— HEREDITARIEDADE FISIOLÓGI-CA E HEREDI-TARIEDADE PSÍQUICA

Somente estes conceitos de vida psíquica podem guiar a ciência até às portas de uma ultrafisiologia, ou fisiologia do supranormal, como a vedes despontar nos fenômenos mediúnicos. Aqui as relações entre matéria e espírito são imediatas: o psiquismo modela uma matéria protoplasmática mais evoluída e sutil: *o ectoplasma*. A nova construção, antecipação evolutiva, não possui, naturalmente, a resistência das formas que se estabilizaram por uma vida longa; seu desfazimento é rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal que emergem dos caminhos habituais da evolução, necessitam fixar-se, por tentativas e longas repetições, na forma estável. Tudo isso vos lembra o raio globular, retorno atávico de um passado superado. Ao invés, o ectoplasma é um pressentimento do futuro, corresponde àquele processo de desmaterialização da matéria, de que falamos. A matéria química do ectoplasma corresponde a uma avançada desmobilização dos sistemas atômicos em movimentos vorticosos, ao longo da escala de elementos, para pesos atômicos máximos. O fósforo (peso atômico 31), corpo sucedâneo, aceito apenas em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, no avançado movimento vorticoso, como corpo fundamental, ao lado do H (1), C (12), N (14), e O (16). A plástica da matéria orgânica, por obra do psiquismo central diretor, torna-se cada vez mais imediata e evidente. Tudo isso vos explica a estrutura falha de muitas materializações espíritas, que suprem a incompleta formação de partes, com massas uniformes de substância ectoplasmática, com aparência de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço, a imperfeição do que é novo. Isso vos faz compreender como o desenvolvimento do organismo, até à forma adulta, seja apenas uma construção ideoplástica, realizada pelo psiquismo central, através dos velhos e seguros caminhos tradicionais percorridos pela evolução.

A rede de fatos e concomitâncias restringe-se cada vez mais em torno deste inegável psiquismo. Só ele vos dá a chave do fenômeno da *hereditariedade*[14]. Fenômeno inexplicável, se olhado apenas em seu aspecto orgânico, como o faz a ciência. Para ser compreendido, tem que completar-se com o conceito de *uma hereditariedade psíquica*. Como podem os órgãos, sujeitos a contínua renovação, até um final e definitivo desfazimento, conservar indefinidamente características estruturais e transmitir aptidões prenatais a outros organismos? Os registros no instinto — mesmo os mais importantes — ocorrem depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto, por vezes justamente na velhice (a máxima maturidade psíquica). Como podem, numa natureza tão previdente e econômica, justamente serem perdidas as melhores ocasiões? Ou não será que a hereditariedade segue outros caminhos, os psíquicos, pelos quais o material recolhido é confiado à sobrevivência do princípio espiritual, em lugar dos caminhos orgânicos da reprodução? Não vimos que esse era o nó que amarrava, numa explicação única, todos os fenômenos do instinto, da consciência, da evolução psíquica? Quem, senão o espírito imortal, pode manter o fio condutor que, através de um contínuo nascer e morrer de formas, dirige o desenvolvimento da evolução? Que fio, senão esse, saberia atingir as superiores construções da ética?

Esse conceito de hereditariedade psíquica conduz à conclusão inevitável, já agora preparada por muitos fatos para poder ser negada, da sobrevivência de um princípio psíquico depois da morte, isso tanto no homem como nos seres inferiores, que não foram deserdados pela justiça divina — embora irmãos menores e de forma diferente — dos direitos da sobrevivência. Se o psiquismo já foi demonstrado como parte integrante dos fenômenos biológicos — como princípio ao qual são confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora de todas as suas formas sucessivas — é óbvio admitir que ele, tal como sobrevive à morte orgânica, deva preexistir ao nascimento. Esse equilíbrio de momentos contrários é necessário na harmonia de todos os fenômenos; na indestrutibilidade da substância, já demonstrada em todos os campos, tudo é continuação e retorno cíclico. O universo não pode ser arrítmico em nenhum ponto, nem em nenhum momento. Resulta, pois, absurdo o conceito de uma Divindade submetida à dependência de dois seres, cuja união deva aguardar, para ser obrigada, quando

eles o queiram, ao trabalho da criação de uma alma. Não se pode conceder à criatura tal poder de decisão. No tempo ilimitado, que acúmulo de unidades espirituais através da vida! Onde se completaria o ciclo e se restabeleceria o equilíbrio?

A própria hereditariedade oferece-vos fenômenos doutro modo inexplicáveis. Sem este conceito, tudo se torna incompreensível e ilógico; com ele, tudo fica claro, justo, natural. Por vezes, os filhos superam os pais; os gênios nascem quase sempre de ancestrais medíocres. Como poderia o mais ser gerado pelo menos. Os caracteres distintivos da personalidade exorbitam de cada hereditariedade, à qual vedes que estão confiadas mais as afinidades orgânicas que as psíquicas. Vimos a gênese do psiquismo, a formação do instinto, da consciência, problemas insolúveis de outra forma. Por que essas profundas desigualdades, inatas e indestrutíveis no indivíduo, qualidades próprias indelevelmente estampadas em sua face psíquica interior? Elas não vos revelam todo um caminho percorrido? Um passado vivido que não pode anular-se, nem fazer calar, ressurge e grita: tal qual fui, tal sou. De tudo isso depende um destino de alegria ou dor, que demonstra um direito ou uma condenação. Uma criação nova, a partir do nada, teria que formar, por justiça divina, almas e destinos *iguais*. Não permitais que tantas condenações dolorosas — permitidas com justiça por Deus, porque queridas pelo ser livre e responsável — recaiam sobre a Divindade, como acusação de injustiça ou de inconsciência. Quantos absurdos éticos diante de uma alma, à qual, ao invés, deveria ensinar-se a subir moralmente!

Não exceptuais o homem da lei cíclica, que rege todos os fenômenos. Um rio não pode criar-se para a fonte. Se esta não haurisse sempre do mar, por meio da evaporação e das chuvas, não haveria bastante água para alimentar seu eterno fluxo. Não crieis desproporções entre um átimo, vossa vida, e uma eternidade de consequências. Sabeis acaso o que é uma eternidade? É absurda, inconcebível, uma tão descomunal desproporção entre causa e efeito. *Só o que não nasce é que não pode morrer*; só o que não teve princípio pode sobreviver na eternidade. Se admitirdes um ponto de partida, tereis que aceitar um equivalente ponto de chegada; *se a alma nasce com o corpo, tem que morrer com o corpo*. Esta lógica nos leva ao mais desesperador mate-rialismo.

Não acrediteis, como tantas vezes o fazeis em vossas ilusões, que prêmio ou castigo, alegria ou dor, na eternidade da divina justiça, possam ser usurpados, como é de costume em vosso mundo. Tudo obedece a uma lei fatal de causalidade, uma lei íntima, invisível e inviolável, contra a qual nada pode a astúcia nem a prepotência. É lei matemática, exato cálculo de forças. Não há possibilidade de violação, em tão férrea entrosagem de fenômenos. Ninguém escapa às consequências de suas ações: o bem e o mal que se praticam, é para si mesmo que são praticados. Antes da hereditariedade orgânica, existe a hereditariedade psíquica. Esta comanda aquela e resume todas as vossas obras e determina vosso destino. Deus é justo, sempre. Não podeis culpar ninguém. Em qualquer caso é absurdo amaldiçoar. Em cada átimo é feito o balanço exato do dar e do haver, como culpas e méritos, como castigos e alegrias; a dor é sempre uma bênção de Deus porque, se não resgata nem purifica, se não paga o débito, sempre constrói, porque acumula crédito. É a lei da vida, oculta, inatingível, sempre presente e sábia.

Caem vossas barreiras e as defesas que ergueis em favor da injustiça. A justiça é a lei profunda que vos acompanha e sempre vos encontra na eternidade. Quantos dramas nestas palavras! Acima do parentesco de corpos, há um parentesco mais profundo com o vosso passado e com vossas obras que ressurgem em redor de vós, assediam-vos, erguem-vos ou vos abatem. Sois exatamente como vos construís; possuís, aparentemente concedidas pela natureza, as armas que vós mesmos fabricasteis para vós e com elas enfrentais a vida, com ela a venceis. Movimentasteis as causas que agora agem dentro e fora de vós. O presente é filho do passado; o futuro é filho do presente. Não culpeis ninguém. A gênese de uma vida não pode ser o efeito de um egoísmo a dois, que agem em dano de um terceiro, impossibilitado de dar opinião. Como podeis acreditar que uma vida de alegria ou dor, tal qual dependeria a fixação de um estado definitivo por toda a eternidade, fosse deixada à mercê de um fato acidental, realizado sem consciência de suas consequências? Um fato tão substancial como é a vida e a dor de um homem, num organismo universal em que tudo é tão exato e justamente querido e previsto, como pode ser abandonado assim, fora da lei, no momento decisivo de sua gênese, que tem efeitos colossais? Não vedes o absurdo desse conceito? Como podeis crer que na imensa ordem soberana possa haver lugar para a loucura e a maldição, para a inconsciência e para a usurpação? E que se possam semear, assim ao acaso, por irresponsáveis, as causas da dor?

Não sentisteis vossa personalidade, que grita "eu", acima de qualquer vínculo e afinidade? A hereditariedade é acima de tudo psíquica, essa é de vós mesmos, individual, preparada por vós e assim desejada. A hereditariedade fisiológica é uma hereditariedade secundária, dependente daquela, de consequências limitadas porque inerentes a um organismo que, para vós, é apenas o veículo da viagem terrena que amanhã abandonareis. O parentesco familiar é parentesco orgânico, de formas, de tipos; nesse vaso desceu vosso espírito, não por acaso, mas por lei de afinidade. A fusão é completa numa unidade que, mesmo conservando os caracteres da raça e da família, transcende-os, muitas vezes, inconfundivelmente como personalidade psíquica. Vêm daí as semelhanças e ao mesmo tempo, tantas diferenças. Os genitores vos dão o germe da vida física; protegem-lhe o desenvolvimento, paralelamente ao da vida psíquica, descida do céu, e confiada a eles. Respeitai e amai seu grande trabalho. Nas horas frágeis da juventude, vossa alma eterna está em suas mãos; e tremei se sois vós os genitores, ao refletir que sois escolhidos como colaboradores no trabalho divino da construção de almas.

Se a vida psíquica não é filha direta dos pais, tem parentesco com eles pelas vias da afinidade, que a chama e atrai para determinado ambiente. Nada é confiado ao acaso. Muitas vezes a alma escolhe o lugar e o tempo, prevendo as provas que tem que vencer, mas quando ainda não atingiu essa consciência e ainda não sabe ser livre, então seu peso específico — que resulta do grau de sua destilação espiritual — as atrações e repulsões pelas coisas da terra e a natureza do tipo que constituiu, guiam-na *automaticamente*, para um espontâneo equilíbrio de forças em seu elemento, único no qual pode viver e trabalhar, do mesmo modo que tudo se equilibra no universo, do átomo às estrelas.

74. O CICLO DA EVOLUÇÃO E DA MORTE E SUA EVOLUÇÃO

Essa hereditariedade psíquica é a base, com significado e função fundamentais, do alternado ciclo da vida e da morte. Na evolução darwiniana visteis apenas a progressão das formas orgânicas. Inevitavelmente esbarraríeis neste último efeito do psiquismo, mas ele, como íntima causa determinante, para vós, permaneceu na sombra. Dessa maneira, escapou-vos o fio condutor de todo o processo e o acúmulo dos valores psíquicos; a manutenção em linha de continuidade de tantos fenômenos, constantemente interrompidos pela morte, tornou-se um mistério para vós. Não são as formas que evoluem: o princípio espiritual é que as plasma, que lhes é a causa e que possui o poder indestrutível de reconstruí-las sempre.

Se a natureza conserva uma indiferença suprema diante da morte, é porque esta *nada destrói* substancialmente, tanto assim que, apesar das contínuas mortes, a vida prossegue triunfante: nada é destruído, nem como matéria nem como espírito. A matéria abandonada, torna a descer a um nível inferior, é retomada num ciclo mais baixo de vida; o psiquismo reassume o dinamismo e os valores espirituais e sobe, imaterial e invisível, para equilibrar-se ao nível que é o seu, de acordo com seu *peso específico*. Assim como a natureza pinta os mais maravilhosos quadros com a luz e as cores convenientes, de igual modo, depois, despreocupadamente, deixa-os desvanecer-se porque sabe reconstruí-los mais belos ainda, pois sente-se rica de beleza, assim a vida, com a química do plasma, com suas forças íntimas, com a sabedoria do psiquismo, modela as mais maravilhosas formas de beleza, depois as deixa murchar e morrer, porque logo sabe refazê-las e refará outras mais belas, numa infinita prodigalidade de germes.

A morte não prejudica, absolutamente, o princípio da vida, que permanece intacto e até continuamente rejuvenescido com esse renovar-se constante através dela. Se a natureza não teme nem evita a morte, porque ela é *condição de vida*, com isso, nada se desperdiça em sua estrita economia. A natureza sabe que a substância é indestrutível e nada pode se perder, nem como quantidade, nem como qualidade. Sabe que tudo ressurge da morte: ressurge o corpo no ciclo das trocas orgânicas, ressurge o espírito no psiquismo diretor.

Que é, afinal, a morte? Que é essa estanha evaporação de consciência, pela qual, num átimo, o organismo passa do movimento à imobilidade, da sensibilidade à passividade inerte? Olhais assustados aquele corpo morto e em vão lhe pedis que torne a dar à vossa sensação a centelha da vida apagada. No entanto, a matéria está toda ali, no primeiro momento ainda intacta; lá estão todos os órgãos, os tecidos, o plasma; a máquina repousa completa. Falta-lhe apenas a vontade do conjunto, o psiquismo diretor; falta-lhe o poder central; a sociedade apressa-se a dissolver-se, como um exército que perdeu o chefe, no qual cada soldado pensa somente em si mesmo, para reunir-se a outros exércitos, onde quer que os encontre. O esplêndido edifício desaba e ou-tros construtores vizinhos, pouco importa se menos hábeis, correm para recolher material para seus edifícios. Tudo é logo retomado em novo circuito, reutilizado, e revive ao sol. Nada jamais pode morrer. Apenas a unidade coletiva se dissolve nas unidades menores componentes.

Ocorre portanto a separação do psiquismo e profunda mudança no estado da matéria. Acontece nesse fenômeno algo que vos relembra outras mudanças de estado mais simples, como a passagem da matéria do estado gasoso ao estado líquido e depois ao sólido. Existe perda de mobilidade, liberação de energia, nada se destrói na natureza e também a morte *"deve"*, por lei universal, *restituir* intacto o psiquismo que, naquele corpo, já agora inutilmente procurais encontrar. Não importa se ele vos escapa no imponderável, diante de vossos sentidos e meios de observação. Um psiquismo animador ali havia e não há mais. Todo o universo, obedecendo constantemente à sua lei, grita-vos: aquele psiquismo *não pode ter sido destruído*. Esse princípio vós o vedes, a cada momento, *renascer*, como do mar renascem as chuvas que aí caíram: renasce cheio de instintos, proporcionado ao ambiente, individuado como era, quando o corpo morreu. Na morte, o vedes desaparecer; no nascimento, reaparecer. Como será jamais possível que o ciclo, como acontece em todas as coisas, não se feche reunindo seus extremos? *Como o que não morre não pode ter nascido, assim o que existia antes do nascimento não pode morrer. O que não nasceu com a vida, não morre quando a vida cessa*.

A lógica do universo, a voz de todos os fenômenos, unanimemente vos leva a esta conclusão: se, como foi demonstrado, apesar de mudar de forma, a substância é indestrutível; se a existência de um princípio psíquico é evidente, este tem de ser imortal; e imortalidade só pode ser eternidade, equilíbrio entre passado e futuro, ou seja, reencarnação. Se tudo o que existe é eterno, vós, que existis, sois eternos. Nenhuma coisa poderá jamais ser anulada. Não há lei, nem autoridade humana, que possa destruir a lógica e a evidência dos fenômenos. *Sobrevivência do espírito é sinônimo de reencarnação*. Ou se renuncia a compreender o universo, como faz o materialismo ou, se admite um plano, uma ordem e um equilíbrio, como afirmam todos os fatos, é necessário acompanhar-lhe a lógica até as últimas consequências (não é possível parar na metade): vida e morte são os contrários que se compensam, dois impulsos que garantem o equilíbrio, duas fases complementares do mesmo ciclo.

Desaparecerá o espírito na indistinção de um grande reservatório anímico amorfo? Absurdo. Vedes que esse princípio não reaparece amorfo, mas com qualidades já prontas, porque se desenvolvem rapidamente, isto é, as mesmas qualidades de instinto, consciência e personalidade com que o visteis desaparecer. *A unidade reconstruída assemelha-se demais à unidade destruída, para que alguém possa dizer que não é a mesma* . Só assim podeis explicar a presciência do instinto, a gratuidade de seu conhecimento, aquele surgir de capacidades inatas, sem um aparente construtor precedente. Como poderiam os instintos, o destino, a personalidade nascerem do nada, tão diferentes e definidos, fora da lei universal de causalidade? Mas eles são o passado, que em virtude dessa mesma lei, renasce sempre; e nenhuma morte poderá jamais destruir. É absurdo e impossível um contínuo construir-se e desintegrar-se de personalidades; uma passagem do ser ao não-ser, em que se quebraria a cadeia de causalidades que prepara tudo e tudo conserva. Além disso, tudo está individuado, tudo grita "eu", no universo. Não existem esses mares de inércia, essas zonas de vazio; finalmente, a evolução não retrograda, não aniquila jamais e defende, como a coisa mais preciosa, os produtos de tantos esforços seus. Uma unidade coletiva tão complexa, como é a individualidade humana, constitui o produto mais

alto da vida e resume os resultados do maior trabalho da evolução. Seria possível que esta, em sua estrita economia, permitisse a dispersão de seus maiores valores? Ademais, por que o testemunho de vossos sentidos falazes deveriam ter mais força que vosso instinto, que diz: "eu sou imortal"? As religiões, os fenômenos mediúnicos, a lógica dos fatos, a voz concorde de toda a humanidade e de todos os tempos, dizem-vos: tu és imortal.

O psiquismo individual sobrevive nas plantas, nos animais, no homem. O *desenvolvimento embriológico*, que repete e resume todo o passado vivido, demonstra que na vida existe sempre o mesmo princípio, que continua seu trabalho. Essa sobrevivência indestrutível do passado no presente, que garante a continuidade da evolução, demonstra-vos também uma identidade constante do princípio de ação. O psiquismo sobrevive e o faz com o grau de consciência já conquistado, que pode subsistir no estado imaterial incorpóreo.

A morte não é igual para todos. É sim, no corpo, mas não no espírito. Nos seres inferiores — inclusive no homem nos primeiros degraus — o centro perde a consciência e apressa-se a reencontrá-la, arrastado pela corrente das forças da vida, em novos organismos. O grande mar tem suas marés; ininterruptamente, impele, na onda do tempo, os princípios, no alternado ciclo de vida e de morte, porque esse é o caminho para subir. A evolução é uma força premente. Está na natureza do dinamismo daquele princípio animador, de aspirar sempre a novas expressões e realizações mais elevadas. Essa perda *temporária* de consciência, nos seres inferiores, pode dar-lhes a sensação daquele fim que o materialismo defende: *sensação, não realidade*. Mas nos homens mais evoluídos, que entraram na fase α, propriamente dita, do espírito, a consciência *não se extingue*, mas lembra, observa, prevê, depois escolhe as provas com conhecimento. A consciência é conquista, é prêmio aos imensos esforços. No ambiente imaterial, pode subsistir no homem tudo o que nele é imaterial: aquela parte que foi pensamento elevado, sentimento tão preso às formas. Tudo o que é baixo é trevas; no alto estão a luz e a liberdade. Mas, por meio de sua luta diuturna para refinar a matéria, de maneira que possa expressar cada vez mais transparentemente o espírito, a evolução *vos eleva cada vez mais acima daquela morte que mais vos espanta, a treva da consciência*, e a transforma numa passagem, na qual a personalidade cada vez menos se abala, até reduzi-la a uma mudança de forma em que o "eu" permanece desperto e tranquilo.

Então o homem terá vencido a morte e *viverá consciente na eternidade*. O progresso espiritual e moral, ao qual estão confiadas a sorte e o porvir de vosso estado pessoal futuro, é, portanto, fenômeno biológico e torna-se fenômeno que toca diretamente à ciência e ao interesse individual e social.

A morte reduz-se, assim, a um "momento" da permuta orgânica da vida, e o problema da sobrevivência, enquadrado dessa maneira na perspectiva do funcionamento orgânico do universo, só é solucionável em sentido afirmativo.

Observai o íntimo dinamismo do fenômeno. A vida representa a fase de atividade do transformismo dinâmico-psíquico; a morte, a fase de repouso. Vimos o complexo mecanismo que, através da vida, ocorre nessa passagem da fase β à fase α. Primeiro, a gênese dos movimentos vorticosos no sistema planetário atômico, por ação do trem eletrônico da onda dinâmica degradada e, com isso, a formação da máquina vital em seu complexo quimismo. É a gênese do plasma, a matéria viva. Depois vimos seu desenvolvimento da planta ao homem; seu organizar-se em formas cada vez mais complexas. Definimos o circuito da energia, através das contínuas permutas de material orgânico, desde a matéria solar e suas radiações, até a planta plasmódoma (assimilação do carbono), ao animal plasmófago, até o alto psiquismo humano. Finalmente, vimos como resultado último de todo esse complexo funcionamento de materiais químicos e de energia, através da máquina da vida, o desenvolvimento do psiquismo, em suas fases de instinto, consciência e super-consciência.

Assim o espírito se constrói através da vida. Na morte, esse trabalho interrompe-se, para ser retomado mais tarde e continuado. A vida produziu o psiquismo por meio de uma corrente de metabolismo químico. Nesse processo de desmaterialização a que acenamos, o vórtice eletrônico introduziu-se cada vez mais profundamente na matéria, deslocando o equilíbrio íntimo de suas trajetórias e sua figura cinética; a energia, degradada ao máximo, sem destruir-se, passou através de todas essas mudanças e, de passagem em passagem, a encontrais em seu último termo na escala da evolução: no psiquismo. Aqui, β, torna-se α.

Na morte, então, ocorre o isolamento, a separação do princípio mais alto, de todos os princípios subjacentes e determinantes; aquele princípio separa-se dos princípios inferiores que ele havia chamado para colaborar com seu trabalho de evolução. A química mais alta da vida é deixada descer para formas mais simples; a energia não elaborada em psiquismo, é restituída às correntes ambientais; os instrumentos de trabalho tomados por empréstimo aos planos inferiores da matéria e da energia, são jogados fora para que outrem os recolha; completada a síntese da obra, o resultado e o valor da vida concentram-se no âmago dos movimentos vorticosos, na íntima estrutura cinética da substância que, com boa memória, conserva cada traço e amanhã a restituirá. O ser volta a si mesmo e tudo sobrevive no vórtice mais íntimo: eis a técnica do germe. Depois, *a fase de concentração se inverterá na de descentralização*, que é o processo da vida. Assim, *oscilando alternadamente da periferia ao centro, da ação à experiência, da matéria ao espírito, o ser percorre a dupla respiração de que se nutre a evolução: subida, descida; reconstrução, dissolução*. Na morte, o anjo destaca-se, livre, de seu pedestal. Voltará depois a apoiar-se na Terra, a engolfar-se nos ciclos densos da matéria, únicos que propiciam resistência e luta (prova), para adquirir nova experiência, para retemperar as próprias energias e aprofundar o íntimo movimento para o centro e complicar, por meio das provas, sua íntima estrutura cinética. Mas, a cada separação, o caminho percorrido é mais longo e, também, mais evoluída a matéria plasmada. A consciência, finalmente, ficará, *para todos*, mais lúcida além da morte; a separação da matéria mais sutil não será violenta; a cisão e a reunião da morte e do nascimento realizar-se-ão sem perturbações, num espírito permanentemente consciente e desperto. Então α terá superado a fase vida e, no limiar de nova dimensão, não haverá mais matéria, nem corpo, nem morte. Pois a evolução traz libertação, felicidade, consciência, luz.

Como navega nos espaços esse produto-síntese da vida? Essa unidade psíquica é o último produto destilado da evolução em suas fases γ, β, α, e chega à fase sucessiva +x, cujas dimensões exorbitam do vosso concebível. Essa unidade está fora do espaço e do tempo. Síntese da evolução completa, é o germe das evoluções futuras. Este *é uma individuação imaterial de altíssimo grau de concentração cinética*, escondido, para vós, no imponderável. Para entrar em contato com vossos sentidos, ele tem que

assumir as formas mais densas de vossa vida, percorrer de novo em descida o caminho ascensional da evolução, isto é, revestir-se primeiro de energia e depois, de matéria. Mas, como por desagregação atômica da matéria pode se gerar energia, também, com energia se pode fabricar matéria; mais no alto, como a energia formou o psiquismo, o espírito pode emanar energia.

As fases são sempre comunicantes, subindo ou descendo, e as entidades, em suas materializações, devem percorrer de novo a direção inversa da que percorreis. Trata-se de uma inversão dos processos cinéticos que observamos, de uma restituição da parte do vórtice eletrônico, da onda dinâmica, seguida de uma redução do movimento à forma mais simples do sistema planetário atômico. O último produto, isto é, a unidade do psiquismo, decompõe sua síntese e torna a desenvolver, no estado atual, o potencial incluso em estado latente. Esta a técnica das materializações mediúnicas, das desmaterializações, dos transportes, e semelhantes. Fenômenos de exceção, porque a substância existe integral em movimento em suas próprias fases. O espírito vagueia depois da morte, além do espaço e do tempo, em outras dimensões. O universo oferece-lhe todas as possibilidades e condições possíveis para reconstituir um corpo na matéria. Cada gota do infinito oceano estelar apresenta um apoio à vida, nas condições mais diversas, para enfrentar as provas, as experiências mais adequadas a cada tipo de diferenciação, a cada nível de existência. O oceano é desmensurado. O universo é todo palpitante de vida e de consciência e incessantemente ecoa no veemente trabalho da evolução.

75. O HOMEM

Vimos a *fase* α *em seu aspecto conceptual*, ao observarmos a evolução das leis da vida; em seu *aspecto dinâmico*, ao observarmos a gênese e a ascensão do psiquismo; em *seu aspecto estático*, ao observarmos as manifestações desse psiquismo nos órgãos internos e externos, em seu funcionamento, na direção da máquina orgânica. *Com isto, nossa longa caminhada de* γ *para* α *está terminada*. Chegamos ao homem, à sua alma.

Antes de deixar-vos, concentremos a atenção neste ponto culminante da evolução, nessa obra altíssima, preparada por tão longa caminhada e tão grande trabalho. Olhemos o homem como *indivíduo* e como *coletividade*, em suas leis, em seu progresso; olhemos o futuro que o espera no momento decisivo de sua mais elevada maturação biológica atual.

O homem, o Prometeu, de rosto luminoso, dominador no gesto, é, em seu organismo, todo ele, a expressão prepotente de um psiquismo interior. No olhar profundo, a potência de um rei que enfrenta o infinito; no punho fechado, o poder do vencedor da vida em seu planeta. No entanto, ele está pregado na rocha, suas vísceras dilaceradas pela águia; a seus pés, um mar de sangue. Aquele rosto é a única luz nas trevas profundas, cheias de sombras e de terrores, de dores e de delitos. Lívidos fulgores de exércitos, intermináveis fileiras de cruzes, enganadora cintilação de ouro, de vaidades, de prazeres e, sobretudo, um grito estridente de dor que clama por Deus.

Quanto esforço para reencontrar Deus! Grandeza de espírito, potência de vontade e de ação, agudeza de sabedoria, por toda parte um esforço titânico, jamais domado, de superar-se a si mesmo e vencer o mundo; a cada passo, um báratro tenebroso que engole tudo; uma potência escura de destruição que nivela tudo na morte e no esquecimento. Na eterna fuga, sempre nova onda sobrevém e submerge o passado, apaga e recomeça a vida. A corrida prossegue sem repouso, à luz incerta das miragens ilusórias. Nesta atmosfera densa e escura, o homem luta e sangra, buscando sua luz.

Quanta dor! É um mar sem limites, donde emerge apenas o braço do homem, que agita um facho de luz: é o gênio. No fundo triste e lamacento, patinam os piores em seu elemento, a sorrir, felizes e inconscientes. O gênio — seja artista, místico, pensador, santo, herói ou caudilho — é sempre uma cabeça em antecipação sobre a evolução, que o rebanho ignaro acompanha, por lei da vida. Seu destino é titânico: um abismo por onde passam zonas de paixão e de laceração, tempestades e visões nas quais está a voz de Deus. O gênio alça-se, angustiando-se, do leito de sua dor e da dor do mundo; com gesto supremo e tremendo, fixa o infinito com firmeza; mergulha no coração do mistério e rasga-lhe o véu, para que a vida caminhe. A massa inerte da grande alma coletiva experimenta súbita dilatação e vê, acompanha e sobe.

Por vezes, no inferno terrestre cai uma estrela do céu, só para chorar e amar; chora e ama durante uma vida inteira, cantando na dor própria e alheia, um canto divino inebriado de amor. A dor vergasta e a alma canta. Aquele canto tem estranha magia: amansa a fera humana, faz florescer as rosas entre os espinhos e os lírios na lama; a fera retrai suas garras; a dor, o seu assalto; o destino, seu aperto; o homem, sua ofensa. A magia da bondade e a harmonia do amor vencem a todos; dilata-se e com ele canta e ressoa toda a criação. Naquele canto amargurado há tanta fé, tanta esperança, que a dor transforma-se em paixão de bem e de ascensão. Aquele canto humilde e bom chega de muito longe, cheio das coisas de Deus; é novo perfume em que vibra o infinito; é secreto ciciar de paixão que fala à alma e revela, pelas vias do coração, mais que qualquer ciência, o mistério do ser; é uma carícia em que a dor repousa. Tudo se encarniça na Terra contra o mais simples e inerme que fala de Deus, para fazê-lo calar. Mas a palavra doce ressurge sempre, expande-se, triunfa. Porque é lei que a Boa Nova do Cristo se realize, o mal seja vencido e venha o Reino de Deus. A dor golpeará sem piedade, mas a alma humana emergirá de suas provas e a vida iniciará novo ciclo, pois, o momento está maduro e é lei que a besta transforme-se em anjo, da desordem surja nova harmonia e o hino da vida seja cantado mais alto.

O materialismo fez do homem um ser mau, dedicado a oprimir o próprio semelhante, *homo homini lupus* (o homem é o lobo do homem). Dele, faremos um ser justo e bom, dedicado a beneficiar seus irmãos. A ciência o fez perverso, nós, *por meio da própria ciência*, fá-lo-emos melhor. O homem é o artífice de seu destino: *tem que* arrostar o esforço de *criar a si mesmo*; deve esculpir a grande obra do espírito, na tosca matéria da vida. Seu deve ser o esforço da superação biológica e da liberação da lei mais baixa do mundo animal, seu será o triunfo da ascensão espiritual no campo de todos os valores humanos. Cada prova, cada dor e cada vitória serão um golpe de cinzel que definirá e embelezará a obra divina ao sol.

As conclusões estão iminentes. As questões científicas estão superadas. Esses problemas, longe de vós, podiam deixar-vos indiferentes. As conclusões vos atingem de perto em vossa vida, em vossa felicidade, em vosso futuro individual e coletivo. Se sois racionais, não podereis mais agora recusá-las, em nome de vossa própria razão e de vossa própria ciência. Há quem compreenda porque sente. Meu esforço teria sido muito menor se tivesse de falar apenas a quem já sente e compreende. Este livro foi escrito para quem precisa de demonstração para compreender; para eles foi feito este esforço de racionalidade, que doutra forma não teria sido necessário.

Podereis ter lido por curiosidade, mas cada palavra foi dita, cada conceito colocado em seu lugar, para que agissem como impulso convergente para essas conclusões. Todos os conceitos são força que, como ondas, repassam por todo o infinito, dirigindo-se para esta passagem, de onde dito as normas de vida individual e social, que não podeis mais repelir. Não tratei convosco questões de fé, porque aprendesteis a fugir da fé; levanto as questões de razão e de ciência, e com essas vossas mesmas armas, com que tentasteis demolir Deus e o mundo do espírito, eu vos obriguei progressivamente, em constrição férrea, a voltardes a Deus e ao espírito.

Minha palavra, eu disse, é verdadeira: realizou-se e se realizará. A semente está lançada e brotará. Ao mundo, indico a via do espírito, a única via das ascensões humanas na arte, na literatura, na ciência. Abri-vos esta porta para o infinito, que a razão e a ciência haviam fechado. Por esta estrada de conquistas, guiarei os fortes que me quiserem seguir.

Disse-vos que estais numa grande encruzilhada da vida do mundo. A Lei, que amadureceu por dois milênios, impõe hoje esta revolução biológica. Os fatos, que sabem fazer-se ouvir, constranger-vos-ão. Trata-se de movimentos mundiais de massa e de espíritos, de povos e de conceitos, movimentos profundos de que ninguém escapará. Mas antes que falem os fatos e se desencadeiem as forças mais baixas da vida, tinha de falar o pensamento, tinha de ser dado o aviso para que, quem o pudesse, compreendesse.

Falais sempre de força, falei-vos apenas de equilíbrios e ordem. Mostrei-vos, para além da aparência das coisas, uma realidade muito mais profunda e verdadeira; além da injustiça humana, uma justiça substancial; em cada pensamento meu, vistes palpitar a presença de uma Lei suprema, que é Deus. É lei de bondade e de justiça, mas justamente porque é lei de justiça, é também lei de reação, que sabe explodir tempestuosamente no destino individual como no coletivo. Ignorando esse equilíbrio, *usurpais* cada vez mais ao destino inexorável, excitando um furacão de reações. A cadeia transmite-se de geração em geração, o déficit acumula-se e vos submerge. Então, no fundo de um céu em tempestade, aparecem os profetas bíblicos, conclamando à penitência e então irrompem os cataclismos que são batismos de dor. A humanidade sai deles purificada, como se só pela dor conquistasse seus direitos; depois do reequilíbrio, reencontra a possibilidade de retomar o caminho interrompido da sua evolução.

Falei-vos de ideais e de princípios, com palavras de paz, que podem fazer sorrir o sapiente ceticismo moderno. Em vosso mundo, ao invés de colocar no alto os princípios, por eles lutando, são colocados os interesses e sobre eles fabricam-se princípios fictícios. Existem os ideais e as crenças oficiais, mas no profundo da alma humana existe a mentira. Desprezais o vencido, mesmo se é um justo; estimais o vencedor, embora seja desonesto. Acreditais só na matéria; confiais apenas na riqueza e na força, mas estas vos trairão.

Deveis compreender que, num regime de ordem universal, como vos mostrei, num campo infinito de forças conexas e poderosíssimas, embora imponderáveis e ultra-sensórias, agir com baixeza e leviandade significa expor-se a reações tremendas. A história está cheia delas. A lei está presente e comanda sempre todos, dirigentes ou dependentes; cada um tem sua responsabilidade em seu posto de combate. Ao conceito superficial de uma negação fácil de qualquer disciplina moral — como o materialismo científico difundiu no último século — opõe-se hoje o conceito oposto: *o homem é responsável*. Ele não vive isolado, mas em sociedades que *"devem"* ser organismos, onde cada indivíduo tem um trabalho a realizar. *A vida não é ócio, mas esforço de conquista*. Acima de todos os interesses materiais, há um interesse ideal igualmente urgente e importante, que atinge todos. Todas as instituições sociais e jurídicas, o trabalho, a propriedade, a riqueza e a concepção do Estado e do seu funcionamento, não são conceitos isolados, mas são *"funções"* da Lei; isto é, enquadram-se logicamente e não podem compreender-se, senão quando enquadrados no funcionamento orgânico do universo.

Como esta síntese é uma filosofia da ciência, assim, aqui estão as bases, que até agora jamais foram colocadas, de uma *filosofia científica do direito*. No campo moral cai qualquer empirismo, porque cada ato, cada pensamento, cada motivação tem sua meta, seu peso e, por cálculo matemático de forças, marca o destino de quem o executa. Pela primeira vez na história do homem ouve-se falar numa *ética científica, racional, exata*. O mundo da ética não é mais um campo de fé ou de abstrações: é um cálculo exato de forças. Se estas muitas vezes não são percebidas, porque sutis demais à justiça humana, outro equilíbrio mais profundo, a justiça divina, registra-as em vosso destino, as pesa e vos *impõe* a resultante, em forma de alegria ou de dor. Sois livres: podeis sorrir e negar tudo isto. Mas se violardes uma só dessas consequências, violareis a ordem de todo o universo e ele se levantará contra vós para esmagar-vos. Esta minha voz é a voz da justiça e de vossa consciência, onde troveja a voz de Deus e não podeis fazê-la calar.

Dei-vos um conceito da vida que extravasa sem limites no tempo, na qual nada se perde, nenhuma dor é vã, onde cada átimo é construtivo e é possível acumular e possuir verdadeira riqueza que não se destrói. Ensino-vos a valorizar e utilizar a dor. Olhemos juntos o âmago das coisas, não inutilmente, porque dele extraímos otimismo consciente e triunfante até na adversidade. Só os inconscientes podem pedir o absurdo de uma felicidade fácil, não conquistada; eu vos falei de luta e esforço para que a vitória, medida de vosso valor, seja vossa. Realizamos juntos a longa e cansativa caminhada da ascensão do ser, para que conheçais vosso amanhã e vos prepareis para ele porque, através de uma cortina de provas decisivas em vosso amontoar-se desordenado de formações psíquicas, já resplandece a luminosidade do futuro, no fundo imenso da evolução trifásica de vosso universo.

76. CÁLCULO DE RESPONSABILIDADES

O homem é responsável. Não basta dizê-lo. Mister demonstrá-lo. É preciso vincular a lei de equilíbrio que impera no campo moral, coativa em suas reações, com a outra, também de equilíbrio, sempre presente em todos os fenômenos. Não é suficiente estabelecer os princípios da ética no seio de um sistema abstrato e isolado, mas é indispensável sabê-los vincular com a ordem de todos os fenômenos de qualquer tipo, no âmago de um funcionamento orgânico, universal, *único*. Temos de saber descobrir, na eternidade, o inexorável aparecimento dos efeitos das ações humanas. Sem uma compreensão de toda a fenomenologia universal, sem a visão unitária de uma síntese global, é absurdo pretender a solução de qualquer problema isolado. Para poder equacionar o problema da responsabilidade, é preciso primeiro ter penetrado o princípio da evolução que, no campo humano, significa evolução espiritual. Filosofias e religiões o afirmaram; uma multidão de místicos o sentiu e viveu, mas como demonstração racional — se tirarmos deste princípio as bases que o sustentam e o distinguem de toda a evolução física, dinâmica e biológica — ficará incompreensível e discutível. Primeiro é mister ter compreendido o nexo que existe entre todos os fenômenos; ter afirmado a indestrutibilidade da substância, apesar do transformismo universal contínuo; ter demonstrado a gênese biológica do psiquismo, sua eternidade, a técnica de seu crescimento, a meta superbiológica da vida, o princípio de causalidade e a férrea lei de suas reações, a lógica do destino e de suas vicissitudes, o significado das provas e da dor.

Indispensável ter compreendido o valor espiritual da vida, em estreita relação com vossa moderna visão científica do mundo, em perfeita união com a realidade fenomênica, sem espaços intermediários de coisas desconhecidas e de incompreensões. Era lógico que o espírito, antes de empreender seu impulso para as regiões superiores do futuro, se inclinasse para trás, a fim de reencontrar suas origens no passado, e fizesse justiça ao trabalho realizado para sua preparação, desde as menores criaturas irmãs. Só agora, que está completa nossa viagem através dos mundos inferiores da matéria e da energia, é compreensível este último mundo das ascensões espirituais do homem.

Os fenômenos da ascensão moral, em todos os níveis, que culminam no misticismo do santo (super-homem antecipado nos mais altos graus da evolução), podem reduzir-se em termos científicos — por tudo o que dissemos na teoria dos movimentos vorticosos — àquele fenômeno de assimilação cinética, que vimos ter sido a base da formação e do desenvolvimento do psiquismo. Para quem compreendeu a técnica da evolução psíquica, o fenômeno da ascensão espiritual é simples: está logicamente colocado como continuação da evolução das formas inferiores. Em termos científicos, aquele fenômeno significa introduzir nas íntimas trajetórias dos movimentos vorticosos, de que é constituído o psiquismo humano, na fase α, novos impulsos provenientes de fora (o mundo da vida e das provas), para que sejam fundidos no âmbito daquelas forças e modifiquem aquelas trajetórias. Trata-se de enxertar no metabolismo do espírito, sempre escancarado para fora (ambiente), os elementos da química sutil do psiquismo. Praticamente vós os conheceis e os chamais pensamentos e obras de bem ou de mal. Escapa-vos hoje o cálculo dessa química imponderável, mas um dia penetrareis na constituição vorticosa do psiquismo; pesareis seus impulsos sutis e, tendo colocado em termos exatos o conhecimento das forças internas e externas, compreendereis que é possível o cálculo das forças constitutivas e modificadoras do edifício cinético da personalidade humana. É possível, uma vez definido seu tipo específico de individuação e sua história passada — que sua presente conformação continua e resume em sua forma — estabelecer a direção da evolução iniciada e fixar a natureza e o valor das forças a introduzir, para que essa evolução avance proveitosamente e desenvolvam-se as notas fundamentais dessa personalidade. Enquanto hoje esses fenômenos ocorrem por tentativas, isto significará assumir a direção dos fenômenos biológicos no campo mais decisivo: o da formação da personalidade.

Sendo indispensável evoluir, a essa formação de consciência é irresistivel o trabalho da vida individual e coletiva, e que enorme economia de energias significará *saber* realizá-lo! Se a humanidade tende biologicamente, como vimos, a criar um tipo de super-homem, vosso trabalho presente é buscar essa meta. A vida contém e pode produzir valores eternos. Sua finalidade é enriquecer-se deles cada vez mais. A vida tem um objetivo e vós, depois de haverdes aprendido a produzir e entesourar nas formas caducas da Terra, tereis de aprender agora para saber produzir e entesourar na substância, na eternidade. Para educar, é indispensável *repetir*, a fim de que certos conceitos mais elevados se assimilem e imprimam no íntimo turbilhão do psiquismo. Este é o objetivo da vida, esta é a função mais alta, pela qual se mede o valor daquela central dínamo-psíquica do organismo social, o Estado moderno.

Para o espírito ardente de fé, que sente por intuição essas verdades, é duro ter de falar assim, nos termos de u'a moral científica exata, mas isto me é imposto por vosso nível, ainda não intuitivo, mas apenas racional. O cálculo da responsabilidade moral é possível, quando se conhece o fenômeno da evolução psíquica. Se este é dado pelo cálculo dos impulsos íntimos em relação aos ambientes e ainda às resultantes de suas combinações, esse é um cálculo de reações. Tudo isto é apenas um momento da análise mais ampla, que pesquisa a linha das reencarnações e o desenvolvimento lógico do destino. Falo de desenvolvimento lógico porque, reconstruído o passado, vereis que ele, pelo princípio universal de causalidade, pesa, como uma força, no estado presente e no futuro, fazendo da personalidade u'a massa com trajetória própria. Essa, por inércia, tende a manter-se constante, apesar de a vontade e a liberdade individual poderem lutar para modificá-la.

Na evolução, que é desmaterialização da substância em busca de formas psíquicas, a personalidade *transforma seu "peso específico"*, coloca-se, por natural lei de equilíbrio, *em determinada altura*, seu ambiente natural, ao qual sempre volta espontaneamente. Também este é um cálculo de forças que se tem de levar em conta no cálculo das responsabilidades. Quantas coisas teria de considerar o presumível *direito social de punir* se, apenas, ao invés de ser mera medida de defesa individual ou de classe, quisesse ser princípio de justiça! Aliás, prêmios e castigos substanciais não são os que os homens distribuem, exterioridades que não correspondem à substância, mas aqueles que, embora por meio deles, a Lei impõe, em sua sabedoria, acima das leis humanas, baseada em equilíbrios aos quais, compreendendo-os ou não, todos obedecem: juizes e réus, dirigentes e dependentes, por ação de um comando ao qual não é possível escapar.

Os homens vivem misturados, juntos, mas suas leis não se misturam; o que esmaga mortalmente um indivíduo, para outro pode ser incompreensível, porque nunca o experimentou. Todos são vizinhos e irmãos, no entanto, diante da concatenação das próprias obras e consequências, cada um está sozinho. Sozinho com sua responsabilidade e seu destino, tal como ele mesmo o

quis. Os caminhos estão traçados e a ação humana exterior não os vê nem os modifica; os valores substanciais não correspondem às categorias e posições sociais. Além da justiça humana aparente, existe outra justiça diferente, divina, substancial, invisível e tremenda, à qual não se escapa na eternidade; esta não tem pressa, mas castiga inexoravelmente. No enredo dos destinos e dos objetivos de todos há uma linha individual, independente. Em qualquer ambiente se pode avançar ou retroceder na própria caminhada. Cada vida contém as provas necessárias e as melhores, mesmo que não sejam grandes nem espetaculares, mas sempre as mais adequadas e proporcionais.

Vimos como o ser, na evolução, ao subir da matéria ao espírito, passa também da lei da primeira, o determinismo, para a lei do segundo, a livre escolha. A ação é a resultante dos impulsos e da capacidade individual de reagir. A responsabilidade é relativa ao grau de evolução, porque *age em função da maior ou menor extensão da zona de determinismo ou livre-arbítrio*, que predomina na personalidade. Embora no mesmo ambiente, com os mesmos agentes psíquicos, o indivíduo reagirá de modo diferente. Sendo o ato o mesmo, o valor e o significado dele são muito diversos, de acordo com os vários tipos humanos e por isso muito diferente será a responsabilidade. *Responsabilidade relativa*, estritamente vinculada ao nível evolutivo, ou seja, conhecimento e liberdade, proporcionalmente aos quais nascem os deveres e se restringe o campo do que é lícito.

Falo de responsabilidade substancial, não da aparente que os homens se impõem mutuamente, por necessidade de defesa e conveniência. Falo de culpa, isto é, mal consciente, introdução de impulsos anti-evolutivos, que só excitam reação de dor. No campo humano, *mal é involução, bem é ascensão*, pois a grande lei é evolução. *Culpa* é a violação dessa lei de progresso, é rebelião ao impulso que leva a Deus, à ordem; é qualquer ato de anarquia. *Dor* é o efeito da reação da Lei violada, que se manifesta em sua vontade de reconstrução da ordem, que quer levar tudo a Deus; reação a que chamais *punição*. Quanto mais progredirdes, mais poderíeis cair, pela maior liberdade, se o estado mais adiantado de progresso não fosse protegido por um conhecimento proporcional.

77. DESTINO — O DIREITO DE PUNIR

Outro fator complica o cálculo das responsabilidades: o *determinismo das causas* introduzidas no passado, com as próprias ações, na trajetória do próprio destino; impulsos assimilados, por livre e responsável escolha, no edifício cinético do próprio psiquismo. Essas causas são forças colocadas em movimento pelo próprio "eu" e uma vez lançadas, são *autônomas*, até exaurir-se. Vossos atos prosseguem em seus efeitos, irresistivelmente, por leis de causalidade. Seu impulso é medido pela potência que imprimistes a esses atos, proporcionais e da mesma natureza, benéfica ou maléfica, ao impulso que desteis. Assim o bem ou o mal dirigido aos outros é feito sobretudo a si mesmo; é regido pelas reações da Lei e recai sobre o autor como uma chuva de alegrias ou de dores. O destino implica, pois, uma *responsabilidade composta*, que é resultante do passado e do presente.

Cada ato é sempre livre em sua origem, mas não depois, porque então *já pertence ao determinismo da lei de causalidade*, que lhe impõe as reações e as consequências. O destino, como efeito do passado, contém, pois, zonas de absoluto determinismo, mas a ele sobrepõe-se a cada momento a liberdade do presente, que vai chegando continuamente e tem o poder de introduzir sempre novos impulsos e, neste sentido, de "corrigir" os precedentes. O impulso do destino pode comparar-se à inércia de u'a massa lançada, que tende a prosseguir na direção iniciada mas, no entanto, pode sofrer atrações e desvios colaterais; esse impulso pode ser corrigido. Determinismo e liberdade, dessa maneira, contrabalançam-se, e o caminho é a resultante dada pela inércia do passado e pela constante ação corretora do presente. Nesses equilíbrios íntimos de forças reside o cálculo das responsabilidades. O presente pode corrigir o passado, numa vida de redenção; pode somar-se a ele nas estradas do bem, tanto quanto nas do mal. Diante do determinismo da Lei, que impõe a cada causa seu efeito, está o poder do livre-arbítrio, de corrigir a trajetória dos efeitos com a introdução de novos impulsos. *Destino não é fatalismo*, não é cega "Ánánke" (necessidade, determinismo, inevitabilidade), é a base de criações ou destruições contínuas. O que a cada momento está em ação no destino é a resultante de todas essas forças.

Responsabilidade progressiva, função do conhecimento e liberdade progressiva, cálculo complexo de forças; evolução, ao mesmo tempo *libertação do determinismo das causas* (destino), *como do determinismo da matéria*, eis a realidade mais profunda do fenômeno. Uma *ética racional tornada ciência exata*, que não seja mera arma de defesa, deve levar em conta todos esses fatores complexos; deve saber pesar essas forças e calcular-lhes a resultante; deve saber avaliar as motivações; reconstruir na personalidade seu passado biológico e orientar-se na vasta rede de causas e efeitos, de impulsos e contra-impulsos, que constituem o destino e sua correção. Para cada indivíduo o ponto de partida é muito diferente e não há maior absurdo, num mundo de substanciais desigualdades, que uma lei humana *a posteriori*, externa, igual para todos. Esta poderá satisfazer a funções sociais defensivas, mas não pode chamar-se justiça. Somente esta pode, pelas sanções morais e penais, constituir a base do *direito de punir*.

Isto está estritamente vinculado ao cálculo das responsabilidades, sem o qual não pode ser estabelecido. Tendo-se estabilizado por meio da força, como todos os direitos — na origem mera reação e necessidade de defesa —, transforma-se, por evolução, da fase de vingança *pessoal* à fase de proteção *coletiva*. A normalização jurídica da força, como no mais amplo processo da evolução da força em direito, a legalização da defesa dirige-se à conservação de *um grupo sempre mais extenso*, à proporção que surgem unidades coletivas cada vez mais vastas, do indivíduo à família, à classe, à nação, à humanidade. Em sua evolução, o direito penal *circunscreve cada vez mais, até a eliminação das zonas indefesas*, tornando mais difícil escapar à sua sanção (extradição), até cobrir todo o planeta; ao mesmo tempo atinge e disciplina *cada vez mais numerosas formas de atividades humanas*. Paralelamente, quanto mais se estende o direito, mais diminui a ferocidade, torna-se mais racional e inteligente; quanto

mais se torna proteção da ordem pública, menos se faz pela reivindicação da ofensa sofrida pelo particular; *é sempre menos "força" e sempre mais "justiça"*. À medida que o homem se afasta das necessidades da vida animal, manifesta-se contínua circunscrição do arbítrio na defesa, que se torna mais equilíbrio jurídico; a justiça fica menos incompleta; à proporção que o juiz evolui, *torna-se digno de conquistar o direito de julgar*.

Assim, o fenômeno não apenas se projeta da fase individual à fase social, não só tende a estabelecer mais profunda ordem, tornando-se mais substancial, mas *se desenvolve sempre mais e contém o fator moral, harmonizando-se em sistema ético*. O conceito originário de prejuízo, ressarcimento, ofensa, eleva-se à reconstrução de equilíbrios mais altos, enriquecidos dos novos valores que a evolução terá desenvolvido; a balança da justiça se fará muito mais precisa, até o cálculo das responsabilidades específicas, isto é, até as diferentíssimas responsabilidades individuais. A primitiva e grosseira *justiça do direito de defender-se*, evoluirá *para justiça que dá o direito de julgar e de punir*; cada vez mais a balança do direito substituirá a espada da vingança; cada vez mais pesará a responsabilidade moral do culpado e sempre menos a própria tutela egoística. Em sua evolução, o *jus* de punir penetrará sempre mais a substância das motivações. A ascensão moral e psíquica do legislador o autorizará a fazer uma *sindicância moral* sempre mais profunda, porque só um juiz mais sensível e perfeito poderá ousar, sem tornar tirania de pensamento, *aproximar-se da justiça substancial que vem da mão de Deus*. Esta é a meta das formas humanas. Quanto mais evolução elevar o legislador, tanto mais o submeterá a um ato de bondade e de compreensão para com o culpado. A função social da defesa se enriquecerá mais de funções preventivas e educativas, porque o dever dos dirigentes é ajudar o homem involuído a subir.

Assim as duas ferocidades, da culpa e do castigo, abrandam-se; aproximam-se os extremos, harmoniza-se seu choque. Melhor que investir contra uma alma que só sabe ser má, porque é involuída, é ajudá-la a evoluir, demolindo-se os focos de infecções morais onde nascem essas flores maléficas. Absurdo enfurecer-se contra os efeitos, se as causas forem deixadas intactas. Não se resolve o problema apenas com o egoísmo da autodefesa, com a repressão sem a prevenção. Justo, muitas vezes, é só o que protege a si mesmo; deve ampliar-se até proteger a todos. Na balança social há um tributo anual de expulsos, segundo uma lei expressa pelas estatísticas. É preciso compreender essa lei e cortá-la pela raiz. Há deserdados cujo crime é o de serem marcados no nascimento por uma tara hereditária. Outros são falidos na luta pela vida, com a mesma psicologia e valor moral dos vencedores. Indispensável saber ler e *trabalhar* na alma; saber fazer o cálculo das responsabilidades; ultrapassar a desastrosa psicologia materialista da antropologia criminal. Delinquência é fenômeno de involução. É necessário alimentar todos os fatores de evolução, demolir os opostos, se quiserdes que o decurso da doença melhore e a sociedade possa arriar o fardo. O trabalho deve ser de penetração de espírito, de educar, corrigir, ajudar e, sobretudo — pretende-se guiar e punir em nome de uma justiça divina — de recordar a máxima evangélica: "Quem esteja sem pecado, lance a primeira pedra".

78. OS CAMINHOS DA EVOLUÇÃO HUMANA

Os caminhos da evolução humana podem ser considerados nos diversos planos, tanto de um ponto de vista individual como coletivo.

Se o princípio central da Lei é evolução, tanto que evoluir é sinônimo de ser, e só é possível existir como movimento de progresso (superior a qualquer regresso), *evolução deve ser o conceito basilar da tábua de valores éticos*. Os conceitos de *bem* e de *mal*, de *virtude* e de *vício*, de *dever* e de *culpa*, embora relativos e progressivos (aliás, justamente por isso) só podem ser concebidos *em função da evolução*. Vimos esse fenômeno funcionar e triunfar em todas as dimensões que conheceis. Se a vossa fase atual é construção e ascensão de consciência, é desmaterialização de formas, é superação biológica e espiritualização de personalidade, esses conceitos resumem, com referência às posições relativas de cada um, *o bem, a virtude, o dever*. Os conceitos opostos significam posições também opostas: *mal, vício, culpa,* que são involução e descida.

Nesse regime de equilíbrio que governa o universo, mesmo no campo das forças morais, forma-se constantemente a soma dos impulsos e contra-impulsos, do dar e do haver. Por isso, a dor existe como fato substancial e insuprimível na ordem universal, pois tem exatamente a função necessária de *estabilizador de equilíbrios*, que são constantemente reconstituídos, logo que violados pela liberdade do ser. Daí o conceito de redenção por meio da dor. Por isso vos disse que ela é sempre um bem, enquanto *retifica a trajetória dos destinos*. Mal transitório, necessário em vista da necessidade da liberdade individual (base da responsabilidade e do merecimento). Sutiliza sempre o dar, acumula o crédito e transforma-se num meio de bem. Conceito evidente, já que o princípio de equilíbrio é universal e infalivelmente invade também o campo ético.

Colocadas essas bases racionais, é fácil a construção do *edifício* ético, que coincide com o posto em prática há milênios pelas religiões, filosofias, leis sociais, ditado pelas revelações, sentido pela intuição, mas sem esse fundamento de racionalidade que hoje é necessário para ser aceito pela psicologia moderna. Um cortejo de mártires e de escolhidos o compreenderam e puseram em prática de um lado ao outro do mundo, com sistemas diferentes, de acordo com a própria posição, mas sempre idênticos na aspiração constante para o alto. Os místicos, embora não se exprimissem de maneira científica, conheciam as leis da evolução das dimensões na fase α; realizavam num regime de constante educação a transformação biológica do homem em super-homem e pregavam o desapego da matéria, sua desmaterialização progressiva, com a renúncia e a superação da animalidade. Verdadeira técnica construtiva do psiquismo, assimilação por transmissão ao subconsciente de qualidades novas, estabilização da virtude no estado definitivo de instinto e, portanto, de necessidade.

O demônio, eterno inimigo, personifica as forças negativas e involuídas da animalidade, que sobrevive e ressurge das mais baixas camadas da personalidade. Os instintos inferiores, as paixões tempestuosas, são o antagonista na grande luta interior. As grandes renúncias — pobreza, castidade, obediência — são os truncamentos decisivos de onde a animalidade sai amortecida;

mas, recordemo-lo, só poderão valer quando se saiba concomitantemente *reconstruir*, compensando com qualidades mais elevadas, com amores, domínios e paixões mais espirituais, a fim de não desencaminhar o ser para outros lados, no vazio de uma asfixia infrutífera. Se impuserdes ao ser uma morte no nível animal, tendes de oferecer-lhe um renascimento *no nível espiritual*. As paixões são grandes forças que não devem ser destruídas, mas utilizadas e elevadas, já que na evolução tudo caminha por continuidade. Mas não deveis impor a virtude ao próximo, como meio de opressão, colocando-o em estado de renúncia, para com isso obter vosso domínio e vantagem na luta pela vida; que o esforço da virtude seja, acima de tudo, daquele que prega, como também daí venha sua vantagem.

Minha concepção implica uma *ética progressiva*, por isso vos mostra como modelo os tipos super-humanos cada vez mais perfeitos. Concepção aristocrática e dinâmica, antípoda da vossa, eleva ao tipo ideal a mediocridade da maioria. A psicologia comum só pode dar *a codificação dos instintos atrasados da humanidade*. Elevar como modelo o medíocre, só porque se impõe pela quantidade e não pelo valor, *significa erguer um monumento à inferioridade*. O individualismo, porém, que emerge do quadro de fundo difuso da maioria, é sagrado, desde que lute sempre para elevar-se, pois esta é a lei da vida e a ascensão coletiva só pode ser resultante de todas as ascensões individuais. emergir do mar da mediocridade para as vias do bem. Que as massas sejam enquadradas para que os poderes dirigentes possam impor melhor o trabalho da evolução, mas não sejam elevadas como modelo e o número não sufoque o valor. Lá de cima, alta e longínqua, está a luz dos espíritos gigantes, que superaram e escravizaram ao espírito as forças biológicas. Deles estão cheios os séculos, e cada um aí encontrará o tipo que representa o aperfeiçoamento das próprias qualidades. O sensitivo encontrará no poeta e no santo o gênio da arte e da fé; o volitivo encontrará o gênio da racionalidade e da intuição no herói, no pensador e no cientista. Cada tipo ergueu bem alto o facho da vontade, da mente, ou do coração, tendo aperfeiçoado uma qualidade da natureza humana. Cada tipo é um pioneiro que vos mostra o caminho da evolução.

O tipo humano comum move-se em outros níveis. O mais baixo vive e só concebe viver no nível vegetativo; move-se num campo físico, no qual a ideação é concreta, quase muscular. O mundo sensório é toda a realidade, nenhuma abstração, nenhum conceito sintético o supera: os instintos primordiais (fome e amor) dominam a sua satisfação, são a única necessidade, alegria e aspiração. Psiquismo rudimentar, que só se exercita no campo passional de atrações e repulsões violentas e primitivas. Qualquer superação permanece no inconcebível; trevas dominam quase toda a consciência. É o selvagem e, nos países civilizados, o homem das classes inferiores, onde ele renasce por seu peso específico.

Mas a civilização criou *um tipo mais elevado*, com o psiquismo mais desperto, que chega até à racionalidade. A explosão das paixões é controlada, pelo menos nas aparências. Os instintos primordiais, ainda que sendo os mesmos, complicam-se, revestem-se de um trabalho reflexivo controlado; sutilizam-se, tornam-se mais nervosos e psíquicos. Adora-se a riqueza e até a cultura; impera a ambição que incentiva a luta, que se torna cada vez mais nervosa e astuta, ultrapassa-se as metas do indispensável. Embora sensória, a realidade se enriquece. A zona do concebível dilata-se um pouco, mas fica sempre por fora dos fenômenos e é impotente diante de uma síntese substancial. Os princípios gerais são repetidos, mas não sentidos; há uma incapacidade de consciência quando vai além do interesse do "eu", suprema exigência. O altruísmo não se expande além do círculo familiar. É o moderno homem civilizado, educado com verniz de informações culturais, volitivo, dinâmico, sem escrúpulos, egoísta, habituado a mentir, vazio de qalquer convicção e aspiração substancial. Sua impotência intuitiva e sintética denomina-se razão, objetividade, ciência, que são meios utilitários.

Existe *um tipo ainda mais elevado* de homem, dificilmente reconhecível por fora por quem ainda não tenha chegado a esse nível. Muitas vezes é um solitário, um mártir, cuja grandeza não é reconhecida senão depois da morte. Isso é natural. Só o medíocre pode ser logo compreendido e aclamado pela maioria dos iguais. Glória fácil e rápida significa pouco valor. Neste tipo, o concebível dilatou-se até a síntese máxima, a consciência atingiu a dimensão superior da intuição. Está muito distante da média, porque viu e compreendeu as altas metas da vida e só pode passar pela Terra em missão, amando e fazendo o bem. Com frequência está alheio e desprezado no mundo, mas seu gesto abraça toda a criação. Ele superou os instintos da animalidade, ou luta para superá-los. Não tem inimigos na Terra, a não ser as leis biológicas inferiores, que procura esmagar. Aceita a dor e considera sua a dor do mundo. Sabe e sente tudo o que, para seus semelhantes, se perde no inconcebível. Seus triunfos são muito amplos e distantes para serem vistos, porque ele se move no pensamento e na ação, aderindo à substância das coisas, em harmonia com o infinito. Este é o tipo da *super-humanidade* do futuro, em que a animalidade egoísta e feroz estará vencida e o espírito triunfará.

Essas gradações não são absolutas, nem como nível, nem como tipo; cada um oscila entre uma e outra. Mas a evolução é universal e constante, realizando a ascensão de um tipo ao outro. Ascensão do selvagem para a civilização, ascensão das classes inferiores para o bem-estar da burguesia; velha história das mais baixas ascensões humanas, impulso determinante das revoluções sociais. Mas hoje a persistência e a extensão da civilização amadureceram e difundiram o segundo tipo humano e, visto que é preciso evoluir, quando este for maioria, por ter elevado e assimilado o tipo inferior, sua revolução só poderá dirigir-se para o terceiro tipo: o super-homem. Embaixo agitam-se confusamente, as aspirações das classes sociais inferiores, prontas a submergir o egoísmo de raça para impor o interesse de classe, se a zona superior não souber defender sua função dirigente. O segundo tipo tende, por impulso evolutivo idêntico, a elevar-se ao nível do super-homem; esta é verdadeiramente a grande e nova transformação biológica, em massa, dos séculos futuros.

Minhas perspectivas futuras não são utopia, mas estão ligadas aos fatos e à evolução histórica normal. O fenômeno foi, no passado, um produto esporádico, isolado. No futuro tornar-se-á um produto de classe. A santa obra da educação do povo trará isto, em massa, ao nível médio e quando esta for a zona de maior extensão, nenhuma revolução poderá mais emergir de baixo. O progresso científico prepara inevitavelmente, apesar de seus perigos, um ambiente de menos áspera escravidão econômica e de mais intensa intelectualidade. A civilização estabilizará rapidamente o nível médio da vida no segundo grau da evolução humana, que então desejará subir para o terceiro. Isto poderá parecer distante hoje, quando ainda ressoa o eco, entre vós, das lutas nos mais baixos níveis; mas o tempo está maduro, pela elaboração dos milênios, este é o futuro do mundo. Não vos falo do presente que conheceis, mas do futuro, que vos aguarda; não vos exponho apenas as dificuldades desta hora, mas também os problemas e as construções para as quais é necessário preparar-vos.

79. A LEI DO TRABALHO

Os caminhos da evolução no nível humano *são ciência e trabalho*. Para preparar o reino do espírito é indispensável, antes, transformar a Terra, para que as construções superiores tenham suas bases em continuidade. É necessário, antes de pensar no progresso futuro, amadurecer o progresso presente. Maravilhoso é vosso dinamismo trabalhador e criador, não o tomeis, todavia, como meta absoluta, como tipo definitivo e completo de vida, mas apenas como meio para atingir um estado mais distante e algo superior. Aprendei a ver seus pontos fracos e a querer superá-los, porque neles também estão as culpas, os males e as dores que vos afligem. Admirai e, acima de tudo, aperfeiçoai; mas não tomeis a sério demais vossa civilização mecânica, que vos prepara um amanhã bem triste se não *"completar-se"* pelos caminhos do espírito. Não é inútil, mesmo praticamente, conhecer o universo, sua lei, a linha do destino, as forças do bem e do mal que nele agem, corrigi-las, dominar a dor e as provas para a própria felicidade numa vida sem limites. Aceitai o trabalho e a ciência, mas colocai-os no nível que lhes compete: o de apenas arar o campo em que deverá florescer um jardim. Mesmo o tipo médio terá de esperar sua ascensão e preparar-se para as superconstruções sutis do espírito. Vosso dinamismo violento exprime vosso tipo dominante, vosso trabalho de criação nos níveis mais baixos da vida humana é apenas a base do grande edifício, cujo vértice se perde no céu.

Se o trabalho, tal como o entendeis, transforma a terra, não modifica, porém, o homem. O homem é o valor máximo, o centro dinâmico que sempre retorna. É a fase de consciência alcançada, a matriz de todas as construções futuras. Não basta criar o ambiente, indispensável agir também no âmago e criar o homem. Vossa atividade humana ilumina-se, então, com luz interior; valoriza-se com significado imensamente mais alto. Vossa mentalidade utilitária fez do trabalho uma condenação, transformasteis o dom divino de plasmar o mundo à vossa imagem num tormento insaciável de posse. A lei *"do ut des"* (Dou para que tu dês), que impera no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto. É uma dor que pesa sobre vós, mas isso é justo e cabível, porque exprime exatamente o que sois e o que mereceis. Todos os vossos males são devidos à vossa imperfeição social e à vossa impotência de saber fazer melhor.

Por isso, tantos males, como a guerra, são ocasionados pelo que sois e pelo que eles são, inevitáveis, até que vos transformeis. *O trabalho não é uma necessidade econômica, mas uma necessidade moral*. Ao conceito de trabalho econômico tem que substituir-se o de *trabalho função-social*. Direi mais: *função biológica construtora*. Tem a função de criar novos órgãos exteriores (a máquina), expressão do psiquismo; a função de fixar, com a repetição constante, os automatismos (sempre escola construtora de aptidões); a tarefa de coordenar o indivíduo no funcionamento orgânico da sociedade. Ao conceito limitadíssimo, egoísta e socialmente danoso, de *trabalho-lucro*, é preciso substituir o conceito de *trabalho-dever* e de *trabalho-missão*. Isto é um encaminhamento ao altruísmo, não um altruísmo sentimental e desordenado mas prático e ponderado, cujas vantagens são calculadas. Dado o tipo humano dominante, o altruísmo só pode nascer como utilidade coletiva. Utilidade que, pela lei do menor esforço, coloca-o, inexoravelmente, na linha da evolução. Limitar o trabalho, mesmo material, com a única finalidade egoísta do lucro, é diminuir-se, abdicando da consciência do próprio valor de que o trabalho é prova e confirmação; é um mutilar-se, uma renúncia à função de célula social, de construtor, que por menor que seja, tem seu lugar no funcionamento orgânico do universo.

Concebei o trabalho como instrumento de construção eterna, mas cujo fruto vos pertence, em forma de capacidade conquistada para a eternidade e não como lucro de vantagens imediatas e caducas. A verdadeira recompensa está em vosso valor, que o trabalho cria e mantém; não vos pode ser roubado. Amai o trabalho como disciplina do espírito, como escola de ascensões, como absoluta necessidade da vida, correspondente aos imperativos supremos da Lei, que impõe vosso progresso mediante vosso esforço. Ele dará um sentido de seriedade, de dever, de responsabilidade perante a vida, fazendo dela um campo de exercícios, ao invés de um carnaval de gozadores; evitará o espetáculo de tantas leviandades que insultam o pobre; dará alto valor ao dinheiro que deve ter sabor de esforço e que é o único honesto.

Assim, o trabalho não é uma condenação social dos deserdados, mas um dever de todos, a que não é lícito fugir. Na minha ética é *imoral quem se subtrai à própria função social de colaborar no organismo coletivo, em que cada um tem de estar em seu posto de combate. O ócio não é lícito*, mesmo se permitido pelas condições econômicas. Esta é a moral mais baixa "do ut des". Moral selvagem que tendes de ultrapassar. Assim, não é apenas por dever social, mas também por si mesmo; para não morrer, pois, o espírito *deve* nutrir-se cada dia de atividades; cada dia reconstruir-se, realizando-se no mundo da ação. *Parar além do repouso indispensável é culpa de lesa-evolução. Quem vadia rouba à sociedade e a si mesmo*. O novo mandamento é: *trabalhar*.

Estas são as bases do mundo econômico do futuro, em que urge introduzir os conceitos *morais* de função e de coordenação de atividades. Em nenhum campo se pode ser agnóstico, amoral, espiritualmente ausente, numa sociedade consciente, orgânica e decidida a progredir. Só assim se eliminará tanto atrito inútil, de classes; tantos antagonismos de indivíduos e de povos. *É necessário formar esta nova consciência de trabalho*, porque só então ele se elevará à função social, à coordenação solidária (colaboracionismo) de forças sociais. Os conceitos do velho mundo econômico são absolutamente insuficientes. Temos *que purificar a propriedade*, tornando-a filha do trabalho. É necessário consolidar e não demolir essa instituição, reforçando-a nas bases, no momento da formação, que deve corresponder de modo absoluto a um princípio de equidade.

Em minha ética, *rouba* aquele que, por vias transversas, pouco importa se legais, acumula rapidamente, enriquecendo de um golpe; *rouba* quem vive de bens hereditários, no ócio; *rouba* quem não dá à sociedade todo o rendimento de sua capacidade. Para evitar esses males, temos que cortar o mal pela raiz, que está na alma humana. Este o primeiro passo a dar no campo das ascensões humanas: fazer um homem que saiba quem é, qual é seu dever, qual sua meta na Terra e na eternidade; um homem que se mova não no círculo estreito de um separatismo egoísta, mas num mundo de colaborações sociais e universais; um homem mais

evoluído, que saiba acrescentar às suas aspirações materiais, as mais poderosas, de caráter espiritual; que faça do trabalho não uma condenação, mas um ato de valor e de conquista. Se ao retrocedermos no passado, o trabalho era posição de vencido e de escravo, ao contrário, ao progredirmos no futuro, mais o trabalho se tornará ato nobre de domínio e de elevação.

Eis o que vos aguarda no futuro. O progresso científico e mecânico iniciou novo ciclo de civilização. As forças naturais serão dominadas e submetidas, e o homem, tornando-se verdadeiramente rei do planeta, aí assumirá a direção das forças da matéria e da vida. As civilizações futuras vos imporão um regime de coordenação e de consciência, na qual se valorizará grandemente o tão depreciado valor moral e psíquico, fator fundamental para um ser que, em plena responsabilidade e conhecimento das consequências, terá que assumir a função de central psíquica, em torno da qual girarão, não mais o presente estado de luta e de anarquia, mas todas as forças do planeta, em perfeito funcionamento orgânico.

A luta presente é viva, porque é ativo o esforço que tende à construção das novas harmonias. A ciência se espiritualizará. Exaurida sua função utilitária, ultrapassará aquele seu caráter, adquirindo valor moral e metas espirituais. A sutilização dos meios de pesquisa levar-vos-á, inevitavelmente, ao contato com essa mais profunda realidade do imponderável. A ética será um fato demonstrável, portanto, obrigatório para qualquer ser racional. Não será mais lícita a inconsciência do egoísmo, do vício, do mal, que tantas dores semeia em vossa vida. A evolução vos aperta e constrange fatalmente de todos os lados; vosso irrequieto dinamismo já trabalha vivamente para isso. A beleza do futuro será, sobretudo, o funcionamento harmônico de vosso mundo; vosso progresso será uma conquista de ordem, que vos harmonizará com a ordem reinante no universo. A matéria que completou seu ciclo de vida, atingiu o estado de ordem no universo astronômico; também o espírito, que hoje está para vós no período das primeiras formações caóticas, realizará a fase de ordem tanto mais quanto mais avançar no ciclo da vida.

Esperam-vos: ascensão e dilatação do concebível, transformações de consciência para dimensões superiores e contatos com os mais inexplorados ângulos do universo e campos de conhecimento. Deus se aproximará de vós, em vossa concepção, e o sentireis cada vez mais presente, cósmico, surpreendente. Vós, fundidos em Sua ordem, sereis muito mais felizes que hoje. Esse será o prêmio de vosso esforço.

80. O PROBLEMA DA RENÚNCIA

Prossigamos nos caminhos da evolução, que agora atingirá problemas mais substanciais, penetrando as camadas mais profundas da personalidade. Enfrentemos as mais altas fases da ascensão, mostrando o trabalho adequado para os tipos humanos mais elevados. Nossas construções são todas na consciência, a única a armazenar valores indestrutíveis. É em função dessas construções que concebo qualquer forma de atividade humana. Não vos abandoneis à inconsciência do *carpe diem* (aproveite o dia). Indispensável preparar-se o futuro. Não se pode dizer: gozemos, não há amanhã. Porque o amanhã chega e vos encontra despreparados. A inconsciência não evita as reações. É preciso enfrentar com seriedade e coragem muitos problemas individuais e sociais, que vossos ancestrais talvez não sentissem coletivamente mas que, sem dúvida, não resolveram. É necessário compreender tudo e refazer dos alicerces, especialmente o homem, que é apenas uma criança. Tendes diante de vós imenso trabalho, e apenas o começasteis. Deveis realizar acima de tudo uma construção moral e maravilhosa e é para preparar-vos para ela que executei tão longa viagem, desde os movimentos primordiais até o espírito.

A lei futura está, não há dúvida, no Evangelho do Cristo e se realizará no esperado Reino de Deus. Mas esta lei vos aparece hoje como um caso limite, de que só é possível avizinhar-se por aproximações sucessivas, por meio do uso inteligente das forças biológicas. As verdadeiras soluções partem do indivíduo e de seu coração, atingem a substância, mudando primeiro a conformação da alma individual. Não se trata de experiências coletivas exteriores, de sistemas reorganizados; mas trata-se de maturação biológica; trata-se de compreendê-la e de secundá-la. Não pode ser negada, porque é irresistível.

O problema pode considerar-se como religioso, político, econômico, jurídico, artístico, científico; atinge o homem integral e, portanto, todas as suas manifestações. Não se trata de destruir, mas de sublimar os caracteres fundamentais da personalidade: vontade cada vez mais viril, inteligência mais aguda, coração sempre mais sensível e aberto. *Do homem deve nascer o anjo*. É a redenção de Cristo. O Evangelho é o seu código, a virtude é a norma, a vida dos santos, a experiência. É a fé que anima todas as religiões, cada uma em seu nível. Corpo e espírito são posições vizinhas, duas fases, dois mundos, duas leis. A evolução tem que realizar a ascensão $\beta \rightarrow \alpha$. O primeiro já está feito. A evolução continua e é necessário fazer evoluir o segundo, consolidar e elevar vossas tentativas de formações psíquicas (paixões, embriões de intelectualidade, esboços de alma coletiva). O homem conquistou o poder fora de si, o domínio da Terra. Agora tem que conquistar o poder dentro de si, o domínio do espírito.

Num mundo em que ninguém pensa no semelhante como seu irmão, como se a sorte do próximo pudesse ficar isolada e não recaísse sobre todos; num mundo em que ninguém tem em si a medida da própria expansão, mas a espera da reação dos outros, que igualmente quereriam expandir-se sozinhos, acima de todos; nesse mundo, a aparente utopia evangélica é o único cimento coordenador de atividades e construtor do organismo social. Todos aguardam sistemas exteriores, contanto que não mudem a si mesmos. Nas mais diferentes experiências sociais todos ficam sempre idênticos, mas o progresso social só pode verificar-se através dos progressos individuais somados; a melhoria do organismo virá da melhoria de cada uma de suas células. Assim se realiza a grandiosa ascensão humana que, partindo do inferno da animalidade (o mundo da fera), através do purgatório da prova que ensina ou da dor que redime (lei de equilíbrio), chega ao paraíso das realizações do divino (o mundo super-humano). As vias da evolução são também as vias da libertação das trevas, do mal, da dor.

É necessário *demolir e reconstruir*; sufocar a animalidade individual e social e qualquer expressão dela, substituindo-lhe por manifestações de ordem superior. Para reedificar, mister também destruir, depois substituir e reconstruir. Se a renúncia é

necessária como demolição, *é indispensável substituir o velho* com novas paixões, impulsos e criações, para que o ritmo da vida não pare e o espírito não fique árido. É necessário que o alegre esforço de renascer mais alto supere e absorva o tormento da morte mais embaixo. Evitai as loucuras da renúncia pela renúncia: isso provoca perigosas zonas de vazio, em que a alma se atrofia. Mas seja a luta tempestuosa e heróica, como a dos conquistadores que avançam seguros; seja de arrojo de paixão que sabe vencer tudo; seja em cada átimo cheia de alegria de uma juventude renovada. Forma-se, então, entre corpo e espírito, uma rivalidade, uma guerra, que os místicos bem conheceram e descreveram.

Se subimos aos mais altos níveis, parece que a velha forma biológica, que se atrofia, não pode mais suportar o psiquismo hipertrofiado e surgem desequilíbrios aparentes, que a ciência, não sabendo compreendê-los, define como patológicos, classificando-os como formas de neurose. A matéria é pertinaz, mas é filha do passado que se supera; o espírito sofre, mas o futuro pertence-lhe; passado e futuro significam força e justiça, dor e alegria, escravidão e liberdade, mal e bem; extremos entre os quais oscila a alma humana para sua ascensão.

Para os seres evoluídos, essas realidades do espírito — inconcebíveis para os tipos inferiores — podem ser irresistíveis. Então a luta assume proporções tremendas, entre um espírito que busca com toda a força sua afirmação e exige para si toda a vida, e uma natureza inferior, que não quer ceder o campo e não quer morrer. O passado resiste sólido, por impulsos de milênios, cristalizados nas formas. Ao incêndio do espírito opõe a inércia das grandes massas e agarra-se como contrapeso ao frêmito do anjo alado que anseia voar. O espírito vê, guia, segura, é o centro dinâmico. A matéria é massa estabilizada que fixou e conserva as conquistas feitas. O espírito está à testa, arrisca novos equilíbrios, destacando-se dos caminhos conhecidos, arrostando perigos para si; o esforço é todo seu. O organismo humano está construído para prover, com um mínimo de esforço psíquico, a sua vida vegetativa, para atender ao metabolismo e não para suportar as tempestades da alma. Mas para esses seres, cada átimo de vida é um átimo de transformismo evolutivo, a grande caminhada não pode deter-se e a vida desloca seu centro. Tudo se transforma no ser: paixões e aspirações, numa realização cada vez mais intensa do divino. Drama laborioso e fecundo, que só os grandes souberam viver, que a grande arte do futuro saberá compreender e representar. Lutas e vitórias de titãs. Impô-las a quem não está maduro, significa dar a morte, sem tornar a dar a vida.

A alegria da vida está na expansão, o sofrimento, na limitação. É inútil tentar ascensões altas demais e renúncias vazias, que nada trariam além de sofrimento. *Mas é necessário introduzir, com tenacidade e sem mentira, o máximo de transformismo suportável na forma individual*, seguindo cada um sua própria linha típica de especialização. As grandes ascensões não são fáceis aventuras espirituais, mas verdadeiras transformações de consciência, transportadas perigosamente além da vida, no supranormal, Não basta dizer: Senhor, Senhor! Mas é indispensável a maceração de corpo e espírito, em que vale sobretudo a tenacidade das marteladas, que o plasma. Trabalho de purificação totalitária, que vai da atitude do espírito, da escolha das obras, à purificação celular obtida por meio de um regime dietético que exclui a introdução de alimentos inadequados no circuito orgânico. Trabalho de ponderação e resistência, cálculo complexo de forças, em que é mister não esquecer que *a evolução não se força nem se usurpa*, porque se trata de um amadurecimento biológico, que só pode obter por meio de longo trabalho constante, mas se pode facilitar e acelerar sua realização, escolhendo o caminho, ao invés de lançar-se em tentativas, à mercê do acaso.

Estas palavras de equilíbrio, eu as digo ao tipo comum, porque sua mediocridade é dominante e ele é inepto diante das grandes realizações do espírito. Elas lá estão, ideais altos como faróis que iluminam o mundo. Entretanto, a maioria humana está apenas nas primeiras aproximações.

Falando ao tipo comum, devemos indicar a renúncia não em seu grau mais alto e na forma totalitária da perfeição moral, mas como aproximação máxima suportável. Isso constitui sempre uma escola de disciplina moral, proporcionada às forças e à compreensão individual. Disciplina dos sentidos, controle das paixões, educação diuturna que não deixe escapar ocasiões para elevar os impulsos existentes. *Cada um, na emulação das ascensões, escalonar-se-á no nível de sua capacidade;* o que ele souber conquistar *dará testemunho de seu valor íntimo*.

Por isso, não direi ao homem moderno: destrói a riqueza, sê pobre. Mas lhe direi que se encaminhe gradativamente, porque só aos poucos poderá conquistar a perfeição. Comece a livrar-se da escravidão do supérfluo, do moderno frenesi da riqueza, o mais das vezes conduzindo a complicações antivitais. Quando ela não custa muito esforço, custa em desonestidade e jamais paga o que exige. É uma arma de dois gumes que, se facilita a vida, constitui também uma cadeia que a oprime. A sociedade moderna está esmagada pelo peso de hábitos custosos e supérfluos; é uma corrida à multiplicação artificial das necessidades, escravidão real, alegria efêmera, porque se desvaloriza com o costume.

Simplificai. Há uma pobreza econômica, que pode amplamente ser compensada por uma grande riqueza moral, como existe uma miséria moral que nenhuma riqueza poderá jamais preencher. Esse é vosso tempo. O deus utilitário de vossa civilização moderna impõe, cada dia, um esforço maior do que o faz o deus da renúncia. A matéria é negativa, inerte, pobre, insaciável, egoísta, absorve e acumula. Cega e muda, só pode viver se plasmada pela potência do espírito, em seu amplexo vivificante. O espírito é positivo, ativo, rico, generoso; sua necessidade é o dar, altruísmo, o sacrifício; não tem dedos para segurar e entesourar, mas é potencial inexaurível de criação. Ai de quem se fecha no circuito da matéria: obstrui para si os caminhos que alcançam as mais ativas fontes dinâmicas, que estão na direção das forças espirituais. Felizes os pobres de espírito. Mesmo que obtiverdes a riqueza, que vosso coração esteja desapegado dela. Muitos pobres são apenas ricos frustrados, *igualmente ávidos e culpados*. Eles terão ainda de sofrer e superar a prova da riqueza, para aprender a sublime lição do desapego. O pobre que inveja, só para sobressair naquilo que condena, obterá a riqueza como punição, para experimentar-lhe o enorme peso e o valor efêmero. Seja a riqueza um meio e não um fim; seja dirigida para metas mais altas, únicas que poderão justificar um pouco o triste ídolo, em cujo nome tanto mal foi cometido.

81. A FUNÇÃO DA DOR

Outra força que o homem moderno teria de compreender é a *dor*. A atitude de vossa mentalidade diante do fenômeno da dor é a de defesa e de rebelião. A ciência fez faiscar em vossas mentes a ilusão de uma possibilidade de paraíso imediato na Terra e desencadeou uma guerra contra a dor, mesmo à custa de qualquer prostituição moral, num paroxismo de terror que revela como, mesmo nas dobras de sua audácia, esconde-se numa zona cinzenta de fraqueza, uma alma cega diante dos objetivos supremos. Mas essa atitude de espírito não alcançou sua meta e jamais, mesmo no estrondo de tão grande progresso, a dor assanhou-se tanto mais aguda e profunda; nunca se viu maior vazio no espírito, faltando a coragem de lutar e saber sofrer. A ciência não compreendeu que a dor tem *uma função fundamental de equilíbrio na economia da vida* e como tal, não pode ser eliminada; ela é íntima função de ordem, função biológica construtiva, como excitante de atividades conscientes. O tão criticado estado de alma, de resignação paciente, é uma virtude de adaptação, de resistência e de defesa, que os povos modernos estão perdendo. A ciência movimentou-se para eliminar as causas próximas da dor; ela, porém, corresponde a uma lei de ampla causalidade, cujos primeiros e distantes impulsos é mister pesquisar. Essas causas estão na substância dos atos humanos, na natureza individual. Enquanto o homem for o que é e não souber realizar o esforço de realizar-se a si mesmo, a dor será parte integrante de sua vida, com funções evolutivas fundamentais. Portanto, *é irredutível fator substancial que impõe a evolução*. Sei muito bem como é o homem moderno e não lhe peço a perfeição imediata. Digo-lhe, entretanto, que, se não for capaz de melhorar-se e enquanto não modificar-se, todas as dores que lhe sobrevierem serão justas e bem merecidas.

Pobre ciência: muda diante dos problemas substanciais! Pobres crianças que odiais a dor que vós mesmos quisesteis e que semeasteis; que tendes a ilusão de vencê-la, calando-a e escondendo-a ao invés de compreendê-la. Os problemas só se resolvem quando são enfrentados com lealdade e coragem. No meio de tanto progresso, cada um caminha mudo dentro de si mesmo, a sorrir numa máscara de cortesia, que esconde seu fardo de males secretos. A cada dia, novos excessos em todos os setores, excitando novas reações de sofrimentos futuros. Se o homem tem de ser livre e, no entanto, ignora as consequências de suas ações, uma dor atroz que o flagele é, para seu bem, a reação necessária e proporcional à sua sensibilidade. Isto é inevitável, quando a orientação da vida for toda errada. A lei das coisas nem por isso se modifica, mas reage a cada momento para fazer-se compreender. Em sua ingenuidade, o homem pretenderia violar e modificar a Lei, torcendo-a a seu favor; está iludido de que pode e sabe tudo, fraudando a todos; ri-se das reações e considera o irmão caído como um falido, ao invés de estender-lhe a mão, para que a encontre estendida para si quando for sua vez de cair. Deveria, ao contrário, compreender que, num mundo em que nada se cria e nada se destrói, também no campo das qualidades morais sutis, só se neutraliza um efeito ao reconduzi-lo invertido para a sua causa, a fim de aí encontrar sua compensação. Não se anula uma quantidade de caráter consciente e moral, se não for absorvida pela vida. A mentalidade moderna míope limita-se ao jogo da defesa imediata, contra uma força que volta sempre. Com constante esforço expulsa-a, ao invés de absorver-lhe o alívio que a esgota; para não ver e para atordoar-se nos prazeres, aumenta-a com novos erros, que voltam sempre em forma de novas dores. Assim, homens, classes sociais e nações transferem-se uns aos outros essa massa saturada de débitos, que circula por todos, passa de geração em geração e fica sempre a mesma, porque ninguém a absorve. Cristo, que morreu na cruz, redimindo a humanidade com sua paixão, é o grandioso símbolo que resume e convalida esses conceitos.

Que diremos ao homem comum que sofre, mesmo ignorando? É bem triste, por vezes, o quadro das reações naturais, que denominais castigo divino. Inútil negá-lo: todos sofrem mais, ou menos; todos se debatem entre os braços do monstro. Pobre ser, o homem! Não só permaneceu pagão, mas bestial na substância, abaixa tudo a seu nível: religião, estado, sociedade, ética. Para adaptá-los a sua condição, realiza uma contínua redução de todos os valores morais; permanecendo nos instintos primordiais do furto e da guerra, precisa atravessar dores ingentes, porque só elas poderão fazer-se entendidas, abalando sua inconsciência. A alma humana, que hoje amontoou sobre si um fardo tão embaraçoso de inútil cerebralismo, não vê esses equilíbrios espontâneos e simples. No paroxismo de um dinamismo frenético, sua alma é fraca e primitiva. Que poderia fazê-lo recobrar a razão, mesmo deixando-o livre, se não a imensurável massa de dores? Está equilibrado em seu nível, oprimido por áspera luta e por uma realidade de dores. Iludido, insensível, inconsciente, o homem resiste a qualquer melhoria substancial; corre atrás dos sentidos, ambiciona a ascensão exterior, econômica, ávido para abusar de tudo, imerso no egoísmo do momento, ignorante do amanhã, fechado em seu horizonte. Se o gênio não se abaixar até ele, certamente que nada saberá fazer para alçar-se até o gênio. As verdades são julgadas, mas o desfrutamento dos ideais é tão velho quanto os homens e a sociedade habituou-se a considerá-los mentira. Cada um sabe, por instinto, filho de experiências seculares, que por trás de tantas ostentações de coisas grandes, existe a própria miséria moral e material; que aquelas são retórica e esta a realidade; acredita nas verdades em que todos crêem, a festa do próprio ventre é a vitória por qualquer meio. A palavra é dada à dor, única marteladora eterna de destinos e forjadora de almas. Ela ficará enxertada no esforço da vida, gotejando cada dia, e com grandes lufadas periódicas coletivas, para atingir as almas e deixar nelas suas marcas.

Para chegar à solução do problema é indispensável o aperfeiçoamento moral, o remate do amadurecimento biológico do super-homem; é preciso subir com Cristo à cruz e refazer a vida individual e coletiva nas bases do amor; é necessário saber reencontrar na dor uma força amiga, da qual se compreendem as causas, a função, e delas se utiliza para a própria ascensão. A dor é o esforço necessário da evolução, é a essência e a razão da existência; contém o germe de uma felicidade cada vez mais alta que o homem "deve" conquistar. Esses equilíbrios são insuprimíveis e indispensáveis à respiração do universo.

Se a dor faz a evolução, a evolução anula progressivamente a dor. Esta, reabsorvendo a reação e eliminando o débito, operando a gradativa harmonização e atuação da Lei no Eu, elimina-se a si mesma, enquanto faz progredir o ser. Isso demonstra a justiça e a bondade da Lei, que não é lei de mal, nem de dor, mas lei de bem e de felicidade. Por isso é necessário seguir um caminho de gradual redenção em várias etapas: primeiro, reabsorver as reações livremente excitadas no passado, sofrer pacientemente as consequências das próprias culpas; depois, reconstituído o equilíbrio, manter-se em estado de harmonia com a Lei, evitando qualquer nova violação e reação. *É indispensável conceber o universo não como um meio para a realização do próprio Eu, seu centro, mas como um universo regulado por uma Lei suprema, dentro da qual só é possível realizar o próprio Eu,*

quando em harmonia com tudo o que existe. É necessário conceber a dor não como um mal devido ao acaso, mas como uma forma de justiça, como uma função de equilíbrio que ensina ao homem, mesmo respeitando-lhe a liberdade, os verdadeiros caminhos da vida, e o "constrange", após tentativas e erros, pelo único caminho possível, o do próprio progresso. A dor não pode desaparecer, se não for pago o débito à Lei de justiça, que, no campo moral, social, histórico, econômico, físico e químico, é sempre a mesma Lei, a mesma vontade, o mesmo Deus. Não se rouba, não se escapa, no tempo, à sua ação; rebelar-se é excitar maior choque de reações; sua elasticidade (divina misericórdia) é tão grande que pode conter todo o livre-arbítrio humano, terminando sempre por devolver-vos como fato inexorável.

A anulação da dor é feita corajosamente *através da dor*. Por isso, ela pode ser colocada no caminho das ascensões humanas. Recusai a utopia que o materialismo vos pôs na mente e percebei esta solene verdade da vida. Entre o impulso frenético de vossos tempos para todas as felicidades, entre a série lastimável de todas as experiências humanas, diante da desilusão, com um sonho vão nas pupilas da felicidade não atingida, tenha o homem a coragem de olhar esta realidade mais profunda, abrace fraternalmente sua dor. Que ele aprenda e progrida na arte de saber sofrer. Talvez julgueis este tom prevalentemente negativo, mas ele é apenas sob vosso ponto de vista humano, não das reconstruções super-humanas, onde jaz minha maior afirmação. Na tábua relativa de vossos valores éticos, estais sempre embaixo e vossas virtudes violentas e guerreiras, necessárias ao vosso estado atual, não serão mais virtudes e serão superadas amanhã. Tudo é proporcional ao próprio nível e o exprime. Há muitas formas de dor, esta é tanto mais grave, quanto mais baixo estiver o ser. A medida do contragolpe doloroso, que recai sobre quem movimentou a causa, é obtida pelo cálculo de responsabilidade e vimos, modifica-se com o grau de evolução, a qual sutiliza a cadeia férrea das reações.

Observai como o castigo quase se volatiliza, no processo da espiritualização progressiva. No *mundo subumano*, a dor é derrota sem compaixão; o ser sofre nas trevas, cheio apenas de ira, num estado de miséria absoluta, sem luzes espirituais compensadoras. É a dor do condenado, cego, sem esperança. E o homem tem liberdade de retroceder para esse inferno, se não quiser aceitar o esforço de sua libertação. *No mundo humano*, a consciência desperta, pesa e reflete; o espírito tem o pressentimento de uma justiça, de uma compensação e de uma libertação, e espera. É a dor tranquila de quem sabe e resgata; é o purgatório confortado por uma fé; o castigo pára nas portas da alma, que tem seu refúgio na paz. A mente analisa a dor, descobre-lhe as causas e a Lei, aceita-a livremente como ato de justiça que trará alegria; de um tormento faz um trabalho fecundo, um instrumento de redenção. Quanto já perdeu a dor de sua virulência! Muito diferente é o sofrer esperando e bendizendo, pois, o golpe contra a alma assim encouraçada é menos amargo e, no espírito defendido por essa profunda consciência, tem menor força de penetração. A visão substancial das coisas dá, a cada caso, a sensação da justiça, uma grande fé e um absoluto otimismo; entre as dissonâncias do ambiente, forma-se na alma um oásis de harmonia. Chega-se, assim, por graus, ao *mundo super-humano*, em que a dor perde seu caráter negativo e maléfico e transforma-se numa afirmação criadora, em poder de regeneração, numa corrida à vida. Ergue-se, então, o hino da redenção: felizes os que choram.

A dor, obrigando o espírito a dobrar-se sobre si mesmo, prepara o caminho para as profundas introspecções e penetrações, desperta e desenvolve suas qualidades de outro modo latentes, multiplica-lhe todas as potencialidades. Sobretudo para as grandes almas, a dor é uma força de valorização e criação. A expansão da vida, constrangida para dentro, atinge realidades mais profundas e o choque da dor obriga a seguir os caminhos da libertação. Novo mundo se revela a cada golpe que parece trazer ruína, algo referve e nasce do âmago do Eu; a cada golpe da dor que parece mutilar a vida, algo se reconquista, que a faz crescer e a eleva. A dor desapega e liberta de um invólucro denso de desejos e de sensações; a alma, a cada pedaço de animalidade arrancado, dilata-se em mais amplo poder de percepção, em forma mais intensa de vida, em realidade mais profunda. Imaginai a mais titânica das lutas, o mais tremendo dos esforços, a mais impetuosa tempestade. Há um dilaceramento silencioso no âmago das leis biológicas; uma disputa palmo a palmo no campo da vida; um encarniçamento de retornos atávicos para baixo, uma atração irresistível para o alto. Espírito e animalidade lutam, vinculados e inimigos, como na hora da alvorada lutam a luz e as trevas, para que surja o dia. Na fase super-humana a dor não é mais apenas expiação, que se conforta com a esperança: é o ímpeto frenético das grandes criações espirituais. No meio da luta pela libertação, a sensação dominante é juventude, na expansão das energias é ressurreição; enfraquecidas as paixões e dominadas as prepotências da natureza inferior, a sensação do espírito vitorioso é o doce repouso de quem aporta num oásis de paz. O espírito olha então com mais calma dentro de si. A dor e a luta sutilizaram seu ouvido e ele pode ouvir. Então evoca-se o canto do infinito. Então, lentamente, do âmago da alma, entoa-se a grande sinfonia do universo. As notas que aí cantam são as estrelas e os mundos, as flores e as almas, as harmonias da lei e o pensamento de Deus.

Levanta-te ó alma, tua dor está vencida! Morta, entre as coisas mortas, está tua dor, lá em baixo, inútil instrumento jogado fora, lá embaixo, na margem deserta de um caminho triste. No infinito, o universo canta: levanta-te, tua dor está vencida. Todas as coisas transformaram-se diante do olhar de Deus; o canto tem tal profundidade de doçura, que a alma se desorienta. Pela alegria da mente, caem os véus do mistério; pela alegria do coração caem as barreiras do amor. Abre-se o universo. Uma vibração onipresente de amor transporta o espírito fora de si, de visão em visão, de felicidade em felicidade. Ele não luta mais: abandona-se, esquece-se em Deus. As forças da vida o sustentam e o arrastam, lançam-no para o alto onde está o novo equilíbrio. Decepadas as cadeias, ele está verdadeiramente livre e pode subir; o passado persegue e é necessário percorrer até o fundo os caminhos do bem, tanto quanto para os maus é preciso que se afoguem até o fundo, nos caminhos do mal. Então o ser não pertence mais à Terra de dor: imerge cada vez mais na luz do Cristo e aí se aniquila num incêndio de amor.

Estas não são rarefações utopísticas da respiração da vida, senão enquanto não for deslocado o centro da personalidade para o mundo super-humano. O conceito de *dor-prejuízo* e de *dor-mal* evolui, desse modo, por gradações, para o de *dor-redenção, dor-trabalho, dor-utilidade, dor-alegria, dor-bem, dor-paixão, dor-amor*. Há como que uma transhumanização da dor na lei santa do sacrifício. Nesse paraíso, o milagre da superação da dor através dela própria está realizado. O mal transitório, o estridor das violações, o choque violento entre a livre ação e a lei esgotam-se em suas funções; a dor existe para engolir-se a si mesma; cai o desacordo à proporção que atinge a harmonia. Por meio desse sábio mecanismo, pelo qual a liberdade é obrigada a canalizar-se para o progresso, chega-se à unificação do Eu com a Lei. Então desaparece qualquer possibilidade de violação e de reação e a dor

se anula em sua causa. Então a alma brada: "Senhor, agradeço-Te por esta, que é a maior maravilha da vida: que minha dor seja Tua bênção"!

Mesmo por outros caminhos inferiores e coletivos, a dor tende a anular-se. Este é o último anel da cadeia: involução, ignorância, egoísmo, força, luta, seleção. Mas o ímpeto evolutivo transforma a fase da força em justiça, o mal em bem. Demolindo as mais baixas condições de vida, opera a transformação da dor. Coletivamente, a força — por um jogo de reações coletivas, por progressiva aproximação e pela lei do mínimo esforço — tende, com o uso, à auto-eliminação, quase reabsorvida em si mesma e ressurgindo em forma de justiça; assim coletivamente a dor tende a anular-se como fator transitório inerente às mais baixas fases de evolução. Absurdos seriam um mal e uma dor incondicionais e definitivos. O maior ímpeto da vida, a evolução, leva, necessariamente, o mal ao bem, a dor à felicidade.

Mostro-vos todas as gradações da verdade, para que cada um escolha a mais elevada em seu concebível. Dizei-me como sabeis sofrer e vos direi quem sois. Cada um sofre diferentemente, de acordo com seu nível: uns amaldiçoando, outros resgatando, outros abençoando e criando! Das três cruzes iguais sobre o Gólgota, partiram três gritos diferentes. Só justiça e amor é a reação dos Grandes. Cabe a vós saberdes extrair do esforço da vida a maior ascensão do espírito, utilizando a dor, ao invés de combatê-la, transportando cada vez mais para o alto o centro de vossa vida.

Certamente que nestes níveis não estamos na ordem comum das coisas humanas atuais, e tudo isso pode parecer fuga e demolição de virtudes positivas; mas eu vos disse que é fuga, para uma afirmação mais elevada. Isso pode parecer mutilação de aspirações e de vontades, supressão de energias sadias, produtivas, mas aquelas aspirações jamais vos farão sair do ciclo da vida nos níveis inferiores, nos quais cada vitória tem que contrabalançar-se com uma derrota, cada juventude com uma velhice. Aí, cada grandeza precipita-se sempre em sua destruição. O que vos indico, porém, é sublimação da vida, numa forma de ação mais alta, dirigida a conquistas que são as únicas eternas; ação mais enérgica e civilizada que o desperdício inútil da agressão comum, que desorganiza; ação mais produtiva, porque consciente das forças naturais, entre as quais ocorre.

Não vos indico como ideal supremo humano a figura primitiva do herói da força que violenta e vence, mas — ainda que as massas não nos entendam — mostro-vos o super-homem, em que a vontade do dominador, a inteligência do gênio, a hipersensibilidade do artista e a bondade do santo fundem-se; o lutador sobre-humano que perdoa e ajuda a seu semelhante, só ataca as forças biológicas e as submete, ser de nova raça, lutador da justiça, senhor de si mesmo, para o bem coletivo.

A santidade não morreu nem foi superada, apenas começou e tem que subsistir no mundo moderno uma santidade nova, culta, consciente, científica, que ressurja das velhas formas no coração de vossa vida turbilhonante; é mister que volte a lutar pelo bem e, com vossa psicologia objetiva, enfrente heroicamente o choque de vossa rebelde alma nova. Se hoje o lema é força, que seja a força superior do espírito; seja uma beleza espiritual que ouse mostrar-se viva no mundo como um desafio, para que este, se não compreender, dilacere-a e dilacerando-a, aprenda. O santo, nesse sentido amplíssimo, passa em missão, só é grande por inclinar-se a educar e erguer para essas superações da dor.

Muito lento é o caminho das massas inconscientes, embaixo . Esperam elas a fecundação da parte desse ser, ponto culminante, para o qual converge todo o transformismo fenomênico, sustentado e querido por todas as forças da evolução, fenômeno realizado da transformação biológica. No último produto do grande esforço da vida, a criação dobra-se sobre si mesma para retomar, no movimento evolutivo, as camadas mais baixas. O impulso torna a descer para elevar e para aliviar a dor; estende a mão ao homem que caminha sob o peso de sua ascensão, e carrega sobre si a dor do mundo. Esta retomada ascensional, que já estudamos como característica fundamental no desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos, aqui se torna inerente ao impulso da evolução e nela representa ainda uma tendência à eliminação da dor.

82. A EVOLUÇÃO DO AMOR

Amor, impulso fundamental da vida, força de coesão que rege o universo, potência divina de eterna reconstrução! Encontrá-lo-emos sempre indestrutível, em formas infinitas, em todos os níveis do ser. Com este, o amor subirá, sublimando-se até o paraíso dos santos. O amor, como a dor, tem uma função fundamental de conservação, coesão e renovação, é parte integrante do funcionamento orgânico do universo; o impulso não se destrói, mas se reforça e eleva; o desejo não se mata, mas se guia para uma contínua elevação. Evolução de instintos, evolução de paixões, aperfeiçoamento constante da personalidade (teoria evolutiva do psiquismo).

Também aqui observamos o amor nos diferentes níveis e sua ascensão. Assim traçaremos novo aspecto das vias da evolução. O amor, que no mundo animal é função prevalentemente orgânica, adquire no homem funções de ordem nervosa e psíquica; complica-se, dilata seu campo de ação, sutiliza-se e sensibiliza-se (se souber evitar o perigo de uma degradação neurótica) para um superamor espiritual. Se é necessário não destruir, mas fazer evoluir as paixões, justamente por isso, é indispensável dominá-las e guiá-las, orientando-as para a fase espiritual. Tudo o que acentua o elemento nervoso e sutil: fascínio, simpatia de alma, graça, arte, música, vibrações e psiquismo; tudo isto é perfume e poesia do amor, tudo que desmaterializa e espiritualiza é evolução que vos guia para a superação das formas do amor humano. Estais à porta de novo reino: o amor místico e divino. Êxtase supremo que os santos experimentaram, não é digressão agradável de sentimentalismo romântico, é a mais tempestuosa das conquistas, a mais alta tensão do domínio sobre as forças biológicas, uma luta viril contra a humanidade, onde se empenham todas as forças da vida. Compreendo um misticismo ativo, que renuncia para criar, e não aquele vazio misticismo moderno, neurótico e sensual, enervante e doentio, que, entre artificiais complicações de sutilezas, só existe no espírito, ocioso e desolado.

No alto, como ponto limite da evolução humana, está o amor divino. Ao homem mediano só podemos pedir a maior *aproximação* admissível por suas capacidades de concepção e suportável por suas forças. Nas gradações infinitas das aproximações à perfeição, cada um em seu nível procurará embelezar e elevar, ao máximo, instintos e paixões. A meta seja aquele superamor alcançado pelos grandes; eleve-se o humano para o divino em sucessivas destilações que derrubam embaixo e reconstroem cada vez mais alto. *Ascensão das paixões*, que faz parte da elevação de toda a personalidade, de uma transfiguração do Eu. Por isso, o vínculo substancial de qualquer união de amor deve ser ele próprio; sem amor, tudo é nada, reduzindo-se a uma forma de prostituição, ainda que revalidada por todas as sanções religiosas e civis. A forma não pode criar a substância, de que depende a felicidade dos filhos e o futuro da raça.

As formas de amor elevam-se gradualmente, e cada ser, desde o animal ao selvagem, ao homem inculto, ao intelectual, ao gênio, ao santo, ama diferentemente, de acordo com as qualidades e o grau de perfeição que tenha atingido. Com a ascensão do tipo, transforma-se a expressão do amor — a maior força do universo. Sempre presente em qualquer altitude, suas funções — desde a mais simples nos seres inferiores, a de multiplicar a espécie — enriquecem-se e se complicam numa quantidade de novas tarefas, desenvolvem-se em amplidão de ações. *A fêmea transforma-se em mulher, o macho em homem.* A atração sexual se engrandece no amor materno, que se diferencia e enriquece nas formas de amor paterno, filial, familiar, nacional, humanitário, até ao altruísmo, à abnegação, ao martírio. *A mulher transforma-se em anjo, o homem em santo.*

Nessa ascensão do amor há uma contínua reabsorção do impulso socialmente desagregante do *egoísmo*, uma emanação que a ele substitui as forças socialmente construtivas do *altruísmo*. A função do amor é criar, conservar, proteger. Seu desenvolvimento exterioriza e intensifica todas as defesas de uma vida cada vez mais complexa. Essas ascensões não são sonho estéril, mas contêm a gênese das forças de coesão do organismo unitário da futura sociedade humana. Altruísmo necessário num mundo mais evoluído, mesmo que possa parecer utopia hoje, em que por vezes é um esforço extensivo apenas ao restrito círculo familiar. Reabsorção do egoísmo pelo amor, inversão de impulsos, que é somente um momento do processo de inversão das forças do mal em bem, da dor em felicidade. O egoísmo é restrito, seu separatismo o isola e limita-lhe o gozo. A ascensão do amor transforma-o, por expansão contínua, em sempre maior capacidade de gozar. Nas alegrias presas ao denso meio da matéria, existe alguma coisa que cansa e desgasta nos atritos, mais rapidamente que nas alegrias livres do espírito. Este escancara os braços ao infinito e possui tudo sem nada pedir.

Que novo espaço darão à vida as mais altas paixões! Quanta sutileza e profundidade de gozos possuirá o homem futuro, que, sem dúvida, olhará com náusea as festas brutais dos sentidos como os concebeis hoje! Que música será então a vida, fundida na harmonia do universo! A paixão desmaterializar-se-á até o superamor do santo, gozo real e altíssimo, fenômeno não assexual, mas supersexual, pretendido para seu termo complementar, que está além da vida, no seio das forças cósmicas. Na solidão dos silêncios imensos, o santo ama, com a alma hipersensível estendida e aberta a todas as vibrações do infinito, num impulso impetuoso e frenético para a vida de todas as criaturas irmãs. Se vos parece sozinho, ele está com o Invisível, ao qual estende os braços no êxtase de um supremo e amplíssimo amplexo; alguma coisa lhe responde do imponderável, inflama-o e o sacia; num incêndio que tornaria cinza qualquer ser comum, arde o amor que abraça o universo; num mistério de sobre-humana paixão, Cristo abre dolorido os braços na cruz e São Francisco, no Verna, abre os braços a Cristo.

83. O SUPER-HOMEM

Acompanhamos o homem nas suas ascensões, pelos caminhos do trabalho, da renúncia, da dor, do amor, todos convergentes para sua maturação biológica e sua transformação em super-homem. No ápice da evolução que estamos seguindo desde os mais baixos estados da matéria, este é o novo ser que o amanhã gerará. Sua criação é hoje a mais alta tensão da vida, é vossa fase α. Finalmente chegamos ao ápice de vosso concebível. Quem é o super-homem? Suas sensações, seus instintos demonstram, no estado de aquisição concluída, as qualidades que no homem estão no estado de formação. As virtudes mostradas pelos ideais, os superconceitos para cuja conquista no campo moral e intelectual a normalidade trabalha com esforço, estão definitivamente assimilados e alcançados pela zona de estabilização do instinto. O super-homem, seja ele poeta, artista, músico, filósofo, cientista, herói, chefe, santo; seja ele de preferência um intelectual que desenvolve as forças do pensamento, um dinâmico da vontade e da ação, ou um místico que cria no campo do sentimento ou do amor, no ímpeto de sua fecundidade; ele é sempre um tipo de superconsciência e na sublimação de sua personalidade, um gênio. Ele é o *supertipo do futuro*, uma antecipação das metas humanas. Sua zona de vida, onde reside seu trabalho de construção, está situada no inconcebível. Os normais podem passar a vida sem jamais mencionar o espírito; para o gênio, essa é a mais intensa realidade da vida. Resultado de imenso trabalho no tempo, ele sintetiza os produtos mais altos da evolução e da raça, mas está sozinho e o sabe. Move-se numa dimensão conceptual, que só seus iguais compreendem. Descido dos céus, é um exilado na terra, em resgate ou em missão, e sonha com sua pátria distante. Ele não anda pelas estradas batidas; sabe estabelecer relações entre fatos e idéias que os outros não vêem; é um supersensitivo que percebe as verdades de imediato, por intuição; nada tem a aprender, mas recorda e revela. Essa emersão da consciência normal está numa atmosfera rarefeita; essa antecipação da evolução, muitas vezes, só é compreendida tardiamente.

Em vosso mundo impera a mediocridade, muito distante dos cimos; ela é a medida das coisas, ela faz sua ética e sua tábua de valores. Só uma verdade medíocre, próxima da natureza animal, pode ter rápido sucesso, porque é acessível. Em vosso mundo o triunfo parte do pressuposto da compreensão; cada êxito, para ser rápido, tem que conter afirmações medíocres: *o aplauso das multidões é amplo e rápido em razão inversa do valor*. Por isso, é da Lei que o caminho do gênio seja de solidão e de martírio e não haja compensação humana alguma, para quem realiza os maiores trabalhos da vida. O cérebro da mediocridade tem suas medidas e as impõe a todos; o que nele não cabe, não é aceito, condena e tudo nivela; tudo o que represente um

deslocamento evolutivo, para o qual não esteja preparado; um deslocamento de equilíbrios que ele não tenha poder de estabilizar é negado; quando uma verdade nova não aparece enxertada no passado, dando-lhe continuidade, quando não tem sua base no conhecido e no aceito, quando contém um percentual de novidade que supera os limites que possa suportar, até o gênio é repelido. Isto porque a ascensão caminha por continuidade. Mas no equilíbrio universal a evolução lenta das massas está sempre fecundada por essa centelha superior que, no momento mais útil, acende-se na Terra, fecunda e agita a inércia e abaixa-se para erguer ; existe nas coisas um equilíbrio que, cedo ou tarde, impõe as compensações. Seria inútil revelar-vos altas verdades, muito distantes de vós, porque se perderiam em vosso inconcebível; a compreensão não é obra de cultura nem de raciocínio, mas um amadurecimento que se alcança por evolução.

Nestas funções fecundantes, o gênio é um fenômeno de importância coletiva; seu aparecimento e manifestação correspondem aos equilíbrios íntimos que dirigem o progresso humano. Existe um processo normal de assimilação das grandes verdades por parte das massas humanas. A concepção superior em qualquer campo, seja arte, ciência, ética, política, se for verdadeiramente grande, permanece, no princípio, sempre solitária, situada no incompreensível. Entretanto, emerge da mediocridade que, por um instinto secreto e vago pressentimento de que essa forma de vida é o futuro, olha e apura o ouvido; é atraída, escuta e lança seus ataques demolidores. Estes apresentam duas finalidades: de um lado, o de experimentar a resistência das novas verdades, porque só o que tem valor resiste e até se torna mais belo na luta, pois se liberta do supérfluo e se condensa no substancial; doutro lado, a alma coletiva, nessa luta, toma contato e assimila a novidade e assim se prepara para acompanhar os passos do gênio, compreendendo suas imitações.

O gênio está sozinho em seus amplíssimos horizontes. Suas relações sociais são relações de esforço, não de compreensão; muitas vezes de perseguição. Interiormente, ele chegou e o sabe. Seu olhar penetra a íntima causalidade fenomênica; o fracionamento da realidade entre as barreiras do espaço e de tempo é ultrapassado na estase suprema do espírito, que repousa na visão global do todo. Arroubo sublime, onde não chega o tormentoso turbilhão das ilusões humanas; onde o repouso é absoluto, o poder imenso e a sensibilidade que se multiplica com a nova percepção anímica, correm integral ao encontro do infinito; a alegria é total na sua alma, que aceita o beijo do divino, estendida para ele num lampejo de amor. O centro de sua vida desloca-se; sua consciência tem a visão da Lei; a sensação de seu trabalho, mergulha-se na sua corrente, respira a música que emana das harmonias da criação e nutre-se dessa respiração. No gênio, vemos o psiquismo atingir o vértice de suas manifestações. *A conquista da verdade está concluída*, a consciência move-se em plena luz. Não mais verdades pequenas, relativas e fracionadas, incompletas e lutando entre si, mas uma verdade universal que, superando-os, admite e compreende todos os pontos de vista de cada indivíduo, dos povos e dos tempos. A consciência nada mais nega, porque conhece tudo. Não mais ângulos obscuros, inexplorados, dentro e fora de si: aquelas zonas em que o mistério se esconde. A lei está toda evidente e a luz chega até as últimas causas.

Paralelamente, possui uma *sensibilidade* mais profunda. Ele tem seus amores e seus pudores e quando sua alma se abre diante do infinito, quer ficar sozinho. Sua visão é sagrada e esconde-se aos olhos dos estranhos, como diante de uma profanação. Algo de sagrado existe verdadeiramente nessa comunhão da alma com o divino. Só ao pulsar de um grande amor o mistério se abre e se revela, só responde a quem sabe bater à sua porta. Muitas vezes é necessária uma coragem louca, uma vontade desesperada, o ímpeto frenético de imensa dor, um impulso de fé que não mede as profundidades do abismo. Só então caem as pontes e as fronteiras do concebível dilatam-se subitamente. Uma sensibilidade primorosa protege especialmente esses fenômenos de comunhão profunda, que se detêm diante da violência do ignaro não admitido pelas forças protetoras do mistério, e sim na destruição das coisas exteriores que ele pode perceber, nada além disso. Riqueza de alma que não é roubada nem usurpada. O gênio é conquista individual, merecida com esforço e somente quem a alcançou pode gozá-la, porque é sua. Um feixe de sentidos novos, fundidos numa síntese de uma percepção anímica, permite-lhe o gozo de belezas sutis, hoje supersensórias; uma *estética mais profunda* nasce da arte divina do bem, que realiza a íntima e mais alta beleza do espírito, não a das formas, quer seja criação do homem ou da natureza. Mais do que contemplação, é realização em si de uma perfeição superior e de uma harmonia universal, conquista de valores imperecíveis, criação de um organismo espiritual de eterna beleza.

Nova capacidade de *penetração psíquica* revela, sem sombras, o mistério da alma. O organismo espiritual de qualquer ser transparece desnudado e não é possível a mentira. Ao lado de diferente concepção da vida, novo estado d'alma diante das coisas, uma *harmonização completa, uma união com Deus*. O espírito repousa em grande calma interior: a paz de quem conhece a meta. O super-homem é consciente de toda a sua personalidade, da gênese de qualquer de seus instintos, que descobre no eterno passado; conhece sua história, uma longa história tecida de férrea logicidade, em que nada morre, nenhum valor se perde jamais e, nessas bases, antecipa seu futuro, prepara-o e o quer. Daí o domínio de todas as forças do próprio Eu; daí a sagacidade de saber dominar por entre os impulsos da vida. Ele compreendeu a dor, ao subir à fonte do mal e não se agita mais numa tormenta de rebelião, de ira, de inveja, só tem uma reação: a da reconstrução silenciosa e consciente, assumindo sozinho, sem passar para outros, todo o trabalho do próprio dever. Ele sabe que a dor conquista e seu esforço na vida é fecundado de conquistas espirituais.

Então, o espírito, vivendo em relação com os mais distantes momentos do grande esquema do próprio progresso, supera o tempo e a dor; sua vida se desfralda como um cântico de gratidão na mais profunda música da alma. *Harmonia* interior é sua grande festa, é a alegria de sentir-se sempre relacionado e de acordo com o funcionamento orgânico do universo, nele ser eterno e, embora pequeno, sentir-se parte integrante e em ação. A consciência de encontrar-se na posição que a Lei lhe determinou para seu próprio bem; de mover-se sempre no seio da divina justiça; o cântico no coração da voz grata da consciência que conforta e aprova; o viver nesta visão da logicidade e bondade de tudo, nesta luz de espírito, como numa atmosfera própria e vivificante; toda essa saciedade d'alma e de equilíbrio moral é a mais intensa felicidade do super-homem.

Este é o paraíso, *no ápice das ascensões humanas*; esta a máxima perfeição e felicidade que vosso concebível pode hoje conter. *Com isso, completa-se o caminho da evolução individual na Terra*, para continuar mais tarde, ao emigrar para as novas dimensões. É bom mostrar isso, em cada campo, e incitar essas ascensões. Nossa viagem não foi realizada inutilmente. Será um impulso, qualquer um refletirá e apressará o passo. Retornaremos, mais adiante, o estudo do fenômeno *sob um ponto de vista social*, a fim de que nossas conclusões atinjam e resolvam, numa concepção mais ampla, também os problemas da coletividade.

84. GÊNIO E NEUROSE

Concluiremos a exposição da teoria do super-homem, observando como se manifestou na revolução biológica em forma de gênio, procurando compreender, em seguida, as afinidades que, por conclusões erradas, foram ressaltadas entre seu tipo e a degradação neurótica; finalmente, buscando definir o fenômeno da degradação biológica no processo genético do psiquismo.

Enquanto a mediocridade estacionária pára em sua fase, em perfeito equilíbrio, contra quem tenta novos caminhos, levantam-se todos os assaltos das forças biológicas. O misoneísmo, como garantia de estabilidade, é impulso de nivelamento, e a vida põe asperamente à prova as antecipações e as criações. Se o gênio passa por sobre a Terra como um turbilhão, a massa a ele gruda-se para mantê-lo embaixo. No tipo comum, os instintos são proporcionais às condições ambientais e existe uma correspondência, estabelecida antes que a criatura nasça, entre ela e a coletividade; esta o espera de forma a que já encontre pronto o esforço e sua satisfação. A compreensão é automaticamente perfeita. O gênio, ao contrário, monstruosa hipertrofia de psiquismo, situado numa posição biológica supernormal, encontra-se defasado em tudo e por tudo; é impossível estabelecer uma correspondência entre seu instinto, que normaliza o supernormal, e o ambiente que exprime outra fase e oferece outros choques. A diferença de nível produz uma desproporção; não se esboça uma compreensão; o desequilíbrio entre sua alma e o mundo é insanável, impossível é a conciliação entre sua natureza e a vida.

O gênio passa, solitário e dolorido, mas cônscio do próprio destino, incompreendido e gigantesco, repugnando os ídolos da multidão, atordoado pelo estrépito da vida, desatento e inepto, porque sua alma é toda ouvidos para um canto sem fim que lhe sai de dentro e voa ao encontro do infinito. Estranho sonhador, preso no sagrado tormento da criação, absorvido nos ócios fecundos em que amadurece o invisível trabalho íntimo, sofre com uma paixão em que não é o homem, mas o universo que responde. A imensidade do infinito está próxima e ele não vê a Terra, que atrai todos os olhares e todas as paixões. Vive de lutas titânicas. Pede à vida a realização do ideal, sem possibilidade de concórdia com a mediocridade, aspirado como um turbilhão pela ânsia da evolução. Conhece o medo de quem se debruça sobre o abismo dos grandes mistérios, a vertigem das grandes altitudes, a amargurada solidão da alma diante da inconsciência humana; conhece a luta atroz contra a animalidade que retorna, as imensas fadigas e os perigos que aguardam os que querem alçar-se ao vôo. Os cegos dizem: é louco! Sente-se esmagado pelo inútil peso do número; compreende a baixeza de quem não o compreende. Mesmo a ciência, filha da mentalidade utilitária da mediocridade incompetente, mas ávida de julgar, sentencia: neurose!

Mas o gênio não pode descer; sente seu Eu gritar e não pode calar. Ele não é um corpo apenas, como os outros, é, acima de tudo, uma alma. O espírito que dormita em tantos e deve nascer, aparece nele como um gigante, evidente, troveja e se impõe; quem poderá compreender suas lutas titânicas? A humanidade caminha lenta, debaixo do esforço da própria evolução; ele está à frente e carrega toda a responsabilidade, arrasta o peso de todos.

A massa diz: anormal; a ciência fala: neurose. Mas conhece a ciência as relações entre dor e ascensão espiritual? Entre doença e gênio? Conhece os profundos equilíbrios em que se esconde a função biológica do patológico? Conhece por quais leis de compensação física e moral funcionam as íntimas harmonias da vida? Mas se a ciência ignora todos os fenômenos sutis da alma, até negando-a totalmente, que pode entender essa ciência fragmentária, incapaz de sínteses, sobre a complexidade de leis superiores, de cuja existência ela sequer suspeita? Como pode constranger-se o supranormal, a antecipação biológica, nos limites do tipo médio? Por que aquele que representa o valor mais medíocre deve ser escolhido como modelo humano? Que significa esse nivelamento, essa redução de altitude em categorias preconcebidas, esse apriorismo que emborca a visão do fenômeno, exaltando no gênio apenas o lado pseudo patológico da neurose? Não é patológico o cansaço proveniente de enorme trabalho, o desequilíbrio inevitável que provocam as antecipações evolutivas, o tormento e o esforço das maturações mais altas, a inconciliabilidade inevitável entre o conquistado superpsiquismo e o organismo animal.

Esses caminhos de aperfeiçoamento moral prosseguem e continuam, exatamente, a evolução orgânica darwiniana; e a ciência, que compreendeu uma, deveria, por coerência, compreender a outra. É lei de equilíbrio natural que qualquer hipertrofia, como também qualquer atrofia, seja compensada. Como no campo orgânico, cada indivíduo tem normalmente um ponto de menor resistência e maior vulnerabilidade, que fica compensado por um reforço proporcional em outros pontos estratégicos. Assim, no campo psíquico verifica-se um desenvolvimento de qualidades que a média sequer suspeita. Não se pode julgar um tipo psíquico de exceção com os critérios e unidades de medidas comuns, para relegá-lo sumariamente no anormal e no patológico. Insisto nisto porque assim *inverte-se* a apreciação desse novo tipo de homem, cuja criação é função justamente dos tempos modernos.

Querer levar para o anormal tudo o que exorbita da maioria medíocre, é sufocar a evolução, fazendo do tipo humano mais comum, de valor duvidoso, o tipo ideal; é crime, querer esmagar embaixo o que não se compreende, este por em comum e confundir, colocando igualmente fora da lei o subnormal e o supernormal, fenômenos que estão simplesmente nos antípodas um do outro.

Sem falar nas injustiças históricas, delineia-se ainda hoje, por vezes, o tipo humano que tende ao supernormal: é o terceiro tipo de homem, como vimos. É um tipo de personalidade que representa, por maturidade de instintos, refinamento moral e intelectualidade superior, a assimilação ocorrida dos mais altos valores espirituais, a aquisição das qualidades mais úteis à convivência social, constitutivas do edifício das virtudes: a formação realizada do tipo ao qual tende a humanidade em seu desenvolvimento. Inteligência, dinamismo, excepcional sensibilidade e percepção do belo e do bem, uma retidão em que se

fixaram os mais altos ideais de honestidade e altruísmo, que são o índice do grau de evolução, uma atitude superior que cimenta o conjunto social e funciona no organismo coletivo. Todos, sinais de nobreza de raça, de uma aristocracia de espírito.

Mas, ao mesmo tempo, existe uma sensibilização dolorosa, que revela o esforço de novas adaptações, o tormento de um ser que geme sob o peso de violentos deslocamentos biológicos, a rebelião de um funcionamento orgânico não habituado; e não sabe submeter-se às exigências que um psiquismo preponderante impõe, na improvisada dilatação de suas potencialidades. Se hoje aparece como fraco, acumula em si qualidades e poderes espirituais que, um dia, admiti-lo-ão entre os futuros dominadores do mundo, ao passo que aos normais, aos equilibrados no ciclo das funções animais, restará por seleção natural a função dos servos. Se o gênio apresenta uma tendência à neurose, é porque seu temperamento de vanguarda que assume o risco da preparação das verdades futuras e executa uma grande função no equilíbrio da vida. Se em sua própria emotividade e afetividade, intensas demais, na exaltação da inteligência e da sensibilidade, na moral primorosa, existe algo de ultra-refinado — como da raça aristocrática que, por estar madura demais, agoniza e morre —, socialmente, é um fermento precioso de sensibilidade e atividade, uma centelha de vida entre u'a massa de medíocres, onde predomina a inércia, e a vida, que não sabe senão manter-se e reproduzir-se, fechada no ciclo de suas funções animais.

Esses seres delicados foram e são constrangidos a viver num mundo de todos. Que terrível choque para eles reserva a luta do tipo comum, vazio de escrúpulos e de sensibilidade, que se conduz tão brutalmente! São generosos e honestos, não sabem prostituir a alma todos os dias para obter vantagem imediata, vivem daquilo que o mundo verá somente daqui a milênios e pagam caro sua superioridade. A dor, caminho das grandes ascensões, é sua companhia mais chegada. Neles, a natureza humana, que morre para dar vida ao psiquismo super-humano, sofre o tormento da agonia e, com uma afetuosidade intensa e incompreensível aos normais, implora desesperadamente ajuda, para não morrer. O mundo ri, mas já foi selado pela palavra do Grande entre os grandes: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". O homem, julgado inconsciente! Triste herança a normalidade! Tanto maior é o espírito, mais forte ele sabe bater a dor para sua ascensão. É lei da natureza que as grandes criações sejam filhas das grandes dores; que o processo das criações biológicas mais fecundas, seja mais trabalhoso, mais cheio de esforços. Existe trabalho mais forte que o de vencer a inércia biológica e superar no atavismo o impulso de forças milenares?

É bem grave, para quem vive neste mundo e com esses labores, ter de acrescentar à luta exterior de todos a tensão dessas grandes guerras interiores, e conter, no centro de si mesmo, não um cérebro aliado e amigo que ajude na conquista material, mas um cérebro com objetivos diferentes; não acompanha, mas agride a vida; transforma-lhe o trabalho, complica-lhe os obstáculos, aumenta o sofrimento, e acrescenta às dificuldades do mundo exterior o enorme peso do drama interior que por si só, já é suficiente para esmagar o homem. Que tremendo problema se tornará uma vida assim traçada, suspensa entre a luta exterior e a interior, ambas sem tréguas? O deslocamento das aspirações humanas e o emborcamento dos valores comuns isola e vergasta; a realidade sensória insulta o sacrifício; o presente não quer morrer para dar lugar ao amanhã, o corpo para o espírito, o tangível para o imponderável. A construção de uma alma nova exige um grande esforço no deslocamento do eixo da vida e a revalorização de si mesmo num nível mais alto.

A esse ser, diz a ciência: psicopata. Sem dúvida, existe uma neurose patológica como síndrome clínica mais ou menos evidente, em que se encontra justamente exaltado o tom da dor e da sensibilidade; mas, com muita frequência, a ciência quis incluir nela grande quantidade de fenômenos que pertencem ao supernormal e algumas maravilhosas indenizações da natureza, que sublima espírito e provoca um crescimento gigantesco de manifestações intelectuais no coração de uma psique tormentosa. Desvalorizou desse modo um tipo humano que podia ter uma função na economia da vida social. Com essa incompreensão, a ciência inverteu sua tarefa: valorizar as forças da vida. Grande responsabilidade, para quem fala de cátedra, com autoridade: o não saber ver essas mais altas fases da evolução biológica que, no entanto, é tão corajosamente defendida; o ter compreendido que isto é apenas um fragmento da verdade, só para abaixar o espírito ao nível do corpo e não para elevar o homem à dignidade espiritual.

Está na hora desse organismo de intelectuais e de conhecimento chamado ciência — se quer ser ciência — assumir a direção consciente deste grande fenômeno, a evolução. Ao invés de perder-se em rivalidades estéreis de domínio, assumir a direção da seleção humana; educar o homem para uma consciência eugenética, criando a qualidade antes da quantidade; subir para a direção inteligente das forças naturais onde reside a premissa da felicidade do indivíduo e da raça.

Aprendei a compreender a vida como uma imigração que vem do além. Purgando o ambiente espiritual, a Terra se tornará automaticamente inabitável para os seres involuídos; os destinos mais atrozes permanecerão espontaneamente nos mundos inferiores. Indispensável se faz uma profilaxia moral contra tudo o que é coletivamente antivital. Somente uma consciência das distantes vantagens da raça, um altruísmo ponderado e consciente podem atenuar progressivamente a patogênese, que nenhuma tarapêutica *a posteriori* poderá corrigir. Se a dor pode ser redenção, nem por isso se devem semear suas causas.

Que a ciência conquiste o *conceito científico de virtude*, embeleze-se, e ao mesmo tempo, delineie sua figura racional. Quando o supertipo biológico aparecer esporadicamente, não o considere elemento antivital, mas lhe ajude o transformismo; estenda a mão benévola aos seres que sofrem e lutam sozinhos, para a criação de uma raça nova; valorize esses recursos que podem ser da maior importância para a progressiva domesticação da besta humana, quando não bastarem as religiões e leis para arrancar-lhe a ferocidade. A classe daqueles que pensam, em todos os campos, tem o *dever de guiar o mundo, o dever de executar* a própria função de central psíquica do organismo coletivo; o dever de tornar-se intérprete da Lei e de indicar o caminho, para que a sociedade e seus dirigentes saibam e sigam. Se não for secundada a explosão das paixões que trazem o bem, a fé e a coragem; se não compreender-se quem guia o homem no áspero caminho de suas ascensões; se não acatar-se tudo o que cimenta a convivência social, que fareis em nome da civilização e do progresso, para que os ideais não sejam sonhos?

85. PSIQUISMO E DEGRADAÇÃO BIOLÓGICA

A figura do super-homem representa o ponto de chegada da evolução do universo trifásico, compreendido pelo vosso concebível. A vida completou seu produto mais alto, a potência que sintetiza todo o passado. Mas a ciência, em suas aproximações entre gênio e neurose, já tinha tido o pressentimento de uma lei profunda, que volta neste limite extremo, manifestando-se como um cansaço da vida, uma tendência a decair, após ter exaurido sua função criadora. Observemos o fenômeno. Falamos de renúncia, de superação da animalidade, que condicionam a afirmação do psiquismo; de uma espécie de complementaridade entre o impulso destruidor da natureza humana inferior, e o impulso construtor dos instintos espirituais do super-homem; de uma espécie de inversão, na passagem do primeiro ao segundo momento de evolução: fase animal e fase psíquica. Expliquemos cientificamente esses fenômenos de caráter místico.

Como na *desintegração atômica* existe uma dissolução da matéria no ápice da fase γ; como na *degradação dinâmica* existe uma dissolução da energia, no ápice do percurso da fase β; assim, na evolução, existe uma paralela *degradação biológica*, pela qual a vida, como vida, dissolve-se e se opera a gênese de seu produto, α. Atingida essa criação de consciência, a evolução assoma às portas de novas dimensões, hoje superconcebíveis pela normalidade, no limiar de novo universo trifásico[15].

Trata-se de fenômeno comum e contínua verificação, este da degradação biológica, de uma progressiva *fadiga no fenômeno da vida*, um envelhecimento no indivíduo, na raça e nas civilizações, um esgotamento profundo do ciclo de cada unidade. Cada um tem sua jornada, aurora e crepúsculo; cada ser vive apenas às custas de envelhecer. *A vida só pode existir à custa de uma degradação dinâmica e contínua*. Nas espécies, quanto mais o indivíduo é simples, mais violento é o ritmo de sua reprodução. Como no indivíduo, quanto mais jovem é a vida, mais ativo é o seu metabolismo orgânico. Em poucas horas os bacilos produzem centenas e centenas de gerações de indivíduos; quanto mais a vida é próxima das origens, mais próxima está do nível de suas estruturas primordiais; mais é lábil em suas construções e proporcionalmente veloz em sua permuta de vida e de morte. Mas não é morte nem fraqueza, essa fragilidade de construções, ao contrário, é uma agilidade toda juvenil, uma flexibilidade e um poder de adaptação; é um frescor de forças que defendem e garantem a sobrevivência. Com a evolução biológica, porém, torna-se mais complexa a estrutura orgânica e mais complexas se tornam as exigências da vida; mais difícil é sua defesa e menores seriam as possibilidades de sobrevivência individual, se paralelamente ao processo vital não se desenvolvesse uma sabedoria protetora, um psiquismo dominador dos objetivos, sempre mais complexos a alcançar. A evolução não poderia alcançar uma forma de estrutura orgânica mais complexas, se antes não tivesse realizado — só enquanto o realizou — um psiquismo mais profundo que rege essa estrutura.

Há como que *uma libertação progressiva da rapidez e labilidade do ritmo de vida e da morte*; uma formação de equilíbrios cada vez mais complexos e ao mesmo tempo mais estáveis. A vicissitude alternada de nascimento e morte retarda seu ritmo, alarga-se o passo da onda da vida entre as amplitudes máxima e mínima; há uma progressiva tendência à extinção da forma, exatamente como em β vimos extinguir-se a onda por progressiva extensão de comprimento e diminuição da frequência vibratória. Também na vida, *a onda tende a amortecer-se:* degradação universal, inerente ao processo evolutivo que pode dar-vos a razão íntima de muitos fenômenos. Tal como a energia envelhecera para tipos de vibração mais lenta e comprimento de onda mais amplo, assim também no fenômeno biológico o mesmo processo de degradação leva a um *amortecimento de potência vital*. Retornos paralelos, no vértice de cada fase; momento de degradação inerente ao desenvolvimento do fenômeno evolutivo.

Idêntico processo de amortecimento da onda vital ocorre no indivíduo. Em sua juventude, tudo é exuberância de forças vitais, flagrantes as capacidades reconstrutivas do metabolismo, maior maleabilidade e a adaptabilidade ao ambiente, ativíssimo todo o dinamismo orgânico, que se revela um desencadear-se indisciplinado e violento de forças primordiais. Depois, tudo se vai esgotando pelo choque das provas; extingue-se como dinamismo vital, indo para um dinamismo mais sutil de caráter psíquico. Dessa explosão sobrevive uma consciência, uma potência diferente de julgamento que antes não existia e que só os maduros possuem.

Então, nada se destrói, nem para o indivíduo, nem para a raça, mas tudo na substância se transforma e ressurge em roupagem diferente. Como na desintegração atômica, a matéria não morre, mas renasce como energia e na degradação dinâmica a energia não morre, mas se prepara para a gênese da vida; logo, na degradação biológica, a vida não morre como vida, *porque seu desgaste condiciona a gênese do psiquismo*. Em qualquer lugar e sempre a substância renasce de forma diferente. Trata-se, sempre, do mesmo fenômeno que, se parece destruição e desaparecimento da forma, aos vossos sentidos e meios de pesquisa, na realidade nem desapareceu nem acabou, mas apenas mudou de forma, anulando-se, como sempre, apenas no relativo. Portanto, o fenômeno da degradação biológica *não é extinção. Nada envelhece, substancialmente jamais*, nem na senilidade do homem, nem da raça, nem da espécie. Simplesmente a substância transforma-se na fase α, o espírito, e realiza sua mais alta criação em vosso universo. A morte de uma forma, como sempre, condiciona também aqui o nascimento de outra mais elevada. *Degradação biológica, portanto, não é demolição, mas ascensão*.

Aí está o significado daquela necessidade de demolição da natureza animal inferior, que é condição para a ascensão espiritual. Só nesse enquadramento universal de conceitos pode definir-se o *significado científico da virtude*: norma evolutiva, caminho das ascensões biológicas para o vértice do psiquismo. Pode falar-se de uma *ética racional*, que esteja em relação com toda a fenomenologia universal. Nesta ética, quem vive a virtude é bom e louvável, porque segue a direção do transformismo, que constitui a essência do universo. Já dissemos: bem = evolução, ou seja, direção positiva ascensional; mal = involução, isto é, inversão do movimento de valores.

Nada se destrói. O que se perde em quantidade de energia, ganha-se em qualidade; perdem-se as características da vida, apenas para adquirir as do psiquismo. Se o ambiente impõe ao princípio dinâmico da vida uma constante dispersão de forças, contudo *elabora o princípio* que absorve do ambiente e torna suas todas as experiências. Se a vida, à força de progressivos aumentos de desequilíbrios no equilíbrio do metabolismo, acaba por ser vencida, há uma paralela e contínua *reconstrução mais no alto*. Esse renascimento é progressivo e proporcional à sutilização orgânica (superação da vida animal, renúncia, virtude), que a prepara e a condiciona, como se faz com os fenômenos inversos e complementares. A degradação da vida, pois, não é uma doença senil individual ou da espécie, mas é um processo evolutivo normal, que possui verdadeira função biológica criativa. O fruto senil

do psiquismo, a sutileza do sentimento até a pseudo neurose do super-homem, não é produto de decadência, mesmo que assim possa parecer aos povos crianças, fecundos e combativos. O equilíbrio biológico seletivo, conseguido pela mulher que gera e pelo homem que guerreia e mata para vencer, é ultrapassado pelas formas mais perfeitas da vida, cuja obtenção é a aspiração maior dos povos jovens, os quais para ela tendem, assim como toda juventude tende para a velhice, fatalmente.

Desse elevado ponto de vista, os fenômenos de senilidade do indivíduo, como das civilizações, assumem significado totalmente diferente. *A degradação das formas biológicas tem a função específica de amadurecer o aparecimento das formas psíquicas*, e existe sempre uma *inversa proporção entre umas e outras*: onde é máxima a potência vital, a potência psíquica é mínima, em seus primeiros albores. Com a evolução, a potência vital tende a enfraquecer-se, mas a potência psíquica torna-se cada vez mais ampla e evidente. Tanto o indivíduo quanto a raça valem, então, muito mais como qualidade, embora seu ritmo reprodutor enfraqueça e a quantidade diminua. É lei da natureza que os povos civilizados se reproduzam menos.

Então, não é decadência o pressuposto enfraquecimento das civilizações maduras. Naturalmente, cada valor maior tem de ser pago. Na *degradação das civilizações*, se os povos envelhecem, suas almas amadurecem por meio das experiências da vida coletiva; e quando uma civilização cai, nada morre em sentido absoluto. Vede que ela produziu uma flor delicada e esplêndida, é colhida e será o germe das civilizações futuras. À parte a sobrevivência dos indivíduos, que mais tarde voltam à Terra amadurecidos, aptos a retomar o mesmo ciclo de civilização para levá-lo ao alto, também em vosso mundo sobrevive uma potência de conceito, sem a qual a força criadora dos jovens jamais seria fecundada e eles, em consequência, vagariam na incerteza.

O produto de tanto trabalho de experiência é destilado em poucos princípios, que têm a força de erguer uma nova civilização. O passado jamais morre, sempre ressurge indestrutível. Todas as conquistas espirituais realizadas permanecem no mundo como força real e ativa, base para novos impulsos, eterno testemunho e índice, que mede a evolução realizada. Assim, não será decadência o envelhecimento individual, se souber reviver renascendo, continuamente, no espírito. Cansaço e velhice são momentos *normais* no metabolismo da vida, onde se revela o amadurecimento do fenômeno biológico, sem nenhum desgaste, nem deterioração dinâmica substancial.

Só assim é possível compreender profundamente o fenômeno pelo qual a vida produz consciência. Não bastava ter explicado o mecanismo da formação dos instintos e da estratificação das experiências. A degradação biológica é parte integrante do fenômeno evolutivo *e existe como condição do processo genético do psiquismo*. Como a evolução dinâmica impõe um processo de degradação da energia, assim a evolução biológica implica um processo de degradação do fenômeno da vida. Nesses fenômenos, age o mesmo princípio do esgotamento do impulso originário, um decréscimo das qualidades cinéticas, do potencial sensível das formas. O processo evolutivo implica nesse sentido uma degradação progressiva de potencial. A razão profunda desses fenômenos está na natureza do transformismo evolutivo. O mesmo gradual amortecimento cinético na fase energia para vida, como na vida para espírito, é apenas a constante e substancial característica do fenômeno evolutivo. Isto acontece porque, reduzida a sua fundamental substância, a evolução é movimento, isto é, *um processo de descentralização cinética*, uma expansão do princípio cinético que se dilata do centro à periferia, uma realização que age pelo esgotamento de um impulso, originado de um precedente e inverso impulso involutivo de concentração cinética e condensação dinâmica, de concentração de potencial da substância, a que agora se contrapõe o processo inverso de subida.

Assim, a energia tende agora à difusão, justamente porque vosso universo está em período evolutivo, enquanto no período inverso precedente, tendia e dirigia-se à concentração (condensação das nebulosas). A evolução ou sua inversão para o negativo (involução) é caminho inviolável, porque é a direção do devenir da substância, que se manifesta no relativo. Por isso, todo o fenômeno é irreversível.

86. CONCLUSÕES — EQUILÍBRIOS E VIRTUDES SOCIAIS

No campo das conclusões em que agora nos movimentamos, podeis avaliar o valor de meu sistema ético, não apenas sob um ponto de vista científico e racional, mas também sob um ponto de vista *prático e utilitário*.

A concepção da *dor-redenção* é de grande ajuda moral; sua transformação de instrumento de castigo para meio construtivo, sua utilização na conquista moral tem a vantagem da revalorização de uma recusa, direi mais, de um prejuízo, que a civilização não soube evitar. Sistema ético encorajador, otimista ainda nos casos mais dolorosos, construtivo mesmo nos casos mais desesperados. A concepção de *trabalho-dever* e de *trabalho-missão*, de trabalho função biológica construtiva e função social — é substituído pelo que vigora de trabalho condenação dos deserdados e de trabalho lucro — necessidade moral, muito mais que necessidade econômica, tem enorme poder de coesão social. Todas as minhas afirmações a respeito do significado da renúncia, da evolução das paixões e do amor, além de representar um fermento de elevação do nível individual, formam a base das virtudes reconhecidas e resolvem todos os problemas tão difíceis da convivência; constituem também ciência de relações sociais e significam a formação de consciência coletiva; estimulam o funcionamento e a constituição de um organismo cada vez mais compacto da sociedade humana. Por isso, interessam de perto ao direito público e privado e podem ser tomados como base de uma substancial *filosofia do direito*. Coloquei no meu sistema um princípio de justiça, com base científica, de acordo com o funcionamento do universo; isto, no campo social, significa ordem, respeito às autoridades, a quem somente compete, com plena

responsabilidade, a própria função dirigente; no campo moral significa honestidade, retidão de motivos e de ações. A desigualdade das riquezas e posições sociais não é injustiça, mas simplesmente distribuição de trabalhos diferentes de especialização de tipos individuais. Porque toda sociedade humana, queiram ou não, é um organismo em formação, no qual *todos indistintamente obedecem* a uma determinada função, única que justifica a vida. As virtudes podem constituir esforço, mas é esforço de assimilação, que as transformará em instinto e, portanto, em necessidade. Essa será a característica do super-homem do futuro.

Falo a quem medita e falo num tempo de grande miséria moral, não obstante já esteja acesa a tocha da ressurreição. A natureza deste escrito sintético não me permite descer a pormenores. Mas delineei todo o organismo lógico dos princípios e nele estão contidas todas as consequências; a dedução é automática. Na amplitude da visão universal coloquei, no alto, a meta do super-homem, mas me dei conta das condições de fato impostas pela psicologia dominante do tipo comum, a este só pedi as primeiras aproximações; defini sua posição e, portanto, seu trabalho no caminho evolutivo, indicando aos mais evoluídos os trabalhos mais elevados, para que cada um encontre seu caminho e sua norma na direção das ascensões humanas.

No alto, como farol luminoso, coloquei o espírito do Evangelho, a mais alta expressão da Lei em vosso concebível, cuja compreensão significará a realização do Reino de Deus. Para aproximar-se deste, o homem cada vez mais luta no diuturno esforço da vida. Religião sintética do futuro, feita de força de espírito e de bondade, meu sistema aceita fraternalmente qualquer crença, desde que sejam crenças; não condena nenhuma, desde que seja sincera e esteja em seu lugar. Toda a ciência é chamada para dar seu apoio, e dela me servi amplamente para comprovar as afirmações do espírito. Superamos todos os preconceitos exclusivistas, que provêm de interesses de casta, de nação ou de raça. Meu sistema tem suas raízes na eternidade, e tem que ser universal para sobreviver no tempo e não ter limites no espaço. Portanto, é verdadeiro em qualquer lugar; falo a todos os povos, a todas as nações, de todos os tempos, para que cada um encontre no meu sistema sua posição e seu caminho de evolução. Eu sou espírito, não sou matéria; sou substância, não forma. Então estas conclusões não tendem a concretizar-se em nenhuma forma própria de organização humana, mas a enxertar-se para fecundá-las e enriquecê-las, nas formas existentes, a fim de reerguer as que estão descendo pelos caminhos do mal, resplandecer nos dos campos político, religioso, científico e artístico que estão laboriosamente subindo à luz do bem.

Peço apenas uma grande sinceridade de alma, profundo sentido de retidão, decidida vontade de melhorar-se. A sociedade só pode sentir-se beneficiada por essas afirmações, indiscutivelmente fecundas para o progresso individual e coletivo. Aqui não se parte do apriorismo de um ou de outro sistema político, para antepô-lo ou impô-lo. Uma visão universal não pode descer no campo das competições humanas; uma verdade universal não pode restringir-se nos limites de verdades menores, relativas a um povo e a um momento de sua evolução. Mas não há quem não perceba que neste sistema se encaixem *espontaneamente* todas as concepções políticas sãs, produtivas, sinceras, todos os regimes de ordem em que os povos retomam o caminho da subida e reencontram a consciência da vida. Desses sistemas políticos sãos e produtivos, esta síntese é a base natural, o fundamento mais sólido e mais amplo, a *única concepção necessária* para que eles não fiquem isolados no tempo, mas se religuem, como funcionamento de uma sociedade, ao funcionamento orgânico do universo.

Minha ética racional e científica traçou as grandes rotas da vida individual, e agora traçará as do *campo social*. Não impõe. Não obriga. É *racional*. Ou seja, presume estar falando a seres racionais, como pretendem ser os homens modernos. Não invoca os raios de Júpiter nem as iras de um Deus vingativo, simplesmente indica as *reações naturais e inevitáveis* de uma Lei íntima, inviolável, perfeita, supremamente justa. O homem que se move dentro dela é livre para, com sua baixeza, tornar absurdo e inaplicável o Evangelho de Cristo, mas não tem poder para afastar de si toda a herança de dores, que esse seu baixo nível de vida implica e impõe. Tenho vos dado a chave de todos os mistérios. Se agora quereis ser maus (e o podeis, porque a liberdade é sagrada), serão vossas, inexoravelmente, as consequências, porque a lei de causalidade (responsabilidade) é inviolável.

Todo resultado prático desta síntese poder-se-ia condensar nestas palavras: se evolução significa conquista de consciência, de liberdade, de felicidade, involução exprime o contrário; na *baixeza de vossa natureza humana, está a causa de todos os males, e na ascensão espiritual, todo o remédio*. A aspiração à alegria é justa e a felicidade pode existir, só é preciso dedicar-se ao trabalho de conquistá-la. O Evangelho é um caminho espinhoso, mas só por ele se pode seriamente alcançar o paraíso, mesmo na Terra.

Toda concepção hodierna da vida encontra-se deslocada e sois obrigados por vossa ciência, cuja linguagem sempre utilizei, a compreender e cumprir, por coerência, esse deslocamento. Sempre tive presente o tipo de homem predominante e a inutilidade de fazer, em muitos casos, apelo aos sentimentos de fé e de bondade. Por isso, realizei o trabalho ingrato de restringir a grandiosa beleza do universo em termos de estrita racionalidade. Deveis agora conceber a vida e suas vicissitudes, não como efeito imediato de forças movidas por vossa vontade presente, mas como uma *sucessão lógica e inteligente de impulsos, vinculados no tempo e no espaço, com todo o funcionamento orgânico do universo*. Não há zonas caóticas de usurpação. Cada vida traz consigo um impulso, *o destino possui um método racional na aplicação de suas provas* e para compreendê-lo deveis habituar-vos a conceber efeitos a longo prazo, em vossa vida eterna, e não no átimo presente, em que vedes, doutro lado, aparecerem inexplicáveis efeitos de causas desconhecidas.

Há destinos de alegria e destinos de dor; destinos indecisos e destinos titânicos; há ofensas profundas à Lei, marcadas no tempo, que pesam inexoravelmente e arrebatam uma vida. Demonstrei-vos que é inútil investir contra as causas próximas, mas é preciso colher e carregar o próprio fardo. Inútil a rebelião, a raiva, a inveja de outras posições sociais, o ódio de classe: cada posição é sempre a justa, é *a melhor para o próprio progresso*. Demonstrei-vos a presença de uma justiça substancial, apesar de todas as injustiças humanas, que são exteriores e aparentes. Então, cada um tem de estar satisfeito com seu estado e esforçar-se por trabalhar nas condições em que o destino o colocou. A instalação de uma vida ocorre para vós *fora da vontade e da consciência do indivíduo*, é realizada pelas forças da Lei. Se assim não fora, *quem vos obrigaria, sem possibilidade de fuga, a suportar as provas necessárias ao vosso progresso?* Quem ignora não pode influir no substancial.

Então, ao invés de injuriar o rico, só por lhe não poderdes imitar as culpas, ao invés de desperdiçar a vida em inútil agressividade desorganizante, deveis alcançar a força de coesão social, representada pela idéia de uma Lei suprema, que distribui a dor e o trabalho com justiça, a todos, em todas as posições, de diferentes formas! Que reconfortadora fraternidade será então a

vida! Isto não significa passividade, mas consciência; não é a virtude de suportar tudo sem reagir, mas a de saber suportar uma dor merecida para aprender; acima de tudo, a não semear de novo as mesmas causas. Desloca-se o centro de vosso julgamento a respeito das posições humanas. Ai de quem se acha à vontade no ambiente terrestre! Isso significa que aí se encontra o equilíbrio de seu peso específico espiritual. Felizes os que aí sofrem, que têm fome de bondade e de justiça, porque subirão, reencontrando mais no alto o seu equilíbrio. Quem sofre, alegre-se, porque será libertado; compadeça de quem goza, porque esse voltará muitas vezes ao ciclo das misérias humanas.

Repitamos com o Evangelho: "Felizes os perseguidos! Ai de vós que sois aplaudidos pelos homens! Felizes os que choram, porque serão consolados! Ai de vós que agora rides, um dia lamentareis e chorareis!"

Estes conceitos trazem um sentido de ordem, no insolúvel enredo dos destinos humanos, acalmam os dissídios sociais, cimentam a convivência, representam a força criadora das unidades coletivas superiores, que são a sociedade e as nações. Esta é a mais alta criação da evolução e dela nos ocupamos justamente no ápice do tratado, como conclusão máxima. Estas normas, que formam a tábua das virtudes individuais (os mais altos valores), porque determinam a evolução da consciência de cada um, representam também as virtudes coletivas (os mais altos valores). Porque se a virtude é sempre a norma que mais impele pelo caminho da evolução (portanto, a coisa mais preciosa, porque corresponde ao interesse máximo), ela representa o impulso construtor da organização social e da consciência coletiva. Então, não apenas o super-homem, mas a *super-humanidade*, não só a festa espiritual da superação biológica no indivíduo, mas uma sabedoria prática construtiva de vida social. Os caminhos que tracei da ascensão individual têm justamente a função de preparar o homem para saber viver em sociedade, em nações, em estados. Isso porque essas unidades superiores só poderão existir quando ocorrer a formação completa da célula componente. Nesta função coletiva, a consciência do indivíduo se enriquece com uma ciência de relações, de nova ordem de virtudes que impelem a evolução coletiva. Esta, exatamente, a característica basilar do conceito de virtude, do ponto de vista social.

87. A DIVINA PROVIDÊNCIA

Nessa ordem de idéias pode haver lugar para a inconsciência individual, mas não para a inconsciência do Criador. Em qualquer caso, mesmo no mais atroz destino, podeis crer na ignorância e maldade dos homens, mas jamais podeis acreditar na insipiência ou maldade de Deus. É inútil criticar aquele que personifica as suas próprias causas da dor. Trata-se, frequentemente, de instrumentos ignaros, logo, irresponsáveis e movidos por distantes e profundas causas de vós mesmos. A vida é gigantesca batalha de forças que temos de compreender, analisar e calcular. Ninguém pode invadir o destino alheio, só pode semear loucamente alegrias e dores no próprio destino. Uma vida, tão substancialmente perfeita, não pode existir à mercê de um capricho e da louca alegria de atormentar-se mutuamente. Assim, não tem sentido maldizer-se nem rebelar-se, tanto mais que isso nada modifica, ao contrário, agrava o mal. É melhor orar e compreender, porque a dor só cessará depois de termos aprendido a lição que lhe justifica a presença.

Nessas idéias situa-se, também, logicamente, o conceito de uma *Divina Providência*, como fato objetivo e cientificamente demonstrável. Se registrasseis em grandes séries o desenvolvimento dos destinos individuais, veríeis ressaltar do resultado uma lei em que aparece evidente a intervenção de uma força superior à vontade e ao conhecimento individuais. Mas o homem se comporta como se estivesse sozinho, isolado no espaço e no tempo. Sua ignorância da grande Lei que governa tudo, fá-lo crer que vive num caos de impulsos desordenados, abandonado apenas às próprias forças, sendo estas sua única lei e amparo. Seu egoísmo é um "salve-se quem puder" de todos contra todos. O homem fica só, um átomo perdido no grande mar dos fenômenos, no terror de ficar torturado por forças gigantescas, agitando seus pobres braços para defender-se, pequena luz em meio às trevas. Refugia-se, então, na inconsciência do *carpe diem*, que é a filosofia do desespero; cegueira intelectual e moral, que uma ciência que não conclui deixou intacta.

Cegueira, inconsciência, porque num universo em que tudo brada causalidade, ordem, indestrutibilidade; em que tudo é função, equilíbrio automático e justiça, tudo está ligado por uma rede de reações, vinculado ao funcionamento do grande organismo. Tudo tem uma razão de ser e uma consciência lógica. É absurda qualquer anulação, tanto no campo físico, quanto no moral, como é loucura acreditar numa possibilidade de violência, de usurpação, de injustiça, só porque o homem a quer; pensar que ele, apenas um ponto do infinito, possa impor sua vontade, modificando a Lei universal.

Com a demonstração científica da ordem soberana, coloquei-vos, agora, na encruzilhada: ou negar, aceitando a inconsciência, criando em torno de vós um mundo caótico, onde estais sozinhos, com vossas forças contra todos os fenômenos, rebeldes, ridículos e tristes, perdidos no mar de trevas; ou então, compreender e ir à frente, enquadrados no grande movimento, como soldados de um grande exército em marcha. A presença de uma ordem suprema resulta aqui já demonstrada: *o homem só pode existir imerso na grande lei divina*. Isso faz ser absurda qualquer culpa, qualquer baixeza e torna altamente utilitário o caminho da virtude. *Cada coisa que existe nasce com sua lei, é a expressão de uma lei, só pode existir* como desenvolvimento de um princípio *e obedecendo a uma lei*. Em qualquer forma, sempre encontrareis uma lei como sua alma, sua substância, única realidade constante através de todas as transformações da ilusão exterior. A forma acompanha sempre essa lei, que a guia e a modifica, para realizar-se em ato. Cada momento resume o passado e contém a linha do futuro, tanto nos organismos físicos, quanto no vosso organismo psíquico. O equilíbrio sustentou-vos até aqui, no presente, através da viagem pela eternidade e agora vos sustenta e guia para o futuro, sabendo e querendo, antes de vós, à revelia de vossa vontade e consciência.

Ao conceito limitadíssimo de uma força vossa, individual, que dirija os acontecimentos, é necessário substituir o conceito vastíssimo de uma justiça que impõe seu equilíbrio e suas compensações ao destino. Dentro dela, violência e usurpação são

absurdas antecipações de um átimo, que se terão de pagar, mais tarde, com exatidão matemática. Dentro dela está presente e age a *divina providência*. Não uma providência no sentido de um guia pessoal por parte da divindade, de uma ajuda arbitrária que possa solicitar sem merecê-la e que possa escapar-vos dos esforços obrigatórios da vida, mas uma providência que é um momento da grande Lei, permeada de equilíbrio, aderente ao merecimento, mantida por contínuas compensações que levantam quem cai se merecia subir, e esmagam quem sobe, se merecia descer. Trata-se de um princípio de ordem, uma força de nivelamento que ajuda o fraco e substitui os impulsos da prepotência humana; uma força com justiça, muito mais sutil, real e poderosa.

A providência divina representa esta força maior, a justiça em ação, não só para levantar, como para abater. Por lei espontânea de equilíbrio, vereis que ela sabe dosar as provas para que não ultrapassem as forças; vê-la-eis levantar-se, gigantesca, para proteger o humilde indefeso e honesto que a opressão humana tencionava arruinar; vereis que ela dá a quem merece e tira de quem abusa, premiando e punindo, distribuindo além das partilhas humanas[16].

Tremei vós, vencedores pela força humana, diante desse poder da justiça, que impulsiona todo o universo; e vós, fracos, não acrediteis que a providência seja inércia ou fatalismo, amiga dos preguiçosos; não espereis que essa força vos afaste do sagrado esforço de vossa evolução. Conceito de justiça e de trabalho, conceito científico do mundo fenomênico, não é base de um afastamento gratuito de sanções de dor e significa direito ao mínimo indispensável às forças humanas para ascender o cansativo caminho da vida; significam repousos merecidos e necessários, não ócios gratuitos e perenes, como quereríeis.

Nada mais falso que a identificação da providência com um estado de inércia e expectativa passiva. Isto é invenção de indolentes iludidos, é exploração dos princípios divinos. Ela está presente para reerguer o homem que, na luta, perde suas forças, como o está ao abater o rebelde, mesmo se gigante; ela está ativa sobretudo para o justo que quer o bem e com seu esforço o impõe. Então o inerme, sem forças humanas, sem apoio, sem meios, apertará no punho fechado as forças mais altas da vida; as tempestades do mundo se acalmarão e os grandes se dobrarão, porque ele personifica a Lei e sua ordem. Enquanto permaneceis sozinhos na luta, abandonados apenas às vossas pobres forças, situado na profunda organicidade do real, recolhe-as de todo o infinito. Se parece abandonado e derrotado, uma voz lhe grita: tu não estás sozinho. O inerme pode então dizer a grande palavra que ribomba em todo o universo: falo-vos em nome de Deus.

88. FORÇA E JUSTIÇA — A GÊNESE DO DIREITO

Acenamos a uma evolução das leis da vida, em que o princípio da força transforma-se, na coletividade, no do direito e da justiça. Como a evolução, ao modificar o indivíduo, transforma a dor e o amor, dilata a liberdade e a felicidade, ao transformar o indivíduo, transforma a sua lei, também no campo social, evolução significa ascensão da coletividade e da lei que a governa. A passagem da animalidade à super-humanidade significa também profundo amadurecimento do fenômeno social em todas as suas manifestações. As normas para aprimoramento que a humanidade se impõe pela educação e que denomina virtude, quando fazem o indivíduo evoluir, tornam-no, também, cada vez mais apto à convivência em unidades sempre mais amplas e orgânicas. Como individualmente a meta da evolução é o super-homem, coletivamente sua meta é a construção do organismo social até o limite da super-humanidade. Só numa coletividade pode o super-homem alcançar sua completa realização.

Paralela à marcha do indivíduo, dá-se, portanto, a ascensão dessa individualidade mais ampla que, combinando seus elementos, elaborando suas células, conquista ela também, tal como o indivíduo, com seu esforço, a sua consciência. Isto é, constrói seu psiquismo, ou seja, a alma coletiva. Esgotados os problemas do indivíduo, observemos agora os mais complexos da evolução social.

Na evolução que o homem realiza, de si próprio, realiza-se também a evolução da coletividade, da qual ele é a primeira e mais sólida base. A unidade social tem uma sensibilidade própria, em que se observa e sente a si mesma em cada ponto e em cada elemento que a constituem. O princípio do egoísmo e da força, que é dominante no tipo primitivo, é o que há de mais degradante e anticonstrutivo nas estruturas sociais. Mas a evolução, que impele a coletividade tanto quanto o indivíduo, possui em si impulsos de auto-eliminação do egoísmo e da força. Assim, como se ascende para cada tipo, individualmente, também se transformam os mundos e suas leis. No *mundo do subumano* a fera e o homem inferior trazem escrito em seus instintos ferozes os artigos desta lei. Onde cada ser só sabe existir como uma arma, como um assalto contínuo, uma ameaça incessante para todos os semelhantes, as células da futura unidade ainda não se conhecem, não encontraram os entrosamentos de trocas e fusões; as circunferências das liberdades tendem a expandir-se em torno do centro do egoísmo até o infinito, ignorando limites de contato com outras circunferências semelhantes.

A força é tensão necessária de vida que domina soberana, fardo insuprimível. No entanto, em sua baixeza, é esforço de ascensão. Cada vida é imposição forçada a todas as outras; cada direito uma extorsão. *O mundo social é um choque caótico de forças, ainda em busca de equilíbrios superiores do direito*. Esta é a fase involuída das sociedades biológicas, em que os indivíduos ainda não estão organizados em simbiose. Estado de agressividade e violência, de incerteza e de luta, em que se prepara a ascensão sucessiva; em que a natureza, expandindo seus impulsos interiores, prepara o amadurecimento da unidade coletiva, de que a sociedade humana é apenas um caso. A lei universal de justiça nesses mundos inferiores, justamente pelo baixo nível dos seres, só pode alcançar o equilíbrio por meio da força bruta. Aí, o melhor é o mais forte, não o mais justo, A densidade dessa baixa atmosfera não permite à lei maiores transparências que essas; o princípio da justiça não pode realizar expressão mais elevada que essa forma de seleção natural. Justiça existe sempre, mas é proporcional, em sua manifestação, às capacidades de expressá-la no meio ambiente. O ser então denomina justiça ao equilíbrio transitório e relativo do seu nível, e injustiça *cada fase que tenha sido ultrapassada*.

As forças postas em movimento partem do centro do indivíduo; a vida é uma expansão de egoísmo e só ao dilatá-lo, coordena-o com os egoísmos limítrofes para que possam fundir-se. Há um ciclo de ignorância, egoísmo, força, luta, dor, mal, do qual o indivíduo tenta sair. Em suas aspirações de ascensão individual, que vimos, cada um descobre objetivos cada vez mais altos, tenta alcançá-los melhor na coletividade e *esse ciclo tende a quebrar-se*. Gradualmente, pela lei do menor esforço e do maior rendimento, esse princípio rudimentar de justiça, representado pela lei do mais forte transforma-se, atingindo-se com isso o *mundo humano*, em que desponta a consciência de uma lei moral. Um princípio utilitário de vantagem coletiva conduz a um abrandamento nas formas de luta, levando à supressão das guerras. Nesse nível, a força, que antes era de justiça, *agora se torna violação e injustiça*.

No primeiro albor da ética, matar e roubar eram lícitos; num mundo ainda não moral como o da fera, os conceitos de bem e de mal ainda dormiam latentes no estado de germe. Mas nos choques da convivência social, a reciprocidade das relações, avizinhando os semelhantes, obrigou o indivíduo a sentir *a reversibilidade do prejuízo*, levou-o à compreensão utilitária e à assimilação do conceito do "ama teu próximo como a ti mesmo". A idéia do mal já não se ligava mais tanto à vantagem obtida, como com a da reação ao mal que se sofria.

É um processo de *progressiva harmonização*, em que se disciplina cada vez mais perfeitamente o funcionamento dos impulsos da vida. Desta vez é a coletividade que ascende aos equilíbrios superiores da ordem divina. Mesmo coletivamente vedes uma sucessão, por graus, de formas de vida e de leis em que se realiza, sempre e mais evidente, o pensamento de Deus. Não fazemos mais que aplicar, sempre e em toda parte, o mesmo princípio universal da evolução que, sozinho, repetido em todos os casos particulares, contém todas as conclusões: o universo é organismo monístico que funciona num princípio único. Trata-se de uma ascensão totalitária de todas as qualidades humanas, consideradas separadamente e que avançam conexas e paralelas, no indivíduo e na sociedade. Como sempre, em qualquer campo, *minhas concepções não são estáticas*; cada conceito não se define em sua imobilidade, mas como *uma trajetória*, um devenir, uma evolução. Não trabalho com vossos conceitos comuns rígidos, mas *com conceitos fluidos de uma filosofia progressiva*, inclusive no campo do direito. Não observo os fenômenos do lado de fora, mas coloco-me, por sintonia, no seu devenir. Só se pode alcançar o absoluto com novo método de pensar.

A lei ascende e amanhã vossa atual justiça formal, exterior e coativa, será violação e injustiça; vossa moral hodierna será imoral, porque tereis descoberto e sabereis viver dos equilíbrios mais profundos. Se a lei é harmonização, a humanidade, por meio de suas guerras, tende à unificação. A guerra, no entanto, é o estado de equilíbrio atual, não do seu futuro; é um mal hoje necessário, em vista de vosso grau involutivo, mas dele vos libertareis. O único fato que pode *torná-la justa é que ela representa o esforço de alcançar o nível perfeito, em que será possível sua supressão*. Entretanto, esse mal de transição já se inverte num florescimento de bem, porque ensinou o homem feroz a matar também por uma idéia, a dilatar o próprio egoísmo até a coletividade. O desabafo guerreiro assume, assim, a função biológica de fazer evoluir os instintos humanos de sua primitiva forma egoísta e feroz, até o heroísmo de quem se sacrifica pela Pátria.

Por meio da evolução passa-se da força ao direito, do egoísmo ao altruísmo, da guerra à paz. A reação dos egoísmos limítrofes já é uma tentativa de equilíbrio, já contém o germe de uma justiça. No princípio, é somente a defesa e a ofensa que garantem ao indivíduo o que lhe cabe. É necessário disciplinar esses impulsos; trata-se de encontrar um princípio de coordenação que os supere todos, uma expressão de psiquismo coletivo que realize mais profundamente a ordem divina. Eis como, porque e de onde *nasce o direito*: do grande impulso da evolução, como momento da harmonização progressiva do psiquismo individual no seio da unidade psíquica coletiva. *Gênese científica do direito*, esta, reduzida a um cálculo de forças dos dinamismos individuais, que se harmonizam nos contatos; direito, primeira centelha de coordenação de forças sociais, partindo do centro para a periferia, do indivíduo para a coletividade, em suas expressões cada vez mais amplas de direito privado, público, internacional.

Luta trabalhosa, esta, pela qual a sociedade humana realizou a transformação da força em direito. Em meu sistema, estas são apenas duas fases sucessivas de evolução: dois mundos limítrofes, duas leis, dois reinos, o da fera e o do homem. A força teve, não se pode negar, sua função construtiva na economia da vida. Técnica evolutiva, também aquela, em que a justiça divina manifestava-se igualmente, embora de forma menos evidente. Os povos jovens são espontaneamente violentos, sem escrúpulos, porque também são conquistadores. Em algumas condições de ambiente, a prepotência é justiça; é seleção de raça, submetida à prova cruenta, inexorável, é explosão de energias produtivas; é o primeiro esboço grosseiro, mas decidido, em grandes linhas, da alma coletiva. O retoque só poderá chegar depois, com a proporcional sensibilização dessa alma coletiva. Então os povos civilizam-se e, depois de ter conquistado seu lugar pelos mais ferozes meios, criam o direito, *percebem uma idéia mais exata de justiça*; criam virtudes mais evoluídas, correspondentes às mais evoluídas necessidades; substituem pelas virtudes civis da colaboração as virtudes guerreiras da opressão. Eterna história que se repete na vida de todas as unidades coletivas.

Então o homem percebe que, se a força criou muito, também causou destruição; percebe coisas que antes escapavam à sua percepção mais rude, que um mundo apenas de força acaba destruindo-se a si mesmo. Paralelamente, o indivíduo que, se gozou das vantagens, muitas vezes também sofreu os prejuízos, recorda isso em seu instinto, reagindo para eliminar as causas. Surge, então, a idéia de uma utilidade coletiva para suprimir o abuso individual; inicia-se *a eliminação progressiva da desordem, mediante um processo de isolamento e limitação* do impulso egoísta individual, circunscrevendo-o e marginalizando-o sem destruí-lo, mas canalizando-o para metas coletivas. A evolução da força para o direito e a justiça é também evolução de egoísmo em altruísmo. Presenciais, assim, o espetáculo desses impulsos primordiais que, *por meio da própria manifestação tendem a eliminar-se a si mesmos*. Princípio universal *de auto-eliminação* das formas inferiores do mal, quase uma autodeterioração da dor por meio da dor, da força pela força, do egoísmo através do egoísmo. A lei evolui na consciência de cada um, conforme o próprio grau de ascensão: os indivíduos no seio do povo, os povos no seio da humanidade, equilibram-se em seu nível. Posições de progresso e regresso relativos — mobilidade contínua de todas as posições da vida, sucessão de leis e de mundos que progridem, um dentro do outro, sem se destruirem — que os seres formam de acordo com o grau de consciência alcançado, verdade relativa e progressiva, absoluta apenas no âmbito do momento que exprime e sustenta.

Por isso, assistis hoje a *uma concomitante duplicidade de leis*, mesmo no campo social, forma que só é possível num regime de evolução e esta é a sua prova. Só uma passagem de fase, o crepúsculo de um período que desaparece na aurora de outro,

pode produzir esses constrastes próprios da transição, conhecidos do homem e insuspeitados pelos animais, tranquilos na plenitude de sua fase. O homem oscila hoje na passagem entre duas leis. Essa mudança exprime sua maturação biológica no campo social. Trata-se de uma demolição progressiva do passado e da reconstrução, em seu lugar, com os mesmos materiais, de formas mais elevadas. Elaboração da substância é evolução: *o mal é o passado* (involução), *o bem é o futuro* (evolução); bem e mal relativos, em conflito, que repetem, no campo social, a luta que vimos no campo individual entre corpo e espírito. *Culpa* é qualquer retrocesso voluntário, que a lei corrige, reconstruindo o equilíbrio por meio da reação da dor; *virtude* é tudo o que acelera o avanço e, portanto, premiada.

É um mundo imenso, de conceitos e de leis que evoluem, como tudo não pode parar no universo. A necessidade da convivência impõe um *mínimo de ética* no direito, sempre mais alto. Algumas virtudes são obrigatórias por necessidade social. A educação civil impõe sua assimilação e, com o tempo, ultrapassareis as atuais para descobrir outras ainda mais perfeitas. Hoje o conflito é evidente em qualquer forma social. Como na luta entre corpo e espírito, *o passado sobrevive em qualquer instituição e costume*, formando-lhes o substrato fundamental que resiste por inércia, freia o progresso e torna a aflorar a força no direito. Em períodos de decadência espiritual, aparece uma degradação dos institutos jurídicos que os reconduz às origens; rebaixa-se o mínimo ético, reforça-se o elemento violência. Hoje, em direito, os dois elementos procuram equilibrar-se: justiça e sanção. A balança não sabe ser equânime sem a espada. Força e justiça dosarão, diferentemente, suas proporções e o direito conterá mais ou menos uma ou outra, de acordo com o seu grau de evolução. Na relação entre a importância dos dois impulsos, qualquer valorização de uma para dominar a outra, será índice exato do grau da evolução de um povo. Como a propriedade conserva traços do furto originário, assim cada forma é filha de outras mais baixas, da qual vos afasta a evolução a cada dia, realizando um trabalho de contínua purificação.

Em cada ato, em cada manifestação humana, está de um lado o ideal visto pela mente, mas do outro, a utilidade imposta pela necessidade. Toda vida social agita-se no conflito entre uma equidade, consagrada oficialmente por todas as leis religiosas e civis, e a força, premiada pelo bom êxito em suas ações, muito estimada privadamente. O misoneísmo, síntese dos equilíbrios atávicos mais estáveis, desconfia dessas superconstruções ideais, não consolidadas ainda pela assimilação realizada. Dela desconfia o instinto da mulher, que escolhe o homem guerreiro e prepotente; desconfia a política internacional, que só acredita na verdade dos exércitos. Assim se move vossa fase, no esforço de suas conquistas, entre dois caminhos opostos: um teórico e outro prático. Um modo de dizer e um modo de fazer; uma mentira muito cômoda e uma realidade muito árdua para praticar; um tormento criativo do espírito, de uma parte, e uma degradação de princípios e exploração de ideais, de outra. Nos indivíduos encontram-se todos os diferentes graus, suas apreciações e as verdades mais diversas, pontos de vista com que cada um pretende tudo compreender e julgar o mundo, fazendo-se seu centro. Nesse ambiente, em que parte ainda se retarda no passado e outro se alonga para o futuro, vibram todas as oscilações das afirmativas humanas. Oscilações que são evolução, normas e imperativos compreendidos como absolutos, mas que são apenas aproximações progressivas. A codificação, por isso, é sempre substancialmente uma tendência; as formas mudam e a letra está pronta para morrer. O direito é uma formação constante. O regulamento jurídico das futuras sociedades humanas será baseado nos princípios científicos, deduzidos das grandes leis cósmicas; harmonizar-se-á como ordem menor, em admirável compenetração de liberdade e necessidade, de dinamismo individualista e coordenação nos fins coletivos, dentro dessa ordem suprema. A suprema sanção não pertencerá à pobre razão humana, da qual é possível escapar, mas a uma lei sempre presente e ativa que, no tempo e no espaço, jamais permite escapatória.

89. EVOLUÇÃO DO EGOÍSMO

Como no direito, a força evolui para justiça, também o egoísmo evolui para altruísmo. À proporção que a vida eleva os indivíduos para mais altas especializações, reorganiza-os pelo princípio das unidades coletivas, em unidades sociais cada vez mais complexas e compactas. A diferenciação dos tipos e das aptidões levaria ao afastamento das criaturas e ao desregramento social, se outra necessidade não os aproximasse e outra força não os reorganizasse em formas de convivência, em que a atividade de cada um pudesse obter maior rendimento. A evolução produz, então a *demolição progressiva do egoísmo*, como produzira a da força, porque precisa de novo instinto coletivo de altruísmo, que constitui o cimento precioso que amalgama os impulsos egocêntricos e exclusivos das criaturas. Na evolução social, o egoísmo terá de sofrer profundas modificações. Como todos os impulsos da evolução, ele *domina enquanto o progresso o exige*, depois se supera e se transforma diante de novo progresso. Assim se explica como pôde nascer, num mundo de necessidades ferozes, os princípios de altruísmo e de bondade, tão mortais para o eu, tão antivitais no sentido restrito, num momento em que se inicia uma ordem de vida que revoluciona todas as precedentes.

Não basta dizer que são duas leis sucessivas. Indispensável dizer que a mais elevada é sempre mais útil do que a menos elevada. A natureza, extremamente econômica e conservadora, não comete prodigalidades gratuitas. Se as faz, é visando a utilidades coletivas e a longo prazo. Assim nascem os altruísmos do amor, a abnegação materna, os heroísmos em defesa de um povo, de uma idéia. *De modo que o altruísmo é apenas um egoísmo mais amplo*. Tanto mais amplo, quanto mais esteja dilatada a consciência individual e o campo que ela abarca. O primitivo vê somente seu pequeno eu e se isola no momento; não se sente viver nos tempos e na humanidade. Em sua miopia psíquica, isola-se em seu próprio bem pequeno, separando-se do bem coletivo. É absolutamente inepto para viver num regime de colaboração, em que a consciência mais evoluída tem necessidade de multiplicar-se.

Essa consciência coletiva é uma força, a força do homem civilizado. Por isso, o selvagem, embora isoladamente mais forte e belicoso, torna-se inferior na luta, porque não sabe organizar-se, nem manter-se organizado em amplas unidades coletivas,

que formam a potência de meios e de resistência do civilizado. Quanto mais o homem é evoluído, mais fortemente sente a Lei que lhe impõe olhar para trás e doar-se para auxiliar a caminhada dos menos evoluídos, para que a evolução caminhe compacta.

Já vimos ("Evolução do princípio cinético da substância") que a Lei guia a energia para inclinar-se sobre a matéria a fim de animá-la com seu impulso e elevá-la ao nível da vida e depois impor à vida, filha da energia, a elaboração da matéria até o psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que obriga a uma retomada de movimentos inferiores para que revivam em oitavas mais altas, faz que o alto se volte para baixo, para que este seja sempre retomado no ciclo evolutivo, e nada fique abandonado fora do circuito e apodreça no fundo, fora da grande caminhada. Essa lei que assim quer, é a mesma que impõe ao super-homem (santo, herói, gênio) que se sacrifique pelos irmãos menores: é o móvel de seu instinto irresistível de altruísmo e de martírio. Incompreensíveis dedicações em vosso mundo, em que não se realiza um esforço sem que seja pago: o mais forte manda; o mal é evitado apenas por medo do castigo e o egoísmo triunfa. Pequeno círculo este, que não tem portas para a compreensão da grande Lei. No entanto, aqueles são altruísmos lógicos, verdades simples, forças racionalmente vinculadas de um extremo ao outro das fases de vosso universo e de vosso concebível.

Paralela à formação e desenvolvimento do psiquismo ocorre também esta dilatação do egoísmo que, sentindo-se uno com todos, acaba abraçando a todos no próprio cálculo hedonístico. É um agigantar-se da compreensão, até que aconteça o amplexo a todas as criaturas irmãs. A amplitude do abraço indica a amplitude da compreensão; processo de auto-eliminação das formas inferiores, como vimos na evolução. Não um altruísmo abstrato, sentimental, irracional e sem utilidade, mas um altruísmo sólido e resistente, porque utilitário. A Lei não se manifesta como princípio abstrato, mas aparece continuamente como manifestação concreta, personificada nos seres que, em suas formas de vida, representam os seus artigos. O egoísmo é expressão de insuprimível força concêntrica e protetora das individuações. A luta contra tudo aquilo que não é o eu, é a primeira expressão e a prova da formação de determinado tipo de consciência: logo que assoma na vida, tem que defender-se. Consciência e egoísmo do indivíduo, da família, do grupo, do povo, da raça, cada vez mais amplos; consciência de uma distinção absoluta entre o eu e o não-eu. A dilatação só pode ocorrer, para conservar a estabilidade dos equilíbrios, quando acontece a estabilização do tipo de consciência e de egoísmo inferior.

Altruísmo, por isso, não é renúncia, mas expansão de domínio; não perda, mas conquista de progresso e de compreensão, ascensão da vida. Reunir em torno de si, como seus semelhantes, um número cada vez maior de seres é multiplicação de poder; é reencontrar-se e reviver neles uma vida centuplicada. Mas se estes casos máximos de altruísmo são patrimônio do super-homem, o homem atual, que raramente sabe estender o altruísmo além do círculo familiar, tomá-los-á, hoje, como casos extremos, para aproximar-se deles; lutará em sucessivas aproximações, ampliando as fronteiras do eu, até compreender um dia a humanidade terrestre e tantas humanidades do universo que conhecerá. Quando o herói morre por sua nação, o mártir pela humanidade, quando o gênio se desgasta pela ciência, seus egoísmos são tão amplos que não os concebeis mais. Nesse momento, eles podem dizer: eu sou a nação, eu sou a humanidade, a ciência, porque sua consciência unificou-se com isso.

Até o animal percorreu esse caminho e fixou, na fase de assimilação composta pelos instintos, esses altruísmos que são apenas egoísmos coletivos, porque o animal realizou sua evolução social em formas mais simples, mas em sua simplicidade, mais evoluídas e estabilizadas. Ele vos dá exemplos de altruísmos que ainda deveis conquistar. A abelha morre picando, em defesa da colmeia; não pica se está sozinha; produz o mel que, depois de sua vida breve, as operárias irmãs, que ela não conhecerá, comerão, assim como as que ainda deverão nascer; não sobrevive isolada, mesmo se tiver todo o necessário, porque a virtude de sentir-se célula do organismo coletivo, nela se tornou instinto e necessidade; morre de fome, pois deixa, no caso de faltar tudo, o seu próprio mel para a rainha, a fim de que só ela sobreviva, porque representa a raça. Altruísmos heróicos para vós, na fase de formações coletivas; grandes virtudes que fixam os instintos do futuro; equilíbrios já agora espontâneos, estáveis, porque utilitários, ou seja, porque correspondentes à lei do menor esforço; instintos assimilados, não mais virtudes (isto é, não mais fases de formação), nas sociedades animais já constituídas.

Quando a abelha se sacrifica por sua família, não é ela que realiza um ato de altruísmo, mas é a família que, conquistado o instinto de um egoísmo coletivo mais amplo, egoisticamente lança a célula abelha e a sacrifica para seu próprio bem. O homem julga heróico esse ato porque o aplica a si mesmo, aplica à abelha aquele conceito de altruísmo que, em circunstâncias semelhantes, aplicaria a si mesmo; mas não compreende que sua natureza é totalmente diferente, porque ele se encontra em outra fase. No homem, o instinto coletivo está em formação; na abelha já está fixado, maduro, completo. No homem, esse ato não é a expressão de uma necessidade imposta por um instinto definitivamente assimilado, mas está na fase criativa (virtude) em que, já vimos, o ato requer esforço e é sentido pela consciência. Se na abelha esse ato se realizou na fase instintiva, subconsciente, espontânea, no homem só atingiu a fase inicial de formação, fase heróica, virtuosa, trabalhosa, consciente. Mesmo a vós, a necessidade de trabalho imporá a colaboração como uma vantagem, para alcançar metas cada vez mais altas. Doutra forma não se poderiam alcançar-lhes, obrigando esse abraço entre as gerações velhas e novas, que hoje apenas se conhecem. Um princípio de coordenação política mundial se imporá como grande poupança de energias,as quais se canalizarão para uma utilidade mais elevada, que a luta recíproca entre os povos. Colaboração e supressão da forma cruenta de luta compõem o caminho da ascensão social. As estradas do altruísmo são paralelas às da evolução moral.

90. A GUERRA — A ÉTICA INTERNACIONAL

Entendemos a evolução do fenômeno guerra como momento da evolução da força para a justiça, por meio do direito, como fase de ascensão coletiva. Disse-vos mais atrás que, num mundo que se arma todo contra si mesmo, só existe uma defesa extrema: o abandono de todas as armas. Essa frase pode parecer um absurdo e é mister explicá-la. Expus, então, o grau mais

elevado, do qual o homem se aproxima por graduais passagens. Mas o esforço precisa ser total a fim de alcançá-lo, como nos caminhos da evolução individual, introduzindo na vida dos povos o máximo de disciplina suportável. Infelizmente, nas coletividades mais involuídas, o uso da força pode constituir uma necessidade, especialmente de defesa, a fim de impedir a explosão do mal. Nos primeiros níveis, as civilizações não podem erguer-se, senão cercadas por uma barreira de violência que as proteja da própria violência e uma defesa ampla e previdente pode implicar também em uma ofensiva. Hoje, porém, o mundo possui vários focos acesos de civilização e a zona de barbarismo influi sempre menos, e menos ainda se justifica um regime de violência. Assim como no progresso que vai da força à justiça, no direito interno, também as forças da vida trazem um progresso da guerra para a paz: disciplina de forças e coordenação de energias, atuantes no direito internacional. Assim a evolução produz, mesmo neste caso particular da força, *um progressivo cerco contra a guerra*, tendendo a eliminá-la. Os absolutismos pacifistas, idealizados e isolados, hoje são utopia como realização, embora já lhe brilhe o ideal das aspirações humanas; eles constituem objetivo e tendência, e tanto se luta para consegui-lo.

Hoje, os armamentos são *uma dura necessidade, mas teste-munham, com demasiada evidência, o estado selvagem do homem atual*. Tendo em vista a fase atual de inconsciência coletiva da humanidade, esse mal *é necessário.* As armas não podem ser depostas, porque constituem indispensável condição de vida, enquanto a arma do vizinho está erguida e pronta a golpear, guiada por uma psicologia de estreito egoísmo. É necessário aos povos se conhecerem para que — como acontece com os indivíduos na formação do direito privado — os círculos das liberdades individuais aprendam a tocar-se e respeitar-se, a fim de coexistirem e aderirem na unidade coletiva da humanidade; e aprendam a ceder aos direitos alheios, a fim de ser concedido lugar aos próprios, num estado de consciência coletiva superior. Um verdadeiro e próprio direito internacional não existe hoje e as relações entre nações ainda se encontram em estado caótico.

Também aqui o equilíbrio tende a estabelecer-se pela lei do menor esforço; não um pacifismo inerte e teórico, mas uma *ordem* internacional que representará tão grande vantagem social que, logo que a consciência coletiva conseguir compreendê-la, po-la-á em prática. Hoje, a humanidade vive *numa fase de transição, em que se compreende a utilidade da paz, mas ainda não se sabe superar a necessidade da guerra*. Entre essas duas leis oscila, e prevalece uma ou outra, de acordo com a maior ou menor força moral de que disponha. Entretanto, surgirão sólidos institutos jurídicos internacionais, hoje utópicos, que garantirão a vida e o trabalho dos indivíduos coletivos, os Estados, da mesma forma que as instituições privadas disciplinarão a garantia do ser individual. Em cada forma jurídica, *a zona de justiça conquistada e da força que deve ser superada* serão mais ou menos amplas, de conformidade com o grau de evolução atingido, e constantemente se deslocarão, exprimindo seu nível na própria forma.

Todavia, a força dos armamentos, mesmo subsistindo como necessidade e preparação contra eventuais conflitos, tem de sofrer uma *limitação contínua* que lhe discipline o emprego. Só pode haver, no entanto, uma razão para existir: a de constituir *defesa da justiça*. O primeiro dique que se ergue é a grande responsabilidade moral de um estado que provoca uma guerra sem necessidade que a justifique. Dessa necessidade tem de prestar contas ao mundo que o observa. Eis um primeiro rudimento de autorização jurídica: o sentido da responsabilidade e o peso das consequências recaem sobre quem tem o poder de lançar a infernal máquina da guerra. Até há pouco tempo, os homens se matavam diariamente, como fato normal. Mas, como é mais difícil hoje movimentar a máquina dos exércitos, que se tornou complexa e gigantesca, em proporção às grandes unidades estatais! As armas permanecem, mas seu uso torna-se tão mais disciplinado e excepcional que, muitas vezes, sobrevivem somente como símbolo decorativo. A guerra requer cada vez menos ferocidade e mais inteligência, afastando-se do instinto sanguinário do selvagem. A disciplina é uma conquista biológica que eleva o homem, do estado original de anárquica rebelião contra tudo e contra todos, para um estado de coordenação de esforços e de organização de trabalho.

Assim se introduz o elemento justiça, que limita o elemento força, reduzindo esta cada vez mais a uma fase de transição, realizando a libertação gradual do mal, tornando-a meio de evolução e construção do bem. Cada vez mais se sente a necessidade de refrear a expressão da força por meio de um conceito mais elevado, com uma alma mais nobre que lhe proporcione uma justificação; vê-se sempre mais a necessidade moral e racional de tornar o uso da força aderente a um princípio de justiça, porque se percebe que é justamente nesse imponderável que reside seu poder maior, o equilíbrio mais íntimo e mais alto, que domina e governa os equilíbrios mais externos e mais baixos da força material. Por isso, esta procura, espontaneamente, sua única justificação, que só pode ser um fim pacífico.

Como a dor e o mal contêm em si os impulsos para uma auto-eliminação, assim a guerra existe para engolir a si mesma. O progressivo caráter mortífero dos meios bélicos, preparado pelo progresso científico, toná-los-á sempre mais desastrosos; seu maior poder destrutivo destruirá a guerra, porque a crescente sensibilidade humana e a consciência mais profunda sentirão cada vez mais horror e medo. Os organismos sociais obedecem sempre menos aos impulsos irrefletidos do momento e a ordem futura se prepara, com visão distante e a longo prazo. Também existe a Lei que intervém, impondo como reação a dor, para cada violação. Coage assim o homem inapelavelmente para a via da justiça: *"Quem usar a espada morrerá pela espada"*. Acima da força dos exércitos, transparece cada vez mais evidente a outra, mais sutil dessa Vontade suprema, que leva à ordem e, assim, esmaga o mais forte. Há uma força mais alta à qual a outra obedece. Quando os exércitos mais aguerridos se precipitam, aparece a mão de Deus e as forças da vida se insurgem para dominar o rebelde. A história também está regulada por esses equilíbrios mais profundos, que se erguem e se impõem, força mais forte que todas as forças humanas. De nada vale o poder material se estiver maculado na base por essa fraqueza substancial; o arbítrio humano do mal é cerceado pela Lei dentro dos limites inexoráveis do bem. Mesmo na fase atual, para obter seu rendimento, a força tem de harmonizar-se com esses impulsos maiores de justiça; sua justificação só pode dar resultados estáveis como reconstrução da ordem.

Como observais, não falo de formas nem de métodos, vou sempre à raiz dos fenômenos. Falo de maturação de forças biológicas. *Não enfrento os homens, mas as leis que os movimentam*, penetro nas causas, não nos efeitos. Concomitantemente, levo em conta a natureza humana como é atualmente e a lei que impera nesse nível. Se a guerra existe no mundo, ela corresponde ao instinto da maioria, porque esta é a forma atual da seleção biológica, porquanto corresponde a funções automáticas de equilíbrios demográficos. O homem normal é feito para a guerra (seleção); a mulher, para a maternidade (conservação). Enquanto vos moverdes neste ciclo e a guerra persistir na alma egoísta do mundo, as relações internacionais se basearão na força e será

necessário a quantidade como meio de vida e de grandeza. Mas lembrai-vos de que a quantidade jamais poderá criar a qualidade; o valor supremo do homem não consiste em abandonar-se irresponsavelmente à função animal de procriar, mas reside em enfrentar consciente e responsável a função moral de educar. Não sendo assim, a quantidade degrada a raça. Será possível sempre o mesmo círculo vicioso: aumentar o número para guerrear e depois destruir-se? Será possível que as duas grandes forças da virilidade e da maternidade fiquem sempre fechadas num ciclo de autodestruição?

Ao contrário, esse ciclo abre-se por ascensões progressivas, para sublimação desses instintos. Num nível mais alto, o homem é feito para o trabalho, para a criação material e espiritual, para o domínio sobre a natureza e sobre si mesmo; a mulher é feita para o sacrifício e a formação de almas, esta é a meta substancial.

Se em vosso nível humano a guerra é meio proporcional à vossa baixa forma de evolução e sua abolição é utópica, essa guerra, ainda que hoje um mal necessário, só pode ser aceita como mal transitório, meio que leva a um bem mais elevado, como holocausto do presente bárbaro que se enfraquece pelo atrito, apenas para a construção de um futuro mais radioso. Para mostrar um conteúdo de justiça à guerra não basta uma superprodução populacional concentrada em uma parte do globo terrestre. Isto é apenas choque de forças demográficas. É preciso dar à guerra um conteúdo ideal de civilização; tornar suportável esse mal, por sua transformação em instrumento de bem. Assim a guerra se nobilita com heroísmos, anima-se pela espiritualidade, idealiza-se pelos martírios. Elevada a guerra a esse nível, a ferocidade do sangue derramado transforma-se em apoteose de sacrifício. Porque então já não mais se luta pelo heroísmo ou pelo saque, mas por uma fé que paira no alto. A guerra então atinge sua mais alta meta de formação da alma coletiva: torna-se imolação de si mesma no altar da pátria e é denominada santa.

O homem pensa mandar e, no entanto, obedece sempre, constrangido pelo instinto, à vontade da Lei. Instituições, leis, todas as manifestações sociais não são substância, são forma, são a veste exterior de forças biológicas. Os verdadeiros responsáveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os povos, com justiça carregam o peso da própria involução. Os chefes apenas transmitem um comando que não seria compreendido nem obedecido, se não correspondesse a uma ordem mais profunda que domina a todos. Eles são escolhidos e elevados a seus postos só enquanto sentem os instintos da coletividade, exprimem-os e a eles obedecem. Os grandes caudilhos foram meramente expoentes que personificavam a verdade do momento e executavam essa função coletiva, porque a Lei não abandona jamais os destinos dos povos ao arbítrio de um homem. Não confundais a forma com a substância, habituai-vos a vê-la nos fenômenos históricos; em cada manifestação, pesquisai sempre a ação sutil e substancial dos impulsos biológicos, que fazem de povos e de chefes um organismo único, dirigido para metas idênticas.

Entretanto, à proporção que a evolução ergue o homem para cada vez mais longe de suas origens animais, também se eleva a forma da luta. Aos três tipos de homens que estudamos, correspondem os três métodos de combater, que lembram os três níveis da substância: γ, β, α. Assim temos: *luta material*, ou seja, supremacia brutal do mais forte, embora ilícita e injusta. Luta nervosa e *volitiva*, supremacia do poder da vontade, dos meios mecânicos, econômicos, mesmo que isto não constitua convicção nem vontade. *Luta espiritual*, em que o dinamismo físico-muscular, como o volitivo-nervoso, é superado por uma supremacia espiritual e conceptual, propriedade do super-homem. Sua luta é fundamentada na justiça e mobiliza o dinamismo das forças cósmicas. Neste sentido ele é o mais poderoso, embora humanamente inerme. Lembrai-vos, porém, que no alto o arbítrio se anula e a desordem é recalcada para baixo. Ah! Se soubésseis quanta harmonia reina nos planos mais elevados!

Sei muito bem que o homem de hoje só se eleva até o segundo tipo de luta, sendo arriscado pedir-lhe antecipações imaturas e precipitadas do futuro. Existe uma lei de estabilidade no desenvolvimento do que é novo, e é mister ajudá-la. Para abandonar o velho, precisa antes ter criado o novo. Depor os instintos de luta, mesmo na forma mais baixa, pode significar para os povos de hoje fraqueza e decadência. É necessário antes ensinar-lhes a superar a atual fase evolutiva e a conquistar instintos mais altos: como sempre, é preciso transformar o homem antes dos sistemas, a substância antes da forma, começando por alcançar a consciência da responsabilidade, que implica o uso da força. O progresso não reside na renúncia à força — que pode ser fraqueza de impotentes — mas no domínio da força, que constitui consciência dos poderosos.

Deduz-se de tudo isso o quanto é impraticável, apesar das afirmativas dos idealismos teóricos, um programa imediato de paz universal, se antes não se souber determinar as condições biológicas necessárias à sua manutenção. A paz universal será obtida, mas pensai de que edifício imenso ela representa a construção. Para atingir a conquista mais elevada, é indispensável amadurecer antes todas as que a condicionam. Só então essa paz não será utopia, porque o mundo e sua alma estarão transformados e maduros. Os atuais idealismos pacifistas, que exprimem a grande aspiração e indicam o caminho, são, biológicamente, conceitos recém-nascidos, menos solidificados nos instintos; os equilíbrios estão menos estabilizados e, portanto, prestes a cair ao primeiro choque. Todas as construções ideais, mesmo codificadas, estão expostas a esse perigo de degradação que, à primeira sacudidela, reconduz os novos equilíbrios, por demais delicados, a estabilidades mais baixas e mais simples, porém mais resistentes. Sempre pronto a ressurgir logo que desabe a superestrutura, está o substrato biológico das necessidades animais, para onde retrocede o equilíbrio muito arriscado, a fim de garantir a vida.

A escada da ascensão não se sobe senão degrau por degrau, solidificando antes as bases. Não são fáceis vôos pindáricos nem ressonâncias retóricas, para que a paz não seja utopia, mas um trabalho de aproximação, áspero, tenaz e prático. Têm que amadurecer antes as condições biológicas e psíquicas. Já é muito ter visto e compreendido pela primeira vez na história do mundo, o absurdo lógico, moral e utilitário da guerra. Esse absurdo torna-se cada vez mais evidente e repará-lo é mais urgente. Concomitantemente, a mortalidade progressiva pelos armamentos e crescente peso econômico despertarão o interesse coletivo, que se rebelará a tantos gastos. O mundo aterrorizado pela possibilidade de destruições incalculáveis, armar-se-á concordemente *apenas* contra quem queira perturbar a ordem, arriscando a destruição da civilização. Então a força sobreviverá somente como instrumento de justiça, não mais de desordem, mas de ordem.

Esse mesmo reconhecimento de direitos e deveres, a que se chegou nas relações entre cidadãos, terá de ser alcançado, também, nas relações entre povos. *O direito internacional* está em seus alicerces. Por que seriam lícitos o homicídio e o furto, na guerra, quando dentro do país é proibido pelas leis? Isto demonstra que as relações entre povos ainda esperam um direito que as discipline, pois ainda estão no estado caótico da violência, na fase sub-legal; a *ética internacional* apenas nasceu. Este "eu" maior coletivo, que é a consciência nacional, ainda se encontra na fase embrionária; tem de conquistar sua moral, que venha a exprimir a

lei das coordenações nacionais. Nascidos há pouco, os organismos estatais, apenas formados, ainda não sabem reordenar-se como células componentes do organismo mais amplo: a humanidade. Como o indivíduo no estado de bárbaro, as nações têm apenas a força, não a lei, para defender suas vidas. As nações são indivíduos isolados que, no máximo, buscam reagrupar-se em alianças, a fim de formar maiorias protetoras e equilíbrios de forças. Os povos vivem fora da lei e fora da ética; o trabalho de gerações futuras será de criá-las.

Com o progresso, as forças da ordem unir-se-ão contra as forças da desordem; os povos rebeldes serão cercados e isolados, tal como dentro do país se cerca e isola o delinquente, como perigo social. Nascerá nova ética *internacional*, mediante o choque de tantas guerras; a dor e o sangue, através de aperfeiçoamentos contínuos, ensinarão a gerá-la. Pois, esta é a finalidade da luta e seu único resultado duradouro: a evolução dos conceitos diretores e a conquista de uma consciência coletiva mundial. Se já custou tanto esforço e tanta dor a construção do instinto da convivência social entre indivíduos, quanto maior esforço e dor não custará a construção desse instinto muito mais complexo, de convivência internacional? Por isso, cada guerra não acontecerá em vão; os povos se chocam para conhecer-se e compreender-se; agridem-se, porque dos choques alternados entre vencedores e vencidos, aprenderão a reconhecer de toda parte o direito que tem qualquer povo à vida; viver e não sobreviver apenas, não dominar nem oprimir, mas coordenando-se na unidade maior para a qual sobem: a humanidade.

O instinto das massas transformar-se-á em dinamismos igualmente virís, porém mais elevados; em produtividades mais benéficas e morais. Outras batalhas incruentas aguardam o homem: coalizões pela defesa das conquistas do espírito, contra quaisquer atentados de degradação da estrutura social; outras lutas, não de armas nem de povos, serão as do amanhã: lutas de idéias, a guerra santa do trabalho, a virilidade do dever, o esforço da construção de consciências. O grande inimigo será o desconhecido: as forças da natureza, os baixos instintos que têm de ser superados; o grande trabalho será a direção das leis da vida e a ascensão humana. Somente então, emergindo do desembaraço da desordem, o homem conquistará nova potencialidade na ordem. Aí os mais fortes, os melhores, serão os mais justos. Da soma de tantos impulsos produtivos, emergirão povos supremamente fortes e vitoriosos.

91. A LEI SOCIAL DO EVANGELHO

Permanecemos, até agora, nos campos subumano e humano das mais baixas criações biológicas, para focalizar melhor os pormenores de vossa fase. Mas, subamos mais. Como pelo indivíduo se alcança o nível do super-homem, também a evolução coletiva atinge *a lei social do Evangelho*. Hoje, inversão completa dos sistemas humanos, absurdo aparentemente irrealizável, mas meta suprema, realidade do amanhã. Aí todos os problemas da convivência estarão radicalmente resolvidos com um conceito simples: "ama teu próximo como a ti mesmo". É a perfeição, é a lei de quem chegou e o sonho de quem está a caminho para chegar. Mas o caminho é longo e difícil, se o vemos, em sua realidade de áspero esforço, para conquistar e realizar-se, porque é verdadei-ramente lento, mais do que um fácil sonho para quem ignora as resistências da vida. No evangelho, todas as divergências se harmonizam, sopitam-se os estridores numa paz substancial, num equilíbrio mais estável, que aprofunda suas raízes no coração do homem. Esta a meta da evolução coletiva, o reino do super-homem, a ética universal, em que a humanidade encontra a coordenação de suas energias: o Evangelho, que colocamos no ápice da evolução das leis da vida.

A distância que separa vossa atual vida desse vértice é imensa. Cada ato e pensamento vossos estão permeados de luta e vos faz pensar que o Evangelho está distante; mas justamente porque é luta, é caminho de conquista. Dessa maneira, é demolição da própria luta e aproximação progressiva do Evangelho. Este é um nível diferente, significa um total deslocamento do ponto de vista das coisas. Os próprios fatos humanos, observados de planos diferentes, assumem valores diferentes. É a visão longínqua e global da alma que conquistou a bondade e o conhecimento. Essas normas, correspondendo a uma amplitude de ângulo visual muito mais amplo, parecem-vos irrealizáveis. Ao Evangelho só se pode chegar por sucessivas aproximações. Ele fica inacessível por sua elevação, se for representado de súbito ao homem atual que, por certo, não o compreende e não o pratica. Mas olhai para mais longe, na essência da vida; penetrai mais fundo na ciência; segui em frente e o Evangelho surgirá por si mesmo.

Vosso mundo é o que se vê da terra; O evangelho é o mundo olhado do céu. O absurdo reside em vossa involução. No Evangelho movem-se as forças do infinito; a justiça é automática e perfeita, substancial, e a coordenação social é alcançada, o homem move-se em paz com a harmonia do universo. Não há mais necessidade de ser forte, basta ser justo. Força, luta, egoísmo se devoram a si mesmos, no diuturno esforço das ascensões humanas. Aí vos movereis, finalmente, no seio da grande Lei e as reações da dor serão reabsorvidas; o mal será ultra-passado. É o reino do homem transformado em anjo e santo.

Então, é possível a lei do perdão, porque o espírito sente e movimenta outras forças, diferentes das de vossos pobres braços. Essas forças acodem em defesa do justo, mesmo se inerme. É a lei da justiça, que fala em vossa consciência, que se exprime mediante os movimentos da alma humana. Então, aquele que parece vencido pela vida, torna-se um gigante. Lei simples, mas substancial, que constrói o homem, governa-lhe os atos em suas motivações e resolve tudo, onde vossos sistemas confusos de controle e de sanções nada resolvem. No Evangelho, o caminho das virtudes está todo traçado; sua lógica sublime leva a uma seleção de super-homens, enquanto a lógica de sua luta cotidiana conduz a uma seleção de prepotentes. Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam tudo e desperdiçam-se em atritos inúteis; por onde passa o Evangelho e seu amor, nasce uma flor; por onde passais vós, morrem todas as flores e nasce um espinho. O Evangelho é lei paradisíaca transplantada no inferno terrestre; só os anjos no exílio sabem viver, aí embaixo, a lei divina ditada pelo Cristo sobre a Cruz.

Em vosso mundo, quem renuncia à agressão e à sua defesa e oferece a outra face; quem renuncia a enfiar as garras na carne alheia para tirar vantagens para si e não quer, por princípio, colher à força todas as alegrias infinitas da vida, fica oprimido, é

um vencido fora da lei, um expulso, um desvalorizado que se anula. Este, olhado pelo reino da força, é inerme, indefeso, ridículo. No entanto, nessa derrota, nessa fraqueza aparente, reside o mistério de uma força maior, que chega trovejando de longe, despertando nas profundezas da alma o pressentimento de realizações mais amplas. O vencedor, no exato momento da vitória, tem a sensação de uma derrota. O vencido olha do alto, como um vencedor; é mesmo vencedor, porque descobriu e viveu formas mais altas de vida.

O homem emudece e desorienta-se diante desse estranho ser, sem armas, proclama uma lei nova, espetacular, e parece ser de outro mundo. O homem sente que, se tem razão em seu ambiente, existe outro mundo, onde tudo se inverte: o vencido na Terra, lá pode ser um vencedor; e o vencedor na Terra, um vencido. Um abismo o separa desse ser superior; o homem agride e ele perdoa; é um justo e sabe sofrer. Está aí para mostrar-vos com sua própria vida o objetivo atingido, para indicar-vos o caminho, a fim de o acompanhardes à realização da mais alta e fecunda lei social: o amor evangélico.

92. O PROBLEMA ECONÔMICO

Vossa ciência econômica acredita justificar-se, como se partisse de um princípio de justiça original, afirmando, com sua *premissa hedonística*, a presença de um tipo abstrato de *homo economicus*, como que se pudesse isolar, na realidade, um aspecto, como se cada fenômeno não estivesse vinculado a todos os fenômenos, na lei universal. Vossas ciências sociais baseiam-se facilmente em qualquer mentira piedosa. Mas, dizei a verdade: dizei que quase sempre o homem é realmente — não como hipótese econômica — um *perfeito hedonista*; no campo dos negócios, limita-se a aplicar sua natureza egoísta; que o *do ut des* não é um equilíbrio de direitos, mas um medir as forças para estrangular-se mutuamente; declarai a impotência da maioria para compreender uma aproximação, ainda que mínima, do amor evangélico; dizei que o homem é uma fera envernizada de civilização e então tereis as bases reais do fenômeno econômico. Reconhecei: a ciência que o estuda é a codificação do egoísmo, isto é, do instinto mais desagregador do complexo social.

A premissa hedonística é princípio *anticolaboracionista* por excelência; é um princípio de dissolução, que o edifício econômico carrega consigo, como insanável vício de origem, reaparecendo sempre nos momentos de crise. Egoísmo de capital, egoísmo de trabalho, egoísmo de produtor, egoísmo de consumidor; egoísmo individual, de classe, de nação (sistema protecionista); coalisão de egoísmos, organização de egoísmos, sempre egoísmo! As mercadorias, a riqueza, o trabalho, precipitam-se atraídos (no regime livre cambista) ou subjugados por essa grande força, mesmo que seja ilógica e contraste com as supremas exigências das ascensões humanas. No entanto, esta é a meta inderrogável, ética elevada, à qual *todas* as funções sociais têm de subordinar-se para o objetivo único da evolução. Ao contrário, egoísmo é luta, atrito, dispersão, germe de destruição. É o ponto fraco do mecanismo, um fardo enorme que tem de ser arrastado, e o torna imperfeito, ameaça-lhe a jornada, qual cego que avança entre choques e reações. Para quantas dores haveria fácil remédio, se cada um amasse o próprio semelhante como a si mesmo!

Se o fenômeno econômico é a expressão da lei do menor esforço, assume sempre a forma de coação. O equilíbrio entre oferta e procura é resultante de uma luta, o oferecimento de uma mercadoria é apenas a exigência de um preço; tudo move-se pela própria necessidade, não pela consciência das necessidades recíprocas; um sistema carregado de atritos, um equilíbrio forçado entre forças antagônicas, tensas para eliminar-se, sobrecarrega-se pelo peso do egoísmo. Não era possível deixar de chocar-se, mesmo neste campo, numa manifestação da lei universal, e não encontrar equilíbrios. Mas, diante do princípio *do ut des*, da procura e da oferta, o egoísmo caminha triunfante, seguindo a lei do menor esforço, para equilíbrios móveis, mas matematicamente exatos, que podeis calcular, mas que conservam sempre a marca da premissa original: o egoísmo demolidor. O instinto hedonista, em sua inconsciência de todos os outros valores sociais, caminha calcando todos eles, contanto que se realize a si mesmo. Força primitiva, brutal que, se em vosso nível é impulso de criação, também constitui princípio de destruição, pelo qual sofreis infinitas crises e reveses.

Mas a evolução, fenômeno universal, tinha que funcionar também neste campo, com a gradual eliminação do princípio hedonístico, por cerceamento, por limitações e elevações progressivas, até saber compreender os interesses de ordem geral no próprio âmbito. Encontramos por toda a parte o mesmo processo ascencional, pelo qual a força tende à justiça, o egoísmo ao altruísmo, a guerra à paz, o mal ao bem. Na evolução não se pode isolar um campo do outro. Todos os fenômenos sociais porém, devem ser concebidos e fundidos numa ética superior. O conceito hedonístico, colocado como base das ciências econômicas, é filho do agnosticismo de outros tempos, já agora superados. Se, num primeiro momento, o perfeito equilíbrio da balança — *do ut des* — é o máximo de justiça que a psicologia das permutas pode conter, nos momentos superiores o progresso impõe a introdução do fator moral no fenômeno econômico em proporção cada vez mais ampla. Como na evolução do egoísmo, o próprio cálculo utilitário vos levará a isso, pois nele se exprime a lei do menor esforço. Sendo a luta cheia de atritos que implicam enorme dispersão de energia, é vantagem suprimi-los.

Em vosso atual mundo, raramente a riqueza segue a estrada do bem; não é meio para conquistas mais altas, mas fim para gozos que premiam as aptidões mais rapaces e antisociais. Atenção, porém, porque essa psicologia é supremamente demolidora, mesmo no campo do utilitarismo individual (inconsciência coletiva), o oposto do colaboracionismo (consciência coletiva). Quando um fenômeno nasce envenenado por impulsos negativos, estes, indestrutíveis como todas as forças, acompanham-no e o corroem até sua destruição; quando uma ação está infeccionada no momento decisivo do nascimento pelo germe da desonestidade, ele se arrastará corroído por dentro, como um enfermo, até que a desagregação interna o resolva com a morte. Eis porque o vosso mundo

econômico está cheio de crises inevitáveis, sem remédio, e porque elas surgem sobre esses equilíbrios instáveis e fictícios. A solução não se encontra na criação de um rebanho de irresponsáveis, de mendigos, sustentados pelo Estado, mas na criação de uma sociedade de responsáveis, que saiba manejar conscientemente a grande força econômica. Não pressuponho uma mutilação, mas um aumento de consciência, de poder, de liberdade, de confiança, de responsabilidade. O homem não deve anular-se, mas manejar as forças da vida para aprender; deve correr livremente o risco de errar para que, ao sofrer as consequências, emende-se; deve bater a cabeça para aprender a não batê-la mais. À força de crises, de derrocadas, de desastres financeiros, aprenderá que o negócio mais estável, mais sábio, mais lucrativo é a honestidade; que a posição mais utilitária é a que leva em conta o interesse de todos, a que se funde e não se isola no organismo coletivo econômico. Estas são as leis da vida e não constituem utopias.

Na direção desta renovação, o órgão máximo só pode ser a consciência coletiva: o Estado. O fenômeno econômico compete à autoridade central do Estado, como personificação integral da ética humana, das inoculações cada vez mais enérgicas de fator moral, constrições e correções que purificam a atividade econômica e a riqueza, e as canalizam para objetivos mais elevados. Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais alto, no fenômeno econômico, dirigindo de dentro e de fora, o árduo equilíbrio das permutas para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas compressão de egoísmos; não apenas coordenação, mas fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica diferente da atual que suporta a Lei, mas consciente dela, *não deve surgir de bases hedonísticas, mas colaboracionistas* porque, numa sociedade mais adiantada, a fase ética e utilitária é *cooperação*; esta é a revolução econômica fundamental que, neste campo, exprime vossa atual maturação biológica. Infelizmente, os sistemas que hodiernamente dominam no mundo levam a uma seleção às avessas, a do mais astuto e desonesto, enquanto o honesto é eliminado. A sociedade não exalta o homem que dá, porque esse fica pobre, mas o homem que apanha e acumula, porque esse fica rico. No entanto, o primeiro dá aos outros o que é seu, o segundo tira dos outros para si. Este só poderá justificar-se realizando sua função de conservar e fecundar a riqueza com seu trabalho.

Em vosso mundo, os melhores estão escondidos, porque são sensíveis, modestos, endereçados a outras metas, não têm as qualidades agressivas que condicionam o êxito. Ao invés, os ambiciosos e ávidos sabem pisotear tudo sem escrúpulos para consegui-lo. O que brilha em vosso mundo raramente coincide com os valores intrínsecos; o triunfo econômico muito rápido só pode significar ausência de honestidade. Ainda vos moveis no nível da *força econômica* (princípio hedonístico) e não ainda no da *justiça econômica* (colaboracionismo). Qualquer crise no regime hedonístico tem de descer até o fundo; só pode parar por saturação, só pode reerguer-se por uma reação natural do próprio fenômeno, depois de haver sido esgotado o impulso, pois não possui as capacidades compensativas do regime colaboracionista.

Em vosso mundo não há proporção entre *trabalho e lucro*; o furto é autorizado na especulação; parasitismos são inevitáveis como consequência direta da premissa hedonística. O princípio do *do ut des* gera luta para tirar o máximo e dar o mínimo. Isto não apenas é o precedente da luta, mas implica toda a psicologia do furto, macula todo o mundo econômico, fazendo nele brilhar o egoísmo em lugar da justiça. Se o ponto de partida é a motivação hedonística, a vontade estará toda voltada para a exclusiva vantagem individual, à qual só se renuncia quando constrangido pela vontade alheia, que está voltada para outra vantagem individual. Vossa oferta é apenas um pedido de dinheiro, oculto totalmente pela mentira; não visa o interesse do consumidor, mas ao egoísmo do produtor. Por isso, vosso edifício econômico é torturado e desgastado por esse constante atrito de exploração, que arrasa segurança e confiança, que são as bases desse edifício. Por isso, o mundo econômico não é um organismo de justiça, mas um campo de competições sem piedade.

Não existe proporção entre *valor e preço*. Este, o mais das vezes, não corresponde ao custo da produção, mas à maior ou menor capacidade que apresenta de suportar o peso da exploração. Verdade, porém, que o poder esfaimado da procura gera imediatamente a superprodução e equilibra-se com a oferta, mas esse equilíbrio espontâneo é com frequên-cia ultrapassado pelo desequilíbrio originário do egoísmo, sempre voltado para reassumir a vantagem logo que possa. Além disso, não há quem não veja que o aumento de preço, pelo simples fato de que a procura é intensa e a oferta escassa, esteja distante da justiça, especialmente quando o consumidor se acha em condição de necessidade e a penúria seja causada pela açambarcação.

Os bens na Terra, não buscam o caminho da necessidade, a riqueza é atraída pela riqueza e foge da pobreza. Ao invés de constituir uma ajuda, é frequentemente um mal na vida social. A psicologia hedonística carreia o dinheiro para onde não serve, afasta-o de onde poderia aliviar uma dor, proteger uma vida. Todos fogem do fraco e do vencido; logo que se manifesta uma fraqueza, tudo ocorre para agravá-la, empurrando-a para a beira do precipício. Para vós, a necessidade do próprio semelhante é um não-valor econômico, enquanto é valor a confiança que vos inspira uma sólida riqueza. Por isso, ela dificilmente executa a função que deveria ser para ela a primordial, ou seja, um meio de vida e de melhoria. Por vezes, transforma-se até em meio de opressão que absorve e destrói, em lugar de fecundar e soerguer a vida. Essa hipertrofia do egoísmo constitui o mal que onera vosso mundo econômico e o ameaça. É ilógica e prejudicial essa canalização da riqueza para a riqueza, ao invés de sê-lo para a pobreza; essa atração levada a agigantar desigualdades que são a base dos desequilíbrios sociais e morais, essa tendência à concentração, enquanto a saúde está na descentralização.

Em vosso mundo não existe acordo entre capital e trabalho. Esses dois extremos do campo econômico deveriam estender-se as mãos como irmãos. Torna-se inútil a determinação de leis e sistemas, pois o capital está poluído em suas origens pela desonestidade, que o tornará infecundo; cada remédio e cada controle ficam na superfície, pois na alma não existe a consciência da função social dessa destilação do produto do trabalho, que é o capital, e se torna um meio de opressão. Para superar os conflitos que oneram a humanidade neste campo, é mister também superar *a inconsciência egoísta*, elevando-a até à *consciência colaboracionista*. Os dois pólos, capital e trabalho — como todos os contrários — são complementares, feitos para completar-se, porque cada um deles, sozinho, não se sustenta; são feitos para unir-se e fecundar-se mutuamente, numa corrente de permutas contínuas, que devem ser, também, amplexos de espíritos. Somente na compreensão das duas forças podem praticamente combinar-se os impulsos da balança econômica. O único fato substancial que justifica vossas lutas, é que elas constituem um meio para chegar à compreensão, já que, também neste campo, como em qualquer outro, a evolução é irrefreável.

93. A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA

Diante destas minhas concepções, vereis que absurdo representam vossas utopias de *nivelamentos econômicos*. A distribuição dos bens na terra não é, como acreditais, efeito das leis, instituições, sistemas, mas é consequência de um fato primordial indestrutível: o tipo individual e a linha de seu destino. Os equilíbrios da vida são feitos de desigualdades que, em vista das naturezas diversas, correspondem à justiça, mesmo que as posições sejam diferentes. É absurdo um nivelamento de unidades substancialmente desiguais. Ainda que imposto à força, a natureza dos indivíduos o destruiria, em pouco tempo. Só existe um comunismo substancial: o que une todos os fenômenos, vincula todas as ações, vos irmana a todos e vos arrasta dentro da mesma lei, sem possibilidade de isolamento, na mesma correnteza. Comunidade substancial de deveres, de trabalho, de responsabilidades, apesar das inevitáveis diferenças de nível, que exprimem as diferenças de tipos e de valores. Liames férreos que vos encadeiam a todos, igualmente, ainda que por vontade vossa sejam de rivalidades e de ódio, em lugar de serem de bondade e de amor.

Os princípios da vida são mais sábios que vossos sistemas mecânicos de nivelamento social; conseguem o equilíbrio por meio da desigualdade, porque não tendem à equiparação num tipo único, mas à diferenciação, para depois reorganizar os que se especializaram em organismos coletivos. A diferença de posições sociais é simplesmente divisão de trabalho para capacidades diferentes. Esta é tanto mais acentuada — portanto, as posições são mais divergentes — quanto mais complexo e evoluído for o organismo social. Numa coletividade adiantada, cada indivíduo e cada classe permanece tranquilamente em seu lugar, sem coações, tal como as células e os órgãos num corpo animal. Essas irrequietudes são características das sociedades inferiores em formação.

Não é lícito ignorar, na construção dos coletivismos humanos, que a natureza não constrói os homens por meio de máquina e que não se podem dividir as falanges humanas por tipos em série. Ao contrário, a natureza cria tipos complementares, reciprocamente necessários. As diferenças são feitas para se compreenderem e para se compensarem, unindo-se a fim de se completarem em seus pontos fracos e combinarem-se organicamente. Assim, por complementaridade e balanceamento de opostos, por via lógica e utilitária do menor esforço, a Lei guia irresistivelmente à fraternidade humana. O nivelamento poderá forjar um rebanho, jamais uma sociedade. O erro fundamental consiste em acreditar que todos os homens são iguais como valor e destino, em não se ter compreendido o mistério de sua personalidade e a finalidade da vida; permanecer no exterior, acreditando que só possa ter justiça na igualdade de superfície, ao passo que a vida alcança uma justiça mais complexa e profunda na desigualdade. O princípio da equiparação poderá ser um programa de enriquecimento, por meio da exploração executada pelas classes menos favorecidas e até mesmo, sabendo-se adaptar e moderar, um programa sadio de ascensão econômica. Mas, como princípio, é sempre um absurdo, pois não corresponde à realidade biológica. A igualdade, que não seja meramente exterior e forçada, é absurda num universo livre, em que não existem duas formas idênticas. Quando a evolução criou valores absolutamente diferentes e quando são diferentes os caminhos percorridos e os esforços executados, constitui justiça que as posições sociais exprimam exatamente o valor e a natureza do ser.

Compreendei a essência da vida e vereis uma realidade mais profunda, onde tudo é sempre justo. Não confundais igualdade com justiça; não acrediteis que a vida queira atender a vossos nivelamentos exteriores, para realizar, na eternidade, seus justos equilíbrios. Tudo é justo, compensado, equilibrado há muito tempo. Considerais como melhores as altas posições sociais; vosso espírito de igualdade é muitas vezes inveja que deseja apoderar-se do bem-estar alheio. Mas compreendei que o equilíbrio de uma posição econômica e social é, como na física, tanto mais estável quanto mais baixo estiver, quanto mais próximo estiver do nível mínimo da sociedade em que se situa. É contra os cumes que as tempestades investem. Não invejeis esses grandes perigos de quedas maiores. Quanto mais se elevam uma posição social, mais insegura e vulnerável ela se torna, é difícil defendê-la; tende a cair mais facilmente e exige a presença de um valor intrínseco que a sustente com esforço contínuo.

Observai como a Lei, na sua tendência de reconduzir para o centro as posições extremas, já possui o princípio do nivelamento econômico. Trata-se da *lei automática de nivelamento de todas as aristocracias*, fato evidente na história. Como sempre, mesmo no mundo econômico e social, no âmago, age uma lei que, além das aparências, dirige o equilíbrio dos fenômenos. Há sempre uma justiça substancial da qual não se escapa: individual, exata, inviolável, automática, alcançada não sobrepondo-se à natureza das coisas, grandes capas de legalidade, mas com um equilíbrio espontâneo da Lei. Para além da injustiça de forma, há sempre uma justiça de substância na distribuição de alegrias humanas e nenhuma lei poderá determiná-la, senão a lei do próprio destino.

Não invejeis os ricos, porque essa riqueza pode ser uma prova, uma condenação, uma condição de ruína. Observai como, por uma lei psicológica, tudo o que foi ganho sem esforço, por isso mesmo é destinado à dispersão; não é apreciado, não é defendido, como o é aquilo que custou esforço. A hereditariedade da riqueza é uma fábrica de ineptos. É, na verdade, um processo de auto-eliminação. Tudo o que é herdado, mesmo se protegido pelas leis, tende *automaticamente à dissolução*, decadência da riqueza que nenhuma barreira social ou legal jamais pôde impedir. Só as leis da vida estão sempre ativas e são constantes, embora trabalhando subterraneamente e em silêncio. Por isso, quebram qualquer defesa social que seja peso morto, superposição inerte, não movidos por impulso íntimo que faz viver e agir, em todos os instantes, para fins determinados. Enquanto isso, em derredor debruçam-se outros esfaimados, muito mais bem treinados para o trabalho, sem as ilusões sobre a adulação que a riqueza atrai, não paralisados pela educação mais refinada, que o desejo jamais saciado tornou astutos e ativos, impulsionados com todas as forças, pela necessidade, a conquista e, portanto, destinados a vencer na luta desigual.

Por isso, substituo o vosso *conceito de propriedade*, meramente jurídico e de superfície, pelo conceito mais profundo de *propriedade substancial*. Esta é a única que se fundamenta como direito no próprio destino. Se vos colocais na realidade dos fenômenos, que é sempre um devenir, vereis que não é possível possuir as coisas em sentido estático, mas apenas na trajetória de seu transformismo. Elas, como vós mesmos, constituem um devenir e esse contato duradouro, que se denomina posse, só é possível pela ação de uma *força constante* que mantenha vinculados os dois transformismos. Nesse oceano de dinamismos, a propriedade é, no máximo, um usufruto, que a morte ou qualquer reviravolta pode sempre quebrar. Por isso, não é possível propriedade nem posse em sentido jurídico, mediante construção de defesas e barreiras legais, mas só se pode possuir a causa desse mecanismo de efeitos, isto é, o poder do domínio sobre as coisas. Este não é dado pelos reconhecimentos jurídicos exteriores, mas *pela aquisição de qualidades, de merecimentos, de direitos inerentes à própria personalidade*. Além de vossas formas sociais, o que as justifica e sobretudo as mantém vivas, *é a ação constante desse impulso dado por uma capacidade intrínseca, preparada e fixada no destino, única base do direito*. Com efeito, no justo equilíbrio da Lei, logo que cessa o impulso dessa causa, cessa o direito, rui o edifício dos efeitos e, apesar de todas as defesas, pulveriza-se a construção jurídica. Essa propriedade substancial é a única que corresponde a uma característica da personalidade, e está escrita no destino, como impulso enxertado no equilíbrio de suas forças. Só ela poderá resistir e manter-se, enquanto esse impulso resiste e se mantém.

O princípio hedonístico vos enclausura num estado de miopia psíquica, que vos faz acreditar em absurdos e na possibilidade de conseguir riquezas por atalhos que excluem o esforço do trabalho. Ora, olhando de frente as mais profundas leis do mundo econômico, encontrareis um princípio de equilíbrio que impõe uma *relação férrea entre esforço e prazer*. Assim, apesar de todas as tentativas de fraudar a lei, a verdadeira alegria só é prêmio do trabalho honesto. A riqueza traz consigo, como uma *natureza própria*, uma *marca indelével* das características com que foi gerada e querida. Estas a acompanharão sempre como um impulso, uma trajetória, uma direção exata, que a sustentará e guiará em todo os passos como um ser vivo. Também ela é um feixe de impulsos causais que contêm seus efeitos inexoráveis, os quais, cedo ou tarde se manifestarão em atos. Se a riqueza nasceu errada, traz sofrimentos; se nasceu bem, traz o bem.

Acreditais que a riqueza seja uma qualidade homogênea, igual em toda parte. Mister completar esse conceito econômico com outros fatores que sempre estão nele incluídos. Ela é uma força em movimento, que se manifestará na forma em que tenha sido definida no momento de sua gênese. Há diferença entre riqueza e riqueza. O lucro errado não trará vantagens, mas prejuízos. Há dinheiro que não pode dar prazer. Possuí-lo não é lucro, mas perda; não é riqueza, mas pobreza; foi substancialmente impregnado de qualidades negativas e é uma força de destruição. Seu vício de origem não se apaga e o levará à ruína, até que ele mesmo desapareça por esgotamento da causa. Pois o mal é negação, antes de tudo, nega a si mesmo até sua total autodemolição. Há um dinheiro maldito que só traz maldição a quem o possui: o dinheiro que Judas pagou o campo de sangue.

Esses meus pontos de vista interiores aclaram diferentemente todo o fenômeno econômico. Mostrando-vos realidades mais profundas, relegam ao absurdo vossos conceitos mais comuns neste campo, que aceitais por ignorardes as leis substanciais da vida. Assim, em vossa época tendes a ingenuidade de crer supérfluo atentar tanto para as sutilezas do modo de acumular riqueza, credes que qualquer meio vale. Dessa maneira, levianamente, semeiam-se germes de destruição bem no centro dos próprios capitais. Falo nos termos de u'a moral científica, exata, utilitária e, portanto, necessária também ao ladrão. Este é tão ingênuo e pensa que o furto possa trazer utilidade. Ora, é pueril o esforço de fraudar a pobre lei humana, desde que não é possível alterar a íntima lei dos fenômenos que, misteriosa e poderosamente, vigia e ressurge inata neles a qualquer momento. Pelos atalhos da usurpação só se chega ao resultado da reação. Alegrem-se os sedentos de justiça que sofrem diante das injustiças humanas, há um equilíbrio profundo de que o mau tentará inutilmente escapar, embora triunfe momentaneamente. Mas tremei vós, a quem a injustiça de um instante deu razão, porque chorareis um dia, esmagados pelas consequências de vossas ações, que nenhum tempo poderá destruir e vos acompanharão por toda parte. Mesmo se não o sentis, o imponderável vos alcançará para golpear-vos. O dinheiro mal ganho é um prego envenenado que se cravará em vossas mãos. Nada rende tanto quanto a exploração do sangue humano, o mundo está cheio do dinheiro de Judas, gordo de traições, verdadeiro esterco do diabo, que vos sufocará, fazendo a Terra afundar sob vossos pés. É contra esse dinheiro que se levanta a maldição de Deus, não contra o dinheiro que é justa recompensa do trabalho.

94. DA FASE HEDONÍSTICA À FASE COLABORACIONISTA

Como vedes, enfrento todos os problemas econômicos, subindo até suas fontes, que estão na alma humana. A solução é radical, substancial, e, acima de tudo, muito simples. Mesmo no campo econômico olhamos nas profundezas, atingindo a substância além da forma. Substituí *a premissa hedonística pela premissa colaboracionista*, elevando o mínimo ético das ciências econômicas, dando-lhes um conteúdo moral. Elevei, pois, o fenômeno econômico a um nível imensamente mais alto; mostrei-vos, sobretudo, sua evolução e sua forma futura. Indiquei-vos o caminho para ultrapassar *a velha economia hedonística*, lancei as bases de *nova economia colaboracionista*, a partir de teoremas apresentados de maneira totalmente diversa, que deveis desenvolver. Enquanto a base hedonística mergulha suas raízes na involução subumana, a fase colaboracionista é decidida aproximação da perfeição evangélica. Não podíamos deixar de encontrar — como o percebemos em todos os campos — também no econômico, as duas leis consecutivas, entre as quais oscila a maturação biológica humana. Duas leis sucessivas que, em qualquer campo, provam a evolução: evolução no trabalho, na renúncia, na dor, no amor; da força ao direito, do egoísmo ao altruísmo, da guerra à paz, da

concorrência ao colaboracionismo, da fera ao homem e ao super-homem, da desordem à ordem e à justiça do Evangelho, do mal ao bem.

Vossa supercultura torna o fenômeno econômico um problema complexo, acessível apenas aos técnicos que nada resolvem; as crises se sucedem, verdadeiros furacões econômicos que varrem tudo à sua passagem. Falo-vos simplesmente da lei, da ordem universal, de *uma ordem ética com a qual é mister harmonizar esta ordem econômica menor*. Sabeis avaliá-lo com exatidão matemática e esta vos revela toda a fisionomia do fenômeno, a face interior de seu ser e de seu devenir. Mas isto permanece isolado e, em sua sensibilidade, sofre repercussões provenientes de impulsos morais e psicológicos que vos escapam. Reconduzo tudo a uma atitude de espírito e chego às raízes que se encontram no campo das motivações. Mas, que pretendeis conseguir no mundo econômico, se em sua base reside um princípio de destruição: o egoísmo? Se todas as ações estão permeadas de um egoísmo que as acompanha como mal de origem, minando nos alicerces todo o edifício econômico? Experimentam-se todos os sistemas mais complexos, tenta-se mudar tudo, mas o egoísmo humano fica intacto, com ele fica intacta a substância das coisas. Não é possível construir com semelhantes materiais. Enquanto o homem for o que é, incapaz de passar da fase hedonística para a fase colaboracionista, será inútil excogitar sistemas distributivos. *É indispensável formar o homem, antes dos programas sociais e estes construir apenas para formar o homem.* É preciso transformar o problema econômico em problema ético.

Se o *do ut des* é uma necessidade psicológica do mundo humano, se a necessidade é o único meio para obter trabalho de um indivíduo, se a inconsciência ignora a função social da atividade econômica, se a grande máquina só pode mover-se por meio da mola hedonística, então contentai-vos com os resultados que obtiverdes e que esse sistema puder proporcionar. Podeis dizer que são inúteis minhas palavras, eu vos digo que não é inútil vosso sofrimento porque, tornando-se mais sensível vossa psicologia, ela um dia compreenderá a enorme vantagem de libertar-se desse contínuo esforço coletivo de recíprocas demolições e reagirá, refreando o egoísmo até superá-lo, transmudando-o em fraterna colaboração. Contentai-vos, hoje, com a realização da máxima justiça, permitida pelo sistema, com o equilíbrio entre o dar e o receber, de equilibrar a balança do egoísmo. Mas é fato que só pode produzir trabalhos de ordem inferior e o sistema não se sustenta, depois de elevar-se a serviços cuja função coletiva seja substancial. O mínimo ético do mundo econômico é demasiado baixo para sustentar-se.

Existem na sociedade humana *funções supereconômicas* que, de fato, se inserem no campo econômico hedonístico e, como tais, são substancialmente compreendidas, embora seu conteúdo moral devesse ser preponderante. Imaginai que degradação sofre o princípio da função social, quando reduzido nas estreitas limitações de função hedonística. Há funções econômicas de conteúdo moral, verdadeiras funções sociais, que sofrem constante processo de degradação, porque limitadas apenas à lei da oferta e da procura. É indispensável que essas formas de atividade sejam atribuídas ao Estado, o único organismo ético que tem a tarefa de elevá-las ao estado de função, impondo-vos o fator moral.

Falo-vos do problema da distribuição da riqueza como de um problema de destinos; reduzo as tentativas violentas de nivelamento econômico a uma mentira do pobre, que desejaria usurpar a posição do rico e a ele digo: se a riqueza pode ter sido um furto, esta não é a razão para roubá-la de novo. Resolvo o problema não dando razão ao pobre que agride, mas dizendo ao rico: ai de ti, se não cumprires o primordial dever de levar em conta o interesse de todos no usufruto dos bens que te foram concedidos; ai de ti, se não souberes descer até o pobre, e dar-lhe o que sobra. Ai de quem hoje goza, porque certamente não lucrará na eternidade. "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico salvar-se". Isto, porque o equilíbrio não é alcançado mediante usurpações recíprocas, mas pela compreensão das mútuas necessidades. O progresso reside na concórdia e na cooperação; ai de quem se torna instrumento de involução. A riqueza é uma corrente que tem de circular, passando por todas as mãos, para o bem de todos. Que a beneficência seja uma doação de alma que eleva, um ato de bondade que irmana os espíritos, mas não uma exibição que cava abismos de ódio; seja também uma doação moral que se enriqueça de bens eternos.

Mostrando-vos a essência da Lei, destruí a idéia pueril de que a riqueza tenha de ser seguramente felicidade. Como se a posse de bens pudesse mudar o destino humano! Como se a igualdade das riquezas pudesse gerar igualdade de destinos! Como se a justiça divina pudesse ser corrigida por sistemas distributivos! Com efeito, eles só levam a ilusões e a novos furtos. Mas a felicidade é um equilíbrio interior de forças eternas, ao passo que a riqueza é uma superposição externa e momentânea, não uma qualidade de alma; ela não consegue absolutamente fechar as portas à dor. Demonstro-vos que a riqueza não é, como vos parece, um privilégio, mas uma prova e, até por vezes, um castigo; porém, é sempre um dever e uma responsabilidade. Habituar-se a satisfazer-se enfraquece a satisfação; a inércia favorece a atrofia e abre as portas ao desmoronamento. Mesmo neste campo, impera a lei do equilíbrio, porque os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

95. A EVOLUÇÃO DA LUTA

Mostrei-vos, também no campo econômico, o caminho das ascensões humanas. Se u'a máquina econômica que funciona em torno de um fulcro hedonístico é vossa lei atual, ela aí está para demonstrar qual é o atual nível humano: a luta para a conquista dos bens em quantidades limitadas, inferiores à necessidade; luta sempre em todos os campos, esforço necessário para evoluir, condição de conquistas e superações, construção de mais perfeitas estruturas econômicas. Também aqui, a luta tende para psiquismos mais evidentes e, embora possa parecer torturante e tormentosa, se existe, é justa, como tudo o que existe. Ela *exprime o homem*: é o máximo de justiça que este pode hoje realizar. Porém ela vos impele para a frente. Se em cada nova alegria, o hábito tende a extinguir a velha alegria, é automática a demolição de toda conquista de felicidade, pois tudo se reduz à criação de novas necessidades. Mas a alma é u'a mina de desejos e, se em sua insaciabilidade, a alegria constitui sempre uma miragem, *a progressão das miragens constrói a estrada do progresso* e constitui o impulso que vos faz progredir. Reduz-se tudo não a uma ilusão perpétua, mas a uma contínua expansão e realização de desejos. Mesmo permanecendo sempre idêntico, o esforço transforma-se em exaltação contínua de trabalho de conquista.

Eis o mecanismo secreto da Lei: o psiquismo animador das formas, sede da concentração dinâmico-cinética da substância no nível α, exprimindo no instinto fundamental da vida — insaciabilidade de desejos — o irresistível impulso à descentralização. O desejo que nasce dos íntimos movimentos da alma, cria a função, a função cria o órgão, o qual, por sua vez, consolida a função. Tudo no universo clama a paixão de exprimir seu poder interior, a paixão do Eu, que luta para sair à luz e revelar-se. É o esforço cotidiano da evolução que fixa nos órgãos a expansão de um desejo tenaz e vitorioso, órgãos que refletem o psiquismo motor. Este, uma vez estabilizados seus meios, deles se serve para exprimir-se cada vez ainda mais longe, aperfeiçoando-os e multiplicando-os. Esse impulso está sempre motivando o órgão, indomável necessidade da alma, sob forma de desejo, que jamais se deterá com a evolução, porque esta não tem limites.

No campo psíquico do homem, os órgãos são as aptidões e o princípio é idêntico. Sempre diante de vós está um trecho descoberto da evolução que vos aguarda, vos atrai e para o qual vos precipitais para que absorva vosso eterno instinto de subir, e vos eleve a maiores alturas. Qualquer forma de luta cai, logo que se esgota sua função criadora, para ceder lugar a outra luta destinada a criações mais elevadas. Estais presos num mecanismo sem fim, estais lançados num jogo de forças, mediante as quais, de ilusão em ilusão, ascendeis substancialmente. Só isso importa. A cada satisfação alcançada, parece ilusão o passado conquistado. O sonho reside eternamente no amanhã, até que se transforme em saciedade, e novo sonho perenemente ressurja. Assim desloca-se, continuamente, vossa posição na linha do progresso.

Pode parecer-vos uma condenação essa zona de esforço, que eternamente ressurge diante de vós, mas essa é a base das criações na eternidade; *essa constância de trabalho sempre na expectativa é a única que pode garantir-vos, num regime de equilíbrio, a constância de expansão e de progresso esperados*. O ciclo criativo tem, portanto, suas fases de descida e de repouso (cfr. a trajetória dos movimentos fenomênicos). O esforço só subsiste na zona de consciência, porque o que foi assimilado torna-se instinto e necessidade. *Esse esforço expande-se cada vez mais distante e abarca uma riqueza própria, cada vez maior*. Tendes um resultado substancial que se progride em sutileza, em poder, em concepção. A luta cria e sem luta não se pode construir. É a evolução que avança e com ela o seu esforço. A insaciabilidade do desejo fala-vos da verdade destes conceitos. A satisfação é sempre proporcional ao trabalho realizado, depois, aniquila-se na saciedade e no tédio, nos quais a alma se asfixia, até que reaja para emergir de novo na ação. Não podeis parar. A insatisfação do instinto fundamental, entre todos e pai de todos os outros, é o de evoluir, o que obriga a mover-vos ao encontro de sempre novas e mais altas alegrias.

Como a dor, a força, o egoísmo, e todos os aspectos do mal se anulam a si mesmos com o exercício, assim lutais não para vencer e satisfazer-vos de imediato, mas para eliminar a luta mais baixa e elevá-la a formas mais altas*; esforçai-vos por superar o esforço* mais pesado, para atividades mais produtivas, *porque o poder de conquista, por unidade de trabalho,* é progressivo. Eis a única direção, na qual vosso esforço não se neutraliza entre impulsos contrários, mas ao contrário, cria constantemente. Reduzo ao estado de miragem, necessária ao progresso, todas as vossas concepções sociais que hoje são metas a atingir, amanhã passado superado. Que coisa mais, senão um jogo de espelhos, pode induzir a inconsciência humana, ignara de seus altos objetivos, a avançar no caminho da evolução? A realidade profunda vos escapa e vos moveis como átomos, movidos pela Lei que age sobre vós, por meio dos instintos que acreditais serem vossos, mas que são apenas o seu comando. Hoje ainda não constituís uma sociedade, sois apenas um rebanho, sois um desencadeamento de forças psíquicas primordiais, que explodem confusamente, mas a explosão é guiada e *deve* canalizar-se para o progresso. A lei não vos pede para ser compreendida, *mas impõe que seja obedecida*.

Os choques de indivíduos e de povos são feitos para que se conheçam e se combinem em unidades mais amplas e compactas. A luta é feroz porque sois selvagens, somente quando o homem não for mais assim, a luta, também, não será feroz. O progresso justifica, na ordem da Lei, a desordem e o mal presentes, vossa luta e seu esforço. Riscai do universo as palavras injusto e inútil. Dizei que tudo é proporcional aos valores dos seres. Se a luta outrora foi física, hoje é econômica e nervosa; amanhã será espiritual e ideal, muito mais digna de ser combatida. É a luta que hoje realizo, por antecipação, a fim de elevar o homem até a lei social do Evangelho. Não acrediteis que a luta possa ser suprimida. Quem providenciaria, doutro modo, o objetivo da seleção, o não abastardamento do homem? Mas a luta transforma-se e vedes como eu também luto, como o faço denodadamente, embora em campo tão diferente, acima de qualquer forma humana de agressividade. Trabalhai e sofrei para atingir essa meta ainda tão distante, para formar o homem digno de compreendê-la e capaz de vivê-la. Trabalhai e sofrei também vós, hoje, no campo social, econômico, político, artístico e científico.

96. CONCEPÇÃO BIOLÓGICA DO PODER

Nestas conclusões sociais está contido tudo o que é preciso para refazer o mundo, baseado em princípios biológicos, estritamente científicos, vinculados com o funcionamento orgânico do universo fenomênico. Não insisto em pormenores, porque em meu sistema tudo é orgânico; uma vez fornecida a chave dos fenômenos, exposto o princípio que os governa, é fácil concluir também nos mínimos detalhes. Basta haver definido o edifício do universo em suas linhas maiores. Estas conclusões poderão parecer irrealizáveis, porque distantes da involução atual, mas não são utópicas, pois movem-se e moveram-se constantemente numa atmosfera de racionalidade. Se vos parecerem utópicas, pensai que esta filosofia, embora se abstenha de unir-se e enquadrar-se no pensamento filosófico humano, liga-se e com perfeita aderência se enxerta no quadro da fenomenologia do universo. Esta não é filosofia de superfície, pois desde a série estequiogenética para cima, todos os fenômenos da matéria, da energia, da vida e do psiquismo a sustentam. Nada disso é mera sucessão de idéias, mas representa uma concatenação lógica, pela qual as conclusões estão condicionadas desde as primeiras afirmações e reforçam-se a cada passo deste tratado. Pensai, além disso, que meu pensamento não se move no âmbito estreito das concepções humanas, mas o sobrevoa amplamente para horizontes vastíssimos; por isso, coloca as grandes metas à distância, para onde os milênios caminham com grande esforço. Dei dois limites máximos ao

vosso concebível, como metas da evolução humana: o super-homem para o indivíduo e o Evangelho para a coletividade. Em substância, constituem uma realização única. Mas o pensamento não tem limitações.

Temos observado a evolução das mais poderosas forças sociais que operam nas massas humanas, para a formação de sua alma coletiva. Observemos agora essas forças convergirem para a nova expressão daquela alma, ainda jovem, verdadeira central psíquica e volitiva, o Estado. Este é o organismo situado no centro do organismo social, concentrador de poder dirigente de todas as funções de um povo. Compreendido dessa maneira como poder, ele é o órgão motor psíquico promotor e coadjutor das maturações biológicas, individuais e sociais, que vimos. Sua função é de formar o homem, de estimular as ascensões humanas; sua meta mais alta é criar no campo do espírito. Toda a sua multíplice atividade, jurídica, econômica e social, deve ser destilada nessas criações, únicas que fixam na eternidade todos os valores. Esta função justifica o monopólio da força, a obediência imposta ao cidadão. As posições supremas implicam supremos deveres, ai dos órgãos dirigentes que não executam suas funções.

Minha concepção de Estado apóia-se em bases estritamente biológicas. Elevei a ciência até o ponto de poder concluir em todos os campos, até mesmo no filosófico-jurídico-político-social; lancei as bases de uma ética científica, de nova *filosofia científica do Direito*. Minha concepção é racional, harmoniza-se com todos os fenômenos da natureza; portanto, é universal. É uma *concepção progressiva*, se qualquer religião, no campo ético, encontra sua posição, também no campo político, qualquer nação pode escalonar-se no seu nível, de acordo com sua maturidade e compreensão. Como os fenômenos da vida, no seu sistema, são fenômenos psíquicos, assim *os fenômenos sociais são fenômenos biológicos*. A sociedade humana é um organismo, tanto quanto são organismos as sociedades animais, todas igualmente sustentadas por leis e equilíbrios exatos, como são organismos os organismos animais. Tudo está intervinculado na criação e repete os mesmos princípios. O corpo animal, em seus equilíbrios e intercâmbios entre centro e periferia, cérebro e órgãos, na distribuição e especialização entre funções centrais e periféricas, dá-vos o exemplo do princípio realizado das unidades coletivas, que se encaminha a fixar-se na sociedade humana.

Em minha concepção, os fenômenos sociais aparecem despidos de todas as incrustações exteriores, *nus em sua substância*, como um feixe de forças em ação. São regidos por uma lei exata e profunda; são a fisionomia externa de um conceito que se desenvolve com uma lógica própria, que os diagramas estatísticos, em seu andamento, exprimem, permitindo-vos, desse modo, a previsão de seu desenvolvimento futuro. Doutra forma, não poderíeis estabelecer o cálculo das probabilidades. Estudamos esses andamentos no desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos (cap. 25), observando antes a lei de variação (evolução em função do tempo) em coordenadas ortogonais (fig. 1: *tempo* no eixo horizontal, das abscissas; *evolução* no eixo vertical, das ordenadas); depois em diagramas em coordenadas polares (fig. 3) e por interpolação parabólica (fig. 4). A linha determinada pela relação entre as ordenadas e as abscissas descreve a lei com expressões de cálculo algébrico, em forma de problema de geometria, com correspondentes equações.

O objetivo do método estatístico é justamente chegar, por meio da *observação em massa* — em que se compensam e desaparecem as acidentalidades individuais — à lei oculta do fenômeno, à indução da relação real constitutiva. Por isso, o fundamento do método estatístico reside na *lei dos grandes números*, porque a aproximação do princípio ou causa constante, não cresce em razão direta, mas em proporção à raiz quadrada do número de observações. Com essa relação chega-se, assim, à expressão da efetiva constituição do fenômeno. Operando com grandes números, desaparecem as diferenças unitárias e aparece uma fisionomia diversa, uma ordem nova, coletiva, que exprime um conceito da lei. A expressão estatística atenderá à causa, será fixa e constante, se esta for constante; será dada pela regularidade nas variações, se a causa for, mais frequentemente, um conceito de evolução. Isto vai da estequiogênese aos fenômenos sociais. Tudo é ordem. Todo fenômeno é expressão da Lei. Ao pesquisar as causas, guiados pelo princípio de causalidade, vos aproximais do pensamento de Deus, para aí descobrir sempre uma lógica exata. Se muitos fenômenos sociais vos parecem atípicos é porque a causa, complexa demais, vos escapa; no cálculo participam interferências de inumeráveis fenômenos, todos interdependentes. Mas, dominadas as causas e compreendida a lei do fenômeno, é possível, em qualquer campo, estabelecer *a priori* seu futuro, por meio de progressões exatas. Então, o futuro não é mais um mistério.

A relação de causalidade impõe, na evolução dos fenômenos sociais, um *determinismo histórico inviolável*. Há um destino do povo, como há um destino do indivíduo; há um cálculo exato de responsabilidades em que se equilibra a liberdade coletiva, como vimos que se equilibra a liberdade individual. A ignorância do materialismo pode não ter visto nada disso, mas nem por isso a lei deixa de estar presente. Insisto nas bases científicas do fenômeno histórico, que só pode ser compreendido como um momento na fenomenologia universal, com as mesmas leis de relação e de cálculo de equilíbrios, que regem o mundo físico e o dinâmico. Há uma *continuidade psicológica no desenvolvimento dos fenômenos sociais*, uma concatenação férrea de causalidades, mesmo que os atores colocados no palco, homens e povos, nem sempre o compreendam. A Lei age por meio do instrumento humano, movendo o mecanismo dos instintos individuais e coletivos, levando de roldão os que se rebelam, impondo por toda parte, em cada movimento, seu imperativo categórico. Essas forças interiores e profundas sobem e explodem acima da consciência dos povos. Elas fazem a história. Por isso, não é preciso compreendê-las. A compreensão é *posterior aos acontecimentos, a consciência é o resultado da história*. Além dos estrondos externos dos choques desordenados, no âmago está sempre a ordem.

Este princípio guia os impulsos desordenados dos instintos individuais e coordena-os para um objetivo único. Doutro modo, uma mixórdia de forças só produziria o caos e, no entanto, a história segue uma linha exata de progressos e regressos, de maturações e revoluções, de ciclos criativos e destrutivos. Se cai, é para levantar-se; se destrói, é para reconstruir mais alto. Cada momento histórico é um movimento coordenado para um fim. Concebei a história não como uma sucessão de acontecimentos exteriores, sem nexo, mas acima de tudo nas causas e nas finalidades, como um amadurecimento biológico, uma realização progressiva de metas, *um funcionamento orgânico*. A história mostra-vos a técnica evolutiva do psiquismo coletivo. Olhai, para além dos fatos, o fio sutil da lei que o rege e une. Há o ciclo do nascimento e da morte das civilizações. Nas revoluções há um ritmo de desenvolvimento na ordem como na desordem, pelo qual, a qualquer potência social, numa curva do caminho, a lei diz: basta! Todos os desequilíbrios se recompõem num equilíbrio mais amplo, no qual se completam, para a grande onda progressiva

do bem. Não compreendereis a história se não observardes, por trás dela, a Lei: a Lei, a única que verdadeiramente comanda, que impõe seus ciclos de maturação e esgotamento, impondo o ciclo dos renascimentos às civilizações como aos indivíduos.

O destino confia uma função ora a uma célula social, ora a outra, e a recolhe tão logo se esgote. Na tempestade das revoluções, como no trabalho de ordem, o homem é sempre uma força, é substancialmente um *espírito nu* que executa sua missão. Assim, muda totalmente o conceito de governantes e governados, reconduzindo tudo ao que afirmamos para um indivíduo, de vida-missão. É a história que utiliza os homens para seus fins, quando os coloca em evidência, e não os homens que a conquistam para si e se impõem a ela. A idéia de conquista e vantagem pode ser um mecanismo necessário para movimentar as mentalidades inferiores. A massa contém sempre uma reserva de grandes homens para todas as suas necessidades e chama ora um, ora outro, de acordo com sua especialização, para que sua personalidade renda o máximo. Logo que surge a necessidade, imprime eficiência aos valores de suas reservas. O conceito medieval de poder hereditário é substituído hoje pelo conceito de poder conquistado por seleção biológica, expressão de um substancial poder individual de governo. A direção suprema estará aberta a quem quer que saiba superar a prova de fogo, garantia única de valor intrínseco. Superá-la para conseguir, e superá-la diariamente para manter-se.

Além de todos os amontoados de leis, a substância e a garantia máxima residem nas forças biológicas, que não garantem o homem, mas a função; derrubam-no logo que ele não mais lhe corresponda. Ao conceito de direção-poder e prerrogativa, substitui-se o conceito de direção-trabalho e função. Assim, a história chama sempre seus homens, superando as construções legais, desperta-os, levanta-os e os utiliza; rejeita-os sem saudosismo, logo que cesse a função, ou então, logo que caiam no abuso ou na fraqueza. A prova é grande, o risco é tremendo, só quem tem raça vence e sobrevive. Só quem possui uma substância de valores intrínsecos sabe distinguir-se e valorizar-se, sabe compreender e comprimir as forças que o rodeiam, ao invés de ser arrastados por elas.

Em meu sistema, o comando supremo é apenas o *trabalho da função suprema; a capacidade psíquica e volitiva, a responsabilidade, o perigo e o peso máximos*. Em meu conceito, a posição de mando só é tal enquanto *é posição de dever, posição de obediência* aos princípios dirigentes da Lei. As hierarquias humanas são meramente pequena zona, que se prolonga além da Terra, além dos limites mínimos e máximos humanos. Toda posição é relativa e existe sempre uma superior, embora esteja no imponderável das forças da vida, que premia e pune a quem deve prestar contas das próprias obras. O comando supremo é simplesmente *a suprema obediência*, cuja alegria só é confiada a quem subiu tanto espiritualmente, que compreende e sabe executar a ordem divina. É função e missão, como o são todas, mesmo as mais humildes atividades sociais.

Esta é a base biológica da atribuição dos poderes, o alicerce único que garante a correspondência do valor à posição e a seu rendimento, base que se mantém maleável (adaptação) aos fins da evolução e, no entanto, resistente, mas sem cair na rigidez. Mesmo no campo político, o fator moral tem que ser preponderante, como em todos os campos. Esses equilíbrios e proporções, entre valor e posição social, fazem parte integrante de minha ética científica exata. Nesta não há escapatória da posição de responsabilidade e de dever, a não ser na posição de obediência, porque tudo tem de ser balanceado. Quem depende tem de carregar o peso da obediência; quem dirige tem de carregar o peso do mando. Em minha ética nenhuma posição pode ser de vantagem, mas, em proporção às forças individuais, trata-se de esforço igual, no mesmo caminho evolutivo. Também no campo político tudo é divisão de trabalho e estreita cooperação. Não só o colaboracionismo econômico, mas também social, no seu sentido mais amplo.

Quem assume, em qualquer campo e nível, uma função dirigente, sem a correspondente capacidade e responsabilidade, frauda a lei e se expõe à sua reação, que armará contra ele os acontecimentos humanos. Assim Luís XV mereceu, para a monarquia francesa, a revolução. Luís XVI era um justo, mas nenhum exército nem habilidade política podia salvá-lo. Estava sozinho contra um destino de classe, sozinho entre forças que se lhe acumularam contra, durante um século. Nenhuma construção social pode resistir, por mais que seja baseada na legalidade, quando não estiver dirigida por um princípio mais alto, por um impulso da lei: ao contrário, é agredida por suas reações. Assim nasce Napoleão, mero instrumento da guerra difundidora das novas idéias, e é jogado fora como um trapo, logo que esgota sua função, justamente como o último rei da França, de quem rira. Assim a Lei domina soberana os acontecimentos humanos. Eis a história: um entrelaçamento de causas e forças em movimento, reação que estabelece o equilíbrio: Danton, sufocado pelo sangue do Terror, Robespierre, pelo sangue de Danton; a revolução que devora seus filhos.

97. O ESTADO E SUA EVOLUÇÃO

Assim a Lei reconstrói na história os equilíbrios violados e guia os acontecimentos acima da vontade dos dirigentes e dirigidos. A história caminha sem jamais parar. Cada século produz, elabora, assimila um conceito e o entrega realizado — patrimônio hereditário que se acumula — ao século seguinte, que se preparará para novas criações. Cada época tem sua função criativa; os outros aspectos da vida, entretanto, calam-se e esperam. Dessa forma, a Idade Média, entre violências e paixões, terrores satânicos e visões místicas, aguardava a construção da sua consciência do bem e do mal: um tormento de alma, para reencontrar a voz de Deus; um esforço, acompanhado do tormento de uma dor coletiva opressora, a fim de realizar o sonho da libertação individual. Titânica ebulição de almas, a Idade Média, no campo da arte, da política, da ciência, lançava a semente das maiores construções espirituais. Vosso século esqueceu o espírito, a fim de criar ciência, mecânica e velocidade, que fundamentaram vossa psicologia. Depressa essas coisas estarão conquistadas e, mesmo utilizando-as, a consciência dirigir-se-á, por meios mais poderosos, para construções mais elevadas de espírito em todos os campos. As leis da vida, adormecidas por milênios num ritmo uniforme, sofreram uma sacudidela e hoje estão despertas para lançar-vos à civilização do terceiro milênio.

A Grande Síntese ***Pietro Ubaldi***

Como a Revolução Francesa, momento crítico e longamente preparado nos séculos, concretizou à luz da existência histórica a subida da burguesia produtiva, assim a futura revolução maior da humanidade, filha de uma maturação substancial biológica, trará à luz a subida política da intelectualidade consciente. Não compreendo como intelectualidade aquela miscelânea mental entulhada, cultura moderna, fato externo que não proporciona virtude à personalidade, mas entendo-a como uma maturação de raça construtora de instintos mais altos, que tornem o homem um ser escolhido pela seleção, para função social do mando. A esta função de governo estará agregada, por qualidades inconfundíveis de raça e não por superposição de cultura e de títulos, uma elite insubstituível, tal como na natureza nenhuma célula de tecido muscular poderá substituir a célula à qual foram confiadas funções nervosas cerebrais.

A base biológica da divisão do trabalho por especialização de capacidade é a única que pode justificar o conceito do futuro estado orgânico, diferenciado nas unidades compactas em sua fusão, expressão viva do organismo biológico coletivo. Estado, em sentido colabora-cionista, em que, além das funções econômicas e produtivas, acrescentam-se todas as funções sociais e éticas. A esta substância biológica temos sempre que nos referir todas as vezes que quisermos compreender o fenômeno político; não construções ideológicas, mas a realidade da vida em suas mais profundas raízes, que se enxertam na fenomenologia universal, seu fundamento indestrutível.

Se a Idade Média, em suas condições sociais involuídas, só podia oferecer ao homem um sonho de libertação individual pelos caminhos da renúncia mística, *hoje nasceu o Estado*. A sociedade constituiu-se de forma orgânica, e no seu seio o indivíduo pode atingir toda sua realização. Se a Idade Média atendeu às construções prevalentemente individuais, *retoma-se, hoje, o ciclo das construções e conquistas coletivas.* Não se concebe mais o indivíduo isolado, mesmo se for santo, numa fuga mística da companhia humana, mas o indivíduo fundido nela em colaboração fecunda. Hoje, podemos definir mais exatamente o poder central, como central psíquica e volitiva de uma nação, e estender o conceito de Estado a todo o organismo nacional.

Em sua evolução, o conceito de Estado nasceu do poder monárquico absoluto, tipo Luís XIV. Na longa luta feudal, uma família vencera, primeiro submetendo as outras, depois assimilando-as. Realizado o esforço da concentração do poder, antes espalhado sem coesão em mil ramificações, dando o surgimento de um órgão central numa vasta coletividade, este não podia, por sucessão natural de impulsos, deixar de elaborar logo o conceito de Estado na evolução das Monarquias que, nessa elaboração, esgotavam sua função histórica. O Estado tornou-se, por seu mérito, sempre mais orgânico, progressivo em profundidade, não para limitar o indivíduo, mas para valorizá-lo e elevar-lhe a consciência; tornou-se cada vez mais rico de funções e de deveres, até a hodierna concepção de Estado.

Hoje, o Estado não é mais apenas um poder central superposto a um povo. Esse era o Estado embrionário, filho da monarquia. Não mais se admitem essas superposições. Portanto, o Estado não é mais apenas um poder central dominador, mas é o cérebro de seu povo *e só pode ser expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos, baseada numa unidade ética*. Se as unidades primordiais da matéria já atingiram tão perfeita e maravilhosa organização ao se aglomerarem nas unidades coletivas dos cristais (orientação molecular, gênese e acréscimo proveniente de um germe cristalino, reparação das zonas mutiladas e reconstrução exata da forma individual); se tanto psiquismo já explode na matéria, fundindo as moléculas em unidades orgânicas, imaginai a perfeição que terá de atingir *o mesmo princípio*, que maravilhosa complexidade de formas *o mesmo psiquismo* terá de produzir, elevado depois de tão longo caminho evolutivo à consciência social, ao expandir finalmente seu impulso na criação das superiores unidades coletivas humanas. Por esse caminho o Estado prosseguirá em sua evolução, absorvendo e organizando, não apenas representando um povo inteiro, num progressivo processo de descentralização e concentração, de contatos cada vez mais intensos entre periferia e centro. Com isso, a autoridade não se pulveriza, mas o povo funde-se nela, numa correnteza de fluxos e refluxos, que o torna cada vez mais um organismo a funcionar, consciente e compacto.

Nossa concepção biológica dos fenômenos sociais e nossa concepção evolucionista do Estado nos levaram, naturalmente, a esta visão atual de um Estado cada vez mais unitário e, assim, fica logicamente colocado no quadro da fenomenologia universal, no caminho da evolução coletiva para o ápice da fase α. Solicitei à realidade biológica que me desse as linhas do ideal social. Essa realidade vos reafirma, em toda a parte e sempre, que o princípio e a vontade da Lei são: trabalho-função e divisão, especialização e reorganização de capacidades e de atividades. Observai que fundamentos universais foram dados aqui a esse conceito de Estado. *Nenhum sistema político jamais soube justificar-se mediante uma filosofia científica que retomasse à gênese da matéria, da energia e da vida*. Conclusões espontâneas, encarceradas numa jaula de racionalidade, necessárias num organismo de conceitos e de fatos, tal como são o universo e esta Síntese que o descreve.

Hoje, o Estado nasceu. Não podiam denominar-se assim os velhos organismos políticos, baseados na superposição de classes até o absurdo, inadmissível, de um domínio estrangeiro. Hoje, um povo não é um domínio, mas um organismo cuja alma é o Estado. Esta é a etapa hodierna das unificações dos indivíduos em coletividades, que progridem da família à classe, à nação, à humanidade. Para chegar-se a saber viver como unidades coletivas superiores, *é necessário passar pelas unificações componentes menores, vivendo-as através de uma maturação gradativa e consciente*. Portanto, são absurdos os internacionalismos abstratos, quando o mundo ainda trabalha para encontrar suas unidades étnicas menores e sua criação atual, antes ignorada. A formação progride por continuidade, já que uma unidade coletiva não é mero agregado regido por pressões de leis; para *resistir ao choque do tempo, tem de ser um organismo regido por uma consciência coletiva*, fusão de almas, e só pode operar após longa maturação; *uma unidade só se mantém na medida em que se tenha formado e enquanto a ela corresponda outra íntima unidade psíquica que a mantenha coesa*. Uma nação é simplesmente a veste externa de um psiquismo coletivo, *a forma biológica desta unidade espiritual superior*.

Hoje, o Estado só pode ser povo, povo só pode existir organizado em Estado. A progressão das unidades e consciências dirigentes continuará a dilatar-se na evolução, até uma unidade e consciência que abarquem toda a humanidade, e daí a uma unidade e consciência cósmica que compreenda todo o universo. A luta é esforço de transição que cessa ao atingir-se a meta, a unificação mais elevada. Esta é a tendência constante, o significado das grandes tentativas históricas da formação dos impérios. Política, científica e espiritualmente, o ser busca a unidade.

Também o campo político é campo de verdades relativas e progressivas; o conceito de Estado está em contínuo devenir, tanto quanto um povo é uma unidade em contínua evolução. Cada geração vive um momento do gradativo desenvolvimento da verdade política do próprio povo, como por momentos sucessivos vive sua verdade artística, científica, ética e religiosa. Só hoje se pode falar em Estado. Para chegar aí, a jornada foi longa. Trata-se de uma maturação biológica, longamente elaborada, mesmo que tenha explodido em revoluções. A unidade coletiva expressou-se desde as origens em seu poder central, pelo método da seleção biológica. Assim, criado esse centro, progressivamente disciplinou-lhe os poderes. Primeiramente, a *coação*, ou seja, *o arbítrio de um vencedor*; depois a *convenção*, ou seja, *o arbítrio das maiorias*; finalmente, hoje, *a função coletiva*, isto é, a justiça. Essas são as etapas evolutivas do princípio da atribuição de poderes.

Mais minunciosamente, temos, no princípio, um poder absoluto subdividido, como no feudalismo; depois, um poder absoluto, concentrado nas mãos do mais forte (monarquia), vencedor de uma classe inteira, mais tarde domesticada e convertida nas cortes (classe aristocrática). O centro ainda se ressentia das origens familiares, o cabeça era dominador de consanguíneos e o poder hereditário. Isto demonstra que o poder nasceu na família, nas mãos do chefe, e *a família é o instituto basilar da sociedade humana*. Nesta fase, o poder é conquista, a função dirigente atravessa a fase de luta, própria das formações, correspondente à da força, ainda não elevada a direito e justiça. Estamos na perfeição da monarquia absoluta, do *Roi Soleil*, que dizia: *"L'État c'est moi"* ("Eu sou o Estado"). Meio século de abusos com Luís XV e, com Luís XVI, o sistema desaba. Como todos os fenômenos, também o político procede por amadurecimento de ciclos. A revolução reage com um poder absoluto confiado às maiorias. O rei era o povo. Foi chamado de poder representativo, democrático; passava do máximo de concentração ao máximo de descentralização.

Assim caminhava a evolução do mando por excessos e reações corretivas extremas, com tendência constante ao abuso, porque o homem ainda não evoluíra, a causa não se aperfeiçoara; avançava por uma série de enérgicos contragolpes, porque a lei de equilíbrio impunha a necessidade de uma correção contínua. Num estado de inconsciência que gerava abuso e excesso, a evolução não podia caminhar senão oscilando entre impulsos e contra-impulsos. O conceito de soberania popular nascia como reação ao abuso da soberania de um só. Mas, substancialmente, ao arbítrio de um só, sucedeu o arbítrio das multidões.

Acredita-se sempre somente nas mudanças de sistemas e não se vê que a substância que decide é a maturação do homem. A revolução francesa iniciou o povo na difícil arte do mando, mas desde os primeiros momentos o povo demonstrou-se incompetente e inconsciente, excedendo-se nos piores abusos. *O poder requer a mais alta maturidade de consciência*; é uma grande força, perigosa nas mãos de uma criança. Mas desde esse momento, o povo começou a estudar a nova arte e a resolver o novo problema. Assim, abuso e reação amortizar-se-ão gradativamente e será conquistada a substância, conteúdo de todas essas mudanças: a consciência coletiva, a formação do Eu na unidade social. Só nesse sentido, isto é, o de ser o seu exercício um instrumento de formação de consciência, o poder representativo não podia ser um absurdo em sua alvorada, porque *presume uma consciência coletiva que então estava justamente a formar-se, efeito do trabalho do Estado, não causa de sua construção*. Mas, como vimos, função e órgão apoiam-se, criando-se reciprocamente. Aconteceu, então, que, pelo mesmo princípio de correção do abuso, pelo qual o sistema representativo tinha corrigido o poder monárquico absoluto, um novo poder centralizador corrigiu os abusos do poder representativo. A infertilidade da descentralização levou novamente à centralização. Assim, oligarquias e democracias se alternam e se compensam mutuamente.

Mas essa oscilação entre os dois extremos não tem, apenas, a função de restabelecer o equilíbrio da Lei; é a técnica evolutiva, na qual o homem é trabalhado como material político constitutivo. Esse alternar-se de sistemas não é simples compensação de contrários, mas um escorar-se de impulsos e contra-impulsos; é um jogo de forças, de cujo contraste surge um progresso íntimo. A eliminação do arbítrio é obtido não só por controles externos, mas sobretudo por amadurecimento de consciências. Como pode ser mais moderada a oligarquia, depois de um século de experiência democrática! Como aprendeu a executar civilizadamente as revoluções, a inclinar-se para o povo, a reencontrar, em sua elevação, a própria função justificadora! Com quanta maturidade se poderá voltar à democracia, quando a oligarquia tiver cumprido sua função de formar a consciência de um povo! A que distância se encontrará esse povo daquele que começava sua vida política com a Revolução Francesa! Como o contragolpe será mais civilizado e fecundo, num povo que, por merecimento de um poder centralizado, foi educado para saber eleger e governar, para saber evoluir nas concepções sociais! Essa é a evolução política da unidade coletiva, paralela à evolução em todos os campos.

Detenhamo-nos na concepção do Estado futuro, depois de tê-lo orientado assim no tempo e em seu transformismo ascensional. Concepção nova e ousada, base, no campo social, da nova civilização do terceiro milênio. Estado democrático e aristocrático ao mesmo tempo, ele representará a fusão dos dois princípios de concentração e descentralização, ambos necessários. Em sua função unitária, criará uma coletividade mais compacta, em cujo seio o indivíduo não será mais um membro desordenado de um rebanho desordenado, mas será soldado de um exército em marcha, em que vibrará a alma do chefe. Pela primeira vez na história, o Estado fará do povo um organismo, em cujo centro, fundido com ele, far-se-á síntese de vontades e de poderes. No Estado futuro o povo não será mais um rebanho governado, que só deve dar e obedecer, mas será o corpo do cérebro central (o governo); o organismo da alma que dirigirá, que por toda parte o penetrará e vivificará com seus tentáculos e ramificações nervosas. Não mais um chefe, nem uma classe, nem uma maioria que mandará por si só, mas uma doação de deveres na cooperação, uma fusão completa num trabalho e num objetivo comuns. Sem dúvida que historicamente fixou-se na alma das massas, por hábito milenar, uma indiferença pelo poder central, mutável e ausente, mas invariavelmente senhor, diante do qual o povo tinha de ficar sempre igualmente inclinado na posição de servo. Formou-se, assim, um instinto de aquiescência passiva, de tolerância e desinteresse, como por uma coisa que não lhe diz respeito, que só age para pesar sobre o povo, educado apenas para a virtude de sofrer e calar. O Estado moderno tem de começar pelo trabalho de demolição desta psicologia de absenteísmo político, que se fixou na alma coletiva. Pensai que cada concepção e realização política não constitui jamais a última meta definitivamente alcançada, mas que, por ser a síntese de todo o passado, é também o germe de um futuro ilimitado.

98. O ESTADO E SUAS FUNÇÕES

Que multidão de funções terá de abarcar, quantos problemas novos terá de enfrentar e resolver, que complexas realizações executará o novo Estado futuro! Por suas bases biológicas, está fundamentalmente vinculado ao fenômeno basilar do ser: a evolução. Sua primeira função é a de ser instrumento das ascensões humanas. Educar é a primeira tarefa substancial; ter realizado o homem é o resultado eterno de todo o seu trabalho. Todo o resto torna-se meio, diante desse objetivo supremo. *Pela altitude e intensidade com que tiver sabido educar, mede-se o valor de um governo. A pedra de toque de uma religião, filosofia, sistema político, é determinada pela quantidade de luz que tiverem sabido fixar na alma humana: reside na medida em que tenham conseguido tornar o homem melhor*.

Em meu sistema o Estado é o órgão base das ascensões humanas. Nessa atmosfera de alta ética, que deve tudo vivificar e animar, movem-se todos os trabalhos em qualquer campo, todos reduzíveis em sua síntese a uma criação espiritual. Nas atividades individuais e sociais realiza-se o princípio da lei que diz: ordem. Tudo se move, pois, ao longo de um caminho de coordenações e harmonizações que eliminam os atritos, aumentam o rendimento e, seguindo a lei do menor esforço, conduzem à superação de todas as formas inferiores do mal, da dor, do egoísmo, da luta. Por essa estrada de harmonizações, o centro atinge a periferia, a periferia volta ao centro e reforça-se pela coesão do indivíduo; este valo-riza-se na coletividade, acentuando seu rendimento. O Estado entoa a música da cooperação: prevê e coliga no espaço e no tempo, antecipa e provê, garante e protege. Só ele pode criar uma atmosfera ética, em que possam florescer as delicadas produções do espírito; só ele pode estimular as atividades intelectuais superiores que doutro modo escapam à consciência coletiva, e são condenadas à extinção pelo princípio hedonístico. O Estado agirá em profundidade, evoluindo a luta para for-mas mais altas, que implicam união de pensamento e de energias, correspondente, também, a um princípio de utilidade coletiva. Imaginai a força de um povo que se tornou organismo!

Os indivíduos, cujas funções são todas nobres, não se tornarão iguais por nivelamentos externos, mas obter-se-á justiça na hierarquia, porque a diferença de posições corresponde a uma diferença de valores, de funções e de deveres; correspondente à diferenciação individual de aptidões hereditárias. Nesta justiça de divisão de trabalho, os homens serão inevitavelmente irmãos, porque necessários uns aos outros no organismo. Neste, o tom, o valor da vida de cada um subirá e não se poderá agredir, nem demolir ninguém, sem demolir a si mesmo. Neste organismo, *obedecer não é servir*, mas valorizar-se; não é diminuição, é conquista; é a tomada de posição tal como célula no organismo coletivo; não mais apenas um número, mas um organismo em que o indivíduo crescerá quando fizer parte dele. O novo conceito não constitui rebelião do individualismo em prejuízo da coletividade, mas é *fusão do individualismo no coletivismo, um individualismo de ordem*, que se valoriza na ordem coletiva. Ai do Estado que mata o indivíduo, mas ai dos indivíduos que se sobrepõem ao Estado.

O novo Estado tem que possuir o monopólio da força. Ainda que a esta seja uma necessidade de vossa vida involuída, já constituirá um progresso se o indivíduo dela for privado, porque o seu desuso enfraquecerá os instintos anti-sociais, Esse Estado não pode ser agnóstico; precisa ter uma concepção ampla da vida e fazê-la compreender para que o indivíduo a ponha em prática; deve ter resolvido os maiores problemas do conhecimento. Tem que saber compreender o homem, seus instintos, seu destino; penetrar o mistério de sua personalidade, a fim de poder colocá-la em seu lugar e dela obter o máximo rendimento. No princípio, o centro realizará um mero enquadramento de massas, mas no futuro ocorrerá a fusão de almas. Nesse Estado, Deus é imprescindível, assim como o conhecimento de sua ordem divina. A ciência tem de demonstrá-Lo para que, nessa ordem, o Estado encontre suas bases racionais. Concepção imensa de uma fé social e científica, de que participarão em paz todas as religiões. Este é o Estado da nova civilização do terceiro milênio.

Neste novo Estado o indivíduo realiza seu amadurecimento biológico em direção à fase de super-homem. Todas as forças sociais tornam-se disciplinadas, objetivando a elevação coletiva. Os instintos inferiores se atrofiarão pelo não-uso; os elementos mais involuídos serão domesticados, porque absorvidos na correnteza que os orientará para metas espirituais superiores. O poder de um novo Estado, de alto conteúdo ético, é uma força que fecunda todas as atividades, é um esplendor de luz que desperta qualquer alma. Valoriza-se a aptidão, que responde aos impulsos mais nobres, e o homem mediano, incapaz de orientar-se e guiar-se, feito para obedecer, aceita e se eleva. Todas as energias sociais não se rivalizam em hipertrofia de funções, nem se manifestam num desencadeamento cego e destruidor, mas numa expansão iluminada e produtiva do pensamento do Estado; não se perdem na vã tentativa de reencontrar-se, nem se desgastam no atrito, como outras tantas rodas que não sabem entrosar-se, mas coordenam-se para convergir para metas eternas de evolução. Assim, um povo realiza lentamente as grandes assimilações espirituais e avança, coeso, como um exército em marcha para a difícil conquista dos ideais. Move-se com eficiência progressiva a massa pesada e lenta da grande alma coletiva, que começa a ver e a compreender.

O trabalho, iluminado por finalidades superiores, não constitui mais uma condenação, mas é triunfo cotidiano sobre a matéria, vitória da vontade e do espírito, ato viril de domínio. O Estado reunirá os cidadãos, por meio de seus órgãos, em fecundo abraço produtivo. Os indivíduos que não se organizarem para valorizar-se neste novo poder coletivo, serão destinados à eliminação. Se as velhas unidades econômicas, pequenas e isoladas, tinham a vantagem da independência recíproca que circunscrevia as crises, hoje, o progresso organizou relações e permutas mundiais necessárias que, se tornam o organismo econômico mais perfeito e compensado, também o deixa mais vulnerável. Essa vulnerabilidade impõe um regime de colaboração. Em sentido mais amplo, a especialização moderna de capacidade de funções dá ao indivíduo, involuído e isolado, probabilidades cada vez menores de sobrevivência. Quanto mais perfeito e diferenciado é o indivíduo, mais vulnerável se torna, mas, ele bem sabe e experimenta a necessidade de viver em coletividade. Essa sua fraqueza diante do homem primitivo, essa sua perda de adaptação é a força que mantém coesas as unidades coletivas, que por isso não estão dispostas a desagregar-se.

Nesse novo Estado as anarquias econômicas têm que ser eliminadas, o individualismo não é admitido como desordem. O homem futuro que esse Estado quer construir não será simples máquina para fabricar dinheiro, apenas hipertrofia volitiva, mas um

homem completo também em seu campo espiritual, no desenvolvimento harmônico de todas as suas faculdades. *O Estado que realiza o princípio colaboracionista está situado num nível superior ao do Estado que permanece na fase do princípio hedonístico*. O valor e o grau evolutivo de um Estado medem-se pelo grau que atingiu na realização dos princípios, pelo grau em que tiver sabido formar a consciência colaboracionista, pela capacidade de infundir no trabalho a idéia de função e, na vida, a de missão; pela medida em que tiver conseguido transformar a força em direito, o egoísmo em altruísmo, a desordem em ordem, a guerra em paz, atenuando as formas de luta, educando-as no caminho da evolução.

O Estado aspira e emana, concentra e descentraliza, é o coração que a cada instante lança todo o seu sangue para circular em seu organismo. Em seu seio o Estado eleva todos os seus cidadãos, econômica e moralmente; coordena-os todos nas diferentes funções, realizando a justiça mediante a subdivisão do trabalho em correspondência com os valores individuais. Enquanto o Estado não tiver unido a si todo o povo, como função integrante de sua unidade, o povo permanecerá estranho, indiferente, podendo amanhã ser até inimigo; enquanto todos os cidadãos não se sentirem vivendo no Estado; enquanto houver um só homem que não se sinta, embora minimamente, parte dele, esse homem será sempre uma ameaça de dissídio e germe de desordem.

Um dos grandes erros do século foi o de ver e colocar em evidência o lado involuído da sociedade humana, a incompreensão entre capital e trabalho e a luta de classes. Tudo isso manifestava, no campo econômico, a visão universal materialista imperante. O Estado não deve manifestar essa luta, mas deve, sim, dominar todas as atividades econômicas; deve ser o organismo ético que absorve todas essas atividades, dando-lhes conteúdo moral e social, elevando-as à função.

A introdução do fator moral na vida social, supremamente construtivo, inverteu a posição do problema. Para maior rendimento utilitário de todos, os grupos sociais têm que poupar o desperdício dinâmico da luta no período caótico, a fim de viverem coordenados e não em oposição, para cooperarem e não para eliminarem-se. É contrária à lei do menor esforço uma cadeia de opressões e reações e, por isso, pela lei da evolução, isto tem de acabar. A luta de classe pode considerar-se uma doença social do período involuído, um fato patológico que precisa ser superado. O sonho de arrasar o capital para proporcionar a subida do proletariado, sumamente inadaptado em sua inconsciência para qualquer função dirigente, significa secar a fonte da riqueza para todos. Opressão e violência, a exploração da ignorância popular por egoísmos políticos, a greve e o *"lockout"* não resolvem o problema da produção nem da riqueza. Filosofia econômica de transição, mecanismo de destruição.

Nas leis da vida fundamenta-se a ascensão até a fusão e a solidariedade de todas as forças de produção, sem opressões nem supressões, dando lugar a todos para que todos dêem sua contribuição. No colaboracionismo, todas as classes encontram reconhecimento e proteção, o trabalhador do pensamento e o lavrador da terra, o soldado e o operário. Colaboração, não luta de classe. *A propriedade é base natural do edifício econômico*, tal como a família o é do edifício social; como ela, é *lei da natureza, própria também do mundo animal*. *Destruir essas unidades primordiais insubstituíveis é demolir a natureza humana*. A instituição da propriedade, criada para própria defesa pelos vencedores da luta econômica, agredida pelos derrotados, sempre existiu e existirá, apesar de todas as tentativas de demolição, porque corresponde à necessidade fundamental de defender uma posição que *todos*, embora alternadamente, acabam ocupando. Isto significa elevar tudo, nada destruir e tudo criar. Às revoluções destruidoras sucede uma revolução construtiva, que enquadra todas as forças e delas faz uma unidade; às revoluções que saem debaixo para demolir, sucedem as que descem do Alto para construir; descida das aristocracias do pensamento, para elevar os humildes; subida dos humildes, para compreenderem. A tarefa das classes não é a de eliminar-se, mas codividir os frutos da mesma civilização, encaminhando-se para compreensão recíproca. A tarefa da classe dirigente não é dominar, mas educar a plebe tumultuada — velho instrumento de vinganças, chamariz dos astutos, muitas vezes vítima das repressões, sempre massa ignara, amorfa e cega — para transformá-la num povo que sobe para uma consciência coletiva mais alta.

Todos esses conceitos fazem parte, naturalmente, de um mundo mais evoluído, sendo próprios de um tipo humano biologicamente mais avançado. O tipo atual não sabe superar essas formas de lutas primitivas e selvagens que revelam sua fase, mas que, no entanto, são necessárias hoje para realizarem a própria seleção em seu plano. O homem de amanhã o julgará um involuído.

99. O CHEFE

Quem será o chefe, desse novo organismo para o qual se dirige toda a vida? Como a história o escolherá e o evidenciará? Há momentos em que a história atravessa curvas decisivas, em que se prepara a fase decisiva de uma civilização milenar. Imensas maturações sociais estão iminentes na aurora de novas civilizações. A humanidade parece, então, perder-se em crises e conflitos e todo o passado parece ruir. Então as forças da vida conclamam o gênio, para que interprete e crie; e os equilíbrios da lei o trazem à luz, valorizando-o em plena eficiência. As forças do imponderável convergem a sustentá-lo, para que ele construa e levante. Então, o homem que muito realizou, com seu trabalho íntimo, sua maturação biológica, é chamado por atração por meio da linha de sua maior especialização para dar todo o seu rendimento à obra coletiva que lhe é confiada e torna sua. A vida do chefe é suprema missão. Esses fenômenos não são mistério para nós, pois sempre nos movemos ligados à substância no imponderável.

Nesse desencadear-se de forças titânicas, é pueril buscar a razão das coisas nas velhas fórmulas de legalidade humana. A Grande Lei, que no âmago sustenta todas as coisas, amadurece tudo com perfeita harmonia para metas aleatórias. A vida dos povos possui seus equilíbrios profundos, tal como a vida inorgânica e orgânica; como estas que produzem, no momento da maturação evolutiva, a molécula ou célula adequada, também a vida dos povos produz, no momento decisivo da evolução biológica, o seu personagem, a sua célula superior, trazida à luz pela tensão de todas as forças da vida. Essas forças explodem em triunfo após secular esforço oculto, a fim de que essa célula realize, por leis de coordenação, sua função de cérebro e de vontade, de direção e de comando, porque essa é naturalmente sua capacidade, sua diferenciação e sua função biológica.

Assim é o chefe por sua grandeza mas também por seu dever, por sua satisfação como por seu esforço, por sua vitória como por seu perigo. Nesta função e neste perigo reside a justiça da suprema Lei de Deus, sua base, antes divina que humana, de

uma investidura sagrada que é missão na vida; reside seu direito de comando e o dever dos povos de obedecer-lhe, unidos todos diante de Deus, operários diferenciados no mesmo trabalho.

A novíssima afirmação é que o chefe, nos momentos de exceção, é escolhido *por seleção biológica*; no momento decisivo, a Lei intervém diretamente, superando as convenções sociais. Manifesta-se uma lei mais verdadeira que as outras. Os povos procuram, por instinto, a célula que realize a função coletiva necessária de comando. Reconhecem-na, sentem-na, respeitam-lhe a função, não por coação nem por convenção, mas espontaneamente, por uma lei que reside em seus instintos. Quando um povo encontra seu chefe, aquele que sente e manifesta sua alma, coordena suas atividades, realiza a função biológica de defensor e unificador material e espiritual do novo organismo, então, repousará contente com seu instinto satisfeito, do mesmo modo que repousa o instinto do corpo bem alimentado, ou o da mãe que teve seu filho, porque está assegurado o futuro de sua vida. Os tumultos da vida política são, como os da fome e do amor, os profundos tumultos da vida que *"deve"* avançar.

Nenhum sistema de atribuições de poderes, na história, oferece garantias do que é substancial, íntimo, não formal, visível. Um chefe assim, de raça, surge como produto da vida de um povo, mas só de um povo que saiba produzi-lo. *As leis biológicas não fornecem chefes nos séculos de repouso, nem a povos impotentes, estéreis, que são condenados*. O super-homem não se improvisa, não emerge por meio de sistemas eletivos, por meio de convenções ou coações sociais. A raça é raça, é natureza íntima que se construiu na eternidade, é substância de alma, é capacidade única, é um destino, um amadurecimento de grandes forças biológicas. O chefe, assim, de raça, não é escolhido pelo voto, mas no choque de forças socais; é filho não dos cálculos das urnas, mas da tempestade em que os povos se debatem para a vida; não é escolhido por consenso dos homens, mas por consenso das leis ocultas da vida. Ele impõe-se, levando de roldão o passado, como o furacão, no turbilhão da revolução. Qual foi a onda que, nascida do mistério, jogou-o para o alto, o homem não sabe; mas todos inclinam-se porque se trata de uma lei, mais profunda que as humanas, que ordena. E o chefe lá está, por direito divino; é o direito que lhe dá seu destino, sua raça, sua capacidade, selecionado no sangue da luta, que não suporta ineptos.

Lá está e aí fica. Só por valor intrínseco pode resistir numa posição que, por sua altitude, está exposta a todos os raios. Esses são reais controles do poder, as verdadeiras garantias do valor e do rendimento do homem, porque o assalto é tenaz, a cada minuto; a guerra é sem tréguas, aí não existem muletas para os fracos, não há possibilidade de mentir perante as leis da vida. Eis o direito substancial, o direito do valor, do merecimento, da função, da missão, não aquele apenas da legalidade formal. O chefe lá está porque ele é o órgão máximo de uma vida coletiva maior e lá fica, invulnerável, pelas mesmas leis biológicas, até que sua função social se esgote.

Substituo o conceito da legalidade humana pelo da justiça divina que sanciona os valores íntimos. Ponho como base dos fenômenos sociais as leis eternas da vida. No âmago do problema jurídico vejo sempre o problema biológico, sua alma. Só se as posições do segundo forem sólidas, serão sólidas também as do primeiro, sua expressão. Essa é a base substancial da legalidade. Os movimentos das forças políticas, jurídicas, sociais, só são compreensíveis, se reduzidas à sua substância biológica. Que sistema mais substancial de escolha e de garantia pode encontrar um povo, do que esta filtragem, bem mais rigorosa, realizada pelas leis da vida? Que lei é mais profunda que a Lei biológica, onde cada fibra é testada? É absurdo pensar que o poder tenha de ser escolhido de baixo, ser determinado pelos níveis biologicamente menos evoluídos. O sistema representativo constitui um método para escolher os melhores. As massas, porém, podem aceitar e suportar o super-homem, mas não compreendê-lo por antecipação. É a evolução que coloca à frente o ser antecipado, a fim de arrastar e plasmar os outros, involuídos, que só sabem receber e obedecer. O conceito tradicional é invertido, a escolha não vem da quantidade medíocre, mas do alto, das forças da vida; o número é quantidade, que é incompetente para decidir a respeito da qualidade. Se sua missão é educar, o chefe tem que ser um senhor espiritual que desce e, do alto de sua fase superior, sabe dar; não um medíocre que sobe e pede. Confio mais nesta legalidade, mais profunda que a humana. Em meu conceito, é na capacidade que reside a base do direito. O chefe comanda pelo mesmo direito com que a águia voa. Ele é testado em cada instante por todas as resistências que lhe garantem a capacidade e a função, porque são as forças biológicas que conferem o poder, as mesmas que o tiram logo que cesse a função.

O poder que vem do alto possui um conteúdo muito diferente do que é concedido de baixo. É dever, não direito; não é conquista, mas função; é ordem, não arbítrio; é sacrifício e missão. A investidura envolve o super-homem que vê o infinito e não admite abusos; entrelaça-se indissoluvelmente em seu destino, seu prêmio é eterno, além da vida. Guia-o a mão de Deus e ele, em seu comando, obedece, só buscando dar, para realizar-se a si mesmo. Cérebro de um povo, é a superelevação que guia e ilumina a revolução biológica e impele a vida para suas fases supremas. Ele engasta seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, porque nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Realiza em sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos precedentes e seguintes, a eterna evolução social, amadurecendo o passado e antecipando o futuro. Abebera-se em sua própria fonte; a atividade social transforma-se, acompanhando sua visão, que se fixará na evolução jurídica. Educa, cria a consciência coletiva, pois sabe que essa criação interior antecede a compreensão e a base da vida das instituições, que a seguir a exprimem. Não ciência humana, mas é a visão guiando seu braço estendido em ato de comando para o futuro. É força num turbilhão de forças, indo ao encalço de novas civilizações. Sua vontade, guiada pela intuição exata das correntes de pensamento e da vida do mundo, ativamente se introduz na lei cósmica da evolução. Criando novas instituições sociais, enquadra em formas novas os valores morais dos séculos.

No quadro de sua concepção, o chefe está organicamente colocado, como idéia e ação ao mesmo tempo. Situado no centro de seu Estado, ele é sua própria idéia, que em torno dele próprio palpita como uma auréola sua, como vida que emana da sua vida. Ele é um pensamento e uma vontade única, central, responsável, instantânea; não, como nas formas representativas, pensamento e vontade múltiplos, divididos, que lentamente se reencontram. O Estado é o organismo do qual o chefe é o cérebro e os cidadãos as inúmeras células, também elas investidas de funções menores, em harmônica coordenação de funções que convergem para o alto. Da periferia ao centro, dos membros ao cérebro, ao coração, existe uma contínua corrente solidária de permutas; uma descida do pensamento, de força, de consciência, de ajuda; uma ascensão de contribuições vitais para se reencontrarem no centro e de lá descerem fecundas. O Estado, assim, é também centro de irradiação moral, é alma, fé, religião. Cada célula aí se sente mais forte. Pela primeira vez na historia, ao conceito de Estado absoluto ou representativo substituiu-se o

de Estado biológico orgânico. Os valores morais, os produtos das civilizações do mundo realizam seu ingresso triunfal no Estado, não mais divididos em estéreis antagonismos de classes e de princípios, de ciência e de fé, de Estado e de Igreja, de rico e de pobre, mas fundidos numa unidade imposta pela nova civilização no campo do pensamento e da ação.

O novo Estado é gigantesco organismo integral, imensa oficina de colaborações, em que máquina, trabalho, produção, riqueza, ciência, religião, tudo se funde e age organicamente. Esta alta concepção, de vida coletiva, é introduzida na circulação do sangue dos povos e opera a valorização das massas.

Essa é a criação biológica confiada ao chefe pela Lei. A nova alma coletiva está por desenvolver-se e afirmar-se. Ele supervisiona os primeiros movimentos dessa sua filha ainda criança, guia-a, educando-a. Do conceito de Estado-rei ao Estado-classe social, Estado-povo; do poder absoluto ao poder representativo, ao poder-função; à medida em que a consciência coletiva ascende e se dilata, o poder desce e se descentraliza. É a ascensão do espírito que, progressivamente, purifica o princípio de sua escória. Nos equilíbrios biológicos, *a medida do comando é dada pelo grau de consciência atingido*. Os povos precisam mais de mestres que de liberdade; de guia antes que de mando, até que amadureçam. O chefe olha: seu povo é seu corpo, é sua aquela alma, aqueles tormentos são seus, aquelas esperanças, aquelas vitórias. Chefe e povo: unidade indissolúvel. O mundo está em marcha. A realidade biológica impõe: ou evolução ou morte.

100. A ARTE

Ao focalizar os problemas da fase α, com minúcia, coloco no ápice deles a arte, como expressão suprema da alma humana. Nada espelha melhor a idéia dominante de uma época. Por vezes é graça e suavidade, doutras vezes, simplicidade e potência; ainda, profundidade de espírito puro, ou então, ouropel vazio de forma. Exprime sempre o pensamento humano que ascende ou decai, aproximando-se mais ou menos da grande ordem divina. O pensamento que ora ousa, ora repousa, ora é jovem, ora cansado, é primeiramente retilíneo e cortante como a força, depois, arredondamento de linhas, um esforço em descida, um inútil escorar-se do vazio na grandiosidade das formas. Estilo tranquilo ou audacioso, límpido ou confuso, cansado ou poderoso, representa sempre a face exterior da alma humana, do mistério do infinito que nela se agita. Como tudo o que existe tem um rosto, expressão de alma, uma revelação do pensamento divino em que o universo fala incessantemente, assim a arte é revelação de espírito, tanto mais valerá, quanto mais a forma for transparente e simples. Quanto menos se fizer sentir a si mesma, tanto mais a idéia será substancial e poderosa na eternidade, vinculada à lei, impondo-se à forma. Fenômeno estreitamente ligado às fases ascensionais ou às involuídas do espírito, a arte apaga-se quando o espírito adormece, porque só nele reside sua inspiração. A arte é espírito e a matéria a mata. O materialismo a matou, agora tem de renascer.

Começareis de novo, com meios novos mas, acima de tudo, com uma idéia nova. O segredo de uma grande arte consiste em saber realizar o milagre da revelação do mistério das coisas; em saber exprimi-lo à luz dos sentidos, após íntima e profunda comunhão com o mistério que palpita na alma do artista. Este tem de ser um vidente, normal no supernormal, onde tudo é espírito e vossa concepção de vida comum não chega. A nova grande arte deve ser integral: presume o artista total, o super-homem que realizou sua maturação biológica; não o agnóstico, o meramente técnico, mas o espírito completo sob todos os aspectos. É indispensável que o homem tenha englobado em si a visão do universo, nela tenha atingido as mais profundas concepções de vida.

O simples valor da técnica é dos períodos de decadência; a arte, cujo valor tenha passado da substância à forma, é a enfeitada e preciosa da decadência. Quem tem algo de substancial para dizer, di-lo na forma mais simples. Mas é preciso ter algo a dizer, uma grande visão e uma grande paixão na alma para que a forma não assuma a primazia. É necessário dominar esse revestimento do pensamento, estar prevenido defensivamente contra as hipertrofias do meio que sufoca o fim; impedir que a técnica, serva humilde do conceito, quando este era grande em suas origens e amadurecido até a perfeição, queira agora agigantar-se para sufocá-lo. A forma emerge da decadência. Quando a idéia se cansou, surge então a luta entre a vestimenta e a substância e, se esta cede, a outra cresce, invade e domina.

Trata-se da substituição dos valores inferiores, quando os mais altos decaem. É a degradação do fenômeno artístico, que tem seus ciclos, que são os do fenômeno psíquico. Na evolução da arte, há uma espécie de inversão de relações. Quanta riqueza de conceitos na pobreza da forma nas origens, quanta riqueza da forma e pobreza de conceitos na decadência! Uma relação transforma-se gradualmente na outra. O ciclo evolutivo da técnica, nascido mais tarde e mais jovem que o ciclo evolutivo da idéia, sobrevive-lhe e o substitui; mas sua maturidade constitui descida do princípio animador da arte.

A grande arte é simples. Sua grandeza é proporcional à potência do pensamento e à simplicidade da forma. Vossa atual fase artística é de destruição, de libertação da forma. Estais na última fase de descida, em que já aparece a aurora da nova espiritualidade, cujo primeiro ato é o abandono das técnicas superadas. Tende uma alma e sede simples. As complicações ornamentais exprimem vacuidade, a riqueza de minúcias enfraquece a idéia central. *Belo é tudo o que corresponde à própria finalidade; a beleza está na linha que corresponde ao fim pelo caminho do menor esforço*. Ela é a expressão da correspondência, do equilíbrio, da harmonia, dos princípios da Lei. A suprema beleza reside no conceito de Deus. O artista tem que sentir e seguir esse conceito nas formas em que se manifesta. O progresso da arte reside em manifestar, com evidência cada vez mais límpida e com maior profundidade, a beleza do pensamento divino da Lei que governa o universo. A ascensão da arte é um processo substancial de harmonização, isto é, a expressão, na forma intuitiva do belo, da evolução de todas as coisas que observamos. O belo é universal e pode haver um belo lógico, como um belo mecânico, uma estética grega de formas, como uma muito mais elevada estética moral e cristã de obras. Em todas as alturas, na lógica dos meios, existe uma arte de acordo com a gradação das finalidades. Quando existe um objetivo a atingir, o estilo nasce por si mesmo na forma mais simples, mais transparente, mais harmoniosa, como o encontra e o exige a lei do menor esforço. Os estilos refletidos, desejados, estudados, estão em todos os

campos, em roupas nas quais em vão procurais um corpo. Não é a escola nem a análise que plasmam o artista, mas um tormento de alma, uma agitação de tempestades e de visões.

Entendo por arte a expressão dos princípios que estão na harmonia da lei e são verdadeiros em todos os campos, seja literatura, pintura, escultura, arquitetura ou música. A música atual, como tudo o mais, evolui em profundidade. Sua atual evolução representa a passagem de sua *dimensão linear de melodia*, para sua *dimensão volumétrica de sinfonia*. A simples sucessão de sons da música melódica, à proporção que ascende à fase superior, em que conquista o espaço e o volume, dilata-se em extensão e profundidade de sentimentos, passando da expressão das paixões mais elementares (amor, vingança) às produzidas por uma sensibilidade mais complexa, aprendendo a descrever todas as harmonias e belezas da criação. A música volumétrica sinfônica deveria inspirar-se cada vez mais numa estrutura de perspectiva, em que o desenvolvimento dos vários motivos, mesmo harmonizando-se com a concepção única do quadro, permanecesse distanciada nos diversos planos. Daí resultaria, na sinfonia, grande profundidade de perspectiva, em que o motivo ou motivos do primeiro plano se distanciariam dos desenvolvimentos sinfônicos do fundo; profundidade e distanciamento não apenas em sentido sinfônico, mas também conceptual e emotivo. Pois, o motivo só pode ser a expressão de uma forma-pensamento que nasce, desenvolve-se e morre, dominando ou subordinando-se, que se aproxima ou se afasta, toca e influencia as outras, passa, volta, sobrevive na recordação e apaga-se. O motivo é a voz de uma vida que quer revelar-se toda e pode fazê-lo, porque a música, além da beleza da linha do desenho, além da riqueza dos tons, substitutivo da cor na pintura, possui o dom supremo do movimento, em que se exprime o devenir da vida.

Em sua evolução, a música, além do movimento no tempo, conquistará cada vez mais profundidade no espaço, nova dimensão em que se expandirão as vozes de tantas vidas, porque tudo é vida e tem voz própria. O futuro consistirá em continuar a tornar cada vez mais ampla a estrutura sinfônica e a estender sempre a novos sentimentos sua potência descritiva; deve purificá-los e espiritualizá-los, até que a música se torne voz do infinito, a linguagem da intuição, a revelação das harmonias do universo, do aspecto beleza dos grandes conceitos da Lei. A arte busca a unificação em todos os seus aspectos; fundir-se-ão as diferentes artes como formas convergentes, no único esforço de exprimir o espírito. Na atmosfera artística dos templos seculares, entre os muros antigos, saturados de vibrações místicas dos povos, a música será meio de harmonização de ambiente e de sintonização receptiva na oração; será vibração criadora de bondade. Todas as artes se fundirão numa só música, educadora suprema; u'a música imensa que vos falará da vida do homem e de todas as criaturas. Todas as artes serão uma oração, um anelo do espírito que se eleva para chegar a Deus.

Vossa arte futura será sadia, *educadora*, descida de Deus para elevar a Deus. Se assim não for, será veneno. A arte que permanece na Terra não é verdadeira arte, tem de elevar-se ao céu, ser instrumento de ascensão espiritual. Deveis beber nas fontes da verdade e eu vos escancarei suas portas. A arte tem de iluminar-se com a luz do espírito e eu o fiz reviver entre vós. Dei-vos, tanto no campo científico e social, quanto no campo artístico, uma idéia imensa para exprimirdes: a harmonia de todos os fenômenos, da ascensão de todas as criaturas, e a de vosso amadurecimento biológico. A arte apodera-se da ciência. É verdade que não soubesteis dar a esta um conteúdo espiritual; dai-lhe, contudo, uma fé e ela se tornará arte. Que mundo grande, novo, inexplorado, que sinfonia de concepções cósmicas para exprimir! O futuro da arte está na expressão do imponderável. Que riqueza de inspiração pode descer sobre a Terra, vinda do alto, por intermédio do artista sensitivo! Que oásis de paz, para refúgio da alma, nessas visões do infinito!

A verdade universal desta síntese pode exprimir-se em todas as formas do pensamento: matemática, científica, filosófica, social e também artística. Esta obra pode também tornar-se uma grande tragédia, em que palpita toda a dor e explode a paixão das ascensões humanas. Que drama maior que o esforço da superação biológica, da luta do espírito para sua evolução, de suas quedas e de suas ascensões, da felicidade e da dor, de um destino que progride através da cadeia de renascimentos, de uma lei divina que tudo vincula à sua ordem! Esta irmanação de fenômenos, de seres, esta unificação de meios de expressão diante da idéia única, este monismo científico, filosófico, social, basta para dar alma a uma nova arte, como a uma ciência, a uma filosofia, a uma sociologia nova.

Vossos palcos ignoram tragédias tão amplas, porque estes conceitos exatos faltavam antes ao mundo. Era vaga a intuição dos grandes problemas, incerta a reconstrução do destino humano. Há sempre uma zona de nebulosidade, em que se aninha a dúvida e o mistério. Está na hora de ultrapassar o ciclo restrito das baixas paixões de fundo animal. *O teatro não deve ser palco de involução, explorando as multidões, mas de evolução, educando-as.* Então, ele não pode ser problema econômico, mas função do Estado. A arte deve superar os loucos futurismos, tomar como fundo o infinito e a eternidade, por ator o espírito que, numa vida sem limites, debate-se entre luz e trevas e conquista sua libertação. O céu e a Terra ressoam com a tempestade imensa que as forças do mal desencadearam. Apresentai o drama apocalíptico sem símbolos, em sua nua potência dinâmica de conflito de forças, em qualquer das formas de artes em que o queirais exprimir, suspenso nas dimensões do tempo, entre a evolução bíblica e o idealismo científico.

Esta a grande arte futura. É mister que nasça o gênio que a sinta e a manifeste; que a sinta acima da realidade sensória e nela a encerre e exprima. Chegado ao ápice dos valores espirituais, ele combate e conclui o drama da unificação e da libertação. É necessário que uma alma superior *viva* o fenômeno e, em seu tormento, liquide o passado, lançando os espíritos num vórtice de paixões mais altas e dinâmicas. É necessário um ser que, num martírio de fé, macerando-se e queimando-se por sua arte, dela faça missão e a ela se dê todo. A arte será então o altar das ascensões humanas, onde o espírito se oferece em holocausto de dor e paixão em sua elevação para Deus; será a oração que une a criatura ao Criador, a síntese de todas as aspirações da alma, de todas as esperanças e ideais humanos.

DESPEDIDA

Nossa longa viagem está terminada. Tudo já foi demonstrado, tudo está concluído até as últimas consequências. A semente está lançada no tempo, para que germine e frutifique. Dei meu verdadeiro testemunho, minha obra está completa. O pensamento desceu, imobilizou-se na palavra escrita: não podereis mais destruí-lo. Está demais antecipado, para ser *todo imediatamente* compreendido. Nem todos os séculos são capazes de compreender totalmente uma idéia, mas é necessário que, com a psicologia, a perspectiva mude para vê-la sob novos ângulos. Vosso julgamento está viciado por uma visão imediatista, mas os anos correrão; quando tiverdes visto o futuro, compreendereis esta Síntese em profundidade e a enquadrareis na história do mundo. Para alguns, esses conceitos ainda estarão fora do concebível. Outros recusarão um trabalho de compreensão, porque não desfrutam dele vantagem imediata. Outros procurarão afastar a verdade porque ela perturba o ciclo animalesco de suas vidas e continuarão a dormir, a esses falará a dor. O cerco aperta-se e amanhã será muito tarde.

A convicção não é tanto filha de cálculos lógicos e racionais, mas um estado de amadurecimento interior, que só se consegue por meio de provas, lutando e sofrendo. Inútil, pois, falar a respeito desta Síntese para demonstrar a erudição, se não é *"sentida"* como orientação, se não for assimilada como vida. É verdade que a alma coletiva dos povos sente, por intuição mais do que pela razão. A filosofia, o sistema político e a forma social que mais convenham para realização dos fins da própria evolução varrem tudo o que não corresponda ao trabalho que o momento histórico exige. Mas, assim como é inútil criar sistemas lógicos e esperar que sejam compreendidos quando incompatíveis com o momento histórico, minha concepção é uma visão fecunda que antecipa a realização, é síntese não apenas do que pode ser conhecido, mas também das arrojadas aspirações da alma humana.

Falei ao mundo, a todos os povos. Disse a verdade universal, verdadeira em todos os lugares e em todos os tempos. Valorizei o homem e a vida, deles fazendo uma construção eterna; através de todos os campos, até os mais disparatados, tudo fiz convergir para a unidade; de todo vosso disperso conhecimento humano, fiz um estreito monismo. Nesta síntese, ciência, filosofia e fé são uma só coisa. Tornei a dar-vos a paixão do bem e do infinito. A tudo o que vossa vida possa abraçar, dei u'a meta: arte, direito, ética, luta, conhecimento, dor, tudo canalizei e fundi no mesmo caminho das ascensões humanas.

Vós vos moveis no infinito. A vida é uma viagem e nela só possuís vossas obras. A cada hora se morre, a cada hora se renasce, mas sempre como filhos de vós mesmos. A evolução, pulsando segundo o ritmo do tempo, não pode parar. Vedes através de falsa perspectiva psíquica. É preciso conceber não as coisas, mas a trajetória de seu transformismo; não os fenômenos, mas os períodos fenomênicos; tendes de colocar-vos dinamicamente na fluidez do movimento, realizar-vos neste mundo de coisas transitórias, como seres indestrutíveis, num tempo *que só pode levar a uma continuação*, lançados para um futuro eterno, que vos abre as portas da evolução.

Após milênios e milênios, não sereis mais as crianças de hoje, e alcançareis formas de consciência que hoje nem sequer sabeis imaginar. Mostrei-vos o destino e o tormento dos grandes que vos precederam na jornada. Eles vos dizem o que será o homem amanhã. *Não podeis parar*. Vimos o funcionamento orgânico da grande máquina do universo em seus aspectos, nas fases de seu devenir. É um movimento imenso e tendes que funcionar como parte do grande organismo.

Uma grande atração governa o universo por inteiro: Amor. Ele canta na arquitetura das linhas, na sinfonia das forças, nas correspon-dências dos conceitos, sempre presente. Chama-se atração e coesão no nível da matéria; impulso e transmissão no nível energia; impulso de vida e de ascensão no nível espírito. É a harmonia na ordem cinética, em que reside nossa respiração e a respiração do universo. Ousamos desvelar o mistério e olhar sem véus a Lei, que é o pensamento de Deus. Em todos os campos vimos os momentos desse conceito que governa tudo. Que os bons não tenham medo de conhecer a verdade.

O quadro está ultimado, a visão é completa. Dei-vos um conceito da Divindade muito menos antropomórfico, muito mais transparente em sua íntima essência, muito mais purificado das reduções feitas pela representação humana; um conceito mais luminoso, adequado à vossa alma moderna mais amadurecida. Assim o mistério pode emergir em termos de ciência e de razão, saindo dos véus do símbolo. Caminhamos do mineral ao gênio, para contemplar a vitória do homem; choramos e ansiamos com ele na cansativa conquista do bem contra o mal, no caminho de sua ascensão. Ouvimos uma sinfonia grandiosa, em que, da matéria ao espírito, tudo canta o hino da vida. Oramos em sintonia com todas as criaturas irmãs. A concepção move-se no infinito. Os únicos limites que vos dei são os impostos pelo vosso concebível. Nosso estudo foi a adoração da Divindade.

Dei-vos uma verdade universal e progressiva, em que podem coordenar-se todas as verdades relativas. Dei-vos conclusões que não se podem negar, sem negar toda a ciência, todo o universo. A premissa é gigantesca; não pode ser abalada. Cada palavra é um apelo à vossa racionalidade, não podeis negá-la. Sempre afirmei, muito mais do que neguei. O ponto de partida desse organismo conceptual não é egocêntrico nem antropomorfico, mas implica, em sua gênese, numa transferência para fora de vosso plano de concepção. Conclamei-vos às grandes verdades do espírito; recompletei vossa vida dividida ao meio pelo materialismo; restituí-vos como cidadãos eternos ao infinito. A ciência tem grande responsabilidade: ter destruído a fé sem saber reedificá-la. Com seus próprios meios, ergui-vos até a Síntese; dei-vos uma ética racional baseada em vastíssima plataforma científica. Dei ao supersensório um peso real objetivo. Mostrei-vos a realidade que está além da ilusão, a substância que reside no transitório, o absoluto que existe nas modificações do relativo. Ergui a ciência até a demonstração das verdades metafísicas. Reuni os extremos inconciliáveis, a matéria e o espírito, equilibrando e fundindo num só plano de trabalho a Terra e o céu. Encaminhei o homem à sua futura consciência cósmica. No âmago de meu pensamento, sempre se moveu a visão da lei de Deus.

Não podeis negar neste escrito, em que se agitam todas as esperanças e todas as dores humanas, uma palpitação de vida substancial; não podeis deixar de sentir, por trás da demonstração objetiva, uma paixão pelo bem, uma sinceridade absoluta, uma potência de espírito que vivifica tudo. Este escrito possui uma alma que lhe dá vitalidade. Podereis negar ou discutir nele o supranormal. Mas este é *normal* em *todas* as outras criações de pensamento, normal nelas é a inspiração, sem a qual não se atingem as verdades eternas; normal a intuição super-racional. É normal um abismo de mistério na consciência, da qual nada sabeis. Cada alma vibrará e responderá de acordo com sua capacidade de vibrar e responder.

Aqui fala também o coração, exortando-vos a subir. Aqui reside imenso amor pelos homens, como Cristo sentiu na cruz; há um desejo violento de beneficiar, iluminando. Este livro quer ser um ato de bondade e de bem, num plano vastíssimo. Na férrea racionalidade está contido o ímpeto de uma alma que vê o futuro e sabe que a tempestade vos espera. Compreender é simples e

natural na fase intuitiva. Só aceitei a ciência, as pesquisas, a racionalidade, como um meio que vossa psicologia me impôs. A quem queira atacar esta doutrina para demoli-la, vou a seu encontro de braços abertos, para dizer-lhes: és meu irmão, só isto importa de verdade. Eu sei: estes conceitos estão afastados do mundo feito de mentira e de desconfiança, que vos parecem inaceitáveis e inconcebíveis. Mas minha linguagem precisa ser substancialmente diferente.

Este constitui um apelo desesperado de sabedoria, para o mundo. No coração dos homens e de seus sistemas, domina o egoísmo e a violência; não o bem, mas o mal. A civilização moderna lança as sementes com grande velocidade e aguarda a produção intensiva de sua dor futura. Será a dor de todos. Poderá tornar-se maré demolidora que destruirá a civilização. Os meios estão prontos para que hoje um incêndio se alastre por todo o mundo. Falei aos povos e aos chefes, religiosos e civis, em público e em particular. Depois da conciliação política entre Estado e Igreja, na Itália, urge esta conciliação maior, espiritual, entre ciência e fé no mundo. Se um princípio coordenador não organizar a sociedade humana, esta se desagregará no choque dos egoísmos.

Falei num momento crítico, numa curva da história, na aurora de nova civilização. Podereis não ouvir e não compreender, mas não podereis mudar a Lei. Se a civilização, agora, tem bases muito mais amplas que nos tempos do império romano e não é mais um simples foco num mundo desconhecido, ainda existem enormes desníveis de civilidade, de cultura e de riqueza. A Lei leva ao nivelamento e à compensação. Enquanto houver um só bárbaro na Terra, ele tenderá a rebaixar a civilização ao seu próprio nível, invadir e destruir, para aprender. As raças inferiores depressa desfarão a sua impressão sobre superioridade técnica européia; dela se apossarão para pular à garganta do velho patrão.

A todas as crenças, digo: o que é divino, permanecerá; o que é humano, cairá; qualquer afirmação temporal é uma perda espiritual; cada vitória na Terra é uma derrota no céu. Evitai os absolutismos e preferi o caminho da bondade. Não se aplica a imposição ao pensamento, a força não o atinge e produz afastamento. Dai exemplo de desapego das coisas da Terra. Vossas verdades relativas são apenas pontos de vista progressivos e diferentes do mesmo Princípio único. O futuro não consistirá na exclusão recíproca, mas na coordenação de vossas aproximações da verdade. Não discutais, a convicção não se impõe com ameaças, mas difunde-se com o exemplo e com o amor.

À ciência digo que, enquanto não for fecundada pelo amor evangélico, será uma ciência de inferno. Inútil é o progresso mecânico que faz da Terra um jardim, se nesse jardim morar uma fera. A Terra é um inferno porque vós sois demônios. Tornai-vos anjos e a Terra será um paraíso.

Não temam os justos e os aflitos que olham, tremendo, a algazarra humana que busca glória, riqueza e prazer, porque se esta, por um momento, vence e goza, a Lei está vigilante, "Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados". Digo-vos: jamais agridais, não sejais vós os agentes de vossa justiça, mas a Divindade; *perdoai*. Fazei *sempre o bem e o fareis a vós mesmos*; deixai a reação à Lei, não vos prendais ao ofensor com a vingança. Não espalheis jamais pensamentos, palavras, atos de destruição; não movimenteis as forças negativas da demolição, pois, de retorno, elas cairão sobre vós mesmos. Sede sempre construtivos. Em qualquer campo, seja vossa preocupação em apenas *criar e jamais demolir;* nada possui tanta força demolidora quanto um organismo completo em função. O velho cai por si, sem lutas de reação, porque todas as correntes da vida se precipitam para as novas formas.

Não vos rebeleis, mas aceitai *todo* o trabalho que vosso destino vos oferece. Este já é perfeito e contém todas as provas adequadas, mesmo se pequenas. Se é assim, não procureis alhures grandiosos heroísmos. Os pequenos pesos que se suportam por muito tempo, representam muitas vezes um esforço, uma paciência, uma utilidade maior. As provas implicam no trabalho lento de sua assimilação; a construção do espírito tem de ser executada em cada minúcia; a vida é toda vivida momento a momento, a cada instante há um ato e um fato que se liga à eternidade. Lembrai-vos de que o destino não é malvado, mas sempre justo, mesmo se as provas são pesadas. Recordai-vos de que jamais se sofre em vão, pois a dor esculpe a alma. A lei do próprio destino obedece a equilíbrios profundos e é inútil rebelar-se. Há dores que parecem matar, mas jamais se apresentam sem esperança; nunca sereis onerados acima de vossas forças. A reação das inexauríveis potências da alma é proporcional ao assalto. Tende fé, ainda que o céu esteja negro, o horizonte fechado e tudo pareça acabado, porque lá sempre está à espera uma força que vos fará ressurgir. O abandono e sua sensação fazem parte da prova, porque só assim podereis aprender a voar com as próprias asas. Mesmo quando dormis ou ignorais, o destino vela e sabe: é uma força sempre ativa na preparação de vosso amanhã, que contém as mais ilimitadas possi-bilidades.

Esses ideais foram ensinados na Terra. Mártires morreram por eles. Mas, o que não foi explorado pela hipocrisia do homem? Às vezes, os ideais, para serem divulgados, utilizam justamente esta sua capacidade de sofrer a exploração, tal como o fruto que se deixa devorar para que a semente seja levada para longe. Há a classe dos construtores e há a classe dos demolidores; dos parasitas que, pela mentira, operam uma contínua degradação de todos os valores espirituais. Há quem construa à custa de tormentosos esforços e há quem utilize para si, pendurando-se como peso morto, para baixar tudo ao próprio nível. Um é espírito que vivifica, outro é matéria que sufoca. O princípio puro, então infecciona-se, adquire sabor de mentira: processo de degradação de ideais. Ai dos culpados, dos demolidores do esforço dos mártires! Ai de quem faz da missão uma profissão e coloca o espírito como base de poder humano! Ai de quem mente e induz a mentir; de quem com o abuso, induza ao abuso; de quem dando exemplo de injustiça bem sucedida, proponha-a como uma norma de vida! Realizada uma ação, não podeis mais anulá-la até que se esgotem e sejam reabsorvidos seus efeitos. Ai da sociedade que deixar esquecidos seus melhores elementos, não os colocando na posição que possam render em vista de seus merecimentos, e abandona seus valores mais altos à apatia e à incompreensão. São inúteis os reconhecimentos póstumos e tardio o remorso por um tesouro perdido. Ai das religiões que não cumprirem sua tarefa de salvar os valores espirituais do mundo! O espírito não pode morrer e ressurgirá alhures, fora delas. Ai dos dirigentes que não obedecerem ao Alto e não atenderem à voz da justiça que reside na própria consciência! Ai de quem desperdiçar seu tempo e não fizer de sua vida u'a missão!

Um julgamento final vos aguarda a *todos*, não por obra de um Deus exterior a vós, a quem se possa enganar ou enternecer. Ele é uma lei onipresente no espaço e no tempo cuja reação não há distância nem demora que possa deter, de quem não se escapa, porque está dentro de vós e de todas as coisas. Pode evitar-se ou enganar a lei da gravidade? Assim não se evita nem se engana a reação da Lei, a justiça divina.

Deixo-vos. Minha última palavra a quem sofre. Esse é grande na Terra, porque regressa a Deus. Destruí a dor e destruireis a vós mesmos, “Felizes os que choram, porque serão consolados”. Não temais a morte, que vos liberta. Vós e vossas obras, tudo é indestrutível por toda a eternidade. Minha última palavra é de amor, de paz, de perdão, *para todos*.

Minha obra está terminada. Se durante anos e anos, uma humanidade diferente, muito maior e melhor, olhando para trás, pesquisar esta semente lançada com muita antecipação para ser logo fecundada e compreendida, admirando-se como tenha sido possível adiantar-se aos tempos, tenha ela um pensamento de gratidão para o ser humano que, sozinho e desconhecido, realizou este trabalho, por meio de seu amor e de seu martírio.

A sinfonia está escrita. O cântico emudece, para ressurgir em outras formas, noutros lugares. A voz apaga-se. O pensamento se afasta de sua manifestação exterior, na profundeza, para seu centro, no infinito.

NOTAS DE RODAPÉ

1 - V. o volume *Grandes Mensagens*. (1.1)
2 - Para compreender esse estilo incomum, é necessário conhecer a técnica da gênese deste pensamento, mediante a leitura de outros volumes, os primeiros, pertencentes à obra. (1.7)
3 - Desse especialíssimo método de pesquisa, aqui apenas delineado, os volumes *As Noúres* e *Ascese Mística* tratam a fundo. (2.1)
4 - Para o desenvolvimento destes conceitos, vejam-se os volumes:
***As Noúres, Ascese Mística, A Nova Civilização do Terceiro Milênio* e *Problemas do Futuro*. (3.6)**
5 - Este conceito de nova civilização, várias vezes repetido nesta obra, desenvolveu-se, mais tarde, no volume: *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. (6.8)
6 - Estas páginas foram escritas em 1932. (8.11)
7 - Não confudir com os símbolos adotados neste tratado α = espírito; β = energia; γ = matéria (18.4)
8 - Esse problema do método é aprofundado no volume *Ascese Mística*— parte I: "O Fenômeno". (31.6)
9 - Um estudo mais particularizado e profundo desta fase foi experimentalmente continuado no volume *Ascese Mística* - "O Superconsciente" (37.11)
10 - V. o volume: *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. (42.1)
11 - Entropia, ou seja, nivelamento, para o qual parece tenderem todos os fe- nômenos. Assim compreende-se o que para os físicos é um enigma. Eles ob-servaram o fenômeno e acreditam que continuará e terminará num nivela-mento universal de todos os fenômenos, ao passo que aqui vemos que sucede diversamente. (Isto foi aprofundado no volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio* - Cap. XXV: "O Universal Dualismo Fenomênico"). (48.14)
12 - Reveja a trajetória típica dos movimentos fenomênicos, no capítulo 26 (53.6)
13 - Para um estudo mais particular do problema, ver *Ascese Mística*, Cap. XIX, "O Subconsciente" e Cap. XX, "O Superconsciente". Veja também os últi-mos capítulos sobre a "Personalidade Humana", em *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. (65.3)
14 - O Problema da Hereditariedade foi desenvolvido no volume *A Nova Civili-zação do Terceiro Milênio* (cap 27 e 28). (73.2)
15 - Para análise dos primeiros planos deste universo trifásico, v. *Ascese Mística*. (85.2)
16 - O problema da divina providência é estudado mais particularmente no volu-me *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*, cap. 11 - "A Economia do Evoluído". (87.6)

ÍNDICE REMISSIVO

(Foi pesquizado por capítulo e parágrafo)

A

29.6 - O *absoluto* só pode ser um infinito, porque...
1.11 - Uma verdadeira transfusão da *alma*...
1.12 - Abrir as portas de vossa *alma*...
1.12 - Para Compreender é necessário que possuís uma *alma*...
6.4 - É verdadeiramente a grande viagem da *alma*...
41.4 - *Alma*, alma, centelha *divina*...
41.4 - A *alma* tem suas necessidades...
41.4 - Cada *alma* esconde dentro de si uma sombra secreta...
41.4 - A *alma* não se sacia, embalando o corpo em comodidades...
41.5 - Falo, em tom de paixão, para as *almas* prontas e ardentes...
41.6 - Quem não sentir essa centelha que se comunica de *alma* para alma...
42.10 - Se vós, *almas* sedentas de ação exterior, de movimento...
44.3 - A *alma* humana entre uma *ciência* utilitária...
60.8 - A *alma* quer a sua alegria, sua propriedade, fruto de seu trabalho...
60.9 - É triste o choro da *alma* que se vê iludida em sua maior necessidade...
67.1 - *Alma* cansada, abatida na margem da estrada...
67.7 - Ora assim, ó *alma* cansada: bendito sejas, sobretudo pela irmã dor...
67.8 - Responde, ó *alma*, ao imenso amplexo e verdadeiramente sentirás Deus...
72.5 - Muitas *almas* saíram purificadas da maceração de um corpo doente...
73.9 - Muitas vezes a *alma* escolhe o lugar e o tempo para nascer...
81.9 - Levanta-te ó *alma*, tua *dor* está vencida...
DESP.2 - A *alma* coletiva dos povos sente mais pela intuição do que pela razão...
1.9 - O *Alto* que vos é invisível...
89.6 - *Altruísmo* é progressivo, compreensão e ascensão da vida...
50.7 - Pai, *amo*-te, mesmo quando tua respiração é dor...
1.12 - Ignoraram o grande princípio do *Amor*...
42.3 - O *Amor* que só existe no mundo em oásis fechados...
42.6 - Minha meta é a compreensão de uma lei mais alta, lei de *amor*...
61.5 - A fome e o *amor* são uma linguagem comum a todos seres vivos...
82.1 - *Amor*, impulso fundamental da vida...
82.2 - *Amor* no mundo animal é função prevalentemente orgânica...
82.2 - *Amor* no mundo humano adquire funções de ordem nervosa e psíquica...

82.2 - *Amor* no mundo super-humano é místico e divino...
82.4 - As formas de *amor* se elevam gradualmente...
82.5 - A função do *amor* é criar, conservar, proteger...
10.7 - Ao assaltardes o íntimo equilíbrio do sistema *atômico*...
100.1 - A *arte* é espírito, apaga-se quando o espírito adormece...
100.4 - A grandeza da *arte* é proporcional à potência do *pensamento*...
100.4 - O progresso da *arte* reside em manifestação a beleza do pensamento divino da Lei...
100.6 - A *arte* busca a unificação em todos os seus aspectos...
100.6 - As *artes* serão uma oração, um anelo do espírito que se eleva para chegar a Deus...
100.7 - Vossa *arte* futura será sadia, educadora, descida de *Deus*, para elevar a *Deus*...
100.7 - A *arte* se apodera da *ciência*...
100.7 - O futuro da *arte* está na expressão do imponderável...
100.10 - A *arte*, no futuro, será o altar das ascensões humanas...
100.10 - A *arte* será a oração que leve a criatura ao criador...
14.3 - Entre os sólidos, existem os corpos de peso *atômico* máximo
16.3 - Tomando o peso *atômico* como índice...
16.3 - Verificaremos que a série de pesos *atômicos*...
16.6 - É possível fazer um gráfico do peso *atômico* em função de volume atômico...
12.3 - O *átomo* é uma coletividade decomponível...
12.3 - O *átomo* é composto de um ou mais elétrons que giram...
13.3 - O *átomo* representa uma enorme quantidade de energia...
29.18 - A respiração do *átomo* é dada pela respiração do *universo*...
29.18 - A respiração do universo é dada pela respiração do *átomo*...
55.5 - Os *automatismos* se transformam em *instintos*...

C

40.9 - Do princípio de *causalidade* passa-se ao de continuidade...
40.14 - A lei de *causalidade* se manifesta...
73.6 - Tudo obedece a lei de *causalidade*, lei íntima, invisível e inviolável...
8.12 - Vosso *ciclo* físico-dínamo-psiquismo, pode ser $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$
1.4 - Vossa *ciência* lançou-se...
1.5 - Eis a Síntese de vossa *ciência*...
1.6 - Vossa *ciência* arrisca-se...
1.7 - A tarefa da *ciência* não pode...
1.7 - A *ciência* pela *ciência*...
1.12 - A *ciência* ri de tudo isso...
3.2 - Mostra-vos as grandes descobertas que fará a *ciência*...
4.4 - Vossa *ciência* corre atrás de vossas sensações...
5.3 - A *ciência* tão enceguecida de orgulho...
6.4 - Cada novo horizonte, que a razão e a *ciência*...
6.8 - *Ciência* nova, conduzida pelos caminhos do Amor...
8.2 - A *ciência* observa, supõe um princípio...
8.2 - Minha *ciência* não é como a vossa...
8.2 - Lembrai-vos que a verdadeira *ciência*...
9.11 - Quando vossa *ciência* observa os fenômenos da *criação*.
20.1 - Vossa *ciência* possui vícios de base e defeitos orgânicos...
20.3 - Meu sistema não descuida a *ciência*...
41.4 - Vossa *ciência*, muitas vezes mera presunção...
42.16 - A *ciência* ignorou a ascensão do *homem* para os mais altos destinos...
43.3 - A *ciência* que aplica o ouvido para ser resolvido...
43.5 - O futuro da *ciência* reside no mundo mais sutil...
43.5 - A verdadeira *ciência* não consiste num fato exterior...
68.14 - A inteligência e a *ciência*, dominando as forças naturais...
DESP.3 - Nesta síntese: *ciência*, *filosofia* e *fé* são uma só coisa...
DESP.7 - O mistério emergiu da *ciência* e da razão, saiu da simbologia...
DESP.10 - Só aceitei a *ciência*, as pesquisas, a racionalidade, porque vossa psicologia ...
2.3 - O estudo das *ciências* psíquicas...
10.5 - Com a nova *civilização* mundial, a humanidade viverá...
26.9 - Cada *civilização*, depois de uma juventude conquistadora...
26.9 - Cada *civilização* é um produto espiritual coletivo...
59.14 - Enquanto alvorece a nova *civilização* do Terceiro Milênio...
26.9 - Todo o sistema de ciclos de *civilizações* caminha...
92.4 - Com a evolução o hedonismo ascende ao *colaboracionismo*...
92.2 - O princípio *colaboracionista* é contrário à premissa hedonista...
92.11 - A inconsciência egoísta evolui à consciência *colaboracionista*...
94.1 - Indico-vos as bases da nova economia *colaboracionista*...
2.2 - Há tantas coisas que afloram em vossa *consciência*...
2.2 - Esse Eu exterior, essa *consciência* clara...
2.2 - *Consciência* exterior clara e *consciência* interior latente...
2.2 - Quando a *consciência* latente tiver-se tornado clara...
3.1 - Se vossa *consciência*...
4.1 - Pode chamar-se *consciência* latente...
4.3 - Na profundidade, encontraremos a *consciência* latente...
4.4 - Vossa *consciência* latente é vossa verdadeira alma eterna...
4.5 - Acenei a essa *consciência* interior...
4.5 - Estados profundos de *consciência* podem chamar-se de *intuição*...
4.5 - A *consciência* interior é a base da *mediunidade* inspirativa, ativa e consciente...

4.6 - Vossa *consciência* humana é órgão exterior...
6.6 - A *consciência* coletiva se fundirá...
6.6 - Eu lanço a semente de uma *consciência* universal...
6.8 - Para ajudar nascer em vós esta nova *consciência*...
16.1 - Quando vossa *consciência* tiver encontrado meios para agir...
26.8 - A *consciência* dobra-se sobre si mesma...
26.8 - A *consciência* refaz-se sobre o passado, reconcentra-se...
29.6 - Vosso concebível é restrito dentro dos limites de vossa *consciência*...
29.16 - O progresso de vossa *consciência* vive pelo concurso...
32.1 - Minha *consciência* volumétrica...
34.5 - Vossa *consciência* representa uma fase...
40.10 - O que desperta uma idéia em vossa *consciência* é a presença...
37.1 - Em β tem-se uma *consciência* própria, linear...
37.2 - Em α tem-se uma *consciência* mais completa...
37.5 - Vossa *consciência* é segunda dimensão...
45.4 - Em sua própria *consciência*, fala a grande Lei...
53.6 - A *consciência*, que hoje é de superfície analítica...
61.10 - O equilíbrio na *consciência* animal é mais mecânico...
64.2 - A *consciência* não cria a vida, nem a vida cria a consciência...
64.4 - De um a outro extremo da vida a *consciência* está presente...
64.5 - A *consciência* orgânica tornar-se-á inteligência orgânica...
65.3 - O *consciente* compreende somente a fase ativa...
68.8 - No animal, *consciência* e racionalidade são primitivos...
74.9 - A *consciência* é conquista, é prêmio aos imensos esforços...
79.2 - A fase *consciência* alcançada é a matriz de todas as construções futuras...
83.7 - A *consciência* de encontrar-se na posição que a Lei lhe determinou...
89.3 - A *consciência* coletiva é uma força, a força do *homem* civilizado...
98.7 - A *consciência* colaboracionista vê no trabalho a idéia de função e na vida a de missão...
4.7 - Quem consegue ser consciente também no *consciente* latente...
66.8 - Pela evolução ocorre um deslocamento contínuo da zona *consciente*...
29.2 - Das *consciências* individuais vedes nascer as consciências coletivas...
26.9 - No campo das *consciências* coletivas...
6.4 - Viagem da *criatura* que regressa a seu Criador...
23.6 - Cada ciclo representa o que chamais *criação*...
23.6 - Tomamos a *criação* como unidade de medida de tempo...
25.2 - O primeiro período fenomênico que representa a *criação*...
25.4 - A cada *criação*, surge o *universo* físico, depois...
26.5 - Toda a *criação* é feita e funciona por meio de germes...
29.12 - A cada momento ocorre a *criação*...
50.3 - Minha voz se funde no canto imenso de toda a *criação*...
61.3 - Compreendei: uma *criação* exterior e antropomórfica é absurda...
63.4 - Podereis chamar *criação* a um período de transformismo...
67.2 - Diante da divina beleza da *criação*, aquieta-se a tempestade...
67.4 - Pára, escuta e ora. Abre os braços à *criação*...
67.6 - Canta conosco, canta com toda a *criação* o canto infinito do amor...
19.1 - Os *cristais* são sociedades moleculares, verdadeiros povos...

D

41.3 - Grande e trágico é o quadro de vossos *destinos*...
29.15 - O *determinismo* da matéria evolui para o livre-arbítrio...
66.12 - A lei do baixo mundo da matéria é *determinismo*...
77.1 - Cada ato pertence ao *determinismo* da *lei de causalidade*...
77.2 - Diante do *determinismo da Lei* está o poder do *livre-arbítrio*...
3.11 - A mão de *Deus* que vos alcança...
4.8 - É imensa a sinfonia que canta em louvor a *Deus*...
8.3 - *Deus* é a imensa alma que está no centro do universo...
9.13 - Seja *Deus* vossa mais alta aspiração...
9.13 - Nas profundezas do coração e do intelecto, *Deus* vos espera...
10.3 - *Deus* compreendido como espírito, α, é o ponto de partida...
11.1 - *Deus* está presente em cada manifestação...
30.1 - Vossa concepção de um *Deus* que cria fora e além de si...
30.2 - Seja *Deus* para vós uma direção, uma aspiração...
30.2 - Não procureis a *Deus* apenas sobre vós tornando-o concreto...
36.3 - *Deus* criou o movimento e deu impulso ao universo...
39.12 - *Deus* e diabo são os dois polos (+ e -) do dualismo...
42.15 - O novo reino é o esperado reino de *Deus*...
44.5 - A Lei de *Deus* prossegue acima das tempestades humanas...
44.5 - Nos grandes momentos só a mão de Deus vos guia...
50.1 - *Deus*, sempre presente no âmago das coisas...
50.11 - No ribombar da tempestade está *Deus*...
51.6 - *Deus* não é potência exterior, mas reside no íntimo das coisas...
60.9 - *Deus* vos quer trabalhando substancialmente...
63.4 - *Deus* é o absoluto e como tal não pode ter contrários...
63.5 - *Deus* é a grande força, o conceito que age no íntimo das coisas...
63.7 - Dizer que *Deus* é também o universo, não lhe diminui...
63.8 - *Deus* é um infinito, e a essência de Sua manifestação...
63.8 - *Deus* é o princípio e sua manifestação...

63.8 - *Deus* é conceito e matéria, princípio e forma, causa e efeito...
67.2 - Ouve como é repleta de harmonias a obra de *Deus*!...
67.2 - A visão das obras de *Deus* produz paz e esquecimento...
67.3 - Quando ruge a tempestade e a terra treme, uma voz te diz: *Deus*...
67.5 - *Deus* te afigura ainda maior do que em Seu poder de Criador...
67.5 - O novo *Deus* da Boa Nova do *Cristo* é bondade...
67.6 - Ora! Ora diante das imensas obras de *Deus*; diante da Terra, do mar, do céu...
96.5 - Ao pesquisar a causa de tudo, aproximais-vos do pensamento de *Deus*...
9.12 - Tudo a que vos disse é a máxima aproximação da *Divindade*...
9.13 - Não ouseis olhar a *Divindade* mais de perto...
9.13 - Não reduzais a *Divindade* a formas antropomórficas...
30.1 - Não queirais reduzir a *Divindade* aos limites de vossa razão...
30.2 - Não deveis medir a *Divindade* como medis a vós mesmos...
30.2 - Se a *Divindade* é um princípio que exorbita...
51.5 - A energia é o sopro *divino* que anima a matéria...
50.11 - Na alegria e na *dor*, na *vida* e na morte está *Deus*...
1.5 - A *dor* vos persegue...
59.11 - A *dor* tem uma função fundamental...
59.11 Só a *dor* sabe descer ao âmago das coisas e vereis que o mal...
67.6 - Tua *dor* passa e com ela sobes e fica o resultado...
76.9 - *Dor* é o efeito da reação da *Lei* violada...
81.1 - A *dor* tem uma função fundamental de equilíbrio...
81.5 - A *dor* faz a *evolução*, a *evolução* anula progressivamente a *dor*...
81.6 - A anulação da *dor* é feita corajosamente através da *dor*...
81.7 - No mundo super-humano, a *dor* perde o seu caráter...
86.2 - A concepção de *dor*-redenção é de grande ajuda moral...
86.9 - Há destinos de alegria e destino de *dor*...
DESP.16 - Há *dores* que parecem matar, jamais se apresentam sem esperança...
39.6 - A lei de *dualidade* a encontrais em toda parte...
39.6 - O *dualismo* corresponde a um princípio de equilíbrio...

E

18.3 - O estudo dos *elementos radioativos* mostra-nos...
8.9 - A *energia*, (β), é vontade , movimento, torna-se...
13.6 - Os corpos condutores de *energia* são aqueles...
13.6 - Aquecendo um corpo, transmitimos *energia* à *matéria*...
14.1 - Muitas nebulosas nascem por condensação de *energia*...
40.11 - O princípio de ordem é o de *equilíbrio*...
88.8 - A guerra é o estato de *equilíbrio* atual, não do futuro...
96.7 - Todos os desequilíbrios se recompõem num *equilíbrio* mais amplo...
1.9 - Falarei ao *espírito*...
1.12 - Essa comunicação interior entre *espírito* e *espírito*...
3.2 - É permitido a nós, *espíritos* sem corpo...
3.2 - O *espírito* está aí, a espera...
5.5 - Hoje, o *espírito* se encontra adormecido...
8.8 - O *espírito*, (α), é o princípio...
10.3 - a descoberta da realidade do *espírito* é a maior descoberta...
53.6 - O *espírito*, α, está na substância, esta é movimento...
66.12 - A lei do *espírito* é liberdade...
74.6 - Sobrevivência do *espírito* é sinônimo de *reencarnação*...
74.15 - O *espírito* vagueia depois da morte em outras dimensões...
79.4 - Amai o trabalho como disciplina do *espírito*, como escola de ascensão...
100.1 - Só no *espírito* reside a inspiração da arte...
96.3 - Minha concepção de *Estado* é biológica...
97.3 - O *Estado* deve ser colaboracionista além das funções econômicas e produtivas...
97.5 - O *Estado*, hoje, mais orgânico, progressivo...
97.6 - O *Estado* prosseguirá em sua evolução na criação de unidades coletivas humanas...
97.7 - A concepção biológica levará a um *Estado* cada vez mais unitário...
97.9 - O conceito de *Estado* está em contínuo transformismo...
97.15 - No *Estado* futuro o povo será o corpo e o cérebro central...
97.15 - O *Estado* moderno precisa demolir a psicologia do absenteísmo político...
98.2 - O *Estado* é o órgão base das ascensões humanas...
98.4 - O *Estado* não pode ser agnóstico, necessita de uma concepção ampla da *vida*...
98.5 - Cabe ao novo *Estado* o amadurecimento biológico do indivíduo...
98.5 - O poder de um novo *Estado* de alto conteúdo ético é uma força que fecunda...
98.6 - No *Estado* as anarquias econômicas têm de ser eliminadas...
98.7 - O *Estado* colaboracionista está situado no nível superior...
98.8 - Em seu seio o *Estado* eleva os cidadãos econômica e moralmente...
99.9 - O *Estado* é o organismo em que o chefe é cérebro e o povo as células...
99.11 - No *Estado* a medida do governo é dada pela grande consciência atingida...
90.16 - Com o choque de tantas guerras nascerá a *ética internacional*...
92.6 - A *ética* deve ser utilitária e colaboracionista...
2.2 - Aí está vosso verdadeiro e eterno *Eu*...
3.1 - Vosso *Eu* interno vos sugere...
40.15 - Não vos isolais em vosso pequeno *eu*...
50.5 - Adoro-te, recôndito *Eu* do universo, alma do todo...
55.5 - Desce ao âmago do *Eu*, aí se fixa em automatismo...

42.7 - Chegarei ao *Evangelho de Cristo* pelos caminhos da *ciência*...
42.8 - O *Evangelho* não é um absurdo psicológico...
61.13 - A lei do *Evangelho* não é um absurdo em vosso nível biológico...
80.2 - A lei futura estará alicerçada no *Evangelho* de Cristo...
86.4 - No alto, como farol luminoso, coloquei o espírito do *Evangelho*...
86.7 - O *Evangelho* é um caminho espinhoso...
91.1 - No *Evangelho* todas as divergências se harmonizam...
91.2 - Ao *Evangelho* só se pode chegar por sucessivas aproximações...
91.3 - Este mundo se vê da Terra, o *Evangelho* se vê do céu...
91.3 - No *Evangelho* o homem move-se em paz com a harmonia do universo...
91.4 - No *Evangelho* o caminho das virtudes está todo traçado...
91.4 - Os princípios do *Evangelho* organizam o mundo e criam as civilizações...
91.4 - O *Evangelho* é lei do paraíso transplantado para o inferno terrestre...
2.1 - O grande conceito que a ciência formou, a *evolução*...
4.8 - Em minhas palavras vereis esta grande idéia da *evolução*...
8.12 - Diante da grande caminhada que seguis está a palavra *evolução*...
17.2 - Enquanto a *evolução* não transcender à luz *nova maturação biológica*...
22.5 - Por *evolução* entendo o transformar-se da substância...
24.2 - A expressão mais simples do conceito de *evolução*...
26.5 - A *evolução* das espécies orgânicas não é retilínea...
26.5 - A lei é a mesma na *evolução* e involução dos universos...
26.10 - A *evolução* contém o significado mais profundo do *universo*...
27.2 - A *evolução* do conjunto só pode obter-se...
27.3 - Progresso e decadência cósmica se ressentem da *evolução*...
29.2 - Como a *evolução* é palingenesia, que leva do simples...
29.4 - A *evolução* vos prepara às superiores formas de *consciências*...
29.6 - A *evolução* corresponde a um conceito de libertação...
29.12 - A *evolução* é a íntima respiração em que vibra todo o universo...
34.2 - Ao conceito da *evolução* das dimensões, dilatando...
35.6 - Por *evolução*, passa-se de uma dimensão a outra...
35.6 - Do espaço ao tempo passa-se por *evolução*, como de γ a β...
36.1 - A dimensão do infinito é a *evolução*...
39.9 - A *evolução* é lei maior, nela se move a lei menor de dualidade...
45.1 - Em sua evolução, Moisés traçou o caminho da *evolução do ser*...
46.11 - Involução é concentração, *evolução* é expansão...
48.13 - A *evolução*, ao atingir o mais alto vértice da fase dinâmica...
51.3 - A vida na *evolução* do centro imaterial que anima suas formas...
52.1 - Vossa *evolução* atual está suspensa entre centro e periferia...
56.5 - Vede como a *evolução* da vida, em seu impulso interior...
61.8 - A *evolução* fixa, gradualmente, suas conquistas...
61.9 - O esforço da *evolução* realiza-se mediante uma seleção...
62.2 - *Evolução* biológica é, para nós, *evolução* psíquica...
62.3 - A *evolução* orgânica só pode ocorrer a partir da *evolução* psíquica...
69.2 - Não podeis observar a *evolução*, mas apenas as suas consequências...
70.7 - O essencial é observar a *evolução* das forças determinantes...
74.7 - A *evolução* não retrograda...
78.2 - *Evolução* deve ser o conceito basilar da tábua e valores éticos...
79.5 - Para além do repouso indispensável é culpa de lesa-*evolução*...
80.4 - As vias da *evolução* são também as vias de libertação...
80.8 - Não esquecer que a *evolução* não se força nem se usurpa...
85.9 - Com a *evolução* a potência *psíquica* se torna mais ampla...
88.1 - A *evolução* ao transformar o indivíduo, transforma...
88.1 - *Evolução* é ascensão, do homem e da coletividade...
88.3 - Na *evolução* do homem está a da coletividade...
88.9 - Por meio da *evolução* passa-se do egoísmo ao altruísmo...
89.1 - Na *evolução* social, o egoísmo terá de sofrer profundas modificações...
89.8 - As estradas do altruísmo são paralelas às da *evolução* moral...
90.14 - A escada da *evolução* só se sobe degrau por degrau...
91.1 - A *evolução* coletiva levará à lei social do Evangelho...
93.3 - A *evolução* criou valores diferentes porque os seres são diversos...
95.4 - A *evolução* avança e com ela seu esforço...
100.3 - Na *evolução* da *arte*, quanta riqueza de conceito...
DESP.4 - A *evolução* pulsando segundo o ritmo do tempo não pode...
57.6 - Ao *evoluir*, o princípio vorticoso se reforçará...
61.6 - *Evoluir* significa progredir na alegria do bem...
96.7 - A história vos mostra a técnica *evolutiva* de um *psiquismo* coletivo...

F

25.4 - Afastemo-nos dos aspectos particulares do *fenômeno*...
21.9 - Cada *fenômeno* tem uma lei e essa lei é um ciclo...
21.9 - Cada *fenômeno* existe enquanto se move...
22.7 - Por *fenômeno* entendo uma das infinitas formas...
25.2 - O *fenômeno* continua a desenvolver-se, obedecendo...
25.5 - A síntese mais ampla do *fenômeno* é a síntese cíclica...
25.4 - A trajetória típica dos movimentos *fenomênicos*...
26.5 - Cada *fenômeno* está, potencialmente, contido num germe...
29.1 - Observamos o *fenômeno* reduzido à sua...

50.3 - Diante das coisas supremas, dos *fenômenos* decisivos...
56.3 - O *fenômeno* da vida não é transitório, nem acidental...
96.5 - Cada *fenômeno* é expressão da *Lei*...
96.3 - Os *fenômenos* da vida os são *psíquicos*...
96.3 - Os *fenômenos* sociais são fenômenos biológicos...
5.3 - As *filosofias* são produtos individuais...
20.1 - *Filosofias* institutivas e *ciência* objetiva caminham por estradas opostas...

G

38.3 - *Gravitação* aqui tem um sentido mais amplo...
38.3 - A *gravitação* ou energia gravítica...
38.5 - A *gravitação* é relativa à velocidade de transformação...
42.3 - Não mais *guerra*, mas paz...

H

3.12 - Eu falo, ó *homem*, de vosso *destino*...
6.5 - É dar ao *homem* nova *consciência* cósmica...
6.6 - O *homem*, rei da vida no planeta *Terra*...
11.6 - O *homem* é feito à imagem e semelhança de *Deus*...
17.2 - Os grandes saltos para frente foram dados pelo *homem*, por intuição...
42.9 - O *homem* de hoje deve colocar sua alma diante de *Deus*...
44.4 - O *homem* esqueceu a beleza e a paz das grandes verdades...
44.4 - O *homem* recaiu sobre a terra, sem asas...
50.10 - O *homem* Te busca na ciência, invoca-Te na dor...
61.11 - O *homem* oscila entre dois mundos: o mundo animal... e o superior...
64.8 - O *homem* resume em si todas as *consciências*...
65.8 - No *homem* há o *instinto* animal e a formação de novos instintos...
65.9 - Entre a planta, o animal e o *homem* só existe a diferença...
66.5 - A vida do *homem* se concentra cada vez mais na função...
66.14 - Quando o *homem* age como espírito é perfeitamente livre...
66.14 - O *homem* é determinismo enquanto na matéria...
68.13 - O horror que o *homem* experimenta pelas formas ferozes e agressivas da vida...
75.2 - Olhemos o *homem* como indivíduo e como coletividade...
75.7 - O *homem* é o artífice de seu destino...
80.3 - O *homem* deve conquistar o poder dentro de si, o domínio do *espírito*...
87.2 - O *homem* se comporta como se estivesse só, isolado no tempo e no espaço...
87.4 - O *homem* só pode existir imerso na grande Lei divina...
89.8 - No *homem* o instinto coletivo ainda está em formação...
90.10 - O *Homem* pensa mandar e, no entanto, obedece sempre...
90.11 - No *homem*, luta material é supremacia do mais forte...
90.11 - No *homem*, luta nervosa e volitiva é supremacia do poder e da vontade...
90.11 - No *homem*, luta espiritual é, supremacia do espírito...
90.17 - O grande inimigo do *homem*: os baixos instintos a serem superados...
92.5 - O *homem* deve aprender a manejar as forças da vida...
94.2 - Enquanto o *homem* não passar da fase hedonística à *colaboracionista*...
DESP. 7 - Caminhamos do mineral ao gênio, para contemplar a vitória do homem...
98.7 - O *homem* futuro, nesse novo *Estado*, não será simples máquina de fabricar dinheiro...
93.3 - O erro fundamental é acreditar que todos os *homens* são iguais...
42.13 - Sereis *homens* novos, somente se usardes métodos novos...
10.5 - Até agora a *humanidade* viveu num mundo de *matéria*...
84.4 - A *humanidade* caminha lenta, debaixo do esforço da própria evolução...

I

1.2 - Vosso século possuiu e desenvolveu a *idéia*...
3.4 - As grandes *idéias* que movem...
5.6 - Vós, a cada momento, superais vossas *idéias*...
6.8 - Ascensão é a *idéia* dominante...
28.4 - A *Individuação* fenomênica não mais assume...
15.8 - Os corpos químicos têm, cada um deles, sua própria *individualidade*...
15.8- A química delineia o modo de comportar-se dos *indivíduos* químicos...
29.5 - Embaixo estão as trevas, a ignorância... o *inferno*...
1.9 - Reabrirei aquela estrada no *infinito*...
22.11 - Certamente compreendeis que *infinito* só pode ser...
29.6 - Só um *infinito* pode conter todas as possibilidades do ser...
64.4 - No *instinto*, a assimilação está terminada...
64.4 - O *instinto* é tenaz e sábio, existe por hereditariedade...
65.6 - No *instinto*, a sabedoria foi conquistada...
66.1 - Existem zonas mais profundas, as dos *instintos* mais estáveis...
69.5 - O *instinto* tem previdências incríveis, sobretudo em seres primitivos...
1.1 - Falo à *inteligência*, à razão, à ciência...
3.2 - Sede *inteligente* no mesmo grau de vossa *ciência*...
2.1 - Não vos assustei com a *intuição*...
17.2- Quando os problemas científicos forem enfrentados por *intuição*...
39.3 - A humanidade sentiu, por *intuição*, o princípio da *trindade*...

J

93.4 - Não confundais igualdade com *justiça*...
93.5 - Há sempre uma *justiça* substancial...

L

1.5 - Existe uma *Lei* invisível...
7.7 - Nessa *Lei* tendes sempre confiança...
7.8 - Essa *Lei* é ordem...
7.9 - Não confundais a ordem e a presença da *Lei*...
8.1 - A *Lei*. Essa idéia central do universo...
8.3 - A *Lei* é *Deus*...
26.8 - A *lei cíclica* também se repete no campo da consciência...
26.9 - Todos vivem a mesma *lei*: indivíduos, famílias, classes, povos, *humanidades*...
43.5 - Na *Lei* nenhuma desordem é permitida...
45.4 - A *Lei* disciplina, instantaneamente, toda forma dinâmica...
60.5 - A necessidade de evoluir, imposta pela *Lei*, está gravada...
60.8 - A *Lei* distribui alegrias e dores acima de vossas partilhas...
61.7 - A *Lei* contém todos os elementos do desenvolvimento futuro...
69.5 - A *Lei* é sábia e alcansa seus objetivos...
88.11 - A concepção da *Lei* evolui na consciência de cada um...
93.5 - O equilíbrio espontâneo da *Lei* é a justiça substancial...
95.6 - O progresso justifica, na ordem da *Lei*, a desordem...
96.12 - A *Lei* domina soberana os acontecimentos humanos...
99.2 - A grande *Lei* amadurece tudo com perfeita harmonia para metas jamais aleatórias...
DESP.6 - Ousemos desvelar o mistério e olhar sem véus a *Lei*, *o pensamento de Deus*...
DESP.12 - Podereis não ouvir nem compreender, mas não podereis mudar a *Lei*...
3.8 - As *leis de Deus* são imutáveis...
7.7 - Também o campo moral e espiritual tem mais *leis*...
29.5 - No alto está a luz, o conhecimento, a *liberdade*, a *justiça*...
29.14 - A *liberdade* preludia a fase +X, em que a *consciência* humana...
66.15 - O *livre-arbítrio*, novo equilíbrio mais ágil e imutável...
66.16 - O *livre-arbítrio* é relativo, evolui com a consciência...
42.5 - Em vosso século a *luta* não é mais de corpos...

M

59.12 - Olhai no âmago das coisas e vereis que o *mal* sempre...
1.12 - Ignoraram que a *matéria*... pelo *espírito*...
8.9 - A *matéria* (γ) se desmaterializa, desagrega-se...
12.6 - Nesta pesquisa, dirigida para o ângulo da *matéria*...
13.1 - O problema do nascimento e morte da *matéria*...
13.2 - A *matéria* é uma forma de energia, um modo de ser da *substância*...
13.3 - A *matéria* nasce, vive e morre, para renascer...
13.3 - Assistimos ao fenômeno de desagregação da *matéria*...
13.6 - *Matéria* e *energia* são duas formas da mesma substância...
14.2 - A energia permeia toda a *matéria*, agitando-a...
15.1 - A *matéria* na série das individuações...
18.2 - A *matéria*, como *matéria*, é destrutível não como substância...
18.8 - A *matéria* de vosso *sistema solar*, com sua tendência...
18.8 - A morte da *matéria*, explosão atômica, acontecerá quando a matéria...
20.2 - Eis a grande realidade da *matéria* que a ciência...
20.3 - A *matéria* sideral nasce e morre, aparece e desaparece...
26.3 - A *matéria* é um vórtice centrífugo de expansão...
26.4 - No universo da matéria, γ, encontrais a linha...
29.2 - As fases *matéria*, energia, espírito formam o *universo*...
32.6 - A *matéria*, pela lei das unidades coletivas...
32.10 - Existe um processo paralelo de maturação da *matéria*...
33.3 - A *matéria* nasce no centro da via láctea e morre na periferia...
37.12 - Morrerá o espaço com a *matéria*, o tempo com a energia, a *relatividade* com ...
45.2 - A *matéria* despertou de sua longa e silenciosa maturação...
45.3 - A *matéria* foi permeada de nova *vibração*...
46.2 - A transformação da *matéria* para energia não é mais hipótese...
46.4 - Em sua íntima estrutura atômica, a *matéria* é um edifício de...
46.5 - No princípio havia movimento e este se concentrou na sua *matéria*...
46.5 - Da *matéria* nasceu a energia e da energia emergirá o espírito...
47.6 - Como na desintegração atômica, a *matéria* se desloca em mais altas formas...
49.3 - A *matéria* que viveu e não tem mais vida própria...
51.2 - A *matéria* vos deu o princípio estático da forma...
51.6 - O grande hábito que move e vivifica a *matéria* cósmica...
53.6 - A *matéria* se desmaterializará e sua forma atômica...
58.7 - A química de equilíbrio estável da *matéria*, transformou-se...
58.14 - A *matéria* recebera o sopro divino, agora tinha de viver...
64.6 - Desde as primeiras formas, a *matéria* viva possui...

66.16 - Na *matéria*, existe escravidão, no *espírito* a libertação...
68.8 - No transformismo da *matéria* nada se destrói...
74.2 - A *matéria* abandonada torna a descer a um nível inferior...
3.5 - O próprio *materialismo* teve de proferir a palavra *evolução*...
3.5 - A Intuição é o mais alto grau de *mediunidade*...
3.5 - São eles os *médiuns* espirituais, verdadeiros instrumentos receptores...
3.6 - Muitos *médiuns* ouvem com novo sentido de condição psíquica...
11.3 - O *microcosmo* está construído sobre o *macrocosmo*...
1.12 - A vida irmana todos os seres, desde o *mineral* até o *homem*...
2.1 - Para compreender o *mistério* que existe nas coisas...
6.2 - Penetro, resumo e aperto num *monismo* absoluto...
6.3 - A isto podeis chamar de *monismo*...
6.3 - Do politeísmo passasteis ao monoteísmo, agora passais ao *monismo*...
6.3 - Do politeísmo, ao monoteísmo e ao *monismo*, dilata-se...
31.4 - As minhas argumentações convergem para o *monismo*...
39.5 O *monismo* é dualidade, é dualista em seu íntimo transformismo...
DESP.4 - A cada hora se *morre*, e se renasce sempre como filho de vós mesmos...
1.8 - Ensinar-vos-ei vencer a *morte*...
56.3 - A *morte* é efeito de rápida sucessão, que jamais pára, no dinamismo do sistema...
56.3 - A própria *morte* é sinônimo de renovação...
96.7 - Há o ciclo do nascimento e da *morte* das civilizações...
56.4 - Sem dúvida, o *movimento vorticoso* ...
9.1 - Os dois *movimentos* $\alpha\rightarrow\beta\rightarrow\gamma$ e $\gamma\rightarrow\beta\rightarrow\alpha$ coexistem...
22.1 - A trajetória típica dos *movimentos* fenomênicos...
28.2 - No nível físico vedes, nos *movimentos* estelares...
29.10 - A lei da trajetória dos *movimentos* fenomênicos é a lei da *evolução*...
62.4 - Os *movimentos vorticosos* contêm o desenvolvimento das leis biológicas...

O

3.8 - Para nós o poder está na *ordem*...

P

1.2 - O *pensamento* humano avança...
1.8 - Essa voz contém o *pensamento* de Deus...
2.3 - Habituai vosso *pensamento*...
3.5 - Servimo-nos para transmitir-vos nosso *pensamento*...
4.2 - Acompanhai-me para o interior onde estou como Entidade e como *pensamento*...
6.1 - Observais meu modo de proceder ao expor meu *pensamento*...
6.1 - Guio vosso *pensamento* para esse centro...
9.8 - A Lei é o *pensamento* da *Divindade*...
26.6 - A semente de vossos atos está no vosso *pensamento*...
28.3 - Vosso *pensamento* é um ciclo mais alto...
31.2 - Meu *pensamento* é uma faísca que abalará as mentes...
40.10 - O *pensamento* é vibração e transmite-se por ondas...
53.4 - A eletricidade está presente nas formas de magnetismo, vontade, *pensamento*...
57.8 - Meu *pensamento* caminha no âmago das coisas...
60.2 - O *pensamento* divino torna-se cada vez mais transparente...
60.4 - Desembaraçai vosso *pensamento* que vos prende...
65.12 - O *pensamento* desenvolve e enriquece a inteligência...
DESP.8 - No âmago do meu *pensamento* sempre se moveu a visão da *Lei de Deus*...
2.2 - As maiores afirmações de vossa *personalidade*...
2.2 - Assim expande-se a *personalidade*...
2.3 - Se souberdes transferir o centro de vossa *personalidade*...
6.1 - Vou da multiplicidade fenomênica ao *Princípio Único*...
7.7 - Ascendemos, assim, ao *Princípio Único*...
7.7 - Esse *princípio*, essa *idéia*, é ordem...
7.7 - Somente esse *princípio* pode estabilizar...
2.1 - Aparecerá em vós essa *psique*...
2.1 - Vossa *psique* exterior e de superfície...
71.1 - A luta física e orgânica estão se transformando em luta nervosa e *psíquica*...
73.6 - Antes da hereditariedade orgânica, existe a hereditariedade *psíquica*...
73.8 - A hereditariedade é, acima de tudo, *psíquica*...
3.5 - As ondas *psíquicas*, que nós, *espíritos*, transmitimos...
4.1 - Os meios *psíquicos*, a *ciência* e a *evolução* trarão à luz...
19.3 - A escala dos estados *psíquicos*, que a *vida* percorre...
28.3 - Vosso pensamento *psíquico* está...
61.12 - Fenômeno *psíquico* e social é fenômeno *biológico*...
66.5 - À proporção que o centro *psíquico* se aginganta...
70.1 - É introduzir o fator *psíquico* na interpretação de todos os fenômenos...
70.2 - Há três reinos na natureza: físico, dinâmico e biológico *psíquico*...
71.2 - A medicina devia ter em grande consideração o fator *psíquico*...
71.2 - Pensai: o equilíbrio orgânico é consequência do equilíbrio *psíquico*...
95.3 - No campo *psíquico* do *homem*, os órgãos são as aptidões...
52.2 - O *psiquismo* da vida manifesta-se...
59.1 - O germe do *psiquismo* desceu como um raio do céu...

64.4 - O *psiquismo* está em constante crescimento...
66.2 - A lei do progresso exige contínua dilatação do *psiquismo*...
69.7 - Cada ser, tanto quanto o homem, traz consigo esse sutil *psiquismo*...
69.7 - O *psiquismo* se plasma num processo de constante elaboração...
69.9 - A presença de um *psiquismo* diretor se torna evidente...
70.9 - O *psiquismo* caminha paralelo à evolução dos organismos...
73.1 - O *psiquismo* modela uma matéria protoplasmática... ectoplasma...
73.2 - Só o *psiquismo* dá a chave do fenômeno da hereditariedade...
74.1 - Não são as formas que evoluem, mas o *psiquismo*...
74.2 - O *psiquismo* abandonando a *matéria* reassume o dinamismo e os valores espirituais...
74.4 - Todo o universo grita: aquele *psiquismo* não pode ser destruído...
74.8 - O *psiquismo* individual sobrevive nas plantas, nos animais, no homem...
89.4 - Paralela à formação e desenvolvimento do *psiquismo* dilata-se o egoísmo...
97.8 - Uma nação é sempre a veste externa de um *psiquismo* coletivo...

R

18.2 - A *radioatividade* é exatamente a propriedade...
46.2 - Verificais nos fenômenos de *radioatividade*...
18.4 - Os corpos *radioativos* emitem três espécies de raios: α, β e γ...
58.2 - O *raio globular* é um organismo dinâmico...
58.10 - O *raio globular* tem todas as características fundamentais...
58.13 - O *raio globular* pôde evoluir até a forma protoplasmática...
1.10 - A *razão* que utilizais é um instrumento que possuís...
42.13 - Sem holocausto jamais haverá *redenção*...
34.1 - A teoria da *relatividade* de Einstein, à qual me ligo...
34.4 - Partamos do controle de *relatividade*...
35.1 - Uma primeira ampliação do conceito de *relatividade*...
35.1 - Na lei de *relatividade* se encontra vossa fase de *consciência*...
35.2 - Ampliei o conceito de *relatividade* também à psicologia...
35.2 - A teoria da *relatividade* universal se estende a todo o universo...
5.4 - Não venho para combater nenhuma *religião*...
5.3 - As *religiões* são todas exclusivistas na posse da verdade...
5.2 - *Revelação* não é apenas o nascimento de religiões...
80.10 - Há pobreza econômica que pode ser compensada por uma *riqueza* moral...
80.10 - A *riqueza* deve ser dirigida para metas mais altas...
93.6 - A hereditariedade da *riqueza* é uma fábrica de ineptos...
93.8 - A *riqueza* traz consigo suas características próprias...
93.8 - A *riqueza* é um feixe de impulsos causais de efeitos inexoráveis...
93.9 - A *riqueza* é uma força em movimento...
93.9 - Há diferença entre *riqueza* e *riqueza*...
93.10 - A *riqueza* mal construída é um prego envenenado que se cravará em vossas mãos...
94.5 - Falo-vos do problema de distribuição da *riqueza*...
94.5 - A *riqueza* é uma correnteza que tem de circular...
94.6 - *Riqueza*, às vezes, não é privilégio e sim castigo...
94.5 - Igualdade das *riquezas* não gera igualdade de destinos...

S

1.8 - Não falo por relação de *sabedoria*...
1.5 - Para que serve o *saber*...
6.2 - Estou no outro pólo do *ser*...
21.9 - A eterna transformação do *ser* é guiada por lei perfeita...
22.11 - As fases α, β, γ não podem esgotar todas as possibilidades do *ser*...
29.1 - Impelidos pela Lei, que é o princípio do *ser*...
29.7 - Cada *ser* é relativo e limitado no seu campo conceptual...
53.6 - O *ser* sobreviverá além do fim de vosso *universo* físico e de suas dimensões...
64.7 - O *ser* se torna cada vez mais sábio por ter vivido...
29.5 - Os *seres* não se detêm nos diversos níveis, mas se movem...
29.14 - A visão bíblica da escada de Jacó, os *seres* sobem e descem...
68.13 - Os *seres* mais evoluídos, embora fisicamente vestidos com um corpo humano...
3.5 - Quando podem estabelecer-se as relações de *sintonia*...
3.6 - *Sintonia* quer dizer capacidade de ressonância...
3.6 - Espiritualmente, *sintonia* é simpatia...
18.7 - Em vosso *sistema planetário*, a *matéria* é velha, ou melhor...
19.4 - O *sistema planetário* do núcleo e dos elétrons que giram vertiginosamente...
11.3 - Vosso *sistema solar*, com todos os seus planetas...
25.5 - O *sistema* é trino em seu conceito e em seu desenvolvimento...
65.2 - O *subconsciente* é exatamente a zona dos instintos...
65.2 - A transmissão ao *subconsciente* ocorre através da repetição...
65.10 - *Subconsciente*, *consciente* e *superconsciente* são três zonas...
65.12 - A assimilação por automatismos e a transformação ao *subconsciente* é o meio...
66.1 - Escavando no *subconsciente*, achareis todo o vosso passado...
9.3 - A grande Equação da *Substância* $(\alpha=\beta=\gamma)=\omega$
9.7 - A equação da *substância* sintetiza o conceito da *trindade*...
29.5 - A *substância* muda-se de forma em forma...
45.2 - Em sua forma dinâmica, a *substância* é indestrutível...

65.1 - O que foi vivido e definitivamente assimilado vai para o *subconsciente*...
37.3 - Em +X tem-se a *superconsciência*...
37.5 - A *superconsciência* é dimensão conceptiva volumétrica...
37.6 - A *superconsciência* move-se numa esfera mais alta...
53.6 - A dimensão *superconsciência* é sintética e intuitiva...
44.6 - O *super-homem* é o cidadão do tão esperado reino de Deus...
78.9 - O *super-homem* superou os instintos da animalidade ou luta para superá-los...
83.6 - O *super-homem* é consciente de toda a sua personalidade...
85.1 - O *super-homem* é o ápice da evolução do universo trifásico...
88.1 - Só numa coletividade, o *super-homem* se realiza completamente...
99.5 - O *super-homem* não se improvisa, não emerge por meio de sistema seletivo...
44.6 - A *super-humanidade* será a maior criação biológica...
88.1 - A passagem da animalidade à *super-humanidade* é ascensão...

T

22.6 - Por *tempo* entendo o ritmo, a medida do *transformismo*...
66.2 - Quem *trabalha* no bem sobe e se dilata a si mesmo...
28.1 - Tratando-se de realizar um complexo de *trabalho* a espiral é a linha mais curta...
60.10 - Procurai vossas alegrias, conquistai-as com vosso *trabalho*...
11.2 - O princípio da *trindade* da *substância* é universal e único...
26.1 - O conceito fundamental na idéia da *trindade*...
39.3 - Encontrais a *trindade* desde os egípcios com Osíris, Ísis e Hórus...
39.5 - Ao lado do princípio da *trindade* existe o outro, a "lei da dualidade"...
40.1 - Pelos princípios de *trindade* e *dualidade*, o *universo* é um...
37.12 - As dimensões ocorrem por *trindades* sucessivas...

U

1.12 - Deveis sentir a *unidade* da *vida*...
6.5 - A *unidade* aparece como que pulverizada...
7.2 - A *unidade* pode ser considerada sob três aspectos...
11.7 - A *unidade* de conceito é a mais evidente expressão...
17.1 - A *unidade* de princípio do universo é válida à moral e à ciência...
31.4 - Minha afirmação diz: *unidade* de princípio em todo o *universo*...
34.1 - O quarto termo sucessivo aos três da *unidade* trina...
39.6 - Cada *unidade* é dupla e move-se entre dois extremos...
50.14 - Fundo-me na grande *unidade* e coordeno-me na grande Lei...
58.1 - A primeira *unidade* é vos dada pela *eletricidade globular*...
27.3 - A lei das *unidades* coletivas...
29.2 - O princípio das *unidades* coletivas...
29.4 - O princípio das *unidades* coletivas dispõe as individuais...
33.2 - No sentido espacial, a lei das *unidades* coletivas...
4.8 - O *universo* infinito palpita de *vida*...
6.4 - Por meio de estudo do funcionamento orgânico do *universo*...
7.2 - O *universo* é uma unidade...
7.6 - O *universo* é estático, dinâmico e mecânico...
8.1 - O *universo* de matéria estelar é como a casca, a manifestação externa...
8.5 - Os três modos de ser do *universo*: matéria-energia-espírito...
9.9 - O *universo* (ω) é o Todo, $\alpha \rightarrow \gamma$ e $\gamma \rightarrow \alpha$
9.12 - O *universo* é infinito e vossa razão não constitui a medida das coisas...
11.1 - O *universo* contém todas as fases do transformismo...
11.1 - Vossa razão só pode dar-vos um ponto de vista do *universo*...
11.2 - O *universo* é regido por um princípio único...
14.1 - De todas as partes do *universo*, as correntes trazem...
18.8 - Vosso recanto de *universo* se desenvolverá, por explosão...
21.4 - O *universo* existe em seus três aspectos: estático, dinâmico e mecânico...
21.7 - O *universo* é um eterno vir-a-ser...
23.2 - O ciclo do *universo* ω, é dado por $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$...
23.7 - O aspecto dinâmico do *universo* é regido por uma lei mais complexa...
27.3 - A grande respiração do *universo* é dada pela respiração do átomo...
28.1 - No *universo* estelar, onde tudo acontece por atração e por curvatura...
29.1 - O aspecto mecânico-conceptual do *universo* está isolado do dinâmico...
29.4 - Vós não sois somente membros de vossa família... grande *universo*...
29.5 - A matéria, o *universo* estelar é uma ilha que emergiu...
29.6 - O *universo* psíquico já é muito mais vasto...
29.6 - Se sois cidadãos do universo, não sois o *universo*...
32.5 - Vosso *universo* estelar é constituído pela via láctea...
33.1 - Pensai que este *universo*, imenso e tão maravilhosamente...
33.2 - No sentido espacial, vosso *universo* estelar é considerado um sistema finito...
33.2 - Fisicamente, o vórtice de vosso *universo* é apenas um, numa série deles...
33.2 - Vosso *universo* físico move-se todo em velocidade...
34.2 - Como todo *universo* é trifásico, é também tridimensional...
35.6 - Cada *universo* tem uma medida de unidade própria...
39.3 - O *universo* individua-se por unidades trinas...
39.6 - O *universo* é *monismo* em seu conjunto e *dualismo* no particular...
39.12 - O *universo* é uma inexaurível vontade de amar...

40.15 - Este *universo*, tão instável e no entanto tão equilibrado...
45.3 - O funcionamento orgânico do *universo* se afirma, complica-se...
28.2 - Da molécula aos *universos*, a mesma tendência...

V

5.4 - A *verdade* é uma mão múltipla...
3.10 - Sentireis em minhas palavras a *verdade*...
50.3 - Por que a *verdade* descoberta por vós, racionalmente, deveriam...?
3.3 - As *verdades* filosóficas fundamentais...
5.6 - A minha palavra não vem para destruir as *verdades* que possuís...
40.10 - Uma *vibração* afim desperta-se espontaneamente...
3.2 - Mostro-vos as *vibrações psíquicas*...
3.1 - Como podeis acreditar que vossa *vida*...
3.12 - Vossa *vida* está cheia dessas forças...
4.6 - Todo ato de vossa *vida* tem valor eterno...
6.6 - A exposição das leis da *vida* tem como objetivo ensinar-vos ...
7.7 - Vossa *vida* individual e social têm as suas leis...
19.3 - Toda a *vida*, mesmo a vegetal, tem um só significado: construção de consciência...
19.3 - Todas as formas de *vida* são irmãs da vossa...
19.4 - A *vida* é troca e a cada momento mudais a matéria de que sois compostos...
26.4 - No campo da *vida*, a abertura da espiral é um vórtice dinâmico...
26.4 - Na semente, o fenômeno da *vida* torna-se a fechar-se...
26.4 - A *vida* procede ininterruptamente, por pulsações alternadas...
26.7 - A cada retomada de um ciclo de *vida*, vosso ser tem de refazer-se...
26.8 - Vosso atual nível de *vida* orgânica mais alto toca a fase α...
26.8 - A *vida* humana é uma série de provas...
26.8 - A *vida* orgânica desgasta-se mas é construção de consciência...
26.8 - O ponto máximo de vossa *vida* psíquica custa a chegar...
41.2 - Lamentai os satisfeitos da *vida* os inertes, os apagados...
44.3 - Para onde correis, se ignorais os mais altos objetivos da *vida*...
50.2 - Nasce a *vida*, não a forma que vedes, mas o princípio...
50.3 - Nosso caminho, alcançando a *vida*, atinge regiões cada vez mais altas...
51.2 - A *vida* vos dará o princípio psíquico do organismo...
51.3 - Geralmente, procurais a *vida* em seus efeitos, não em suas causas...
51.3 - A verdadeira *vida* não é uma síntese de substâncias proteicas...
52.1 - A *vida* é um impulso íntimo...
53.2 - O primeiro germe da *vida* é universal e idêntico...
53.4 - Na base da *vida* existe, integralmente, um sistema elétrico...
55.4 - Na *vida*, o metabolismo é a expressão da linha de *evolução*...
56.1 - Depois de havermos observado a gênese da *vida*...
56.3 - A *vida*, desde a sua primitiva fase orgânica é dinamismo...
58.10 - As características da *vida* as encontramos nos movimentos...
59.3 - O panorama da *vida* terrestre, só por si, é imenso...
59.3 - A *vida* tão frágil, tão vulnerável, no entanto tão poderosa...
60.1 - Nascer e morrer, morrer e nascer, essa é a trama da *vida*...
60.5 - A centelha que guia vossa *vida*, sente a *Lei*...
60.6 - Não adormeçais enquanto a *vida* está desperta e caminha...
60.7 - Não há parada para ninguém no caminho da *vida*...
60.8 - Considerai antes a *vida* como um campo de adestramento...
60.9 - A *vida* é feita para caminhar e avançar. Triste é o lamento do *tempo* perdido...
60.12 - Concebei a *vida* não mais na superfície, porém mais profundamente...
60.13 - A *vida* é feita de unidades comunicantes...
60.15 - A *vida* organiza-se coordenando... com o princípio das *unidades* coletivas...
60.15 - A *vida* e a *morte* são apenas fases de maior renovação...
61.4 - A *vida* manifesta-se desde seu primeiro aparecimento...
61.6 - A *vida* não é fim em si mesma, mas meio para um objetivo mais alto...
62.2 - Se a finalidade da *vida* é a *evolução*, logo o seu objetivo é o psiquismo...
64.2 - A *vida* é o efeito de um dinamismo íntimo, organizador...
64.4 - Os resultados das experiências da *vida* gravitam para dentro...
64.5 - Desde sua primeira forma protoplasmática a *vida* tinha uma consciência...
64.5 - Se *vida*=permuta e permuta=psiquismo → *vida*=psiquismo...
64.7 - A *vida*, ansiosa por expandir-se e evoluir, mantém abertos seus braços...
67.6 - A *vida* é grande e bela, mesmo na dor mais atroz e tenaz, é digna de ser vivida...
68.2 - Os elementos com que a *vida* constitui sua roupagem orgânica são H, C, N e O...
68.7 - A torrente de luz, onde quer que desça, fecunda uma *vida*...
68.8 - O sol desagrega seus materiais, as radiações chegam à Terra, a *vida* cresce sem cessar ...
68.9 - Nas plantas temos o primeiro degrau de transformação da energia em *vida*...
68.12 - A *vida*, por profunda elaboração, gera em toda a parte o psiquismo...
69.2 - Há necessidade de beleza nas formas da *vida*...
69.2 - A *vida* equilibra-se entre as tendências conservadoras...
70.7 - No psiquismo sobrevive o princípio elétrico da *vida*...
70.9 - Por sístoles e diástoles vai e volta o impulso da *vida*...
73.7 - Na *vida*, o presente é filho do passado, o futuro é filho do presente...
73.9 - Se a *vida* psíquica não é filha direta dos pais, tem perentesco pela afinidade...
74.3 - A morte não prejudica absolutamente o princípio da *vida*...
74.11 - A *vida* representa a atividade do transformismo dinâmico psíquico...
74.15 - O universo é todo palpitante de *vida* e de *consciência*...

75.14 - A *vida* não é ócio, mas esforço de conquista...
76.2 - É indispensável ter compreendido o valor espiritual da *vida*...
76.4 - A *vida* contém e pode produzir valores eternos...
76.7 - Cada *vida* contém as provas necessárias e as melhores...
77.2 - O presente pode corrigir o passado numa *vida* de redenção...
85.3 - A *vida* só pode existir à custa de uma transformação dinâmica contínua...
85.8 - A transformação da *vida* não é uma doença senil...
87.1 - A *vida* é gigantesca batalha de forças que temos de compreender...
89.1 - A proporção que a *vida* eleva os indivíduos, eleva também a coletividade...
93.2 - Os princípios da *vida* são mais sábios que vossos sistemas mecânicos...
99.1 - As forças da *vida* conclamam os gênios que interprete e crie...
99.2 - A *vida* dos povos possui equilíbrios profundos...
DESP.4 - A *vida* é uma viagem e nela só possuís vossas obras...
DESP.18 - Ai de quem desperdiçar seu tempo e não fizer da *vida* u'a missão...
66.7 - Uma *vontade* decidida é fator *psíquico* que tem força criadora...

VIDA E OBRA DE PIETRO UBALDI

(SINOPSE)

FORMAÇÃO CULTURAL

Pietro Ubaldi, filho do casal Lavínia e Sante Ubaldi, nasceu em 18 de Agosto de 1886, às 21:00 horas de Roma. Nasceu em terras franciscanas, na cidade de Foligno, Província de Perúgia (Capital da Úmbria). Foligno fica a 18km de Assis, cidade natal de S. Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado ao mundo pelo grande poverelo de Assis, que viveu para Cristo, renunciando os bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova do Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Senhora Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma grande fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. O místico da Úmbria foi, então, educado com os rigores de uma vida palaciana.

Como poderia ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio? Naturalmente, sentiu-se deslocado naquele ambiente, um ex-patriado de seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos, praticantes dos atos religiosos na capela da Imaculada Conceição, no interior do Palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, em sua vida missionária, a Cristo.

Formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e em Música (oferecimento, também de seus genitores), fez-se poliglota, para comunicar-se com outros povos — fala-va, fluentemente, inglês, francês, alemão, espanhol, português, conhecia latim e grego. Mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão do século XX. Era um homem de uma cultura invejável, o que lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma, foi sobre a ***Expansão Colonial e Comercial da Itália para o Brasil****, muito elogiada pela banca examinadora e publicada, em 1911, num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher & Cia, de Roma (Itália). Após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi lhe deu como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.*

LIBERDADE

Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele as cumpriu até a sua total libertação. A primeira liberdade se deu aos cinco anos, quando solicitou de sua mãe que o mandasse à escola, e aquela bondosa genitora atendeu o pedido do filho. A segunda liberdade, verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra "evolução". "Minha primeira revelação interior me foi feita ao ouvir meu professor de ciências, no Liceu, proferir a palavra "Evolução". Meu espírito teve um sobressalto; brotara ao vivo uma centelha, sentira uma idéia central. Tornei-me, a seguir, estudioso de Darwin, mas só para completar seu pensamento". Outra grande liberdade para o seu espírito foi a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e sobre a reencarnação, tornando-se reencar-nacionista, aos vinte e cinco anos, dito por ele numa alocução, em 5 de outubro de 1951, na Federação Espírita do Estado de São Paulo: "Por acaso — digo acaso, mas por certo era obra da Providência — caiu em minhas mãos O Livro dos Espíritos de Allan Kardec. Eu era jovem, desorientado, não tinha, ainda, passado pela experiência dos grandes problemas da vida. Li com grande interesse e vos confesso que, em certo ponto, exclamei: achei!... Eureka! Poderia ter eu repetido: encontrei, encontrei finalmente a solução que procurava e que me esclareceu!

Ela foi a primeira semente que deu origem ao meu adiantamento espiritual e daquele dia em diante se foi tecendo a trama luminosa no esclarecimento de tal forma que, ampliando-se, ele penetrou a ciência, a filosofia, a religião, os problemas sociais e os problemas de todo o gênero.

Devo, entretanto, confessar-vos precisamente aqui, nesta noite e neste local, que a Allan Kardec devo a primeira orientação e a solução positiva do problema mais complexo que, mais de perto, interessava-me, considerando minha condição de ser humano". (...)

Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquela de servir a Cristo e ser útil aos homens.

RENÚNCIA FRANCISCANA

Pietro Ubaldi casou-se aos vinte e cinco anos, seguindo orientação dos pais que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes, além de fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, seu pai transferiu para o casal um patrimônio igual àquele trazido pela Senhora Maria Antonieta Solfanelli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte de seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Maria Antonieta e Pietro Ubaldi

nasceram três filhos: Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial), Vicenzina (desencarnou aos dois anos de idade, em 1919), e Agnese (falecida em S. Vicente (SP) — 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador, Etore Paccini. Após quinze anos de enlace matrimonial, em 1927, com a desencarnação de seu pai, fez voto de pobreza, transferindo à família os bens que lhe pertenciam. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo lhe apareceu. Isso para ele foi a maior confirmação à atitude tomada. Em 1931, Pietro assumiu uma nova postura, estarrecedora para seus familiares: a renúncia franciscana. Daquele ano em diante iria viver com o suor do seu rosto e renunciava todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módica, Sicilia — região situada no extremo sul da Itália — Onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi removido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, e ficou mais próximo da família. Nessa urbe, também Franciscana, trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa, pequena e pobre — pensão do casal Norina-Alfredo Pagani — Via della Cattedrale, 4/6, situada na encosta de um grande monte.

O MISSIONÁRIO NA ITÁLIA

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente apareceu a Pietro Ubaldi, desta vez acompanhado de Francisco de Assis. O primeiro à direita e o segundo à esquerda, fizeram-lhe companhia durante vinte minutos em sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto, Perúgia. Estava, portanto, confirmada sua posição.Vejamos a cena descrita por ele:

"Numa tranquila paisagem campestre da Úmbria franciscana, próxima de Perúgia, um homem de 45 anos subia sozinho a doce inclinação de uma colina. Aquela manhã radiosa estava perto de 14 de setembro, dia em que São Francisco, em 1224, recebeu os estigmas no monte Alverne. (...)

Estava caminhando quando duas formas paralelas se delinearam. Isto durou cerca de vinte minutos, pelo que teve tempo de controlar tudo e de fixá-lo na memória, para depois analisar o fenômeno com a psicologia racional, positiva, independente de estados emotivos. (...)

Continuou a observar. As duas formas não constituíam só uma indefinida manifestação de presença. Cada uma delas transmitia à percepção interior uma típica e individual vibração que a definia como pessoa. Foi assim que ele pôde logo sentir com clareza inequívoca que à sua esquerda estava a figura de São Francisco e à sua direita a de Cristo. (...)

A visão, no entanto, ficou indelével, gravada a fogo naquela alma, como uma queimadura de luz, uma ferida de amor que jamais o tempo poderá cancelar, feita de saudade, de uma contínua e angustiante espera para reencontrar-se."

Mais detalhes no livro ***Um Destino Seguindo Cristo****, capítulo* I

Em 25 de dezembro daquele ano, chegou-lhe, de improviso, a primeira mensagem de Cristo, Sua Voz, a "Mensagem de Natal". Por inspiração, ele sentiu que estava aí o início de sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades, dentro de um plano pre-estabelecido pelo Alto, todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão italiano de 1932, começou a escrever A Grande Síntese, concluída em 23 de agosto de 1935, às 23:00 horas de Roma. Esse livro, com cem capítulos, escrito em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil já alcançou dezoito edições. Outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália. Esta parte da Obra é composta de:

Grandes Mensagens,
A Grande Síntese — *Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito****,***
As Noúres — *Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento****,***
Ascese Mística,
História de Um Homem,
Fragmentos de Pensamento e de Paixão,
A Nova Civilização do Terceiro Milênio,
Problemas do Futuro,
Ascensões Humanas,
Deus e Universo.

O MISSIONÁRIO NO BRASIL

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da Nova Civilização do Terceiro Milênio. Aqui vivem diferentes povos irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, por isso, o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar sua tarefa missionária.

Nesta terra do cruzeiro do sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em 8 de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi e sua esposa acompanhados da filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite dos amigos de S. Paulo para virem morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Pietro Ubaldi renunciou os bens materiais, mas não os deveres para com a família, que se tornou pobre porque o administrador, primo de sua esposa, dilapidou toda a riqueza a ele entregue para gerenciá-la.

Em 1953, retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, "Mensagem da Nova Era", do livro Grandes Mensagens, em S. Vicente (SP), no Edifício "Iguaçu", na Av. Manoel da Nóbrega, 686 — apt.º

92. Dois anos depois, transferiu-se, com a família, para o edifício "Nova Era" (coincidência, nada tem a ver com a Mensagem escrita na residência anterior), na praça 22 de janeiro, 531 — apt.º 90. Em seu quarto-escritório, neste apartamento, completou a sua missão — a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil:

Profecias,
Comentários,
Problemas Atuais,
O Sistema — *Gênese e Estrutura do Universo****,***
A Grande Batalha,
Evolução e Evangelho,
A Lei de Deus,
A Técnica Funcional da Lei de Deus,
Queda e Salvação,
Princípios de Uma Nova Ética,
A Descida dos Ideais,
Um Destino Seguindo Cristo,
Pensamentos,
Cristo.

Escritores católicos, espiritistas, espiritualistas, filósofos, poetas e cientistas prestaram homenagens a Pietro Ubaldi e à Sua Obra. Dentre eles, destacamos: Ernesto Bozzano, Marc'Antonio Bragadin, Antonio D'Alia, Gino Trespioli, Paolo Soster, Enrico Fermi, Riccardo Pieracci, franco Lanari, Paola Giovetti, Moris Ulianich, Antonio Pieretti, Monsenhor Mario Canciani, Padre Antony Elenjimittam, Dario Schena Sterza, Padre Ulderico Pasquale Magni, Albert Einstein, Isabel Emerson, Gaetano Blasi, Maurice Schaerer, Humberto Mariotti, F. Villa, Guillon Ribeiro, Carlos Torres Pastorino, Canuto de Abreu, Clóvis Tavares, Medeiros Corrêa Júnior, Monteiro Lobato, Rubens C. Romanelli, Emmanuel, Augusto dos Anjos, Cruz e Souza etc. A Obra de Pietro Ubaldi, sem dúvida alguma, descortina outros horizontes a uma nova concepção de vida. O seu conteúdo é a revelação cristalina da "Boa Nova" neste século.

DESENCARNAÇÃO DE PIETRO UBALDI

S. Vicente (SP), célula máter do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história de nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até Pietro Ubaldi que viveu ali o seu último período de vinte anos. O Mensageiro de Cristo, intérprete de "Sua Voz", previu o dia e o ano do término de sua Obra — Natal de 1971 — com dezesseis anos de antecedência, em seu livro Profecias. Ainda profetizou que sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado. Desencarnou no Hospital S. José, em S. Vicente, quarto nº 5, à 0:30 hora, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar, com alegria, a chegada da irmã morte, são privilégios de poucos... O arauto da Nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

Dezembro de 1996

José Amaral